

*Rosa Lúcia Almeida
Leite Castro Madeira*

*Sobreviver e Existir
limites e potencialidades da
Educação*

**Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade do Porto**

2003

**Rosa Lúcia Almeida
Leite Castro Madeira**

**Sobreviver e Existir
Limites e Potencialidades da Educação**

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutora em Ciências da Educação

Orientada pela Prof. Doutora Luíza Cortesão

Agradecimentos

Quando uma caminhada é longa e intensa, corremos o risco de perder de vista ou de não conseguir ver, de tão próximos que estão, os que lançam os maiores desafios ao nosso entendimento sobre os limites e as potencialidades da educação, por me terem criado a necessidade de reflectir sobre esta relação amorosa que obriga a crescer, quero agradecer à minha Família de origem e à minha Família nova e já em renovação

Quando nos aventuramos a redescobrir espaços humanos abandonados ao tempo, pela celeridade das mudanças e pelo esplendor das miragens, precisamos de quem, sabedora, nos transmita saberes de sobrevivência e, ao mesmo tempo que nos retira as seguranças que nos rodeiam de certezas, nos acompanhem no risco de novos desconhecimentos e na exploração e leitura de indícios do que procuramos encontrar, solidariamente. Por esta ajuda continuada, agradecemos à minha Orientadora Luíza Cortesão

Quando, para mais, este percurso se faz em territórios novos, em que a linguagem e os seus usos ritualizados acrescentam dificuldades à descoberta e à timidez de quem receia não dizer o que se deve devidamente, precisamos verdadeiramente dos que transformam estes nossos limites em consciência de incompletude e na possibilidade de caminhar lado a lado por isso obrigada ao Neto Mendes, ao Jorge, ao Menino, à Susana, à Graça, à Ana Raquel e à Joartes.

Quando o curso da trajectória nos coloca dilemas e conflitos de lealdades com velhos e novos saberes, ajudam-nos aqueles que têm a generosidade de nos ouvir repetir perguntas, mesmo que não possamos ouvir suas respostas, contrapondo novas questões e conjecturas para clarificar o pensamento, descobrindo novos ângulos de visão e ordens de razão. Pela paciência e tempo que me deram agradeço a alguns Colegas do Departamento de Ciências da Educação, à Helena Araújo e à Manuela Ferreira

Quando descobrimos, finalmente, que o tempo não esperou, que os prazos expiram e que parece impossível chegar à meta, então resta-nos contar com a amizade dos que nos dão o tempo que não lhes sobra para podermos fazer o que tem que ser feito e que nos fazem presentes e activos onde não podemos estar. Aos meus amigos e colegas António Martins, Gabriela Portugal e Ofélia Libório, não sei como agradecer.

Quando, no fim da trajectória, nos descobrimos seguros de encontrar à chegada os que nos abraçaram no momento da partida, ficamos contentes e gratos pela sua existência, como presença e estímulo para continuarmos a caminhar, mesmo que abandonando provisoriamente pontos de encontro e estradas que percorríamos juntos. Obrigada Isabel Cristina, Gabriela, Zé, Bela, Luíza, Luís Borges, Ana Maria, João, Dr. Lima, Eliana, André, Alexandre, Sara, Mariana, vóvô Jorge, Filipe, Mara e Susana.

Nunca vou poder expressar a gratidão e a honra de ter podido contar com a confiança das Mulheres que tiveram a coragem e a generosidade suficientes para nos darem as história das suas vidas a compreender e a questionar, para nelas escutar as vozes de tantas outras mulheres e crianças, que se perdem no ruído e no silêncio da pequena e da grande História da nossa Vida em Sociedade.

A minha estima, carinho e respeito à D.Silvina, à sua mãe, filhas e netas !

Resumo

Este trabalho relata um percurso de produção de conhecimento social implicado e organizado em torno da história de vida de uma mulher que ocupa posições de integração subordinada e de exclusão em diferentes espaços estruturais. A sua narrativa autobiográfica foi investida como documento pessoal e histórico e como fonte de conhecimento social estrutural e hermenêutico construído a partir de diferentes posições sociais.

O corpo do texto inclui a reflexão sobre as nossas próprias condições de produção de um conhecimento passível de ser validado cientificamente e sobre possíveis implicações de um trabalho que é construído sobre a palavra de grupos silenciados por circunstâncias de dependência, marginalidade e opressão. Inclui também a história de vida contada na primeira pessoa e explicita as abordagens sucessivas do texto, em que tentamos apreender e construir evidência sobre as condições objectivas, interiorizadas e recusadas como disposições subjectivas, por esta mulher que ressignifica a sua luta pela sobrevivência, como existência com sentido potencialmente emancipatório.

Trata-se de uma vida comum à de muitas outras mulheres de uma comunidade constituída na periferia de duas Freguesias cuja imagem, estruturas de sociabilidade e políticas de identidade foram profundamente transformadas pelo ritmo e intensidade do processo de industrialização. Dado que esta dinâmica local constituiu simultaneamente notáveis e excluídos cujas relações alimentam processos de acumulação/expropriação de poder simbólico, a educação pode ser vista como recurso contra a tendência hegemónica de naturalização das relações de exploração e de dominação ideológica e cultural.

O movimento que esta mulher faz para se apropriar de significados e modelos de pensamento e acção, que não fazem parte dos mundos sociais que ela habita e que a habitam, deu-nos indícios de que o valor instrumental da educação não pode ser procurado estritamente na funcionalidade de actores socializados para o desempenho eficiente de papéis instituídos, no processo de mobilidade credenciada por saberes oficiais ou mesmo nas aprendizagens instrumentais orientadas para a resolução de problemas da vida quotidiana.

Summary

This research analyses a path of social knowledge production, involved and organized around a life-story of a woman who occupies positions of subordinated integration and of exclusion in different structural spaces. Her autobiographical biography is seen as a personal and historical document and as a source of structural, social and hermeneutic knowledge built from different social positions.

The text includes a reflexion on our own production conditions of a knowledge susceptible of being scientifically validated and on possible implications of a research that is built on the word of silenced groups by dependence circumstances, marginality and oppression. It also includes the life-story told in the first person and it explicites the consecutive approaches of the text, in which we try to apprehend and build evidence on the objective conditions, interiorized and refused as subjective dispositions, for this woman that signifies the fight for survival, as a meaningful existence potentially emancipatory.

It's about a common life to the ones of many other women of a community established on the periphery of two parishes whose image, sociability structures and identity politics were profoundly changed by rhythm and industrialization process intensity. Once this local dynamics constituted simultaneously remarkable and excluded people, whose relationships support very symbolic accumulation/expropriation processes, the education can be seen as a recourse against the naturalization hegemonic tendency of ideologic and cultural exploitation and domination relationships.

The movement this woman makes to appropriate herself of meanings and models of thought and action, which don't take part of the social worlds where she lives and that live inside her, has shown us that the instrumental value of education can't be strictly looked for on the functionality of socialized actors for the efficient performance established of parts, in the process of credited mobility by official knowledge or even in the instrumental learning orientated for the daily life problems solution.

Résumé

Cette recherche analyse un parcours de production de connaissance sociale impliquée et organisée autour de l'histoire de vie d'une femme qui occupe des positions d'intégration subordonnée et d'exclusion dans différents espaces structuraux. Son récit autobiographique a été regardé comme document personnel et historique et comme source de connaissance sociale structurale et herméneutique élaborée à partir de différentes positions sociales.

Dans ce travail on y trouve une réflexion sur nos propres conditions de production d'une connaissance passible d'être validée scientifiquement et sur les implications possibles d'un travail construit sur la parole de groupes silencieux par des circonstances de dépendance, de marginalité et d'oppression. On y trouve aussi l'histoire de vie racontée à la première personne et explicite les approches successives du texte, dans lesquelles on essaye de comprendre et de construire un sens sur les conditions objectives qui ont été assimilées et refusées comme dispositions subjectives par cette femme qui cherche un nouveau sens pour sa lutte pour la survie, comme existence avec un sens potentiellement émancipateur.

Il s'agit d'une vie pareille à beaucoup d'autres femmes d'une communauté périphérique dans deux communes dont l'image, les structures de sociabilité et les politiques d'identité ont été profondément transformées par le rythme et l'intensité du processus d'industrialisation. Comme cette dynamique locale produit simultanément des notables et des exclus, dont les relations conduisent à des processus d'accumulation/expropriation du pouvoir symbolique, l'éducation peut être envisagée comme ressource contre la tendance hégémonique de naturalisation des relations d'exploitation et de domination idéologique et culturelle.

Le parcours de cette femme pour la conquête de sens et de modèles de pensée et d'action qui n'appartiennent pas aux mondes sociaux qu'elle habite et qui l'habitent, nous a donné la possibilité de constater que la valeur instrumentale de l'éducation ne peut pas être définie par l'orientation fonctionnelle des acteurs socialisés pour jouer avec efficacité les rôles institués par les savoirs officiels ou même dans les apprentissages instrumentaux orientés pour la résolution de problèmes de la vie quotidienne.

Índice

0. Iniciando um diálogo ...	1
Introdução e justificação do trabalho	18
Primeiro Momento	
1.A criação de condições de distanciamento analítico e crítico	28
Introdução ao primeiro momento	29
1.1 - Condições de partida	
1.1.1 Os antecedentes da relação de investigação como lugar de interrogações	32
1.1.2. A decisão por um método que pudesse dar voz ao vivido	34
1.1.3 A intercompreensão presumida, a assimetria e a implicação como possíveis factores de “perturbação”	36
1.1.4 A “reflexividade reflexa” como modo de transformar obstáculos em recursos	39
1.1.5 O redimensionamento dos fenómenos sociais e da sua representação	42
1.2 - Da redefinição de ângulos de visão à construção de quadros de (re)significação	46
1.2.1 A reapropriação do discurso do compromisso num outro lugar de conhecer	49
1.2.2 O realismo crítico como desafio de reinvenção do espaço metodológico	53
1.3 - O reencontro com o desejo de construir a vida como lugar de conhecimento	54
1.3.1 O desejo de retirar vidas do silencio produzido pela História oficial	56
1.3.2. As potencialidades heurísticas contidas na ideologia e ilusão biográficas	60
1.3.3 - A Vida como totalidade histórica, societal, etnosocial e pessoal	63
1.3.4 A descoberta do sentido como caminho que se faz a	

caminhar-entre-texto 67

**1.4 - Pontos de chegada sobre a possibilidade de conhecer a vida como
(con)texto 70**

Segundo Momento

**2. A apropriação de guiões de leitura (“alterativos”) da
realidade social 75**

Introdução ao segundo momento 76

**2.1 - Para “ler” a experiência subjectiva do sentir-se parte do mundo que se
habita 77**

2.1.1 A possibilidade de experienciar o mundo como habitat comum a todos 79

2.1.2 A redescoberta do habitat tecido por relações comunitárias e societárias 82

2.1.3 O projecto de construção de um mundo de cidadãos emancipados
pela razão 85

2.1.4 O mundo social “engenhoso” constituído pelo Estado Providência 89

2.1.5 A(s) cultura(s) como outro lugar de presença e de pertença societária e
comunitária 90

**2.2 - Para ler a experiência de quem é habitada pelo mundo social que
habita 96**

2.2.1 Como as condições objectivas (con)formam as disposições subjectivas que
reificam a ordem social 97

2.2.2 Como a objectivação linguística da realidade (assim) conhecida reifica
formas de acção e identidades sociais 100

2.2.3. Quando as identidades sociais são “individualizadamente” reconstruídas
como subjectividade, na interacção com um sistema social que se altera 102

2.3 - Outros lugares e sentidos para visitar e imaginar a Educação 105

2.3.1 A Educação como representação da realidade passível de reificar ou desafiar os limites estabelecidos pela oficialidade dos discursos e das práticas	107
2.3.2 A Educação como fenómeno de produção, selecção, oficialização e redistribuição de saber-poder	110
2.3.3 A Educação que o Estado promove como interventor na esfera privada	113
2.3.4 A Educação que o Estado promove enquanto produtor da esfera pública, potencialmente emancipatória	118
2.3.4.1 Quando a Educação é instrumentalizada como tecnologia social	120
2.3.4.2 Quando a Educação é instrumentalizada como meio de inculcação de ideias que servem interesses particulares e dominantes	122
2.3.5 O poder da Educação na definição e oficialização de uma cultura	130
2.3.5.1.A problematização do que se transmite como cultura oficial	
2.3.5.2.A Cultura oficializada como legado de posições e como violência simbólica	135
2.3.5.3 A familiaridade dos grupos dominantes com a cultura tornada oficial	137
2.3.6 Da valorização das “coisas ensinadas” à descoberta de outros universos de saber	141
2.3.6.1.O lugar e o valor do saber experiencial na reprodução da vida social	146
2.3.6.2. O risco da (re)produção cognitiva da ausência do sujeito: do sujeito que sabe e que quer saber	151
2.4- Ponto de chegada que é ponto de partida num “caminho que se faz a caminhar”	157

Terceiro Momento 159

3. A recriação do espaço para a autoria e alteridade num diálogo iniciado 160

Introdução ao terceiro momento :

3. A D. Silvina como participante de tempo e de um lugar ampliados	160
3.1. Águeda enquanto terra “quase prometida”	163

3.1.1 Entre a racionalidade camponesa e a racionalidade capitalista	166
3.2- A D. Silvina que conta a à cabeceira da mesa	170
3.2.1 Revisitando disposições emergentes no processo de reconstrução biográfica	173
3.3. “Assim, uma vida que eu tenho encarado “	181

Quarto momento **228**

4. A Leitura e a Reescrita vida como campo de conhecimento

Introdução ao quarto momento :

4.1 Os factos que constituem a trajectória de vida	231
4.2 A subjectividade que se forja no conflito de identidades e identificações	238
4.2.1 Um corpo fragilizado pelo esforço e pelas circunstâncias da vida	242
4.2.2 . A arbitrariedade que silênciam e subordina a própria acção	244
4.2.3 . A acção social significada por um outro horizonte de determinação	248
4.3 As rupturas e continuidades procuradas nas entrelinhas do texto	250
4.3.1 A descoberta do nome próprio e de um corpo sujeito e objecto de cuidado	251
4.3.2 A origem rural como fonte de significados	255
4.3.3 . A companhia da mãe no desvio de um destino partilhado	258
4.3.4 . O legado da expectativa do “lá” e do lido do pai lembrado	261

Quinto momento

Os comentários finais como desafios de novos começos para um diálogo iniciado

	264
5. Introdução ao quinto momento	265
5.1 A expectativa solitária do “lá” e do lido como legado intergeracional	271
5.1.1 <i>Mas olhe!</i>	278
5.2 A Educação investida como Política entre Políticas sociais e a vida das crianças	292

5.2.1. <i>Seguindo indícios da relação educativa entre Meninas-Mulheres-Mães-de-Meninas</i>	302
5.3 <i>Introduzindo outras vozes no espaço de diálogo criado</i>	305
5.3.1 <i>A procura de similaridades</i>	321
5.3.2 <i>O reencontro com as singularidades, a complexidade e as contradições</i>	324
5.4 <i>Entre mecanismos de estruturação e movimentos de busca</i>	328
Bibliografia	330

Índice de Anexos

Anexo 1:

História de vida anotada da D. Silvina

Anexo 2:

Relatos autobiográficos da D. Eva

Anexo 3:

Relatos autobiográficos da Ana

Anexo 4:

Relatos autobiográficos da Camélia

Anexo 5:

Relatos autobiográficos da Otilia

Anexo 6:

Relatos autobiográficos da Marlene

Anexo 6A

Anexo 6B

Anexo 7:

Relatos autobiográficos da Cristiana

Anexo 8:

Relatos autobiográficos da Sílvia

Anexo 9:

Relatos autobiográficos da Joana

Iniciando um diálogo ...

Iniciando um diálogo...

A primeira voz a ser escutada neste trabalho será a da D. Silvina, que constituímos como autora da história de vida que aqui se apresenta, como testemunho e como narrativa, enunciada na primeira pessoa do singular, na qual se revela e se oculta a realidade social de que somos parte

***“Vou contar a vida desde pequenininha, de criança
...já está a gravar?”***

foi a expressão que sinalizou o começo do nosso diálogo com esta mulher que, sentada à cabeceira da mesa da sua cozinha, com as costas direitas e mãos agitadas, que repousavam de quando a quando, nos contou a sua história construída por trajectórias múltiplas e simultâneas, apropriadas no presente, como luta por sobreviver e existir

“Mas olhe!”

foi a expressão que sinalizou a tentativa de criar um outro começo no diálogo já iniciado, em que antecipando talvez o fim de um tempo que tinha feito seu, ela nos advertiu para o risco de uma tipificação social que deixasse no silêncio a sua subjectividade, saberes e esperanças que atestam a sua contemporaneidade.

Poderíamos ter focalizado todo o diálogo neste segundo momento, em que a D. Silvina pareceu querer dar a conhecer a mulher que ela sentia e pensava que Era e que Poderia Ser!

Se não o fizemos foi porque tudo o que havia sido contado parece ter preparado aquela auto-revelação de uma subjectividade que desejava tornar-se pública para poder ser reconhecida como actora e como co-autora do drama social colectivo.

É sobre o diálogo construído a partir de textos diversos, que queremos reflectir sobre os limites e as potencialidades da Educação, enquanto estrutura de oportunidade e

*enquanto movimento de apropriação e transformação de significados
constitutivos de existências partilhadas*

*Este foi a versão imediata da história de vida
da Mulher que aqui se quer fazer reconhecer
como sujeito e como contemporânea*

Vou contar a vida

... desde pequenininha, de criança

... já está a gravar?

Eu nasci em Paranhos e estive lá até aos cinco anos de idade. Eu não tinha pai porque ele ficou tolo e foi para o hospital; como a minha mãe vivia com dificuldade ela foi trabalhar, servir. Os meus irmãos também foram servir.

Eu vim para a estrada com a minha mãe, ela andava a acarretar água e eu também; eu tinha uma jarrazita e ganhava cinco tostões por semana. Eu era pequenita, mas lá andava, não é? Nós andamos nesta estrada muito tempo; à noite dormíamos debaixo da ponte da Redonda. Acabei por ter que ir servir com 7 anos e aí começou o pior da minha vida.

A minha mãe veio servir para casa do professor, mas arranjou um namorado e deixou a casa; como ele não gostava de mim, ela pôs-me a servir em casa de uns infelizes, porque naquela altura não havia de comer, não havia sítio para estar!

Estive a tomar conta de duas crianças, era eu e a mãe, as duas meninas e o pai que também era o avô! Uma das meninas tinha um e a outra tina dois anitos, eu tinha sete. Eu

andava com elas ao colo, mas não podia com elas; pendurava-as pelas pernas e trazia-as penduradas pelas costas abaixo. Eu era fraquinha e tinha fome, também.

Um dia puseram-nos de casa para fora e fomos viver para o meio de uns carvalhos. Foi num dia de muita chuva, num Inverno muito grande e então uma senhora, deixou-nos ir para casa dela e ficar um cantinho do curral, onde estavam as vacas atadas a comer na manjedoura. Até que tiraram-nos também de lá para fora e fomos viver para uma casinha da Eira. Estive ali até fazer 9 anos. Quando nos puseram fora voltamos a viver nos pinhais e ficávamos debaixo de uma cobertura, porque naquele tempo não havia plásticos.

Um dia veio uma trovoada muito grande e eu comecei a fugir de noite a gritar. Tinha muito medo. Fiquei toda molhadinha, a escorrer água. Era pequenita e fugi para casa, mas não me deixaram ir para lá. Só lá estive uns oito dias e a vida continuava na mesma; eu não podia lá estar. Fui então servir para outra casa onde estive até me casar. Os patrões também não eram muito bons porque não tinham filhos.

Com quinze anos fui para o hospital com uma sinusite. Arranjaram-me um atestado de pobre e eu fui por conta dos patrões. Estive quinze dias mas uma vez achei-me pior e deixei-me lá estar mais um mês.

No Hospital havia uma rapariga ao pé de mim que lia, sabia ler! Ela era mais velha do que eu e eu pedia para me ensinar a ler. As vezes, punha-me a ver as palavras para unir umas às outras; punha-se a ler revistas e eu gostava de ver, mas não tinha nenhuma e nem sabia ler nada, nadinha. Depois comecei a ver e a aprender aquelas coisas. Eu gostava de estudar, gostava de escrever e ficava-me tudo na cabeça. Já com essa idade eu era muito corajosa !

Havia lá uma parteira que não era diplomada porque naquele tempo não era preciso diploma de parteira. Eu via os partos, como a parteira fazia e aprendi, porque ficava-me tudo na cabeça.. Eu punha as mão às pessoas porque era muito corajosa . Eu também ajudava a vestir os mortos, e já com essa idade não tinha medo nenhum. Elas vinham, assim, todas para ao pé de mim. Naquela altura, se eu soubesse ler me empregavam no hospital, mas eu não sabia!

Depois voltei outra vez a servir. Eu fazia de tudo. Eu trabalhava muito. Quando me arranjaram para lá disseram que era só para tomar conta de uns coelhitos e andar mais a minha patroa. Cheguei lá tinha lá duas vacas, tinha porcos, ovelhas. Tinha que andar com as ovelhas, nem que estivesse a chover. Ensinaram-me a apanhar erva, mas tinha muita neve; eu com um pau sacudia a erva e toca a apanhar a erva. Eu lavrava e tudo.

Um dia fui buscar um cântaro de água, e andava para trás e para a frente porque não eu não sabia como é que havia de pôr o cântaro, eu não podia com ele. Quando fui pô-lo em cima de uma parede ele partiu. Fui ter com a minha patroa e ela bateu-me muito por isso. Então eu fugi.

Fui para casa da professora. Ela à noite ensinava-me mas só lá estive 8 dias porque a minha patroa foi ter com a minha mãe ela voltou a levar-me para os mesmos patrões. Na casa desta professora eu já estava a aprender melhor.

Um dia voltei a fugir porque atirei uma pedrazita a uma vaca que caiu na minha patroa que andava à frente dela; foi sem querer, mas quando cheguei à noite o meu patrão que era madeireiro, bateu-me. Voltei então a fugir a noite para casa da minha mãe, mas ela voltou a pôr-me na mesma casa, ainda nesta noite.

Eu andava a trabalhar só pelo pão, pelo comer, não ganhava nada. Eu fazia o trabalho todo muito à pressa e pedia aos meus patrões para ir ganhar algum por fora a acarretar racha à cabeça, pela ladeira a cima. Eu trazia sempre mais do que os outros que era para ganhar mais 25 tostões. Com este dinheiro comprei uma ovelha porque gostava de ter gado, mas depois dei-a para a minha mãe criar. Eu já tinha 16 anos.

A minha mãe estava toda contente, mas o homem que a tinha vendeu-a. Depois voltei a comprar mais uma cabra e cabritos, mas foi tudo embora. Um dia eu berrei com ele e ele começou a bater na minha mãe, até que eu disse "a minha mãe vai embora hoje"! Como ela também tinha comprado um porqueto à sociedade e ele disse que ela não ia embora porque ele queria o porco morto. Eu chamei um homem para o matar mas quando ele lá ia, dizia que o porco estava vendido, tanta vez fez isso que eu chateei-me e fui eu a matá-lo. Cortei-o e metade foi para ele e a outra para a minha mãe; pus então o porco numa canastra, convidei uma rapariga, arranjamos um carrego para a minha mãe e levamo-la para a terra. Chovia

muito e ainda fomos um bocado à pé. A minha mãe levava muita porrada e ele gostava muito de fazer aquilo. Passado algum tempo eu soube que ela estava com ele outra vez, voltei a ir ter com ela, mais umas colegas e levei-lhe a louça toda para a terra e ela lá ficou até eu ser grande e me casar.

Quando eu estava a servir, fizeram um salão e eu ia às festas e aos bailes de noite ... Eu era criada, mas como era sempre muito humilde e me dava com aquela malta toda, também puseram-me sócia no salão. Eu conforme podia juntava dinheiro para ajudar e um dia até levei um bolo. Eu ia à nossa festa, ia ao baile e pelo Carnaval a gente fazia marcha. Eu andava sempre naquilo e nunca me desprezaram porque gostavam de mim. Eu era tal e qual como uma pessoa rica mas era criada de servir!

Eu conheci o meu marido numa festa, fui enganada e fiquei de bebé. Então vim para aqui viver e estive meio ano ao pé do meu marido até me casar. A minha mãe primeiro não dava ordem e eu também não tinha a ordem do meu pai, porque ele estava na casa dos tolos, então deixei-me estar e casei em Abril. Tive a minha filha em Maio.

O meu marido não trabalhava e a minha mãe foi para a serra para casa dos meus irmãos. Eles disseram "vem cá para cima para a serra" e eu fui numa bicicleta e levei a minha filha comigo numa canastrazita.. Quando cheguei lá não tinha nada de comer porque a minha mãe não fazia as terras. Então eu andei a vender tremoços, mas só me davam milho para pagar e o que eu queria era... queria era comer. Eu tinha uma galinhita e com os ovos que ela punha eu ia buscar pão para comer, mas voltei porque cá em baixo eu sempre me desenrascava ao dia fora.

Quando voltei trazia ainda mais uma saquita com roupa e então tive que meter a minha filha num saco, como quem mete um leitão. Pu-la numa canastra, atrás da bicicleta e vim para a casa da mãe dele. Eu aí dormia por cima de um curral de ovelha porque ele tinha muitos irmãos.

Eu andava a trabalhar ao dia fora, a cavar vinha, umas quatro ou cinco dias "à eito" e ganhava 100 escudos. A minha filha ia mais eu numa canastra e por ali andava. Um dia quando levantei a canastra, tinha lá uma cobra e como a menina mamava do meu peito, eu fiquei muito aflita, deixei cair a canastra e fui a fugir com a

filha. Depois de a ter lá longe vim atrás com enxada e matei o bicho porque eu ainda tinha mais uma semana para cavar vinha e se ela tivesse ficado com aquele cheiro da menina, podia matá-la!

Passado mais algum tempo fui viver para o Alentejo com o meu marido, porque lá havia trabalho. Vieram chamá-lo, mas eu ainda fiquei cá mais uns dias para receber um dinheirito de uma vinha. Quando fui lá ter ele veio-me esperar e lá fomos numa camioneta. Era só ele é que estava empregado na quinta e estivemos lá 3 meses.

No Alentejo havia uma senhora que levava a minha filha de manhã, para casa dela e tinha-a até à noite, porque gostava muito dela. Eu só lá ia dar a mama e aquela senhora também me dava comer, porque aqui os vizinhos que me davam comida, mas lá não havia fiado!

Entretanto o meu marido chateou-se com o capataz que mandava nele e tivemos que esperar três dias que o outro patrão nos viesse para pagar. Nestes dias nós ficamos debaixo de um aqueduto na estrada, porque a casa era da quinta dos patrões e quando ele deixou de trabalhar, os patrões mandaram-no embora da casa. Nesse lugar havia umas árvores com amoras grandes e nós comíamos, eu mais o meu marido. Eu lá ia dando o pãozito à minha filha e nós comíamos amoras. Até que chegou e viemos embora outra vez.

Quando voltamos eu andava ao dia fora a lavar. Nenhuma mulher queria lavar para as marinhas de arroz! Aquilo lá é só lama! Lama que chega mesmo até à barriga! Na época só andavam lá homens e andava dias inteiros naquela lama. Eu levantava a minha saia, atava-a com um alfinete por baixo, a fazer tipo um calção e andava com uma batita por fora. Eu ficava com as pernas todas negras, barriga e tudo por causa daquele bicho da lama, as sangue suga; eu trazia uma foicinha às costas, para os cortar ao meio porque elas ficavam agarradas, ainda hoje me vejo mal das minhas pernas. Eu gostava daquilo porque ganhava 5 escudos "a seco"... gostava daquilo que era obrigada a fazer, porque pagavam-me melhor!

À noite eu vinha cheia de trabalho, mas não me ia embora de caminho para casa. Em vez de ir para casa eu ficava em casa dos meus patrões, ajudava a fazer de comida à vaca, a dar de comer aos porcos e fazer a lavagem para o outro dia, porque depois a dona que me trazia

lá, dava-me uma panelinha de sopa, uns bocadinhos de carne ou de pão, para eu levar. Quando eu chegava a minha casa misturava um bocadinho de água e já dava para eu comer, para o meu marido comer e para as minhas duas filhas.

Até que eu arranjei para ir para uma fábrica. A mãe dele andava lá e eu ia ajudar o meu homem a desenformar. Ela e eu andávamos a acarretar casca e ela dava-me algum dinheirito do que recebia.

Eu também ajudava a moer a casca num moinho, até que um dia eu andava a limpar e a pôr óleo no moinho, mas como trazia as botas de cano calçadas escorreguei no óleo e caí com uma perna dentro do moinho. O moinho era em roda e desfez-me o pé todo. 'Eu não desmaiei e vim cá para fora à espera que viesse a ambulância para me levar, porque fui sempre uma mulher de coragem!

Deixei então ficar as duas meninas: uma ficou com a minha mãe lá em cima na serra e a mais pequenininha ficou com a minha sogra. Uma afilhada minha levava-a ao hospital e ela ainda foi uma semana mamar no meu peito. Naquela altura quem tomava conta dela era o Dr.. que lhe dava as papas de graça, porque sabia que o meu homem que não era homem para ajudar...

Eu não andava a trabalhar por conta da fábrica, mas naquela altura foram obrigados a "botar-me" na caixa.

Estive um ano, no hospital pelo seguro e depois fui para Lisboa. Eu estive lá mais oito meses, numa clínica do seguro. Quando vim de lá não me empreguei, durante muito tempo., porque não podia. Ao fim de seis anos eu ainda andava no seguro e então eu andava ao dia fora e ainda ia à "caixota"(fábrica da telha) fazer uns dias; eu não era empregada, fui só ajudar. Com a sinusite eu nunca fiquei bem, eu tinha vertigens e aquilo parecia que me vinha a cair, um dia caiu-me um tijolo e eu aleijei-me nesta fábrica; eu vim-me embora e continuei a trabalhar ao dia fora; andava ao dia fora para um lado e para o outro e ia com os patrões, porque eles convidavam-me e eu gostava.

Nesta altura, lá começou a vidazita melhor porque com o dinheiro do seguro comprei o terreno e fiz a casita !

Quando acabei o tempo de andar doente recebi 6 contos. de reis do meu seguro e comprei um terrenozito que custou 3 contos de reis e comprei uma bicicleta que me custou 200 escudos. Aquela casinha já era minha, mas quando a minha mãe veio trouxe mais 6 contos de lá de cima e eu comprei mais 3 contos de terreno até cá baixo, até à estrada. Tirei a licença para um barracão e comecei a fazer a minha casa, mas até vir a licença ainda vieram para me multar. Mais tarde eu vendi aquela casa porque eu semeava as coisas e roubavam-me e com o dinheiro da venda da casa - por 20 contos - eu comprei esta ali para baixo com 9 contos. Como a casa ainda só estava em parede, eu convidei um homem, comprei areia e mandei cimentar no chão para a compor melhor. Eu sozinha, numa noite, "botei" o mosaico. "Botei" o mosaico sozinha. Quando vivi nesta casa, comprei um porqueto.

Eu andava sempre ao dia fora, mas tinha que ir à horas, dar de comer às crianças e voltar. Eu gastava na loja do Aurélio e o meu marido ia lá pagar ao fim-de-semana. Eu fazia muita hora para ganhar mais 5 tostões, naquele tempo. Ganhava 240\$00 por semana e tinha que manter os meus 4 filhos e o meu marido.

Fui, então, trabalhar para uma fábrica de mosaicos. Eles mandaram-me lá ir e como eu sou assim tão forte, pensei que ele às vezes não me queria lá, mas fui e o patrão deu-me trabalho logo. Ele disse você venha amanhã trabalhar e eu no outro dia lá estava. Eu trabalhava no fim de toda gente trabalhar eu ainda tinha que limpar uma máquina.

Estive sempre a trabalhar na fábrica até não poder mais! Eu nunca vinha para casa. Nunca tive férias! Nem ao domingo. Até ao domingo eu lá ia limpar o escritório e polir mosaico.

O meu trabalho era acarretar os mosaicos; era o trabalho mais forte que lá estava. Quando já não podia mais, saí, tinha 51 anos. As vezes nascia-me um furúnculo na barriga por eu andar com o plástico e eu tive que ser queimada uma data de vezes. Eu já não podia andar das pernas. Eu ia para o médico, mas quando os meus patrões precisavam de mim telefonavam para o médico e ele dava-me alta para eu ir trabalhar!

Eu estive um mês em casa, mas ainda ia fazer limpeza à fábrica e ao escritório na mesma. Um dia mandei lá a chave do escritório e disse que não ia mais. Eu não fui lá, me despedir dos meus patrões, porque tinha pena deles e porque não tinha coragem!

Eu saí desta fábrica, lá fiquei em casa, mas nunca parei. Lá trabalhei, fiz a minha casita, fiz aquilo tudo e continuei a trabalhar. Eu arrendei terra e as faço. Ainda no ano passado, comprei 4 sacos de batatas para semear; houve um pouco de azar na colheita, mas eu ainda tenho tido para comer. Quando saí da fábrica comprei uma carretazita para vender sardinha e fruta, com um rapaz que cá está em casa. Mas as pessoas queriam fiado e eu não tinha dinheiro porque tinha começado do nada e ainda estava a pagar a carrinha ao banco. Eram 40 contos por mês. Depois este rapaz se dedicou mais ao trabalho com o meu marido, como sócio, como ele tinha a camioneta...

O meu marido só andou meio ano, aqui, na cerâmica e apanhou algum abono, mas depois eu tive que o passar para o meu nome porque ele deixou de trabalhar. Ele não trabalhava, eu dava-lhe dinheiro para ele ir para a Espanha trabalhar, ele estava lá uns 4 ou 5 dias, um mês ou dois e quando acabava o dinheiro vinha embora. Ele foi também para a França e para a Suíça, mas nunca andou a trabalhar. Ele tinha contrato, mas tinha que trabalhar no campo, então lá vinha-se embora.

Ele nunca deu um tostão para eu fazer a casa, nem nada; o dinheiro que sobrou do seguro ele levou-o, meteu-se a jogar na Lerpa e perdia. Eu não tive nem mais um tostão, nem um avental comprei! Uma vez comprei-lhe uma motorizada e um atrelado; dei-lhe dinheiro para ele ir vender sardinha, passado um tempo ele empenhou a motorizada e eu fui desempenhá-la. Ele lá voltou a empenhar outra vez e eu voltei a desempenhar; a terceira vez eu já não fui buscá-la. Então comprei-lhe outra motorizada mas ele continuou na mesma, até o atrelado vendeu. Outra vez comprei um porquito para matar e um dia cheguei ao curral já não o tinha. Eu andava a correr à procura do porco e a minha sogra disse: o meu filho vendeu-te o porco, veio aí um homem buscá-lo..." Eu dei o comer ao meu filho, mas fui chorar para a quinta trabalhar porque o porco era o meu governo. Num outro dia mandei a minha filha à loja buscar uma broa e ela não ma mandou, quando perguntei porque, a D Ana, disse "Ai, porque você já deve aqui um conto de reis." Eu disse "ai, meu Deus, como é que eu hei-de ganhar para os meus filhos e ganhar para um conto de reis a pagar?" Mas lá comecei a descontar um tanto e lá paguei.

Eu já tinha os meus 4 filhos e era sozinha a ganhar para eles! Eu pus os meus filhos todos na escola e o meu homem nunca comprou uns sapatos, um livro, um caderno. Nunca lhes comprou nada! Eu é que tinha que educá-los sozinha, a comprar sempre tudo para eles.

Eu trabalhava ao dia, com os três meninos. Uma vez levava-os, outras vezes fechava-os, porque os meus patrões diziam "ah, vai lá!" Eu via o menino chorar, porque eles mamavam e eu... mas a gente está sempre com aquela coisa dos patrões olharem e estarem com aquela tristeza. Então eu deixava-os em casa e dava-lhes o comer ao meio-dia. O meu filho as vezes ele estava todo sujo, eu lavava-o, botava-lhe o pó e ia-me embora.

Eu nunca tive parteira, fui eu que os amparei, da primeira à última e foi sempre em minha casa!

Uma vez estava a ter o meu filho sozinha em casa e o correio bateu à porta e disse que tinha uma encomenda. Era semana do Natal e seriam uma 10 horas ou 10 e meia. Eu pedi para ele deixar por debaixo da porta, mas ele disse para eu ir levantar a encomenda porque ao meio-dia o correio fechava. Então agarrei no menino, cortei-lhe o umbigo, embrulhei-o num pano e fui ao correio. Só que pus-me a olhar para os mosaicos e um senhor disse: "a senhora está-se a sentir bem?" é que parece que está a ficar amarela". Quando eu disse que tinha acabado de ter um menino há 5 minutos, a senhora do correio me veio trazer a encomenda a casa e quando viu o rapagão tão gordo ficou muito admirada! Eu tive este filho sozinha, mas também já tinha tido as outras! Eu fui sempre assim, uma mulher forte!

Mais tarde apanhei outro filho, que esteve muito doente. Um dia deu-lhe um ataque. Ele era muito gordo, mas ficou muito doentinho. Uma noite levei-o a correr para o hospital. Não havia carro e eu andava a correr de um lado para o outro, até que fui ter com o senhor prior e ele levou-me ao hospital.. Ele esteve só tinha 7 meses e esteve lá cinco dias. Era véspera de Natal e eu fui lá buscá-lo. Um dia ele sentiu-se mal eu fui ao médico e ele disse que só atendia à hora da caixa, às 7 e meia. Eu falei-lhe mal, disse-lhe "se o meu filho morrer até chegar a Águeda, eu não sei o que faço ao senhor Dr." Eu provoquei-o, porque o menino estava a espumar nos meus braços, todo negro. Eu vim para o meio da estrada, pararam uns carros e um senhor levou-me e ainda andou a dar a voltas comigo lá no hospital. Deram-lhe um injeção no umbigo, aquilo lá passou e ele ficou bom! Diziam-me que ele não chegava a

caminhar, porque ele tinha a cabeça um bocadinho maior, mas ele é muito inteligente, é um homem para a vida. Casou...

Depois tive outro que foi saudável até aos 10 anos, começou-me a ficar doente e morreu-me, o meu menino. Ele tinha 10 anos. Penso que foi do coração. Ele andou de Fevereiro a Abril em tratamento até que eu o levei para o hospital. Ele esteve lá só um dia e disseram-me para eu o trazer para casa. Mas eu não o quis em casa, quis que ele fosse para o hospital para Coimbra e ele morreu lá. Vieram os bombeiros cá trazê-lo! Ele adoeceu e não lhe pude dar a vida. Morreu. Eu fiz-lhe o funeral sozinha, comprei-lhe a campa em grande; mandei-a empedrar e fazer um mausoléu com uma cruz alta, uma lamparina e tudo! Ele está lá como uma pessoa rica! Ainda está sozinho, mas fiz uma campa como se fosse para uma pessoa grande; é toda linda. Ele morreu em Abril, a minha filha casou-se em Agosto.

A minha segunda filha também teve um acidente na estrada e partiu uma perna. Eu também passei os meus martírios com ela porque ia levá-la a Águeda numa canastra, para fazer tratamento. Ia e voltava a pé, ver o pé, a perna, tirar chapas eu levava-a lá quando era preciso, à cabeça. Ela já tinha 8 anos. Ela não recebeu nada, nunca teve indemnização nenhuma; não recebeu nada disso, só pagaram o hospital.

A minha primeira filha casou com 16 anos e o marido tinha 18. Eles eram novitos. Começaram a namorar na escola primária e casaram-se. Eu dizia para a minha filha "olha que quando tu te casares, tens que me dizer com tempo para eu arranjar alguma coisa." Quando ela disse que estava a contar de casar em Agosto, eu recebia algum dinheiro e outro deixava ficar nos patrões porque se vinha para casa gastava.

Ela teve um casamento tal e qual como uma pessoa rica! Tal e qual! Não faltou nada. Foi um capricho, não faltou ali nada. Até o padre velhinho de Aguada de Baixo, veio cá comer. Vieram cá pessoas ricas porque o meu genro andava a trabalhar nos pneus. A minha filha com 14 anos já andava a trabalhar ao pé de mim e estava a ganhar 600\$00 por mês. Ela comprou o vestido à Maria Helena, custou 800\$00, mas era lindo. Ela casou-se com 125 pessoas, a boda foi no sábado, domingo e segunda feira. Comprei sete leitões, 4 carneiros e meio e fui à Clarinda Rainha e trouxe de lá 25 frangos e também deram frango com ervilha. Tive um senhor que era meu primo e assou-me os leitões. O meu marido para ir ajudar a assar

leitões, tive que dar 600\$00! Ele não me deu nadinha para o casamento, nem à filha, nem a mim. A sogra dela também só deu mil paus, mas eu até pus-lhe aquilo na carta. Eu não me envergonhei de ninguém, só fiquei a dever a metade de 2 cabritos, dois carneiros ao chibeiro e 5 almudes de vinho. Quando chegava ao fim do mês eu pagava e ao fim de três meses, não devia nem um tostão do casamento dela. Nadinha!

Ela casou e foi governar a vida dela; foi viver para a casa da renda e eu já fiquei com menos um. Foi sempre a trabalhar! Só que eu arrancava às cinco da manhã e à meia-noite ainda andava na fábrica a trabalhar. Eu tinha o resto dos meus filhos todos em casa e todos andavam na escola. Eram todos pequenos. Tinham a diferença de dois anos uns dos outros.

Tive logo a seguir a minha sexta filha. Quando veio o quarto filho eu andava a fazer umas horitas em casas e ganhava algum dinheirito mas desta vez estive 3 mesinhos em casa. O meu marido ainda foi trabalhar um mês mas assim que soube que só faltava um mês para eu ir trabalhar, ele deixou o trabalho e veio outra vez para casa. Quando recebi os 3 meses de baixa paguei onde eu devia. Eu não queria lá ir buscar coisas e dizerem "não" assim quando recebi paguei. Não fiquei a dever. Ao fim de três meses mandei fazer uma caixa grande e punha lá a minha filha e ia trabalhar. Ela não tinha ama e quando eu chegava, ela estava toda suja. Eu lavava-a toda e ela voltava a lá ficar. Coitadinha, ela ficava a chorar, mas eu só vinha sempre depois das 8 horas ou 9 horas da noite.

Eu não tive nenhuma parteira nem nada. Quando eu andava para a ter esta minha eu já andava com dores desde manhã, mas aguentava bem. Dava-me uma dor e eu encostava-me à máquina, mas quando senti disse "eu vou-me embora, vocês limpem-me o rego que eu já não sou capaz". As minhas filhas mais velhitas até se puseram a dançar todas contentes. Quando eu cheguei a casa e mandei a minha filha dar-me banho. Ela estava a lavar-me as costas e eu já não comi, já não ceei nada. A minha dor já era grande, depois veio mais forte. Quando estava a tomar banho lá me escapava uma asneira de vez em quando, porque eu andava tão cansada e não tinha quem me ajudasse, então a minha filha disse "oh mãe, olhe lá, dizem que as mulheres que quando estão a ter bebé, se morrerem, vão para o céu, mas como você já está a dizer asneiras, decerto nem vai."

Eu tive a minha filha de noite, sozinha. Eu estava a ter a miúdata e o meu marido chegou bêbado, muito bêbado com uns colegas a fazer barulho. A minha mãe "eh, cale-se!", mas eu disse "oh mãe, deixe estar senão ele ainda vem para aí berrar e depois ainda é pior. A minha filha lá veio, também sozinha. Amparei-a, lavei-a, preparei-a. Quando no fim, levantei-me, dobrei uma coberta, pus-me um pé, apertei a barriga contra a parede e acabei de limpar. Tomei banho e pus-me na cama. Depois então tive esse tempo de baixa com ela, três meses!

Fui outra vez trabalhar na fábrica. Passado três anos tive a minha mais nova, em 1983. Eu também andava a trabalhar. Eu andava a fazer tratamento aos rins e diziam que eu nem podia ter filhos, mas eu também fui teimosa e tentei a ver se podia ou não, e tenho aí a minha mais nova.

Só fui ao médico para ver como é que ela estava. Quando a tive levei-a ao hospital para lhe fazerem a análisezinha no pé e levei-a lá àquela clínica que havia lá de assistência às crianças até aos três meses. Levei-a ao fim de três dias e até perguntaram quem foi a parteira, porque ela tinha a cabeça redondinha. Eu disse "eu é que sou a parteira e fui eu que a compus com as mãos.

Eu dei assistência à minha filha e ao fim de três meses continuei a trabalhar e recebi, a minha baixa! Com aquele dinheirito pus-lhe telha nova, porque chovia muito e eu tinha um plástico. Eu levantei e alarguei a casa com aquele dinheiro.

Mas olhe...

Eu gosto muito de pintar, se a senhora estiver eu faço a senhora. Eu uma vez estava aqui e o rapaz que aí está tinha um dente a doer e estava assim com a mão e eu desenhei-o. Às vezes eu dizia assim "se eu tivesse material, eu era capaz de fazer essas coisas". Eu as fazia porque tenho gosto nisso; gosto de pintar, gosto de pinturas!

Eu também tenho gosto na letra. Eu aprendi a ler e sei ler qualquer coisa, melhor que os meus filhos. Li o "Amor de Perdição" todo! Li a "Rosa do Adro" todo. Li o "Romeu e Julieta"

todo. Sei a vida de Moisés toda, sei a vida de Sanção toda. Li aquilo tudo. Li aqueles livros todos, aqueles romances e a Bíblia. Tenho lido muita coisa na Bíblia.

Eu também sei amparar crianças. Chamam-me, eu vou ao pé de uma mulher que está para ter, lavo as mãos, faço as unhas e ponho as mãos dentro dela. Fui duas vezes a Oliveira do Bairro ao José, que disse que a mulher estava aflita. Ele chegou lá eram 11 horas da noite a minha casa, bater; eu fui lá e pus-lhe a mão e disse que era para as 7 horas da manhã. Eles disseram que o médico tinha dito que só para daí a 8 dias, mas eu disse "Não é amanhã às 7 horas que ela vai ter bebé e quando eram 7 horas estava com a criança cá fora. Eu estive lá toda a noite ao pé dela e tirei-lhe o bebé. Ela era branca e ele era preto e eu fui lá amparar o rapaz. Ele era branquinho, mas depois ficou mulato.

Eu tirei as crianças todas à Teresa. Tirei à falecida Cipriana, ela pôs-se a correr pelo pinhal adiante; ela ia a correr e eu botei-lhe as mãos alarguei-lhe a saia porque o bebé estava a ficar apertado. Eu também fui à Clarinda, ela vivia mal e tinha uma cama feita de banco; era uma tábua e um lençol por cima, mas a tábua estava partida. Ora, ela estava deitada e eu já era forte, como a gente tinha que se mexer, quando eu fui fazer força para tirar a criança a tábua partiu! Cai eu, caiu ela e a criança já com o pescocinho cá fora. Aquilo tinha muita palha moída e eu já nem via a criança no meio da palha, nem via nada. Eu estava toda aflitinha a tirar a criança eu tinha que acudir primeiro à criança. Lá puxei-a e ela lá veio, cheinha de palha. Era uma miúda. Era menina, uma rapariga. Agarrei na minha bata, a tirar-lhe aquilo da carita e depois lá levantei a mãe para cima. Aquilo foi um episódio. No fim de estar tudo bem tudo se ria muito! Eu tirei todas as crianças à Clarinda e à Teresa, tirei a uma que estava aqui da Rosária e depois tirei àquele filho da muda.

Quando foi da minha filha eu fui ao hospital. Eu à minha filha não tiro, não que não saiba, mas não gosto porque ela queixa-se de um lado e do outro. As enfermeiras não queriam tirar a criança porque estavam a ver a novela. Eu lá disse "ela tem a criança já para nascer, agora a senhora é que sabe!, Eu não a tirei porque ela é minha filha, senão não precisava de você!" Disse que não saía dali enquanto não a levassem para a sala de partos. Então botaram-lhe a mão e foi só eu cá chegar ao fundo do corredor e ela já estava com a menina tirada.

Um dia foram chamar-me à casa dos meus patrões, à fábrica. O encarregado estava a berrar comigo e a dizer "você agora está boa para ir comer batatas." Eu respondi "olha, que eu também as sei semear, sachar, arrancar e comer!" Nesta altura chega lá o meu primo a dizer "vá-me lá tirar uma criança que a minha mulher está tão mal." Eu disse que só ia se ele fosse ter com o meu patrão". Ele lá foi ao escritório e o patrão perguntou "ela também sabe tirar?" Então chamou-me e perguntou "oh Silvina, você também sabe...você é mulher para tudo, sabe tudo." ! O encarregado quando ouviu disse "oh mulher, o que é que você vai fazer ao pé da mulher dele? Ele quer que você vá tirar a criança e voce ainda vai matar aquilo tudo!" Eu respondi "é para tu saberes que eu não sei só comer batata!". Daí a duas horas eu já lá estava a trabalhar outra vez e disse-lhe "já lá deixei duas mulheres", ele olhou assim para mim e disse "sim senhora, até admira"!

Também tirei os meus filhos todos e lhes dei de mamar. Dei também de mamar a outros que chegaram aqui cheios de fome. Dei de mamar até ao Quim Zé, no meu peito. Ele deu para mal. Eu dei-lho igual mas o leite dele não foi tão sagrado como o do meu filho! Dizem que às vezes é do leite, mas tenho os meus filhinhos que nunca roubaram nada. Nunca se embebedaram, nem nunca fumaram. Nunca tive problemas. Eduquei-os na minha coisa de pobre, mas eduquei-os sempre!

Trabalhei muito para comprar este terreno. Foram 150 contos e eu entrei logo com 100 contos, mas eu trabalhei tanto, tanto! Eu tinha um porqueto, matei-o e durante um mês não comíamos mais nada a não ser a carnita do porco, as batatitas que eu tinha em casa, só para poupar, não gastar nenhum dinheiro. Houve um mês em que eu estava a guardar o dinheiro para pagar o terreno mas como o dinheiro estava destrocado eu gastei e não chegava. Eu pedi ao meu homem e ele disse que não tinha, mas ao outro dia veio bêbado e disse: "Oh mula, então tu querias dinheiro? Nem um tostão eu te dou, nem um tostão!" Entretanto eu também já tinha recebido o abono e também me calei! Mas atrasei-me e um dia quando cheguei a casa a minha filha veio dar-me uma maçã, mas nem entrava porque lhe tinham dito que tinham oferecido mais dinheiro pelo terreno. Eu fiquei tão aflita que fui falar com quem mo tinha vendido e ele disse que lhe tinham oferecido sim mais dinheiro pelo terreno e que lhe tinham dito que o meu marido não ia pagar. Ele diz que respondeu " Eu não fiz

negócio com ele , foi com a mulher dele, que tem uma cara igual à minha. É tão séria como eu." Eu dei-lhe então esse dinheiro e fiquei a dever 50 contos, até fazer o resto do papel que ele nos fez.

Eu também visto os mortos!

Tenho feito essas coisas e as sei fazer todas. Fui sempre valente, mas as tenho passado uma vida assim, triste, mas sempre valente...uma vida que eu tenho encarado!

0. Introdução e justificação do trabalho

Este trabalho constrói-se com base na escuta e na análise crítica da história da vida de uma Mulher cuja voz aqui introduzimos através da versão mais imediata da sua apresentação de si mesma, recolhida na primeira entrevista. A apresentação desta “fala” a abrir o nosso trabalho justifica-se pelos desafios de interpretação que ela contém enquanto matriz da história de vida que apresentaremos adiante, construída em entrevistas realizadas entre 1997 e 2001.

É a partir desta narrativa que procuraremos construir o entendimento sobre como uma luta pela sobrevivência face à adversidade social pode ser transformada pelos sujeitos, em sentido para uma existência que se projecta como devir para além do que é definido pela posição social herdada, ocupada, assumida, recusada. É neste movimento de reapropriação do sentido da experiência vivida como lugar de reconstrução de si mesma em função de um horizonte relativamente indeterminado, que podemos conceber a educação como recurso potencialmente emancipatório. Desta perspectiva, a educação pode ser entendida como reprodução mas também como transformação do(s) significado(s) que configuram e legitimam as relações sociais estruturadas segundo o princípio do Estado, do Mercado e da Comunidade.

Quando revisitamos esta primeira tomada de palavra, que inaugura a relação de investigação sobre a qual se construiu este trabalho de produção de conhecimento social, podemos dar-nos conta da importância do tempo e do espaço de interacção social. O que constatamos é que, só à medida em que a nossa narradora se foi reapropriando deste “lugar” de coprodução da palavra, ela pôde reconstruir-se a si mesma como sujeito da sua acção. Pôde explorar memórias, próprias e contadas por outros, pôde reconstituir cenários da sua acção, recompor argumentos que justificaram decisões, ou justificar tomadas de posição diante de si mesma e do mundo, tendo em conta contextos temporais e sociais mais amplos. Este processo, baseado no diálogo

conosco e consigo mesma, não só enriqueceu, como também alterou o sentido com que ela começou por afirmar o valor da sua existência pessoal e social.

Esta investigação reconhece-se, por isso, como processo de construção de conhecimento social, sobre uma construção social de si mesmo, por um sujeito que aceita contar a sua vida, em resposta ao convite para participar numa investigação. É a própria natureza da experiência de vida, narrada num contexto de interacção face a face e do processo de reconstrução como texto escrito do que é contado, que justifica um conjunto de precauções epistemológicas e teóricas que devem preparar a escuta, a escrita, a análise e a interpretação do que uma vida, apropriada como história pessoal, nos pode dizer sobre a realidade social.

O trabalho foi desenvolvido por aproximações sucessivas do conteúdo da narrativa de vida em cinco momentos, em que nos preocupámos em apreender a realidade social tal como pode ser vista a partir da posição social que esta mulher ocupa na sociedade e dos sentido que ela mesma atribui à sua vida e à educação como recurso potencialmente emancipatório.

Para tanto, foi necessário criar intencionalmente condições de descentração do nosso próprio ponto de vista, porque estamos conscientes do quanto a unidade de sentido da narrativa é vulnerável ao efeito da proximidade e da distância que nos separam no interior de um universo social comum e que nos leva a recorrer a diferentes mercados linguísticos e a ocupar posições de sujeito e de discurso assimetricamente estruturadas.

Nestas condições sociais de produção de conhecimento, o texto da história de vida não pode ser apreendido como discurso literal ou ser compreendido por referência estrita aos contextos sociais imediatos da nossa narradora, sob pena de interpretarmos como diferença o que pode revelar constrangimentos e interdições inerentes às suas posições de subordinação e/ou de exclusão e/ou eventuais dinâmicas de “apartação social”. Aqui, mais do que noutros contextos de comunicação, a relação de investigação exigirá um esforço continuado de recontextualização social do que foi dito e silenciado

e implicará um cuidado especial com o risco de emergência de uma visão tão relativista que se arrisque a questionar a contemporaneidade de vidas submetidas a condições tão adversas

Somos levadas a crer que o tom do discurso de abertura da nossa narradora revela alguns dos efeitos da assimetria social que foi sendo trabalhada ao longo da investigação. Admitimos que quando ocupou pela primeira vez o espaço de comunicação criado para falar de si mesma, a nossa narradora quis salvaguardar a possibilidade de ser reconhecida como “igual” e nossa “contemporânea”. Para tanto, acompanhou o relato da sua experiência de enfrentamento, quase corpo a corpo, de condições de absoluta adversidade, com a valorização constante do seu desempenho de múltiplas responsabilidades na esfera familiar, profissional e comunitária.

A expressão “*Mas olhe!*”, parece mesmo marcar a descontinuidade entre um discurso que nos permitiria defini-la como “pobre”, ou seja, como membro de uma outra condição social e humana e um outro discurso com que se procurou situar no interior do universo social e cultural que ela imaginava que era o nosso. Quer a atitude da nossa narradora quanto a nossa própria surpresa diante da afirmação “*gosto de pinturas*” ou “*também tenho gosto na letra*”, nos confrontaram com a avaliação pré-consciente da distância e da fronteira entre os universos sociais e simbólicos em que nos estávamos a situar reciprocamente. Ficámos assim diante de subjectividades que eram identificadas pela expressão de interesses, práticas, gostos pessoais, juízos de realidade e juízos de valor.

Não podemos saber se aquele incidente verbal sinalizado pela expressão “*mas olhe*” foi uma reacção contra o risco de uma tipificação social que a definiria como sujeito de uma “humanidade à parte, para aqui usar a expressão de Ferrarotti (1980). Seja como for, o que importa é registar que a rigidez na delimitação de fronteiras entre universos sociais imaginados reciprocamente naquele momento da nossa interacção social se foi esbatendo à medida em que o poder da palavra foi sendo redistribuído. As condições de comunicação foram também melhorando à medida em que diminuía as preocupações

com a coerência e a consistência da narrativa da parte dela e as nossas preocupações com a possibilidade de construção de evidência empírica para a nossa investigação.

Tendo sido melhoradas as condições de autenticidade e de abertura do discurso a outros contextos de referência, as memórias de experiências vividas directamente ou conhecidas através do relato dos outros, foram emergindo e preenchendo vazios da primeira entrevista. Apesar da narrativa continuar a ser construída como drama que era protagonizado pela nossa narradora, a forma como este protagonismo foi construído, mudou realmente.

Foi por reconhecemos a importância destes efeitos de estruturação das relação de investigação, que incluímos explicitamente no nosso trabalho esta dimensão que poderia permanecer omissa, caso esta distância política e sócio-simbólica não fosse percebida intersubjectivamente no face a face. Tornou-se, assim, pertinente incluir neste trabalho um momento para abordarmos explicitamente quer os antecedentes do relacionamento com a nossa narradora, construídos sobre o nosso *habitus*, quer a “*implicação histórico-existencial, sócio-profissional e psico-afectiva*” (Barbier;1985), na realidade social em estudo. Não pretendemos com isso neutralizar os pontos de vista dados pela leitura construída através da imersão no campo das relações e dos acontecimentos sociais que nos dão mais evidências do que pistas de investigação sobre a realidade. Não o podemos fazer, mas queremos manter-nos vigilantes no sentido de prevenir que as dúvidas e (re)sentimentos vividos no confronto directo com situações de desigualdade estabelecida naquelas vidas e comunidade se ocultem (como respostas) nas questões que queremos formular segundo novos parâmetros. Queremos precaver que estas questões, embora menos locais e particularistas, nos devolvam à mesma visão e interpretação da realidade da qual partimos para esta investigação.

Por isso, preparámos uma modo de aproximação prudente da história de vida. A sua apresentação, análise e interpretação é precedida por dois momentos com que procuramos lidar activamente com evidências construídas pelo nosso *habitus* e implicação na realidade em causa.

No primeiro momento deste trabalho, propomo-nos revisitar criticamente as nossas próprias condições epistemológicas e teóricas de partida, partindo de uma breve referência à intersecção da nossa trajectória profissional com a trajectória da nossa narradora e da sua família para depois. Neste processo apoiar-nos-emos em contributos teóricos que nos permitiram problematizar a tendência de intercompreensão presumida, a interferência da assimetria social e da implicação, apropriando-nos deste (re)conhecimento como potencialidade crítica do ponto de vista e da leitura da realidade em construção. Para preparar a construção deste outro ponto de vista e leitura da realidade, achamos fundamental prevenir a simplificação do nosso entendimento de fenómenos sociais que expressam a totalidade das relações sociais, pela falta de instrumentos teóricos que nos permitam discernir os ângulos de visão, escalas de projecção e quadros de significação constitutivas de diferentes representações da sociedade.

Tomadas estas precauções epistemológicas de base, procuraremos então reassumir, mas de forma mais prudente, o nosso desejo de abordar a vida vivida pelos grupos subalternizados como lugar de produção de (re)conhecimento social e humano.

Para o fazer, iremos explorar “o que” está em causa nas discussões teóricas sobre as potencialidades heurísticas das histórias de vida, advertindo que a adopção de uma lógica de procedimentos possa vir a limitar o campo de decisões teóricas, metodológicas e morfológicas, com que queremos precaver eventuais implicações negativas do conhecimento social produzido sobre os grupos em desvantagem.

Estamos conscientes da delicadeza da tarefa de publicar a história da vida de um sujeito cujo discurso nos mostra a “inumanidade” de condições materiais de existência e nos revela disposições e aspirações que são construídas no interior do mesmo espaço ideológico e sócio-político onde se produz o consentimento pessoal e colectivo para a opressão, a dependência e a marginalidade sócio-estrutural.

Num segundo momento, procuraremos criar instrumentos de apreensão de processos educativos informais que não nos obriguem a confinar o sentido da vida desta

mulher à esfera doméstica, esfera da produção e da comunidade local. Dado que a nossa narradora não frequentou a escola, nem participou em nenhuma outra acção de carácter especificamente pedagógico, precisamos situar a questão da educação num âmbito mais geral de representação dos fenómenos educativos fora das categorias com que nos habituámos a pensá-los, como relação entre educador – educando - escola – pedagogia - currículo – ensino - aprendizagem - avaliação - sucesso - mobilidade – correspondência – função – sistema, etc.

A socialização pareceu-nos ser o campo em que os mecanismos de estruturação simbólica de relações sociais de pequena e grande escala são mais perceptíveis e enunciáveis, abrindo o espaço na nossa reflexão a questões relacionadas com a cultura e as culturas, a identidade, as identidades estruturadas segundo o princípio do Estado, do Mercado e da Comunidade e com as subjectividades individual e colectiva.

A compreensão dos fenómenos de socialização preparar-nos-á para apreender os processos pelos quais as condições sociais objectivas são incorporadas quer através das práticas sociais, quer através dos significados que organizam e legitimam a vida social como disposições subjectivas conformes ou contrárias às posições sociais herdadas do meio de origem. Para evitar confinar a nossa imaginação sobre o horizonte de determinação da trajectória e da narrativa de vida da nossa narradora ao meio social de origem, ao espaço doméstico ou ao espaço de produção, exploraremos a educação como mediação sócio-estrutural e sócio-simbólica entre indivíduo-família-escola-conhecimento e sociedade aqui representada pelo Estado Moderno.

Só no terceiro momento apresentaremos o texto integral da história de vida, como expressão de uma subjectividade e como lugar de produção de conhecimento estrutural hermenêutico. Antes de o apresentar limitar-nos-emos a fazer uma breve apresentação da nossa narradora e do contexto histórico e social em que a sua vida se inscreve. Esclareceremos também as condições de produção do texto escrito.

No quarto momento iremos fazer a nossa própria leitura da história de vida como voz que revela e oculta a realidade social enquanto totalidade de relações sociais e

contemporaneidade.

A nossa leitura será construída a partir da recolha de indícios do que apreendemos como o seu próprio movimento de construção do sentido existencial e social para a sua vida contada como história (ver anexo 1) procurando respeitar a unidade de sentido do discurso, aqui transformado em texto escrito. A partir deste indícios, que correspondem às nossas inferências, procuraremos identificar temas que, por serem mais recorrentes, nos pareceram os mais significativos para apreender a subjectividade da nossa narradora e aquilo que ela manifesta da realidade social.

No quinto momento tomaremos este conhecimento como matéria de análise e crítica das potencialidades e limites emancipatórios da educação na vida desta mulher, então assumida como sujeito que representa grupos sociais que estão integrados na sociedade na posição de integração subordinada ou de exclusão. Teremos em conta os diferentes universos sociais e simbólicos onde a nossa narradora vai buscar os significados com que se reconstrói a si mesma, quando analisa e interpreta os eventos e experiências que evoca para justificar escolhas e decisões nos lugares estruturais em que ela é constituída como actora social. Só neste momento utilizaremos extractos da narrativa biográfica da sua mãe, suas quatro filhas e três netas para ilustrar fenómenos de reprodução social e cultural, problematizando-a à luz dos acontecimentos e de esforços colectivos que, ao longo do século XX, tentaram realizar promessas da Modernidade, de uma maior igualdade de condição e de posição social e humana.

O espaço em que procuraremos descobrir e imaginar os limites e potencialidades da educação, não será na coerência do discurso desta mulher, porque na sua voz falarão outras vozes que também falam através da nossa. Também não procuraremos descobrir e imaginar os limites e potencialidades da educação em um entre os muitos universos sociais e culturais de pertença e de inserção da nossa narradora.

É antes no espaço em que a nossa narradora “faz de todas as palavras exteriores, a sua palavra, apropriada para si” que procuraremos apreender como a educação foi

investida segundo a finalidade emancipatória de que é investida pela sociedade.

Procuraremos indícios da educação no modo como ela ordena cada elemento da sua experiência a partir de uma percepção totalizante de si mesma e do desenrolar da sua vida, dos códigos de socialização diversos e contraditórios que ela mobiliza para unificar a sua pluralidade de pertenças num discurso que lhe dá a auto-compreensão de si mesma a partir do papéis que desempenha. Delory-Mombergue (2000) refere que “a história de vida pode revelar uma multiplicidade de pertenças e de vozes que habitam o actor e que “falam” sobre o seu contacto com meios sociais muitos diferentes, por ocasião de mudanças de actividade profissional, de classe social, de geração, de família e da sua inserção num espaço intercultural” (2000: 222).

O que importará discutir é em que medida a educação participa para que a voz dominante na reconstrução histórica e autobiográfica dos sujeitos não seja a voz do opressor, cujo poder de marginalizar e de reproduzir infinitamente a dependência dos grupos sociais subordinados depende da interiorização colectiva do modelo de humanidade que é reconhecido e ratificado no diálogo entre os que definem os horizontes de determinação social. Importa poder imaginar como a educação poderia ser construída como lugar de transformação, não só de disposições subjectivas mas também de condições sociais objectivas de afirmação da existência histórica e social de sujeitos concretos, cuja concepção e sentimento de si no mundo e com os outros, é construída a partir de raízes e por decisões.

No entanto, falar em raízes e em decisões significa para nós, romper com o mito do indivíduo autónomo, livre de fazer escolhas estritamente racionais-instrumentais que podem melhorar a sua localização no interior da ordem social, objectivada como hierarquia de posições, linguisticamente objectivadas e ideologicamente legitimadas, pelos grupos sociais dominantes.

O sujeito que aqui definimos como actor e autor da sua história de vida e como educando é o indivíduo que é parte e que se torna participante de um tecido vivo e ampliado de significados incorporados através da socialização primária e que vão sendo

ratificados, rectificados, recusados ou transformados no interior de dinâmicas de reprodução social de universos simbólicos reconhecidos e valorizados como cultura num dado momento histórico.

Ao compreender as circunstâncias sociais em que esta mulher se apropriou e/ou mobilizou saberes valorizados como saber oficial ou como cultura, estaremos mais próximas da possibilidade de entender como a educação participa para reproduzir o consentimento para a produção e distribuição estruturalmente desigualitária das condições materiais e sociais objectivas no interior de mundos que habitamos. Ao reconhecer a fonte das mediações simbólicas que suportam as identidades que são atribuídas a esta mulher e as identidades em que ela investe subjectivamente, estaremos mais informadas sobre como a educação naturaliza ou desestabiliza as posição de subordinação em alguns campos sociais. Ao apreender a tensão contraditória entre uma concepção e sentimento de si mesma, como participante do mundo partilhado com outros, radicada no seu meio de origem e no seu meio de inserção (espaços doméstico, do emprego e da comunidade), talvez nos possamos aproximar prudentemente do movimento de “busca de ser mais” enquanto “projecto e ser que caminha para frente, que olha para frente”(Freire, 1987: 73).

Da resposta a estas questões depende a possibilidade identificar a educação como recurso individual e colectivo que pode participar para:

- reconstruir o sentido da nossa contemporaneidade com a luta pela sobrevivência e pela existência histórica e social dos grupos sociais que continuam a gastar os seus corpos na reprodução das condições materiais e sociais de existência de que não beneficiam;

- ressignificar a autonomia, o poder e a solidariedade como dimensões que devem ser criticadas quando nos referimos ao Estado Providência e à Sociedade Providência;

- participar na concretização de utopias¹ e viabilização de realidade novas², que

¹ Segundo Colette Humbert (1977) utopia concreta significa para Paulo Freire a projecção do imaginário de possíveis com tentativa de antecipação concreta, aqui e agora, num dado contexto, considerando que é “noutro

neguem a legitimidade da expropriação de condições de poder ser e fazer-acontecer de grupos sociais cuja acção subordinada e silenciamento são instrumentalizados no sentido de os manter como seres-para-outros, que servem interesses dos grupos dominantes.

lado”, o “não lugar”, “o outro” que dinamizam a luta pela transformação da realidade . Quanto ao termo inédito viável significa os possíveis não experimentados.

² Segundo Moacir Gadotti (1996) Inédito viável é para Paulo Freire a nova possibilidade de solução para certos problemas que se revelam para além das situações-limite quando o máximo de consciência possível” do homem consegue observar além do visível pela consciência efectiva. É o devir e o futuro a construir, a futuridade a ser criada, o projecto a realizar. Em outras palavras o inédito viável é a possibilidade ainda inédita da acção ; “é a futuridade histórica que não pode ocorrer se não superarmos a situação-limite transformando a realidade na qual ela está com a nossa praxis (ACCA-4) pp: 723.

Primeiro Momento

**A criação de condições
de distanciamento analítico e crítico**

Introdução ao primeiro momento

Tal como anunciámos na introdução, este primeiro momento do nosso trabalho consta da revisitação crítica de condições epistemológicas e teóricas de partida, entre as quais incluímos o nosso *habitus* e o estado de implicação que nos fornecem pré-interpretações do sentido dos acontecimentos e relações sociais que queremos aqui apreender analítica e criticamente.

Para evitar que as evidências construídas pelas práticas sociais incorporadas e pelo ponto de vista construído num estado de imersão no campo das relações sociais em causa, queremos abordar brevemente dúvidas e (re)sentimentos que podem atravessar o nosso pensamento neste trabalho. Procuraremos que as experiências, bem como as concepções, julgamentos de realidade e valor com que as reflectíamos colectivamente a intervenção comunitária em Águeda constituam, não um obstáculo epistemológico, mas antes um outro ponto de vista, como potencialidades críticas, nesta tentativa de “releitura” daquela realidade segundo outros processos e critérios de interpretação.

Julgamos que uma das formas de romper com as evidências e pré-interpretação que constituem o nosso conhecimento de partida é a tomada de consciência da complexidade da realidade social e a relativização do poder e da acção social individual ou local.

Nesta parte do trabalho procuramos resposta a esta necessidade pela tomada de conhecimento dos fundamentos da cartografia simbólica, enquanto modelo de representação da realidade social, que nos é dada a compreender por Sousa Santos (1988; 1999). Este modelo propõe limites á generalização de princípios de visão e de divisão sobre a realidade, que pode ser objectivada em diferentes escalas de projecção. Queremos dar conta da nossa tomada de consciência da não neutralidade de qualquer representação sobre os fenómenos sociais, bem como da advertência para os riscos de deformação do sentido de fenómenos que só podem ser interpretados segundo uma escala, tendo embora em conta a totalidade das relações formadas pela operação

simultânea de instâncias e actores sociais situados a nível macro e micro social.

Julgamos que esta representação que nos devolve à percepção da complexidade da realidade social, constitui uma das condições necessárias para superarmos os limites de uma opção metodológica, baseada fundamentalmente no desejo de dar voz à vida vivida pelos grupos silenciados pela “violência inerte das estruturas económicas que impõem injunções mais dirigidas ao corpo do que ao intelecto” e que oculta e se oculta na “ordem comum das coisas” (Bourdieu; 1998).

Propomo-nos, assim, ampliar o sentido da decisão pela metodologia das histórias de vida, tendo em conta as discussões sobre as suas potencialidade heurísticas da metodologia das histórias de vida, defendidas segundo diferentes perspectivas teóricas, que radicam em diferentes paradigmas de conhecimento social. Pretendemos reconhecer, nos argumentos desta discussão que opõem o valor da subjectividade dos actores à objectividade das estruturas e fenómenos sociais, bases do conhecimento científico-social, procurando um modo de as assumir como duas formas de existência da realidade social.

Morrow e Torres (1997) alertam-nos para o quanto uma orientação que seja estritamente objectivista ou subjectivista pode levar a que casos singulares sejam tomados como simples exemplos de teorias gerais, à custa da exclusão das intenções cognitivas, das auto-apreciações dos indivíduos ou, ao contrário, que os casos sejam tomados como totalidades singulares, que visam apenas a experiência vivida e as intenções dos agentes.

Procuraremos definir uma estratégia metodológica que nos permita abordar tanto a consciência e a subjectividade quanto os fenómenos que lhe são exteriores e que participe para a crítica das formas sociais existentes e para a visão de novas possibilidades de transformação social. Morrow (1994) refere que esta possibilidade requer o aprofundamento e a ampliação do espaço das decisões metodológicas à metateoria (sobre a relação sociedade e indivíduo) e a consideração pelas implicações sociais do conhecimento. Propõe-nos o autor a criação de uma estratégia metodológica que privilegie uma abordagem interpretativa orientada para a transformação social que

seja pensada como história humana e como problemática da dominação (Morrow; 1994).

Este deve ser o ponto de chegada deste nosso momento de trabalho.

1.1 Condições de partida - a procura de um modo de “dar voz” à vida vivida

1.1.1 Os antecedentes da relação de investigação como lugar de interrogações

Conhecemos a nossa narradora no início da década de 80. Ela foi uma das mulheres que encontramos na nossa trajetória profissional, quando as suas filhas e netas foram incluídas nas listas das crianças sinalizadas por dificuldades de adaptação a exigências escolares. O conhecimento de uma das filhas deu-se na escola, numa situação de entrevista em que, enquanto membro de uma equipa multiprofissional, procurávamos compreender o motivo dos pedidos de atestados de necessidades educativas especiais de tantas crianças.

Nesta abordagem, dialogámos com crianças a quem não faltavam nem motivações nem quaisquer outros recursos cognitivos para explorarem e usufruírem das relações e oportunidades de aprendizagem. O facto de a escola identificar estas crianças como membros da periferia da comunidade, era suficiente para que sobre elas recaíssem “profecias” e expectativas de insucesso e inadaptação. A diferença do capital social e cultural que traziam para a escola era “traduzida” com problemas pedagógicos e de aprendizagem, em que a consideração pela sua luta quotidiana por sobreviver à adversidade social só servia para naturalizar os atributos negativos que lhes eram imputados e às suas famílias.

Quando a conhecemos, a família da nossa narradora parecia ser uma excepção no bairro em que os jovens se envolviam em actividades clandestinas para poderem que aceder a bens de consumo comuns aos dos grupos dominantes, que lhes eram apresentados como sinal de *status* pelos media. Aquela família parecia ter escapado ao sentimento de inelutabilidade que marcava o quotidiano de muitas outras e a nossa narradora parecia um exemplo de resistência e de superação dos efeitos da adversidade e do sofrimento. Chegamos mesmo a pensar que ela tivesse rompido quer com o ciclo da reprodução das desvantagens sociais de origem, quer com uma alegada “cultura da

pobreza”.

Ao participar num projecto sobre o “Impacto da Globalização económica, política e cultural na Sociedade Portuguesa”³ que visava analisar as determinantes locais dos sistemas de protecção social, pudemos objectivar, de outra posição exterior à comunidade e a partir de pressupostos da sociologia, que a família da D. Silvina reunia todos os factores de risco social e todas as formas de enfrentamento social considerados na fase de elaboração do inquérito e das entrevistas.

Constatámos que ao termos centrado a atenção na saúde, desenvolvimento e a inclusão escolar das crianças, fomos insensíveis às sinergias entre os baixos níveis de escolaridade, instabilidade familiar, encargos com dependentes e o isolamento social, que cabiam no âmbito da nossa intervenção. Constatámos também, à luz das conclusões daquele estudo, o quanto as questões de autonomia e de poder das famílias e a sua vinculação vertical ao Estado-Providência eram secundarizadas, a ponto de não nos apercebermos do quanto. O que se constatou foi que, apesar das relações de proximidade que aquela família mantinha com profissionais da educação e da saúde, havia um quase total desconhecimento de direitos consagrados pelo Estado Moderno.

Esta família havia-se mantido também à margem das redes sociais informais que providenciavam ajudas a famílias com recursos financeiros insuficientes para lidar com situações críticas provocadas por doença ou por outras situações. Dado que a prestação ou distribuição destas ajudas se baseava na observação directa da precaridade ou nos pedidos comunicados na relação face a face, a nossa narradora não beneficiou da chamada “Sociedade Providência”. Note-se, no entanto, que foi esta mesma mulher, que critica o clientelismo e dependência de outras famílias face aos serviços sociais

³ Referimo-nos ao Projecto “O Papel da Sociedade na Protecção Social. Dinâmicas Locais e Instituições Particulares num sistema renovado de Protecção Social”, coordenado por Pedro Hespanha e enquadrado no âmbito do Projecto “A Sociedade Portuguesa perante os desafios da Globalização: Modernização económica, social e cultural”, integrado no *Programa Praxis XXI*, desenvolvido pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, sob a direcção de Boaventura Sousa Santos. Os resultados deste Projecto constam de um Relatório da Pesquisa, no CES (1997) e foi publicado em Hespanha et al. (2000) *Entre o Estado e o Mercado: as Fragilidades das instituições sociais em Portugal*; Coimbra, Quarteto. Foi também publicado num capítulo entitulado *Globalização insidiosa e excludente. Da capacidade de organizar respostas a nível local*, em Hespanha et al (2001) *Risco Social e Incerteza: pode o Estado Social recuar mais?* Porto, Afrontamento.

formais e informais, quem atribui ao médico e ao assistente social o papel de benfeitores por facilitarem o seu acesso a direitos sociais fundamentais.

Reconhecemos que a imersão no quotidiano de famílias e comunidades que pareciam tão distantes da ordem definida e prometida como emancipatória, nos deu fortes motivos para procurar compreender as circunstâncias de vida a que aquelas crianças sobreviviam e como se produzia o consentimento tácito das suas famílias para que participassem do esforço de reprodução que desgastava os corpos de trabalho, dos quais as crianças nasciam e em que se tornavam tão rapidamente. Muitas vezes nos surpreendemos a interrogarmo-nos sobre com que fios se tecia a vontade e a esperança dos que lutavam por um outro futuro, quando nada parecia mudar no presente.

Estas são algumas das questões que procuramos reformular e ressignificar com a realização deste trabalho.

1.1.2. A decisão por um método que pudesse dar voz ao vivido

Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua que pergunta.

Angustiamo-nos com esta afirmação de Boaventura Sousa Santos extraída do seu *Discurso sobre as Ciências* (1987) que nos confrontou com o compromisso e com o peso das dúvidas e dos (re)sentimentos) que transportamos do nosso relacionamento face a face com as crianças e famílias em posição de subordinação e de exclusão social na comunidades.

Angustiamo-nos por reconhecer a desadequação da língua com que nos habituámos a construir a racionalidade da nossa intervenção comunitária no grupo de Águeda, para mediar o diálogo, o que seria dito pela nossa narradora e o que era dito a respeito dos mesmos temas pela comunidade científica.

A linguagem com que com que comunicávamos com a nossa narradora resultava de uma pragmática de comunicação centrada nos afectos, ao que se subordinava a racionalidade instrumental. O significados das experiência, das ideias, das ideologias e das crenças sobre a mudança social, eram construídos no face a face e através de

mensagens que eram sancionadas no próprio acto da comunicação. A linguagem com que apreendíamos as suas circunstâncias de vida, de discriminação e desvantagem face a oportunidades de participação e de mobilidade social, era construída com estes significados que eram reapropriados colectivamente, como uma das dimensões visadas da *praxis* de transformação social.

Ao admitir que seria o método que definiria a linguagem que interpelaria e seria respondida pela realidade social construída discursivamente pela nossa narradora, ficamos diante do problema de como pôr em comunicação universos sociais tão distantes e que são construídos e vividos segundo línguas tão diferentes!

Que condições seria possível criar para mediar a escuta da sua história e construir visibilidade para a realidade social que ela transporta?

Que linguagens nos propunha a comunidade científica para decodificar o significado de um vivido, construído também sobre não ditos, como parte do que se quer comunicar?

Que conhecimento seria possível construir sobre um passado silenciado pelos que não podem falar sobre as circunstâncias que os oprimem?

Como garantir a prudência no uso do poder de nos pronunciarmos, nos nossos próprios termos, sobre estas mesmas circunstâncias, sem correremos o risco de distorcer o significado real que estas têm para os que as vivem?

Como é que a metodologia das histórias de vida poderia dar ressonância ao silenciamento e ao desconhecimento sobre condições objectivas e subjectivas que tornam a educação o lugar em que os grupos com menor poder social vêm os recursos simbólicos adquiridos nos seus meios de origem e de inserção desqualificados como défice, responsável pelo insucesso e abandono escolar?

Todas estas questões poderiam ser talvez evitadas se adoptássemos outra metodologia que não a das histórias de vida, mas para nós esta opção foi o modo que encontramos de respeitarmos o compromisso de “dar vez e voz” ao vivido de mulheres e crianças cujo sofrimento silencioso é silenciado pela arbitrariedade de uma ordem social legitimada por argumentos racionais, considerados plausíveis, pelos grupos

dominantes e até pelos grupos dominados.

1.1.3 A intercompreensão presumida, a assimetria e a implicação como possíveis factores de “perturbação”

Logo que começámos com as entrevistas, apercebemo-nos da ingenuidade da perspectiva que nos levava a imaginar que a redefinição da relação instituída pelo contexto de investigação seria suficientemente clara para constituir a palavra da nossa interlocutora como fonte de entendimento da realidade social.

O que é que nos levaria a esperar um testemunho espontâneo e autêntico, sobre uma trajectória de vida que estava ligada e separada da nossa própria trajectória de vida, vivida na mesma comunidade, na qual ocupávamos posições tão assimétricas? O que é que nos levaria a supor que a nossa narradora daria testemunho, em primeira pessoa, dos problemas sociais que poderiam ser considerados relevantes para o nosso estudo?

A fragilidade das condições de possibilidade de conhecimento que até então havíamos criado, perturbava o nosso próprio pensamento, em sucessivas tentativas de definir um problema do qual éramos parte. No nosso pensamento, confluíam e sobrepunham-se diferentes versões “teóricas” que pareciam dispensar o esforço de análise e interpretação da realidade, que ia sendo natural e presumidamente intercompreendida na relação de investigação.

A objectividade que procurávamos assegurar tecnicamente e pelo reenquadramento social da narrativa como documento, não estava a ser suficiente para escapar às ideias pré-construídas. Por outro lado, a compreensão dos fenómenos parecia depender da ampliação do ângulo de observação sobre fenómenos que tendíamos a definir nos mesmos termos com que estávamos habituadas a regular e a reflectir sobre a nossa prática de intervenção profissional e social.

Esta questão ganhou verdadeira relevância no contexto de diálogos sucessivos com

e entre Staff Callewaert e Luíza Cortesão⁴, que "afectaram" criticamente a forma como procurávamos criar a "objectividade" de uma realidade, fortemente subjectivada.

A ruptura com a coerência interna do discurso com que apresentávamos dados que pensávamos ter apreendido objectivamente, sem interferência das nossas percepções e inferências, deu-se quando demos ênfase ao facto da nossa narradora não assumir o lugar de vítima das condições objectivas de precariedade e opressão que nos indignavam. Ao enunciar os problemas sociais que pareciam evidenciar-se naqueles dados, o nosso pensamento parecia ser atravessado pelo fluxo da realidade que queríamos analisar.

O ponto crítico deste diálogo com Callewaert esteve na procura de justificação para o inesperado da atitude existencial da nossa narradora, através de pré- interpretações da sua situação, o que nos confrontou com o padrão social que informava os nossos juízos de realidade e de valor.

Constatámos que a atitude que esperávamos reconhecer na D. Silvina correspondia à que nós próprias tínhamos assumido, disposição que foi denunciada pelo seguinte reparo do nosso interlocutor:

"Porquê procurar causas psicológicas para explicar esta atitude existencial que pode ser encontrada em outras pessoas que vivem nas mesmas condições e posição social ? "

"Fascinação", foi como ele qualificou esta forma de imaginar a realidade de um outro como reflexo do próprio ponto de vista, definido pela posição ocupada no campo social que se objectiva com uma linguagem auto-referenciada.

Como "antídoto" deste jogo de imagens com que tendemos a construir a realidade social em que estamos implicados, Callewaert sugeriu que puséssemos em cena todos os pontos de vista a partir dos quais definíamos a situação das mulheres daquela

⁴ Diálogos que ocorreram no âmbito do seminário de investigação do Mestrado Educação e Diversidade Cultural (1998) em que se discutiu a possibilidade de transformação da realidade social, a partir do diálogo entre saberes constituídos como cultura científica, no contexto académico e os saberes constituídos na prática de resolução de problemas emergente em processos de intervenção sócio-educativa. Seria possível construir um outro conhecimento que, recorrendo a racionalidades diferentes, poderia tornar-se instrumento de transformação social?

família e daquele grupo considerando, no entanto, que:

pontos de vista são como o termómetro...o que nos dão é uma medida da febre..... a febre é outra coisa a compreender.

No diálogo que se sucedeu com Luíza Cortesão, pudemos descobrir que

a implicação é uma “lente que amplia, mas que também pode distorcer a realidade”.

Esta afirmação levou-nos a revisitarmos Barbier (1985), que integra a implicação como recurso no processo de produção de conhecimento social. Para o autor, a implicação histórico- existencial pode constituir uma fonte de intuições e de hipóteses de base; a implicação psico- afectiva gera condições para ir mais além da comunicação sobre a investigação; e a implicação estrutural profissional, pode orientar a procura de elementos que tenham sentido para o trabalho social em que estamos envolvidos. O autor refere, no entanto, que podendo ser apropriada como recurso, a implicação pode também constringer a possibilidade de conhecimento, se forem ignorados os mecanismos de defesa contra aquilo que questione fundamentos da personalidade e o poder de reprodução do *habitus* que reproduzem esquemas de pensamento e de percepção sistemáticos que estão ligados à profissão e socialização de classe.

A questão, para Barbier (1985), não se coloca em termos de aceitar ou rejeitar a implicação como factor constitutivo da investigação, ou como condição de possibilidade de conhecimento, porque se trata de uma realidade vivida que não resulta, portanto, da vontade consciente, da intencionalidade ou de escolhas..

Para lidar activamente com a implicação, pensamos que é importante considerar o modo como Bourdieu e Santos analisam a possibilidade de distorção da realidade construída como intersubjectividade ou como representação das relações sociais enquanto totalidade.

1.1.4 A “reflexividade reflexa” como modo de transformar obstáculos em recursos

Segundo Bourdieu (1998), a “reflexividade reflexa” é a atitude que torna possível transformar a familiaridade entre os interlocutores e as suas possíveis homologias de posição em recursos de investigação, na medida em que cria a possibilidade do investigador perceber e controlar os efeitos da estrutura social na condução da entrevista. Tais efeitos são criados pelo facto da relação de pesquisa continuar a ser uma relação social que se faz sentir sobre os resultados obtidos, não havendo, no entanto, “maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade do que nos atermos aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos que decorrem do caso particular de interacção entre pesquisador e aquele que ele interroga” (1997:693).

Esta posição de Bourdieu encorajou-nos a reflectir sobre as potencialidades contidas em muitas afinidades que emergiram, como elementos da nossa relação, na situação de entrevista, que derivam não só dos antecedentes do nosso relacionamento com a entrevistada, centrado na preocupação com o bem estar, desenvolvimento e aprendizagem das suas filhas e netas, como também do facto residirmos na mesma freguesia e de aí partilharmos a condição de não-naturais, percepção que é reforçada por alguns momentos em que os naturais procuram revitalizar pertenças, pela definição de não pertenças identitárias⁵. Por outro lado e embora salvaguardando as diferenças atribuíveis à classe social, há as afinidades da condição feminina, que impuseram a ambas uma integração social com sede no espaço doméstico, apesar da nossa intensa participação no espaço do emprego e da comunidade que, de qualquer forma, foi

⁵ Refira-se só a título de exemplo a celebração da “volta ao termo” anual, em que os notáveis da freguesia e outros elementos das associações locais, vão visitar os marcos que delimitam do território da freguesia. Outro exemplo é a existência de uma Confraria, que reúne os mordomos – maioritariamente naturais – que visa conservar algumas tradições da festa religiosa anual, como os carros de boi, que antes constituíam o meio de transporte na romaria das Almas da Areosa. Refira-se também que a Associação que presta homenagem à personalidades de mérito no Concelho de Águeda é designada ANATA ou seja Associação dos Naturais de Águeda.

constrangida não só pelo ciclo de reprodução familiar, mas sobretudo pela dominância do poder e cultura patriarcal.

Bourdieu (1998) refere que a “cumplicidade entre mulheres” pode criar condições de possibilidade de franqueza social e de compreensão simpática que permitem superar “obstáculos ligados a diferenças entre condições e particularmente o temor de desprezo de classe que vem redobrar o receio, muito geral, se não universal, da objectivação”(1997: 699). A permutabilidade dos papéis dos interlocutores da entrevista protege os sujeitos entrevistados contra o risco de verem “as suas razões subjectivas reduzidas a causas objectivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objectivos revelados pela análise” (1997).

A proximidade que antes nos parecia constituir um obstáculo à escuta, constituiu um recurso fundamental para lidar com a memória de incidentes dramáticos ou de simples acontecimentos quotidianos relacionados com as crianças da família. Criou condições especiais de empatia e de respeito mútuo, num processo que, tal como refere Bourdieu, é sujeito a “não ditos, censuras e estímulos que impedem ou encorajam os sujeitos a dizer ou acentuar certas coisas” (Bourdieu;1997)

Julgamos que assim ficamos mais próximos da “possibilidade de acedermos ao vivido, às coisas que as pessoas têm “enterradas” nelas e que, embora não conheçam, as conhecem melhor do que ninguém”, o que requer o “conhecimento aprofundado das condições de existência de que elas são produto e dos efeitos sociais que a situação de pesquisa e, através desta, possam ser exercidos pelas suas posições e disposições primárias” (1998).

A reflexão sobre a nossa implicação tornou, afinal, mais possível lidar com a ilusão do já visto e do já ouvido que, segundo o autor, pode favorecer a “semi-compreensão imediata do olhar distraído e banalizante” ou a “indiferença da atenção” que limita as possibilidades de “entrar na singularidade da história de uma vida e a tentar compreender, ao mesmo tempo, na sua unicidade e generalidade, os dramas de uma existência”. Tornou mais possível o situarmo-nos em pensamento, no lugar que esta mulher ocupa no espaço social para “precisar e decidir pelo seu ponto de vista e não

nos projectarmos nele" (1998).

O que parece ser importante ter aqui presente é que, se em alguns momentos das entrevistas estas afinidades reais atenuaram a assimetria de posições sociais, noutros momentos fomos confrontadas com os efeitos mais ou menos explícitos desta assimetria, o que constituiu, não um obstáculo intransponível, mas um imprevisto que foi sendo "trabalhado" pela narradora e narratária no contexto imediato da relação.

Temos bem presente um ou outro momento⁶ em que fomos confrontadas quase explicitamente com os efeitos da estrutura social sobre a relação de investigação, o que foi resolvido com a recontextualização da relação que orientou o diálogo para os critérios de auto-apreciação social da narradora. Nestes casos, os contratos de investigação, narrativo e autobiográfico, constituíram um recurso por excelência, na medida em que permitiram reactualizar as expectativas recíprocas relativas à situação, às finalidades e à relação particular necessária ao trabalho da investigação.

Quanto às diferenças dos hábitos de comunicação e do capital linguístico mobilizados na interacção, foram também resolvidos com o trabalho continuado sobre o contexto e na reformulação, especialmente cuidadosa, do discurso da narradora ou das questões relacionadas com o conteúdo da interacção em causa. A implicação revelou-se, assim, um recurso a ser utilizado "de forma inteligente e crítica", como defende Luíza Cortesão (1998).

Pudemos, pois, requalificar como mais valia da investigação, a proximidade e a implicação, desde que sejam reapropriadas como condições de possibilidade de conhecimento criadas pela "*reflexividade reflexa*". No nosso caso, esta situação tornou possível, por exemplo, a reformulação de ressentimentos contra a discriminação por parte de residentes na "comunidade" que vivem nas mesmas condições de precariedade. Permitiu também abordar o facto da nossa narradora recusar identificar-se com os que são acusados de falta de competência e de disposição para o esforço de

⁶ Veja-se por exemplo a 2ª entrevista, em que a notícia da morte da Princesa Diana é o tema com que a nossa narradora explicita alguma indignação pelo facto das nossas acções "voluntárias" não serem reconhecidas na comunidade. A recentração do diálogo na história de vida da nossa narradora, pôs a descoberto um mecanismo de identificação social que lhe serviu para expressar a própria subjectividade e protagonismo social na comunidade.

trabalho. Tornou também possível reconhecer a arbitrariedade social latente nos processos de diferenciação das trajetórias de mobilidade social. Esta situação, ao mesmo tempo que era naturalizada pela nossa narradora, era também objecto da sua indignação, com a tomada de consciência de que o facto de ter vendido, até à exaustão, a força do seu trabalho em diversas actividades, não foi suficiente para escapar à condição de mão de obra barata, desqualificada e disponível para manter o ritmo de desenvolvimento industrial no qual participou.

Que mecanismos sociais e efeitos psíquicos e sociais poderiam justificar esta tomada de posição tão ambígua e contraditória?

1.1.5 O redimensionamento dos fenómenos sociais e da sua representação

Um dos recursos práticos de que nos apropriámos como meio de construção de possibilidades de conhecimento, foi a metáfora dos mapas, explorada no trabalho de Sousa Santos (1988; 1999) que nos permitiu compreender a diferença do conhecimento que é construído pelo contacto e observação directa dos fenómenos e dos actores sociais e/ou pela objectivação dos mecanismos e processos que estruturam as relações nos diversos campos sociais.

Ao analisar as virtualidades teóricas e analíticas da cartografia simbólica, Sousa Santos apresentou-nos a possibilidade de não termos que prescindir do nosso lugar de sujeito empírico, em nome da nossa construção como epistémico, para aceder a uma representação complexa e diferenciada da sociedade, como forma de organização da vida social complexa.

O que o autor nos dá a saber é que na prática social, os fenómenos que reconhecemos como característicos de diferentes escalas de análise, não existem isolados, mas antes convergem e interagem de diferentes maneiras na mesma acção social⁷ e que a sociedade é constituída pela operação simultânea e em diferentes

⁷ No desenvolvimento da cartografia simbólica do direito o autor pôs em evidência que, na prática social, as diferentes escalas jurídicas não existem isoladas e apesar da prática social ser atravessada por formas de direito local e informais, não oficiais e mais ou menos costumeiros, as formas jurídicas que são visíveis à escala

escalas, de diferentes formas de prática social, em nome do aprofundamento do nosso conhecimento sobre a realidade social vivida e construída pelos sujeitos.

No entanto, e talvez para salvaguardar o risco de um relativismo espontâneo, o autor argumenta que o facto da prática social ser atravessada por formas de direito locais informais, não oficiais e mais ou menos costumeiros, não evita que o comportamento dos diferentes tipos de agentes que actuam nestes espaços, seja regulado por regras e relações contratuais estabelecidas a partir de práticas ou de agentes dominantes.

Pensamos que é importante revisitar aqui o modo como esta forma de imaginar a realidade social é construída, através de um processo controlado que distorce o que é experimentado e objectivado a partir de posições diferentes, mas que não é neutro, na medida em que implica decisões que não são meramente técnicas, atendendo, por isso, aos interesses e à ideologia de quem os solicita e/ou produz .

O autor descreveu-nos os três mecanismos de distorção controlada da realidade a objectivar - a escala, a projecção e a simbolização - chamando a nossa atenção para o facto de que, apesar da dimensão e do rigor técnico serem muito importantes e evidentes no trabalho de produção dos mapas, este processo de representação de elementos em relação, num dado terreno (neste caso social e simbólico), não é neutro.

Na verdade, a visualização, a leitura e a orientação que nos é dada por qualquer mapa, baseia-se numa série de decisões que são ideologicamente informadas. São estas decisões que irão definir a distância e a posição relativa dos elementos situados num terreno, a relação entre eles e destes com os “acidentes” deste mesmo campo. Estas posições e relações serão definidas por um trabalho de selecção dos detalhes ou características que o cartógrafo reconhece como mais significativos e relevantes do campo representado e que produzem a visibilidade de diferentes redes de factos e de diferentes padrões de relação.

nacional, situam-se no quadro de uma rede mais ampla de factos económicos políticos e sociais, enquanto as formas jurídicas geradas à escala local só são visíveis quando há conflito que põem em causa a continuidade das relações sociais. Refere que, estes mesmos conflitos relevantes na escala local, de direito que na escala nacional

Por outro lado, é importante reter que a mudança de escala é qualitativa e não apenas quantitativa, pelo que o fenómeno só pode ser representado numa escala. Neste sentido, devemos-nos manter alerta para os erros que podem resultar do não reconhecimento da escala em que o fenómeno é contraído e analisado e que seria um outro fenómeno se analisado em outra escala de projecção.

Quanto ao que é dado a “conhecer” pelos mapas cognitivos da realidade social, Santos (1988; 1999) refere que a representação do mesmo conjunto de factos ou de relações objectivas que configuram uma dada realidade social, se for operada em grande escala, resultará uma imagem mental cheia de detalhes, rica de descrições pormenorizadas e viva de comportamentos e atitudes em que os sujeitos implicados têm visibilidade. No entanto, estes mesmos elementos, projectados numa pequena escala, constituirão apenas sinais discretos de acidentes mínimos do terreno em que se situam. Em compensação, são estes sinais que nos poderão fornecer as referências gerais e abstractas que determinam com rigor a relatividade das posições, ou seja, os ângulos entre as pessoas, entre pessoas e coisas e a complementaridade de escalas. Trata-se de uma representação que é especialmente sensível às distorções entre parte e todo, passado e presente, funcional e disfuncional. A representação em grande escala, por sua vez, é mais adequada à identidade de posições, necessariamente mais particularistas.

No entanto, há ainda outros dois mecanismos de distorção da realidade (miniaturização) que tornam os mapas cognitivos manipuláveis e ricos na informação armazenada – “mecanismo de projecção” e “mecanismo da simbolização”.

É através do “mecanismo de projecção” que se delimitam os contornos dos fenómenos e que se organiza o interior dos mesmos em subespaços, cujos ângulos, formas e direcções definem o que deve ser entendido como centro e periferia da realidade representada. Dado que o centro dos mapas mentais tende a reflectir relações de familiaridade e vizinhança, tendemos a considerar como universal o que mais não é

constituem pormenores minúsculos, que não merecem ser assinalados, no quadro das relações económicas (cf Santos; 1988)

do que uma concepção própria da realidade social, definida a partir de uma posição no campo social visado. Isto explica a razão por que a subjectividade das acções sociais pode ser tomada como ponto central na análise de um dado fenómeno social, da mesma forma que o podem ser as características objectivas e gerais das acções sociais.

Por outro lado, a representação cognitiva da realidade, constrói-se também por decisões relativas à simbolização, aos sinais com que se sinalizam os fenómenos e outros elementos seleccionados como característicos de um dado território ou realidade especial. Santos refere que a representação da realidade varia conforme o contexto de produção e os usos específicos a que o mapa se destina, podendo ser mais figurativa ou abstracta, mais emotiva e experiencial ou mais referencial e cognitiva.

Assim, a acção social e os acontecimentos, tanto podem ser dados a conhecer através de descrições formais e abstractas, o que garante um significado inequívoco, explicitamente “indicado” pelo uso de sinais mais ou menos uniformes, que imprimem uma determinada racionalidade ao fluxo contínuo da acção social, como pode também acontecer que a descontinuidade da acção social e dos acontecimentos na interacção social, sejam integrados nos contextos complexos em que ocorrem adquirindo assim a forma de devir histórico. Neste último caso, a representação da realidade será construída como descrição sensível de pessoas humanas onde os não ditos, as palavras de fundo e a ambiguidade de sentidos, irão salientar alguns aspectos observados, recorrendo a conceitos, temas figurativos e sinais icónicos, emotivos e expressivos (cf. Sousa Santos; 1988, 1999).

O discernimento das escalas em que os fenómenos sociais são projectados e da linguagem que os simboliza tornou-se, assim, um instrumento de trabalho, na construção de possibilidade de conhecimento que nos desafia a superar os limites de visibilidade e de interpretação gerados pela nossa implicação, sem ter que recusar a validade de outros conhecimentos adquiridos através da experiência imediata dos fenómenos e de relações que só podem ser reconhecidos através dos mapas cognitivos que privilegiem a projecção em grande escala e o modo de simbolização que Sousa Santos (1999) caracteriza como “estilo bíblico”, por oposição ao “estilo homérico”.

Esta possibilidade de discernimento das escalas e formas de simbolização que constituem as representações sobre a realidade social, parece fundamental para reconhecer que a opção entre paradigmas teóricos é mais do que uma simples opção pela linguagem quantitativa ou qualitativa como meios de representar fenómenos macro ou micro sociais. Os mapas não contêm apenas esquemas de pensamento, contêm e reproduzem significados que tornam "verdadeiros" ou válidos modelos específicos de relação entre factos e pessoas e que não são meros sinais a utilizar para produzir evidências ou demonstrar relações constantes entre fenómenos.

Optar por paradigmas, metateorias e teorias sociais é, assim, confrontarmo-nos com mapas que nos fornecem referentes de leituras dos fenómenos sociais, que pressupõem a selecção dos detalhes que criam a relevância de redes de factos e significados e dos padrões sociais que nos dão a estimativa da distância e a relação entre posições sociais. Pressupõe também a opção pela centralidade ou pelo carácter periférico da subjectividade ou condições estruturais que justificam a oposição de interesses e a diferença de condições com que cada grupo participa na luta pelos recursos materiais e simbólicos que definem a sua posição nos diversos campos sociais.

1.2. Da redefinição de ângulos de visão à construção de quadros de (re)significação

Para Paulston (1992) a diversidade e a fragmentação dos constructos de conhecimento, criou a possibilidade de os novos discursos teóricos emergentes proporem modos de ver e de conhecer que são muitas vezes contraditórios. Em resposta a esta fragmentação, o autor justifica a necessidade de elaboração de mapas conceptuais que forneçam orientação cognitiva e política do trabalho intelectual os quais integrem os níveis macro e micro da análise social e que criem a possibilidade de novas combinações das teorias existentes, na medida em que "actualmente nenhuma visão do mundo ou modo de conhecer pode reclamar para si todo o espaço de visão ou

de conhecimento da realidade”.

Paulston apresenta-nos, então, um mapa que nos permite localizar diferentes teorias sociais em dois grandes campos - o paradigma humanista e o paradigma funcionalista. Na sua perspectiva, as teorias desenvolvidas por um ou por outro paradigma podem ter uma orientação radical, que imagina a realidade como história e transformação social⁸.

Na mesma linha de pensamento, Burrell e Morgan (1989) apresentam-nos um mapa que opõe o humanismo e o estruturalismo como paradigmas que, embora problematizem igualmente as relações de dominação e a possibilidade de emancipação, diferem na concepção dos fundamentos da transformação social. Esta transformação é entendida pelo humanismo como potencialidade da consciencialização ou desalienação dos sujeitos face às suas circunstâncias de dominação e privação e é entendida pelo estruturalismo radical como possibilidade criada pela própria análise do conflito estrutural, dos modos de dominação e da contradição e privação vigentes na regularidade das relações constitutivas do mundo social "real"/objectivo, enquanto formação social total (cf. Burrell e Morgan; 1989).

Superado o preconceito de que as relações de dominação e a possibilidade de emancipação são conteúdos específicos do paradigma estruturalista, tendencialmente realista- objectivista, do que estaria distante o humanismo devido à leitura idealista-subjectivista da realidade que propõe, estamos dispostos a combinar teorias no processo de produção de um conhecimento em que a reprodução e a transformação social possam ser imaginadas a partir da análise de determinantes objectivas e do entendimento dos modelos e diferenças culturais que são ocultados nos significados, através dos quais se exercem pressões sócio- políticas, falsamente legitimadas, que dominam ou reprimem o pensamento e a acção dos sujeitos.

No entanto, a tarefa não nos parece simples, na medida em que os pontos de vista

⁸ O autor situa também no campo do paradigma humanista a fenomenografia, a etnografia e o interacionismo pragmático e no campo do paradigma estruturalista as teorias do capital humano, da modernização, neo-funcionalista preocupadas com o estado actual da cultura e da sociedade.

baseados em cada uma das duas formas de existência da realidade social — objectivismo e subjectivismo - têm oposto os argumentos com que Bertaux (1980;1981;1988) e Ferrarotti (1980;1983), exploram as potencialidades heurísticas das histórias de vida, como metodologia de investigação das ciências sociais e humanas. Vistas pelo primeiro como meio de aceder a padrões universais da experiência de categorias sociais, as histórias de vida são consideradas pelo segundo como meio de acesso à singularidade da experiência subjectivamente construída como história singular, não determinável *a priori* por condições objectivas.

Trata-se de posições que polarizam a discussão sobre o estatuto científico das histórias de vida e que "radicalizam os limites e as possibilidades da relação sujeito/objecto da qual a ciência moderna esperava a produção de verdades universais, expressas quantitativamente e que na busca de universalidade e abstracção, dessubstancializou o sujeito empírico e produziu o sujeito epistémico, como posição esquizóide de quem está a janela, ao ver-se passar ao mesmo tempo" (Magalhães; 2000).

O autor considera que é este sujeito que requer ser recuperado na sua totalidade e refeito na sua substância, enquanto confrontação dialéctica de possibilidades/impossibilidades da projecção de si e de possibilidades/impossibilidades estruturais, confrontação quotidiana entre "a demanda de felicidade consignada nos mais diferentes projectos e reivindicações que aí acontecem e a agência humana nos quadros estruturais em que se vive concretamente".

A solução proposta por Magalhães é a de que as histórias de vida sejam assumidas como ciência que articula a universalidade com aquilo que é existencialmente único num discurso e como metodologia que incorpora criticamente as dimensões culturais, de classe, etnia, género e política, na abordagem do sujeito do conhecimento e do sujeito constituído como objecto científico, ambos requerendo ser discutidos. As ciências sociais, sobretudo preocupadas em compreender as transformações massivas, construíam esses sujeitos que como populações, observando-os como "objectos movidos pelas suas próprias constelações de factores externos...negando-lhes, ou pelo

menos negando-os enquanto outro, como outra consciência, como parceiros de diálogo” (Magalhães; 2000).

Na sua perspectiva, a legitimação das histórias de vida deveria consistir “numa deslocação do seu estatuto de conhecimento da ordem técnica e da cientificidade, para uma dimensão funcional e paradigmática diferente, ou seja, para um novo terreno de legitimação científica - o da ética, da política, da subjectividade e dos projectos pessoais e dos grupos onde se possa construir o conhecimento desejável” (Magalhães; 2000).

Trata-se de uma deslocação possível ao abrigo do paradigma emergente que, tal como refere o autor, citando Santos, remete a “discussão da verdade para o seu acontecer na prática da sua própria construção que é social e cultural” e que torna problemática a dicotomia e a incomunicabilidade produzidas entre sujeito e objecto, por um modo de exteriorização do objecto a conhecer, conseguido à custa da interiorização do sujeito que conhece bem a relação do conhecimento científico com outros saberes sobre o mundo social.

1.2.1 A reapropriação do discurso do compromisso num outro lugar de conhecer

Iniciámos este capítulo expressando a preocupação de não ocultar o quanto a escolha da metodologia das histórias de vida radicava em contradições e dúvidas vividas pessoalmente que exigiam uma nova forma de abordagem da realidade em causa. Confessámos mesmo que dependia desta abordagem a nossa reconciliação com a imagem da comunidade local como espaço de relações humanas passíveis de uma intervenção que fosse consequente com o ideal de emancipação que legitimou o esforço colectivo de transformação das condições de vida no nosso tempo, que consagrou como valores a universalizar, a igualdade, a liberdade e a fraternidade.

Neste momento, não podemos deixar de admitir o quanto nos “pré-ocupam” as implicações sociais desta escolha de constituir a narrativa de vida de uma mulher em circunstâncias de tão grande desvantagem, como lugar de produção de testemunho

histórico, que aspira a ser validado como conhecimento científico-social.

Tememos que esta objectivação da vida possa contribuir quer para trivializar o sofrimento dos grupos que ainda são mantidos em silêncio, quer para relativizar a indignação dos que ainda resistem contra a reprodução da desigualdade estruturalmente estabelecida. Tememos também que a ênfase na subjectividade individual, valorizada pela metodologia das histórias de vida, afaste o nosso pensamento do lugar onde se institui que cada indivíduo é cidadão contemporâneo, para o situar no contexto imediato de produção e reprodução da vida social, onde o tempo e o espaço de oportunidade são criados e regulados pela acção interessada dos grupos favorecidos por uma posição social herdada e/ou adquirida pela posse de capital económico, convertido em poder simbólico.

Vista no contexto da Comunidade, como lugar de oportunidade, a vida desta mulher frustra as expectativas de mobilidade social que se imagina que tenham estado igualmente disponíveis para todos os grupos sociais. Atribuir a responsabilidade das circunstâncias que constituem esta trajectória de vida à subjectividade desta mulher, seria no mínimo injusto!

Tememos, assim, ser levadas pelo próprio processo de produção de conhecimento, a restringir a nossa análise e argumentação aos fenómenos projectados na grande escala, que são enunciados pelo discurso em primeira pessoa, o que pode omitir ou ocultar os mecanismos generativos de condições, interiorizadas como disposições sociais. Tememos vir a dispensar, por falta de pertinência analítica e argumentativa, as teorias substantivas que constróem a visibilidade e conferem inteligibilidade às relações de poder e de força materiais e simbólicas que atravessam, silenciam e reproduzem as subjectividades e a objectividade das relações sociais que as histórias de vida nos dão a conhecer, no âmbito do grupo primário e do contexto local, enquanto cenários reais que são evocados na narrativa de vida.

Tememos enfim omitir a desapropriação do poder social redistribuído pelo Estado a todos aqueles que a ele se encontram vinculados verticalmente por um conjunto de

obrigações, mas também de direitos fundamentais e inalienáveis. E a Modernidade instituiu o Estado como garantia de um mínimo ético, responsabilizando-o pela regulação da produção e redistribuição de condições materiais de existência colectiva pela sua articulação com a Comunidade e Mercado. A análise das trajectórias de vida individuais e colectivas não pode ocultar o Estado, sob pena de subestimar o poder da “gestão controlada da desigualdade e da exclusão” que lhe tem sido dado a exercer e que constitui um dos mecanismos generativos das condições, disposições e relações sociais que alimentam a dinâmica silenciosa da acumulação capitalista, inovadora de todas as formas de discriminação social.

Porém, não omitir ou ocultar estes mecanismos generativos, exige não relativizar a realidade ao ponto de prescindir de uma leitura dos fenómenos construídos em grande escala, pela narrativa de vida, que se socorra dos mapas de pequena escala com que se representam os fenómenos sociais na sua totalidade e interdependência. Sem tais mapas estamos condenados a responsabilizar os sujeitos pelas consequências da desigualdade estrutural da sociedade que se tece e é tecida por trajectórias e narrativas de vida individuais e colectivas.

Foram estas preocupações que nos tornaram especialmente sensíveis à argumentação de Morrow (1994), que propõe o realismo crítico como alternativa à abordagem empírica ou subjectivista⁹ que, segundo o autor, o relativismo pós-modernista tem apresentado como únicas alternativas.

Segundo Morrow (1994), a implicação mais importante do realismo crítico é o reconhecimento de que a construção histórica não é completamente arbitrária, mas sim construída sobre propriedades fundamentais que definem a natureza dos fenómenos sociais

Considera-se que não se pode explicar a consciência humana em termos objectivos, porque a subjectividade tem na sua base a interacção social, embora haja fenómenos de

reificação da realidade que interferem na construção do sujeito sobre si mesmo¹⁰. Estes fenómenos operam através da linguagem que, por isso, não pode ser tomada como representação literal da realidade¹¹.

Para o realismo crítico, a linguagem, ou seja, o significado, não tem existência independente dos contextos da sua produção, o que obriga a que o significado do conhecimento e da acção social seja procurado nos actos da fala dos sujeitos, em forma de proposições (sobre verdade, falsidade de algo) de ordens, promessas ou avisos e/ou de influência sobre o ouvinte e o seu estado mental¹². Considerar que a linguagem é o elemento primordial de conhecimento e de acção social, implica prescindir da análise causal em favor de uma abordagem interpretativa da determinação social, não estritamente subordinada ao político e ao económico. Para o realismo crítico, a ideologia é uma forma de conhecimento social produzida pela racionalização instrumental e pela burocratização que, segundo Weber, impõem limites à contradição capital-trabalho¹³.

No entanto, o aceitar que a interacção social é a base da subjectividade, não pode, em nenhum caso, dispensar a análise da dominação e do poder, bem como a consideração por uma psicologia profunda do *self*, sob pena de se explicar a realidade a partir de indicadores de superfície. Por outro lado, reconhecer que é possível apreender a racionalidade do quotidiano no discurso reflexivo dos sujeitos, não significa que se possam apreender aí todos os mecanismos geradores de constrangimentos e aberturas à acção emancipatória dos sujeitos.

Segundo Morrow e Torres (1997), os realistas “colocam o acento tónico no carácter

⁹ No primeiro caso a realidade social é concebida simplesmente como produto de leis invariantes e no segundo caso como “encaixe” de eventos particulares em sistemas amplos de estruturas sociais (cf. Morrow ; 1994:136-138).

¹⁰ Berger e Luckman que integraram elementos da teoria da reificação na sua teoria sobre a construção social da realidade, baseada no interaccionismo simbólico de Mead e Blummer

¹¹ Estas assumpção emerge segundo Morrow da reflexão no contexto da fenomenologia social, do interaccionismo simbólico, do pragmatismo, bem como do existencialismo, do estruturalismo e do pós estruturalismo em Foucault, Bourdieu e Torraine..

¹² este é um contributo da filosofia linguística, da teoria do significado de Austin (Morrow : 117)

¹³ Este é um dos conteúdos da crítica de Weber ao materialismo histórico de Marx

sólido e factual da realidade exterior e na capacidade que os conceitos e que o conhecimento têm de apreender e dar conta da realidade”, considerando, noutra lugar, que produzir conhecimento científico como mera (re)descrição de um mundo visto como pronto e determinado, pode levar à perda de sentido da alteridade do mundo e à perda de sentido ontológico da realidade.

Daí que para o realismo crítico seja fundamental a desocultação de mecanismos generativos que não podem ser directamente apreendidos através da análise de variáveis e da sua apropriação da análise estrutural, como forma de interpretação distinta da hermenêutica tradicional, centrada na intenção e em aspectos superficiais da cultura (Morrow e Torres; 1997).

1.2.2 O realismo crítico como desafio de reinvenção do espaço metodológico

Para os teóricos críticos, a metodologia consiste na justificação racional da teoria construída a partir da desconstrução e localização histórica do processo de produção de conhecimento e da clarificação de pressupostos sobre a natureza das coisas (natureza e sociedade) e do conhecimento.

A dimensão empírica perde o carácter meramente instrumental enquanto “racionalidade formal de procedimentos”¹⁴ e abre-se à lógica informal e não formal implícitas na própria prática de investigação e problematiza a demarcação epistemológica tradicionalmente estabelecida entre factos e crenças.

Neste contexto, a teoria deixa de ser reconhecida como produto de um modo de raciocínio ou aplicação de uma lógica de procedimentos e passa a consistir na apropriação crítica, empírica e historicamente orientada da realidade social em que se admitem vários graus de argumentação racional e a combinação da linguagem descritiva e analítica formal com a linguagem que legitima a posição ética, ideológica e política.

¹⁴ procedimentos baseados no cálculo e na perícia técnico-científica que visa a eficiência dos meios para a realização de fins “ (Morrow)

Consideramos que o espaço aberto pelo realismo crítico e pela possibilidade de integração da teoria normativa no processo de construção de conhecimento, cria uma base argumentativa que nos permite integrar a subjectividade em vez de a eliminar, em nome da garantia da universalidade e possibilidade de generalização.

1.3. O reencontro com o desejo de construir a vida como lugar de conhecimento

Pensamos que estão agora criadas as condições de distanciamento analítico e crítico mínimas de que precisávamos para nos apropriarmos das histórias de vida como prática social que pretende constituir a vida como história e lugar de conhecimento.

Quando tentámos conhecer a reflexão crítica que já está produzida em torno da metodologia das histórias de vida, apercebemo-nos do quanto esta corresponde à necessidade de definir fronteiras entre conhecimento científico e conhecimento comum.

Um dos argumentos mais ou menos implícitos é o de que a narrativa de acontecimentos biográficos faz parte das práticas sociais comuns que permitem a (co)produção quotidiana de conhecimento social e de auto-conhecimento, que ocorre no interior de um universo simbólico onde coexistem e concorrem entre si múltiplos saberes construídos pelo discurso filosófico e religioso e pelas figuras e representações construídas pelos media e pela ficção literária.

O facto das histórias de vida serem parte constitutiva da vida das sociedades e do seu auto-conhecimento, coloca questões sobre a natureza e sobre o modo de utilização do material biográfico, enquanto fonte fidedigna de conhecimento científico sobre a realidade social.

Não sendo possível fazer-se aqui esta discussão em toda a sua complexidade, gostaríamos, no entanto, de reter o que, segundo diversas propostas de análise e interpretação do material biográfico, pretende garantir a possibilidade de transformação de um depoimento oral num documento que pode sustentar o estudo de uma vida narrada em primeira pessoa. Esse depoimento, ao mesmo tempo que testemunha o

quadro das condições materiais e simbólicas que foram sendo criadas, reproduzidas e transformadas ao longo deste século, permite escutar a voz que fala, na procura de objectivar os acontecimentos e as relações que vai construindo como sujeito, deixando-se construir por eles como actor e categoria social.

Esta questão da constituição de um documento que seja investido do valor de testemunha e de voz, requer, no entanto, que nos confrontemos com as críticas de Bourdieu (1997) e de Bertaux (1980; 1997) sobre a validade histórica e sociológica do mesmo. Sendo a história de vida de um discurso produzido por um indivíduo que é convidado a pronunciar-se como sujeito e autor de uma narrativa que é pressuposto tornar-se fonte de conhecimento social, em que medida se poderá esperar mais do que a apresentação oficial de si mesmo e/ou a construção do personagem de uma aventura produzida pela procura de coerência e sentido para aquilo que vai sendo narrado? Estará neste processo a riqueza ou a vulnerabilidade do material biográfico, como fonte directa de conhecimento sobre a sociedade?

Para escapar aos limites de entendimento que são “indiciados” pela tomada de posição realista-objectivista destes autores face ao dado pelas narrativas de vida, revisitaremos a argumentação de Ferrarotti (1980; 1983; 1985) que escuta nas histórias de vida a expressão de uma subjectividade socialmente constituída, na palavra que emana de uma consciência capaz de expressar as relações sociais que atravessam a vida das pessoas.

No entanto e considerando que as estruturas sociais que são interiorizadas pelos sujeitos são constituídas também pelo significado que assumem no acto da sua enunciação, revisitaremos os argumentos dos estruturalistas hermenêuticos, para quem a facticidade das estruturas na produção do significado é ocultada aos próprios sujeitos pelo facto do discurso parecer imediatamente independente dos sujeitos e dos contextos de enunciação. O que os teóricos críticos entendem é que, tal como a gramática faz com a linguagem, também as estruturas sociais produzem estaticamente os significados que se reproduzem dinamicamente no espaço e no tempo do discurso.

É deste ponto de vista que reconhecemos o quanto a análise da história de vida não

pode dispensar nem a análise estrutural, nem a análise da acção ou do significado que é objectiva e subjectivamente construído na relação do sujeito com a sua própria vida, quando a narra como história num contexto específico de comunicação. Contamos que esta abordagem multireferenciada da vida constituída como “material biográfico”, nos permita advertir o risco de “subjectivar” ou mitigar a pobreza como circunstância em que se produz como sujeito e que se pronuncia como membro de uma categoria social.

Esta será a forma de lidarmos activamente com a percepção de que estamos a caminhar sobre o “fio da navalha”, no sentido de que, ao criar espaço de escuta de uma voz silenciada como meio de construir a visibilidade para as condições objectivas que podem justificar este silêncio, estaremos criando também a possibilidade de ocultar a acção e a subjectividade individual e colectiva que têm permitido aos grupos subordinados e excluídos, resistirem aos efeitos da naturalização e de legitimação social das condições “desumanizadas” em que “realizam” a sua vida quotidiana.

1.3.1 O desejo de retirar vidas do silencio produzido pela História oficial

Poirier considera que a história de vida “equivale a uma primeira versão da realidade e também a uma versão primeira, essencial emanada do principal interessado”. Considera ainda que a vida que é narrada testemunha costumes, hábitos, ética social, pela voz de um indivíduo que se assume como existência em si e fora de si, ou seja, de alguém que fala a partir de um campo que é exterior à sua personalidade. A história de vida é construída como documento histórico através da produção integral e/ou pela reconstrução da história narrada em diversas entrevistas em que tanto se pode privilegiar a unicidade do testemunho, quanto a verificação dos factos enunciados (cf. Poirier; 1995).

Embora o autor considere a autobiografia directa ou indirecta como construção individual e subjectiva, assume-a, sobretudo, como produção social e cultural que se inscreve “numa lógica inconsciente da memória colectiva e no quadro duma evolução dos métodos e princípios da criação estética e científica”. Essa lógica pretende fazer

falar os “povos em silêncio” através dos seus representantes mais humildes, aproximando-se, cada vez mais, do real concreto que pode ser encontrado na pessoa ou nos acontecimentos, cabendo ao investigador documentar a história de quem se narra no meio de uma trama de acontecimentos, produzindo a visibilidade de uma personalidade imersa num social interiorizado pela atribuição de uma significação pessoal ou ao ambiente social do qual a pessoa é vista como um espelho.

A metodologia da história de vida é também considerada uma “abordagem relevante para dar visibilidade a experiências e percursos de vidas femininas, que contribui para que estas sejam valorizadas nos seus próprios termos”. Neste caso, o que se procura não é o testemunho representativo de um grupo social particular, que por ter vivido acontecimentos e relacionamentos em determinados lugares e com determinadas pessoas¹⁵, pode dar conta da visão do mundo ou da diversidade ideológica num determinado período. Considera-se que as histórias de vida são uma “forma particular de exprimir as vozes femininas” e de revelar o “cruzamento de relações de poder e das múltiplas e contraditórias nas posições que as mulheres experimentam ao longo das suas vidas” em contextos e condições em que “o homem é o sujeito e a mulher é definida em relação ao homem como outro, contingente, segundo sexo, objecto, não como um sujeito igual” (cf. Poirier; 1995).

Considera-se que só o acesso ao “conhecimento do quotidiano e formas como as vidas pessoais das mulheres se articulam com as exigências profissionais” pode dar conta da simultaneidade da subordinação e acção que caracteriza as trajectórias de vida das mulheres. Assim, além de revelarem o impacto de relações estruturais de poder, controlo e regulação social, económica e política, as histórias de vida das mulheres permitem questionar o sujeito histórico activo, que é identificado como classe trabalhadora ou com as elites ou ainda com o indivíduo livre e racional inventado pela

¹⁵ Araújo refere que quando as histórias de vida são recolhidas como testemunho histórico, os problemas que se levantam a validade do conhecimento produzido são as falhas de memória possíveis; escolha de visões não genuínas do que se passara ou das perspectivas que as tinha orientado naquele período edições retrospectivas; auto-justificações; racionalizações, construção de mitos e outros perigos

tradição liberal, guiado por ma consciência de si próprio na obtenção de fins que determinou”.(cf. Araújo e Magalhães; 1999)

Mombergue refere que o interesse pelas histórias de vida pode constituir uma forma de “exotismo invertido” do próximo e do quotidiano, em que a avidez de conhecer o mundo de que são portadores os indivíduos que habitam outros universos sociais cria uma curiosidade fascinada. Considera que as histórias de vida poderiam ser analisadas do ponto de vista da multiculturalidade, no sentido de compreender o processo de individuação como apropriação pelo sujeito das pertenças e vozes dos mundos sociais que habita e que o habitam. Neste sentido, as histórias de vida poderiam ser analisadas como expressão de múltiplas vozes e pertenças que são apropriadas pelo sujeito que as faz suas e que expressam a sua imersão e mobilidade num espaço multicultural que exige a constante mobilização de códigos de socialização diversos e eventualmente contraditórios em resposta a mudanças de actividade profissional, classe social, geração e/ou família.

Esta perspectiva remete-nos para a Escola de Chicago, onde se desenvolveu o interaccionismo simbólico de Mead desde os anos 20. Aí, as histórias de vida constituem um método privilegiado para aceder ao vivido, à imagem de si, aos conflitos de papéis, à história psicológica, às trajectórias de vida e às estruturas de produção, sendo dada uma atenção especial às situações de desvio.

Os investigadores recorrem não só a relatos de vida mas também a outras formas de documentos pessoais, tais como cartas, diários, entrevistas abertas, etc., nos quais procuram apreender os valores, as definições de situação, as regras adquiridas pela experiência e o processo social em que estão inseridos.

Para os interaccionistas simbólicos, as histórias de vida são um meio privilegiado para aceder a domínios activamente estruturados na vida do dia-a-dia e aí conhecer a orientação instrumental ou estratégica dos actores nos seus contextos organizacionais ou em situações específicas.

No entanto, este tipo de abordagem comporta alguns riscos, que são ilustrados pela primeira história de vida de gente comum que participou para a redescoberta da

tradição biográfica antropológica criada pela Escola de Chicago: *Os Filhos de Sanchez*, de Oscar Lewis. Nesta história de vida o autor descreve os modos de vida elaborados em meios deserdados das grandes cidades, e afirma que “a cultura dos pobres comporta características universais que transcendem as distinções regionais, rurais ou urbanas e mesmo nacionais”. Com isto arrisca-se a constituir “os pobres” como “humanidade à parte” tal como denuncia Ferrarotti (1980).

Embora tanto para os historiadores quanto para os etnógrafos as histórias de vida sejam uma das poucas maneiras de resgatar a memória colectiva não registada por escrito, dar voz a grupos silenciados pode contraditoriamente produzir silêncio sobre o lado não oficial dos acontecimentos, à memória proibida, clandestina, da dominação e do sofrimento que jamais se puderam exprimir publicamente.

Segundo Birkenau, citado por Preuss (1990), “o silêncio sobre os factos é muito mais uma opção do que um esquecimento, porque mesmo a nível individual, o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”. O documento de vida, construído a partir de narrativas biográficas, não é o resultado de uma relação espontânea em que basta deixar fluir a narrativa para nela captar o singular e o geral, o simbólico e a estrutura.

Para Chanfrault-Duchet (1988), a história de vida não pode ser tomada nem como palavra autêntica, em bruto, como “outra” palavra liberta das condições de determinação do discurso dominante, nem como resultado de uma entrevista em que o narrador é um informador ou testemunha sobre um período, um acontecimento, um problema. A oralidade não é espontaneidade e nem toda a palavra é autêntica, na medida em que a linguagem é vista no contexto e no âmbito das determinações psicossociais. O grau de liberdade de quem narra depende, a cada momento, da interacção de vários tipos de tensão, que produzem de certa forma o investigador, o narrador e o mundo, numa relação que, sendo de comunicação, de interacção e diálogo, é também relação entre posições e papéis sociais. Ignorar esta tensão, seria subestimar o facto de que “todas as sociedades são atravessadas em maior ou menor grau, por relações de dominação que são ocultadas nos contextos de acção comunicativa sem

condições ideais de comunicação” (Torres; 1994).

1.3.2. As potencialidades heurísticas contidas na ideologia e ilusão biográficas

Para Bertaux (1980), a ideologia biográfica consiste na tendência de quem narra a vida para imprimir uma lógica interna à sua vida como unidade, à custa da omissão, da diversidade e de eventuais contradições. O que a narrativa de vida revela não é a vida vivida mas antes o produto da relação que o narrador estabelece com este vivido, numa interação de face a face solicitada por um pedido exterior.

O autor considera que a história de vida não pode dar conta da vida, porque o vivido não é transparente ao próprio sujeito¹⁶.

Por outro lado, as narrativas de vida não são também um fragmento particular da realidade socio-histórica. O que as narrativas de vida expressam é uma relação básica do narrador com o mundo que não é mero resultado da personalidade. Há formas típicas de conhecimento social que estão contidas nas práticas do “actor”, considerado por esta abordagem como membro de uma categoria social, definida pela actividade profissional ou pela pertença a uma comunidade de situação¹⁷ ou de linhagem¹⁸.

Para Bertaux (1980; 1988), a narrativa de vida é um meio de observação da realidade, entre outros. No entanto, o autor considera-o o melhor para aceder ao sentido das práticas individuais e captar nelas o "entrecruzamento entre movimento histórico, estruturas sociais e biografia". Segundo o autor, nenhuma outra abordagem permite desocultar mundos sociais que coexistem numa mesma sociedade que se desenvolvem segundo a sua própria sub-cultura, permitindo descobrir como as experiências pessoais se articulam sobre saberes práticos e seus contextos sócio- históricos em que se inscrevem.

Embora Bertaux parta do pressuposto de que a maior parte dos cursos de vida está

¹⁶ Obras datadas de 1961 e 1969: *Antropologia de la pobreza* (1961), *Os Filhos de Sanchez* (1969)

¹⁷ por exemplo situações de marginalidade, pobreza etc.

¹⁸ Por exemplo reconstruem-se percursos para analisar a influência da genealogia familiar nas relações da escola e passagem da escola a vida profissional

"quebrado" ou seja, contém rupturas e descontinuidades, a investigação não se limita a identificar práticas e nem lhe interessa identificar qualquer lógica inerente às narrativas de vida. O que se procura é apreender os mundos sociais que dão a conhecer os vários efeitos constrangedores dos relacionamentos sócio-estruturais nos encadeamentos, nas contradições e no movimento de uma narrativa elaborada pelos sujeitos.

Para Bourdieu (1997), o que as histórias de vida revelam é a propensão do indivíduo em tornar-se ideólogo da própria vida, constituindo uma ilusão retórica. Trata-se de um processo de "criação artificial de sentido" que implica a selecção e a atribuição de sentido de causa ou de fim a acontecimentos significativos com o que o indivíduo estabelece conexões e dá coerência ao que não é mais do que eventos dispersos, justapostos. O autor considera que uma vida só pode ser narrada como história, com ordem cronológica e lógica, princípio, razão de ser, etapas e fim ou finalidade, pela organização do vivido à posteriori, construindo-o como sequência ordenada de acontecimentos. O que cria a ilusão biográfica, ou seja, a imagem de que a história de vida é a expressão unitária de uma intenção subjectiva e objectiva de um projecto, é o facto do narrador procurar extrair uma lógica, ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, de uma ordem que ele próprio criou e à qual procura dar consistência, constância e a inteligibilidade.

Para Bourdieu, a história de vida deve ser entendida como a apresentação pública e a oficialização de uma representação privada da própria vida, tanto a nível da forma, quanto do conteúdo. Para o autor, o que favorece e autoriza a experiência comum da vida, vivida como unidade e como totalidade, são o *habitus*, as instituições de totalização e de unificação do eu, tais como o nome próprio e as certidões de atribuição.

Bourdieu considera as histórias de vida como produto de coacções e censuras específicas, que podem ser inconscientes mas que estão presentes na situação de investigação, ou seja, da distância objectiva entre investigador e o sujeito narrador, da capacidade do primeiro de manipular a situação de entrevista, bem como as representações de ambos sobre a situação da investigação, adquirida por experiência

directa ou indirecta de situações equivalentes.

Para Bourdieu, “a tentativa de compreender uma vida como série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outros vínculo que não a associação de um sujeito cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajecto de metro sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações entre as diferentes estações”.

A noção de trajectória, vivida como devir em transformação, por um mesmo agente ou grupo que ocupa uma série de posições, deve ser entendida como “colocações e deslocamentos no espaço social¹⁹ que, para ser compreendida, exige que se construa previamente da superfície social²⁰ como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio” .

Tanto para Bertaux (1980; 1988) como para Bourdieu (1997), a história de vida narrada é entendida como ficção mais do que como fonte de informação fidedigna sobre a realidade social. Entende-se que o material biográfico é uma construção de si mesmo por um sujeito que assim reinventa a sua relação com o passado, presente e futuro.

Achamos interessante o termo “indícios” para “requalificar” a ilusão biográfica e a ideologia biográfica, como potencialidades de conhecimento social inerentes à metodologia das histórias de vida. O termo “indício” é utilizado por Ginzburg (1990) para se referir a pistas que podem levar à desocultação e à construção de conhecimento sobre determinados fenómenos²¹. Trata-se de um modo de uma das “formas de saber tendencialmente mudas, no sentido em que as suas regras não se prestam a ser formalizadas ou ditas” e que vem participando no desenvolvimento de diferentes domínios de conhecimento, confrontando as ciências humanas com “o dilema entre assumir um estatuto cientificamente frágil para chegar a dados relevantes ou assumir

¹⁹ por exemplo situações de marginalidade, pobreza etc.

²⁰ conjunto de relações objectivas que unem o agente ao conjunto de outros agentes envolvidos e confrontados no mesmo espaço dos possíveis e conjunto de posições simultaneamente ocupadas por uma individualidade biológica socialmente instituída, que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permite intervir como agente eficiente em diversos campos.

um estatuto forte para chegar a resultados de pouca relevância”.

Parece-nos que o problema que é aqui levantado é o da possibilidade de conhecer decorrente da orientação quantitativa e antiantropocêntrica que, segundo o autor, pressupõe “um tipo de rigor que é não só intangível como indesejável, para as formas de saber mais ligadas à experiência quotidiana – ou mais precisamente a todas as situações em que a unicidade e o carácter insubstituível dos dados são decisivos, aos olhos das pessoas envolvidas”(1990).

É neste sentido que o próprio carácter fragmentado dos acontecimentos e dos actos, que é reconstruído subjectivamente na (co)produção da narrativa de vida, pode ser requalificado como potencialidades heurísticas por outras formas de entender as histórias de vida como lugar de produção social reprodutora e/ou transformadora.

1.3.3 - A Vida como totalidade histórica, societal, etnosocial e pessoal

Para Ferrarotti (1980; 1983), o vivido social que é apreensível no acto singular do discurso é o anúncio pelo indivíduo daquilo que foi produto, na medida em que a história de vida constitui uma unidade sintética em que um eu enunciativo organiza de forma auto-referencial todo o espaço do discurso e todo o espaço existencial. Considera que é o facto do indivíduo construir o sentido para os acontecimentos e para os seus actos, pela ordenação, associação e oposição dos elementos da sua vida, que revela a sua crença num devir individual que nos pode dar conta dos valores e das representações de que é, com que avalia a sua vida, imprimindo-lhe um princípio de comparação e de ordenamento.

O que é procurado, neste caso, não são padrões de relacionamentos sociais passíveis de serem generalizados, na medida em que se assume que as histórias de vida nos confrontam com a relação complexa, não determinável *a priori*, entre as condições

²¹ o autor refere que este modo de conhecer é a base da psicanálise que considera que os "signos que têm a involuntariedade dos sintomas" podem revelar fenómenos profundos de notável alcance"

objectivas e o vivido. A questão da representatividade²², por exemplo, é substituída pela singularidade e exemplaridade, como critérios igualmente legítimos para validar cientificamente o conhecimento em ciências humanas e sociais. Considera-se ainda que a biografia só se pode tornar num instrumento de análise social se a sua unicidade e plenitude concreta for respeitada, se não for destruída pela objectividade e a intencionalidade nomotética, que separa sujeito-objecto e retira o observador do campo epistemológico.

Esta perspectiva contesta a dissolução da biografia em fragmentos heterogéneos que resulta da abordagem da realidade social como "coisa" passiva, quando os materiais biográficos são produzidos por um sujeito-objecto que se observa e reencontra no quadro de uma "interacção social que é bastante mais densa do que as relações observador observado" (Ferrarotti; 1980).

Para Ferrarotti, o facto de alguns investigadores que subestimam o valor da subjectividade para o conhecimento científico recorrerem ao material biográfico como informação objectiva da realidade e/ou como exemplo é um paradoxo, na medida em que a realidade social é lida por sujeitos historicamente determinados e os elementos autobiografados são susceptíveis de deformações.

Ferrarotti aponta como problemas epistemológicos a transformação da biografia em dados, em "ficha sociológica"²³ ou a sua redução a uma "fatia de vida"²⁴ social que ilustra um quadro situado a um nível mais alto de abstracção. O autor considera que no primeiro uso da narrativa de vida, a unidade sintética é destruída e passa a constituir um conjunto de materiais justapostos que são traduzidos em informações fragmentárias, enquanto no segundo caso o que ocorre é a ruptura lógica que "transforma todo acto social específico numa verificação a posteriori da validade ou operacionalidade de um modelo formal ou taxionomia social" (Ferrarotti; 1980).

²² substituindo as amostras populacionais pela recolha de sucessivos relatos de vida até que perante a repetição, se consiga construir representações mentais dos processos que interessam ao investigador

²³ os dados recolhidos só serão utilizados segundo as suas potencialidades na confirmação ou negação de hipóteses, estabelecidas num quadro interpretativo mais vasto e verificável pela metodologia convencional

Segundo o autor, a epistemologia lógica-formal dilui a subjectividade na vida objectiva da biografia dos acontecimentos e/ou põe o particular e o específico e o único à margem do conhecimento científico. O mesmo pode acontecer com a epistemologia da subjectividade nas ciências humanas e sociais quando dá ao material biográfico o estatuto de suporte concreto das suas proposições mas relega-o a um lugar marginal ao quadro analítico. Neste caso, a biografia é igualmente transformada num meio de verificação de um modelo interpretativo. O maior risco para Ferrarotti está, no entanto, no uso da história de vida como ilustração sem a referência a algum modelo geral que estabeleça uma ponte de mediações hipotéticas porque, neste caso, as histórias de vida podem servir para legitimar e escamotear o concreto, quando este contradiz o modelo implícito (Ferrarotti; 1980).

Para Ferrarotti, a riqueza das histórias de vida está na possibilidade de analisar a relação dialéctica entre a realidade vivida e as características globais da situação histórica "datada", para conhecer do interior, a dialéctica da visão pessoal de uma personalidade individual que se forma ao transformar a actividade.

Na base deste seu pensamento está a perspectiva de Sartre, cuja fenomenologia reflecte a sensibilidade política e militante dos marxistas ortodoxos que se apropriaram da abordagem biográfica, para se aproximarem da vida concreta das categorias sociais mais representativas de relações dominadas pelo jogo das forças produtivas²⁵, sensibilidade essa que tem a sua raiz no pressuposto afirmado na VI tese de Feuerbach de que "a essência do homem não é uma abstracção inerente ao indivíduo isolado, é na sua realidade, o conjunto das relações sociais".

Nesta perspectiva, o sujeito é entendido como "cruzamento de determinações históricas e de estruturas sociais, enquanto ser engajado num projecto que totaliza as

²⁴ ²⁴ neste caso o concreto é usado como exemplo significativo de alguns aspectos da análise estrutural, num campo de trabalho teórico interpretativo, que separa e opõe a forma (abstracta) ao conteúdo (concreto) do facto social.

²⁵ Nos anos 50 Ferrarotti recolhia materiais biográficos no Sul de Itália para ilustrar o "corte entre o mundo camponês e a sociedade técnica - personificados em tipos específicos, que os materiais biográficos pormenorizavam", mais tarde passou a ver nas histórias de vida uma forma de "atestar publicamente como os pobres são forçados a viver" ou "como uma pequena cidade tradicional onde grandes projectos industriais submetem as pessoas a consequências negativas da industrialização".

dimensões do seu passado, seu presente e seu devir (Ferrarotti; 1980).

Consequente com esta posição, assume-se que o que todas as narrações autobiográficas relatam é “uma praxis que se apropria, interioriza e volta a traduzir as relações sociais (estruturas) em estruturas psicológicas”. As histórias de vida são entendidas como “corte horizontal ou vertical, uma *praxis* humana” que só a razão dialéctica permite compreender cientificamente (cf. Ferrarotti, 1980).

É a relação dos sujeitos com as estruturas e com a história social que lhes impõe uma *praxis* sintética, fazendo com que a universalidade da estrutura social se singularize e a história social colectiva se individualize, fazendo com que todo o sistema social possa ser encontrado integralmente nos actos, em cada um dos sonhos, delírios, obras e comportamentos (cf. Mombergue; 2000).

Considerando que toda a actividade humana é uma actividade sintética, não basta saber como dada categoria social vive quotidianamente ou reconhecer em que condições de vida e através de que práticas concretas os sujeitos individuais e colectivos respondem às determinações sócio- económicas. O que Ferrarotti propõe é que se procure apreender as mediações que ligam o processo da vida pessoal — as instituições locais, família, pequenos grupos — e os processos macrosociais, pois a unidade mais simples de uma vida social pode não ser o individual, mas o pequeno grupo, incluindo a família. O que importa, nesta perspectiva, é reconstruir o “processo que faz de um comportamento a síntese activa de um sistema social, pela interpretação de um fragmento da história social objectiva, partindo da subjectividade não estudada de uma história individual” (cf. Bertaux e Kohli; 1984).

A própria história de vida é considerada, neste caso, como uma mediação, ou seja, como uma *praxis* interactiva que torna visível a operação dupla e complementar de desestruturação/reestruturação do espaço histórico e social a partir do qual é elaborada e da situação em que a narrativa é produzida como actividade discursiva e pragmática.

A narrativa de um acto ou de uma vida é assumida como um acto de totalização sintética de experiências vividas, uma forma de acção social, uma mediação de uma interacção social presente, em que o indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida pois

esta não pode ser abordada senão como unidade sintética.

Segundo Helena Araújo, esta perspectiva faz o sujeito reentrar na história, enquanto vida histórica dotada de todas as dimensões económicas, sociais e sócio-psico-antropológicas. A experiência histórica é vista como experiência social, económica e cultural, em sentido lato. O não reconhecer que “é através da experiência e do vivido que os homens e mulheres convertem as determinações objectivas em iniciativas subjectivas”, (Thompson, citado por Araújo; 1990), além de ocultar a parte que cabe à iniciativa humana, aos valores e acção geradora de estruturas, cria os marginalizados da história (cf. Araújo; 1990).

Segundo esta autora, há, no entanto, tensões que não estão ultrapassadas no trabalho de Ferrarotti, designadamente a separação entre a análise do fenómeno estrutural e a análise dos valores e do vivido, em que o autor trata as estruturas como processos condicionantes em primeiro plano, remetendo a análise de valores e do vivido para a biografia do indivíduo e do grupo primário²⁶. Se, por um lado, esta abordagem se arrisca a criar a tentação psicologizante de construir a sociedade a partir do grupo primário, a ênfase dada ao mundo das experiências vividas e partilhadas em conjunto, arrisca-se também a parcializar o social e a excluir os sentidos atribuídos pelos actores à vida social (cf. Araújo; 1990).

1.3.4 A descoberta do sentido como caminho que se faz a caminhar-entre-textos

Descobrir o sentido que os sujeitos atribuem à acção que, por sua vez, lhes dará a auto-compreensão do seu lugar no mundo, é ir para além do que é dado objectivar no dado como informação sobre a trajectória ou o contexto, porque requer que nos coloquemos no lugar do outro e para além dele, no sentido em que o que se procura e apreende não é só a sua visão das coisas, mas também os significados e o processo por meio dos quais esta visão é construída.

Na verdade, é inevitável reconhecer que o que uma narrativa de vida oferece não

são factos mas sim palavras, pelo que só através da interpretação podemos aceder à experiência e, neste caso, ao pensamento do sujeito.

O texto é mais do que a descrição de fenómenos sociais, é ele próprio um fenómeno a interpretar, que contém e está contido na realidade social que perde a sua exterioridade e autonomia relativamente à acção do sujeito. Tal realidade social é exteriorização do interior da ordem social, que é interiorizada no *habitus* dos sujeitos que a exteriorizam; é exteriorização da estruturação social dos diferentes campos de relacionamento e a interiorização destas mesmas estruturas, materializadas nas práticas e na linguagem como objectividade.

Partindo do pressuposto de que a realidade social está na linguagem e que só esta pode dar acesso a si mesma, a oposição entre vivido e linguagem, sujeito e objecto, individual e social deixa de fazer sentido porque a sua explicação não pode ser encontrada só no mundo exterior em factores puramente externos nem na interioridade do sujeito. Interação e realidade são, assim, relações de acção e de produção de sentido entre indivíduos ligados entre si pela linguagem.

Esta constatação implica a interpretação como modo de compreender a realidade que integra o investigador no objecto que estuda, porque a realidade estudada é construída com a sua participação. O conhecimento e o seu objecto, ou seja, o sentido dado à acção, serão produzidos pelo olhar e pela palavra, sua e do outro, numa situação de comunicação. Os objectos simbólicos constituem realidade social na interacção humana e o acesso a esta realidade só se faz através deles.

É na situação de comunicação que o indivíduo construirá a apresentação de si mesmo, como hermeneuta, explicitando as etapas e os campos temáticos da sua construção biográfica. É o objecto, assim construído, que é necessário compreender pela “descrição das condições e circunstâncias complexas generativas dos comportamentos biográficos inscritos em contexto multireferencializados” (cf. Mombergue; 2000).

²⁶ porque a dinâmica dos grupos não pode ser aplicada *mutatis mutandis* à sociedade no seu conjunto e porque os grupos, tal como os sujeitos, são sínteses de conjuntos específicos de relações sociais submetidas a

Quando o sujeito organiza numa totalidade inteligível, uma diversidade de eventos e incidentes, transforma uma simples sucessão numa configuração, na qual os actores, palavras, meios, interacções, circunstâncias e resultados desconjuntados, aparecem num quadro paradigmático estabelecido pela sintaxe da acção. Compõe, assim, uma totalidade significativa em que cada evento é definido como contribuição para a conclusão da história narrada. Os saberes construídos pela hermenêutica são construções que se imaginam e inventam elas mesmas a sua própria pertinência, não podendo ser submetidas à verificação de alguma realidade material ou exterior. São saberes que nos reenviam a uma realidade que é ela mesma simbólica. O motor da investigação é, neste momento, a implicação e mobilização de capacidades do investigador e do actor na interacção com um objecto de descoberta que é criado num acto intuitivo e unificante, no acto de compreensão e interpretação. É o próprio caminho que é inventado.

Não são as intenções dos actores, as suas opiniões, sentimentos ou sonhos que serão a base da reconstrução das estruturas de significação do texto, mas antes os conjuntos estruturados que dão o quadro de factualidade ao vivido — origem familiar, pertenças sociais, profissão — que surgem ligados em séries temporais ou associativas, nas situações que os indivíduos encontram na sua vida social.

As estruturas, no sentido em que são entendidas pela hermenêutica, não são entidades abstractas que têm uma existência autónoma, independentemente dos indivíduos. São formas, constelações estruturantes do vivido que a narrativa inventa e que são verosímeis dentro do sistema de formas e de sentidos de que dispõe o autor. O que se procura apreender são as estruturas textuais, figuras ou constelações de acções, acontecimentos e experiências que permitem ao sujeito integrar na sua experiência elementos novos da experiência, num processo jamais acabado de sintetização da mesma. (cf. Mombergue; 2000)

1.4. Pontos de chegada sobre a possibilidade de conhecer a vida como (con)texto

Com esta trajetória de revisão das nossas possibilidades de conhecimento e de reconstrução do ponto de vista da linguagem que nos permitem imaginar esta narrativa de vida como lugar de conhecimento sobre as potencialidades e limites emancipatórios da educação, libertamo-nos da tensão entre compromissos cognitivos e político-sociais que pareciam inexistentes e depois incompatíveis.

Sentimo-nos agora autorizadas a combinar a análise das estruturas sociais constitutivas desta experiência vivida, com a abordagem hermenêutica, ou seja, com a interpretação do sentido (inter)subjectivamente construído, submetendo esta nossa construção à crítica baseada na desocultação dos significados que a tecem mas que ocultam à própria narradora as relações de força simbólica das quais são produto, são meio de reprodução e/ou de transformação, através da educação.

Combinar paradigmas significa conciliar preocupações de natureza realista-objectivista com preocupações de natureza idealista-subjectivista em que são polarizadas a argumentação de Bourdieu (1997) e Bertaux (1980), Ferrarotti (1980) e Kohli (1984), que defendem a metodologia das histórias de vida como modelo ou como processo de conhecimento da vida social que atravessa e é ressignificada pelas vidas pessoais. Essa combinação torna possível e exige o recurso e a reconstituição dos fenómenos de pequena e grande escala e, se possível, das mediações que os articulam na vida que interioriza estas relações que são exteriorizadas pela sociedade como normas de vida colectiva.

Do bom uso das teorias substantivas depende agora a leitura destes “mapas que nos dão a imaginar a relatividade das posições e disposições desta mulher face ao mundo próximo e distante em que se encontra situada”. Desse bom uso depende também a apreensão dos constrangimentos e das oportunidades de acção correspondente à posição social que ela ocupa, enquanto membro de uma categoria social de uma comunidade localizada e de uma história datada, o que a vincula a representações,

juízos de valor e tomadas de posição. Dele depende ainda a contextualização do ponto de vista dado pelo seu discurso construído em diferentes campos sociais, imaginado como lugares de um “território” mais amplo de relações sociais, só apreensíveis através de linguagens formais e abstractas que temíamos que pudessem, mais uma vez, silenciar a voz da narradora de uma vida que nos retira do lugar habitual, para nos dar conta do longe no espaço social e no tempo da tradição e da marginalidade social e histórica.

Dependem também do bom uso de teorias substantivas, os nossos recursos de compreensão e interpretação da narrativa como produto da memória de lugares e acontecimentos revisitados e reinventados pela palavra, co-produzida na interacção interessada na produção de conhecimento empírico-analítico, histórico-hermenêutico e crítico emancipatório sobre a objectividade e a subjectividade como duas formas de realidade social, inacabadas e passíveis de transformação histórica e existencial.

Depende ainda destas teorias a possibilidade de acedermos à narrativa como prática de produção social e cultural com poder de revelar, ocultar e transmutar as relações constitutivas de campos sociais estruturados pelo modo de organização da vida económica, cada vez mais retirado dos espaços de produção pela hegemonia do mercado sobre o estado e a comunidade. Significados que permitem a reconstrução de subjectividades individuais e colectivas por meio de omissões, descrições sensíveis de situações vividas, do relato de acontecimentos diferentemente valorizados, em que as descrições expressivas e emotivas recorrentes de comportamentos e atitudes, concorrem com as definições de situações baseadas na racionalidade oficial ou dominante e/ou em micro-racionalidades particulares.

No entanto, antes de localizar estas teorias substantivas, passamos a redefinir a prática social em que nos implicaremos mais profundamente enquanto narradoras, intérpretes e enquanto par do diálogo produtivo em que esta mulher se constituiu como sujeito, se revelou como narradora e se reconstruiu como actora e autora de uma vida como história singular que aspira inscrever-se no contexto narrativo da história colectiva de que somos contemporâneas.

Tal como já referimos, a nossa estratégia metodológica radica em pressupostos do realismo crítico, por concordarmos com Morrow (1994) quando afirma que "a metodologia não pressupõe apenas métodos, mas também a ligação com a teoria e as suas implicações para a sociedade..." As normas que consideramos necessárias para dar a conhecer a realidade, a experiência e o pensamento inscritos na narrativa de vida desta e das outras oito mulheres que entrevistámos, visarão garantir a distância analítica necessária para podermos apreender e analisar os mecanismos generativos da sua posição relativa, no interior de relações que garantem a integração do sistema, para podermos interpretar o sentido da sua acção no sentido da integração social e para podermos desocultar cuidadosa e criticamente os significados que ocultam, ao representar a ideologia dominante que legitima relações de dominação que, tal como referem Morrow e Torres (1997), estão presentes, em maior ou menor grau, em todas as sociedades. Essas relações atravessam todos os contextos de acção comunicativa, deformando condições potencialmente emancipatórias.

O estudo da história de vida pretende apreender a lógica dos constrangimentos e os recursos de enfrentamento dos mesmos, perante uma posição social que tendo sido herdada, atribuída, pode no entanto ser assumida ou recusada no interior da formação social como um todo. Dado que esta formação é legitimada pela ideologia difundida pelos grupos dominantes, são também estes grupos que definem as condições concretas de exercício de direitos civis, sociais e culturais que são estabelecidos como mínimos éticos pelo Estado. Importa assim conhecer estes direitos, como acção do Estado Providência, que institui e actualiza o estatuto de cidadania e como acção subsidiária da Sociedade Providência.

O estudo incluirá a abordagem das condições e processos de integração social desta mulher tendo em conta conjuntos específicos de relações de pertença, inclusão e identidade que a submetem a constrangimentos nos campos de acção social. Estes campos, onde também emergem as oportunidades, são o lugar da *praxis* que reproduz ou altera o sentido e o significado de relações vividas na esfera pública e no espaço privado; são o lugar em que ela se autocompreende como sujeito de acção, na relação

consigo mesma, com os outros e com acontecimentos passados e imaginados como devir relativamente indeterminado.

Finalmente, voltaremos à narrativa como tecido dos significados com que esta mulher imagina e narra a sua vida como história e que ocultam de si mesma as relações de cumplicidade e de consentimento tácito da reprodução social e cultural contra a qual luta por resistir e superar pela apropriação de recursos simbólicos com que “lê” criticamente as circunstâncias de dominação que constroem a realização do que ela considera como suas potencialidades humanas e sociais.

É a partir da leitura, assim construída desta vida concreta, que nos propomos questionar em que medida a educação contribuiu para a *praxis* de descoberta do seu ser-no-mundo social mais amplo que parece desafiar esta mulher a mudar um *habitus* adquirido pela socialização e a imaginar outros modos de sociabilidade mais possíveis e humanos.

A partir deste ponto de chegada, que é também de partida, sentimos ter encontrado os recursos e a medida da “prudência necessária” para desenvolvermos uma prática de investigação de que resulte um conhecimento que, sendo possível, seja também eticamente desejável. E desejável, por se negar a reificar as condições materiais e simbólicas que constroem a trajetória de vida desta mulher, o que poderia naturalizar disposições e legitimar decisões que parecem “estranhas”, quando vistas do interior de mundos sociais em que a autonomia e a liberdade são tidas como garantias históricas e universais. Desejável, porque pode dar visibilidade à acção e ao voluntarismo que alimenta a disposição de resistência e de luta desta mulher, sem ocultar as condições de dependência e de marginalidade que constroem uma trajetória de acção sem garantias sociais mínimas, comuns nos campos sociais periféricos.

Parece estar assim precavido o risco deste trabalho contribuir para uma reacção de estranhamento cognitivo e social entre aqueles que deixaram de se inter-reconhecer como semelhantes, num contexto em que, tal como refere Buarque (1985), emergem

cada vez mais explicitamente novos regimes de “apartação social”²⁷ que, segundo o autor, é o regime que visa garantir a concentração de privilégios, que seria inviável com uma distribuição equitativa dos resultados do progresso e que evolui da desigualdade para a afirmação da diferença e com esta para a aceitação sem constrangimento da desigualdade crescente. O autor refere como efeitos visíveis do tipo de regime de distribuição de renda, diferenciação no bem-estar a criação de bases diferentes de consumidores e o recurso aos investimentos. Estas são condições que levam à incorporação de uma nova ética que permite a não responsabilidade, nem culpa diante da desigualdade” (cf. Buarque; 1985).

²⁷ Esta definição de apartação é desenvolvida por Cristóvão Buarque, num texto que analisa e compara o processo de exclusão social no Brasil, com o regime de apartheide racial na África do sul.

Segundo Momento
A apropriação de guilões de leitura “alternativos”
da realidade social

Introdução ao segundo momento

Com a apropriação de teorias substantivas que aqui iniciamos, queremos criar uma base de justificação para a abordagem de uns e não de outros, fenómenos sociais ou redes de factos e padrões de relacionamento social, que constituem a história de vida desta mulher, situando-a num contexto social cada vez mais complexo e ampliado à escala global. Nesta história de vida procuramos indícios de uma realidade em que a educação é reconhecida e investida como potencialidade de emancipação.

Para desenvolver esta nossa procura, partiremos do tema da emancipação como promessa histórica e como experiência dos sujeitos individuais e colectivos, tentando situarmo-nos, a cada momento, no campo da educação, lugar privilegiado para reprodução social e cultural, com potencialidades críticas e transformadoras.

Para reconhecer este terreno, recorreremos à sociologia, como “cartografia simbólica”, que amplia e pode alterar o ângulo de visão e a linguagem com que nos habituamos a (re)produzir a realidade social, como resultado de consensos evidentes que ocultam a classe social, a idade, o género, a etnia e a raça, as crenças políticas e religiosas e estilos de vida como critérios que estruturam desigualitariamente os diferentes campos sociais.

Procuraremos, assim, explorar conceitos e grelhas de leitura que nos permitam objectivar e enunciar, para poder perspectivar, reconstituir e problematizar, as circunstâncias, condições e efeitos da posição social ocupada por esta mulher, sobre as representações, juízos de valor, decisões e *praxis* que mediatizam o seu enfrentamento com a realidade, constituída como totalidade de relações sociais contraditórias, que promete a superação da desigualdade, ao mesmo tempo que a naturaliza através da ideologia.

Interessa-nos encontrar recursos cognitivos que nos permitam compreender como se produz a possibilidade do sujeito se sentir habitante do mundo social definido pelos grupos dominantes “como a ” realidade objectiva, na sua condição de actor social que é

habitado por este mundo, interiorizado pela socialização.

Interessa-nos também compreender o papel da linguagem neste processo de interiorização da realidade que, sendo constituída e reproduzida pela pragmática das interações sociais, é reificada e exteriorizada pelas instituições sociais.

Finalmente, pretendemos apropriar-nos de modelos de leitura da educação, enquanto instituição e acção mediadora do processo de reprodução social e cultural, com possibilidade de ser reconhecida como lugar estrutural no qual os sujeitos constróem conhecimentos constitutivos de formas de acção, de identidades e subjectividades que asseguram a sua integração como actores sociais, mais ou menos adequados, resistentes, críticos, “alterativos” ou excluídos do funcionamento da sociedade.

2.1. Para “ler” a experiência subjectiva do sentir-se parte do mundo que se habita

Entre as muitas perspectivas que procuram explicar a regularidade dos factos sociais e das opiniões bem como dos modos de relacionamento e de produção social e cultural, as teorias da reprodução social e cultural são aquelas que dão maior visibilidade aos mecanismos recursivos que tornam actantes as forças estruturais que moldam e reproduzem as instituições e as acções sociais. Entre estas, as teorias baseadas no modelo materialista da transformação social são aquelas que mais recursos nos oferecem para podermos apreender a *praxis* enquanto lugar onde a acção e as relações de poder são apropriadas como meios de transformação da realidade social. São, por isso, aquelas que permitem problematizar, não só a desigualdade e o conflito latentes, instituídos pela diferenciação de classe social, mas também de idade, género, raça, religião, etc.

Ao optarmos por este quadro de referência teórico, distanciamo-nos da teoria estrutural-funcionalista que pressupõe a existência de uma ordem social estável e funcionalmente integrada por um consenso que atende aos interesses de toda comunidade.

Esta teoria explica a vida da sociedade e a reprodução social através do modelo homeostático de auto-regulação, partindo da imagem da sociedade como organismo ou sistema vivo. Esta proposta teórica define toda perturbação da harmonia global (o conflito, a coerção e a desintegração social) como disfunções que é necessário corrigir, sem questionar a relativa arbitrariedade da ordem social historicamente produzida e ideologicamente legitimada.

Ora, pensamos que os recursos cognitivos oferecidos por este modelo de análise, cuja ênfase é centrada nas condições da ordem e estabilidade social, não nos permitem compreender a tensão dialéctica entre a desigualdade de condições sociais e os indivíduos que infra-estrutura as relações sociais que são estabilizadas pelo sistema que tem sido gerido pelos grupos dominantes que, em cada época histórica, promovem os seus interesses em detrimento dos interesses dos outros grupos e ocultam a arbitrariedade da ordem cognitiva e moral daí resultante, através das legitimações culturais.

Partir deste pressuposto admite considerar o facto de alguns grupos, ao longo de gerações sucessivas, terem que "vender" a sua força de trabalho a outros grupos que a capitalizaram, transformaram e dela se apropriaram como mercadoria, cuja mais valia foi sendo estabelecida pelas relações do mercado.

O que nos parece é que só compreendendo estes universos sociais em que a sociedade é vista como uma totalidade, cuja ordem cognitiva e moral é experienciada e investida pelos sujeitos como seu *habitat*, poderemos apreender a experiência do sujeito que não se auto-compreende como cidadão ou cidadã com direitos cívicos, sociais e culturais legítimos e inalienáveis.

Considerando que a educação é parte destas relações sociais e que é também uma das instituições de massa que qualquer Estado ou Cultura investe como instrumento poderoso e único de socialização, impõe-se compreender melhor este terreno em formação e transformação, que pode ou não ser parte da experiência e da *praxis* de quem se educa, educa e é educado.

2.1.1 A possibilidade de experienciar o mundo como habitat comum a todos

Importa aqui compreender quais as condições que garantem a auto-descoberta dos indivíduos como parte e participantes na ordem social instaurada pela Modernidade, enquanto dinâmica de consenso ou de conflito, “animada” por sujeitos individuais e colectivos mais ou menos comprometidos na relação com o Estado, do qual se espera que substitua ou, pelo menos, subordine a ordem social estabelecida pela linhagem ou pela origem social de indivíduos ligados assimetricamente por laços de pertença e de comunhão que constituem as comunidades.

O projecto consistia em restabelecer a igualdade de condição social pela instituição de trocas sociais, instrumentalmente racionalizadas, que assegurariam a formação da sociedade moderna.

Parece que um dos aspectos importantes a considerar é a tendência actual de naturalizarmos esta vinculação formal dos indivíduos ao Estado, pressupondo que bastará conferir a identidade de cidadão ou cidadã aos indivíduo nascidos em qualquer contexto ou grupo social e cultural para que estes possam exercer igualitariamente os direitos e obrigações civis, sociais e culturais instituídos. Tendemos a presumir que o Estado-Nação pode ser reconhecido e investido espontânea e independentemente das condições materiais e sociais de existência individual ou colectiva, como entidade transcendente e responsável pelo cumprimento do mínimo ético estabelecido em dado momento histórico ou em dada organização social.

Como se todos, uniformemente, tivessem, em algum momento, experienciado e reflectido sobre o sentido e os pressupostos das políticas de reconhecimento e também de redistribuição social que lhes cabe assegurar, para restituir a igualdade que não é dada pela posição social em que se ingressa no mundo social em modernização. Torna-se importante reconhecer que as oportunidades de apropriação deste sentido comum de identidade nacional, vivida no quotidiano do local na relação com agentes e organizações promovidas ou reguladas pelo Estado, não são as mesmas para todos os

sujeitos e grupos sociais.

Estas circunstâncias produzem diferenças de significação, de proximidade e mesmo de lealdade entre os indivíduos e o Estado. Os direitos de cidadania podem não chegar a passar de figuras de retórica de um universo político que é experienciado como alheio e não como contraparte de obrigações sociais vividas efectivamente como luta pela sobrevivência quotidiana.

Embora imersos numa cultura comum, alguns grupos podem manter uma relação de estranheza com a narrativa da cidadania construída como participação no progresso no controle da natureza e na melhoria das condições de vida material e social, que corresponderia à consagração de uma razão universal, que se espera que oriente a vida prática de todos os cidadãos e cidadãs. Torna-se, assim, necessário reconhecer que a racionalidade instrumental da modernidade foi reificada pela burocratização do mundo da vida de alguns sectores sociais que tiveram condições para incorporar este “espírito de corpo social”, ou seja, os princípios de visão e de divisão do mundo social que habitam e pelo qual foram sendo habitados.

Parece importante compreender em que medida esta experiência de imersão e cometimento com o mundo definiria a auto-identificação desta mulher como cidadã a partir de uma posição e em condições históricas e materiais de existência, caracterizáveis pela contingência e expropriação do seu poder de decidir sobre o próprio destino.

O que nos interessa saber é em que momento e circunstâncias pode ter ela acedido às redes sociais e simbólicas que são instituídas por esta filosofia, que se difunde como ideologia, ou seja, como “expressão auto-discursiva de um interesse de classe” (Morrow; 1994), neste caso, do Governo do Estado, imaginado na sua interdependência com o Mercado e a Comunidade. Importa saber como é que as instituições de massa interferiram nos contextos de educação informal enquanto prática quotidiana e *praxis* social dos sujeitos e dos grupos.

Gostaríamos de esclarecer em que medida a simples exposição a esta cultura de cidadania, que também podemos qualificar como ideologia social, contribui para a

produção de consentimento ao poder de ingerência, que diferentes agentes sociais, investidos de poder simbólico pelo Estado ou pela Comunidade, exercem na esfera da vida pública e privada de grupos subalternos.

Por outro lado, seria interessante saber também se esta cultura poderá ser apropriada como fonte de poder simbólico na resistência e na luta contra a arbitrariedade cultural que legitima a dominação em diferentes campos sociais.

Em que medida podemos admitir que este alheamento (produzido estruturalmente) dos sujeitos relativamente ao sentido da sua existência institucional-societária como cidadãos ou cidadãs, poderá ser justificado pela sua expropriação de poder sobre um futuro vivido como tempo que não lhe pertence objectivamente?

Terão alguns grupos a possibilidade de participar activamente na racionalização dos meios da sua acção em termos de finalidades, que só funcionalmente podem ser apropriadas como suas?

No entanto, parece-nos também fundamental situarmo-nos agora na grande escala de representação e de leitura da realidade social, onde os actores sociais concretos agem e interagem nos contextos físicos e sociais que actualizam os papéis sociais, que são legitimados pelo universo simbólico produzido pela relação com o Estado enquanto entidade transcendente.

Parece-nos razoável admitir que, em alguns momentos ou campos sociais, a “lógica” dominante das relações pode ser a expressão de afectos e subjectividades, ou seja, a racionalidade estético-expressiva ou ainda a lógica orientada para o compromisso com o bem comum, ou seja, a racionalidade moral-prática, como base de pensamento e de acção social.

Actualmente, a hegemonia da racionalidade instrumental é considerada como um dos excessos da modernidade, resultante da força das relações estruturadas pelo Mercado sobre as que são estruturadas pelo Estado e da relação entre ambas sobre as relações definidas como expressão de pertença e comunhão a comunidades locais, reais ou imaginárias.

Problematizam-se também os efeitos da hipercientificização do pilar da regulação,

baseado na ideologia de modernização económica, produzida na interdependência entre o estado Liberal e o Mercado, sobre o pilar da emancipação que radica e ainda actualiza os fundamentos da narrativa da Modernidade, como Projecto sócio-cultural a construir pelo equilíbrio dos três tipos de racionalidade: cognitiva-instrumental, estético-expressiva e moral-prática.

Importa então saber se a própria condição de precariedade e de dependência de condições quotidianas de sobrevivência e inclusão social vivida pelos grupos mais vulneráveis à exclusão das redes ou espaços locais, tecidos por relações comunitárias, não implicarão um outro desequilíbrio. Neste caso, podemos considerar que a dominância da racionalidade estético-expressiva ou moral-prática, tem que compensar a impossibilidade de participar na racionalização instrumental da sua própria força de trabalho ou da sua acção social na esfera pública e privada.

Parece-nos importante apreender efeitos deste outro desequilíbrio na manutenção de assimetrias sociais alimentadas nas relações locais de base comunitária.

2.1.2 A redescoberta do habitat tecido por relações comunitárias e societárias

Para Weber, a solidariedade sentida, de natureza afectiva ou tradicional, subsiste como modo de acção, de relação e de socialização, mesmo nas sociedades em que a modernização desarticulou a lógica das actividades de trabalho, a lógica das representações simbólicas e a lógica das estruturas de organização e de poder. Pensar que a constituição de comunidade cedeu lugar à formação da sociedade, baseada no ajustamento de interesses dos sujeitos e dos grupos por motivos racionais ou pela união de interesses idênticos, é reduzir a complexidade social à ordem social, política e económica, definida pelo mundo da produção, caracterizado pelas relações de classe.

Na verdade, os mecanismos que regulam e dinamizam a relação que constitui a comunidade e que formam a sociedade, privilegiam diferencialmente a actividade social, orientada por valores ou a actividade racional dirigida a atingir fins específicos, o que será conseguido pelo cumprimento de regras partilhadas e pela coordenação

racional de interesses e motivações.

Baseando-se nesta distinção de Weber sobre relações sociais de constituição comunitária e de formação societária, Ferrarotti (1985) refere que, embora o agrupamento de tipo comunitário tenha a tendência de desaparecer nas sociedades urbanas e industriais, a sociedade deve ser vista como “trama viva”, que é tecida por agrupamentos sociais, constituídos segundo graus de proximidade espacial e por exigências culturais e sociais.

Assim, segundo o autor, embora a propriedade privada dos meios necessários à vida ou a exclusão desta propriedade, continue a ser o critério dominante na hierarquização e diferenciação dos hábitos e estilos de vida, que produz a estratificação social de base capitalista burguesa, a categorização, segundo a classe social, é desafiada à medida em que membros da sociedade convergem para conjuntos sociais constituídos com base não só nos rendimentos, mas também na profissão, nas qualificações académicas formais, no bairro ou local e tipo de habitação e ainda por afinidades ideológico-políticas.

O que podemos pensar — contrariando a ideologia de que a comunidade local é naturalmente o lugar da inclusão, onde os laços de solidariedade, crenças partilhadas e a comunhão de valores são transmitidos e revitalizam o sentido de pertença e comunhão entre parentes, vizinhos, amigos e pares com quem se partilham memórias de acontecimentos e narrativas, etc., — é que este é também o lugar protegido das mais velhas assimetrias sociais, reificadas por significados que podem interceptar e desqualificar o poder simbólico da igualdade, seja esta instituída pelo estatuto de cidadão, inerente à função de produtor, ou procurada pelo lugar de consumidor de uma indústria cultural de massa e sem raízes locais.

Temos, assim, que considerar o conflito e a contradição, como partes da experiência daqueles que se descobrem parte da sociedade em que estão integrados por um vínculo vertical ao Estado, que pode ser ocultado ou desqualificado pela não afinidade de interesses económicos, gostos, necessidades expressivas, estilos de consumo, crenças ou ideias político-ideológicas.

Assim, pensar na integração social requer a problematização do exercício do estatuto

da cidadania na relação com a identidade de pertença a comunidades não democratizadas.

Já Weber, que considerava a constituição da comunidade como a “contraposição mais radical da luta” (conflito entre grupos de interesse), entendia que “no interior dos mais íntimos processos da comunidade podem-se encontrar violentações de toda a espécie e a selecção dos tipos sociais a que correspondem diferentes probabilidades de vida e de sobrevivência” (Weber s/d).

Também Sousa Santos (1999; 2001), que considera que devemos, neste momento, privilegiar as relações estruturadas pelo princípio da comunidade, porque as suas potencialidades emancipatórias não sofreram hiperespecialização técnico-científica, chama a atenção para o facto de ser nos espaços estruturados pelo princípio da comunidade que se produz uma das formas de poder mais complexas e ambíguas — o poder da "diferenciação desigual". Trata-se de uma forma de poder em que alguns grupos exercem o privilégio de definir o outro, incluindo aquele a que pertence e excluindo o que é estranho. Através do exercício desta forma de poder, cria-se a alteridade, agregam-se identidades e define-se a diferença com critérios mais ou menos deterministas, o que incapacita aqueles que são definidos como outros a definirem-se e representarem-se a si próprios.

Sendo embora a Comunidade o lugar menos submetido ao “utopismo científico-tecnológico”, produzido pela hegemonia da racionalidade instrumental e, consequentemente, pela burocratização do mundo da vida, sendo a solidariedade a forma de saber aí dominante, é também o lugar onde a realidade é mais abertamente escrita e lida a partir das "tópicas sociais" que reproduzem e legitimam as relações sociais dominantes.

É no contexto local que o espaço doméstico é entendido pela lógica do poder patriarcal, que o espaço da produção é lido segundo a lógica da exploração capitalista, que o espaço do mercado é vivido como apelo ao consumismo fetichista e em que as relações de pertença e não pertença comunitária são definidas numa perspectiva chauvinista, o que implica que qualquer luta local pela democracia não possa

expressar-se em alta intensidade, por falta de legitimação social directa.

Importa, assim, descobrir qual a base material, simbólica e micro-política que produz e reproduz estas lógicas que parecem impermeabilizar a subjectividade de alguns grupos sociais ao impacto da modernização da relação com os seus agentes, dos media e da própria cultura de massas que, em muitos contextos, são o meio quase exclusivo de difusão e recepção das ideias e políticas sociais potencialmente emancipatórias das mulheres, das crianças, das minorias e dos grupos explorados e oprimidos pela relação trabalho-salário-consumo ou pela exclusão.

Interessa saber se haverá condições sociais e pessoais que possam limitar ou facilitar o acesso à outra forma de cidadania- mundo, que é o cosmopolitismo, como outro lugar de possibilidade de emergência e de desenvolvimento do sentimento de pertença, familiaridade e de co-habitação, num mundo social comum, no qual as circunstâncias de subordinação ou exclusão, estruturadas económica, política e culturalmente, ainda continuam a ser questionadas por muitos.

2.1.3 O projecto de construção de um mundo de cidadãos emancipados pela razão

Pensar nas relações de cidadania constituídas pelo Estado-Nação requer que nos situemos num outro lugar, onde o iluminismo, o industrialismo e o capitalismo liberal ou o socialismo, emergiram e se constituíram como visão do mundo instituinte de novos princípios de divisão social. Coloca-nos no lugar onde a Declaração dos Direitos Humanos foi instituída como texto fundador e legitimador dos Estados Modernos, onde se podem procurar os princípios e finalidades com que se representam as sociedades e a história, como entidades transcendentais e universais que visam instituir a igualdade, a liberdade e a fraternidade entre os povos.

Trata-se de um universo simbólico que legitimou a dominância de determinadas formas de saber oficializado e/ou especializado e de poder legitimado e/ou autorizado sobre outros saberes e poderes que serviam de orientação para a vida quotidiana em campos sociais, estruturados também pelo princípio da comunidade e do mercado.

Requer que entendamos as ideias e os ideais fundadores de instituições e legitimadores dos processos que formam e interferem na consciência da maioria dos actores sociais e supomos que mesmo daqueles que são mantidos imersos e por vezes subordinados a relações de dominação de diversa ordem. Requer que nos situemos no texto e no contexto de produção de uma narrativa que foi construída pela negação do passado, dominado pela tradição e imposto através do clero e da aristocracia; tempo em que a burguesia emergiu a protagonizar a luta contra a ordem instituída, travada em nome dos valores da igualdade, liberdade e fraternidade e que veio revelar que este grupo não incluía no seu horizonte de emancipação os grupos que tornavam incerta a realização de interesses dos artesãos e mercadores.

Para Cabral Pinto (1996), o pensamento da Modernidade radica no Iluminismo, movimento que afirmava o triunfo da razão sobre as dependências sobrenaturais, naturais e sociais com que os seres humanos enfrentavam a falta de garantias de protecção contra o risco da sua autodestruição.

A consagração de uma razão universal era o ideal que levava Kant a considerar que só quando a humanidade estivesse capaz de se autocontrolar, a ponto de negar o presente para realização de um futuro melhor, o homem estaria capaz de pensar por si mesmo, em liberdade, fora da tutela da Igreja ou do Direito. A ideia de que a razão levaria a humanidade a sair do seu estado de minoridade passou a constituir a promessa que deu novo sentido à história e à sociedade moderna. Para Pinto, este ideal corresponde à evolução coerente de um pensamento social que foi sendo actualizado no discurso de Rousseau, Kant, Hegel e Marx e que nos remete para uma perspectiva de emancipação, como passagem do estado de necessidade para o reino da liberdade.

Para Rousseau, a desigualdade entre os homens resulta da privatização da propriedade que é salvaguardada pelo conjunto de leis, normas, costumes e instituições jurídicas que constroem e instituem um modo específico de imaginar e regular as relações sociais que desrespeitam o direito natural, segundo o qual o homem, tal como outras espécies, deveria poder buscar na natureza o que necessitasse para sobreviver.

Foi desta perspectiva que se pôde problematizar historicamente o pacto social que o

Estado estabelece através do Direito que, segundo Rousseau, exclui e condena os homens e mulheres que não têm meios para sobreviver a viverem no estado de natureza, que precede o estado de sociedade ou seja, do estado em que todos garantem as condições necessárias à sobrevivência de todos.

Foi também deste mesmo pensamento, matriz do pensamento ocidental, que Marx analisou a possibilidade de transformação social, centrando o problema já não directamente na propriedade, mas na apropriação da força de trabalho de uns homens por outros, numa “cidade” que se supõe constituída por homens livres e iguais.

Para o pensamento marxista, enquanto a ordem social fizer depender a sobrevivência da maioria dos homens do acesso controlado à propriedade de outros para produzir, a Liberdade e a Igualdade são negadas, porque uns são colocados na condição de tudo dar e nada receber numa pseudo-troca de trabalho. E a Liberdade e a Igualdade são negadas porque, nesta condição, o trabalhador produz-se a si mesmo como mercadoria” e à medida em que é desapropriado do produto do seu trabalho, deixa de reconhecer como sua a *praxis* que constitui e transforma o mundo em que habita.

Para Touraine (1990), este ideal da razão como fundamento da modernidade foi, no entanto, sendo transformado numa ideologia que passou a associar abundância, democracia e felicidade pessoal, à medida em que a racionalidade foi sendo reduzida a uma mera instrumentalidade científico-tecnológica subordinada, à procura, tal como é expressa no mercado. Ideologia que é funcional ao sistema de produção e consumo na sociedade capitalista, que enfatiza essencialmente a falta de correspondência entre instituições e motivações, entre os limites do controlo social e a socialização e entre o significado e a consciência.

Para Touraine, a luta contra a irracionalidade das estruturas sociais de opressão, desencadeada pelos e com os intelectuais, foi “rendida” à medida que o poder militar e as forças impessoais do mercado foram “colonizando” o pensamento social, desmobilizando aqueles que lutavam a favor do triunfo da razão sobre as tradições, da acção tecnológica e científica sobre sistemas de controlo social e cultural, do

universalismo sobre o particularismo e da produção sobre a reprodução (cf. Touraine; 1990).

A Modernidade é entendida por Sousa Santos (1989; 1994; 1997), como projecto utópico que previa a criação de um direito comum à humanidade, que tendo sido defendido por intelectuais, juristas e filósofos sociais, envolvendo a mobilização de organizações de trabalhadores e outras, foi sendo apropriado por uma burguesia internacional e por burocratas mais ou menos progressistas que passaram a definir a ordem moral internacional. O autor considera que o ideal de progresso da razão está na base da assunção moderna de que o desenvolvimento científico e tecnológico seria o meio de homogeneizar e uniformizar de forma irreversível e sem defeito as condições da vida social em todo mundo.

Incorporada como base de orientação para a vida prática dos cidadãos, a racionalização instrumental da actividade de controle da natureza contribuiria para a melhoria das condições de vida material e social, na sua dependência de outras formas de racionalidade (estético-expressiva e moral-prática), com lugar para a expressão dos afectos e subjectividades e para o compromisso com o bem comum.

Segundo Sousa Santos (1999), tendo sido o Projecto da Modernidade o lugar de promessa da emancipação, foi também o lugar no qual a Liberdade passou a ser administrada, neutralizada e trivializada pelo "utopismo automático da tecnologia" emergente da relação Mercado-Estado e Ciência-Mercado, resultante da hipercientificização do pilar da emancipação. (cf. Sousa Santos; 1999; 2001).

No entanto, temos que admitir a hipótese desta narrativa de emancipação, este universo simbólico que expressa a hegemonia do modo de produção capitalista e da racionalidade cognitiva-instrumental, consistir num conhecimento social, cuja significância é proporcional à proximidade ou à distancia dos diferentes grupos das instâncias de representação do Estado Moderno e do Projecto sócio-cultural de cariz universalista que ele representava.

2.1.4 O mundo social “engenheiro” constituído pelo Estado Providência

Para entender a relação dos indivíduos dos diferentes grupos com o Estado Providência, parece ser fundamental a perspectiva de que a sua criação teve como objectivo manter o conflito social dentro de determinados limites, através de um pacto que implicou a renúncia de reivindicações pelos trabalhadores e a aceitação pelo patronato de uma tributação com a qual o Estado garante mínimos de protecção e de segurança social.

Para Sousa Santos (1994; 1995), o Estado Providência institucionalizou uma luta de classes prolongada na organização de interesses corporativos, em resposta a necessidades do sistema de acumulação capitalista, que mantém dois sistemas de integração — a desigualdade e a exclusão - no quadro de políticas de pleno emprego e da sua política fiscal redistributiva.

A reprodução estável de famílias biparentais, residentes no espaço nacional, em que o homem ganha o salário familiar num emprego com segurança, era uma necessidade para a estabilização do processo de acumulação visado pelo modo de produção dominante e respectiva organização das relações sociais.

O que importa aqui, talvez, seja compreender o que este projecto oculta, designadamente aos que são integrados em posição subordinada e de exclusão. Deste ponto de vista, é possível reconhecer o quanto o sexismo (tal como o racismo) é funcional a este sistema em momentos de crise. Segundo Sousa Santos (1995), pode acontecer que o discurso universalista não passe, nestas alturas, de um dispositivo ideológico, que umas vezes evoca a noção essencialista de igualdade (do ser humano, homem-mulher) para ignorar as diferenças que, noutros casos, justificariam a integração das mulheres numa posição subordinada ou periférica em formas de trabalho desqualificadas, em nome do direito à diferença e à conciliação público-privada.

A segmentação do espaço público e privado é, aliás, um mecanismo de exclusão da mulher que, tal como a integração subordinada, assegura a reprodução da força de

trabalho da família entre o espaço da produção e o espaço doméstico. O que o Estado pretende é controlar, dentro de certos limites, a desigualdade e a exclusão, como formas de integração social que são funcionais às variações do mercado criado pelo sistema capitalista, evitando, desta forma, as consequências sociais e económicas da desigualdade ou da exclusão extremas.

Segundo Sousa Santos, este sistema está, no entanto, a sofrer mudanças qualitativas que requerem ser explicadas pela intensificação dos sistemas de produção, pelas transferências financeiras e pela difusão mundial de informação e da imagem, através da comunicação social e das telecomunicações e também pela deslocação maciça de turistas, de trabalhadores emigrantes e refugiados. Todas estas mudanças não têm, no entanto, apenas uma dimensão económica, mas também uma dimensão política e cultural.

Tendo a homogeneização e a uniformização das condições de vida, pelo desenvolvimento de um direito comum à humanidade, através do progresso da ciência, e da tecnologia, como horizonte para o qual apontava o projecto de emancipação da modernidade, hoje esta narrativa é criticada pelos seus excessos, nomeadamente pelo imperialismo de uma cultura que difunde hegemonicamente uma religião, um modelo económico e um regime político a todos os estados que integram, porque dependem do sistema mundial capitalista.

Os fenómenos culturais tornaram-se prioritários para explicar a vida social e os movimentos de resistência e de indignação, de origem local, defendem, cada vez mais, contra esta tendência, a expansão da liberdade em contraposição ao autoritarismo do Estado e à dominação cultural massificada.

2.1.5 A(s) cultura(s) como outro lugar de presença e de pertença societária e comunitária

Abordar o mundo da cultura como universo colectivo requer, mais uma vez, que se redimensione este fenómeno em termos de escala, de modo que nos permita situá-lo no

seu contexto temporal, espacial e social.

Trata-se de pensar na coexistência e sobreposição parcial de diferentes tipos de culturas que implicam relações de pertença e não pertença, não se podendo ignorar o que Smith, referido por Sousa Santos (1997), designa como "família de culturas europeias", constituído pelo direito romano, pelo humanismo renascentista, pelo racionalismo iluminista e pela democracia e também as representações mediáticas, ideológicas e uma grande diversidade de culturas locais e subculturas.

Considerar este universo simbólico complexo é aproximarmo-nos de múltiplos modelos e significados de padrões de acção de práticas sociais, de produção e consumo material e simbólico, de crenças, de ideologias, de utopias e de outras formas de conhecimento social que participam na produção do consentimento ou de resistência para uma ordem social relativamente arbitrária, que faz coexistir contraditoriamente a afirmação da igualdade de direitos de cidadania com discursos que legitimam relações de dominação.

Sabendo que a diferença de condições materiais tem expressão nas práticas sociais, nos saberes e na forma de os transmitir intergeracionalmente, como princípios de visão e de divisão social do mundo que reproduzem a vida social, importa ter em conta que o mundo social pode ser experienciado como unidade transcendente e orientada por princípios e finalidades universais, mesmo quando se trate de universos locais ou particulares em que as proposições culturais, sejam elas apropriadas como subculturas ou como contraculturas, têm poder para legitimar formal ou informalmente a autoridade das instituições locais de base comunitária ou societária e para configurar comportamentos individuais que são sancionados pelos grupos.

Para descobrir as instituições ou as configurações simbólicas que conferem orientação e significado à vida quotidiana, torna-se indispensável reconhecer a tradição e outros "regulamentos" explícitos ou implícitos que instituem padrões sociais locais, como "saberes de receita" que circulam, que são reproduzidos e recriados nos contextos imediatos e através de relações de proximidade. Dado que estes saberes são muitas vezes instrumentais, quer à naturalização, quer ao enfrentamento de problemas

da vida quotidiana, não podem ser subestimados como mediações fundamentais da organização da vida pessoal, dos grupos e das colectividades.

Tal como veremos mais adiante, a cultura do meio de origem é transmitida pelo grupo primário e é incorporada através da socialização primária que ocorre em redes sociais constituídas por relações de parentesco, de vizinhança e de pertença a grupos étnicos ou religiosos. Trata-se de uma visão do mundo dada precocemente como verdadeira e que será interiorizada por processos emocionais intensos, como fonte de identificações que são legitimadas por um conjunto de proposições descritivas e normativas acerca da natureza dos homens e da sociedade, ou seja, pela cultura de origem.

A Cultura requer aqui ser entendida como sistema simbólico público, porque está codificada em signos colectivos e porque forma uma rede de configurações de ordem superior que orienta e instiga a acção individual e colectiva. Neste sentido, a cultura deve ser apreendida no conjunto de proposições que contêm os conceitos com os quais as pessoas pensam e que se expressa nas suas emoções, na motivação e na forma dos seus comportamentos sociais individuais. No entanto, os modelos culturais não podem ser deduzidos destes comportamentos, na medida em que há factores situacionais, ecológicos, económicos, políticos, biológicos e emocionais que definem a sua forma, com ou sem interferência dos factores ideativos(cf. Spiro; 1984).

Pensamos também que é importante discriminar o que resulta de uma aprendizagem de proposições culturais de uma dada cultura, dominante ou dominada e o tornar-se enculturado, porque não basta aprender determinadas proposições descritivas e normativas da realidade social para que o sujeito as assuma como verdadeiras, apropriadas e certas.

Só quando as proposições culturais são internalizadas como crenças pessoais, com grande carga de significação, é que elas podem evocar e prescrever respostas emocionais e as condições apropriadas para a sua expressão.

Seja como for, a cultura não pode ser confundida com as emoções nem com os pensamentos, embora as proposições culturais tenham antecedentes e conseqüências

emocionais. Pode acontecer dos actores aceitarem nominalmente determinadas proposições de uma cultura como clichés, sem qualquer importância emocional.

Segundo percebemos, a possibilidade de inferir sobre a pertença cultural de alguém requer que a cultura seja considerada como descrição histórica de um processo de apropriação de proposições descritivas ou normativas. Passa pela enculturação, ou seja, pela sua aquisição e pela familiarização do sujeito, a ponto de ter relevância cognitiva. Esta relevância depende não apenas da compreensão do seu significado tradicional mas também da aceitação da interpretação que lhe é dada pela comunidade que as partilha. Só quando as proposições culturais são internalizadas como verdadeiras, correctas e certas e são transformadas em crenças pessoais, com implicações na maneira como os indivíduos orientam as suas vidas, é que se pode atribuir à cultura um valor explicativo dos comportamentos ou contextos individuais ou de grupo. Estas crenças, culturalmente constituídas, servem também para instigar a acção, por terem uma relevância legítima e uma urgência moral e emocional, que as torna parte da herança do grupo.

Pensamos que este entendimento é fundamental para não confundirmos aquilo que é expressão da cultura transportada por esta mulher e os efeitos da sua condição social.

Spiro (1984) realça que a cultura não é nem a única, nem a mais importante fonte de cognições e dos esquemas construídos pelos actores sociais, porque há proposições sociais que estão ligadas a modelos de estrutura, de organização social e de preferências que não devem ser confundidos com conteúdos e formas culturais. O autor refere que até uma experiência partilhada, cujas consequências não intencionais tiveram efeitos importantes sobre o comportamento, sobre a estrutura social ou sobre a visão do mundo, pode construir crenças e orientações cognitivas, que fornecem uma concepção do universo social diferente ou mesmo oposta à que lhe foi transmitida por endoculturação.

Uma consideração importante que é feita por Spiro é a de que todos os humanos têm a capacidade comum para distinguir fantasia da realidade, assim como preferem sentimentos de prazer ao sofrimento e relações não conflituais a relacionamentos

conflituais, porque os processos que caracterizam o trabalho da mente humana são os mesmos em qualquer lugar.

O que importaria saber é em que contextos experienciais esta percepção constitui ou não, o fundamento de um outro sentido universalista da cultura como afinidade, que pode levar a que o mundo social seja experienciado como *habitat* colectivo.

Outra perspectiva da cultura é-nos dada por Sousa Santos (1995) que a define como processo social situado na intersecção entre universal e particular. Considera mesmo que, embora as fronteiras que eram estabelecidas pelo costume, língua ou nacionalismo e ideologias sejam constantemente abaladas pela desterritorialização das relações sociais provocada pela globalização, tal facto não evita a emergência de novas formas de localização da identidade nacional ou étnica.

Sousa Santos questiona, no entanto, se a ideologia do consumismo e o imperialismo cultural, que são elementos que circulam no mundo, chegam a constituir uma cultura desligada de qualquer cultura nacional. Para o autor, estas culturas parciais dizem respeito apenas a determinados aspectos da vida social ou a determinadas regiões, embora reconheça que haja grupos, classes e Estados interessados na especialização de localismos que geram práticas adaptadoras. Não só a comunicação social, como também o próprio sistema educativo favorece a uniformização, ainda que defenda a diversidade cultural (cf. Sousa Santos; 1997).

Um outro fenómeno a considerar é a hibridação cultural das identidades regionais, nacionais e locais, que decorre da intensificação dos fluxos transnacionais de mercadorias, capital, mão-de-obra, pessoas, ideias e informação. O que a emergência de novas identidades parece expressar, segundo Sousa Santos, "é uma nova projecção do direito às raízes em contraposição ao direito de opção" (Sousa Santos; 1996) ainda que, segundo o autor, se mantenha o sentimento da terra de origem, ligado ao território real ou imaginário. O autor refere que estes fenómenos podem constituir uma fonte de tensão, quando esta esfera cultural reproduz a hierarquia entre sociedades do centro e da periferia no sistema mundial. Sousa Santos refere também que a compressão mundial do tempo e do espaço não beneficia da mesma forma a classe capitalista e os

migrantes e refugiados; havendo ainda aqueles que continuam presos ao tempo e espaço locais (cf. Sousa Santos; 1997; 1994).

Situando-se ainda em outra escala de reconhecimento do papel mediador da cultura no pensamento, na acção e na subjectividade dos actores sociais, Nunes (1995) considera que a cultura emerge da maneira como os actores sociais se relacionam entre si e estabelecem associações que constituem grupos sociais e formas de sociabilidade. Deste ponto de vista, as relações de parentesco e de amizade, bem como a participação em diferentes tipos de actividades, fornecem recursos indispensáveis a identificações em situações nas quais os actores definem o que e a quem os une e o que e de quem os separa. Dado que diferentes actividades têm vínculos com diferentes espacialidades e temporalidades particulares, à medida que os sujeitos alargam as redes de relações sociais, alargam também o seu repertório cultural, que pode conter, ao mesmo tempo, elementos da alta cultura, da cultura popular ou da cultura de massas.

Nunes (1995) parte da definição de cultura de Swidler (1968) — como repertório de práticas, representações, símbolos, crenças, objectos, rituais, memórias, tradições, identificações e concepções de subjectividade — para abordar a cultura como recurso que os sujeitos podem identificar e mobilizar nos mundos sociais nos quais são submetidos a uma diferenciação desigual. Nestes contextos, as competências, os sentimentos de pertença e os vínculos de solidariedade, podem ser accionados de diferentes maneiras, podendo haver circunstâncias de conflito de lealdades que o sujeito tem que gerir.

O autor refere que, embora as tradições sejam os elementos mais importantes das reafirmações identitárias na actualidade, estas são frequentemente recuperadas ou reinventadas na autenticação destas identidades. Neste processo social, as identidades são fragmentadas e produzidas pela identificação social e cultural que pode envolver a escala local, nacional e/ou transnacional. O autor considera mesmo que as ideologias são formas de conferir coerência e estabilidade às representações culturais pela sua permeabilidade as dinâmicas globais em curso.

O que compreendemos da posição desenvolvida por Nunes é que a cultura se refere

a temporalidades cujos fundamentos são a identidade e a diferença, constituídas como narrativas. O que é importante é, então, identificar os recursos culturais que asseguram a possibilidade de transmissão desta narrativa, o que implica uma nova visão das tradições e das memórias, como reconstruções periódicas que estão ligadas a reavaliações de experiências de cada momento histórico. Uma advertência do autor que nos parece fundamental reter aqui é que a referência à cultura e à tradição, oculta a heterogeneidade social produzida pelas desigualdades e hierarquias ligadas a divisões baseadas no sexo, idade, geração, classe, posse da terra, profissão, escolaridade, raça, etnia, experiência de emigração ou diferentes graus de diferenciação entre os locais e os de fora, baseados na naturalidade, no parentesco, na afinidade e na residência (Nunes; 1995).

Para poder distinguir, em maior profundidade, aquilo que pode ser expressão de raízes ou de opções, mas também e, de forma crucial, das posições ocupadas pelos sujeitos em campos sociais que são material e simbolicamente estruturados, achamos fundamental adaptarmos o ponto de vista de quem é incluído, através de um grupo social que habita o mundo em condições e circunstâncias históricas concretas.

2.2. Para ler a experiência de quem é habitada pelo mundo social que habita

Neste momento, pretendemos encontrar conceitos e modelos de leitura da realidade que nos permitam compreender e problematizar o processo de interiorização das estruturas objectivas que, sendo independentes da consciência e da vontade desta mulher, constroem as suas práticas e representações. Constrangem de tal forma que, apesar da relação activa de procura de contacto com universos mais amplos de significado, que lhe oferecem referências para problematizar a sua situação, ao construir a sua situação como totalidade de sentido, ela ajusta o seu comportamento e expectativas às possibilidades presentes no seu contexto de vida, mais imediato.

Para tal, recorreremos à explicação de Bourdieu (1998) sobre a correspondência entre *habitus* e *habitat*, como incorporação prática, como disposições subjectivas para a

acção, das condições sociais dadas pelas posições objectivas que os sujeitos ocupam nos campos sociais que habitam. Tais disposições são constituídas por esquemas de percepção, de apreciação e de acção que os predispõem a reconhecer e reagir, de uma forma e não de outra, a estímulos condicionais e convencionais. Importa, no entanto, considerar que tanto as condições objectivas quanto as disposições subjectivas que lhes correspondem, podem ser desestabilizadas por interacções sociais e por contextos cujas mudanças precisamos situar fora do campo de acção pragmática (cf. Bourdieu; 1998)

Neste sentido, recorreremos a Berger e Luckman para compreender como o conhecimento — todas as formas de conhecimento, sublinham os autores - mediatiza a acção dos sujeitos e constrói socialmente a realidade, na medida em que interfere na sua intercompreensão e auto-compreensão como personagens socialmente reconhecidos ou, por outras palavras, como actores de papéis socialmente legítimos (cf. Berger e Luckman 1966; Dubar; 1997; Corcuff; 1997).

Gostaríamos que a abordagem destas duas perspectivas nos permitisse explorar tanto as condições de produção e reprodução social e cultural, quanto as condições de imprevisibilidade e de indeterminação, que deixam espaço para a produção de subjectividades singulares e formas de acção que Paulo Freire (1970; 1993) adjectivaria como “inéditos viáveis”.

2.2.1 Como as condições objectivas (con)formam as disposições subjectivas que reificam a ordem social

Para Bourdieu (1998), a busca de reconhecimento é o que leva a criança a investir no jogo social, pela passagem entre uma organização narcísica da libido e o mundo de relações de objecto, ou seja, pela mudança entre o tomar-se a si própria como objecto de desejo, para passar a aceder ao mundo exterior a si, em que está implicada. Esta passagem não é nem mecânica, nem imposta pela coerção, mas resulta do conjunto das censuras silenciosas que são impostas pela ordem moral estabelecida no espaço doméstico. A criança “é levada a tomar para si o ponto de vista dos outros para

descobrir e avaliar, por antecipação, como será vista e definida por eles" (Bourdieu ; 1998).

Esta transformação dos afectos socializados no espaço doméstico fará com que o sujeito se interesse mais e se preocupe com agentes e instituições do campo social, investidos como novos objectos, respondendo a exigências tácitas, a pressões, a solicitações e a sinais de reconhecimento e consagração social.

Os sujeitos são, assim, introduzidos numa ficção social que forja o seu *habitus* e a sua individualidade, pela incorporação de condições objectivas que correspondem à sua posição relativa em diversos campos sociais, que constituem espaços de posições e distâncias sociais. É a partir de dentro desta posição (pré)determinada, que vão desenvolver esquemas práticos de acção e conhecimento práticos, que formam disposições para ser e fazer, que são moldadas pela sua imersão num corpo social.

Estabelece-se, assim, o acordo das suas disposições e expectativas com as exigências inscritas no mundo social. O corpo, assim socializado, "adere visceralmente ao corpo social... mantendo com o mundo uma relação de cometimento, tensão e atenção que constrói o mundo e lhe dá sentido" porque o corpo social incorporado no *habitus* é "lugar de solidariedades duradouras, de fidelidades incoercíveis porque baseadas em leis e laços incorporados "(1998).

A ordem social é apreciada tanto por quem a efectua, quanto pelos outros, a partir de princípios colectivos de visão e de divisão social, que não implicam a posição explícita de fins ou de cálculo racional. Bourdieu entende que "quem incorporou as estruturas do mundo, descobre-se nelas" e a acção prática dispensa a deliberação, fazendo surgir "programas de acção inscritos a ponteado na situação" (1998).

É a relação entre o *habitus* e o mundo social que faz com que "haja coisas que não se podem fazer em certas situações e coisas que não se pode deixar de fazer em outras". A acção individual não é nem livre e consciente, nem é o efeito mecânico de imposição de causas externas, porque a aprendizagem social decorre da relação prática com o mundo.

Se o mundo é compreensível e imediatamente dotado de sentido para o sujeito que

se acha inclinado e apto a antecipar as suas regularidades, é porque o seu corpo socializado "pratica" os princípios organizadores da realidade social. O poder da socialização primária no grupo de origem, reflecte-se nas disposições e esperanças mais subjectivas. E se o mundo é compreensível imediatamente, se é dotado de sentido, é porque os princípios de visão e de divisão social, estão inscritos no seu corpo, na ordem comum das coisas, na violência inerte das estruturas económicas e sociais objectivas e nos mecanismos através dos quais se reproduz".

Interessa analisar a singularidade da história na qual se construíram os esquemas constitutivos da realidade em que o indivíduo se encontra para ter acesso à sua prática e à sua compreensão prática. Para tanto, não basta descrever os fenómenos sem questionar os esquemas que o agente põe em acção para construir o mundo que dá sentido à sua experiência.

É na história objectivada nas coisas (sob a forma de estruturas e mecanismos) e na história encarnada nos corpos (em forma de *habitus*, entre *habitus* e *campo*), é entre o jogo e as paradas de jogo que se pode entender a reprodução como acção e reacção, como luta que é travada para melhorar a posição, para aumentar ou conservar um capital específico.

O autor considera que é nos períodos em que as esperanças e as oportunidades se desajustam que a autonomia relativa da ordem simbólica pode deixar "uma margem de liberdade a uma acção política visando reabrir o espaço dos possíveis" (1998) devido à reflexividade exigida nos períodos de crise, em que o sujeito não pode accionar os "ajustamentos rotineiros".

Pensamos que é esta consideração que dá sentido ao facto de Corcuff (1997) considerar construtivista o estruturalismo de Bourdieu, porque baseia a sua leitura numa relação entre objectividade e subjectividade, que deixa em aberto a questão da mudança e da interacção do indivíduo com as estruturas sociais, ou seja, com as condições, posições e disposições sociais que estão incorporadas como lógica das suas práticas sociais.

2.2.2 Como a objectivação linguística da realidade (assim) conhecida reifica formas de acção e identidades sociais

Enquanto Bourdieu (1998) recusa a hipótese dos agentes terem uma relação teórica e intelectual com a acção, que na sua perspectiva é uma relação prática com a prática social, Berger e Luckman (1966) consideram o universo simbólico como lugar que dá significância, significado e legitimidade às interacções sociais que constróem pragmaticamente a realidade social. É o conhecimento social, em todas as suas formas e conteúdos, que torna subjectivamente real e socialmente reconhecíveis as acções objectivadas linguisticamente.

Para estes autores, a sociedade é construída pela atribuição de sentido subjectivo a acontecimentos objectivos, o que é conseguido pela relação precoce com outros significativos que se interpõem na relação da criança com o ambiente natural e humano. Berger e Luckman acrescentam (1966), com um universo simbólico que contém diversas formas de conhecimento de uma dada sociedade — formulações teóricas científicas, mitológicas ou filosóficas, mas também a ideologia, a utopia e o senso comum.

Este é o conhecimento que dá a certeza aos sujeitos de que os fenómenos são reais e têm características específicas e é neste universo simbólico que se enraízam valores e concepções do mundo, que são interiorizados como facticidade objectiva. Por isso, os autores consideram que “a biografia do indivíduo e a sociedade histórica inteira são acontecimentos que ocorrem dentro de um universo de significados socialmente objectivados e subjectivamente reais” (Berger e Luckman;1966). Este universo passa a habitar o sujeito por um processo que se inicia quando a criança brinca e assim toma conta dos papéis desempenhados pelos seus outros significativos.

Segundo Mead, citada por Dubar, o papel começa por ser percebido como conjunto de gestos que funcionam como símbolos significantes que se associam para formar uma personagem socialmente reconhecida (cf. Dubar; 1997). A criança aprende, assim,

a organizar as reacções que estes papéis provocam nos outros e nela, retroactivamente. É este acto social que implica a adaptação à reacção do outro e à antecipação do resultado dos actos, que faz com que ela deixe de reconhecer o papel pela particularidade de quem o desempenha e passa a entendê-lo como organização de atitudes entre indivíduos comprometidos no mesmo processo social.

Para Mead, refere Dubar (1997), esta é a lógica da socialização das formas institucionais que constróem o eu social. A identificação com estes papéis institucionalizados, construídos pela tipificação de acções a que é dada objectivação linguística, transporta em si um conjunto de definições sobre a realidade social que passam a ser partilhadas e que, ao serem legitimadas num universo simbólico, deixam de situar-se na esfera pragmática. A relação entre o pensamento e o contexto social constrói-se desta forma, o que nos permite compreender o que implica o nascimento numa dada estrutura social objectiva.

Na verdade, é aí que cada sujeito encontra os outros significativos que escolherão aspectos do mundo de acordo com a sua própria localização social e das suas idiosincrasias individuais. São estes outros que irão fornecer as definições de situação que se apresentam ao sujeito como qualidade pertencente a fenómenos que são reconhecidos como independentes da sua volição.

É a socialização primária que faz "aparecer como necessidade o que é, de facto, um feixe de contingências" (Berger e Luckman; 1966). É o que faz com que uma atitude, que poderia ser lida como manifestação de processos subjectivos momentâneos, deixe de o ser numa situação experienciada pelo outro como sendo subjectivamente significativa. Na consciência dos sujeitos, cria-se uma abstracção progressiva de papéis e de atitudes que, embora sendo de outros sujeitos particulares, são apropriados como papéis e atitudes dos outros em geral, ou seja, do "outro generalizado".

Apesar das acções instituídas como papéis serem conhecidas, recorrentes e repetíveis por qualquer actor social, são elas que determinam a auto-compreensão do sujeito, no momento em que este as executa. Desde que o indivíduo interioriza este mundo social, constituído por definições sociais partilhadas, ele partilhará com os

outros o "nexo de motivações que se estendem ao futuro e promove a sua identificação mútua" que lhe proporciona identificações, legitimadas a nível do universo simbólico (cf. Berger e Luckman; 1966).

2.2.3 Quando as identidades sociais são "individualizadamente" reconstruídas como subjectividade, na interacção com um sistema social que se altera

Dubar critica tanto a abordagem culturalista quanto a abordagem estruturalista, por partirem igualmente do pressuposto de que existe uma unidade do mundo social, unidade que, para os primeiros, é constituída em torno da cultura tradicional e, para os segundos, é constituída em torno de uma economia generalizada, com a sua lógica de maximização de interesses materiais e simbólicos, dominantes nas sociedades modernas.

O argumento é o de que a abordagem culturalista entende a cultura como "algo" exterior ao indivíduo que, para se tornar membro de determinada sociedade, terá de incorporar na forma de características gerais e especializadas, comuns a certas categorias socialmente reconhecidas, que partilham o mesmo *status* social.

Segundo Dubar (1997), estas perspectivas restringem as particularidades individuais às opções de reacção perante as mesmas situações, por darem ênfase à questão de fidelidade às raízes do grupo de origem, pressupondo que, em todas as sociedades, "há experiências subculturais de base, que respondem a uma necessidade psicológica primordial de pertença social.

Dubar considera que esta foi a perspectiva que levou os funcionalistas a criarem uma teoria geral da socialização que é parte da teoria geral da sociedade, circunscrevendo o processo de socialização a quatro subsistemas de acção: a estabilidade normativa, a integração, a persecução de objectivos e a adaptação. Neste caso, a identificação primária com a mãe corresponde já à aprendizagem dos padrões de acção constitutivos das normas e valores da cultura, geradora de uma conformidade precoce. O facto de alguns indivíduos, em algumas situações, se definirem ou referirem positivamente a

outro grupo social que não o de pertença, é explicado pelo desejo de adesão aos modelos de outro grupo de referência. (cf. Dubar; 1997).

Dubar refere que a correlação entre posições actuais e posições passadas, ou entre posições em campos diferentes, foi um contributo importante de Bourdieu, embora considere que pareça haver uma incongruência no facto deste autor considerar que a relação específica que os indivíduos estabelecem com o futuro é determinada pela sua pertença ao grupo com quem partilham a mesma visão do mundo sócio-económico, quando descreve o *habitus*, em termos de estilos de vida que são caracterizados pelo consumo de determinados tipos de bens culturais e práticas sociais e quando faz presumir que a relação com o futuro, inclua o capital económico e cultural. (cf. Dubar; 1997).

A sua posição é a de que a socialização deve ser entendida como produto constantemente reestruturado sob a influência presente ou passada de múltiplos agentes de socialização e como processo no qual se constrói, lenta e gradualmente, um código simbólico. É este código que servirá como sistema de referência e de avaliação do real a nível de processos de identificação, identidades, pertença e relação.

O autor fundamenta esta sua posição construtivista nas afinidades e diferenças entre Durkheim e Piaget que, embora concordem que a interiorização da vida social requerida pela individualização crescente da vida social, foi resultante da passagem da solidariedade mecânica à solidariedade orgânica, discordam nas causas que atribuem a este fenómeno. Assim, enquanto o primeiro atribui a interiorização a modelos culturais, ao espírito da disciplina, do constrangimento e da ligação entre grupos sociais, em que assenta a "autonomia da vontade", o segundo considera que as trocas sociais que até um momento são vividas pelos mais novos, como relações de constrangimento, transformam-se em relações de cooperação, devido à aquisição, pelo sujeito, do sentido da justificação lógica e autonomia moral (cf. Dubar; 1997). Considera ainda que, dado que este processo de ligação entre estruturas lógicas e formas sociais de cooperação, decorre de desequilíbrios e reequilíbrios, da acomodação e da assimilação que são mediados simbolicamente, a análise cultural dos sistemas simbólicos e das

representações é importante para compreender como o indivíduo define e interpreta as situações vividas.

Para enfatizar que a reprodução social ou a adaptação das identidades provenientes da socialização primária é apenas um entre outros resultados possíveis da articulação primária e secundária dos aparelhos de socialização, Dubar refere a conclusão do trabalho de Percheron, sobre a socialização política das crianças que confirmou a hipótese de que "tanto as representações como as escolhas políticas não são transmitidas e constituídas de uma vez para sempre".

Para Dubar, as identidades são resultados simultaneamente estáveis e provisórios da socialização secundária que promova o domínio de um vocabulário, a interiorização de receitas e a incorporação de um programa correspondente à aquisição de um saber legítimo que permite a elaboração de estratégias práticas e a afirmação de uma identidade reconhecida.

As representações e escolhas são o resultado de um processo de renegociações permanentes no seio da família, na escola, na rua, no grupo de pares e, embora reconheça que há sistemas tipificados de "representações automáticas" que permitem respostas rápidas e estereotipadas às situações, o autor considera que estes são reutilizados de acordo com aspirações e experiências subjectivas (cf. Dubar; 1997).

A esta concepção relativista da sociedade, em que a socialização é abordada como desenvolvimento de uma competência de base que permite que o indivíduo se torne actor numa sociedade e segundo Van Van Haetch (1992) Perrenoud opõe a "teoria interaccionista do *habitus*", que propõe que se estudem as estratégias de socialização como "conjunto de práticas sociais que procuram dominar os processos de interiorização da ordem social pelos indivíduos, por meio da acção educativa explícita ou através do meio". A socialização é, neste caso, abordada como uma prática dos actores que é também uma política de controlo de *habitus*. Esta posição parece reclamar que se revise a socialização como processo social aberto, mas dentro de limites que são estabelecidos pelo *habitus* produzidos pela socialização.

2.3 - Outros lugares e sentidos para visitar e imaginar a Educação

Introdução

Quando conseguimos resistir à pressão ideológica de explicar as desigualdades dos efeitos da educação em termos de capacidades inatas ou intrínsecas aos indivíduos, somos desafiados a lidar com a complexidade de um sistema social e cultural, que é organizado hierarquicamente e cujo equilíbrio depende da reprodução destas assimetrias. Cada indivíduo é "nó" de uma teia de relações sociais, cuja totalidade é mantida pela operação simultânea de agentes, que se articulam à diferentes níveis da organização social, no desempenho de práticas sociais diversificadas.

Se, ao aceitar este pressuposto, conseguirmos ainda resistir à tendência de explicar a acção individual em termos da sua funcionalidade do sistema sócio-económico, ou da correspondência entre subsistemas, então temos que enfrentar a difícil tarefa de descobrir o que liga a vida dos indivíduos e dos grupos à sociedade.

É desta perspectiva que a Educação pode ser objectivada não só como instancia que sanciona e legitima os comportamentos individuais, mas também como campo social específico que pode reproduzir ou alterar conjuntos de relações sociais transversais aos diversos segmentos sociais. É também neste sentido que a educação pode ser investida como recurso individual e colectivo, na desnaturalização de desigualdades que constituem como réus, aqueles que são prejudicados pela desigualdade estrutural.

É, enquanto espaço de posições e enquanto fonte de significados que constróem mediações entre sujeitos individuais e colectivos e destes com as estruturas sociais que Educação pode dar visibilidade e problematizar a "ordem comum das coisas" ; esta ordem que Bourdieu qualifica como "fonte de pressão e de opressão, que passa pela imposição de condições materiais de existência e de injunções surdas, mais dirigidas ao corpo do que ao intelecto e "que reproduz a violência inerte das estruturas económicas e sociais objectivas e os seus mecanismos de reprodução".(cf Bourdieu; 1997).

Concebida como mediação sócio-estrutural e sócio-simbólica, a educação pode constituir um meio desocultar os mecanismos ideológicos que justificam a definição da situação de alguns grupos sociais em termos de ausência e de défice: de conhecimento, de competência cognitiva, emocional ou social, de motivação ou de iniciativa.

Para romper com o habitus de atribuição causal das desigualdades a atributos mais do que aos recursos que efectivamente os sujeitos podem mobilizar para melhorar a sua posição nos campos sociais importa compreender mais profundamente o que constrange e o que facilita a acção e as tomadas de posição social que são mediadas pela educação. A educação requer ser vista como elemento constituinte da ordem social assimétrica e da cultura dominante que atravessam, estruturam e dão significado às relações sociais reproduzidas no espaço público e privado, através da acção social organizada na pequena e na grande escala que articula as práticas sociais de sujeitos individuais e colectivos. As evidências criadas pelas ideologias da modernização, do comunitarismo, do consumismo, da domesticidade e outras fazem pressupor consensos sociais e culturais que ocultam a distribuição e legitimação desigualitária do poder entre grupos reconhecidos como criadores e proprietários ou depositários, expropriados de capital simbólico.

A Educação requer assim ser revisitada como recurso que consolida, define e pode desestabilizar fronteiras dos e entre os campos sociais onde se sancionam diferentes tipos de capital simbólico.

Requer também ser vista como lugar estrutural que tem tido a sua “sede” oficial na Escola, enquanto contexto de interacção social e instância de poder simbólico que concorre com outras instancias e subjectividades não reconhecidas pelo sistema educativo, constituindo-se a este nível como campo de reprodução e de transformação social e cultural relativamente autónomo.

Finalmente a Educação requer ser entendida como fatia da vida da comunidade e como praxis de sujeitos que procuram apropriar-se da sua experiencia como vida, como drama, reconstruindo-se a si mesmo como actores, hermeneutas e sujeitos.

2.3.1 A Educação como representação da realidade passível de reificar ou desafiar os limites estabelecidos pela oficialidade dos discursos e das práticas

Uma das dificuldades que temos que enfrentar neste trabalho é lidar com a tendência de objectivar a educação como prática social, como “algo” que existe em si mesma e em algum lado e à qual os indivíduos têm ou não acesso. Essa tendência está, por certo, na base das práticas de educação bancária e na circunscrição do campo educativo à escolaridade e à cultura erudita e científica, que a Modernidade oficializou como saber que deveria substituir outros saberes, na orientação da vida quotidiana. de cidadãos vinculados verticalmente ao Estado.

Importa reconhecer aqui que foi no erigir de fronteiras entre contextos e práticas sociais informais, não formais e informais que a Educação, promovida pelo Estado, foi instituída como modalidade específica de relação social, como “meio idealizado do universalismo no meio público, como campo autónomo regulado por critérios de verdade, validade e pertinência que transcende as circunstâncias históricas e clivagens sociais”(Forquim; 1990).

Essas fronteiras foram instituídas e regulamentadas para assegurar a reprodução de papéis sociais ou seja de formas de acção que foram tipificadas e reificadas através da objectivação linguística e legitimação pelo Estado, enquanto protagonista do Projecto sócio-cultural da Modernidade. Ao ser confundida com escolarização ou ensino a educação passou a sancionar outros saberes que orientam e dão sentido à vida quotidiana dos sujeitos individuais e colectivos e que formam e são formadas pelo saber experiencial das comunidades e/ou dos próprios sujeitos.

Para escapar a alguns riscos comportados nesta visão etnocentrica dos agentes e agencias da educação, procuraremos fazer presentes discursos sociais, políticos, pedagógicos e experienciais que representam a educação como campo de saber e de praxis social aberta a universos sociais e simbólicos em que circulam diversas formas culturais que concorrem e são reconfiguradas na interacção social.

A educação pode assim ser imaginada como lugar para o qual confluem e onde são apropriados fragmentos da cultura erudita, ocidental, europeia, nacional, científica e tecnológica mas também da cultura de massas, de culturas religiosas e locais que dão significado as práticas dos sujeitos, constituindo recursos dos quais se apropria na sua praxis social e histórica na construção de narrativas identitárias.

È a visão sistémica que nos obriga a complexificar a relação entre indivíduo e sociedade na qual a educação participa.. Esta modelo de conceber e analisar a realidade está presente tanto na perspectiva ecológica do desenvolvimento humano quanto a perspectiva da reprodução social e cultural.

Segundo Gabriela Portugal (1992) a perspectiva ecológica, procura compreender o comportamento individual como expressão da complexidade de relações que podem ser analisadas à nível macro, meso, exo e microsistémico, atravessados por valores, crenças e ideologias. As actividades, os papéis, as relações e os sentimentos em que ou de que decorre a educação, estão presentes as relações que se estabelecem a todos os níveis, enquanto elementos incorporados no processo de desenvolvimento humano.

Segundo Morrow e Torres (1997) a perspectiva da reprodução social e cultural, dá-nos conta dos mecanismos generativos da integração do sistema e da integração social. Deste ponto de vista os fenómenos educativos em geral e a socialização em particular, são entendidos ou como expressão de consensos ou como resposta ao conflito entre grupos sociais, que constituem a totalidade das relações sociais.

No primeiro caso a educação é investida como meio, como acção que assegura um conjunto de funções²⁸ que contribuem para a reprodução de papéis (funções) sociais

²⁸ Este é o pressuposto da teoria funcionalista, que investe a educação das funções distributiva (de selecção) económica e política, a função académica integrando estas últimas a socialização e a reprodução cultural, que admite a seguinte afirmação "*por um lado educa-se uma elite para conduzir um país e, por outro, civiliza - se o conjunto das massas*"(cit. por Torres ; 1997: 13-14).

Torres refere noutro trabalho análise da educação em que Parsons explicou as disfunções do sistema educativo a partir da definição de quatro "tipos de criança", construído por uma tabela de dois por dois, onde de um lado aparecia o status, a classe, o segmento sócio-económico de proveniência e por outro, a habilidade intelectual". A explicação designou como problemas a existência de dois "tipos anômicos" no interior do sistema educativo: a criança de alto nível intelectual e baixo status sócio-económico e os de baixa habilidade intelectual e de alto status económico" (Torres: 23)

necessárias à auto-regulação do sistema social. No segundo caso a educação é reconhecida como arena política em que os grupos dominantes tentam dela servir-se para reproduzir as relações entre trabalho e capital, as instituições de massa e o papel estratégico do Estado democrático liberal. O que é importante é reconhecer que estas relações não só podem ser reproduzidas e legitimadas pela educação quanto podem ser problematizadas e transformados enquanto lugar de contradições (cf Morrow e Torres 1994).

Consideramos que aceitar as teorias da sociedade que privilegiam as ideias de estabilidade, integração, coordenação funcional e consenso, que têm na meritocracia o seu critério de justiça na distribuição de bens materiais e simbólicos, implicaria ignorar que o que é exigido, para o bom funcionamento da sociedade, aos diferentes grupos sociais não é o mesmo nem em termos de sobrevivência, nem de busca de emancipação.

As questões de poder, do conhecimento, as bases morais da produção e aquisição de cultura, requerem ser problematizadas para não ocultar o conflito, a desintegração e a coerção a que estão ordinariamente submetidos os grupos subordinados, cuja voz não se faz ouvir e cujos interesses não são dominantes nem tendem a ser assumidos como prioritários, nos espaços de decisão e legitimação política da cultura, que a educação promove e sanciona.

Admitir que a cultura dominante e as relações que a impõem como arbítrio cultural é produzida pelo consenso entre todos os grupos sociais nos levaria a atribuir a responsabilidade da desigualdade social aos grupos a que são negadas as condições mínimas para a sua participação social. Participação essa que poderia desestabilizar a conformidade das disposições subjectivas a condições objectivas criadas por mecanismos de produção e distribuição de poder, saber e de direitos de cidadania social e conseqüente possibilidade de afirmação de valor dos recursos e sentido de existência. Aceitar acriticamente o pressuposto de que a educação tem como função a selecção de talentos, de potenciais "inovadores" da sociedade, seria admitir a reativização dos princípios adoptados por quase todas as Constituições dos Estados

Nacionais do Ocidente, de que a posição social herdada não legitima a predestinação social justificada por atributos da natureza e relações de linhagem.

Precisamos por isso explorar conceitos que nos permitam apreender a educação tanto como lugar estruturante de posições sociais como mediação simbólica da acção social Societária e Comunitária, onde os grupos melhor posicionados definem as fronteiras do horizonte de emancipação prometidos pela Modernidade.

2.3.2 A Educação como fenómeno de produção, selecção, oficialização e redistribuição de saber-poder

Morrow e Torres consideram que as teorias da reprodução social e cultural, nas quais incluem a leitura da realidade da educação elaborada pelos teóricos funcionalistas, marxistas e neo-marxistas, críticos e pós estruturalistas, partilham algumas características analíticas, tais como a visão da sociedade como unidade complexa, a valorização das instituições educativas formais e especializadas, como pólos estratégicos para a estabilidade e para o desenvolvimento de sociedades com certo grau de complexidade, a perspectiva de que a interacção entre instituições e sociedade é recíproca e que a elaboração de políticas na esfera da educação constitui um contexto crucial de negociação e luta que pode ter efeitos decisivos na capacidade da sociedade.

O que as distingue é o facto das primeiras imaginarem a escola como substituição da igreja, enquanto instituição socializadora central na integração da sociedade e na manutenção da ordem social, enquanto que as outras problematizam esta relação de continuidade (tendencialmente “harmoniosa” e harmonizante) entre educação e sociedade. Assim, há teorias que concebem a educação como instância de socialização e integração social estratégica na disputa de poder simbólico por grupos concretos e outras há que partem do pressuposto de que a educação é um contexto primário de resocialização e de integração social que reproduz os interesses da classe dominante. (cf Morrow e Torres; 1997).

A educação passa a ser entendida como fenómeno que não é totalmente funcional ao sistema social como totalidade e menos seria se não houvesse no seu interior mecanismos que constringem a possibilidade de uma tomada de consciência crítica do arbítrio cultural que legitima as circunstâncias de dependência e marginalidade social, que mantém os grupos oprimidos, como pólos da dialéctica constitutiva do opressor. Arbítrio que Bourdieu reconhece como resultado da luta de interesses entre grupos sociais para aumentar ou por manter o seu capital cultural e simbólico; capital que, ao ser reconhecido, pode converter em poder simbólico o capital económico concentrado por alguns grupos privilegiados.

Achamos, assim, fundamental, situarmo-nos, embora não exclusivamente, do ponto de vista das macroestruturas, ou seja, no campo onde a representação social da educação foi apropriada como lugar de acreditação de umas e não de outras formas culturais e como dispositivo de reprodução do conceito de "mérito". Conceito esse que é legitimado e que legitima o acesso diferenciado dos grupos sociais a condições de vida que os diferenciam, em termos de oportunidades de acesso a bens materiais, sociais e culturais. Conceito que oculta a não correspondência entre oportunidades de *acesso a* e *acesso a oportunidade de*, o que prejudica estruturalmente e não apenas individualmente, os grupos sociais que são representados como indicadores negativos ou disfuncionais nas análises estatísticas com que se tende a avaliar o impacto democratizante da educação.

A competência social e cultural dos grupos em posição de desvantagem e a sua realidade sociológica são, neste contexto, imaginados a partir da correlação estatística que se estabelece entre classe social e mobilidade escolar, como se um grupo social correspondesse a uma população constituída como agregado de características isoladas.

Situarmo-nos no tempo e no espaço mais amplos das relações sistémicas que apreendem a sociedade e a cultura como totalidade, permite não só apreender as assimetrias que são reproduzidas a partir de um arbítrio cultural, estabelecido pelos grupos dominantes, mas também apreender raízes da produção de consentimento para esta relação que é de dominação.

Permite entender que a violência faz parte e se reproduz na “ordem comum das coisas”, na qual alguns grupos têm que sobreviver, enquanto que outros podem dela tirar vantagem ou se emancipar pela tomada de consciência crítica da sua participação activa ou passiva na sua manutenção e legitimação.

A Educação pode, então, ser reconhecida como fenómeno de produção e reprodução de significados específicos que dão o sentido a ligações das pessoas consigo próprias e com os outros, que tanto podem ser percebidos como iguais, como semelhantes (embora não idênticos) ou como diferentes e estranhos, estrangeiros do mundo em que construímos colectivamente leituras dos acontecimentos passados, presentes e futuros, que nos tornam contemporâneos da história, como “unidade composta pela diversidade”, como diria Ascher.

Compreender este facto, talvez nos permita pressupor, embora sem poder ainda compreender ou explicar suficientemente, por que a história de vida desta mulher, embora pareça, não é uma “réplica” da história de vida da sua mãe, porque foi simbólica e subjectivamente transformada em luta pela autonomia e resistência contra a adversidade que poderia ter condenado as suas filhas e netas a se tornarem “replicas” da sua vida de pobreza, exploração e opressão. Permite também pressupor que esta possibilidade de ressignificação e recontextualização da sua trajectória de vida, num universo simbólico, povoado de culturas e de configurações culturais híbridas, não foi suficiente para evitar a reprodução de condições de subordinação, dependência e também de opressão a que submeteu directamente as suas filhas que, pelo menos num dos casos, reproduz na relação com duas delas.

O que nos interessaria agora seria estimar em que medida esta diferença e semelhança de trajectórias, que dão visibilidade aos conteúdos e de processos de socialização primária e secundária e de ressocialização, que garantem a possibilidade de reprodução da sociedade e da cultura, foram ou não permeáveis aos significados que a Educação Pública se propõe difundir e desenvolver, enquanto projecto de democratização social.

Embora a trajetória educativa e formativa da D. Silvina resulte de práticas e de ideias que circulam fora da escola, da aula e da classe escolar, ou seja, fora dos âmbitos de convivência que vinculam as crianças e adultos aos modelos sociais que veiculam os quadros valorativos e políticos do Estado como promotor da educação pública, não podemos ignorar a sua inclusão no universo social e simbólico que passa a ser configurado pela cultura escolar. Universo no qual a nossa narradora procura aceder no seu esforço de adaptação ou ajuste à ordem social dominante, na qual se pode construir como cidadã, se não do Estado, pelo menos do Mundo e do Mercado, trazido para a sua vida quotidiano através dos média.

No entendimento que procuraremos construir sobre a educação da D. Silvina, queremos manter a percepção desta tensão entre a representação da educação como espaço de (re)produção da cultura oficial e da ordem social e da educação como luta de quem, sendo construído pelo mundo, quer transformá-lo na objectividade das suas estruturas e nas interacção sociais que formam e transformam identidades sociais e subjectividades particulares.

2.3.3 A Educação que o Estado promove como interventor na esfera privada

Se recuarmos alguns séculos, podemos situar o momento em que o Estado Nação constituiu a Escola, as Famílias e a Igreja como bases estratégicas para uma série de intervenções educativas e correctivas que visaram reorganizar a vida familiar.

Sobre este momento, há historiadores que entendem esta intervenção como expressão da “intenção de substituir o trabalho excessivo das crianças pelo cuidado educativo, a ignorância pelo conhecimento e o espancamento e negligência pela supervisão cuidadosa” (Filkstein;B), mas há também os que entendem este investimento como tentativa de manter e/ou assegurar o poder, a autoridade e o status das elites industriais, comerciais, intelectuais e profissionais, designadamente pela preparação de

força de trabalho local ou produção tipos particulares de trabalhadores do interesse dos proprietários industriais.

Naquele contexto, era o cidadão nacional que o Estado pretendia formar com a cumplicidade da escola, das famílias e das várias instituições, à custa do enfraquecimento das relações comunitárias tradicionais, o que tornou possível fazer assentar os estatuto burocrático nas credenciais escolares o que, não só alterou as relações contratuais no mercado de trabalho, como legitimou burocrática e legalmente o conhecimento especializado (cf Lenhand cit.por Torres; 1997: 28).

Referirmo-nos, assim, ao Estado promotor da educação, requer que se esclareçam as rupturas sociais, políticas e culturais fundantes da realidade tal como a conhecemos, reflectindo sobre o impacto da mudança de condições materiais e sociais de existência de alguns grupos sociais que contribuiu para a emergência do sentimento de família, para o sentimento de infância que, em alguns grupos sociais, reflecte o aparecimento da escola.

Segundo Segalin, trata-se de mudanças que se limitaram, por muito tempo, aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos, até que a família fosse constituída como centro de produção económica na sociedade industrial, como célula da sociedade, como base dos Estados.

Uma primeira consideração geral a fazer é que o processo da industrialização teve impacto na dinâmica familiar de todos os grupos, mas que as configurações e as relações familiares foram diferencialmente afectadas. Efectivamente, nem todos os grupos participaram da mesma forma na adaptação de papeis sociais interiorizados nas relações intergeracionais, baseadas na repartição do trabalho entre os sexos, na unidade de produção agrícola.

Os historiadores referem uma série de circunstâncias criadas pelo processo de industrialização que, longe de uniformizar, participaram para a diferenciação do modo de vida das famílias e, conseqüentemente, da criação e da educação das crianças dos diferentes grupos sociais, em que o Estado passou a ser interventor.

Assim, em meados do séc. XIX, a falta de alojamento na proximidade das unidades industriais, levou à degradação do espaço privado das famílias operárias, que foram obrigadas à coabitação de várias gerações, manteve a família alargada, como garantia de serviços de base que substituíam as estruturas colectivas de apoio social das comunidades de origem. Na mesma altura a burguesia nuclearizava a família, privatizava o espaço doméstico e ampliava o seu espaço de intimidade, criando diversos compartimentos na casa que ocultavam o que seria um luxo de classe, com um discurso de pudor e de modéstia.

Outro factor que teve um impacto diferenciador da organização da vida das famílias dos diferentes grupos sociais foi a emergência de indústrias com trabalhos desqualificados e repetitivos que não implicavam força física e requeriam mão de obra numerosa. Esta oferta abundante de trabalho justificou o recrutamento de mulheres e de crianças e fez com que os homens passassem a desempenhar algumas tarefas domésticas enquanto que, noutros extractos sociais, mesmo as mulheres que haviam participado na industrialização se retiravam do espaço público para educar as suas crianças e desenvolverem relações sociais que as valorizavam como mães.

Assim, enquanto a família burguesa se definia cada vez mais como lugar de ordem, onde todo o desvio era visto como perigo social, nas famílias operárias era a relação vertical entre gerações que era abalada, não só por esta ocupação dos homens em tarefas domésticas, mas também pela própria separação casa/trabalho e do tempo de lazer/trabalho. A autoridade do pai e do avô deixava de ser reconhecida à medida em que o legado de saberes técnicos que eram transmitidos como património intergeracional e a força física iam sendo dispensados pelas máquinas.

A discrepância de modos de vida dos grupos sociais terá levado a que não só a Igreja, mas também o patronato, as sociedades de beneficência e o Estado se tivessem mobilizado para generalizar as normas de vida e o modo de repartição sexual das tarefas e da atenção às crianças e ao lar doméstico, da classe burguesa aos operários.

As crianças deixavam então de pertencer apenas aos seus, para serem investidas como futuro da nação e da raça, produtora e reprodutora, cidadão e soldado de amanhã,

á medida em que os médicos, os administradores e os militares, passavam a reconhecê-las como potenciais produtoras de riquezas e como força militar desperdiçada com a mortalidade infantil.

Enquanto as crianças dos grupos desfavorecidos se tornavam objecto de interesse de filantropos, médicos e de homens do Estado, preocupado em as educar e disciplinar em conventos e hospícios, as crianças das classes sociais dominantes tornavam-se cada vez mais o objecto de investimento afectivo, económico, educativo existencial.

É por estas razões que a intervenção do Estado na educação das crianças não pode ser entendida apenas por referência à escola, nomeadamente quando se trata da vida das crianças das classes populares que, segundo alguns historiadores, terão sofrido uma forma de invasão cultural da classe média, exercida em nome da sua protecção.

Para Iturra, a penetração das relações de reprodução comunitárias pelas relações de reprodução societárias, estruturadas segundo o princípio do Estado, criou condições para a aparente generalização a todos os grupos sociais do modelo ideal de agregado doméstico baseado no mito cristão²⁹, independentemente das suas condições materiais e sociais de existência. Neste sentido, a educação foi investida para uniformizar a vida familiar de modo a assegurar que *em todas as casas houvesse adultos que trabalhassem, mães que nunca estivessem fatigadas e pais que voltassem cedo para casa para ensinar a sabedoria aos mais novos e crianças silenciosas* (cf Iturra).

No entanto, o que esta educação, empreendida por agentes e instâncias educativas exteriores à vida da comunidade, conseguiu não foi substituir, mas sim, sobrepor formas de entendimento da realidade que contribuiu, no entanto, para que o saber oralmente transmitido tivesse sido desvalorizado. Desvalorização que se deu pelo acesso a um modo de conhecer que privilegiava essencialmente a experiência acumulada fora do tempo individual e que passou a ser transmitida através de símbolos universais e a dispensar o quotidiano dos sentimentos e experiências. Pouco a pouco, o acesso cognitivo dos mais novos às formas, estruturas e processos que ligam as

relações sociais com as coisas, passava a ser promovido pela fixação de estereótipos do social e de saberes resultantes da investigação ou da ideologia.

Para Iturra, todo este empreendimento na educação criou as condições necessárias para veicular outros fundamentos sociais, valores e concepções de mundo alternativos à cultura tradicional da comunidade e preparou o reconhecimento do Estado como instância legítima de delimitação da normatividade social e de organização da interacção social; organização que visou garantir a disponibilização dos adultos para o processo de produção e de acumulação (cf Iturra; 1995³⁰).

Queirós (1995)³¹ considera também que a criação da escola não constituiu apenas uma mudança institucional, mas uma mudança do modo de socialização que assenta numa forma inédita de relação social que forma identidades abstractas e capazes de abstracção. Ao retirar a criança do espaço e tempo da vida social e ao vinculá-la a conhecimentos separados da prática e da aprendizagem por imersão, por incorporação e por imitação, a sua ligação aos outros passa a submeter-se às mesmas regras impessoais em que a lei do catecismo é substituída pela “lei da civilidade”.

A aprendizagem passa a basear-se em modelos de união dos elementos e a pedagogia a fundar-se sobre a explicitação, a aprendizagem de regras e a interiorização de princípios, o que põe entraves à identificação precoce das crianças ao seu grupo social de pertença.

Por outro lado, é a própria vida familiar que se conforma a este modelo, o que se reflecte, por exemplo, na subordinação dos seus afazeres e lazeres ao interesse de elevação das disposições escolares. E toda a vida social passa a ser invadida por critérios que tendem a transformar em educação cada actividade e cada instante da relação adulto criança (cf Queirós; 1995)

²⁹ Segundo o mito cristão em todas as casa “ há um pai que trabalha, uma mãe que cria e leva o filho a visitar outros parentes; um filho que acompanha os pais aos rituais e que exhibe tanta sabedoria que os pais se calam e ouvem , porque este saber não pode ser humano, mas sim fruto de uma vontade maior, divina”

³⁰ Iturra; R (1995) Tu ensinas-me fantasia, eu procuro realidade”; Revista Educação, Sociedades e culturas; nº 4; Edições Afrontamento, Porto

³¹ Queirós (1995) L'École et ses sociologies; Ed Nathan; Paris

2.3.4 A Educação que o Estado promove enquanto produtor da esfera pública, potencialmente emancipatória

Gostaríamos agora de reflectir sobre a responsabilidade do Estado como promotor da educação como política social específica que interfere de forma diferenciada e diferenciadora na vida das crianças de grupos sociais, cujas trajectórias de relacionamento com as instituições sociais e educativas são contrastantes, como acabamos de referir.

Uma questão primeira que se impõe reflectir é sobre que bases de legitimação o Estado se pode propor a "suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados psíquicos, intelectuais e morais que são reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio a que ela está particularmente destinada" (Durkheim, citado por Torres; 1997: 24)³² “ ?

Formular esta questão implica confrontarmo-nos com uma das formas mais discretas de discriminação e de injustiça social que afecta os grupos em posição de desvantagem, que é dar uma dimensão meramente funcional à sua educação, como estratégia de integração e de mobilidade social. Discrição que é activamente assegurada pela ideologia da modernização que permite que grupos dominantes evoquem a educação como meio de democratização social, de universalização da cultura e de conquista da razão para o progresso social colectivo, quando o que está em causa é assegurar a correspondência de posições entre sistema educativo, sistema de produção económica e reprodução política e cultural.

Neste sentido, Frietzel(1987)³³ foi o autor que nos deu a consciência mais clara das implicações ideológicas e, portanto, socialmente pragmáticas, da diferença de discursos com que se constróem simbolicamente as relações de correspondência positiva e de correspondência negativa entre sistema educativo e sistema produtivo. O autor

³² apresentada no ano 1911, no Nouveau Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de Ferdinand Buisson (segundo Forquim; 1990)

³³ Frietzel;C.(1987) O conceito de autonomia relatva na teoria educativa; British Journal os sociology of Education vol 8; nº 1

permitiu-nos apreender o facto da racionalidade cognitiva e instrumental ser assumida como fundamental para a formação de agentes destinados à inovação científica e tecnológica, enquanto a racionalidade estético-expressiva e a racionalidade moral-prática serem enfatizadas quando se trata de “gerir” a correspondência negativa entre os dois sistemas.

Dado que é neste segundo campo que estão concentradas as crianças e jovens dos grupos sociais desfavorecidos, é frequente ouvir discursos políticos que procuram justificar a secundarização da racionalidade cognitiva e instrumental, relativamente à racionalidade estético-expressiva e à racionalidade moral prática, quando se trata da educação e formação dos grupos com menor poder simbólico e pior posição no sistema económico e social. Esta diferença de intencionalidade política cria e legitima condições para que os grupos sociais mais desfavorecidos não possam sequer participar em contextos nos quais se tomam decisões que implicam o compromisso colectivo na mudança social.

Excluídos do diálogo com e entre outros grupos sociais, cuja educação se subordina à ordem da razão instrumental, de tal forma hegemónica que pode dispensar a racionalidade moral-prática como factor de auto-regulação e de emancipação social, os grupos desfavorecidos são autorizados (embora não acreditados social e culturalmente) a expressar afectos e subjectividades, desde que esta expressão não implique tomadas de consciência da sua própria condição como grupo dependente, marginalizado e oprimido, ressitando o problema na ordem da razão moral-prática.

Importa, no entanto, considerar que o que nos permite enunciar aqui esta contradição é a referencia ao Projecto sócio-cultural da Modernidade, enquanto metanarrativa que nos leva a imaginar uma ordem social cuja regulação e emancipação é garantida pelo equilíbrio das três formas de racionalidade - a moral-prática, a estético-expressiva e a cognitiva-instrumental.

Considerando que a crítica à Modernidade tem enfatizado sobretudo a hegemonia da racionalidade cognitiva-instrumental, achamos importante realçar aqui o facto de este ser mais um sinal do silenciamento dos grupos sociais, cujas condições e sentido

de vida dão visibilidade à irracionalidade cognitiva-instrumental que é ocultada pela retórica que os grupos dominantes constroem com significados emergentes e referidos a universos constituídos segundo a ordem da razão moral prática e estético expressiva.

De seguida, tentaremos tornar mais evidente esta contradição, que nos parece fundamental, para não deixar recair sobre os grupos em desvantagem a causa das suas trajectórias de mobilidade horizontal e do isolamento social que tendemos a entender cada vez mais como expressão de “diversidade cultural” ou, neste caso específico, como “cultura da pobreza”.

Pensamos que, para o evitar, é importante evocar aqui conhecimentos que resultam da análise da Educação como política social e que nos permite problematizar, noutros termos, a tendência social geral para o desequilíbrio da relação entre políticas identitárias e políticas de redistribuição social, em favor das primeiras. Tendência que no universo da educação se expressa na substituição da preocupação do Estado Educador com (a desigualdade de) oportunidades de vida, pela preocupação do Estado gestor da diversidade com (a diferença de) estilos de vida (cf Stoer , Correia e Cortesão; 2001).

2.3.4.1 Quando a Educação é instrumentalizada como tecnologia social

Grácio (1982)³⁴ enuncia como contradição da perspectiva funcionalista, que focaliza os problemas nas relações de correspondência internas e externas do sistema educativo, o facto de a Educação ser concebida como processo de aquisição de conhecimentos e de implicação dos indivíduos numa ordem de valores sociais, para criar um acordo de consciências que serve de base de integração da formação social.

O autor argumenta que não é possível imaginar a uniformização de valores e atitudes como base do consenso social, na medida em que a educação exerce também a função de diferenciação, com que responde a uma divisão social do trabalho;

³⁴ Grácio, S (1982) *Escolarização e modos de integração na formação social portuguesa (1959-1978)* Análise Psicológica 4; 473-498) Lisboa

diferenciação que só poderia não ser problemática ou conflitual se se restringisse a uma diversidade ocupacional e educacional, o que não acontece. De facto, esta diferenciação não só assenta sobre, como reproduz e legitima uma base estrutural desigualitária.

Por outro lado, esta perspectiva do Estado como promotor da Educação como função de integração social, subestima a importância da integração cultural, da integração normativa e da integração comunicacional que, segundo Werner (citado por Grácio), poderiam garantir na sua interdependência a integração social.

Grácio considera que a coesão social, pretendida como meio de reduzir a distância social entre classes sociais, não resulta apenas da interdependência mútua das unidades de um sistema de divisão social de trabalho e do grau de especialização de cada uma delas. Não resulta porque a Educação que a escola promove não só distribui as probabilidades de acesso a um determinado grau de ensino, de acordo com a origem social dos alunos, como impõe uma cultura que não favorece a rentabilização do capital cultural de alguns grupos, que têm que aceder a uma outra cultura que pressupõe a manipulação de códigos de decifração dos grupos dominantes.

Segundo Grácio, a ideia de homogeneização cultural que sustenta a ideologia democrática que nos faz imaginar a escola como espaço neutro que trata todos por igual, oculta a desigualdade estruturada fora da escola e que é sancionada de forma abstracta e impessoal no seu interior, através dos conteúdos, do modo de transmissão da cultura escolar e dos critérios da sua apreciação.

A conformidade das expectativas dos indivíduos às suas condições sociais de partida e de destino (destinação), que passa a ser atribuído ao seu desempenho escolar, interiorizado como resultado das suas características, aptidões e mérito pessoais e/ou a competências do seu grupo social, é um efeito ideológico que faz com que o sexo e a posição social vão sendo integrados no sistema de expectativas que decorre da avaliação interna, segundo critérios incorporados. Mas, refere Grácio, o irrealismo das expectativas ou a inconformidade social são outros efeitos possíveis.

O que é importante é registar aqui que, tanto a conformidade quanto a inconformidade ou o irrealismo com expectativas sociais têm não só uma base estrutural, quanto são alimentadas pela competição e pela selecção que se estabelece no interior do sistema educativo, em que a individualização e a psicologização constituem mecanismos de controlo da disfuncionalidade criada pela frustração de expectativas de promoção ou mobilidade criadas pela própria escola.

Apesar de ser inegável a contribuição que a educação pública promovida pelo Estado teve para a mobilidade social e para o acesso a uma cultura considerada geral, na época, é importante desocultar outros interesses e mecanismos que transcendem a capacidade dos grupos em mudar as suas circunstâncias de excluídos a partir do interior do sistema educativo.

Grácio demonstra, por exemplo, como a Reforma do Ensino, tornada indispensável a partir dos anos 50, devido a transformações económicas externas, permitiu a formação da classe pequeno burguesa de pequenos proprietários e potenciais trabalhadores manuais que passaram a assalariados de serviços. Esta situação de mobilidade, que abrangeu o que Grácio designa por “aristocracia operária” e elementos das classes populares, sem esta oportunidade criada pela ascensão através do sistema educativo, só teria sido possível pela posse da propriedade, embora também tivesse sido irrealizável caso não houvesse expectativas ou aspirações dos próprios grupos. Neste mesmo período não foi só o ensino técnico e o ensino secundário, mas também o ensino superior que começou a ser investido como estratégia de reconversão no processo de transmissão de posições sociais entre as classes dominantes.

2.3.4.2 Quando a Educação é instrumentalizada para inculcar ideias que servem interesses particulares dos grupos dominantes

Também Cortesão, L., Stoer e Correia (2001) nos dão uma noção de como a política educativa pode ser instrumentalizada como tecnologia social o que pode justificar que, num dado momento, a par de ganhos evidentes na democratização do acesso à escola,

surjam mecanismos que ocultam a luta de interesses e a cultura dos grupos dominantes, luta que visa assegurar a regulação do acesso dos diferentes grupos sociais ao sucesso educativo a que corresponde a acreditação do acesso a posições sociais favorecidas.

Cortesão, L (1981) refere como o sistema educativo foi utilizado pelo Estado Novo para “controlar totalmente os pensamentos, atitudes e aspirações do povo português” (:143); o que foi conseguido através do “acentuar a diferenciação existente entre estratos da sociedade portuguesa” (:124); da “modelação, no sentido desejável, o desenvolvimento dos alunos” (:125); “da estrutura, das propostas pedagógicas e do funcionamento do sistema escolar” (:127); da “legitimação, mais do que da qualificação, para o desempenho de lugares, preferencialmente, das camadas sociais mais favorecidas” (:129); e da “diminuição do poder que os professores poderiam ter na elevação de nível cultural e de consciência da população” (:131).

Noutro trabalho, Cortesão, L e Stoer (2001) referem como o currículo único foi reforçado em todo o território e nas colónias portuguesas, no intuito de anular a identidade cultural e ainda como a escolarização e a oferta de peritos no interior do mercado educacional no mundo, volta a ter repercussão na implantação de valores nas antigas colónias. Referem também como, mais recentemente, a avaliação uniformizada, os contractos programa e a qualificação de escolas eficazes que podem ser escolhidas pelos encarregados da educação, reforçam as disparidades e o dualismo do sistema educativo, conveniente ao dualismo tecnológico (:373).

Esbate-se, assim, o que caracterizava a Escola de massas da Modernidade, a “Escola da Sociedade” (Torraine), o “artefacto cultural ocidental que se globalizou, a ponto de se tornar norma internacional”.

No entanto, referem os autores, é esta mesma escola que, enquanto vai sendo subvertida pela privatização e pela massificação no confronto com o fenómeno de construção europeia e da globalização, com a imigração e com a heterogeneidade social e cultural que coexiste no seu interior, vai criando “respostas de bilinguismo e defesa da cidadania, em nome da democratização da sociedade” (cf Cortesão e Stoer; 2001).

Expressão deste movimento é o que está patente nos discursos e nas políticas educativas que substituem a representação do Estado Educador pela do Estado gestor da diversidade, em que a Escola que foi criada pelo Estado Nação para promover a homogeneização e uniformização necessárias à sua constituição e formação da identidade do cidadão, é investida pelo Estado Providência para atender à desigualdade de oportunidades de vida, ainda que com base numa noção abstracta e hierarquizada de igualdade, mas que diante do fenómeno de exclusão social latente criada pela dinâmica do mercado global, se preocupa da diversidade de estilos de vida e mantém no seu interior aqueles que exclui e expõe ao insucesso (cf Stoer ; 2000).

É no contexto da relação de relativa autonomia entre o Estado e o Mercado e entre a Escola e o Estado, que a educação participou na transformação de formas de solidariedade com que é mantida a integração do sistema social como um todo. A Educação participou, assim, para a substituição (ou para a subordinação) da solidariedade mecânica pela solidariedade orgânica individualizada que agora passa a ser personalizada.

Participou para que a posição conferida pela identidade nacional que equivalia à etnia dominante, tivesse aberto espaço para a ascensão, como classe social, da aristocracia operária e da classe trabalhadora que passaram a participar no controlo sobre recursos físicos especializados.

A tensão gerada pelos efeitos da ideologia da modernização e da “ideologia meritocrática de teor democratizante” que esteve na base da desvalorização da origem sócio-económica, do género e da etnia dos alunos no processo de aprendizagem foi, no entanto, resolvida, pela separação de vias de ensino profissional, técnico e académico.

Tendo sido desenvolvida em parceria com o regime de acumulação fordista, esta escola, cuja justiça procura garantir pela fiscalização do direito de acesso a uma escola para todos, produz, no entanto, a hierarquia social cujo valor requeria ser incorporado pelas crianças numa socialização que as levaria a abandonar os seus particularismos.

À educação cabia assegurar a integração dos cidadãos alunos numa estrutura ocupacional hierarquizada que a produzia e reproduzia, numa cumplicidade com o

mundo económico desigualmente estruturado e estruturante (cf Cortesão, Correia, Stoer, 2001).

Stoer, Correia e Cortesão (2001) referem como a teoria da modernização dominante nos anos 50 e 60, conduziu a um relativismo histórico que faz imaginar que o tempo parou para alguns universos sociais e culturais. Alertam, no entanto, para o facto da preocupação pos-fordista, com a vigilância da qualidade que atende à competitividade do mercado de capitais transnacionalizado, estar a impor ao Estado um novo mandato no sentido de este participar na gestão da complexidade e de mediação da concertação social. Assim, o Estado convoca a Escola em resposta à sua preocupação com a exclusão social latente e com os estilos de vida.

Descentradas da preocupação com a desigualdade de oportunidades de vida, as políticas educativas procuram agora atender os problemas do individualismo, da destituição e da solidão, apelando para uma reflexão sobre a cidadania social, local, nacional e global, num momento em que os sistemas de protecção social são abalados, ao mesmo tempo em que aumenta o desemprego estrutural (cf Cortesão, Correia, Stoer, 2001).

Parece-nos ser este um motivo fundamental para “reconvocar”, em vez de dispensar, esta reflexão sobre o poder e a responsabilidade do Estado na Educação, procurando reconhecer quais os processos intrínsecos ao próprio sistema educativo que, embora não tendo sido experienciados, a partir do seu interior, pela nossa narradora, ultrapassam os limites territoriais da escola, pela difusão pública e legitimação de saberes escolares que se impõem como cultura oficial e pela invasão da vida social por critérios escolares.

Reconhecemos também que esta é uma das formas culturais de que a nossa narradora se procura apropriar como recurso, na sua luta, não tanto por melhorar a sua posição no campo da produção industrial e agrícola, nos quais esta cultura não parece ser funcional, mas parece conferir-lhe algum poder simbólico na esfera doméstica, nas relações com a comunidade de vizinhança e na construção de si mesma enquanto

sujeito emancipado da “escuridão” inerente ao não ler e conhecer (perspectiva da D Silvína).

2.3.5 O poder da Educação na definição e oficialização de “uma cultura”

Quando reflectimos sobre o investimento do Estado na Educação tomamos consciência do seu poder performativo das ideias, das relações e das práticas sociais dos sujeitos individuais e colectivos e que os grupos dominantes procuraram gerir em seu favor nos momentos de transição na morfologia social.

Neste contexto a Educação tem vindo a ser mandatada na distribuição de saberes e na formação de disposições que promovam a desvalorização da tradição e da moral (heterónoma) que dela decorria, o desempenho de novos papéis sociais legitimados por valores que promovem a “autorização” do Estado, como instancia responsável pela racionalização instrumental da vida social, que promove e acredita os saberes periciais e a ordem burocrática que desafiam os sujeitos a iniciativa autónoma, num momento em que as estruturas básicas de protecção e de integração social tendem a ser privatizadas, perdendo a sua universalidade como bem público.

A tomada de consciência desta relação de cumplicidade tácita entre Mercado, Sociedade e Educação, que faz coincidir os protagonistas das decisões na área da política económica e na área das políticas educativas, nos remete para a reflexão sobre os conteúdos simbólicos que o sistema educativo consagra e transmite como saberes sociais.

Apple, M ()³⁵ considera que é fundamental questionarmo-nos sobre o que a educação faz num contexto social mais amplo e quem beneficia do que a educação faz. Neste sentido o autor nos dá alguns indicativos do que podem ser as respostas a estas questões, que tornam evidentes a relação entre política estrutural, política do capital humano, política de capital cultural e políticas de substituição deste mesmo capital.

³⁵ Apple () Os professores e o currículo: abordagens sociológicas, Educa Currículo

É no espaço da relação entre estas esferas de acção política que a educação tem participado não só na formação de um corpo de funcionários estratificado e parcialmente socializado, como também na produção de ideologias sociais e culturais que produzem “a crença de que as principais instituições da nossa sociedade são igualmente responsivas a todos independentemente da raça, classe e sexo, de modo a que o sistema social pareça natural e justo, enquanto os grupos se demarcam uns dos outros e a autoridade política se auto-legitima para obter o consentimento dos governados” (cf Apple;)

Mas a participação da Educação na relação entre Sociedade, aqui referida ao Estado e também ao Mercado, não se confina à manutenção do regime de acumulação e à sua legitimação . Segundo Apple, a Educação participa também na elevação dos níveis de conhecimento técnico administrativo que facilita a expansão dos mercados, a criação e estimulação artificiais de novas necessidades de consumo, o controlo e divisão do trabalho, as inovações comunicativas e técnicas para manter uma acção de mercado ou para aumentar as margens de lucro e controlo cultural. A educação é assim e segundo o autor, um espaço de produção de conhecimento tecnicamente utilizável, económica e ideologicamente úteis, constituindo-se como lugar de reprodução da cultura e das formas ideológicas dos grupos dominantes. Esta circunstância nos deve advertir para o risco de separar as questões políticas mais amplas das questões educacionais, na medida em que a escola realmente organiza e transmite recursos simbólicos que consistem no capital cultural de grupos específicos e que visam recriar relações de domínio e de subordinação.

No entanto refere Apple, apesar das ideologias tecnicistas transformarem a questão sobre “o que ?” da educação em “como ? ”³⁶, existe uma dinâmica cultural parcialmente autónoma nas escolas que não é pode ser reduzida aos resultados e pressões do processo de acumulação do capital e a escola pode ser um local de produção de práticas culturais

³⁶ que enfatizam a orientação comportamental ser dominante, justificar redução do conhecimento a K atomistas; redução da esfera cultural (do discurso democrático e dos acordos partilhados) a aplicação de procedimentos e regras técnicas

alternativas o/ou opostas que não satisfaçam as necessidades de acumulação, legitimação ou produção do Estado ou do capital.

Dado que a hegemonia requer consentimento da maioria dominante da sociedade, ela precisa ser continuamente conquistada numa formação social que é constituída pela totalidade complexa de práticas económicas, políticas e culturais e ideológicas. Existe assim a possibilidade de haver uma desconexão entre economia e ideologia. Nestas circunstâncias a cultura interna da escola pode ser vista como resultado de uma luta continua entre os grupos dominantes e entre estes e os grupos dominados, pelo domínio cultural; luta de que pode ou não perenizar as funções macro estruturais de acumulação do capital e legitimação social. Partindo do princípio que o currículo e as relações diárias nas escolas, são conjunto de práticas ideológicas, Apple considera que se a ideologia e a cultura têm uma autonomia mais real do que aquela que é exigida para a reprodução das relações de produção, então este currículo e estas práticas são muito significativas, tanto teoricamente, quanto como possibilidade de acção (cf Apple).

O autor considera que a ideologia funciona nos materiais culturais – em filmes, texto e romances- na tentativa de iluminar tensões, compromissos e contradições ideológicas. No entanto, não importa conhecer apenas estes materiais culturais, mas também os processos culturais vividos, porque a a subjectividade tem um efeito de auto-criação, de afirmação do ponto de vista ou da concessão da autorização ao conteúdo patente nestes materiais. Quem vai interagir com o conteúdo da educação, em que a ideologia, o conhecimento e as relações sociais estão interrelacionadas, são pessoas reais, com histórias reais e complexas! O que é fundamental é apreender é o efeito de posicionamento das pessoas em relações mais amplas de domínio e exploração, que a pela ideologia tem o poder de operar, incluindo e excluindo, sujeitando-as a uma ordem social pré-existente e qualificando-as como membros desta ordem para a acção e a mudança social.

Apple refere que a ideologia introduz nos conteúdos da educação, elementos produtores de sentido de bem e de mau, que passam a coexistir lado a lado com os pontos de vista e com as acções que mantêm o domínio de grupos e classes poderosas.

Assim o conhecimento, as relações sociais e os compromissos ideológicos constituem áreas básicas da vida escolar. Neste sentido qualquer investigação e prática que se pretendam emancipatórias, não podem ignorar a ligação do currículo oculto, com as questões de distribuição, qualidade e controlo do trabalho, no questionamento que deles faz os que transmitem o conhecimento, que vai apoiar uns mais do que outros grupos sociais.

O autor considera que foi a autonomia relativamente às necessidades de produção que permitiu que a escola fizesse trabalho ideológico a favor da hegemonia das classes dominantes, participando na selecção ocupacional e na reprodução de relações entre classes no seu interior. Ao ignorar a relação entre o que acontecia no interior do sistema educativo e as estruturas de domínio e de exploração que vigoravam no seu exterior, a educação participou na produção do consentimento para a hegemonia da classe, género e raça. Este é na sua perspectiva um dos riscos de restringir-se a análise das práticas escolares com problemas de aproveitamento individual, escolha profissional e mobilidade, através da perspectiva psicológica e/ou individualista, sem nela integrar a consideração pelos processos de acumulação, de legitimação e de produção de capital cultural. Tal prática pode contribuir para manter a hegemonia ideológica, que tem o poder de “produzir sujeitos” (cf Apple)

Esta perspectiva de Apple propõe desafios, a resolver tanto pela sociologia fenomenológica e pelo interaccionismo simbólico quanto pelos estudos culturalistas, que tendem a não questionar o pressuposto (ideológico) de que a Educação é um empreendimento estável e dominado pelo consenso.

Quanto aos primeiros são desafiados a abandonar a atitude de rejeição pela consideração pela dinâmica de interrelações complexas entre classe, economia e cultura e pelo elemento histórico, quando procuram apreender as estruturas através das quais os sujeitos percebem o mundo, situando-os nos contextos que influenciam a formação e a acção destas estruturas perceptivas. Quanto aos segundos são desafiados a considerar e interrelacionar a cultura como produto ou conjunto de artefactos produzidos para uso, passando a entender a cultura mais como experiência vivida, tal como é produzida

numa interacção contínua, do que como bem. A cultura requer ser reconhecida como um dos terrenos em que se vivem os antagonismos de classe, género e de raça, bem como os compromissos e lutas geradas estruturalmente.

Torna-se assim pertinente questionar o que se ensina realmente, o que se aprende realmente e o que é rejeitado da experiência vivida dos actores sociais, afectando a construção das suas identidades. Empreendimento que requer a utilização das teorias sociais na análise de práticas concretas em instituições concretas e dos processos concretos de estartificação da cultura e das pessoas, operada pela educação (cf Apple).

2.3.5.1A problematização do que se transmite e oficializa como cultura oficial

Segundo Kemmis a selecção de conteúdos de ensino tem efeitos sociais consideráveis sobre a interacção entre e com as crianças, sobre as expectativas de resultados das suas experiências de aprendizagem e a organização de contextos que antecipam determinados tipos de desempenho das crianças e dos pais na comunidade e na sociedade.

Este autor chama atenção para o facto desta selecção, tal como qualquer outra acção, fundamentar-se numa teoria, que pode não ser explícita, mas que é fundamental reconhecer em termos dos pressupostos filosóficos, axiológicos, psicológicos, sociológicos e políticos em que assenta.

Kemmis refere por exemplo que uma selecção de conteúdos baseada na convicção de que há conhecimentos e habilidades da cultura que são úteis para o trabalho, terá efeitos diferentes de uma outra visão que, recuse esta perspectiva instrumental do saber e do trabalho escolar e que se preocupe com a reconstrução da sociedade por cidadãos moralmente formados pela consciência do que é verdadeiro, bom e belo em cada sujeito. Para além destas duas perspectivas - a neoclássica e a humanista - o autor refere ainda uma terceira orientação teórica, a perspectiva crítica que não é tão optimista relativamente à possibilidade da virtude e da acção individual serem suficientes para transformar a sociedade, devido à luta desigual de interesses políticos e económicos em

confronto, que não assegura a todos os sujeitos as mesmas oportunidades para participarem na discussão política. A implicação importante desta diferença é que, enquanto a segunda perspectiva propõe um ensino orientado para os valores que visam garantir o aperfeiçoamento da Sociedade e a terceira problematiza a orientação individualizada e individualizante do desenvolvimento de competências, a primeira perspectiva, que é dominante, justifica as suas práticas de agrupamento dos alunos pelas suas capacidades, a ênfase que põe no reconhecimento dos “dotes” individuais, como meios de garantia da eficiência do ensino de conhecimentos e habilidades seleccionados como úteis.

Como veremos esta visão tem um impacto diferenciado e diferenciador dos grupos sociais no interior dos contextos de educação pública, destinada a formação e integração de todos os cidadãos e cidadãs, assim constituídos e obrigados à escolarizar-se pela sua vinculação vertical ao Estado.

Forquim (1998) considera que é necessário questionar, numa perspectiva de mais longo alcance as funções e as implicações do desenvolvimento da escolarização nas sociedades contemporâneas, que o autor qualifica como meritocráticas, em que “existe uma tensão forte e quase estrutural entre o que se pode designar como dimensão cultural universalista das instituições de ensino e o seu papel objectivo na selecção de elites e hierarquização social” (:1). Considera que a competição por estatutos sociais é um efeito em grande parte pelo sucesso escolar enquanto performances que são medidas e sancionadas por diplomas que separam os indivíduos, alegando critérios universalmente aceitáveis. Separação que tem sentido de produção de divisão, de limites, de repartição e distribuição e de comunicação ou de comunhão, sendo este o problema da educação e da cultura em sociedades meritocráticas-democráticas que atribui à escola a função de unificação e diferenciação, que convida e separa ao mesmo tempo a divisão por meio da separação. A tensão estrutural ou contradição interna, decorre do facto da selecção social meritocrática supor precisamente a promessa de uma cultura universalista, o que remete para o problema das desigualdades escolares.

O autor revisita os debates sobre a educação e a desigualdade escolar, na França e que nos anos 60 foi marcado pela posição de Bourdieu que consiedra as desigualdades diante da escolarização como efeito de um mecanismo profundo de discriminação e de dominação cultural e como uma prova do papel funcionalmente conservador que a escola joga na estrutura social. Segundo Forquim a teoria da reprodução promoveu o restabelecimento radical da ideologia republicana da escola como factor de emancipação e de progresso e constituiu um avanço teórico decisivo, que criou nos que intervinham como práticos, perplexidade e culpabilidade pelas implicações possíveis da sua acção pedagógica e política. Para o autor, esta teoria teve um impacto social, sensocomunizando-se como grande teoria que pode ser considerada a nível científico e ideológico, que passou a constituir um pensamento matricial na análise das desigualdades escolares e das questões da cultura.

Com as mudanças políticas dos anos 80 e respectivos efeitos sobre as políticas educativas as teorias da reprodução aparecem como “réplica invertida”; os discursos políticos dominantes passaram a dar ênfase à ordem pedagógica e estrutural do sistema educativo, fazendo predominar no campo institucional o discurso da transformação, da reforma e da inovação. A coberto do discurso da modernização e democratização, cria-se um espírito de reforma utópica que desactualizou a discussão sobre a ilusão meritocrática, a selecção escolar e social a serviço dos interesses dos herdeiros (cf Forquim :4).

Segundo o autor o discurso da refundação republicana da escola que se opôs à nostalgia conservadora ou anti-igualitária, foi no entanto sendo polarizado com o discurso crítico radical dos sociólogos teóricos, que divergiam quanto a apreensão do que consideram como cultura real, que para uns é “inseparável da vida social e dos processos de distinção e de dominação que estruturam as relações sociais” e para outros é um “campo autónomo interiormente regulado por critérios de verdade, de validade ou de pertinência que transcendem as circunstâncias históricas e as clivagens sociais” (Forquim;1998:6)

A necessidade de justificação forte do acto de ensinar e da coisa ensinada, surge para uns como desafio de definição do ensino em termos normativos e para outros como a estimativa dos efeitos dos mecanismos culturais profundos da desigualdade de classes sociais em materia de socialização. Dificuldades que Forquim aborda com o retorno a questão da escolarização dos meios populares e a questão da cultura escolar ou seja “ da cultura susceptível de ser ensinada no quadro de uma escola, que se pretende comum a todos no seio de uma comunidade democrática”(Forquim,1998:7). O autor refere como paradoxo o paradoxo da “revolução democrática da educação e da cultura” conseguida pela da democratização-massificação do ensino , consiste no facto de ser tornado mais visíveis e alguma forma insuportáveis os fenomenos das desigualdades.

A escolarização sanciona as diferenças que preexistem e pelas quais não pode ser responsável frustrando relativamente a promessa de superação de posições sociais determinadas pelo nascimento, que fazia a educação corresponder a uma predestinação social, com a desvalorização dos diplomas escolares, que poderiam reduzir as desigualdades. Para Forquim o sucesso escolar é um fenomeno essencialmente relativo que se constrói de maneira competitiva e se mede de maneira comparativa, transformando os saberes e competências que deveriam ser utilizados como bens substanciais em bens posicionais. Trata-se de uma situação que se agrava com o desenvolvimento da precaridade social numa economia mundializada que é compatível com a expansão geral do sistema, gerando sentimentos de frustração e de exclusão, diante do que surge incessantemente como oferta e como recusa (cf Forquim: 9).

O paradoxo da democratização-massificação passou a ser abordado tendo em cota outras formas de gerar disparidades-desigualdades segundo sexo ou origem social ou étnica dos alunos, segundo o seu meio e zona de residencia ou escola em que está inscrito num contexto de instancias locais, com maior autonomia na aplicação das políticas educativas. Algumas investigações passaram a focalizar a atenção nos comportamentos dos actores e nas suas construções de significação, para conhecer o proprio processo de produção das desigualdades na realidade viva das práticas mais cotidianas e nas estratégias educativas das famílias. Embora sem romper explicitamente

com o paradigma da reprodução, a investigação tende a sublinhar a diversidade de situações e práticas no interior do mesmo meio sócio-económico e se interessa pelo fenómeno dos “sucesso paradoxal” e dão um papel importante á questão da mobilização. Mobilização abordada também como mito mobilizador que investe a escola como meio de ascensão social e que justifica trajectórias diferentes em meios sociais equivalentes e a existencia de tasnsfugas das famílias operárias e trajectórias típicas de linhagem com projecto de desproletarização que mobilizam as crianças.

Forquim refere também outros contributos que abordam a questão do sucesso escolar referindo-se a abordagem reflexiva da língua escrita enquanto capacidade de apreender a língua enquanto sistema formal susceptível de ser constituída como objecto de análise e que supõem uma ruptura com a relação prática espontanea da lingua usada em situações naturais e mais tipicamente nos meios populares, menos familiarizados com a cultura letrada.

O que o autor sublinha a importancia de não se negligenciar tres dimensões do processo educativo: a singularidade, o sentido , o saber e a relação com o saber , quando se aborda a questão da reprodução social e cultural. Chama a tenção para processos subjectivos que resultam da dialéctica de identificação-emancipação face ao meio familiar e a existencia de uma relação não estriamente instrumental dos saberes escolares, a capacidade de apreender conteúdos de ensino , segundo uma lógica cognitiva e a cultural interna e não segundo uma pura lógica mercantil que remete paa o valor de troca na competição pelos diplomas.

O que parece por em jogo questões propriamente intelectuais do que é feito e do que se aprende na escola, prende-se segundo Forquim a diferença de níveis de utilitarismo ou do instrumentalismo dos comportamentos dos alunos e das suas famílias face a escola. O autor considera que a natureza dos beneficios estimados é diferente segundo o cálculo dos mesmos seja projectado pelos alunos e pelas suas famílias, a curto ou a longo prazo, e que esta diferença tem efeitos sobre a percepção sobre possiveis implicações das actividades desenvolvidas em situações escolares (cf Forquim ; 14).

Pensamos que é assim importante revisitar as posições de Bourdieu e de Bernstein, que criaram bases para esta problematização da educação como reprodução social e cultural.

2.3.5.2 A cultura oficializada como legado de posições e como violência simbólica

O que Bourdieu elege como ponto crucial da reprodução é o facto de que além do poder pedagógico ser moldado pelo modelo social privilegiado pela cultura dominante, ele contribui para reforçar o poder desta mesma cultura. A classe social mais poderosa cria ela mesma as oportunidades para demonstrar, impor e reproduzir a sua própria cultura como cultura dominante, aproveitando as prerrogativas criadas pelo poder social, que detém e que converte em poder simbólico, para favorecer os seus herdeiros.

O poder simbólico é, para Bourdieu, o poder de constituir o dado pela enunciação, é o poder de fazer crer e fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, permitindo obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou económica. No entanto, tal efeito depende do seu reconhecimento, que assenta na ignorância da sua arbitrariedade. Trata-se do poder de fazer coisas com palavras, consagrando ou revelando coisas que já existem e que passam a constituir um princípio de distinção de um grupo que se identifique e passe a ser identificado por outros, construindo a classe, sexo, religião, nação, como factores de conhecimento e de reconhecimento no interior de um determinado campo social. Campos que são esferas sociais que funcionam com relativa interdependência e que a produção social e a produção simbólica estão interligadas.

No interior destes campos estruturados de relacionamento social ou esferas sociais existe um capital simbólico que é reconhecido como mérito e que é reconhecido e disputado por aqueles que fazem parte deste campo. É, assim que, por exemplo, a posse de capital artístico se torna fonte de prestígio, o capital político em poder e o

capital religioso em fé, que têm a sua eficiência garantida no interior de determinado campo, embora possa ser reconhecido também em outros campos sociais.

O capital simbólico é considerado por Bourdieu como superior aos restantes porque dá sentido ao mundo e pode transitar em todos os campos, cabendo-lhe o poder de fazer crer, produzir efeitos de verdade”, que são cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas. O poder simbólico é o poder de consagrar pessoas e instituições.

Bourdieu considera que, apesar da segmentação crescente do espaço social em campos especializados, a classe dominante dispõe de um tipo de capital que produz os mesmos benefícios em todos eles, independentemente das regras do seu funcionamento, porque estes campos actuam como mercados cujas relações de troca de bens materiais e simbólicos são profundamente assimétricas.

A reconversão do capital económico em capital cultural, permite à classe dominante consolidar a sua legitimação simbólica, o que explica que os diversos campos sejam estruturados pelas mesmas classes e fracções de classes, assegurando, desta forma, a manutenção das posições de poder que ocupam. A explicação para esta homologia é que, tendo o capital simbólico a função da “legitimação do arbitrário”, as relações arbitrárias são transformadas por este em relações legítimas, o que permite que “qualquer membro da classe dominante possa dominar qualquer campo. (cf Dubar pp 72-74)

Torna-se, assim, possível imaginar como os interesses particulares das classes dominantes são reproduzidos através da reprodução dos conhecimentos e da ordem moral veiculados pela escola. São estes os herdeiros do capital académico, apropriado pelo capital económico, como da cultura que eles próprios promovem e acreditam como bem simbólico, que entra no mercado de trocas simbólicas entre campos sociais.

2.3.5.3 A familiaridade dos grupos dominantes com a cultura tornada oficial

Bernstein³⁷ também considera que a escola deve ser vista como corpo social delimitado, portador de uma cultura que será inculcada nas crianças através de expectativas relativas a determinados comportamentos que ela deve adoptar; expectativas que manifestam procedimentos, práticas e juízos que se orientam tanto para a aprendizagem formal quanto para a formação da sua identidade. Formação que se opera através de uma série de ritualizações de consenso e de diferenciação que contribuem para aumentar ou diminuir o seu sentimento de controle sobre o ambiente e sentido de auto-eficácia.

A resposta da criança a esta outra cultura vai ser condicionada pela sua integração na família e nos grupos de amigos, podendo levá-la a sentir-se e a pensar diferente dos que pertencem ao seu meio de origem.

Este prestígio e poder que transformam a escola num fonte de alteração social, profissional e cultural que propõe e impõe novos estilos de vida e de relação social é, no entanto, ocultada por dois tipos de estruturas que são interiorizadas tanto pelas crianças quanto pelas famílias e pelos agentes do sistema educativo: a estrutura de relações sociais e a estrutura do conhecimento a transmitir.

Enquanto as estruturas de relações sociais transmitem uma ordem moral, ou seja, um conjunto de valores que tendem a ser agregadores dos indivíduos, a estrutura do conhecimento transmitido divide-os, na medida em que a distinção que se estabelece em termos de capacidades e que está de acordo com o princípio de organização social de classes. A combinação destes dois tipos de estrutura produz a clivagem entre professores e entre alunos, segundo a disciplina, idade, sexo e classe social das crianças da turma.

É fundamental considerar também que a ordem moral que a escola transmite traduz um estilo de vida que formaliza e cristaliza uma imagem idealizada de conduta e de

³⁷ Tratado por Ana Maria Domingos e outros, in A Teoria de Bernstein em sociologia da Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1985

maneira de ser, que são próprias de grupos específicos da sociedade mais ampla. Esta estrutura das relações sociais é, no entanto, imposta a todas as crianças como medição na sua relação com os outros - adultos e crianças.

Bernstein refere que qualquer destes dois tipos de organização das relações na escola, para além de afectar a experiência, a identidade e as relações sociais dos alunos, influencia também a forma como é pedagogicamente moldada a sua estrutura mental.

Um determinado tipo de currículo, pedagogia e avaliação, ao mesmo tempo que proporciona oportunidades para alguns, constitui um desafio para outros, tornando-se assim um meio de controle da função instrumental da escola na sociedade.

Outro contributo teórico de Bernstein que torna evidente o processo (discreto) da reprodução das desvantagens sociais é a análise que faz da relação entre sistemas familiares de papel e sistemas de comunicação e entre estes e os procedimentos de controle social. Análise que nos permite perceber como a forma de comunicação que é gerada pela organização social e pela cultura opera como meio reprodução da posição social. O autor considera que é através da comunicação que os indivíduos aprendem e partilham constelações de significados que lhes permitem estabelecer formas de interacção estáveis, consistentes e publicamente reconhecidos.

Bernstein aborda o currículo como preenchimento do tempo dos alunos. Na sua perspectiva, o currículo consiste na distribuição pelo tempo dos alunos, de conteúdos culturais que são divididos em unidades e que serão transmitidos em contextos criados para o efeito. A arbitrariedade deste processo está na selecção e ordenamento hierarquizado destes conteúdos culturais que reflectem juízos de valor dos grupos sociais que participam nas decisões políticas.

O autor refere mecanismos mais subtis que farão com que, enquanto as crianças dos grupos sociais representados encontram facilidade na apropriação dos saberes transmitidos, as crianças dos grupos que ocupam as posições mais subordinadas ou de exclusão na sociedade, têm que fazer um esforço suplementar para descodificar estes

conteúdos, devido ao tipo de código linguístico que incorporam na socialização primária.

Enquanto as crianças dos grupos mais representados na selecção dos conteúdos escolares dispõem do código que lhes permite elaborar verbalmente os significados que veiculam aqueles saberes e lhes permite manter a continuação lógica na fala que deixa para a comunicação não verbal a transmissão das intenções, finalidades e qualificações, as crianças dos grupos mais subordinados e menos representados na escolha dos conteúdos da cultura escolar, terão este processo de descodificação dificultado.

Embora as crianças dos meios sociais desfavorecidos não disponham do código elaborado, que suporta e veicula a “cultura” escolar oficial, forjada pela selecção de uns conteúdos em detrimento de outros, elas dispõem de um código que lhes permite enunciar o que há de comum, de concreto e de existente no meio imediato e elaborar, não tanto os significados em si, mas os processos do aqui e agora e os motivos e intenções que envolvem os interlocutores, o que a cultura vivida na escola tende a desvalorizar.

Convém referir que os efeitos da diferença entre os dois códigos, restrito e elaborado, nada têm a haver com diferenças de capacidade cognitiva ou de motivação, dos grupos sociais a que correspondem. A questão é que o código restrito, como o define Bernstein, é desenvolvido no contexto de uma socialização familiar, que tende a promover identificações partilhadas, em que a empatia afectiva entre os seus elementos suprime a necessidade de elaboração verbal de significados, substituindo-os por símbolos comuns e pela solidariedade social.

Este contexto gera um modo de controle posicional que tem efeitos secundários, na medida em que remete as áreas de decisão e de julgamento, para a estrutura hierarquizada de papéis formalmente definidos e distribuídos pelos membros da família segundo o seu estatuto (pai, mãe, avó ...). As interacções sociais entre os diversos elementos da família tendem a ser inferidas e menos estreitas; a socialização das crianças tende a ocorrer mais entre irmãos e nos grupo de amigos do que com os pais;

as relações que as crianças desenvolvem entre si serão mais independentes da regulação dos pais, do que se verifica na classe média.

É de salientar que esta tendência de um controle definido pela posição social de cada um no agregado familiar, reflecte também as condições do mundo do trabalho que, numa classe profissional, são caracterizadas pela variedade de relações, pela exigência de tomadas de decisão, pelo tipo de tarefas e pelo grau de autoridade no ambiente de trabalho e noutros, pela restrição destes mesmos elementos. Esta diferença contribui para gerar uma forma particular de comunicação nos diferentes grupos sociais conforme a posição social que ocupe no mundo da produção.

Bernstein considera que o impacto da diferença de códigos linguísticos opera por um outro mecanismo, designadamente por decisões que são tomadas no processo de organização da transmissão dos saberes que foram eleitos como cultura oficial escolar. O autor descreve dois modos possíveis de definir fronteiras internas entre os conteúdos a transmitir e que criam dois tipos diferentes de contextos de relacionamento social e de comunicação entre professores e alunos. Se o currículo privilegiar a manutenção das interdependências entre os conteúdos como parte de um todo maior, organizado ou coordenado por uma teoria (currículo de integração), este será mais acessível a um maior número de alunos que manipulem um ou outro código linguístico. Contrariamente, se os mesmos conteúdos forem separados por fronteiras que são definidas por um critério abstracto que os enquadre num quadro de referência muito específico (currículo de colecção) o efeito será contrário, ou seja, a descodificação e apropriação linguística dos conteúdos transmitidos será mais fácil para as crianças pertencentes aos grupos que estão próximos do universo de abstracção gerado e gerador do código elaborado.

Este tipo de organização do processo de transmissão dos saberes, baseado na definição de fronteiras rígidas entre conteúdos, tem servido para formar indivíduos aptos e instruídos que respondam às exigências da Sociedade (Moderna).

O que nos parece importante apreender aqui é que a opção por uma ou por outra forma de estruturação interna do currículo, tem efeitos pragmáticos na estrutura da

relação pedagógica, porque produz um sistema de mensagens que define o que pode e o que não pode ser transmitido através da relação pedagógica. É desta forma que o currículo é determinante do tipo de contextos de comunicação e do tipo de práticas educativas que regulam a actividade escolar quotidiana. É através desta forma subtil, que os professores e os alunos têm regulado o seu poder de participação sobre a selecção, a organização, o ritmo e a organização do tempo e dos conhecimentos que transparecem no processo de transmissão, aquisição e avaliação escolar.

2.3.6 Da valorização das “coisas ensinadas” à descoberta de outros universos de saber

Forquim refere que a discussão sobre o que deve ser ensinado e constituir a cultura geral da escola democrática para todos, é atravessada por diferentes concepções que opõem posições que defendem a existência de saberes elementares e evidências primeiras que é necessário transmitir a todos, para que sobre eles se possam desenvolver cumulativamente “toda a diversidade de produções de progressões intelectuais possíveis posteriores”. Posições que partem do pressuposto de que existe uma desvantagem patrimonial e cultural nas crianças no momento em que entram na escola, que se manifesta face às exigências do trabalho e da competição escolar e que assume a compensação destas desigualdades sociais como uma missão da escola.

A questão geral é, no entanto, a de saber que saberes poderiam e deveriam tornar-se referências comuns, capazes de gerar processos convergentes da aprendizagem e da identidade, em públicos sociais e culturais heterogéneos.

Estas concepções que Forquim distingue como concepção lógico-enciclopédica, prática ou pragmática e patrimonial cultural, são pontos de vista localizados no interior dos espaços de decisão curricular e que dispensam a consideração pelos saberes experienciados e incorporados pelos sujeitos no seu contacto com outros aspectos do que Apple designa de “aparelhos culturais” que incluem a televisão, os meios de comunicação de massas, os anúncios, os museus, os filmes e os livros que também

contribuem para a distribuição, organização e, acima de tudo, para o controlo do significado social” (244)³⁸. Aparelhos que podem constituir-se como “organização cultural das qualidades humanas”, na sua ligação com interesses (também constitutivos do currículo) que materializam historicamente as condições dos sistemas económicos desiguais em que vivemos.

Achamos, assim, importante, introduzir neste nosso quadro de referência, o esclarecimento sobre o que distingue a educação formal da educação não formal que, segundo Gohn, vem assumindo maior importância, enquanto política social, nos anos 90, importância essa que decorre do poder dos media e de mudanças na economia na sociedade e no mundo do trabalho, requerendo uma outra cultura organizacional e a reflexão sobre os processos de aprendizagem em grupo que levanta a questão dos valores culturais que articulam as suas acções.

Verifica-se a tendência da referência à aprendizagem ser feita em termos de necessidades de “ferramentas essenciais para” e de conteúdos que não se restringem a saberes teóricos e práticos, mas também a valores e atitudes para viver, sobreviver e desenvolver a capacidade humana, ampliando o campo da educação para outras dimensões não escolares. Mais, os documentos oficiais que têm sido produzidos em contextos da acção das ONG’s e de agências internacionais tendem, segundo a autora, a afastar-se das interpretações habituais do “saber”, que separam conhecimento da acção e a acção do valor, enfatizando a aptidão das pessoas para actuar efectivamente, ou seja, para realizar acções competentes na vida familiar, comunitária, social, económica, política e cultural.

No texto do documento elaborado pela UNICEF (1992) quem sabe é “quem contribui para a melhoria do mundo com a sua acção, entregando e oferecendo aos que o rodeiam uma vida mais digna e um maior bem estar; esta concepção de saber

³⁸ Apple (1999) Ideologia e currículo ; Porto Editora

entrelaça as dimensões éticas, espirituais, sociais e materiais da vida humana”(Gohn;1999 :93)³⁹.

Segundo a autora, no contexto do desemprego provocado pelas políticas globalizantes excludentes, esta orientação passou a vigorar com toda força num discurso que proclama o poder do conhecimento e já não da economia, exigindo das pessoas novas habilidades de gestão, de comunicação (em mais do que uma língua), o domínio da linguagem das máquinas e, sobretudo, a capacidade de planear e de gerir as próprias vidas e carreiras.

Criatividade, velocidade mental, compenetração de trabalho em equipa, tomada de decisões e responsabilidades, auto-estima, sociabilidade e actuação como cidadão, são conceitos que são apropriados por um novo discurso que distorce a realidade actual do mundo do trabalho, onde o maior problema é o desemprego e a necessidade de alterar políticas públicas de retoma do desenvolvimento do sistema produtivo, em que deixou de haver correspondência entre lucro e número de postos de trabalho, devido ao mercado de capitais.

Gohn considera que “este enfoque na problemática da aquisição de novas habilidades, desloca a questão social do desemprego do âmbito das políticas governamentais para os indivíduos, caracterizando-os como mão de obra despreparada” (:95).

Do ponto de vista da autora, as políticas e práticas de educação não formal, tanto podem servir quanto resistir a esta visão social hegemónica que oculta a consolidação de uma ordem mundial cada vez mais competitiva, individualista e violenta, em que os indivíduos são isolados, vivem o stress, tornam-se pessoas desenraizadas, sem pertenças, na qual os incluídos estão em competição em grupos selectivos e os excluídos vagam e migram em diferentes áreas e espaços enquanto “sobrantes” do mercado de trabalho (cf Gohn).

³⁹ Gohn refere-se aqui a dois documentos elaborados na conferência da Tailândia , em 1990 “Declaração mundial sobre educação para todos” e “planos de acção para satisfazer necessidades básicas de aprendizagem”, no contexto da acção das ONG’s e Agencias e organizações internacionais como a UNESCO e ONU

Importa, assim, considerar, que a educação não formal deve estar associada a um conceito de cultura enquanto “modo, formas e processo de actuação dos homens e mulheres na história, onde ela se constrói e onde está constantemente a modificar-se e a ser influenciada por valores que se sedimentam em tradições transmitidas intergeracionalmente”.

Desta perspectiva, a educação formal é apenas uma das formas da educação, que passa a ser abordada enquanto “ forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos, pela leitura , interpretação e assimilação dos factos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem de forma isolada ou e contacto com grupos e organizações ” (:98).

A educação formal pode, então, ser reconhecida como um dos três campos ou dimensões da educação não formal que inclui também a aprendizagem política dos indivíduos enquanto cidadãos, a sua capacitação para o trabalho e o exercício de práticas que os organizam para resolução de problemas colectivos quotidianos, a partir de objectivos comunitários. A autora inclui ainda a aprendizagem da arte de bem viver e conviver com as tensões, pelo desenvolvimento do auto-conhecimento, de estratégias resistência e de busca de sabedoria (cf 99).

A autora remete para o campo da Educação informal tudo o que é transmitido pelos pais no espaço da família, pelo convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc. e que decorra de processos espirituais ou naturais. Educação que ocorre num universo carregado de representações em que se abrem espaços de possibilidades educativas no decurso da vida individual independentemente da intencionalidade dos sujeitos.

É neste universo em que se constrói a cultura política, não apenas expressa pelo comportamento dos indivíduo face à política nacional, aos políticos e às instituições políticas, mas também na atitude autoritária, democrática, provinciana, paroquial, moderna, tradicional, de elite e como superestrutura que reflecte a infraestrutura da sociedade baseada no modo de produção de vida material, constituída pelos valores que

a classe dominante, de cada época histórica, impõe como dominantes e difunde como ideologia.

Achamos interessante reter aqui as diferenças de significado de cultura política registados por Gohn como indicadores de mudanças sociais. Assim, nos anos 60, foi concebida como “conjunto de orientações subjectivas em determinada população”, nos anos 90 é reconhecida como “produto das experiências particulares de cada cidadão com o sistema político e da história colectiva deste sistema” (:52-53).⁴⁰ Mais recentemente e no contexto da psicologia social, o conceito de cultura política começa a privilegiar, já não as atitudes avaliáveis por escalas de observação de comportamentos, mas como identidades que são criadas em colectivos de actores sociais, a partir de um conjunto de valores e representações simbólicas que têm sobre a realidade social, o que se expressa na seguinte definição de Ponte (cit por Gohn) : “ a cultura política é um conjunto de códigos que permite o estabelecimento de relações políticas entre os indivíduos e grupos e que, portanto, tem a ver com a dimensão subjectiva da vida pública e com a interpretação e produção de sentido, permitindo explicar a acção política dos indivíduos e dos grupos enquanto seres políticos e não apenas em relação às instituições políticas e/aos governantes, especialmente no momento do voto”.

O que a autora nos permite apreender é a deslocação da ênfase na relação directa entre indivíduos - instituições políticas /governantes, para a subjectividade individual para sujeitos colectivos, quando refere que a noção de cultura política desloca-se das atitudes e opiniões dos indivíduos isolados para os indivíduos como membros participantes de grupos, de colectivos sociais com uma identidade: de negro, mulher, sem terra, defensor de causas ambientalistas “ (56).

Pensamos que só nos situando entre estes diversos campos da educação formal, não formal e informal, podemos apreender o significado da situação de que nos dá conta Gohn quando afirma que “ o mundo da subjectividade humana entra em acção no

⁴⁰ citações da autora que remetem para Rennó (1990 e 1998))

processo educacional, com força total, para entender a complexidade do mundo da vida e do trabalho” (:110).

2.3.6.1 O lugar e o valor do saber experiencial na reprodução da vida social

Quando perspectivamos a educação no contexto das comunidades e unidades sociais mais simples, é inevitável reconhecê-la como prática entre práticas sociais que organizam e garantem as condições de reprodução da vida biológica e social dos grupos e de populações inteiras.

A sua natureza social está patente nos processos informais que medeiam as trocas sociais num espaço físico e afectivo de convivência intergeracional em que se transmite o saber de reprodução do grupo. Neste contexto, adultos e crianças têm distribuídos entre si um conjunto de direitos e de obrigações que asseguram a produção de novos seres humanos, bem como o ensino da obrigação do trabalho, que permite substituir os mais velhos quando estes já não o puderem fazer. Existe um projecto comum de vida, que reúne adultos e crianças que, em função dele, empreendem actividades conjuntas, nas quais cada novo elemento aprende qual o trabalho a fazer e qual o rendimento que o grupo espera de si, de acordo com as suas capacidades pessoais.

O que os mais novos aprendem nesta relação, não são apenas a obrigação e as competências de trabalho social, mas também a conversão da sua relação com o adulto. Os mais jovens devem aprender a transferir a sua afectividade para alguém que lhes interesse como par de uma relação, da qual o grupo social espera a produção de filhos e a acumulação de bens, pela junção de força de trabalho, da experiência, do salário...(cf Iturra).

Neste caso, é a cultura tradicional partilhada pela comunidade que autoriza e legitima o saber e o poder que os mais velhos exercem sobre os mais novos, ao transmitir-lhes, através da sua prática e de diversos rituais colectivos, a visão e os princípios de divisão que ordenam e justificam o mundo social que é partilhado e que

é interiorizado como natural, nas interacções sociais e que é representado por instituições reconhecidas por todos.

É desta perspectiva que Brandão (2000)⁴¹ considera a educação como "fracção do modo de vida dos grupos sociais, que a criam e recriam entre tantas outras invenções dentro da sua cultura e em sua sociedade . O saber da comunidade é aquilo que todos conhecem de algum modo e que se transmite em situações pedagógicas, interpessoais e familiares e comunitárias" (:20), porque a Educação atravessa as trocas correntes de símbolos, de bens e de poderes que tornam comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário.

Nas Comunidades, cada elemento ocupa um lugar que obedece a determinada divisão do saber comum e, a partir do momento em que passa a ser reconhecido como portador legítimo do saber que lhe foi distribuído e apto para a vida de adulto, pode exercer o poder que lhe corresponde. (cf Brandão).

Brandão refere que só quando o trabalho que produz os bens e o poder que reproduz a ordem são divididos é que este saber, que é da comunidade que o afirma, passa a ser desigualmente dividido e se processa uma divisão e hierarquização em tipos de saber, dos seus usos e dos próprios educandos. Trata-se, no entanto, de uma divisão que legitima o uso político de reforço da diferença que separa cada vez mais aquele que faz daquele que sabe com o que se faz, daquele que faz com o que se sabe.

O saber passa, então, a ser cada vez mais controlado e recodificado segundo domínios, sistemas, modos de usos e situações colectivas de distribuição e a constituir uma competência específica que justifica o investimento de poder em agentes externos e respectiva criação de um sistema pedagógico que é administrado pelo exterior da comunidade. Uma das consequencia deste processo, emergente da própria complexificação do trabalho social, é a desqualificação e ruptura com os saberes e a participação da comunidade no processo educativo dos mais novos; rompe-se e desqualifica-se também a relação dos mais novos com o saber que é parte da cultura da comunidade (cf Brandão 2000).

Desta perspectiva que privilegia a transmissão intergeracional da cultura local tradicional, podemos apreender processos que se mantêm implícitos em muitos contextos sociais, nos quais a penetração da modernidade não implicou a deslocalização e descontextualização das práticas e dos saberes sociais a ponto de romper, com crítica, com lógicas sociais que são sancionadas pela tradição e transmitidas pela convivência intergeracional.

O que importa aqui é ter consciência de que esta resistência da cultura e da estrutura social e cultural da comunidade, tem um impacto desigual e diferenciador de alguns grupos que ocupam posições de integração subordinada e de exclusão, o que dificulta a sua participação e, fundamentalmente, o seu reconhecimento nos outros contextos criados pelo Estado Nação, na figura do Estado Providência. Esta marginalidade interfere na construção da sua identificação e da sua identificação social como cidadãos e cidadãs contemporâneos, com direitos consagrados pela constituição dos Estados Nacionais e por acordos internacionais, que se pretendem universalizar.

Num estudo sobre a aprendizagem fora da escola, Cavaco, C (1979) analisou as entrevistas biográficas de seis mulheres e três homens, não escolarizados e residentes num meio rural, para reconhecer as aprendizagens experienciais que foram realizando ao longo das suas trajetórias de vida. Depois de nos dar conhecimento de algumas especificidades da educação de adultos, a autora situa-nos diante do problema do analfabetismo, como construção social estigmatizante dos sujeitos que, não tendo acesso a aprendizagem da leitura e da escrita, vêm a sua situação de iletrados (re)definida em termos de (in)felicidade, (in)dignidade, (falta de) poder, (sub)desenvolvimento, etc., à custa da ocultação da desigualdade social que a justifica.

Cavaco chama a atenção para a contribuição do discurso negativo sobre o analfabetismo e iletrismo, para a desvalorização da identidade social dos indivíduos designados por esta condição e também para a valorização da cultura letrada e dos saberes daqueles que dominam as competências de leitura e da escrita. A autora qualifica como etnocentrismo cultural esta atitude que contribui para ocultar os muitos

⁴¹ Brandão, C (2000) O que é a educação ? (38ª edição) Editora Brasiliense, S. Paulo

outros saberes – não letrados – que geram competência para a vida e que criam uma ideia de homogeneidade da situação dos analfabetos (:22) .

As circunstâncias que recaem fora da esfera individual, tais como as raízes culturais, sociais e políticas do analfabetismo, são omitidas pelo discurso que remete para os indivíduos e para as suas opções o que é um problema social. Debaixo deste olhar estigmatizante, as pessoas e os grupos não alfabetizados tendem a desvalorizar a cultura e os saberes de que são portadores e com os quais constróem os seus projectos de vida. É a própria cultura letrada que neste contexto se sobrepõe, desvaloriza e retira a credibilidade da cultura iletrada. Ao fazer recair sobre esta o estigma de analfabetismo, a sociedade passa a representar estas pessoas como culturalmente vazias e como que suas desconhecidas quando, na verdade, o sentido que as pessoas atribuem às suas vidas é constituído pela articulação de capacidades, referências e práticas que podem ter a sua raiz em narrativas tradicionais oralmente transmitidas e incorporadas, mas também podem ter tido os seus modelos nos media ou em contextos de educação formal e também nas experiências acumuladas ao longo da vida (cf Cavaco;: 23).

Um dos aspectos para que somos alertados pela reflexão desta autora são os efeitos pragmáticos do designar as pessoas como alguém que está fora ou à margem da realidade estrutural, o que pressupõe a pressuposição por quem o faz, de um centro e de uma periferia, expressando mais uma vez o etnocentrismo cultural.

Para Freire, citado por Cavaco em suporte da sua argumentação, a pessoa que não domina a leitura e a escrita “não é uma pessoa que vive à margem da sociedade, um homem marginal, mas apenas um representante dos extractos dominados da sociedade, em oposição consciente ou inconsciente àqueles que, no interior da estrutura, o tratam como coisa”. Estes sujeitos não só vivem no interior da sociedade que assim os designa, quanto sofrem os efeitos desta designação que os desqualifica socialmente e que reflecte a pressão da cultura letrada.

A autora refere que a própria investigação “tem contribuído para fortalecer a estigmatização e a discriminação dos saberes iletrados relativamente aos saberes letrados” (:25).

Sugere que o ponto de vista alternativo seja procurado na resposta às seguintes questões relacionadas com a educação informal e que se prendem com o como se aprende, o que e a partir de que fontes. A partir do que se pergunta onde começa a verdadeira formação experiencial e como os saberes apropriados através da experiência são validados e modificados quando são confrontados com incoerências ou inconsistência, transformando os saberes pré-existentes e pela adopção de critérios de pertinência. A aprendizagem experiencial é entendida, assim, como resultado da relação entre observação e acção e entre teoria e prática num processo cuja energia e vitalidade são dadas pela experiência e a direcção é dada pela teoria. Teoria e prática que são mais facilmente integradas pela aprendizagem em grupo e que implicam mecanismos de assimilação e acomodação que se expressam em diferentes fases e como estilos de aprendizagem.

Dado que a aprendizagem modifica a representação das relações dos sujeitos com os outros e com o mundo, há uma dinâmica de transformação que passa pela reavaliação da experiência acumulada, à luz de novas experiências de observação concreta, de observação reflectida, de conceptualização abstracta e/ou de experimentação activa. É assim que o vivido é transformado em experiência quando é reflectido pelo sujeito na relação consigo mesmo e se transforma em consciencialização quando a experiência reflectida é socializada, passando de implícita a explícita.

A autora referencia, como contextos e situações de aprendizagem, a família, o espaço profissional, a envolvência social e a política. Localiza na família a aquisição de competências de expressão, de comunicação, de relação interpessoal; no local de trabalho localiza a aprendizagem de competências para execução de tarefas específicas, a relação de proximidade com pessoas subordinadas às mesmas regras de funcionamento da organização e que resulta na aquisição de automatismos no tratamento dos problemas, da capacidade prever e antecipar a sua frequência e adaptar soluções.

Apesar do carácter local deste saber experiencial, enquanto "saber de uso, produzido no contacto com uma situação concreta, num determinado contexto", não

deixa de ser também “um saber complexo, extradisciplinar e multireferencial”, (refere a autora, citando Courtois), que quando incorporado pelo indivíduo “dá valor as suas mensagens, às situações, às vivências”(Cavaco:39).

2.3.6.2 O risco da (re)produção cognitiva da ausência do sujeito; do sujeito que sabe e que quer saber

O reconhecimento deste saber experiencial que todos os indivíduos portam em si, torna-se fundamental à luz da reflexão de Charlot⁴² sobre o impacto da leitura negativa com que alguns grupos são identificados e designados como causas ou explicações para os problemas sociais que, como tal, ou seja, enquanto problemas da sociedade, deveriam ser explicados pela estruturação dinâmica das relações sociais, ideias e ideologias que a constituem.

Partindo do problema do fracasso escolar, Charlot refere que este é um fenómeno cuja explicação nos deve remeter para debates identitários, económicos e sócio-políticos, recusando-o como ideia construída como não ter, não fazer, porque não se pode pensar o que não é; para o autor, o que é real são as histórias das crianças nesta situação, é o seu vivido.

O autor argumenta que os objectos que são mediados socialmente (através do discurso, da verbalização da experiência) remetem-nos para práticas ou situações que se impõem como evidentes, enquanto categorias imediatas de percepção da realidade quando, na verdade, o objecto assim construído nada mais é mais do que um recorte, uma interpretação e uma categorização e não um facto que a experiência possa constatar. Por isso, os objectos do discurso só supostamente explicam o vivido e a experiência.

Refere que é assim que as categorias sociais dominantes vêem as dominadas como objecto incompleto, que constróem pela leitura negativa da sua situação, em termos de ausência, recusa, transgressão, falta ou diferença. O problema é que esta leitura negativa

reifica relações e transforma-as em coisas que são “aniquiladas” enquanto coisas ausentes, à medida em que se passe a pensar na “coisa compensatória”, deixando de pensar na “coisa” a compensar. Refere que esta falha, ou coisa a ser compensada é projectada, retrojectada, para o início da actividade compensatória e transforma-se em ausência.

Só uma leitura positiva da situação, que parta do interior da experiência do dominado pode, segundo o autor, dar conta de um sujeito que interpreta o mundo, que resiste à dominação, que afirma positivamente seus desejos e interesses e que procura transformar a ordem do mundo em seu próprio proveito. Pensar o dominado como objecto passivo, completamente manipulado e reproduzido socialmente, até nas suas disposições psíquicas mais íntimas, nega o sujeito dominado como emergência na história (cf Charlot)

Para Charlot, o saber é entendido como “necessidade de aprender” e como “presença no mundo de objectos, pessoas e lugares portadores de saber”. É o processo de subjectivação, enquanto apropriação do social, de uma forma específica, que o transforma em representações, comportamentos, aspirações e praticas. Portanto, o saber não pode ser pensado a partir da posição que o grupo social a que pertence ocupa no espaço social na medida em que, embora toda a subjectividade pertença a um grupo, esta não se reduz a este vínculo.

Nesta mesma ordem de ideias Charlot considera que a sociedade não pode ser vista como sistema unificado de funções, normas, valores e interesses, nem tão pouco ser reduzida a um espaço de posições. Porque a sociedade também é a experiência social e a subjectividade dos actores, pelo que a existência de homologias estruturais ou o reforço de posições estruturais são condicionados pela tensão vivida por sujeitos cujas pulsões são investidas em objectos, situados no espaço social que é um espaço de possíveis e que se oferece ao investimento.

A realidade que vai sendo interiorizada não é a realidade exterior tal como é dada, porque é apropriada pela lógica de um sujeito que, pela sua condição humana, está

⁴² Charlo, B (1997) Da relação com o saber-elementos para uma teoria ; Atrmed Editora; S.Paulo

ligado ao outro, a outros enquanto sujeitos que desejam e com os quais partilha um lugar e a transformação do mundo.

A apropriação subjectiva do mundo surge, assim, como imposição do outro, como mediação do outro de quem depende para se educar e ser educado, na apropriação do mundo e na construção de si mesmo (cf Charlot)

A experiência social é, deste ponto de vista, a combinação subjectiva de diversos tipos de acções realizadas pelos indivíduos, enquanto subjectividade. O contrário desta subjectivação é a alienação, ou seja, é a incapacidade do indivíduo ser sujeito da sua própria experiência, pela tomada de distância relativamente aos diversos Eu's sociais que o incorpora. Distância que, no entanto, só se expressa nele como actividade crítica, porque o sujeito não se distancia nem luta contra os eus sociais, mas antes se apropria do social como forma específica de experiência que, como referimos, ele transforma em representações, comportamentos, aspirações e práticas.

Para Dubet, embora a sociedade constitua um sistema regido pelas lógicas de integração da comunidade, de estratégia do mercado competitivo e da subjectivação (ou seja, da cultura), os indivíduos não se confundem com os papéis sociais que interiorizam ou com os interesses que estes papéis representam. A educação consiste no movimento do sujeito que articula as diferentes lógicas de acção, inerentes aos papéis em que se constrói e pelos quais é construído pelos outros, num processo longo, conflitual e inacabado (cf Charlot).

Para salvaguardar o risco de adoptarmos qualquer perspectiva que resulte na atomização da subjectividade, faz-se necessário convocar aqui o alerta que nos faz Santos para a tendência da constelação ideológica-cultural actual reafirmar a subjectividade em detrimento da cidadania e da emancipação. Tendência que resulta da dificuldade e da necessidade da política liberal na conciliação da subjectividade colectiva do Estado com a subjectividade dos cidadãos livres e autónomos, necessidade que é imposta pelo liberalismo económico.

Segundo Santos, esta necessidade surge com o enfraquecimento Estado Providência que, durante determinado período, o do capitalismo organizado, assegurou algum

equilíbrio de forças sociais, mas caiu em excessos do controlo. Excessos que Foucault atribui à procura de maximizar a utilidade dos corpos, através da sua domesticação, conseguida pelo poder disciplinar normalizador; que Weber atribui à racionalidade burocrática; que Habermas qualifica como "colonização do mundo da vida" (cf Santos).

Consideramos que atomizar as subjectividades seria prescindir das promessas não realizadas pela Modernidade, cujo projecto sócio-cultural radicava na utopia de criação de um direito comum a toda a humanidade e na uniformização das condições de vida e que, no seu curso, viu o pilar da emancipação subordinar-se à força reguladora do Mercado sobre Estado e, de ambos, em detrimento da Comunidade.

Por se trata de desequilíbrios que foram social e historicamente construídos, é importante "desreificá-los" como conteúdos da teoria do fim da história, que representa o futuro como repetição do presente, o que serve fundamentalmente aos interesses da burguesia enquanto grupo dominante.

Santos, considera que a distinção entre subjectividade dos cidadãos e subjectividade do Estado foi construída pela distinção entre Estado e Sociedade Civil e pelo "conceito ficção de contracto social enquanto obrigação auto-assumida" por cidadãos supostamente livres e autónomos (:138). Considera que um dos efeitos desta distinção foi a circunscrição do princípio da cidadania à cidadania política e civil, exercida exclusivamente pelo voto. Justifica-se, assim, o desafio que nos é lançado pelo autor no sentido de "criar novos espaços políticos e ampliar o espaço público, novas identidades e novos sujeitos colectivos, capazes de aprofundar a democracia no próprio processo de aprofundamento da democracia". (cf Santos).

Noutro momento, Santos refere que a visão produzida por esta teoria da história (da burguesia), que nos impede de imaginar um futuro diferente do presente, requer que as energias emancipatórias sejam procuradas no espaço tempo que nos habituamos a ver como lugar de reacção ao movimento progressista, o passado. Propõe, neste sentido, que a educação se constitua como lugar de desestabilização de imagens criadas pelos grupos dominantes pelo conflito de conhecimentos, nomeadamente da aplicação técnica da ciência, versus aplicação edificante da ciência; do conhecimento para a regulação,

versus conhecimento para a emancipação; e do imperialismo cultural, versus multiculturalismo, referido a imagens das culturas dominadas e da marginalização a que são sujeitas. Mais propõe que a nova relação entre culturas seja construída pela comunicação e no diálogo como hermenêutica diatópica, em que “as premissas de argumentação de uma cada cultura sejam transformadas em argumentos inteligíveis e credíveis noutra cultura”, maximizando a consciência da incompletude das culturas.

Para não prescindir das potencialidades e promessas deste Projecto no qual participamos como actores sociais, evitando a demissão colectiva da realização da utopia da “democracia sem fim” (Santos) como “horizonte que torna viável e desejável a realização do possível” (Pinto, C ; 1996)⁴³, impõe-se-nos visitar representações alternativas da educação baseadas na imaginação sociológica que reinvestem as utopias de um novo sentido e dimensão social e política.

Segundo Pinto, o projecto de formação humana que este visava era a auto-formação de um "sujeito humano" ideal - eficiente como eu-produtor, solidário, como eu-social e autêntico como eu-pessoal”, como principal garantia de “uma vida boa, justa e bela”. Vida em que deixaria de haver grupos-reféns do estado de necessidade, cuja existência é obrigada a uma quase total subordinação ao princípio da realidade, restritiva do estado de liberdade a que todos poderiam aceder se a sociedade, passando a viver no estado moral, procurasse conciliar gratificações imediatas e retardadas, jogo e trabalho, receptividade e produtividade que caracterizam o princípio de realidade, do qual só uma pequena minoria de seres humanos pode escapar e desafiar.

Para Cortesão, L (2000) desafiar os limites emancipatórios do que Callewert considera ser um “subespaço dominante de produção cultural” ou um campo constituído pelos restantes poderes, implicaria reconhecer a educação como um possível espaço estrutural, na medida em que aí se produzem saberes que contribuem para o domínio de alguns poderes que facilitam manipulações económicas e políticas, mas não só. A autora argumenta, concordando com Giroux, que o saber que a educação não se limita a reproduzir, serve como recurso eficiente de alguns grupos sócio-

culturais em situações de resistência contra a hegemonia de outros grupos. Concorde ainda com Bernestein de que, no campo social que é estruturado por situações educativas mais ou menos formais, se cria um espírito de corpo e de disciplinação muito forte, um ethos, capaz de reforçar ou contrariar interesses do Estado e do próprio Mercado.

Com base nesta argumentação, Cortesão questiona a reificação do modelo da Escola tradicional reguladora, herdada do Iluminismo e responsiva ao industrialismo, que desenvolveu no seu interior uma cultura nacional, cívica e global, transmitida através do treino e do esforço por um agente que, auxiliado pelo livro escrito, traduzia, perenizava e não questionava o saber e a cultura dominantes, ao abrigo de um mundo ordenado, hierarquizado e ritualizado.

A autora reconhece que a preocupação de transmissão e de acumulação da cultura erudita e da ciência construída no quadro positivista se combinaram com a organização dos espaços e dos regulamentos e a avaliação selectiva e formativa para construir este universo social em que o educador é construído e que ele (re)produz.

Cortesão considera que a educação é atravessada por duas pressões contraditórias, que são o funcionamento social que serve o sistema de produção capitalista e a sua legitimação social. A estas pressões é possível responder, dentro de certos limites, através de uma dinâmica de desenvolvimento normativa, geradora de um clima de competição e de aproximação a padrões arbitrariamente considerados como normas, no interior de uma organização espacial e burocrática ou não.

O que fica claro nesta posição é que a mudança deste lugar social, assim imaginado e estruturado, requer uma mudança paradigmática, ou seja, mudança na estrutura, no funcionamento e na filosofia dominante. Torna-se, assim, possível, imaginar os campos sociais estruturados por situações educativas como lugares de partilha de saberes e de questionamento de situações problemáticas, abertos ao que acontece e que se lê criticamente, considerando as questões de poder.

⁴³ Pinto, F(1996) A Formação Humana no Projecto da Modernidade ; Instituto Piaget; Lisboa

Nos campos sociais construídos como espaços de comunicabilidade, poder-se-iam desenvolver dinâmicas que, partindo da tomada de consciência de contradições internas, pudessem ampliar a consciência da incompletude cultural de cada grupo em relação aos outros, onde haveria lugar para uma visão não normativa dos Direitos Humanos, liberta do risco de desvalorização das raízes sócio-culturais ou de submissão acrítica a cultura eleita como dominante (cf Cortesão).

Partindo desta imaginação da educação como possível lugar estrutural, esta talvez pudesse ser uma forma alternativa de espaço da cidadania nacional, mais e mais permeabilizado ao espaço mundial, como espaço que passa a enquadrar a educação escolar e a promover a identidade nacional, culturalmente híbrida, com inclusão da dimensão europeia da educação e consequente questionamento da identidade da cultura nacional (99)

2.4 – Ponto de chegada que é ponto de partida num “caminho que se faz a caminhar”

Gostaríamos de sinalizar este momento do nosso trabalho como ponto de chegada deste nosso percurso em que a busca, a exploração activa e a apropriação (reescrita como diria Paulo Freire) de outras grelhas de leitura da realidade, como novo ponto de partida para a escuta e a escrita do que nos narra a D.Silvina como história da sua vida, para poder documentá-la e recontá-la como parte da nossa história colectiva. Vida que queremos entender e construir como trajectória de educação partilhada por outras sete mulheres, em cuja educação ela participou e que participaram para a formação experiencial de que nos dá conta.

Para inaugurar este novo ponto de partida, gostaríamos de convocar brevemente algumas ideias de Freire, que nos parecem “devolver” a possibilidade de espanto e de indignação, que nos mobilizou para este trabalho.

Assim, gostaríamos de conotar explicitamente a nossa perspectiva de educação com a de sonho, assumido por Freire na Pedagogia da Esperança, como acto político

necessário, como forma de estar sendo histórico-social, como processo de tornar-se permanentemente; como trajetória de quem faz e se refaz no caminho em que se expõe e a que se entrega, deixando-se refazer por ele, como história enquanto sujeito e enquanto objecto que se constrói, pela tomada de distância de si mesmo e da vida que porta, para se dispor a saber em torno dela.

Desta perspectiva podemos entender a trajetória da D.Silvina como movimento que procura romper com amarras reais e concretas de ordem económica, política, social e ideológica, como desafio que Freire considera ser permanente da história que nos faz e refaz. História e mundo construídos por estruturas que passamos a entender como potencialidades, probabilidades, tendências e nas quais nos descobrimos como seres programados, mas nas quais nos podemos reconhecer e confirmar como seres não determinados, que buscam a humanização na desumanização como facto concreto da história e não como um a priori.

O que procuraremos redescobrir, são os limites e as potencialidades da educação como recurso do sujeito e como acto comunitário que cria condições para nos podermos distanciar da prática para a teorizar e, assim, resistir à pressão ideológica para adoptarmos uma visão domesticada do futuro como progresso inexorável, como repetição do presente ou para a evasão de quem investe a consciência como arbitrariedade e onipotência, que faz e refaz o mundo, como poder de determinação sobre a realidade concreta. Freire considera que em uma e em outra posição, que levam a imaginar o futuro como fatalismo libertador ou como libertação fatalista, não há lugar para a esperança autêntica. É neste sentido a educação pode, de facto, ser vista como busca de superação desta inteligência fatalista, como acto de conhecimento do conteúdo e da razão dos factos económicos, políticos, ideológicos e históricos que explicam a maior ou menor interdição do corpo a que estamos submetidos (102).

Corpo pessoal/individual e corpo social/colectivo no qual podemos viver ou alienar o nosso gosto pela liberdade!

Terceiro Momento

**Recriando o lugar para a autoria e a para a alteridade
num diálogo iniciado**

Introdução ao terceiro momento :

Chegamos finalmente ao momento do (re)encontro com a história de vida da D. Silvina, que foi sucessivamente preparado pela revisitação e pela transformação das nossas próprias condições de possibilidade de escuta e de entendimento.

Mais descentradas do ponto de vista dado pela nossa posição, imersa nas relações sociais em causa e recorrendo a outros referentes de interpretação das mesmas, propomo-nos escutar uma *voz* que fala a partir de um lugar em que as histórias se tornam invisíveis e silenciosas no interior da história social que escrevemos como grande narrativa. Fala uma Mulher que pode representar a época do progresso e de transformações que vivemos, enquanto uma entre um sem número de outra mulheres e homens, que vêm os seus corpos esgotados da energia humana que “trocaram” pelos mínimos que lhes permitiram sobreviver na sua luta por existir.

É desta luta por sobreviver e existir que nos vão dar conta os silêncios e as palavras da D.Silvina que aqui vamos escutar, sem esquecer que são esses mesmos “mínimos” que fazem parte do cálculo de mais valias que alimentam a “violência inerte das estruturas sociais e económicas” que todos percebemos como “ordem comum das coisas” (Bourdieu; 1998).

3. A D. Silvina como participante de tempo e de um lugar ampliados

A D. Silvina, como ela própria quer ser identificada, nasceu em 1942, numa freguesia do concelho de Oliveira de Frades, de onde saiu com a sua mãe, aos cinco anos de idade. Pelo que pudemos saber, através dela, os seu pais eram ambos filhos de pequenos proprietários agrícolas que trabalhavam as suas terras.

A mãe foi criada por uma ama até aos sete anos porque, segundo ela mesma nos disse, era gémea de um rapaz e, por isso mesmo, foi rejeitada e dada a criar. Viveu com ama até que, ainda criança (8/10 anos ?), foi levada por um “meio-irmão” a casa de uns parentes

abastados, para cuidar das suas crianças. A mãe foi buscá-la a essa casa quando tinha idade (13/15 anos ?), para trabalhar nas terras e participar na colheita de tomate no Alentejo, onde permanece por dois períodos de oito meses. Entretanto, consegue fugir e foi a servir como empregada doméstica na zona litoral.

Foi nesta casa que a mãe veio buscá-la para casar-se com um homem que dispunha de terras e dinheiro, o que não era comum naquela época, em que a maioria das pessoas do lugar viviam da agricultura de subsistência.. Esta situação favorecida decorria do facto de ser cauteleiro em Lisboa. O pai era bastante mais velho do que a mãe e tinha perdido um braço num acidente de caça. Apesar disso, trabalhava nas terras e continuava a ser caçador, quando vinha a casa.

O casal tinha, além da D.Silvina, uma filha e dois filhos mais velhos quando o pai foi internado, em psiquiatria, depois de ter estado preso. No entanto, segundo refere a D. Silvina, ele foi bem tratado porque não tinha feito mal nenhum e porque era filho de boas famílias. Segundo lhe contaram, ela era bebé quando isto aconteceu (mas não confirmámos esta hipótese) e a doença do pai terá sido desencadeada por um conflito com os notáveis da terra (incluindo o pároco) por causa de uns baldios cuja distribuição ele conseguiu embargar, conforme nos é contado adiante na narrativa,.

A mãe da D.Silvina ficou então sozinha, com os seus quatro filhos e sem os bens essenciais da casa, porque o marido os destruiu antes de ser internado. Perante esta condição de “destituição” dos seus bens, ela teve que entregar os três filhos a servir em casa de agricultores. Segundo a D. Silvina, quando ela e a sua mãe deixaram a aldeia, em 1947, a sua irmã mais velha já tinha ido servir aos sete anos (?) para uma casa de lavradores onde acabou por casar com um dos “patrões”. Quanto aos seus irmãos filhos mais velhos, que tinham então dez e doze anos, foram também servir e, anos mais tarde, foram trabalhar para Lisboa, na Lisnave.

Talvez seja importante referir que este incidente ocorreu em plena conjuntura da crise gerada pela II Guerra Mundial e no contexto da ditadura que se vivia em Portugal. É o período em que Salazar abandona a pasta dos Negócios Estrangeiros, em que se dá o levantamento para derrube do regime na Mealhada e em que se vivia um ambiente de

grande agitação social e política que preparava eleições para deputados. Começavam também a surgir naquela altura as manifestações devidas ao fim da Guerra (cf Cortesão; 1981).

Um indicador que nos parece relevante para situar o ambiente social experienciado pelo pai da D.Silvina é o registo de que em 1941 o número de pobres inscritos, na Assembleia de Freguesias em Lisboa era de 100.000, o que correspondia a 14% da população.

Segundo estudo da Câmara Municipal de Lisboa (1999)⁴⁴ foi a partir de 1950 que a Mitra passou a assumir uma “vocação parapsiquiátrica” que visava o “atendimento a anormais, viciosos, mentirosos, rebeldes, marginais”. Segundo a mesma fonte, este era o discurso ideológico apreendido e difundido para lidar com os que não assumiam responsabilidades correspondentes ao “mito do bom português - bom chefe de família ,honesto e trabalhador”, ocultando, desta forma, as causas da pobreza. O mesmo estudo refere que desde 1919 havia já uma série de medidas de controle e punição dos excluídos, que iam desde a deportação de “vadios” (categoria na qual se integravam os anarquistas, os sindicalistas e os bombistas) ao internamento em asilos dos pedintes considerados inaptos para o trabalho e ao envio dos restantes para colónias agrícolas. No entanto, o decreto de proibição da mendicidade em 1931, justificou a criação de novas estruturas, como meios de repressão e de beneficência. Foram criados entre 1933 e 1941, nove albergues de mendicidade da Polícia de Segurança Pública, em capitais de distrito de todo país e usados os meios existentes, tais como a Mitra que, entre 1933 e 1951 recebeu cerca de 705 crianças por ano.

Também é de considerar que a lei de assistência psiquiátrica hospitalar foi criada em 1946, no âmbito da Reforma do Serviço de Sanidade e Assistência e da Regionalização Hospitalar. Entre 1945 e 1949 foi legislada também a luta contra a mendicidade e a lepra, a luta contra as doenças contagiosas e a luta contra tuberculose.

A D. Silvina nasceu, assim, num período bastante difícil da vida nacional, que pode

⁴⁴ (1999) *Excluídos – memórias de (sobre) vivências 1836-1933*; Câmara Municipal de Lisboa- Gabinete de Estudos Olisiponenses

eventualmente ter tido alguma ligação com as circunstâncias de internamento psiquiátrico do pai, considerando não só a sua inserção precária em Lisboa, como também o impacto do confronto com a política local.

A contrastar com este contexto nacional, este foi o período de acontecimentos histórico assinaláveis como o lançamento da bomba de Hiroshima, a criação da ONU e a assinatura da Carta das Nações Unidas, o Plano Marshal e o começo do Estado Providência, a elaboração da Declaração dos Direitos Humanos, a Instituição da OCDE e a criação do Conselho da Europa.

Quando tentamos situar-nos no espaço local, no concelho de Águeda, para onde a D. Silvina foi levada pela mão da mãe, talvez em “busca da terra prometida”, o que constatamos é que este foi um período em que a actividade industrial teve as suas potencialidades ampliadas depois da 2ª Guerra Mundial, devido à importação de tecnologia e à conjuntura interna.

Dado que a história de vida da D. Silvina está estreitamente vinculada ao mundo da produção industrial, na área da cerâmica, achamos interessante determo-nos em conhecer melhor Águeda, enquanto terra “quase prometida”.

3.1. Águeda enquanto terra “quase prometida”

Já na década de 50, o concelho de Águeda constituía um forte polo de atracção das populações das zonas interiores, no que teve influência a expansão da indústria cerâmica no seu período de maior expansão nos anos 50, apesar de só ter iniciado o seu processo de mecanização nos anos 60 e de ter ganho notoriedade nos anos 70, pelo volume de produção e de trabalhadores que empregava e que atingia os 400 .

Raul da Cruz (1987) refere que a primeira empresa de cerâmica foi criada em 1914, mas que entre os anos 50 e 60 foram criadas dezasseis novas empresas porque na época, "em qualquer barracão surgia uma oficina com um torno, uma bancada e algumas máquinas rudimentares". No entanto foi por volta de 1896 que as duas primeiras indústrias de

metalomecânica foram implantadas. Há registo de que nos anos 20, foram criadas duas empresas de têxteis e uma indústria de madeiras, mas foi nos anos 30 que se assistiu a uma proliferação de oficinas de antigos operários na área da metalomecânica. Na década de 50, para além das cerâmicas, foram criadas também sete empresas de madeiras e três de cartonagem.

O desenvolvimento industrial de Águeda é explicado de forma diferente por Raul da Cruz (1987) e José Reis (1992).

Raul da Cruz considera que o desenvolvimento industrial local foi influenciado por factores relativamente independentes da racionalidade capitalista, segundo a qual a implementação da indústria assentaria no cálculo prévio da mais valia do processo de transformação da matéria prima. O autor vê o final do século XIX em Águeda como o tempo em que as condições de vida se degradaram devido à "fome de terra". Os jovens eram estimulados a emigrar porque o mercado de trabalho assalariado se resumia às grandes quintas, enquanto a exploração agrícola de base familiar era feita em dimensões exíguas. Na sua perspectiva, foi a presença do rio e a ligação a outras localidades do país que fez com que Águeda se tivesse transformado em entreposto comercial, o que permitiu a deslocação de capital e de trabalho para a indústria. Raul da Cruz considera que o empreendimento na indústria foi estimulado no distrito de Aveiro, em que o concelho de Águeda se insere, o qual desde o início do século era qualificado como meio industrial, pelo aparecimento do motor eléctrico e pela criação da Escola Industrial e Comercial em 1927. Estes terão sido factores que beneficiaram a expansão da indústria que tem expressão no Censo de 1950 em que se constata que 23% da população activa do concelho de Águeda já trabalhava na indústria⁴⁵.

José Reis (1992) explica o desenvolvimento do sistema industrial pela criação de um quadro de especialização, da profissionalização da mão de obra e da acumulação da cultura industrial na área da metalomecânica.. Esta foi a base da criação de relações interindustriais na base da divisão do trabalho, dentro do sistema local e das relações estabelecidas desde muito cedo com o exterior. A progressiva criação de infra-estruturas teve um efeito

potencializador destas relações internas e externas. Por outro lado, outras áreas transformadoras, nomeadamente da cerâmica para decoração e da construção, dos têxteis, das madeiras e da indústria gráfica e do papel foram implementadas, o que justifica o desenvolvimento local.

Segundo Reis (1992) a industrialização em Águeda é intensificado a partir da segunda metade da década de 70. Este desenvolvimento caracteriza-se por um ritmo acelerado e pela extroversão, o que pode ser ilustrado com o facto de, em menos de uma década, o número de empresas ter triplicado. A dimensão média da empresa diminuiu neste período e a especialização deu lugar à fragmentação e à difusão bem como à composição do ciclo produtivo e a relações interindustriais de base local.

O autor considera que, embora estas mudanças tivessem estado relacionadas com algumas condições da economia portuguesa e com as linhas gerais de transição para novas formas de regulação económica, também estiveram vinculadas ao local, no processo bastante longo que aí teve lugar. Nos anos 70 a ampliação e a mecanização dos processo de fabrico, associadas com a dinâmica de competição e com a emigração, provocaram a subida dos salários. Sentiu-se a falta de mão de obra especializada. O esgotamento da mão de obra exigiu que se começasse a recorrer à mão de obra indiferenciada entre os camponeses com mais de 40 anos e provenientes das zonas do interior.

Embora existisse nos anos 70 uma mão de obra agrícola pouco exigente em termos salariais e de regalias sociais e houvesse, no caso das cerâmicas e da madeira, a disponibilidade de matéria prima na proximidade das instalações fabris, a implantação local das unidades industriais foi fortemente influenciada pela localização das primeiras empresas e pela tradição familiar dos primeiros empresários e também pela ligação do empresário ao meio local, seu meio de origem, onde dispunha de terrenos herdados pela família⁴⁶.

⁴⁵ A população industrial do Distrito de Aveiro era de 35% contra a média geral do país que era de 25%.(Cruz;1987)

⁴⁶ o que, segundo parecer emanado pelo Projecto de investigação sobre as **Transformações da agricultura na Europa**, de 1988, teve implicações na sua difusão e organização do espaço e teve impacto negativo sobre o ambiente e sub aproveitamento de potencialidades agro pecuárias

3.1.1 Entre a racionalidade camponesa e a racionalidade capitalista

Apesar do ritmo e da intensidade do processo de industrialização que o concelho de Águeda mantinha nos anos 70, persistia uma forte absorção de mão de obra na actividade agrícola em minifúndio, com produção intensiva e diversificada.

Raul da Cruz considera que as pequenas explorações teriam desaparecido se tivesse sido a racionalidade capitalista a orientar o desenvolvimento da actividade agrícola local. O que constatou foi que as explorações agrícolas foram conservadas e que o número de pequenas explorações de operários, emigrantes, funcionários e comerciantes, aumentou. Os que não eram herdeiros ou proprietários de terras recorriam ao arrendamento de parcelas de terra. As propriedades agrícolas herdadas foram conservadas porque a alienação de um património com valor afectivo continuar a ser considerada um risco para o prestígio social da família.

Para o autor, esta sobrevivência da pequena exploração agrícola familiar, fora da concorrência do mercado, pode ser compreendida por referência à família rural ou à sociedade rural tradicional, em que há uma ligação simbólica entre família, trabalho agrícola e posse de terras. O trabalho agrícola de pequena dimensão mantém-se, então, como complemento do rendimento das famílias na indústria, como forma de ocupação familiar e de trabalho para o autoconsumo, próprio da racionalidade camponesa. É sobre este cenário de transformação de estruturas económicas e de preservação de modos de vida que se reproduzem as relações sociais no concelho.

No estudo a que nos temos vindo a referir, Raul da Cruz constatou que relações entre os agricultores e os seus filhos empresários na indústria passaram a ser recontextualizadas pelo empreendimento de bens comuns e pela dinâmica de desenvolvimento da própria empresa.⁴⁷ Estas relações têm, sem dúvida, significado nas relações entre pais

⁴⁷ Em 1973, verificou-se que 78% das empresas era constituída como sociedade por quotas; forma de organização jurídica que está ligada à dimensão da empresa e ao facto de pertencerem ou serem controladas por famílias. Nestas pequenas empresas a presença do fundador ou dos seus herdeiros é frequente ou pode verificar-se a atribuição de funções bem diferenciadas a cada um dos sócios. Aos proprietários cabe a direcção técnica e financeira da empresa bem como a tomada de decisões que vão desde a dispensa de um operário até os grandes investimentos.

(agricultores) de empresários que pagam o trabalho de outros agricultores que se tornaram operários.

Com a falta de trabalhadores na década de 70, estes passaram a ser recrutados entre homens e mulheres, entre vizinhos e estranhos, migrados das zonas do interior do concelho e de zonas distantes. A agravar o impacto social destes antecedentes e da proximidade física entre sujeitos que foram sendo reposicionados pela divisão social do trabalho, há a tensão gerada pelo facto de, ainda em 1973, muitos dos empregados na indústria se sentirem mais agricultores do que operários. Esta disposição tornava ainda mais difícil a sua subordinação – voluntária ou imposta - a uma cadeia hierarquizada de funções, aos horários e ao controlo das cadências da sua actividade.

Por outro lado, era a coesão do bloco família-exploração, que assegurava o equilíbrio do agregado doméstico, que passa a estar em risco à medida em que a mulher e os filhos jovens passam a trabalhar na fábrica. O homem perde o seu lugar de chefe de exploração, quando a mulher e os filhos deixam de conformar-se ao estatuto de ajuda familiar, em que ao trabalho não corresponde qualquer salário e em que é o homem que ajuda a mulher apenas nos trabalhos que são considerados mais árduos: sementeiras, pulverizações e transportes. Os jovens-operários continuam a “ajudar” apenas por uma atitude de respeito, mas esta circunstância leva a que passassem a casar mais cedo, em busca da sua autonomia. Livram-se, desta forma, da exigência de entregar o salário aos pais e da prática de ajuda na exploração agrícola que os subordina à autoridade patriarcal.

Os jovens integrados na indústria na década de 70, passaram a ter consumos industriais que incluem tempos livres e de lazer, tempos esse que antes eram utilizados no trabalho da terra, abandonando a economia de autoconsumo familiar que garantia produtos vegetais e animais para consumo doméstico.

Quanto às mulheres passaram a ter acesso à educação formal e, conseqüentemente, a práticas de controlo da fecundidade. Esta margem de autonomia e de projecto continua a ser ocultada pelas relações sociais em espaço público ou pela sua obrigação de trabalho doméstico e cuidado de dependentes. Embora as mulheres tenham constituído uma resposta a necessidades locais de mão de obra, nos anos 70, com a expansão da indústria e com a

emigração, o salário e a formação profissional, continuaram a assinalar a desigualdade da sua posição relativamente aos seus parceiros e a demarcar limites das suas possibilidades de autonomia.

Raul da Cruz constatou que as mulheres tinham pouca participação nos ramos de actividade em que havia maior incidência de mão-de-obra qualificada, ou seja, no sector da metalomecânica (60%) e na construção de motociclos e bicicletas (56%). Pelo contrário, estavam mais representadas entre as situações de analfabetismo literal da indústria do barro vermelho e das madeiras. Constatou também que as mulheres tinham salários que chegavam a ser 50% inferiores aos dos homens, em diversos ramos da indústria, mas esta situação podia ser ainda mais grave na cerâmica de barro vermelho, ou na indústria das madeiras, em que os salários são inferiores. Neste mesmo período os salários agrícolas fixaram-se ao mesmo nível do trabalho industrial, ou seja, 80 escudos para os homens e 40 escudos para as mulheres.

A Revolução de Abril foi o momento em que esta diferença salarial passou a ser interdita legalmente. No entanto e apesar de todas as transformações sociais, mantém-se a desigualdade de poder entre homens e mulheres. A autoridade do homem continua a ser a base da estruturação das relações que articulam casamento, a família e o trabalho. Em alguns sectores da população, as mulheres continuam a acumular o trabalho da indústria com as tarefas de cuidado do gado, como extensão do trabalho doméstico e mantêm a responsabilidade do cuidado dos dependentes.

Em trabalho datado de 1996, Ana Matos e Margarida escutaram as perspectivas de trinta mulheres que fazem subsistir a actividade agrícola na Comunidade a que nos referimos. Constataram que essas trinta mulheres, nascidas entre 1951 e 1971, se sentiam inferiores relativamente às outras que tinham actividade remunerada, regalias e prazeres a que elas não podiam aceder. Constataram que elas justificavam o seu baixo nível de escolarização pela combinação entre falta de incentivo dos pais e as dificuldades de acesso a uma escola que não era obrigatória. Para estas mulheres, a sua falta de escolarização correspondia à falta de cultura, que restringia a sua esperança profissional e as fechava em relações de sociabilidade, no contexto das relações de solidariedade e entreajuda

tradicionais, com outros agricultores. 71,9% destas mulheres não iam a passeios nem se deslocavam para a venda de produtos fora da aldeia.

Segundo as autoras, o limite das expectativas destas mulheres era fixado na casa e na pequena exploração agrícola. Tinham pouca consciência da sua participação económica e auto-excluíam-se das acções de gestão e de organização da vida da comunidade local. Destas mulheres, as que mantinham ligação com a economia formal para além da sua condição de mães e de domésticas, constituíam excedente de mão de obra e o seu salário era considerado complementar ao do marido. A achamos interessante referir aqui estas disposições que nos estimulam a questionar a história da D.Silvina.

Entretanto, quando olhamos para Águeda, na década de 90, podemos constatar o quanto se vai esbatendo o horizonte de promessas que atraiu naquele momento as populações do interior, mas que ainda hoje continua a atrair pessoas de outros concelhos, dos países PALOP e de Leste. A imigração torna-se num aspecto crítico quando consideramos que, apesar das condições de apoio social às crianças terem melhorado substancialmente nas duas últimas décadas (em termos de serviços dirigidos a esta faixa etária, o mesmo não se pode dizer relativamente a sectores tão essenciais quanto a habitação.

O Relatório do IIEFP de 1994 referia que o tecido industrial local tinha subido a um nível superior ao do Continente, embora inferior ao da Zona Centro (IIEFP, 1994). Este documento refere o aparecimento de sinais de crise no ramo têxtil vestuário, dos motociclos, da cerâmica de barro vermelho e da indústria de ferragens, apesar de haver expansão de emprego. José Reis atribuía os sinais de esgotamento da dinâmica local à insuficiência de formação de recursos locais, face à exigência de domínio das técnicas de produção consideradas relevantes.

O autor considera que, apesar de na década de 90 Águeda continuar a gerar a oferta de novos empregos, está a criar também desemprego de longa duração que afecta maioritariamente as mulheres e, de modo geral, os indivíduos com mais de 50 anos. O contrato a prazo é utilizado cada vez com maior frequência relativamente a trabalhadores indiferenciados e as relações de trabalho que não são sujeitas a qualquer contrato nem a

rendimentos declarados estão a aumentar. Há famílias que são também envolvidas pelo trabalho no domicílio, uma forma de emprego invisível, com o pagamento à peça. (cf.Reis; 1996)

Por outro lado, apesar da agricultura ter perdido a sua importância como actividade produtiva, diminuindo em cerca de 50% na década de 90, esta continua a ser uma actividade secundária de 50% do conjunto de trabalhadores industriais e constata-se que cerca de 2/3 das famílias residentes possuem ou estão ligadas a uma exploração agrícola. A cultura de milho, batata, vinho, frutos e legumes serve para auto-consumo familiar e constitui um complemento aos rendimentos salariais.

Todos estes indicadores nos falam de realidades que podemos entender tanto por referência aos contextos económicos e sociais da pré-modernidade quanto o fenómeno da globalização económica, política e cultural. No entanto, o que importa aqui é saber que é deste espaço “híbrido”, do interior da Sociedade local que continua a viver transformações e de uma Comunidade que mantém disposições ligadas à tradição oral, que nos falou a D.Silvina, sentada à cabeceira da mesa da sua cozinha.

3.2- A D. Silvina que conta a à cabeceira da mesa

Antes de dar a ler a história de vida da D. Silvina, como texto escrito, gostaríamos de dar conta do processo que o produziu.

Tal como atrás referimos, a nossa relação com a D.Silvina tinha alguma antiguidade e, por outro lado, ela mesma foi um dos sujeitos entrevistados para o Projecto do CES sobre o Papel da Sociedade na protecção social,. Contávamos, por isso, com muitos recursos que abreviaram o processo de recolha da história de vida. A relação estava criada, ela sabia de quanta informação dispúnhamos sobre a comunidade e sobre as suas circunstâncias sociais. Por outro lado, o facto de termos alargado as entrevistas à sua mãe, às suas quatro filhas e a três netas, pode ter contribuído para que o número de entrevistas realizado fosse menor do

que, à partida, imaginávamos necessário. Foram nove as horas de entrevistas gravadas, embora o tempo de diálogo não se restringisse à gravação.

Todas as entrevistas eram precedidas de um tempo de conversa e a nossa narradora decidia quando seria o momento de ligar o gravador. Por outro lado, sempre que visitávamos a casa para as restantes entrevistas, contámos sempre com um tempo para conversar, que não foi gravado. De registar também que houve muitos telefonemas com pedidos de esclarecimentos pontuais, que se prolongaram em conversas e que foram importantes para a produção deste texto.

Importa, no entanto, referir que a palavra que aqui está registada é da D.Silvina. Por outras palavras, não acrescentamos nada à sua narrativa oral. Pelo contrário, por motivos óbvios, tivemos que omitir algumas descrições repetidas ou outro material que tornava o texto ininteligível, pelo excesso de detalhes que foram, sem dúvida, fundamentais para sustentar a comunicação oral, mas que seriam redundantes num texto como o que se apresenta. De qualquer forma, o material gravado, foi transcrito integralmente e está cuidadosamente arquivado.

Uma das condições criadas foi a de realizar as entrevistas em dia e hora marcados pela D. Silvina com antecedência de alguns dias, de modo que ela pudesse organizar a sua vida pessoal e também apropriar-se afectiva e cognitivamente deste tempo de produção sobre as suas memórias e narrativa.

O espaço onde se realizaram as entrevistas também foi escolhido por ela. Estivemos sentadas à mesa da cozinha, que é o espaço do seu domínio, onde está colocada a televisão, onde ela cuida do agregado familiar e acolhe os que chegam. Por duas vezes ficamos no quintal, uma espécie de extensão da cozinha, onde a família também toma as refeições e conversa. Em todas as situações de entrevista ela tomou o lugar da cabeceira da mesa e indicou, de seguida, a cadeira colocada ao seu lado esquerdo, para nos sentarmos.

A duração de cada uma das entrevistas foi basicamente de uma hora mas, como referimos, era preparada e antecedida por conversas sobre acontecimentos com o que ela própria criava o contexto da conversa. A dado momento ela marcava o início do seu relato com a pergunta, “ está a gravar?” A duração do tempo de fala e escuta da história de vida

foi estabelecido segundo a duração da cassete audio, para dar referentes à D. Silvina, que não tem o hábito de se fazer ouvida por longos períodos. Pensámos que, assim como era importante ela ter controlo sobre o uso do gravador, seria também importante que tivesse alguma previsão do tempo do seu trabalho discursivo. Uma vez estabelecido este tempo, houve pelo menos duas vezes, em que ela aceitou que continuássemos a gravar noutra cassete.

É importante referir que todo o discurso foi produzido em contexto interpessoal e a entrada de alguém correspondeu sempre a uma interrupção (excepção para a entrevista da sua mãe, em que a D.Silvina, se ofereceu e se manteve como ajuda à mãe, já muito idosa). Como já referimos havia um acordo entre nós de que o gravador seria desligado sempre que ela não quisesse ter o seu depoimento gravado.

Um dos instrumentos que criámos e que tivemos que abandonar, discretamente, foi um caderno como auxiliar de memória, para cada uma de nós. Sugerimos que apontássemos dúvidas, questões ou assuntos que desejássemos ver abordados na sessão seguinte. No entanto, logo na segunda sessão, apercebemo-nos do embaraço que o caderno lhe tinha causado. Começou então por justificar eventuais erros de escrita e obrigou-se a produzir “algo” – desenhos, versos – como se se tratasse de um dever escolar. Este efeito imprevisto e indesejável, parece estar patente no segmento da entrevista que transcrevemos. Assim, depois de me ter dado o caderno a ler, acrescentou:

“ Eu mandei escrever. Mas mesmo assim eu não sei dizer... Veja lá se isto está bem. Era para pôr no livro, eu tirei da minha cabeça. Há- de estar aí as coisas que... ora veja lá se está bem ...as coisas que eu pensava, que eu fiz e as que eu pensei, eu fui escrevendo para não me esquecer. Eu mandei escrevê-las, na altura. Tem um bocadinho de erros, vamos lá ver...”

Ne sessão seguinte, antes que ela se precipitasse a dar conta do que parecia sentir como dever, perguntei o que ela achava de usarmos fotografias como auxiliares de memória. Entusiasmada, foi buscar fotografias e não voltou a fala no caderno.

3.2.1 Revisitando disposições emergentes no processo de reconstrução biográfica

Quando revisitamos o contexto de interacção social no qual cada uma das entrevistas foi produzida, constatamos que a D. Silvina “inaugurou” cada entrevista com o tema que queria abordar embora, ao longo da entrevista, retomasse assuntos já abordados.

Assim, a primeira entrevista foi “inaugurada” com a expressão “*Vou contar a vida; desde pequenina não é? Já está a gravar?*”

A segunda foi iniciada neste termos : “*que miséria, é só miséria*”. Com isto quis definir a sua posição relativamente à vizinhança, na qual há de facto uma rede bastante activa de tráfico de drogas. Durante esta entrevista ela procurou fazer outras demarcações de fronteiras sociais, para dar mais consistência à apresentação de si mesma, no diálogo conosco.

A terceira entrevista começou com uma referência à ida a Lisboa, como se se tratasse de uma situação habitual. Refere que foi lá por causa do irmão mas também “*por passeio...como é costume*”. Introduziu então a figura da cunhada, como alguém que se relaciona bem com os pobres, como elemento de um grupo da paróquia. Senti nesta abertura da nossa conversa que a D Silvina queria fazer-se reconhecida pela sua afinidade com pessoas participam em actividades de beneficência para com “os pobres” e realiza viagens de carácter cultural .

A quarta entrevista foi iniciada com a abordagem da trajectória escolar dos filhos, combinada na entrevista anterior. A D Silvina abriu dizendo vamos falar de “*coisas de crianças, na educação das crianças*“. Nesta entrevista fizemos algumas perguntas directas porque sentimos que a D. Silvina estava pouco à vontade. A fluência do discurso só foi recuperada quando ela começou a referir-se à integração dos filhos no mundo do trabalho e o casamento. Estes eram acontecimentos sobre os quais ela tinha maior domínio e podia mais facilmente definir as situações e caracterizar os acontecimentos narrados.

A D Silvina começou a sexta entrevista falando sobre promoções de vendas num hipermercado e que tinha feito uma cobertura para um sofá. Depois refere-se a um pedido

de ajuda da directora do internato onde estão os netos e que conclui com a afirmação “*eu sou muito querida lá, tratam-me como uma rainha*”.

Inicia a sétima entrevista referindo-se à morte do filho, como acontecimento extraordinário, deixando implícita a ideia de que é a sua posição social de desvantagem que impede o reconhecimento da excepcionalidade da situação e a sua abordagem e avaliação a nível da transcendência da sua condição de menino morto.

A oitava entrevista foi partilhada com a D. Eva e a D. Silvina começa por referir que ela mesma “*veste os mortos*”, querendo indiciar não só a sua competência prática e coragem mas também um dom espiritual, que aliás é referido quando fala nas suas experiências de saída do corpo.

Na nona e última entrevista a D. Silvina, para lá de referir o cuidado do genro que estava “*muito doente*”, parece querer justificar o que de arbitrário há no facto de a sua filha que está em Luxemburgo ter o seu lugar na família ocupado pelo marido que a maltratou. Nesta entrevista sentimos que a D. Silvina estava a esgotar a sua disposição voluntária para o nosso trabalho. Talvez o facto de estarmos a entrevistar também as filhas e as netas a tivesse feito tomar consciência de contradições da sua vida e o trabalho estivesse a ter custos psicológicos superiores o que não nos sentimos no direito de pedir. Esta era uma situação que contrariava o nosso pacto interpessoal estabelecido no início do trabalho.

Continuámos então falando sobre assuntos triviais, ela pediu que lhe fizesse perguntas sobre o que eu queria saber mais acerca dela, mas senti que seria o momento de “*encerrar*” o trabalho de produção da sua história de vida, realizada ao longo de dois anos e a um ritmo que foi senso estabelecido, não só pelo progresso do nosso trabalho, como também pela disponibilidade manifestada pela D. Silvina. Entretanto fomos mantendo contactos telefónicos e contactos directos propiciados pela entrevista das suas filhas e netas, em que sempre fomos deixando em aberto a possibilidade de ela mesma sugerir a realização de outras entrevistas, mas isso não aconteceu.

Há ainda que referir que, no curso das entrevistas, houve momentos de impasse, criados por emoção mais intensa ou por quebras de fluência da comunicação, que pareciam manifestar resistência ao desenvolvimento de temas que tentámos introduzir. Por

exemplo, temas relacionados especialmente com a vida do casal, não foram “agarrados” pela D. Silvina. Recordamos, a título de exemplo, esta situação:

“ Olhe, pode ser depois numa outra conversa porque hoje...Eu gostaria de saber a sua opinião sobre... Hoje fala-se muito, até na televisão, sobre a igualdade entre os homens e as mulheres. Eu gostava que falasse nisso...na sexualidade e tudo. Depois de contactos que teve com outros casais e do seu próprio casamento, o acha sobre... Como viu a igualdade entre homens e mulheres ao longo da sua vida”

Ou num outro momento em que a comunicação bloqueou pela recordação da morte do filho (G)

“A gente volta a falar nisso D. Silvina. Hoje já foi muito tempo e essas coisas doem um pouquinho... Posso fazer uma pergunta muito rápida e muito pequenina sobre..?”

Importa, no entanto, referir que não pudemos garantir as mesmas condições que asseguraram a tomada da palavra pela D Silvina, quando entrevistamos a sua mãe. Para fazê-lo, teríamos que alterar as condições de comunicação que foram sendo criadas na interacção com a D Silvina, que se manteve sentada à mesa durante a entrevista à sua mãe e interferiu algumas vezes em auxílio desta, na evocação de memórias ou formulação de opiniões expressas pela mãe. Estas condições não puderam também ser garantidas na realização das duas primeiras entrevistas à segunda filha e às duas filhas desta, que foram ouvidas no espaço de café. Pensamos, no entanto, que a diferença de condições entre espaço privado e espaço público, podem não ter afectado o conteúdo explícito da entrevista porque os potenciais ouvintes não dominavam a língua portuguesa (Luxemburgo).

Cada entrevista foi então transcrita integralmente. Optámos por entregar esta tarefa a uma pessoa com experiência nesta técnica de investigação, para assegurar um rigor documental, que tivemos medo de não sermos capazes de assegurar. No entanto, depois de transcrita, cada entrevista foi revista e foram preenchidas eventuais lacunas do texto, a maior parte delas devidas à má qualidade da gravação, ruído, questões de pronúncia e de dicção e/ou de falta das pistas não verbais e do contexto que tornam o discurso inteligível no face a face.

Depois, o conteúdo das entrevistas foi submetido a um trabalho minucioso de organização, sistematização e condensação, no que seguimos as indicações de Poirier.

Feita uma primeira leitura flutuante das entrevistas, extraímos as nossas próprias intervenções, que só serviram para alimentar o contexto e manter o ritmo do diálogo. Estas intervenções foram retiradas também para um ficheiro à parte, ao qual já recorreremos para esclarecer uma dúvida sobre um depoimento em que o discurso pareceu menos fluente do que o habitual.

Nesta primeira leitura sinalizámos algumas frases ou cortes que pareciam demarcar unidades de sentido. Retirámos do texto alguns “termos parasitas”, interjeições, repetições não significativas e palavras sem seguimento e, em poucos casos, modificámos a ordem dos termos, quando estes retiravam inteligibilidade ao que era dito. De qualquer forma, convém salientar que procurámos preservar ao máximo as características do discurso directo..

Depois deste primeiro tratamento geral da palavra da D. Silvina, procedemos à reunião e ordenamento da sua narrativa, para o que tomamos como ponto de referencia fundamental a sua primeira entrevista.

Depois de apreender da leitura e tratamento das várias entrevistas, as redundâncias e os temas que, por serem mais recorrentes, repetitivos ou alusivo, presumimos serem os mais relevantes para a nossa entrevistada, procedemos então à fragmentação do texto das entrevistas. Estes fragmentos foram agrupados por se referirem às mesmas situações e, depois de lidos, foram, sempre que possível, reincorporados no texto da primeira entrevista que, como vimos, tem uma versão “finalizada” e ordenada cronologicamente.

Tentámos, tanto quanto possível, manter esta ordem, tendo enfrentado a dificuldade, que nos pareceu incontornável, da simultaneidade e da sobreposição de eventos significativos em diferentes esferas de acção social. Na verdade, há momentos em que a lógica da sucessão temporal dos acontecimentos parecia ser cortada por eventos que, por vezes, tiveram lugar nos mesmos espaços de acção social e que são intensamente vividas como rupturas que subsistem na continuidade do vivido em outros lugares. Lembramos, a título de exemplo, o ano de 1978 em que a D. Silvina viveu a morte de um filho, o

nascimento de outra filha e o casamento da filha mais velha, o ano em que investiu directamente no trabalho de construção da sua casa, no momento em que, pela primeira vez, viu consagrado o seu direito social à baixa por parto, no espaço de emprego.

Resolvemos este impasse procurando combinar a ordem cronológica com a referência aos espaços estruturais em que a D. Silvina era actora e, em alguns casos, tomámos como referência acontecimentos ou actividades essenciais em torno dos quais a D Silvina foi desenvolvendo a sua narrativa. Também, como recomenda Poirier, os títulos e subtítulos são frases do autor, que põem em evidência ou os seus interesses manifestos ou circunstâncias de ocorrência de alguns fenómenos ou as suas preferências.

A história de vida que apresentaremos como unidade de texto é, assim, o resultado da montagem de um texto que é aligeirado do que pode dificultar a sua leitura, ou seja, de interjeições, repetições, desvios de conversa ligados à situação face a face e cujo conteúdo é o que nos contou a D. Silvina.

A apresentação da história de vida foi preparada por todo um trabalho (muito difícil e delicado) de "desmontagem da narrativa e de restituição da unidade de sentido cortada pelo recorte temático" (Poirier ; 81). Concordamos com Poirier quando afirma que a passagem do oral para o escrito implica necessariamente uma desnaturação do discurso original. A deslocação de enunciados produzidos no registo da oralidade do seu contexto de produção, elimina "as trocas contínuas de gestos, mais ou menos voluntários, que comunicam a imagem de honorabilidade assumida pelos interactuantes e que traduzem corporalmente o processo de pensamento, em substituição da palavra". Perde-se também o próprio ritmo da comunicação. No entanto, o certo é que é esta adaptação da oralidade à escrita que pode lidar com os efeitos da abundância do discurso e do relato de episódios pontuais.

Este trabalho corresponde a muitas horas e ao esforço de rigor e de cuidado na transformação da palavra dita pela D. Silvina (sua mãe, filhas e netas) em textos escritos.

Quisemos assegurar a autoria da narrativa, tendo em conta perspectiva de Foucault de que o autor é alguém capaz de sentir, de integrar e de possuir um pensamento interno, com possibilidades de alterar o campo da produção de conhecimento e o próprio discurso. Pensamos que o texto que se segue denota esta apropriação da autoria do discurso pela D.

Silvina, pelos muitos cuidados que fomos tendo para garantir que ela não era para nós uma mera informadora, testemunha ou inquirida sobre a sua vida.

Neste sentido, foi importante o contributo teórico de Chanfraud Duchet (1988) que aborda as histórias de vida como ritual sócio-linguístico, como “espaço de palavra” que se constrói sobre a interacção social numa situação linguística que é regulada por quadros discursivos precisos, que preservam o acto de investigação. Refere o autor que esta interacção difere da conversa comum, porque assenta em três tipos de contrato de palavra e por um pacto interpessoal.

Preparámos assim o início das entrevistas com um preâmbulo ou processo inaugural, como refere o autor, com uma “conversa preliminar sobre temas banais, que delimitaram os eixos da relação interpessoal”. Instaurou-se, de facto, um outro projecto da palavra que foi ratificado mais ou menos explicitamente.

Ambas ficámos comprometidas com assegurar que a nossa interacção cumpriria a função de produção de uma informação de carácter social, numa situação que era legitimada pela Universidade, como instância de “gestão do testemunho”. Ficámos também cientes de que a sua fala corresponderia ao pedido - “conte a sua vida” - investindo-a do estatuto de sujeito a quem era pedido que respondesse pela credibilidade de si mesma, numa narrativa dotada de sentido e coerência. Parece ter sido também assumido de parte a parte que estaríamos a participar num processo em que alguns factos seriam retidos como significativos e seriam estruturados e avaliados para fazerem sentido. Existe uma margem de manobra que se estabelece no quadro desta interacção e que leva ao reconhecimento bilateral do sentido a conferir ao vivido, de quem transmite uma experiência que perdurará no tempo, como traço que subsistirá à morte.

Tal como refere Chanfraud Duchet (1988) criam-se de parte a parte constrangimentos, que criam clivagens que interditam a intersubjectividade, à medida em que o papel sócio-linguístico e as estratégias discursivas que caba e a cada um é definida. É da tensão no desempenho destes papéis sócio-discursivos complementares que resulta a enunciação da história de vida. Estas são condições que instituem o pacto interpessoal que não é trabalho da intencionalidade enquanto tal, mas que se produz pela significação que cada parceiro do

diálogo dá à interacção neste espaço e sobre o projecto de palavra. Trata-se de um projecto que se sabe como lugar de uma investigação que é legitimada por uma instituição.

Dado que só artificialmente se pode separar o interpessoal, o narrativo e o quadro textual sentimo-nos também co-responsáveis pela história de vida que aqui apresentamos, pelas palavras da D. Silvina, enunciadas na primeira pessoa do singular.

O que vamos ouvir são coisas que a D. Silvina pôde dizer sobre acontecimentos do seu passado naquela comunidade, mas é importante ressaltar que este conhecimento se constrói sobre o que ela assimilou, esqueceu e reconstruiu. Ela estará a falar a partir do presente, com as palavras de hoje, com a sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo o que pode saber sobre esse passado que ela quer recuperar com sinceridade e veracidade (Rouso; 1996::98)

Sobre esta experiência de um passado actualizado no presente nos falou Fernando Pessoa, quando escreveu “*Fui-o, outrora, agora*”, como nos lembra Luíza Cortesão!

O que é importante ter em conta é que o mundo da experiência de que nos dá conta a narrativa da D.Silvina é muito diferente deste outro “ mundo muito especial, um mundo feito de linhas horizontais onde as palavras seguem palavras, umas de cada vez e cada frase, cada parágrafo, ocupa o seu lugar estipulado (...) em que é possível ler a realidade de uma forma peculiar, em que se deve entender cada frase antes de pronunciar um julgamento; mundo em que se extrai o concreto através de operações abstractas, pela identificação de sinais característicos e pela redução de tudo o que vemos a elementos mínimos, que são reunidos em segmentos significativos e que nos levam a descobrir ao nosso redor regularidades, diferenças, repetições, excepções, substituições, redundâncias “(Calvino ; 1998:145)

Na leitura do texto estaremos a aceder ao “mundo que não depende nem é redutível ao mundo das palavras e do discurso escrito”, a um mundo da vida quotidiana em que há inúmeras circunstâncias das mais gerais às mais simples e triviais que escapam à compreensão, a um mundo que é fundamentado em três dimensões e cinco sentidos, que é povoado por quatro biliões de semelhantes e cuja inteligibilidade é desafiada por um conjunto de sensações confusas que exigem a escolha de uma estratégia para enfrentar o

inesperado sem ser destruído por ele” (Calvino; 1998: 145). É este mundo que é dado a conhecer pela voz da D.Silvina e que abordaremos com instrumentos e regras de que nos poderemos socorrer - a escrita. Este é, como refere Calvino, um outro mundo.

Feitas estas considerações passamos a apresentar a história de vida de que a D.Silvina é simultaneamente a autora e a protagonista que se move entre cenários de acção e tomadas de posição diante de si mesma e de mundos materiais e simbólicos próximos e distantes; trata-se de tomadas de posição que alimentam o argumento que procura acreditar uma existência cujo valor é frequentemente (sub)estimado, pela falta de consideração pela acção social autónoma, pelas lutas emancipatórias e pela subjectividade dos que ocupam posições de subalternidade social e exclusão.

Dado que mantivemos como matriz deste texto a apresentação de si mesma elaborada na primeira entrevista, muitas passagens já são conhecidas do leitor, no entanto estas ressurgem agora enriquecidas e ressignificadas pela evocação de memórias mais detalhadas dos acontecimentos e com a recontextualização social e histórica de atitudes e opiniões; em alguns casos este trabalho de memória e narrativo implicou redefinições de situação e a alteração de proposições iniciais que nos dão pistas fundamentais para acedermos aos significados apropriados e transformados para “transmutar” uma luta pela sobrevivência de um grupo familiar em realização de uma existência pessoal e social. Este texto nos parece assim merecer uma atenção renovada, porque nele estão contidos não só os universos sociais e culturais onde a D. Silvina vai buscar os fios com que tece o seu discurso enquanto ser-para-si, mas também as contradições existenciais que ela vive na sua condição de subordinada e explorada no espaço doméstico e espaço de produção capitalista, onde se reconhece estritamente como ser-para-os-outros. De seguida retomaremos o compasso do trabalho analítico e crítico do que a sua fala, transformada em escrita nos dá a conhecer sobre uma vida que é construída como história.

“Assim, uma vida que eu tenho encarado “

Eu nasci em Paranhos em 1942.

A minha mãe vivia com dificuldade porque eu não tinha pai. Ele ficou tolo e foi para o hospital. Ela foi trabalhar, servir. Os meus irmãos foram servir

O meu pai tinha sido cauteleiro em Lisboa e vinha só de mês a mês. Ele lia muito. Tinha muita inteligência! Ele tinha muitos livros. Eu ainda me lembro do livro da 4ª dele. Ainda me lembro, ele tinha lá dentro dessa saca. Era um livro que parecia quase uma bíblia. Tinha muitas letras e poucas imagens. Era um livro lindo! Ele também tinha o código da lei que ele lia, lia, lia.! Ele lia tanto que o cérebro virou !

O que aconteceu foi que em Paranhos havia uns baldios para dividir. Os ricos queriam que os pobres ficassem com os cabeços, nas pedras e os que ricos ficassem com os baldios onde havia água. O meu pai não deixou dividir, porque achava que tinha que ser tudo igual senão não se dividia! Ele foi a Oliveira de Frades e conseguiu embargar aquilo por causa da lei, por causa desse livro que ele leu e aquilo não ficou nem para os pobres nem para os ricos, ficou para o Estado. Como ele foi embargar os baldios, fizeram queixa dele e tiraram-lhe a licença de arma. Então ele começou a pensar naquilo e ficou doido. Um dia pegou numas coisas e foi por aqueles montes, a pé. Jogou os documentos todos fora. Jogou a licença de armas, jogou tudo fora. A minha mãe ainda foi ver se encontrava esse livro da Lei, que valia muito dinheiro, mas não o encontrou. Lá lho tinham roubado.

Quando o meu pai ficou doente a minha mãe tinha que correr à frente dele porque ele tinha, uma pistola. Ele tinha aquela ideia de que aquela mulher não era dele; que a dele estava no Cabeço e que tinha sido o Salazar que a tinha levado. Ele falava muito no Salazar. Dizia que ele a tinha levado e botou lá uma muito alta. Meteu-se-lhe aquilo na cabeça; ele é que tinha ideia daquilo, Salazar não lhe tinha feito mal nenhum. Ele fazia a minha mãe rezar, a ela e aos meus irmãos, por alma da sinagoga e por alma da capucha ... Eles tinham que rezar senão ele fazia mal, partia tudo.

Ele era um homem forte. Ele tinha uma arma, um revólver e agarrava nos meus irmãos, metia-os debaixo do braço e levava-os. Quando uns familiares da minha mãe souberam disso, trouxeram-na para Arancada com os filhos. Ele eram ricos, tanto que até saiu de lá o Dr.(...); a mãe dele ainda era da

família da minha falecida avó materna. O meu pai cada vez ficava pior e um dia apareceu lá, com a roupa toda rota e suja, a dizer “Estou cheio de bichos...”. Eles tiraram-lhe a roupa, deram-lhe banho e vestiram-lhe outra roupa. Foram então buscar um garoto (o filho) para ele ver, mas ele não conhecia nada. Metiam na cabeça da minha mãe que aquilo estava escrito e ela levou lá um casal por oito dias e tinha que lhes pagar na pensão. No fim é que veio um senhor aqui a Águeda e é que disse que não era bruxaria e que ele estava doído. Naquele tempo não havia médicos como agora. O médico devia ser outro, pelo menos essa coisa da memória!

Então tiveram que o levar para Oliveira de Frades e como não havia Hospital meteram-no na cadeia, mas numa casa civilizada, quer dizer, num quarto civilizado, para ele estar. Ele não estava preso. Ele não tinha feito mal nenhum e era de família boa. Daí é que um doutor viu, chamou a minha mãe, viu como ele era e botaram-no então na casa João de Deus em Barcelos. O meu pai morreu em 1966, mas nunca fez contacto com a família porque estava mesmo tolinho.

Quando ele foi internado devia ter um ou dois aninhos, o meu irmão mais velho devia ter aí doze anitos... o outro onze . A minha mãe ainda esteve muito tempo na minha terra, porque era preciso pagar a décima e ela ficou com muita dívida. O meu pai deu-lhe cabo de tudo. A minha mãe ficou sem nadinha em casa dela! Aquilo era tempo de guerra vivíamos mal. Em 1940 houve a guerra em França e eu nasci em 42. Ainda havia fome, um bocadinho de pão, tinha que dar para todo o dia, mas isto foi só um mês ou dois porque a minha mãe cultivava, porque senão era pior mas lembro-me de ver pessoas que viviam pior; eu pequenita, mas já me cortava o coração.

As pessoas iam daqui de baixo por aquelas serras acima, para comprar milho, com cem escudos, que naquele tempo era muito dinheiro! iam a pé compravam e vendiam. Era tipo uma congrua. Era quase como se fossemos lá fora buscar tudo pelo calado, porque havia outras pessoas que assaltavam Um dia a minha mãe ia para regar o milho de noite e iam duas senhoras que pensaram que a minha mãe ia com a enxada para as assaltar ao caminho. Elas disseram: - “Minha senhora, não nos tire o milho que já andamos há 3 dias fora de casa” . Foi a minha mãe que lhe ensinou um outro caminho para elas não irem por ali e serem roubadas. Não eram os pobres que iam roubar, eram os ricos, para vender. Eles roubavam o milho aos pobres que iam buscá-lo, cheios de fome. A minha mãe era uma mulher boa. Ela andava a vender queijo mas deixava-nos sempre dois para a gente comer. Ela não falava muito bem da minha avó, porque era uma vida de sacrifício, ela vendia milho e não dava pão aos filhos.

Naquele tempo era tudo racionado. Não havia pão. Não havia açúcar, não havia azeite mas a minha mãe vinha a S. João do Monte buscar pão com senhas! Ela arranjava sempre o açúcar para nos dar o café de manhã! Enquanto não vinha o milho novo a gente passava mais mal e quando o milho vinha a gente já tinha olhado muitas vezes para as mãos dos outros a comer pão. Eu conhecia uma comadre da minha mãe que o filho dela também era pequenito, mas eles eram ricos e eu era pobre. Nós também tínhamos mãe, mas ela era mais pobre, porque o meu pai ficou tolo e estragou tudo o que ela tinha.

Nós tínhamos a nossa casinha e a minha mãe tinha ovelhas

Ela ia trabalhar e a gente tomava conta das ovelhas. Ela saía à noite e vinha a pé lá de cima, sempre por aqueles montes abaixo, para ganhar para nós. Mais tarde a foi para “Queirã” para o minério e levava o meu irmão para tomar conta de mim, ao colo, porque eu era a mais pequenita. O outro, que também ainda era pequenininho ficava a tomar conta das ovelhitas e da casa. Mas pronto éramos assim felizes!

Em Paranho, nós juntávamo-nos lá no monte onde havia uma pedra grande e cantávamos à noite. A nossa vida naquela altura era brincar. A nossa mãe ia para o mato de manhã e eu ficava lá em casa. A meio da tarde quando ela vinha para baixo, deixava-me ir com as raparigas que eram mais ou menos da minha idade. Nós éramos pequenitas, cantávamos umas com as outras.

A gente também conversava com as antigas, uma delas era costureira e usava aquela saia de arrastar, à moda antiga. Eu gostava de as ouvir falar e ia então para lá sentar-me ao sol só para ouvir aquelas coisas. Havia duas velhotas que me ensinaram as orações; elas sabiam muito daquelas orações antigas muito lindas que explicavam como se tinha formado o mundo e que havia de haver o fim do mundo porque havia muitos problemas. Lá em cima havia missa, elas iam e aprendiam as orações. iam às missas mas não sabiam ler, eram analfabetas, mas tinham uma memória boa. Naquele tempo eu não me lembro que alguém lesse. Era tudo como a minha mãe, não sabiam ler. Eu era pequeninita, mas gostava de ouvir aquilo e ficou-me tudo na memória. É isso que eu tenho na memória e que digo aos meus filhos. Quando vim cá para baixo contava a outra rapariga e às minhas filhas. Mesmo na fábrica quando eu andava a tirar os mosaicos andava sempre a contar às minhas colegas.

Lá na serra nós cantávamos e conversávamos, as raparigas umas com as outras. Eu gostava de andar naqueles montes e de ouvir os passarinhos e os animais. Sempre tive aquela ideia e mesmo agora, se

eu tivesse umas terras eu gostava de ir para os montes ver a natureza e ver as coisas. Adoro isso! Acho aquilo lindo!

Até que a nossa vida começou, a sair uns para cada lado. Os meus irmãos que já eram maiorzitos vieram servir. Um ficou a servir em Belazaima e o outro foi para a Redonda servir também. Eles andavam no campo, com o gado e a trabalhar nas terras, com as vacas. Já vinham habituados a isso. Quando já eram maiores pensaram em ir para Lisboa para ver se arranjavam futuro ou coisa melhor.

A minha mãe veio cá para baixo e aos cinco anos de idade vim para a estrada mais ela. Ela andava a acarretar água a ganhar 5 tostões por semana e eu também. Eu era pequenita mas lá andava. De noite não havia lugar para a gente dormir e ficávamos debaixo da ponte. Andamos nesta estrada muito tempo.

Até que a minha mãe veio servir para casa do professor. Só que ela zangou-se com o professor e começou a andar ao dia fora. Eu andava com ela e outras vezes ficava em casa. Depois a minha mãe alugou uma casinha e estávamos a renda. As vizinhas eram mais ricas que a minha mãe, tinham as casas delas, mas juntavam-se ao pé de mim. Eu lembro-me que ela andava a trabalhar e eu andava a brincar nestas alturas. Eu brincava com as rapariguitas. Faziam-se bonecas de trapos e quando era época do milho era uma espiga. Lembro-me! A espiga tinha aquela barba; penteávamos e púnhamos um pano e fazíamos daquilo uma boneca. Só que naquela altura de dificuldade, não havia de comer e nem sítio para estar!

Então a minha mãe pôs-me a servir e nunca mais voltei para ao pé dela

Aí foi sempre trabalhar até quando ela voltou! Eu fui tomar conta das crianças mas eu precisava é que tomassem conta de mim. Eu fui servir na casa de uns infelizes. Fui aos sete anos e estive lá até aos nove. Eu fui criar duas crianças pequeninas, eram duas meninas, uma tinha um aninho e a outra dois anitos, eu tinha sete. Eu andava com as meninas ao colo mas não podia com elas, então pendurava-as pelas pernas e trazia-as penduradas pelas costas abaixo. Eu era fraquinha e tinha fome também.

Um dia expulsaram-nos do lugar porque eles não eram dignos: o pai, era também o avô das meninas, porque fazia filhos à própria filha.. Outra dia nos botaram do lugar para fora e fomos viver para o meio de uns carvalhos. Também nos tiraram daí para fora e fomos daí viver para uma casinha da Eira. Quando nos expulsaram fomos viver nos pinhais; foi aí que numa noite de trovoada eu tive medo. Eu ainda era pequenita mas fugi!

Voltei para a minha mãe e ela já não me deixou voltar para lá. Ainda estive uns oito dias em casa, mas a vida continuava na mesma e eu não podia lá estar. Fui então servir para casa de um lavrador em daí eu ter gosto pelos animais e por essas coisas todas.

Eu fazia de tudo e trabalhava muito. Quando me arranjaram para lá, disseram que era só para tomar conta de uns coelhinhos e andar mais a minha patroa. Quando cheguei lá tinha duas vacas, porcos, ovelhas. Eu tinha que andar com as ovelhas, nem que estivesse a chover. Começaram-me a ensinar a apanhar erva, que tinha muita neve e puseram-me a lavar. Um dia a minha patroa bateu-me muito por eu ter partido o cântaro e eu fugi para casa da professora. Eu só lá estive 8 dias porque a minha patroa foi ter com a minha mãe e ela voltou-me a levar para os mesmos patrões.

Aquilo era um tempo triste, era um tempo pobre. Um dia, quando eu tinha 9 ou 10 anos, fui à carqueija de manhã, sozinha e mordeu-me um bicho na mão, um lacrau! Eu sentia aquela dor e fui ter com a minha mãe a para ir ao Caramulo com ela.

Eu era pequenita mas fui mais a minha mãe por aqueles montes acima, a pé. Chegamos já era noite, quase escuro a casa de uma rapariga que era filha do professor; ela tinha andado a estudar e fazia tratamentos e aqueles curativozitos. Ela tinha na chaminé uma queixada de porco, partiu-a com um machado e botou-me daquele unto na mão. Mas aquilo ficava cada vez pior. Quando o professor viu a mão disse: "ó mulher, você vá já imediatamente para o médico com a sua filha, senão cai-lhe já aqui o braço podre." Como a minha mãe tinha andado empregada na vindima do Dr (...) ela disse: "vamos lá porque eu conheço esse médico."

Fomos então a caminhar outro dia. Quando lá chegamos ele andava numas terras, a dirigir o pessoal. Quando viu a mão disse "venha cá ao fim de três dias para ser lancetada. Eu já não dormia há 8 dias e ao outro dia a minha mãe foi comigo a outro médico. Este lancetou-me e deu-me uma injeção e mandou-me lá estar também ao outro dia. Andei três dias sempre a caminhar; cheguei ali ao meio do caminho, ao pé do lagar onde faziam o vinho, a aguardente. A minha mãe tinha levado petinga, sardinha pequenina, salgada, para comer pelo caminho, mas eu não comi nada porque levava muita dor e a minha mãe também não porque me via assim. Então deixou-lhes a sardinha e eles deram-nos queijo! Naquele tempo já não havia sardinha, como se comia na serra! À noite lá fui, então, outra vez a pé. Foram dois dias para um lado e para o outro. Eu andava cansadinha! Mas tive que ir trabalhar na mesma! Tinha que trabalhar. Tinha que trabalhar na mesma!

O meu patrão era madeireiro,mas nunca estava em casa. A minha patroa era já velhota, era mais velha do que ele 25 anos. Ela tinha sido casada com um senhor do Brasil que era tio dela. Dele tinha havido um filho, só que o menino morreu passado dois dias de ser baptizado. Quando o marido morreu e o meu patrão foi atrás dos bens, mas ele ainda morreu primeiro do que ela!

Eu era sozinha e tinha que trabalhar nas terras e com 13 anos já lavrava com a charrua nas mãos, porque antes não havia máquinas. Eu trabalhava muito porque os meus patrões tinham duas vacas, sete ovelhas e duas cabras e tinha porcos.

A minha patroa era muito boa. Eu via como ela fazia, via como amassava os bolos e aprendi a fazer bolos da Páscoa, aprendi a fazer empadas, amassar o pão e fazer pão de trigo. De manhã ela fazia o comer e o café da manhã. Eu levantava-me mais cedo, bebíamos o café e ia para as terras ou então para a madeira. Ela fazia o trabalho de casa e ia me ajudar. Ela era como minha mãe, porque eu fui para lá com 9 anos e saí de lá com 20.

Naquele tempo havia grandes trovoadas e fenómenos que já não há, agora! Um dia eu andava com o gado e via toda a gente a correr. Ficou tudo escuro, tudo noite e eu fui para cima de um pinheiro e estava toda contente porque o vento era tanto que me trazia num balancé. As ovelhas, estavam ali ao pé de mim e se eu não saísse elas também não iam. A sorte foi que passou um senhor e disse: "ó Silvina, foge que vem aí o fim do mundo!" Aquilo de repente se encheu tudo de pedras (granizo) que eram tão grandes como ovos. Ora quando andávamos nas terras formavam-se estas trovoadas e como a minha patroa era muito gorda eu ia ladeira a cima com um carregão à cabeça e ainda a empurrá-la para ela ir mais depressa.

Eu todos os dias de manhã ia para a carqueija, buscar um molho. A tarde eu tinha que andar com o gado e a minha patroa ia à frente. Um dia foi para tocar o gado eu joguei uma pedra e caiu na minha patroa, sem querer! À noite o meu patrão me bateu com umas cordas dobradas!

Eu muitas vezes vinha a pé para Águeda e voltava para lá outra vez! Como eu ia sozinha tinha medo de passar por carreiros porque diziam que havia lá homens a caçar pessoas. Um dia eu levava 600 couves, num cesto, à cabeça, e aquilo era muito peso para mim e vim pela estrada que ainda não era alcatroada e me perdi. Fui a andar, até de noite e quando lá cheguei como eles tinham estado à espera das couves e eu não cheguei a tempo, levei uma sova! Eles não perdoavam, eles batiam-me muito! Eles não perdoavam!. Os patrões não eram muito bons porque não tinham filhos. Eles não perdoavam nada. Não tinham pena nenhuma!

Eu fugi para casa da minha mãe, mas ela voltou a pôr-me lá, na mesma noite.

Eu estava a servir só pelo pão e pelo comer, não ganhava nada. Eu estive sete ou oito anos sem receber dinheiro nenhum. Nem um tostão! Só recebia comida e alguma roupita. Nós éramos escravos, trabalhávamos muito!. A gente levantava-se às 5 horas e só se deitava a meia noite. Quando me casei estava a ganhar 100\$00 por mês. Não tinha enxoval nenhum, não tinha nada. Como eu queria ter uns tostõezitos. pedi aos meus patrões para ir ganhar algum por fora, a "acarretar" racha à cabeça pela ladeira acima. Eu fazia o meu trabalho muito à pressa e depois trazia sempre mais do que os outros que era para ganhar mais 25 tostões. Eu andei um ano a ganhar para uma ovelha que eu comprei. Andei outro ano para ganhar para uma cabra.

Eu gostava de ter gado, gostava de começar assim a minha vida!

Comprei uma ovelha e dei-a para a minha mãe criar e a minha mãe estava toda contente, mas o homem que a tinha vendeu-me a ovelha. Mais tarde voltei a comprar mais uma cabra e cabritos. Foi tudo embora! Um dia fui lá e berrei com ele, só que ele começou a bater na minha mãe. Ela levava muita porrada e ele gostava muito de fazer aquilo. Eu gostava muito da minha mãe e ainda gosto! Então convidei uma rapariga, arranjamos-lhe um carregueiro e meti a minha mãe à minha frente virada à minha terra. Passado mais algum tempo soube que ela estava lá outra vez; voltei ter a levá-la, só que desta vez levei-lhe a louça toda e ela lá ficou na terra, até eu ser grande e me casar.

Eu não fui a escola.

Os meus irmãos também não chegaram a andar lá. Eu lembro-me de andar com muitas raparigas da minha idade, que não andavam na escola; principalmente na minha terra. Eram só aquelas pessoas mais ricas, em que os estudos já vinham dos pais, que os pais já tinham estudos que iam a escola. As pessoas mais pobres não iam. Havia muitas mulheres que não tinham escola e as filhas diziam: A minha mãe também não sabe ler! Das colegas que tinham escola, nenhuma delas servia, elas viviam bem porque estavam com os pais e tinham escola. Havia lá duas raparigas que andavam na escola para fazer a 4ª classe mas era só para quem podia porque quem não pudesse fazia a terceira, havia mesmo exame de passagem escolar. Elas já andavam na escola, mas não tinham, assim, aquela coisa!

Eu tinha sempre vontade de ler, às vezes estava ao pé delas e dizia para me ensinarem e eu aprendia. Eu via as coisas, via as colegas a ler e tinha pena de não saber. Então comecei a pensar "tenho que juntar estas letras". Eu tinha vontade de ler porque parece que me sentia numa escuridão!

Quando a minha mãe estava em casa do professor, estive uns 8 dias na escola. Ele comprou-me um lápis, um caderno e uma lousa com um ponteiro e deu-me o livro da primeira. Entretanto a minha mãe zangou-se com ele, foi para uma casa à renda e não quis levar nada do que ele tinha dado. Deixou-me lá o livro e tudo, não me quis levar nada do que ele me tinha dado. Eu fiquei sem nada, depois é que eu não aprendia nada.

Depois quando fui para a casa da mulher que tinha as meninas eu ia a casa da Professora a D (...) Ela via que eu tinha tanta vontade e me ensinava. A noite ela dizia: "vamos aqui dar uma lição" Eu ficava toda contente! Mas eu só estive a trabalhar em casa dela 8 dias. Esta professora era um bocadinho rude, mas ensinava bem, ensinava tudo até á 4ª classe.

Eu gostava dela porque ela dizia sempre: "olha que tu se fosses uma pessoa em condições, eras uma pessoa inteligente". Ela tinha pena de mim e chegou a dizer à minha mãe que tinha pena de eu não andar na escola. Mas eu não podia. Tinha que trabalhar. O trabalho era de graça e as mães não pensam nessa altura. Eu não estava a ganhar nada! Mas as mães não pensam!

Eu ainda fui a escola uns 8 dias. Naquele tempo não era obrigatório e eu não estava matriculada mas a professora me aceitava porque sabia que eu tinha vontade. Eu só ia a escola quando podia, Quando a minha patroa ia mais o marido para as obras e eu ficava com as crianças, eu as deixava a brincar porque já eram grandinhas e ia para olhar as aulas pela janela. A casa ficava atrás da igreja e era só subir as escadas. Eu via o que as meninas tinham nos livros e fazia na terra aquela letra igual. Naquele tempo elas escreviam em lousas. A mãe das menina ainda deu-me uma lousa já estava meia rachada. Eu fiquei toda contente.

Em 1956 quando a Nossa Senhora andou a dar a volta por Portugal, ainda me lembro eu até chorei porque houve um padre que distribuiu um livro pequenininho que tinha o terço e aquelas coisas de cantar. Eu não sabia ler, mas eu também queria ter aquilo; eu até chorei e lá andei, andei até que aprendi os versos que estavam no livro para a gente cantar. Aprendi com uma rapariguita que sabia e cantava os versos. Eu ia com o gado, de manhã até à noite, mas quando a Nossa Senhora veio eu já sabia o que estava no livro, já cantava as orações e sabia ler as coisas. Aquilo parece que foi um milagre, porque era na semana seguinte!

Eu não aprendi com professores foi com colegas. Eu com quinze anos fui para o hospital com uma sinusite. Arranjaram-me um atestado de pobre e eu fui para lá por conta dos patrões. Estive quinze dias, mas como achei-me pior e deixei-me estar mais um mês.

Estava lá uma rapariga que lia, sabia ler! Ela era mais velha do que eu. Ela às vezes punha-se a ler revistas e eu também gostava de ver, mas não tinha nenhuma e não sabia ler nada, nadinha. Eu pedia para ela me ensinar a ler. Eu já tinha assim uma luzinha. Via a rapariga e juntava-me a ela a ler e às vezes, punha-me a ver as palavras para as unir umas às outras. Foi no Hospital que alguma coisinha aprendi: Eu gostava de estudar, gostava de escrever. Ficava-me tudo na cabeça. Eu tinha um parente médico no Hospital, que era segundo primo da minha mãe. Naquela altura eu não sabia ler. Se eu soubesse ler me empregavam no hospital, porque naquele tempo não era preciso diploma. Eu tinha 16 anos e queria borgan, não queria estar fechada. Eu já lia alguma coisa, mas no princípio a gente nem tinha relógio, não sabia horas, não sabia nada. Depois em adulta é que eu comecei a aprender.

Eu ouvia o Professor falar sobre a história de Portugal, porque naquela altura já se dava lições sobre os reis que havia. Ele dizia que o D. Pedro era o rei justiceiro. Eu vi no livro que ele disse para um criado dele que veio de fazer justiça. Naquele tempo a justiça era mesmo forte ⁴⁸Ele mandou coroar e beijar a Rainha depois de morta. E havia também D. Dinis, o Rei que queria plantar, queria campo, queria terras, queria pinhais e nunca se quis importar com a guerra, Ele importava-se com os montes e semear e gostava de agricultura..Ele era o marido da Dona Rainha Santa Isabel, uma senhora que era santa e ninguém sabia⁴⁹. Ela era uma senhora que lutava pela pobreza. Não queria guerra, queria amor, queria paz e queria tudo. Ela ajudava aos pobres da maneira que podia, fora do marido. Li que ela tinha amaldiçoado o pinhal quando andavam a semear os pinhais em Leiria, naqueles montes em que os pinheiros são todos tortos Eu li isso⁵⁰ e talvez seja verdade, deve até ter sido mesmo verdade, porque em S Pedro de Moel e há o pinhal da serpente e à frente está a estátua da Rainha Santa Isabel e de D. Dinis - o Lavrador. Eu levei lá os meus filhos! Agora vou mostrando aos mais novos porque eles vão-se esquecendo.

Quando eu era rapariga a gente vivia nos campos

Era um vida linda! Juntávamo-nos àquele bando de raparigas e íamos para os campos trabalhar, para as madeiras. Todos os dias, juntávamo-nos para ir apanhar carqueija para o gado, íamos para os pinhais, trazíamos um molho. A gente também juntava-se no fim do trabalho e ao Domingo à tarde num

⁴⁸ Refere a obstinação de D Pedro em vingar D Inês, que “não tinha feito mal nenhum, porque a mulher dele tinha uma grande doença e morreu e que “estava a tomar conta dos filhos de D Pedro e com ele “tinha casado em segredo”.

⁴⁹ Refere os milagres da laranja e das rosas, como exemplos de bondade e condescendência com pessoas simples.

⁵⁰ Refere que “a Rainha andava sempre a passear porque ela também gostava de montes e de flores”..

largo e andávamos por ali. Cada uma tinha uma bicicleta porque naquele tempo andávamos de bicicleta ou a pé.

Ao Domingo a gente reunia-se ao pé da capela, umas a fazer malha, outras a fazer renda até virem os rapazes. Todas nós tínhamos namorados, mas não era como agora..Nós íamos para os bailes e divertíamos-nos umas com as outras. Se havia 5 ou 6 raparigas e ia um irmão de uma, os pais já não iam. Havia sempre uma pessoa que tomava conta da gente e à noite íamos para casa. Ali não se viam aos beijos e aos abraços, era tudo no respeito. Ninguém fumava, nem ninguém sabia o que era droga. Não era como agora nas discoteca e bailes ...

Nós íamos a festas que a gente fazia aos Domingos ou íamos a bailes a noite. No tempo dos Reis e das Janeiras juntávamo-nos e corriamos aquelas terras todas! Éramos umas 10 a 11 mulheres e os rapazes iam todos. Homens casados e tudo! O Carnaval também era uma coisa muito linda. Nós brincávamos.

No lugar só havia eu e uma outra rapariga a servir; ela estava na casa de uma professora. Aquelas moças eram filhas daqueles homens, daquelas famílias que lá estavam, mas eu convivía com aquela gente toda. Lembro-me que elas eram mais ricas do que eu. Elas tinham a vida delas e eu estava a servir, mas não iam para lado nenhum que eu não fosse. Como eu era sempre muito humilde e me dava com aquela malta toda, puseram-me sócia do salão. Eu fui a 1ª rapariga a ser sócia do clube de Belazaima do Chão, do 1º clube de baile! Eu era tão correcta, amiga de falar e de dizer as minhas graçolas que elas deram-me um cartão de sócia e convidaram-me! Havia outras que não eram criadas de servir e não lhe deram o cartão. Conforme eu podia juntava dinheiro para ajudar no Clube. Na inauguração levei um bolo para angariação de fundos. Era tal e qual como se eu fosse uma pessoa rica!

Quando estive em Belazaima eu ia à missa porque eu gostava. Os meus patrões não deixavam, mas eu as vezes fugia e ia. Eu ouvia o que o padre dizia a todos e sei quase tudo , porque me fica tudo na memória ! Eu não fiz a comunhão principal, mas fui crismada. Uma vez o bispo veio crismar as pessoas. Como era Domingo eu, pus uma roupita melhor numa saca e saí para as terras como se fosse apanhar erva. Cheguei às terras, mudei-me e fui à missa. Eu pedi a uma senhora que também é professora e fui crismada. O bispo que lá estava, fez-nos uma cruz na testa com óleo e eu até pus o nome de Maria Silvina lá no livro, antes eu era só Silvina. Depois lá vim toda contente para a terra, sempre a correr. A minha patroa, perguntou porque eu tinha demorado e eu disse que tinha apanhado outro carregio. Eu tinha que apresentar aquele trabalho feito.

Um dia o padre meteu-nos uma raça de umas ideias na cabeça. Esse padre foi talvez arremessado de algum céu! Nós éramos umas 5 ou 6 raparigas que andávamos com ideias de irmos para freiras! Nós íamos à missa e o padre dizia que aquilo era bom e que não se trabalhava. Naquele tempo nós éramos escravas a servir, das 5 da manhã à meia-noite e não tínhamos carinho dos patrões. Havia uma rapariga que foi e não disse nada aos pais e passado uns dias eles estavam a chorar. Só passados quatro ou cinco anos é que souberam dela. Isto foi uma ideia ruim porque ela ainda está lá. Ela agora deve ser mais livre, mas antigamente as freiras não eram livres. Agora a gente as vê nos hospitais, mas naquele tempo não se viam.

Nós naquela altura nós tínhamos 15 anos e não pensávamos, mas começámos a pensar naquele desgosto que a mãe tinha tido e nenhuma foi. Foi a nossa sorte! Nós íamos numa ilusão, porque as nossas mães não nos explicavam nada. Elas andavam no trabalho, vinham à noite, comiam e deitavam-se.

Aquilo era um mundo parado! Não havia televisão, não havia electricidade, não havia nada. Aquilo era só terras, montes e falarmos umas para as outras, mas o mundo era parado. Não se sabia nada. Não se sabia uma notícia. As outras moças não puxavam muito não, mas a mim sim! Puxava-me para andar as correr e passear nos montes. Tinha muita pena, realmente, de não ter aproveitado estudar. Tinha muita memória e gostava de ter estudado e fazer coisas. Isso de ler para um lado e para o outro. Em Belazaima, nós não tínhamos televisão porque não havia electricidade, mas mandei comprar um rádio aos meus patrões e ouvia aquelas coisas. Havia aqueles poemas na rádio e noticiários. O rádio dava notícias, dava muitas coisas que se passavam pelo mundo. Eu comecei a aprender quando comecei a ver a televisão. A primeira televisão ainda me lembra de a ir ver a uma montra em Águeda.

Naquele tempo nós tínhamos medo, porque falavam que Salazar prendia as pessoas, que as matava e tirava as unhas. Eu acho que se a pessoa fosse humilde e se não se metesse ele não fazia mal, só o fazia a quem era turbulento. Ele não fazia, mandava fazer! Havia uma colega, cunhada de um irmão que eu lá tenho em Lisboa que se casou com um rapaz que tinha sido preso, porque estava num café e disse mal do Governo. Os gajos da Pide prenderam-no. A rapariga já estava com o casamento tratado e casou-se mesmo na cadeia. Ele veio às grades da cadeia por uma janela e o padre estava do lado de fora e casou-os. Tinham-lhe arrancado as unhas! Ela levava um bolo e não o deixaram comer o bolo. Ela veio para casa chorar.

Quando rebentou o 25 de Abril ele veio para casa e teve sorte. Naquele dia que deu a revolução eu vi muita coisa na televisão; vi as pessoas a sair da cadeia. No tempo do Salazar a gente passou miséria e houve aqueles racistas, fascistas e aqueles da Pide, mas acho que ele meteu respeito em muitas coisas. Não havia droga, nem se falava disso. Não havia tanta ladroagem, não se matava, como agora que matam pais e filhos. Nesse tempo não havia isso!

Fui enganada, ele lá ia ter comigo e lá fiquei de bebé.

Eu namorei um rapaz antes do meu marido. Ele era um rapaz de boa gente, era de boa família, trabalhador, não se embebedava nem nada. Eu até podia ter tido sorte, só que o rapaz era canhoto e as minhas colegas, diziam que ele era torto. Agora a gente tem outra mentalidade, mas naquela altura eu mandei o rapaz embora e na semana seguinte conheci o meu homem numa festa, num baile, tinha eu 18 anos. Eu não era para ir ao baile naquele dia

Estive meio ano ao pé do meu marido até me casar. Eu estava em Belazaima a servir, mas já lá não fui mais! Ele já não me quis lá levar. Um dia fui mais a minha cunhada a Águeda e já não voltei para casa. Ele disse "anda ficar a casa da minha mãe" e eu fui. A minha sogra já estava à minha espera e tratou-me sempre bem; tratou-me sempre por você e acarinhou-me. A noite estava a chover e eu queria-me ir embora à noite, mas ele já tinha combinado e eu fiquei. Eles já tinham feito aquele truque. Nessa noite fiquei com a minha cunhada casada, depois é que comecei a morar com ele. Naquele tempo não era como agora, que vão logo no 1º dia a casa dos pais, eu tinha vergonha. Dormi por cima de um curral de ovelhas, porque a casa era pequenina. Era um bando de filhos, o meu sogro era muito doente e a minha sogra vivia do trabalho. Eu fui, para o Vale do Mouro ajudá-la.

Deixei-me estar, porque eu queria casar pela igreja. A minha mãe primeiro não dava ordem para eu me casar e eu também não tinha ordem do meu pai porque ele estava na casa João de Deus, em Barcelos. Quando decidi casar, já estava tudo preparado com o padre na igreja e eu ainda não tinha ordem. Até que um senhor disse: diga que está de bebé e vai ver que respondem logo de caminho; é que naquele tempo havia os hospitais com muitas irmãs e elas não queriam ninguém juntos. Fomos ao correio mandar um telegrama e ao outro dia já lá estava o Hospital a dizer que eu podia casar porque o meu pai estava sem poder dar ordem. Quem deu a ordem foi o Presidente do Hospital.

Quando cheguei fui para uma fábrica velha escolher telha até ter bebé: eu não tinha direito à caixa e tive que sair da fábrica. Eu já não podia mais porque andava com a criança na barriga e o meu comer era

só café e cebola. Assim que eu casei e tive a minha filha, a minha mãe veio para ao pé de mim, mas como o meu marido não trabalhava ela voltou para a serra, para casa dos meus irmãos. Eles disseram para eu ir também.

Eu fui para a serra e levei a minha filha comigo numa bicicleta. Quando lá cheguei não tinha nada de comer porque a minha mãe não fazia as terras. Andei a vender tremoço mas só me davam milho e eu queria era comer. Como tinha uma galinhita, eu ia buscar pão para comer com os ovos que ela punha. Então voltei, mas como trazia mais uma saqueta com roupa meti a minha filha dentro de um saco, como quem mete um leitão, e trouxe-a atrás da bicicleta, numa canastra.

Cá em baixo sempre me desenrascava ao dia fora indo para as terras, trabalhar para os lavradores. Trabalhava a arrancar batatas, a roçar mato ou cavar vinhas. Eu tinha vários patrões mas trabalhava 3 dias por semana numa casa muito rica. Eu trabalhava uns quatro ou cinco dias a cavar vinha “à oito” e com calor. Nós ganhávamos 100 escudos.

Enquanto eu cavava a vinha a minha filha ficava numa canastra e por ali andava. Um dia vou levantar a canastra e tinha lá uma cobra. A minha filha mamava do meu peito e eu muito aflita deixei cair a canastra e fugi com ela. Depois de a ter longe vim atrás com enxada e matei o bicho. Eu ainda tinha mais uma semana para cavar vinha aí! Se ela ficasse com o cheiro da menina podia matá-la.

Passado algum tempo fui viver para o Alentejo com o meu marido porque havia lá trabalho; era só ele é que estava empregado na quinta. Levavam a minha filha de manhã, para casa de uma senhora que gostava muito dela e ela tinha-a até à noite; quando eu lá ia dar-lhe a mama, a senhora dava-me de comer. Aqui os vizinhos é que me davam comida mas lá não havia fiado. Nós vivíamos na casa da quinta e estivemos ali 3 meses, até que ele chateou-se com o capataz que mandava nele e mandaram-no embora. Tivemos que estar três dias debaixo de um aqueduto na estrada, à espera que viesse o outro patrão para pagar. Eu lá ia dando o pãozito à minha filha e nós comíamos amoras grandes de umas árvores.

Lá voltamos e eu fui lavar para as marinhas de arroz! Aquilo era só lama até à barriga! Na época andava com homens, porque mais mulher nenhuma queria aquele trabalho. Eu levantava a minha saia, atava-a com um alfinete por baixo, a fazer tipo um calção e andava com uma batita por fora mas ficava com as pernas todas negras, barriga e tudo, por causa do bicho daquela lama, as sanguessuga. Aí pagavam-me melhor. Eu ganhava 5 escudos a lavar. Era “a seco”, mas eu gostava daquilo...daquilo que era obrigada a fazer!

Se eu andasse a seco eu nunca vinha embora de caminho. À noite em vez de eu ir para casa; vinha cheia de trabalho mas não me ia embora de caminho, ficava em casa dos meus patrões. Eu deixava-me estar e fazia empalhadas às vacas, fazia-lhes a cama, arranjava a lavagem aos porcos para o outro dia, que era para eles me darem de comer. Os patrões davam aquele resto de sopa. A dona que me tinha lá dava-me uma panelinha de sopa, dava-me aqueles bocadinhos de carne ou bocadinhos de pão. Eu chegava a minha casa misturava um bocadinho de água e já dava para eu comer, para o meu marido comer e para as duas filhas que eu já tinha nessa altura. Eu criei assim os filhos. Eu às vezes os levava para o trabalho, outras vezes deixava-os em casa fechados. Eu não queria que andassem a chorar atrás dos patrões, porque depois eles chateavam-se e a gente não queria perder o trabalho. Era outro tempo.

Até que eu arranjei para ir para uma fábrica. O meu homem nessa altura andava a desenformar e a mãe dele andava lá. Eu trabalhava para ajudar a minha sogra e o meu marido. O meu marido andava a desenformar o tijolo. A gente moía a casca e andava a acartá-la com um carro a pôr ao montes, para os homens coserem o tijolo. Ela e eu andávamos a acartar casca e ela dava-me algum dinheirito.

Naquele tempo nós não estávamos empregados, estávamos a pôr casca por nossa conta. Eles pagavam à minha sogra, davam-lhe o dinheiro, mas como nós lá comíamos todos em casa, ficava tudo em família. Vivíamos todos numa casita que eles lá tinham na fábrica e ficava lá tudo. Estive assim dois anos. Lá não metiam as pessoas na caixa, nem nada! Eu não estava empregada mas depois do acidente apanhei caixa de caminho; eles foram obrigados a "botar-me" na caixa. Nesta altura a minha sogra também não tinha caixa, só a apanhou quando veio para aqui, para outra fábrica. Nessa altura havia muitas outras mulheres.

A gente ganhava pouco, mas também não gastava muito. Eu trabalhava de dia e de noite ia carregar carros, camionetas. Chegava a andar lá até às duas, três horas da manhã. Nós agarrávamos em carros com duas rodas e íamos para dentro do forno tirar tijolo cozido e pô-lo cá fora nas pilhas. Era cada carrada que Deus me livre! Não havia distinção se eram homens ou se eram mulheres, as mulheres faziam as mesmas coisas que os homens.

Também íamos para a feira; era o tijolo a sair verde; nós espetávamos um pau por aqueles buracos e os colocávamos nas paletes. O tijolo vinha por um elevador acima e a gente tinha que andar. Naquele tempo não era como agora que tem atrelado, tem a máquina. Nós andávamos a tirar o tijolo a mão e carregávamos à cabeça com uma táboa. Nós levávamos 5 tijolos à cabeça! A gente andava debaixo de lume, levávamos uns chinelos hoje e amanhã estavam todos queimados. O senhor (..) era o meu patrão e a

gente tinha que trabalhar porque se não ele andava por trás de nós e dava-nos com os sapatos no calcanhar dos pés! A gente tinha que andar sempre a correr, porque ele não podia ver um empregado parado.

Os patrões agora são humildes, a gente fala e tudo mas naquele tempo não se podia fazer nada disso. Naquele tempo era tempo de escravidão 'Este patrão ainda está vivo. Ele ainda está um homem todo ... e mora ali em Agueda. Quando eu aleijei-me ele ainda me foi ver uma vez ao hospital. Levou-me um quilo de bananas e deu-me 500\$00. Naquele tempo deu-me mais dinheiro quando me foi visitar ao hospital do que me dava por semana ou que me dava por mês pelo trabalho.

Um dia eu andava a moer a casca, porque como havia uma festa na terra era preciso moer mais. Naquela altura tinham estado a pôr óleo nas correntes do moinho e como eu andava com botas de cano, eu escorreguei e caí com o pé dentro do moinho. O moinho era, assim, em roda e desfez-me o pé todo; eu tirei logo o pé fora, e não desmaiei senão ficava desfeita. Saí e comecei a gritar; vim cá para fora à espera que viesse a ambulância, mas chegou também uma camioneta de barro e eu disse "vou mesmo nessa camioneta". Laçaram-me a perna com o lenço de uma mulher e fui na camioneta para o hospital. Eu estava com a perna toda desfeita, mas eu era arrojada. Eu não desmaiei porque fui sempre uma mulher de coragem!

A minha Ana andava a brincar e a mais pequenina, como só tinha meio ano ficava na canatrazinha, ao pé de mim. Deixei ficar as duas meninas: uma com a minha mãe lá em cima na serra e a pequenininha ficou com a minha sogra, porque ainda lá foi uma semana mamar no meu peito. Uma afilhada minha levava-a ao hospital. Quem tomava conta dela era até o Dr.. que lhe dava as papas de graça, porque sabia que o meu homem que não era homem para ajudar...

Estive um ano e dez dias no Hospital em Agueda e 8 meses numa clínica em Lisboa .

Fui pela companhia de seguros. Foi uma sorte ter ido para Lisboa porque naquele tempo o hospital daqui era muito atrasado. Se fosse agora não, mas naquele tempo era muito atrasado. Eu estava por conta da companhia de seguros, a fazer o tratamento à perna. Primeiro eu estive numa casa só para doentes, para mancos; era uma pensão que ficava no 3º andar. Eu fui lá para cima com as muletas pelas escadas mas depois não saía lá de cima, mas também não podia estar lá em cima porque me metia aflição. Eu tinha partido a perna uma data de vezes no hospital e apanhei aquele trauma; eu tinha medo, Até que lá da companhia resolveram o problema.

Havia uma senhora que trabalhava no Porto, que tinha só um quartinho e uma cozinha e pagavam-lhe para eu lá estar. Eu dormia mais a filha e ela ganhava aquele dinheiro. Eles mandavam-me para a praia de Santo Amaro de Oeiras. Lá ligavam-me o pé onde eu tinha ferido e o resto da perna estava ao sol. Mandavam-me um lanche e eu ia no eléctrico e voltava por 10 tostões. Eu andava com muletas e fazia-me bem caminhar; cheguei a ir até Oeiras, lá para baixo e corria aquilo tudo, porque só tinha tratamento de manhã, às 10 horas.

Neste tempo eu acabei por ler mais. Aprendi a ler mais e até comprei a Bíblia para ler. Eu mal sabia ler, mas ia vendo e aprendendo porque havia raparigas que levavam romances.

A primeira vez que eu vi filmes foi em Lisboa porque faziam-me caminhar e eu ia ao Largo Martim Moniz. Ai havia um lugar em que passavam filmes a tarde e a noite continuavam com o mesmo. Uma vez o meu marido foi lá e estava a dar o Sansão e Dalila; ele perguntou se podiam entrar mulheres e disseram que sim, mas que as mulheres gostavam mais de ir para o salão com almofadas. A gente pagava 5\$00 e eu estava ali uma tarde inteira a ver os filmes. Aquele não era um salão de luxo, mas viam-se lá filmes bons; chamavam-lhe o salão piolho, porque eram bancos, cadeiras. Foi aí é que eu comecei a ver e a ler coisas. Passavam aquelas letras no fim e eu pensava "o que é que eles estarão a dizer?" Pois, eram filmes estrangeiros! Eu tentava ler, mas aquilo não dava Agora, graças a Deus, já leio os filmes e vejo tudo.

Foi lá em Lisboa que eu arranjei o meu outro filho porque o meu marido ia lá ter; ele tinha a viagem paga e tinha o comer de uma pensão que a companhia de seguros dava para ir visitar

Eu quando vim não me empreguei ao fim de seis anos eu ainda andava no seguro.

Mas eu comecei a andar ao dia fora e ainda ia à fábrica da telha fazer uns dias. Eu não era empregada, ia só ajudar, mas eu tinha vertigens, porque não fiquei bem da sinusite e um dia caiu-me um tijolo e aleijei-me. Eu estava na mesma fábrica mas saí de lá porque o barulho do motor a trabalhar, metia-me aflição;; aquela fábrica metia-me medo. Como o patrão era dono de outra fábrica e eu ainda estava debaixo do seguro, ele arranjou para eu ir para lá, mas eu saí também porque eu tinha que ir à Anadia buscar os 100\$00 que ganhava e aquilo não dava para nada! Naquele tempo ganhava-se pouco e eu ainda estava tão manca!

Então fui ao tribunal do trabalho, juntei o dinheiro todo e recebi 6 contos do seguro. Com este dinheiro comprei uma bicicleta ao meu marido o terreno e fiz a casita! O terreno custou 3 contos de reis.

Depois a minha mãe trouxe mais 6 contos lá de cima e comprei mais 3 contos de terreno até à estrada. Tirei a licença para fazer um barracão e vieram para me multar. Depois vendi-a porque eu semeava e roubavam-me. Vendi-a por 20 contos e comprei esta com 9 contos.

A casa só estava em parede, eu comprei areia, convidei um homem e mandei-a compor melhor. Mandei cimentar o chão e depois eu sozinha, numa noite, "botei" o mosaico. Depois vivi nesta casa e trabalhei muito para comprar este terreno aqui para baixo, que foram 150 contos. Eu trabalhei tanto, tanto.

Quando eu tive a a minha (6ª) filha continuei a trabalhar e ao fim de três meses de a ter recebi, a minha baixa. Com este dinheirito botei telha nova, levantei mais e alarguei mais a minha casa lá em baixo; ela estava coberta com telhas, mas chovia muito e eu tinha-a com um plástico.

Eu entrei com 100 contos mas para o pagar o terreno eu comprei e matei um porqueto e durante um mês não comemos mais nada a não ser a carne do porco e as batatitas que tinha em casa para não gastar nenhum dinheiro. Eu tinha o meu dinheiro arrumado, mas houve um mês em que eu fui buscar 2 contos para pagàqueles homens que andam pelas casas a vender enxovais e como dinheiro estava destrocado eu gastei. Eu então pedi ao meu homem porque sabia que ele tinha, mas não queria dar e não deu. Tive que dar o abono que eu tinha recebido e fiquei a dever 50 contos até vir o resto do papel que ele nos fez da venda. Eu estava aflita porque disseram a minha filha que lhe tinham oferecido mais dinheiro pelo terreno: O dono do terreno contou que lhe disseram "O Barrigana alguma vez lhe paga o terreno?", mas que ele respondeu "Mas eu não fiz negócio com o Barrigana, foi com a mulher que tem uma cara igual à minha. É tão séria como eu."

Antes de me empregar na fábrica Voltei então a trabalhar nas vinhas. Eu ia com os patrões para a agricultura. Eles convidavam-me e eu gostava. Eu fazia muita hora para ganhar mais 5 tostões. Eu tinha que ir àquela hora dar de comer às crianças e ir-me embora, mas ganhava 240\$00 por semana. Eu tinha que manter os meus 4 filhos e o meu marido. Eu gastava na loja, e o meu marido ia-me lá pagar ao fim-de-semana. A gente, com 200\$00 comia-se mais ou menos e então começou uma vidazita melhor.

Depois fui para a fábrica de mosaicos.

Os patrões mandaram-me lá ir e deu-me logo trabalho e no outro dia lá estava. Como eu sou assim tão forte, tão gorda, pensei que ele às vezes não me queria lá, mas quiz. Eu andava na fábrica; no fim de toda gente trabalhar, ainda tinha que ir limpar as máquinas.

Eu tive a minha filha, dava-lhe de mamar e voltava a correr. Ao domingo ia limpar o escritório e polir mosaico. Trabalhei sempre as minha férias e tudo. Eu nunca vinha para casa. Nunca tive férias! Nem ao domingo. Continuei a trabalhar na fábrica, até não poder mais.

O meu trabalho era andar com os mosaicos; era o trabalho mais forte que lá estava, mas nasciam-me furúnculos na barriga por eu andar com o plástico a acarretar mosaico. Tive que ser queimada uma data de vezes e já não podia andar das pernas. Uma vez estive um mês em casa, mas ia fazer limpeza à fábrica e ao escritório na mesma. Eu ia para o médico, mas se os meus patrões precisavam de mim, telefonavam para o médico e ele dava-me alta para eu ir trabalhar. Quando eu já não podia mais, saí. Eu saí com 51 anos, porque eu não podia andar mais!

Um dia mandei lá a chave do escritório e disse que não ia mais! Eu não fui me despedir porque tinha pena dos meus patrões e não tinha coragem para me despedir deles. Eu sempre fiz muita coisa e me dei com patrões; eles eram quase como meus pais, mas eu também fazia todas as obrigações; ela tinha que ser feita todo o dia. Os meus patrões pediam para fazer uma hora e eu fazia! Eu fazia uma máquina a noite. Nos 24 anos que lá trabalhei nunca estive um segundo de castigo, nem uma repreensão nem nada! Eles sabiam que eu nunca tive um minuto. Os patrões deram o mosaico todo para a minha casa porque eles sabiam que eu não roubava. Eles foram impecáveis e eu também era impecável para eles. Eu trabalhava!

Eu saí da fábrica mas nunca parei! Comprei uma carretazita para andar à sardinha mais o rapaz que cá está em casa. Eu vendia sardinha e fruta, mas havia muito fiado e nós não tínhamos dinheiro porque ainda estava a pagar 40 contos por mês, no banco. Mais tarde o rapaz que está cá em casa dedicou-se mais o meu marido na camioneta como sócio e eu fiquei em casa, mas nunca parei.

Arrendei terra e faço terra, muitas terras aí. Comprei, ainda no ano passado, 4 sacos de batatas para semear. Houve um pouco de azar, mas ainda tenho tido para comer. Eu é que sachô, eu é que ando com a máquina a "botar" sulfato.

Eu agora já estou, a realizar um sonho que se devia ter realizado há mais tempo....

Foi o médico e o Dr. F que me abriram os olhos. Ele me disse "A senhora na Segunda-feira vai ter comigo a Águeda, que eu vou -lhe arranjar o ordenado mínimo. Eu já podia ter ido há mais tempo, mas eu não gosto muito de ir ao médico. Eu tinha uma consulta marcada e fui ao médico e qual foi o meu espanto: ele nunca tinha feito exames à perna, à coluna, à bacia e às costas, ao joelho e ao meu pé que

está aleijado e desta vez pediu os exames e assinou-me a carta de invalidez. Eu, depois, levei as chapas todas,

Depois o senhor Dr (..) disse que afinal eu não ia arranjar o ordenado mínimo, mas sim a invalidez”. Mas eu perguntei :Senhor Doutor, eu posso fazer a minha quintita, aqui? - ele era uma pessoa tão atenciosa, é muito boa pessoa. Ele gostou muito da quintazinha que eu tenho aqui daquele lado e até era para levar uns tomates, mas estavam verdes! - ele respondeu :“Pode, a senhora pode! “

..É que eu gosto de ter, assim, as coisas. Gosto de ter o meu gado e gosto de ter tudo. Fui criada no campo!

Agora... levanto-me às 7 horas e se a minha filha não acordar de madrugada para chamar o marido que vai trabalhar das 4 horas até ao meio dia, eu lá vou chamá-lo àquela hora, tenho aquele cuidado. Feervo o leite, o café e faço as sandes para ele levar. Eu ligo o rádio de manhã para ver como anda o mundo . Quando eu estava em Belazaima, nós não tínhamos televisão porque não havia electricidade, mas eu mandei os meus patrões comprar um rádio aos meus patrões e ouvia aqueles poemas e noticiários. Eu oiço o Zé Candeias, na Rádio Renascença, aquela que é católica. As pessoas telefonam para lá e falam com os familiares que estão no Brasil, no Canadá ou nas Américas. Uma vez escrevi para um programa e ganhei um livro com essas coisas da vida. Ao Sábado e ao Domingo eu também gosto de ouvir porque lêem-se cartas e as pessoas mandam muitos poemas.

Depois dou ao gado e arrumo a casa e vou para a terra, vou cavar até à noite. Então venho fazer o jantar e depois de ter o jantar feito, arrumo a cozinha e vejo televisão.

Quando ouço falar em alguma coisa, não me deito para ver ... e não durmo

Estou ali, acendo uma fogueira e não durmo; nem que seja depois das 2 horas. A televisão é uma grande coisa ! Fico a saber muitas coisas sobre a guerra. Apesar de não ser uma mulher vivo o meu dia a dia e preocupo-me com toda a gente.

Quando a princesa Diana morreu eu estive toda a noite a ver na televisão, não me deitei. Na semana passada estive toda a noite a ver o holocausto. Há pessoas que dizem que só gostam de ver um filme ou coisa assim, eu gosto de ver filmes, mas também gosto de ver aquilo e digo à minha mãe que é bom a gente ver! Eu estou sempre a par daquilo.

Aqui há tempos eu vi na televisão a “Bomba de Hiroxima”; não sei se essa guerra foi antes de 1942 ou se foi depois. As pessoas estavam na rua e até se urinaram com aquele medo, com aquela aflição! Tudo

ardeu, tudo se queimou. Uma pessoa ficou debaixo da terra, e quando ficou de bebé viu-se que a criança não era normal. Em Angola, ainda no outro dia, mataram cinquenta e tal pessoas que eram turistas! No outro dia vi uma criança cheia de fome, sem pecado nenhum, sem culpa. Vejo pessoas que devem morrer sequinhas. Não deixo de dizer que em outras terras que a gente vê, há fome por causa dos governos não se darem uns com os outros

Ainda ontem vi no telejornal, um bebé pequenininho que cortaram um braço com uma catana; vi um homem estava com as mãos na cabeça a chorar e aqueles soldados rebeldes virarem-se para ele e mataram-no com um tiro; também havia outro deitado no chão a quem estavam a bater com os pés na cabeça! Parece até que têm gosto de matar. Eu vejo por aqui, que devia havia de haver mais controlo, e não havia de haver tanta guerra. Às vezes é o povo que faz a confusão porque andam nas ruas a armar aqueles barulhos. Eles não deviam estar na rua porque os soldados já estão revoltados, o Governo já está revoltado então naquelas manifestações, dão porrada e matam.

Eu não gostava de estar nas manifestações mas gostava de ajudar aquelas crianças, socorre-las e ajudá-las. Se eu fosse uma pessoa que vivesse perto de Angola eu ia curar aqueles aleijados, ia tratar daquelas crianças, porque tinha vontade e porque vejo que há muita falta de auxílio, há muita miséria. Eu curava-os, não me importava se fosse branco, se fosse negro. Eu gostava de ir para os hospitais acolher aquelas pessoas que estão doentes e feridas e dar apoio, tanto na África como em outras terras onde há guerra. Eu já tenho visto pessoas a visitar isso, pessoas brancas como nós que vão lá visitar e dar apoio àqueles hospitais. Ainda no outro dia havia uns hospitais que os médicos fugiram todos e só estavam as pessoas civis a tratá-los sem anestesia nem nada. Eu tinha coragem de fazer aquelas coisas. Eu gostava de estar lá a tomar conta dos velhos e crianças e com a minha sabedoria de antigamente, começava-lhe a contar as minhas coisas. As crianças eu começava a pô-las a fazer desenhos desde pequeninas, e contava o que é que havia, como é que se formou o mundo.

Há um programa na televisão – o “Às dez”- onde dão coisas para os pobres e a Júlia Pinheiro também está a fazer um programa das 11 à 1 hora, para os reformados. Ela tem lá a lista das pessoas reformadas e corre aquilo tudo: para o Porto, para Cinfães, para a Régua, para Lisboa, para todo o lado. Ela pergunta à pessoa que idade tem e porque é que está reformada, se é doença, invalidez ou velhice. Ela gosta de saber o que é a nossa comida portuguesa, o que é que a gente come nas aldeias. Faz perguntas sobre o tempo e qual é a comida que se usa naquela casa. Quando lhe falam na sardinha com pimento ela fica toda contente. Depois há uma roleta e tem que se dizer o nome de um artista ou de uma novela, para

ver se a gente, realmente vê a SIC.. 'Eu acho este programa lindo porque a gente vai saber o que se passa nas outras terras e as pessoas ficam todas contentes por receber aquele dinheirito. Às vezes digo "havia de me calhar também a mim"

Ontem a tarde estive a ver um bocado do 'Você Decide. A gente vai decidir, pelo telefone, se está bem ou se não está bem. Havia um pai que tinha dois rapazes e uma rapariga. Os rapazes mudaram as namoradas para lá para casa e ia com elas para o quarto, quando a filha rapariga quer fazer a mesma coisa que os irmãos o pai proibiu-a; ele estava contra a filha. e ela contra o pai e acabou por fugir, juntar-se com ele e a fazer a vida toda em comum. Se fosse eu, ou não dava aquela organização a filho nenhum, ou então, tinha que fazer a mesma coisa com ela. 'Eu acho que as mães e os pais aguentam mais com os filhos, porque é diferente; se um filho meu fosse visto com uma rapariga, o pai dela é que tem vergonha e a mãe também. Um rapaz vai para um lado e para o outro de noite e anda à vontade mas a rapariga fica mais perdida. Lá em casa os meus irmãos, foram para Lisboa e andavam de um lado para o outro, mas se eu quisesse ir a um lado qualquer a minha mãe dizia que não podia ir; ela os deixava andar mais à vontade.

'Eu gosto de saber tudo dos noticiários e não ligo muito à bola, mas gosto que Portugal ganhe lá fora; quando são os portugueses a jogar com os estrangeiros; gosto que eles ganhem; 'Eu acho que futebol é bom, mas as vezes há barulhos porque o árbitro parece que está a acudir pelo outro lado e castiga. 'Eu também não gosto de barulho, mas uma vez vieram uns aqui jogar e eu ouvi eles estarem a dizer que iam bater nos nossos jogadores. Os jogadores estavam cansadinhos, coitadinhos,! Ora bem, foi por tanta sorte, deu-se uma porrada! Eles iam para bater com paus e eu batia com o capacete neles. Ainda hoje um senhor diz: "ah mulher! Você salvou-nos a vida a tantos." 'Eu gosto de todos os desportos; aprecio elas a fazerem aquela dança no gelo. 'Eu aprecio patinagem artística.

'Eu gosto de ver novelas. 'Eu vi a Terra Nostra, até ao fim. Eram uns italianos que vieram trabalhar para o Brasil, no café, porque não havia trabalho na Itália. Era tudo trabalho, luta. Depois foram à falência e passaram a viver mais mal, como nós, aqui, na nossa província. Antes via o 'Esplendor. A rapariga sofria porque tinha um irmão que era mau e roubou, mas ela pensou que ele tinha morto um homem e fugido. 'Ela foi trabalhar para casa de um viúvo e lutou muito, por causa deste irmão. Havia um que andava a atraioá-lo e dizia que ela era amante, chegou a esse ponto!. Agora andamos a ver Uga, Uga, que também é brasileira. Os índios mataram os pais a um outro, e agora o avô que é muito rico quer saber desse neto e todos a querem a fortuna do velho. Há também agora uma novela onde há uma escola e

há um professor drogado que dá aquelas aulas sobre droga: uma que é pelo nariz, outra que é fumada e na novela se vê que eles andam assim, com os olhos vermelhos e cheios de sono.

Com as novelas aprende-se alguma coisa, não é só divertimento. Aprende-se a vida porque há tantos secretismos. A gente sabe que aquilo é o ganha pão deles, mas há muita coisa que na vida é assim, umas vezes se vive com dificuldades, outras vezes não. Eu também gosto de ver aquilo porque se a gente só vai e vem das terras e não se vê nada.

Eu também gosto de ver filmes, mas acho que não é bom para os jovens, porque mostram como se fazem os assaltos e ensinam muita gente essa coisa da droga. Eu antigamente só gostava de ver filmes de terror; gosto muito daquele suspense, daquelas coisas a transformar-se. A gente sabe que é imaginação, mas eu gosto de ver. Se às vezes vou ao café e levar os óculos, eu leio o jornal. Eu acho importante ler porque se a gente não vê, está num mundo escondido. É como quando não se lê em português, quando não se percebe a língua e lê-se as letras. Eu às vezes penso que se não soubesse ler estava mesmo escuro, não podia explicar nada. Eu gosto de ver porque a gente vive no nosso Portugal.

Eu vejo a televisão, mas também gosto de ler. Eu já li muita coisa! Agora a gente vê estas novelas na televisão, mas naquele tempo havia revistas que eu lia; a gente estava sempre à espera de ver o fim da revista. Também li romances. Li o romance da Rosa do Adro, li o Amor de Perdição, li Romeu e Julieta. Há dias a minha filha troxe o Romeu e Julieta, numa cassete. Mas já não era nada como o livro que eu li. Li também muitos livros de história e às vezes as contava ao meus filhos. Li também o livro dos descobrimentos e a história de Portugal!

Havia uma biblioteca que vinha à freguesia às terças-feiras. Eu tinha até um cartão, ainda o tenho. A gente levava os livros que escolhia e depois voltava a trazer. Quando eu estava aqui ia buscá-los e quando estava no hospital eu mandava levar pelo meu homem. Eu andei um ano ou mais a ir a biblioteca. Eu gostava de ter aqueles livros, se ainda houvesse ia lá buscar livros para ler, mas agora não se encontra a biblioteca e nem aqueles romances.

Há pessoas que vão à igreja para ler a Bíblia, mas eu gosto de ir lá à Bíblia buscar umas coisas melhores porque sou muito curiosa. Sou! Antigamente, fui mordoma um ano na igreja e gostava de ler. Eu limpava a capela e gostava de ver se sabia ir lá buscar coisas, só que naquele tempo era latim e para mim não dava! Eu tenho lido muita coisas na Bíblia. Eu já tenho uma ha uns 37 ou 38 anos; eu compreí-a no hospital, quando lá estive, tinha 22 anos e já estava casada mas acabei acabei por ler mais. Eu mal sabia

ler, mas ia aprendendo porque havia raparigas que levavam romances e já sabiam muitas coisas e eu acabei de aplicar o resto.

Nós cá em casa somos todos religiosos. Os meus filhos foram todos baptizados, casaram todos pela igreja, comungaram. Toda essa religião, não têm nada de outras religiões! Porque conheço esta e gosto. Não é que não acredite em tudo que fale em Deus!

A minha cunhada é muito católica, teve muita religião. Ela todos os meses pede a uns para dar na igreja aos pobres! Ela mais uma malta, arranjaram 2 mil contos para os pobres e para a casa dos velhinhos..Ela andou em Israel, Jerusalém, esteve na Itália, esteve em Roma, porque há um padre na Sobreda que arranja umas excursões para irem para lá. "Ah! Que pena não haver lá na nossa província!". Cá chamam-lhe província. Ela esteve a mostrar fotografias e diz que a gente chega lá e ninguém reza! Eles não querem que ninguém reze, querem só a religião deles.". Ela foi lá quase há vinte anos, e diz que primeiro aquilo era muito lindo mas agora tem outras casas a estragar aquilo. Ela diz que lá fora há muita fome, muita miséria! Aqueles soldados, aqueles judeus, batem nas crianças que estão a pedir. Eles, vão no barco e se atiram ao rio para buscar um dolar que os turistas embrulhavam numa camisola. Eu não tinha coragem para isso, ai meu Deus! O tipo da minha vida é como a sua, ajudar os pobres. Se eu tenho vontade de dar, eu dou. O que eu puder dou. No dia de todos os santos entrei no cemitério e estavam lá a pedir para o cancro e eu nem aceito as flores! Eu dou o dinheiro sem a flor; aquela flor vai dar para outro. Eu dou sempre para essa coisa do cancro e para essas coisas. No outro dia telefonei também dei para esta coisa da Sida; eles mandam telefonar e dizem que o dinheiro que a gente dá é para a ajuda. Eu dou aos bombeiros também. Agora pelo Natal, fui ao Intermarché aviar-me e estava lá um cesto com coisas para os pobres... devia ser para os pobres ou lá para fora, não sei. Eu botei lá um quilo de massa, um quilo de arroz, um quilo de açúcar, uma garrafa de óleo e uma garrafa de azeite, lá no cesto também. Deixei aquilo ali. Estava lá muita roupa, até roupa boa.. Estava lá uma saca de senhores que compraram, roupas boas!

A dividir um bocadinho por cada coisa, talvez não houvesse tanta fome.

Há crianças que sofrem, há velhinhos. Agora ainda têm o Estado que bota a mão e há estas casas para os velhinhos, mas quando não havia, eles vinham por aí e eu dei sempre esmola mas havia muita gente que não.

Eu podia ir pelo caminho ali para a fábrica, se encontrasse um pobrezinho eu vinha e dava a esmola. Nunca neguei a esmola, nem ao padre...Uma vez um senhor sem filhos andava lá na fábrica a juntar mosaico. Ele fazia lá uma fogueira e eu levava-lhe uma febrinha porque ele não comia. Passado pouco tempo do meu filho morrer os meus filhos viram um rapaz cheio de fome num circo que estava ali em Aguada e apareceram-me aí com ele! Perguntei “Quem é o rapaz?” Responderam “Ó mãe, ele estava ali cheio de fome, você encha-lhe a barriga.” Enchi-lhe a barriga e ele já não saía daqui! Dormia no quarto com os meus filhos e ficou aqui um mês em minha casa. Mas era educado, não roubava. O meu filho era como eu. Eles são boas pessoas, gostam de fazer bem. Foram educados assim.

Quando eu tinha o meu filho no hospital eu tinha muito leite! Fui ter com uma cigana que estava com filhos a chorar e disse: “Olhe os meninos estão a chorar, têm fome. Olhe, eu sou branca, não sou cigana, mas tenho o meu menino no hospital e os meus peitos tão cheios. Você deixava-me...” Ela vai assim: “minha senhora! Então não dá porquê? O menino mamou, mamou e arrotou! E eu não tive medo de ele ser cigano. Mas quando eu dizia que enchi a barriga a um ciganinho as pessoas diziam “você deixou mamar?” Eu dizia: “deixei, não apanhei nada no peito. Eu não tive nada! O menino estava cheio de fome porque é que não lhe havia de dar?” É para matar a fome a todos. O filho da muda também mamou no meu peito. O leite não foi tão sagrado como o do meu filho porque eu dei-lho igual, mas ele deu para mal. Diz-se que às vezes é do leite, mas olhe: tenho os meus filhinhos que nunca roubaram nada. Nunca se embebedaram, nem nunca fumaram. Eduquei-os na minha coisa de pobre, mas eduquei-os sempre.

Quando o meu neto vem de Aveiro traz sempre um ou dois netos adoptados. Eu já cá tive mais de vinte meninos, a passar férias de Natal, de Carnaval, da Páscoa. A Dra (...) que manda lá disse: “a gente queria ter um bocadito de folga, por isso se houvesse umas senhoras que levassem umas crianças para casa, eram menos crianças, tinham menos trabalho e aliviavam. Então agora vem para cá a malta toda, sem ser os meus netos. Eu sou muito querida lá! Uma vez receberam-me como se fosse rainha! Como se fosse a mãe daquelas crianças! No dia da mãe era para eu ir ao Colégio mas não fui porque não gosto de ir assim sem nada. Quando fui levei-lhe um raminho de flores artificiais, num cristal muito grande. Ela ficou toda contente e me apresentou aquelas pessoas todas, assim: “está aqui a avó, a mãe que criou e educou as crianças que vão lá para casa e que ela acarinha... a gente sabe que ela que vive da terra, do trabalho, não é?” Depois eram aqueles meninos andaram a dar-me de comer. Um dava-me o guardanapo, um dava-me o talher, outro dava-me o prato, outro servia-me o comer. Fiquei tão contente! Lá todos me

chamam avó. Um miudito que tinha estado aqui, foi ter comigo e disse “ó avó!” A senhora doutora disse “tens aqui a avó!” Ele chorava porque faltava-lhe a mãe, o carinho da mãe e dizia “Mas eu queria a minha mãe.” Eu comecei-me a abraçar a ele. “Não chores mais.” Depois ele veio. Era esse pretinho que tem estado aqui; de qualquer uma cor vem para aqui!

Uma vez tive aqui uma menina que se chamava a Maria Má, uma esgaziada, que esteve aqui no bairro e que teve um bando de filhos. O garoto dela é meio deficiente e começou a dizer que se queria ir embora. Eu “ai, menino! Não vais embora sem eu ir telefonar lá para onde tu estás.” Eu não tinha cá o carro e telefonei para lá. Responderam-me “A senhora é capaz de não o virar, porque a gente aqui não o vira.” Olha, levamo-lo ao café e ele voltou-se a colocar e para lá foi.

Antes eu trabalhava numa fábrica onde não gostavam de pretos. O patrão não os queria e não gostava deles. Eram como os outros que diziam “eu não ando com pretos”. O patrão dizia: “Silvina, tem aqui mais um para um você ensinar”. E eu ensinava. Andava lá um ao pé de mim que eu sentia-me mal com o fumar dele. Um dia pedi-lhe. “Olha, tu estás ao pé de uma moça, ela amanhã tem filhos. Tu vais deixar isso ...Amanhã já não fumas disto”. Fui e comprei-lhe um maço de tabaco e ele deixou de fumar; depois disse “Você foi mais que minha mãe!” Porque eu ensinava.

Eu também trabalhava, com crianças com 15, 14 anos que vinham de lá de cima da serra e o patrão chegava ao pé de mim e dizia “Silvina, você amanhã vem à «x» horas, ponha esta malta a trabalhar.” Responsabilizava-me de tudo.

Eu também gosto de dar a esmola! O que eu puder dar eu dou. A gente não deve fechar as portas a ninguém que nos peça de comer. A gente tendo, tem que auxiliar os pobres.. Eu também sou muito pobre, mas a mim nunca me deram nada. Só agora é que o padre da Borrália me tem dado, mas eu também dava para lá. O padre daqui da minha freguesia nunca me deu nada, mas eu fico toda satisfeitazinha, fico toda contente, se tiver a reforma.

Eu preocupo-me muito com os velhinhos, com crianças. Tenho muita pena de animais e de tudo! É como a senhora, com o marido que tem... mas é uma coisa tão diferente de nós, de mim e de outras... A gente tem que saber que há uma e outra coisa diferente! A senhora tem estudos, a senhora tem tudo. Uma pessoa não tem! Eu sinto-me pobre, mas uma pessoa é não tão pobre quanto alguma pessoa que não tem mesmo nada. Também acho que se é pobre por falta de não quererem empregar as coisas, talvez... Há pessoas que podiam ter alguma coisa assim como eu, porque me casei sem nada... que podiam ter alguma coisa, mas talvez não se importem!

Eu fui andando e aprendendo. Eu gostava de viver num outro mundo!

Se eu tivesse possibilidade eu lutava para conhecer outras coisas, outros países e outras terras só para ver o que é que se lá formava e como era aquilo. Eu gostava muito de viajar, de ver campos! Gostava mais de ver viagens do que de ler, porque ler não lia, mas nas viagens... se eu fosse a um lado qualquer, ficava com aquelas ideias todas!

Quando fui a França, fui ver um cemitério dos que morreram na guerra em que só havia cruzeiros; do lado da Alemanha a cruz era preta e do outro lado a cruz era branca. A minha ideia, talvez tonta, era ver se havia lá alguns presidentes ou daqueles que mandavam, mas não, eram só os pobres soldados que lá estavam. Nas notícias destas guerras que a gente vê lá por fora, não se ouve dizer que foi morto um tenente ou um presidente. Não! Quem foi morto foi o desgraçado que andava cheio de fome, são os soldados e os pobres e quem ganha nas guerras são os maiores, são os presidentes; é por causa de dois ou três presidentes não se darem que se faz a guerra e que se morre!

A França é linda mas no tempo da neve deve ser triste. É bonito para nós talvez, mas quem lá está não gosta muito. Até nas pontes havia luzes e pelos postes abaixo da electricidade, havia vasos cravados nos postes, tudo cheio de flores a cair nas pontes em todas as janelas. Nós aqui é raro ver esses jardins! Eu vi outro cemitério que era lindo, as campas têm flores que a nossa gente deita nas varandas e fazem aquilo aos carreirinhos. Lá há jardins de flores e plantas mesmo, de toda a qualidade. Eu gostei muito daqueles parques. É tão lindo, tão lindo, é uma beleza. Lá há jardins de flores e plantas mesmo, de toda a qualidade. Há pássaros de toda a qualidade, havia muitos corvos e mochos, à borda da estrada e não fazem mal nenhum. Eu andava só a ver os pássaros porque eu gostava daquelas terras.

Quando fui a Luxemburgo não conhecia nada. Enquanto o senhor que me levou ia a um lado e outro eu fui ver cemitérios, imagens, monumentos e aqueles grandes estabelecimentos. Fui ao cemitério e corri quase tudo para ver se havia nomes de portugueses que tivessem lá morrido. Mas não! Vim para casa e disse ao senhor que no cemitério não tinha nenhuma letra em português. Ele então disse: O cemitério dos portugueses é do outro lado. É separado. Eu tinha pena de ver lá morrer gente da nossa terra porque deve ser grande a pena de não vir à terra morrer. Luxemburgo é um país lindo, só que eu nunca lá vi o sol. Estava sempre o tempo nublado. Lá as fábricas são muito longe e não há esta poluição como há aqui em Portugal. Há grandes fábricas e grande indústria, mas é retirado lá para o lado da Bélgica e não vem nenhum fumo para a cidade. Andavam pessoas a limpar tudo; qualquer papelinho que houvesse na

estrada. Aqueles passeios é tudo limpinho, lindo e cheio daquelas flores lindas. A cidade tem grandes bancos, escolas e grandes jardins e aquelas livrarias. As ruas são lindas, não só pelas casas mas por aqueles campos, Eu puxo muito para ir para os campos, para aqueles pastos, aqueles animais.

Eu estive na Bélgica, na Alemanha e em Luxemburgo, na mesma altura, mas não trouxe fotografias. Na saída de Espanha, eu vi uma montanha linda que tem uma cruz e uma santa lá no alto. Eu até já disse que um dia que eu lá passe, vou trazer fotografias daqueles arcos, daquelas pedras tão lindas. Eu gosto muito dos países todos.

Uma vez fui a Espanha, numa excursão. Enquanto as outras mulheres foram para as lojas comprar não sei o quê. Eu fui a uma igreja que havia lá em cima; eu queria ver o que ela tinha e gostava de assistir a uma missa espanhola para ver se era igual à nossa. Fui lá e vi um padre velhinho e vi que faziam o tal peditório como cá. Aquelas igrejas, eram quase iguais às nossas! Eu cheguei lá, assisti à missa e comunguei. O padre perguntou a idade da minha filha e também lhe deu a hóstia. Ela nunca tinha comungado cá mas lá comungou.

Eu era analfabeta, mas me desenrasquei e desenrasquei aquela malta toda! Alguém queria tabaco e eu desenrasquei aquilo. Quando entrei no quarto de banho ouvi que eles estavam a dizer asneiredo, quase como o português!

Quando eu ia nas excursões iam muitas pessoas daqui. Eu uma vez cheguei para elas na praia, na Nazaré. Nós tiramos um feriado e andamos por lá 4 dias. A gente comprou sardinha para assar, mas eu não queria sardinha e o meu filho disse “ó mãe, se a gente comesse numa pensãozita?”. Era verão e aqueles restaurantes estavam cheios. Eu entrei, com o meu filho a chuchar no dedo e vi uma mesa. Eu entrei sentei o meu filho e eles lá me viram e pensaram que eu era alguma cigana. O empregado disse: “desculpe minha senhora, mas aqui não tem entrada.” Eu disse: “porque razão? Desejo um almoço para mim e para o meu filho.” Ele disse aqui as coisas são caras.” Respondi: “Aqui é um restaurante para toda a gente entrar, portanto, o senhor não sabe se eu sou civilizada se não!” “Quero comer para mim e para o meu menino.” Depois já não me faltavam com nada. No fim ainda mandei vir a conta e ele trás a conta num pratinho. Eu paguei e ainda lhe dei 20\$00 de gorjeta. Eles ficaram a olhar para mim! Um senhor que lá estava disse: “desculpe lá, de onde é que a senhora é? A senhora falou mesmo bem para ele, ah!” As minhas colegas estavam a rir-se à porta, mas eu cheguei para eles e para elas. Os meus filhos queriam comer, comiam. Eu aparecia em qualquer lado e desenrascava-me sempre! Não tinha vergonha e sempre disse aos meus filhos que vergonha é roubar

Mas olhe, que gosto de pintar e gosto de pinturas!

Um dia esse rapaz que aí está, estava-lhe a doer um dente e ele estava com a mão assim e eu pintei,, desenhei-o As vezes penso“ se eu tivesse material eu era capaz de fazer estas coisas” Também tenho gosto na letra.

Sei amparar crianças e chamam-me. Quando estive no Hospital a ser operada a sinusite, aprendi a fazer partos. Naquele tempo não era como agora. Havia irmãs que não eram enfermeiras e havia só uma mulher que era parteira. Ela não era diplomada porque naquele tempo não era preciso curso nenhum. Eu comecei a tirar crianças a par com ela e elas deixavam-me fazer partos. Eu via como ela fazia e fazia tal e qual ; eu já tirava uma criança qualquer. Eu sei dar as voltas tal e qual como um médico, só não sei abrir a barriga, mas se a mãe estivesse a morrer também a abria! Eu aprendi como eles coziavam quando aparecia uma pessoa com um golpe grande.

No Hospital eu tanto tirava às crianças como vestia os mortos. Naquele tempo não era quarto como agora, era tudo amplo e quando era lá pela meia-noite, pelas 11 horas, lá estava aquela alma aflita para morrer. Não sei porquê, mas realmente eles só morriam de noite. As outras tinham medo dos velhotes morrerem de noite mas eu não tinha nenhum medo e foi assim que me fui habituando.

Naquela altura queriam-me pôr no Hospital, porque já nessa altura eu tirava uma criança! Havia um parente da minha mãe que era médico, que queria que eu lá ficasse, porque fazia bem os partos . Mas a vida era difícil e eu vim-me embora. Mas aprendi a ser parteira! Era só isso que eu gostava de ver e gostava de fazer. Eu aprendi no hospital.

Eu tirei crianças a outras mulheres porque elas não iam para os hospitais, pelo menos aqui no nosso canto Também tive os meus sete filhos sózinha e são todos lindos e muito perfeitos. Eu tive três meninos⁵¹ ; eu os amparei, em minha casa, da primeira à última e trabalhava sempre até à véspera quando não era até à hora! Amparei-os e continuei a trabalhar ao dia fora, fui sempre assim, mulher forte!

Eu fiz todos os partos da minha cunhada ; tirei-lhe os sete filhos. Houve um que eu vi-me mal, porque o homem tinha-lhe batido muito. Assim que eu a tirei para fora baptizei-a logo com um bocadinho de água. Depois de a ter baptizado, ela ainda abriu os olhinhos e a boca e morreu. Eu disse ao padre e ele fez-lhe o funeral na mesma. Todos sabiam que o pai era muito mau, muito bêbado e não houve problemas.

Havia uma mulher que chamavam-lhe a Rosária, que teve uns 4 ou 5 filhos e também fui eu que lhos tirei todos! Houve uma vez, em que eu já estava a dar ar à criança ainda ela estava na mãe. Tirei-a, mas as minhas pernas abanavam todas! Da Clarinda só não lho tirei o último, que ela teve com outro homem, de resto tirei as crianças todas. Ela naquele tempo vivia mal e estava deitada em cima de uma tábua e de um lençol. Estava eu a fazer força para tirar a criança e a tábua partiu! Cai eu, caiu ela, eu e a criança, já com o pescocinho cá fora. Aquilo tinha muita palha moída e eu já nem via a criança. Eu estava aflitinha a tirá-la mas lá puxei e tive que acudir primeiro à criança. Aquilo foi um episódio, depois de estar tudo bem ria muito, porque eu via a menina toda suja!

Tirei também os da Teresa todos, quatro ou cinco, tirei-lhe até ao último. Deste eram quase 7 horas quando vieram chamar; pois eu tirei-lhe o menino e ainda fui trabalhar para a fábrica porque naquela altura recebíamos 6 contos, um prémio dos patrões; se nunca faltássemos. Fui também ali a uma outra mulher que já tinha ido duas vezes ao Hospital. Ele chegou eram 11 horas a minha casa e eu estive toda a noite ao pé dela; às 7 horas estava com a criança cá fora. Ela era branca, ele era preto e o bebé era branquinho, mas depois ficou mulato. Tirei também uma criança à falecida Cipriana.. Ela ia a correr, ali pelo pinhal adiante eu botei-lhe as mãos e alarguei-lhe a saia porque o bebé estava a ficar apertado.

Quando foi do parto da minha filha, eu fui ao hospital para ela ter o filho; eu não lhos tiro, não que eu não saiba, mas não gosto de tirar-lhas porque ela queixa-se de um lado e do outro. No Hospital não queriam tirar a criança porque ainda não estava em tempo. Elas estavam a ver a novela mas eu disse que não saía dali enquanto não a levassem para a sala de partos. Botaram-lhe a mão, para ver como ela estava e foi só eu cá chegar ao fundo e ela já tinha a menina tirada, cá fora

Um dia foram chamar-me à casa dos meus patrões, à fábrica. O patrão perguntou "Então, ela também sabe tirar? Chamou-me lá e disse "oh Silvína, você também sabe? Você é mulher para tudo, sabe tudo."... Eram perto de 11 horas e à 1 hora já lá estava a trabalhar. Ele perguntou-me "Então, você já veio?" E eu respondi "já lá deixei duas mulheres". Ele olhou assim para mim e disse "sim senhora, até admira".

Uma outra vez eu também estava na fábrica quando me foram chamar para eu ir vestir o pai da Teresa que tinha morrido. Eu também fui vestir uma outra mulher que morreu no hospital e que era dali. Já há vinte e tal anos, quando foi a morte de um cunhado meu eu e a minha mãe fomos ao hospital e no fim da autópsia lavei-o, vesti-o e botei-o para o caixão. Eu não tenho medo, tenho coragem de fazer tudo.

Eu também amparava bezerras e cordeirinhos e curo animais em casa. Eu tinha uns patos que foram mordidos e saíram-lhes as tripas. Os que arreventaram eu já não pude curar porque já não tinham salvação mas os outros, meti as tripas para dentro e dei-lhe ponto por fora; os patos ainda andam aí!. Quando as galinhas partem as pernas eu componho-lhe os ossos, estico a perna, boto uma ligadura, uma canazinha, ligo e no fim de 8 a 15 dias já estão bem!

Um dia o meu filho cortou-se numa perna. Eu agarrei num carrinho de linha e dei-lhe oito pontos: era cada nó um ponto e corta-se. Eu desinfetava com álcool, com água oxigenada e folhas de eucalipto. A agulha desinfetei-a no lume e passei-a por álcool. Lavei aquilo bem limpinho e pronto. Agora rio-me com a minha filha porque ela levou 7 pontos num joelho e botou pus e eu curei o meu outro filho com pontos que eu dei e não infectou nada, nadinha! Eu sei fazer isso!

Eu tive sempre aquela influência de saber e ver tudo o que se fazia. No Hospital havia uma irmã que falava muito para mim, vinha ter comigo e contava a vida dela porque gostava muito de mim. Ela muitas vezes explicava-me as coisas e eu pedia para quando houvesse curativos para eu ir fazer mais ela. Como eu caminhava e não tinha problemas nenhuns ela dizia "Silvina, vamos fazer aqui um curativo". Eu via como elas faziam: cada golpinho era um ponto, não era como agora, com agrafos. Foi lá que eu comecei a aprender.

Eu nunca tive parteira! Eu não tenho os meus filhos em pé. Ponho um cobertor dobrado no chão, ponho-me de cócoras e ia vendo sempre como é que vinha a criança. Quando ela vinha no nascedouro, assim que lhe pusesse as mãos, ia puxando, puxando, com jeitinho. Quando vinha para fora eu punha-lhe a mão nas costas para sair com jeitinho. Eu já tinha tudo preparado: o carrinho de linha, a tesoura e tudo! Então cortava, atava e tinha um lenço da mão dobrado em quatro partes para ligar a barriga. A cabecinha compunha-a com a mão e atava-lhe outro lenço da mão para ficar com a cabeça redonda!

Quando eu vim para cá andava grávida de tres meses. A minha patroa não sabia que eu andava de bebé embora eu só lhe pedisse batatas com a pele". Aqui eu andava ao dia fora e ainda estive numa fábrica de telha, até ter a bebé. O meu comer era só café e cebola e eu já não podia mais! Como eu não tinha direito à caixa, quando tive bebé tive que sair.

O parto da minha filha foi o primeiro que eu fiz. Sozinha. Fui mais o meu marido ao café e estava a chover. Eu disse: "estou-me a sentir mal e vim embora. A noite vim cá fora, porque naquele tempo não tínhamos quarto de banho e quando fui para dentro tive a minha filha. O meu marido estava a dormir e não sentiu nada, só quando ouviu chorar a criança é que se levantou e veio a correr chamar a mãe que

estava noutra casa. Quando ela chegou já eu tinha a criança atada, já estava atadinha. Eu já tinha tudo preparado, a criança lavada e tudo! O parto foi a luz de candeia e no fim de eu ter tudo arrumado quando olhei para a luz da candeia desmaiei. Eu comecei a sangrar e ele foi outra vez a correr a chamar a mãe mas eu disse-lhe: “não vás chamar ninguém, tira-me a traveseira, levanta-me a cama para cima e ata-me o dedo polegar com uma linha.” Eu aprendi isto com a parteira no hospital. Ele assim fez e eu fiquei bem. Ao outro dia tinha que fazer o comer e já andava levantada .

Quando tive a minha segunda filha o meu marido andava no tijolo, no Vale de Mouro a trabalhar. Eu disse: “telefona à minha mãe para ela vir tomar conta da outra rapariguita que eu já tinha e a telefona à tua mãe também, porque eu vou ter criança, de hoje ou de amanhã não passa”. Eu sentia dores e encontrei a cabeça da bebé. A minha sogra não estava e vem a minha cunhada. Aquilo foi também de noite e as casas já estavam todas às escuras, com a candeiazita. Ele demorou um bocado a falar em casa da minha sogra e quando veio eu já estava com a garota na cama deitada e preparada. Ele bota a correr para chamar a minha cunhada, e tombou a minha sogra que vinha atrás , porque era de noite! Foi, então, o segundo parto que eu fiz..

Fiz o terceiro filho que já nasceu aqui nesta casa. Ele era muito gordo porque eu tinha vindo do hospital com aquele sangue forte e com os remédios então ele era muito forte! Chegou e custava-me tanto! Eu estava sozinha, ai! Mas lá consegui, com jeitinho. A primeira coisa que eu vou ver é se é rapaz se é menina. Vi que era um rapazão. Era o primeiro menino que eu tinha. Fiquei toda contente! (riu) Agarrei, tirei o menino, preparei. Naquele tempo eram uns farrapos que a gente guardava de uns lençóis, umas combinações que antigamente havia. Eram as fraldas dele! Acabei o menino e fui-me a limpar. Houve então uma coisa que eu passei muito engraçada e que talvez alguma mãe não tivesse coragem . Eu fui ao correio buscar uma encomenda, porque era quase Natal. Mas comecei a olhar para o chão e eu cai. A senhora dos correios veio trazer-me a casa.

Chegada a este tive outro rapaz e criei-o também, mas ele morreu-me aos 10 anos. Ele nasceu no dia 25 de Abril e chovia muito! No dia seguinte dele nascer eu não tinha quem me lavasse a roupa então fui lavá-la para o meio do pinhal. Veio a minha mãe com a minha filha mais velha, passou por mim e nem me viu, nem me conheceu! Eu tinha parido há dois dias e estava a chover. Era muita chuva. Uma bezerra que ouviu-me falar e berrava, então eu peguei numa bacia e ainda fui a uma terra buscar um carrego de erva para dar de comer à bezerra.

Este meu filho adoeceu, não lhe pude dar a vida. Morreu. A morte dele foi uma surpresa para mim. Ele morreu no dia 2 de Abril, a minha filha casou-se em Agosto e de seguida nasceu outra filha. Eu tinha o resto dos meus filhos em casa, eram todos pequenos, tinham uma diferença de dois anos uns dos outros.

Quando andava para ter esta filha, eu já andava com dores desde manhã, mas aguentava bem. Dava-me uma dor e eu encostava-me à máquina. As mais velhas estavam lá comigo na fábrica e eu disse "vou-me embora ... vocês limpem o rego porque eu já não sou capaz. Quando cheguei a casa pedi à minha filha mais velha para lavar-me as costas e já não comi nada, já não ceei nada. A minha dor já era grande e depois veio mais forte.

Quando eu estava a tomar banho lá me escapava uma asneira de vez em quando, porque eu andava tão cansada, não tinha quem me ajudasse. A minha filha disse "oh mãe, olhe lá, dizem que as mulheres que quando estão a ter bebé, se morrerem, vão para o céu, mas como você já está a dizer asneiras, decerto nem vai."

Eu tive-a de noite. Tive-a sozinha. Entretanto chegou o meu marido bêbado, muito bêbado, mais uns colegas a fazer barulho e eu a ter a miúdiça. A minha mãe disse "eh, cale-se! mas eu disse "oh mãe, deixe estar senão ele ainda vem para aí berrar e depois ainda é pior.

Veio, então, a minha filha. Amparei - a, lavei-a, preparei-a. Quando no fim, depois, não me acabava de limpar, levantei-me, dobrei uma coberta, pus-me um pé, pus a coberta... apertei a barriga contra a parede e acabei de me limpar. Tomei banho e pus-me na cama. Depois tive esse tempo de baixa com ela.

A última nasceu em casa também. Ela mamou até aos cinco anos. Nessa altura ainda tinham crianças na maternidade em Águeda e quando lá levei a minha filha disseram: "vejam lá bem, vêm para aqui rapariguinhas novas que não têm leite, nem por um dia e esta mulher já tem esta idade ..mas o leite já não deve prestar. Tiraram análise ao leite e viram que eu tinha um leite forte.

Quando eram pequeninos eles eram doentes

Eu até tive que dar uns brincos à Nossa Senhora da Saúde por causa de um deles. No tempo dos meus filhos é que veio o remédio, para as bichas; aquilo parecia óleo ou azeite. Eles não podiam comer nem dormir enquanto não fizessem as necessidades e a gente tinha que ir para os pinhais com eles. Também me lembro, antigamente, de vir uma vez um senhor a escola de Belazaima, eu estava lá e fui lá

ver o que era. Eles davam umas bolinhas pretas para as bichas...Deviam ser médicos ou pessoas que andavam em experiências. Lá ensinaram-me muitos remédios, muitos chás!

A minha A tem uma cicatriz na cara, porque um dia eu estava em cima do carro de bois a fazer uma carrada de palha ... (ninguém sabia fazer mas eu sabia porque tinha sido empregada de um lavrador) ...quando a vaca fugiu e eu cai abaixo. Eu andava grávida da minha segunda filha e quando ela nasceu ainda trazia um braço pisado, negrinho. O gadanhio que eu trazia a fazer a carrada espetou-se, assim, de lado, se me apanhava a barriga! Foi Deus Nosso Senhor! A minha filha veio a gatinhar para debaixo da vaca que lhe um pontapé e partiu-lhe o maxilar. Eu ouvia a minha filha a gritar e ela estava cheinha de sangue. Eu pensei que a roda lhe tivesse passado por cima, mas não, porque ela tombou para trás com a pancada. Agarrei nela, e fui sempre a correr virada ao médico. Ele deu-lhe pontos por dentro e lá arranjou a menina. Eu vim cá para fora e a senhora dele trazer-me um chá. Andei lá muito tempo.

Esta filha tinha 2 anos quando eu tive o meu acidente. A minha mãe tomou conta dela até aos 9 anos mas eu fui lá buscá-la porque a minha mãe foi para Lisboa passar um mês, na casa dos meus irmãos e a menina ficou em casa de uma vizinha. Essa senhora até vivia bem, mas tinha um filho com um problema, tanto a rapariga como o rapaz eram, assim, meios atrasados. A minha mãe não sabia bem os ambientes em Lisboa e não sabia bem o que a nora ia dizer. Não sei o que a minha mãe fez à minha filha porque eu queria levá-la à recta, mas ela, coitadinha, não tinha sido criada ali e quando eu dei-lhe um lambada e ela dizia: _ Ó minha mãe, venha-me cá buscar que esta mulher quer-me matar

A minha segunda filha também teve um acidente a vir da escola. Partiu uma perna a atravessar a estrada nacional. Ela foi sempre um bocadito assim ... e eu passei os meus martírios com ela. Eu trouxe-a aqui para casa e levava-a ao hospital a pé para tirar chapas e fazer o tratamento. Às vezes levava-a à cabeça numa canastra.

O rapaz que veio depois aos 7 meses ficou muito doente, deu-lhe um ataque, coitadinho... Ele acabou de mamar, deitei-o e quando olhei para ele ele estava assim; naquela altura deu-lhe um coisa na cabeça, porque ele ficou com a cabeça que tem agora, a cabeça medrou com o ataque. O ataque foi na véspera de Natal e não havia carros como agora! O meu menino ... morria-me! Então, fui ter com o padre e ele foi me levar ao hospital. Um senhor a quem eu fui pedir primeiro que me levasse, foi lá logo de caminho atrás de nós. Havia aquelas senhoras que ajudavam e quando eu cheguei do Hospital havia lá muito comer, tinha bacalhau, e tudo, mas não tinha alegria porque não tinha lá o meu filho! Ele ficou no hospital. Quando o doutor disse: "olhe, você amanhã traga um cobertor e venha com outra pessoa" eu pensei logo de caminho

que o meu filho estava morto. Ele era o primeiro rapaz! No dia seguinte quando cheguei lá enganei-me no quarto e comecei a gritar, mas afinal ele lá estava num quartinho de velhotes com um aquecedor. Estava muito bem tratadinho. Eu dava-lhe a mama, mas ele não engolia, porque o problema dele tinha sido da garganta para cima. Estive cinco dias com ele no hospital e vinha de noite a pé, porque não havia dinheiro para a camioneta e quanto mais tempo eu lá estivesse melhor era para mim.

Um dia voltou-lhe a dar o mesmo ataque, já ele era grandinho. O doutor disse-me que só atendia das 6 as 7 da noite e não me quis atender. Eu disse-lhe: "se o meu filho morrer até o Hospital eu venho aqui com uma forquilha e mato o senhor doutor, mas ele não me atendeu. Vim então para o meio da estrada fazer alta aos carros e como viram que estava aflitinha um senhor me levou no carro. Ele devia ser médico porque chegou ao hospital, correu tudo lá dentro. Depois levou-me ao consultório do doutor das crianças e disse: "vê lá se salvas a criança porque agora vou eu tratar do outro." Eu não sei o que se passou porque depois o outro médico disse para o meu marido: "quando cá vier a sua mulher eu quero ter uma conversa com ela." E o meu homem disse: "então, o senhor doutor deixa-me o filho a morrer nos braços?! Eu nunca lá voltei aquele médico com medo de ele me dar algum remédio, alguma injeção; nem doente eu lá ia.

Os médicos me disseram que ele nem chegava a caminhar. Mas ele melhorou e tinha muita inteligência. Ele abria o livro, via o que era e já não voltava mais a pegar no livro. Ele com 11 anos tinha o 2º ano feito. Ele aprendia muito bem. Eu fui sempre... pronto, mãe pobre, mas queria condições para os meus filhos.

O meu outro filho (4º) era muito doente e salvei-o por uma hora em Coimbra. Eu prometi levá-lo à comunhão a Fátima, ele tinha 8 anos e até aos 12 anos ia lá sempre com ele e trazia-o do alto da cruz até cá baixo à capelinha e ainda subia as escadas! No último ano ele já era um homem e eu ainda o trouxe às costas lá de cima da cruz, mas ele já vinha a arrastar no chão. Eu estava grávida de 6 meses da minha filha e já nem me podia mexer, a minha barriga já grandinha, mas eu cumpri! Um senhor até veio ter comigo dizer que Nossa Senhora não queria assim tanta penitência!

Ele comungou quando estava lá o Papa. Eu estava mesmo na escada porque eu fui na véspera! Quando eu soube que ele vinha disse "vai ser uma altura boa que ele vai comungar no dia em que vai lá o Santo Padre" Neste dia foi feriado e eu tinha aquela coisa de ir mostrar aos meus filhos aquele padre, que ainda agora eles vêm na televisão.

O meu filho que morreu ficou doente mas eu nunca soube dizer bem o que era, não sei dizer a doença. O médico, não me disse nunca o que era. Eu ia lá e perguntava: "ó senhor Doutor, ele tem uma

tossezinha, isto passa?” Ele dizia : “passa! Isto passa.” Nunca me disse nada e só no dia em que ele morreu é que o ele entrou pela porta estava muita gente ele disse: “eu já sabia que esta criança morria.” A mim ele nunca tinha dito, mas disse ali às pessoas que já sabia que a criança que morria! Quando fui tirar sangue às análises marcaram-nas para daí a um mês. As análises naquele tempo demoravam muito tempo; a gente marcava, tirava e demorava meses a vir. Ele tirou e só depois de um mês é que fui buscá-las. Mais tarde marcou outra consulta, outras análises e essas já vieram com a coisa de ele morrer. Eu via na seringa o sangue dele, que parecia que tinha, assim, um farelozinho; umas coisinhas de açúcar, branco. O médico receitou-lhe então um xarope e 6 injeções. Ele ainda levou 3 injeções e tomou o xarope, mas o xarope não era a favor da doença dele. Eu dei-lhe a 3ª colher mas ele vomitava muito! Ele dizia: “ó mãe, eu não quero mais.” Então eu não lhe dei mais nenhuma. As Injeções ainda levou 3, ficou com uma por tomar. De Fevereiro até Abril andou doente, mas andou sempre com tratamento aqui do Dr (...). Eu ia lá sempre com ele. Ele esteve melhorzinho, foi até jogar à bola aqui mais os garotos, mas lá tinha o mal e voltou a ficar doente. Se tivesse ido mais cedo, talvez ... Se marcassem as análises mais cedo, ou que o tivessem visto no hospital, mas ...andaram assim com ele muito tempo, de Fevereiro até Abril Um dia começou então a sentir-se mal e levei-o ao hospital, mas não o quiseram lá. Disseram “ Ai isso não tem nada, não tem nada. É má disposição que a criança tem.” e mandaram-no embora. O menino estava cada vez pior, cada vez pior que passado uma hora voltei lá outra vez com ele e já lá ficou. Ficou lá de noite. Às 9 horas telefonaram para um senhor que era para eu lá ir porque o menino estava mal que era para eu o trazer para casa. Eu disse ele estava vivo! “Então, não há outros médicos ? Se o senhor quiser mandar para outro lado pode mandar... qual é o hospital melhor?” Se Coimbra é melhor eu quero o menino em Coimbra.

Foram levá-lo a Coimbra mas ele, coitadinho, ia a levar oxigénio. O meu filho falou sempre até morrer! Eu nesse dia fazia anos, foi no dia 2 de Abril. Estava na ambulância e ele disse: “ó mãe, olha que você hoje faz anos. Tem que estar ao pé dos meus irmãos.” . Havia a festa das Almas e naquela semana ele tinha lá andado a ver os carrosséis! Quando chegou a Coimbra e levaram-no para a Universidade, mas não o quiseram porque ele não tinha idade. Não o quiseram lá e foram lá para Celas para a pediatria. Ele esteve lá, mas ficaram todos admirados como é que ele chegou lá e morreu! Eu perguntei o que é que os médicos tinham feito àquela criança, para chegar ali uma criança e morrer logo. Com 10 anos. Ele era forte. Depois queriam-no mandar para a Universidade, depois de morto. Os bombeiros da ambulância disseram: “não, se fosse ao senhor não o deixava ir. Então, não o aceitaram lá...” O meu homem com a

mesma ambulância agarrou e trouxe-o para cá como se estivéssemos a vir para casa com ele. Ele morreu eram 10 horas em Coimbra e ao outro dia e ao outro dia foi enterrado... às seis e meia da tarde, mas ele nunca ficou frio, nem nunca ficou teso. Ele foi para debaixo da terra molezinho. Estava tudo normal como nós.

Veio cá o delegado de saúde e veio cá o Doutor A e o Dr M veio, chamado duas vezes. Eles auscultavam-no, espetaram-lhe uma injeção com uma seringa, não sei lá o que vieram fazer. Levantavam-no e tiraram-no fora do caixão para ver. Quando faltava para hora para ele ir para o cemitério ele estava fora do caixão. Mas estava na mesma! Os médicos diziam que não sabiam o que haviam de fazer porque ele estava morto. Os três diziam a mesma coisa. A mim lembrava-me... "caramba, eles estão lá com os aparelhos todos e tudo e o meu filho ainda está molezinho e não arrefeceu? O Dr M estava a porta e disse "só me arranjam encrencas, só me arranjam problemas. Eu já sabia que esta criança morria.". Ele já tinha passado lá em casa, mas é chamado porque era o médico da criança e tinha que vir, não é?

Lá enterrei o menino. Ah! Não o enterrei em cova pequenina, pu-lo numa cova grande; eu comprei a campa, o terreno e depois mandei botar-lhe tijolo em volta. Ele foi-se a enterrar no dia 2 de Abril e no dia 10 de Outubro o foram desenterrar, por causa de lhe fazer a campa. Foram uns rapazes pobrezitos que por aí andavam que tiraram o caixão para fora.e com a picareta eles esgaçaram, abriram uma tábuia e tiraram-no para fora. Eu tive o meu filho todo o dia ao meu colo numa colcha, que eu tinha levado para por pôr por cima do caixão. Ele não tinha uma ponta de cheiro. Não cheirava nadinha, nadinha! O sapato dele até parece que estava engraxado, eram uns sapatinhos castanhos. Eu tinha comprado a roupa nova e ele a tinha toda limpinha. Nem tinha uma ferida sequer no corpo. Todo lisinho na mesma! Eu passava-lhe as mãos pela cabeça, ele tinha o cabelo curtinho e nem um cabelo saía fora!

Olhe, que o cemitério encheu cheio de gente e até o pai do Dr disse que nunca tinha visto assim uma coisa. Foram lá pessoas ver porque ele estava mole na mesma! A gente mexia-lhe as mãos e ele caía assim com as mãozinhas porque estava molezinho. Não tinha nenhum cheiro, não tinha nenhuma diferença. Nenhuma! Ele foi enterrado outra vez.. Ele não era meu, foi para lá! Agora não sei mais nada como é que ele está, não sei. Eu acho que aquilo, talvez... não sei! Seria de muito remédio que ele tomasse, da doença ou um fenómeno qualquer?

O padre que o enterrou foi o de Barrô ; diz que tinha enterrado velhos, crianças pequenininhas, mas que nunca tinha enterrado um santo e que ia enterrar um!...Levaram o menino para a igreja, fizeram-lhe

um funeral cantado, não foi nada como costume. 'Ele era um santo aquela criança. os meus filhos foram muito bons, mas aquele era demais. Às vezes o meu filho fazia qualquer coisa e ele: "não faça arrelhar a nossa mãe." Todos gostavam dele. Ele era muito bom, muito educadinho. As professoras quando ele morreu, choraram e vieram cá as três. Sei que a professora gostava muito dele, que ele obedecia a tudo. Mas para ser santo... Mais tarde é que me lembra o que ele dizia quando ainda não estava doente.

Ele dizia que morria, o meu filho. O miúdo dizia que morria. Uma vez ele disse assim: "ó mãe, para que é que eu preciso de ir para a escola! 'Eu não preciso da escola, eu vou morrer." 'Eu respondia: "não morres nada." Um dia ele ia na camioneta que vai para Barrô e disse assim: "ó mãe, há algum santo chamado Artur?" 'E eu disse: "não." 'Ele disse "Então, vou ser eu." 'Eu disse: "mas isso, é preciso a gente morrer para ser santo." "Mas é que eu vou morrer." O miúdo assim para mim! Já garotito! Foi fazer 10 anos debaixo da terra. Ainda tenho ali plantas que ele trazia do jardim, lá de cima.. 'Eu e a minha filha temos plantas da raiz que vão dando sempre. 'Ele já morreu faz 20 anos e eu ainda tenho a flor dele. Foi ele quem as trouxe do jardim lá de cima do hospital. 'Estávamos ali até à hora da consulta. 'Ele gostava muito da terra, como eu!

'Ele morreu e tive a outra filha . 'Ela ainda hoje ela tem um dedo mais mal arranjado do que os outros porque quando era pequenina esmurrou o dedozito; ela deve ter chorado muito neste dia porque meteu a cabeça do dedo no buraco de uma caixa grande que eu mandei fazer para ela lá estar para eu ir trabalhar ao fim de três meses de a ter. 'Ela lá ficava sozinha de manhã à noite. 'Eu vinha dar-lhe mama e deitava-a lá dentro do caixote. 'Era só aquele bocadinho, ela nem enchia bem a barriga! 'Era só meia hora que nós tínhamos. Quando os meus filhos vinham da escola tiravam-na e levavam-na à fábrica para mamar. Voltavam-na a trazer e a pôr dentro da caixa. Ao meio-dia dava-lhe um banho porque ela estava toda suja. Como ela nasceu em Março, passou frio coitadinha; ela só estava bem ao lume! O caixote era alto para ela nunca sair e era pesado por baixo para não se virar. 'Eu deixava-a à bordinha do lume. 'Eu ao meio dia tinha de lhe dar banho porque ela estava toda sujinha e às vezes mal comia e ia-me embora outra vez, para a fábrica porque não tinha tempo. 'Ela ficava a chorar, mas eu só vinha depois das 8 horas ou 9 horas da noite. 'Eu ficava tão triste porque ela ficava a chorar. 'Ela teve muito sacrifício.

A menina mais nova tinha mais doença e ia para o hospital. Um dia levava-a para o hospital e estava lá oito dias e depois vinha para casa, porque ela tinha qualquer problema. 'Ela começou a ter o período com um anito, um ano e meio e eles queriam-na operar em Coimbra . 'Ela já tinha tomado banho e tudo para ficar lá mas disse: "olhe, eu primeiro tenho que falar com o meu marido para ver se ele dá

ordem ou não para ela ficar". A minha mãe disse: "olha lá, haverá outro médico?" Então vim de lá num carro de praça e fui para outro Doutor, que mandou vir umas injeções e aquilo passou. Um dia eu andava na fábrica e foi lá a minha filha ter com ela e já estava outra vez a correr. Fui outra vez ao Doutor; levaram-me lá de motorizada e ele mandou-me levantar as injeções e no fim de passar aquilo eu que voltasse a dar. Até hoje, ela nunca mais teve mais nada. Andei com ela no hospital dos dois anos até aos cinco anos para tirar a bronquite. Ela via-se aflitinha e eu tinha que andar com ela a dar-lhe ar. Quando disseram que aquilo tinha que ser tratado até aos 7 anos, eu fiz de tudo. Fui ali a uma mulher e dei-lhe um chá. O médico mandou-a ir para a praia e eu levava-a para a praia. Quando ela era pequenina só queria ir com a minha filha mais velha! Eu dava 2 contos de réis, porque não queria ficar de mal com os filhos, porque ela também não vivia bem. Eu levava-a de manhã a casa dela e ao meio-dia ia buscá-la porque ela morava ali perto de mim.

'Eu criei-os todos. Criei os meus filhos desde pequeninos, porque não havia creche. Eu andava com eles ao pé de mim, pelo menos até ao 4º filho, depois eu já estava na fábrica e uns irmãos criavam os outros. Umhas vezes levava-os comigo, outras vezes fechava-os. Eu deixava-lhes o comer ou ao meio dia, levava-lhes o comer e dava-lho. Ao mais pequenino eu dava-lhe banho, lavava-o; botava-lhe o pó e ia-me embora. Eles mamavam e eu deixava-os em casa; eu os ouvia chorar e os meus patrões diziam "ah, vai lá!", mas a gente está sempre com aquela coisa dos patrões olharem e estarem com aquela tristeza. .

'Eu criei assim os filhos! Eu podia não comer, mas dava-lhes o comerzinho. O melhor prato era para os meus filhos e para o meu marido. Se eu comesse comia, se não comesse agarrava numa cebola e num bocado de pão e comia-o e lá passava uma refeição. Eu eduquei-os. Os meus filhos cresceram ali na escola:

Os meus filhos todos passaram pela escola e pelo trabalho.

Eles tiveram uma educação boa. A gente conversava. Estudos a gente não lhe podia dar nenhuns, porque não se podia, mas queríamos, ao menos que apanhassem a 4ª classe nessa altura. Naquele tempo fazia-se a 4ª classe e iam para a fábrica trabalhar e só estudavam mesmo as pessoas que tinham muito. Primeiro não havia nem o 2º ano, o 5º, ou 6º ano, mas aqui não se fazia o 2º, só talvez alguns ricos

Eu queria que os meus filhos soubessem, que aprendessem a ler e levei-os para a escola, coitadinhos. A escola faz muita falta porque eu noto que uma pessoa não sabendo ler é triste. Mandeí tudo, meti-os lá todos e todos fizeram a 4ª classe. Só um é que fez o 2º ano! Agora vêm ajudas, mas naquele tempo não

havia nada. Eu tinha quatro filhos na escola e era sozinha a ganhar para eles. Eu não tinha dinheiro para livros, não tinha dinheiro para nada..O meu homem nunca comprou uns sapatos, um livro, um caderno, nunca lhes comprou nada! Eu é que tinha ganhar dinheiro para os trazer na escola, para comprar a roupita e os livritos. Fui eu a educá-los sozinha, a comprar sempre. Eu lá arranjava roupita melhor para eles não andarem a parecer mal. Eles só tinham aquela roupinha melhor, mais um par de roupa para levar ao médico e as roupas mais sujas e mais velhas eram para andar por aí. Cheguei a ter alturas em que eles chegavam da escola, tiravam a roupa para eu lavar e toca a enxugá-la ao lume, para no outro dia levarem-na vestida. Agora dão muita roupa, mas naquele tempo não davam nada, mas havia uma mulher que vinha ali da Malaposta que vendia roupa usada à feira, e eu comprava daquela mais barata. Eram 6 crianças. Era difícil. Era uma responsabilidade grande.

Um dia, para a minha mãe, convidou-nos para ir a festa do Espírito Santo à minha terra. Eu queria que eles levassem uma roupita melhor. Vendi os meus arcos, os meus brincos de ouro, para comprar um vestido para as miúdas. Eu comprei o pano e fiz em casa. Sabia fazer e fiz à mão e assim já foram todos preparadinhos, todos jeitosos. Fiz uma camisa para os garotos e fiz as coisas à mão.

Eu andava a trabalhar e eles iam ter comigo e vinham para casa brincar. Eles se ajudavam nos trabalhos de casa. Eu só dizia. "Trabalho da escola, vocês já fizeram? Os que não fizeram vão fazer." Eles nunca bulharam, nunca se bateram...

Havia uma professora que ensinou quase todos os meus filhos. Eles aprendiam bem e elas gostavam deles. Eles nunca fizeram barulho ou tiveram problemas com a professora. Eu nunca discuti com uma professora. Quando me chamavam lá eu dizia: "se eles precisarem a senhora dê-lhe! Dê-lhe educação, durante o tempo que eles estão aqui. No que se passa em minha casa eu dou-lhe, aqui é preciso dar-lha! Eu sabia que lá tinham que lhe dar a educação. E assim eles nunca foram vagabundos

Quando o meu filho morreu andava na quarta classe e um dia veio cá a senhora que tomava conta deles e disse que ele não ia à escola já há uns dias. Eu mandava-lhe um pãozito e ele o comia e não ia à escola. A Professora era correcta mas batia mesmo muito e acho que houve qualquer coisa que meteu medo ao miúdo porque ele escondia-se no pinhal, comia e vinha ao meio-dia. Quando me avisaram fui atrás dele, ao longe e quando ele sentou-se bati-lhe com o vergasta Fiquei tão arrependida! Nesta altura eu disse "Então a professora anda a fazer queixa que tu não vais passar a 4ª classe?" Ele respondeu: "Para o que eu quero já sei ler. Eu vou morrer." Isto foi em Janeiro, só em Fevereiro é que ele começou a ficar doente e eu comecei a ir com ele para o hospital. Aquilo era coisa que ele já adivinhava.

Todos os meus filhos gostavam da escola, mas eles foram diferentes.

A minha filha mais velha andou lá em cima na escola, depois veio para Aguada e foi para a escola de Sangalhos, quando esteve lá a cuidar de uma menina. A outra foi fazer a 4ª classe a Lisboa porque o meu irmão não tinha filhos e queria que ela herdasse os bens. Ele levou-a para lá com 10 anos mas depois não quis lá estar. Aos 14 veio para o casamento da irmã e não quis voltar mais e eu também não podia obrigar. Chegou-se aos 14 anos e ela tinha a a 4ª classe porque tinha entrado com 8 anos já feitos, então foi para a fábrica onde eu estava. Eles andaram lá todas menos os rapazes... Ela ficou de bebé com 15 anos e casou aos 16.

O meu primeiro rapaz só fez a quarta classe porque ele era muito doente e não ia à escola. Ele não chegou a andar no Ciclo porque já tinha 14 anos e começou a trabalhar como servente nas obras. Depois, se meteu numa fábrica a ganhar 5 contos. O outro gostava de tudo, só não pode estudar mais porque eu não tinha como e o meu marido não ajudava. Ele tinha tal memória, que nunca via os livros, ou só olhava uma vez e pronto! Ele tinha muita inteligência. Era muito inteligente. Ele com 11 anos já tinha o 2º feito e com 12 anos estava na fábrica a trabalhar a ganhar 6 contos de réis por mês. Antes não havia onde tirassem o ciclo, só depois é que abriram em Oliveira do Bairro e mais tarde aqui em Aguada de Cima. Ele já lá estava inscrito, mas arranjaram para ele vir para ali para ao pé da igreja, na escola.

As mais novas, uma andou também no Ciclo mas não tirou o 2º ano. Ela Chumbou e não quis fazer mais; foi trabalhar com 13 anos ou 12 anos, para a fábrica fazer paletes para ao pé de mim. A vida era difícil como digo... Foi para lá e lá ficou empregada até se casar, com 17 anos. A outra estudou até fazer a 4ª classe e depois não quis voltar mais para a escola. Disseram que no Ciclo uns rapazes tinham levado umas garotas para um pinhal, as prenderam lá e lhes fizeram mal; meteu-se-lhe aquilo na cabeça e não foi. Disse que não ia, não ia e eu também não a obriguei.

Ela saiu da escola com 11 anos e aprendia bem. Ela ficou em casa ao pé de mim, não ia trabalhar, só depois é que foi para o café por lhe pedirem para ela lá ir fazer lá umas horitas. Depois começou a trabalhar no restaurante e agora anda no ciclo a tirar o 6º ano à noite. Trabalha de dia e anda de noite. Ela dizia um dia eu vou tirá-lo nem que haja em Águeda.”; eu dizia “Olha, eu não te obrigo a ir, mas era uma coisa boa”. J a minha neta que aí está, no outro dia já veio cá mais uma senhora para a ela ir fazer umas horas. Mas também se não fosse assim, ela não ia agora meter 30 contitos no banco, assim faz umas horinhas e estuda de noite. Se ela estudasse de dia não podia andar, mas ela fez agora a 3ª e a 4ª e vai

para a 5ª e a 6ª, já está matriculada. Eles não gostam tanto como eu. Talvez saíssem mais ao pai que fez a 3ª classe já em grande!

Agora é uma desgraça nas escolas; são só crianças com droga. É com esses menores, agora é pior, há crianças roubam isto e aquilo. Eu acho que isto é por causa do desenvolvimento, a pessoa faz mais mal; ainda agora assaltaram a actriz e roubaram-lhe o carro. Eu via-a falar na televisão. Eu criei-os pobre, mas eduquei-os bem.

Nós levávamos uma vida assim

Eles comiam em casa, estudavam e eu levava-os a passear. Ia para todo o lado com eles. Eles gostavam de ir aos bailes e como os irmãos eram quase do mesmo tamanho, brincavam e juntavam-se com outros colegas, mas nunca fizeram barulho, nem nunca se meteram em nada! Nunca houve problemas com eles.

Eles nunca se interessaram de juntar-se como os sucateiros; eles são da idade dos meus filhos, só que eu não os deixava anda mas eles também não puxavam! Eu comecei a criá-los naquela inimizade e eles não se juntavam com esses marginais que andavam como andam por aí. Esta criançada não quer trabalho. Não querem trabalhar. Antigamente trabalhava-se muito, agora não. O que se sabe é que são drogas aqui, drogas ali gente vê essas coisas e cada vez é pior. Há uns anos atrás, há 30 anos atrás, não se falava em drogas, não se falava dessa doença, da SIDA, Talvez existisse a SIDA e morrer-se sem se saber, mas na droga não se falava. Deus nos livre desse mal.

Os meus filhos quando queriam alguma coisa vinham ter comigo, não havia segredo. Cada um lá comprou uma bicicleta, uma motorizada, depois compraram o carro. Eles depois compraram uma televisão e compraram um vídeo. Eles iam buscar filmes e eu acompanhava-os ali ao pé deles a explicar a uns e a outros. Naquele tempo víamos muitos filmes de Moisés, vimos a Bíblia sagrada na televisão. Eles iam buscar porque sabiam que eu gostava daquilo e eles também. A gente estava ali, se preciso for, uma noite inteira: eu a explicar e eles a explicar a mim.

Lá onde estão agora os meus filhos não devem ler, porque vão às 5 horas da manhã para o trabalho que é longe. Lá não devem ler, só se forem cartas que escrevam uns para os outros, mas eles telefonam, quer dizer, comunicam assim uns com os outros. Eles não se desprezam uns aos outros porque este ou aquele é mais pobre. Os meus filhos nunca andaram a discutir uns com os outros, sempre se deram bem e

lá fazem os convívios deles e passeiam ao Domingo. Eles respeitam os irmãos e sempre foram respeitados. Não vejo crianças ou pessoas aí tal e qual como foram os meus filhos

As minhas filhas uma deu-se bem a outra não. Ele era de muito vinho batia-lhe muito e ela foi embora daqui. Já viu o que era uma pessoa sempre ali a apanhar? Um ano e assim ainda vá, agora um ano, dois, três, uma vida? Ela ainda esteve aí um ano sem ir para lado nenhum, mas depois foi para Espanha, levou a pequenina com ela e deixou-me os outros. Depois acho que esteve lá dois, três meses, veio e foi para o Luxemburgo, então deixou-me os filhos todos, eram todos pequenininhos.

Eu tinha que pagar a uma ama para ter a mais nova e pagava-lhe 7 contos por mês, ainda lhe dava para lá farinhas e leite e tudo para a ter lá. Os outros netos já eram grandinhos. Já andavam dois na escola. Quem sofreu? Foram os meus netos, não foi a mãe, que se foi embora.. Foram eles que sofreram. Eu dei apoio ao homem dela, ao pai das crianças porque era um pobre diabo.

Os meus filhos sempre que vão ao café toda a gente gosta deles. Há gente aí de que se fala sempre fulano foi para tal parte, fulano drogou-se, fulano bateu, deles não! Os rapazes casaram com duas irmãs, filhas de uma grande lavradora. Eles como estiveram muito tempo na França, têm um prédio muito bom na Catraia. Eles vieram ao café saber como era a família deles e toda a gente deu informações boas, disseram que os filhos não tinham culpa do pai muitas vezes não trabalhar. Disseram que eles eram boas pessoas e que o pai não roubava; que era gente humilde, pobre, mas boas pessoas. Eles namoraram-se e a riqueza não conta, o que conta é a lealdade e sermos uns para os outros. Porque os ricos casam-se e destroem tudo e ficam os pais pobre

Quando o meu filho que era mais doente chegou aos 14 anos meteram-na nas máquinas e ele apanhou logo a caixa. Quando se casou já estava a ganhar 60 contos.

A minha (4ª) filha conheceu o primeiro marido aos 11 anos e quando ela chegou aos 17 anos ele veio ter com ela, casou pela igreja e levou-a.. Ela foi para França com o marido mas o deixou lá ficar. Ele trabalhava nas obras e ela nunca chegou a trabalhar lá. Eles separaram-se e ela está com outro companheiro, que conheceu no Luxemburgo quando foi visitar a irmã e lá esteve a trabalhar.

O rapaz que agora fala que vai casar com a minha mais nova gostava dela e sofreu porque a conhecia de pequenita e para o consolar a mais nova dizia-lhe - "não te atrapalhes, se ela não casar contigo eu caso contigo. Eu gosto de ti." Eu ouvi isto, tinha ela seis anos! Agora eles estão a namorar. Estão comprometidos à espera que ela tenha idade para se casar. Ele tem mais 14 anos do que ela, mas ela gosta dele de garotita, com 6 anos.

Ele é da Régua e tinha 8 anos quando a mãe dele morreu. Ele veio para baixo com 20 anos e está em minha casa há 8 anos. Ele primeiro dormia ali no sótão da casa da minha filha que está na Suíça, mas depois arranhou aqui um quarto e o tem mobilado, por conta dele. Ele não fuma, não joga, não se droga, não é bêbado. A gente vê que é de boas famílias; não tem mãe, mas é de uma família boa e séria e tem o bocado dele, lá em cima. Ele tem uma camioneta e às vezes leva o meu marido para a sucata. Agora anda todo contente porque já tem dinheiro junto com a minha filha e vão se casar.

Todos os meus filhos foram assim, começaram cedo. Às vezes a gente até se ria.

Quando o meu homem casou ele não trabalhava e estava mais por casa

Foi mais tarde que ele foi para a fábrica e começou a ter mais amigos. Depois de eu ter o acidente ele ficou a trabalhar na Cerâmica, por meio ano e aí ainda apanhou algum abono, que eu tive que passar para o meu nome quando ele deixou de trabalhar; eles as vezes ia outras vezes não ia à fábrica e saiu de lá. Veio para outra Cerâmica e então é que lá andou um ano; depois saiu e começou a andar na sucata mais aqueles, ali do fundo, que são drogados. Ele não ganhava quase nada, o outro é que ganhava tudo; o meu marido só andava a ajudar e recebia o que ele lhe queria dar.

Em 1973 ele foi para a Suíça, quando nasceu o primeiro rapaz. Ele inscreveu-se nas emigrações e apareceu uma “contrata” para ele ir. Aquilo era numas montanhas e ele veio embora de caminho porque era preciso trabalhar com as vacas, com canos e nas ervas. Ele não gostava muito de campo e veio embora depois de 8 dias ou 15 dias de lá estar. Ele foi para a Espanha, mas estava lá cinco ou seis dias, um mês ou dois e vinha-se embora. Eu dava-lhe dinheiro para ele ir mas quando acabava o dinheiro ele voltava. Ele também foi para a França e para a Suíça, mas nunca ficou a trabalhar. O contrato era para ir para o campo, e quando ele chegava lá tinha que trabalhar e vinha-se embora.

Comprei-lhe então uma motorizada e um atrelado para ele ir vender sardinha. Dei-lhe o dinheiro para o negócio mas ele acabou por empenhar a motorizada. Eu fui desempenhá-la por 9 contos, mas ele voltou a empenhá-la e eu voltei a desempenhar por 13 contos, até que ele empenhou-a outra vez e eu já não fui buscá-la mais. Ainda comprei-lhe outra motorizada. mas ele até o atrelado vendeu. O rapaz que aqui está começou a dedicar-se mais ao meu marido, como sócio na sucata. O rapaz tinha a camioneta e o meu homem era bom para o negócio da sucata.

Agora tem muitos conhecimentos porque anda na sucata e fez grandes amigos.

Ele vive com aqueles patrões de fábrica, que são senhores superiores muito maiores do que ele a fazer negócio. Ele também joga nuns torneios do jogo da malha que fazem em Boialvo e não o batem assim à primeira, não! Ele tem muita taça, muita medalha dos anos todos; são medalhas de bronze. A taça de cada ano é uma malha e ele tem tudo marcado ali na sala. Eu até queria arranjar a minha sala, para ele lá as ter, mas não tem dado. Como não dá de uma maneira arranja-se de outra porque a gente tem que se desenrascar sempre, a vida tem que ser assim!

Quando ele era criança a mãe do meu marido trazia-o a ele e as irmãs a pedir porque a vida também era ruim para eles. Ainda me lembra de vir para cá e um irmão mais pequenino do meu marido ir pedir aos restaurantes. Ele andava só com uma camisita vestida e o meu homem também. Ele era pequenito, tinha 8 anos quando a cerâmica abriu e então ele veio para aqui trabalhar. Ele andava a acartar tijolo à cabeça e era o único que dava dinheiro lá para a casa dos pais. Ele ainda cá trabalhou 5 ou 6 anos. Ele ainda era solteiro, quando fez a 3ª classe de noite porque em pequeno teve que sair da escola. Depois foi para o Alentejo com o pai dele ganhar. Eles iam para as vinhas; cavar vinho, deitar o sulfato e ceifar arroz e trigo. Iam para lá com os pais e andaram lá uma data de anos. Ele de pequenito fez a comunhão, mas acho que foi no hospital que ele a fez. Ele esteve lá, quando tinha 10 anos por causa de uma perna que ficou mais curta que a outra. Ele esteve um ano com um peso na perna a puxá-la, mas ainda manca. Ele foi para a tropa, mas como tinha aquela perna deficiente só lá esteve 3 meses e veio-se embora. Naquela altura iam para Angola. Quando casamos tinha ele 22 anos e eu 20.

Para os meus filhos ele foi bom pai. Ele nunca esteve ao pé de mim e eu estava sempre sozinha,, mas ele gostava das crianças, pegava nelas ao colo e dava-lhes carinho. Na minha casa não havia porrada nos meus filhos! Nunca lhes bateu. A minha filha mais nova já vai fazer 15 anos e ele nunca lhe bateu, nunca lhe tocou. Quando a minha neta cá estava levava-a para a praia mais ele e quando ela foi para a Suíça ele chorava com pena dela.

Ele não é como aqueles que a gente vê a dar pontapés, a puxar as orelhas, como o meu genro fazia aqui aos meus netos, que lhes batia com rachas na cabeça. O meu homem não batia nos meus filhos e dizia: “você para um lado qualquer, você vejam lá se portam como gente”. Ele dizia para eles não se meterem em problemas. Os filhos também o obedeceram sempre. Não era preciso bater, era preciso respeito e bastava só dizer e eles compreendiam. Ele gostava dos filhos e dos netos.

Ele é boa pessoa; se ele tiver um bocado de pão, ele divide. Se tiver uma maçã, ele divide pelos filhos e pela minha mãe. Ele vai ali às ameixas, apanha e “tome lá.. Se vier um pobre a minha casa que o meu

homem veja, ele dá-lhe de comer e beber. Qualquer pessoa que venha a minha casa visitar-me, ele recebe-a tal e qual como eu. É um coração muito bom! Se ele tiver comer e entrar uma pessoa ele divide com a pessoa. Não é daquelas pessoas que não dá. Não, ele dá! É liberal e nessas coisas ele é como eu. Ele também gosta dos animais como eu! Tenho aí tudo cheio de animais e ele gosta deles; faz carinho aos cães e tudo. Ele não se dá ao trabalho das terras e assim, mas gosta de ver.

Quando eu estava no hospital ele lá ia todos os dias ver-me. Havia visita à tarde e de manhã e ele ia lá todos os dias mais os meus filhos Quando eu ia para umas excursões ele não ia porque gosta mais da bola, mas nunca dizia: “ não vás.” Se alguma vez ia, ele fazia sociedade com os amigos.

Estou casada todos estes anos. Já é meia vida e nós dávamo-nos bem. Ele era calmo. Durante uns 15 ou 20 anos a gente mal levantava a voz, não havia uma palavra mais alta que outra! A gente não se tratava mal, nadinha. Vivíamos em casa à renda, mas éramos felizes. Os problemas era eu que resolvia, ele não! Eu vinha de trabalho e lá arranjava a vender sardinha, a vender tremoços, quando tinha filhos pequeninos e lá ganhava 7\$00 ou 5\$00 a mais. Eu trabalhava e trazia para casa. Eu não tinha ajuda nenhuma , a ajuda era toda das minhas mãos e dos meus braços e de dois em dois anos eu tinha mais um filho.

Ele joga com os amigos e bebe a pinguita, quando junta-se com eles , mas é boa pessoa e todos gostam dele; mesmo lá fora, respeitam-no. Quando ele está com a pinga senta-se ali no lugar da minha mãe e diz “vou para a cama.” Eu ali fico a ver um bocado de televisão e não há problema. Só num dia é que houve porque nós falamos à mesa enquanto comemos e ele não gostava. As vezes ele vem com uns canecos e a gente chateia-se um bocado, mas a vida continua sempre na mesma. Eu já estou casada há 39 anos.

Eu trabalhava, trabalhava mas acho que a mulher não deve ser escrava como antigamente. !? Antes havia a lei que a mulher era escrava do próprio marido e ainda continua a ser porque o marido vem, come e deita-se e a mulher tem que estar sempre naquele trabalho! Já viu a gente chegar e o marido pisar-nos toda hoje e amanhã também. Imagine eu a levar porrada há 39 anos! Se a gente merecer ainda vá, porque às vezes há mulheres e homens que merecem. Agora, trabalhar como a gente trabalha, tanto, tanto... Eu trabalhei tanto para criar os meus filhos para depois levar porrada assim tantos anos?! Não. A mulher luta mais do que o homem! Mas já não tem que estar a levar porrada hoje e assim. Não! A mulher é como o homem, foi gerada das mesmas coisas e não é para estar a sofrer, nem o homem. Há homens ruins e mulheres também. Às vezes uma mulher estraga um lar mas um homem também. Não podemos dizer que é

tudo para eles e nada para ela. Há de tudo. Eles agora também dizem à gente "Alto, não é assim! Se a casa é tua também é nossa!

Naquele tempo não havia separações. Aguentavam-se um ao outro. Uma vez era porrada, outras vezes fome, outras vezes.... mas nunca se ouviu falar de uma separação. Eu acho justo que se o casamento não deu, para que é que se andam a zangar? Vai cada um para seu lado. Se tiverem que governar a vida...

Mas eu, por mim, não queria mais homem nenhum se deixasse o meu. Chegava bem! Deixou-se aquele porque não deu, também não vai dar com outro. Eles são todos muito bons no princípio, mas depois... E depois os filhos também não devem gostar disso. O outro podia dizer que gostava de mim, mas os meus filhos não eram dele. Amanhã ou além havia uma repreensão para aquela criança e sabia-se lá se ele lhes dava um açoite? Eu sou muito apegada aos meus filhos e se eles lhe batia e se dizia "eles não são meus filhos". Isso não! Não queria mais nenhum homem pelos meus filhos e pelos meus netos. Eu tenho visto tantas separações e depois aquelas crianças vêm a sofrer. Os únicos que vêm a sofrer são as crianças! Eu já tive a imagem na minha casa. Quem sofreu? Foram os meus netos. Eles é que sofreram com essa separação. É preciso guardar respeito aos filhos e aos netos.

Havia um cunhado meu, que acabaram por matar a tiro; ele dava tanta porrada na minha cunhada que até a trazia pelo chão. O meu homem ia lá e uma vez deu-lhe duas lambadas porque achava que não era assim que se fazia a uma mulher. O meu homem não gosta de barulhos, nem de escravidão. Não!

Mas eu fui sempre sozinha. Eu tinha que manter os meus 4 filhos e o meu marido, fiz a casa, comprei o terreno e fui sempre a chefe de casa porque ele metia-se a jogar a lerpa, perdia e ficava sem nada. Do dinheiro que eu recebi do seguro e que sobrou do terreno, ele levou-o, meteu-se a jogar e nem um avental comprei, não tive nem mais um tostão. Ele nunca deu um tostão para eu fazer a casa. Eu gastava na loja e ele lá ia pagar ao fim-de-semana; um dia mandei a minha filha buscar uma broa e não mandaram porque eu devia um conto de reis. Pensei "ai, meu Deus!, como é que eu hei - de ganhar para os meus filhos e ainda mais um conto de reis?" Mas comecei a descontar um tanto e lá paguei, mas disse para o meu homem "nunca mais voltas a ir a loja porque eu nunca mais te dou um tostão para lá ires". Uma outra vez comprei um porqueto para matar e um dia quando cheguei ao curral já não o tinha. Eu andava à procurá-lo e a minha sogra disse que ele o tinha vendido. Eu dei de comer ao meu filho e fui chorar para a quinta trabalhar porque aquilo era o meu governo.

Ainda há pouco tempo eu comprei 4 sacos de batatas e ele não me deu um tostão, nem nunca agarrou numa máquina e disse "hoje vou deitar sulfato".!

Eu quando casei comprei uma malga, dois pratos, dois garfos, duas colheres, um cobertor e dois lençóis, porque naquele tempo não se fazia enxoval nenhum, e foi com isso que eu vivi e lá fui crescendo, andando e trabalhando!

Parece que estou a chamar pelas pessoas; eu tenho medo de morrer nessa altura.

Eu às vezes agarro num enxergão e fico aqui na cozinha com as minhas netas. Elas ficam todas contentes porque ficamos a ver televisão até ela fechar por ela mesma. Eu tenho medo que os sucateiros vão lá virados a baixo e me roubem as coisas, porque antes eles até entravam dentro do curral para me roubar os porcos, mas agora quando eles pensam que eu estou lá em baixo a dormir eu salto-lhe aqui.

Num desses dias eu estava aqui deitada na cozinha e senti um vento, tipo uma nuvem que chegou a mim e eu a dormir. Eu não estou a dormir, estou a ouvir o que me dizem, mas tenho os olhos fechados e não sou capaz de falar. Eu fico calada e vou buscar muitas coisas. Eu sinto-me tão levezinha, tão levezinha que parece que eu estou a sair do meu corpo para fora. Pode ser uma visão, mas eu fico assim e quando venho a mim o meu coração está... Pim, Pim, Pim a bater de cansada. Fico estafada!

Desta vez eu fui ter onde eu nunca fui antes, ao cemitério de Fátima, na Cova da Iria. Eu entrei pela porta do cemitério e fui virada à sepultura da Francisca e do Jacinto; aquilo tinha uma janelinha atrás e eu vi-a doente na cama e depois a morrer, no sofrimento dela. Ela estava no caixão e levava uma meia branca e uma chinela do rancho; levava uma saia rodada até os pés, que em cima tinha uma coisinha de elástico com uma rendinha. Ela tinha uma blusa branca com uma pintinha, uns folhos com elástico e rendinha; a gola também tinha uma renda, uns piquinhos e vinha para baixo onde abotoavam os botões. Eu vi assim a imagem dela e do irmão. Eu antes via estas imagens nos livros, mas de noite eu nunca tinha visto nem nunca tinha entrado no cemitério de Fátima. Depois voltei a mim, muito cansada e acordei.

Parece que estou a chamar pelas pessoas; eu tenho medo de morrer nessa altura. Ainda levantei-me e vim cá fora para ver se me voltava a dar outra vez. Mas aquilo passou-se!

No outro dia eu contei à minha filha e ela diz - Ó mãe, você hoje não vai voar? Mas ela não quer que eu voe, porque elas batem-me e chamam-me. Eu já falei com uma senhora, que andava com aqueles problemas meus e ela disse para eu ir a alguém que saiba o que há. Mas eu nunca quis crer nisso!

Quarto momento

A Reescrita da vida como história e como campo de conhecimento social

Introdução ao quarto momento

Como atrás referimos, este é o momento em que faremos a nossa própria leitura da história de vida da D. Silvina. Vamos fazê-lo com a disposição de escrever de novo o seu percurso de vida e a sua visão da realidade com a atitude de que nos fala Paulo Freire, quando afirma que “ler é reescrever” (Freire ; 1999).

Neste sentido, embora a nossa leitura vá visitar o conteúdo explícito do discurso da nossa narradora, queremos que o nosso entendimento se construa também sobre os silêncios que ele comporta, enquanto parte de um tecido ampliado de relações sociais. Trata-se, portanto, de uma leitura atravessada pelas perguntas que dirigimos ao texto e a nós mesmas, mantendo presente a sua autora. Esta leitura foi construída a partir da sinalização do que consideramos como indícios de um movimento discursivo de auto-revelação e de reconstrução da D.Silvina por si mesma. Esta leitura anotada do texto que atrás apresentamos consta do anexo e nos parece interessante por explicitar o processo de produção de evidências e de inferências, sobre os quais apoiaremos não só a nossa interpretação analítica e crítica da história de vida como também a nossa perspectiva sobre os desafios que esta vida parece colocar como limites e potencialidades da educação.

O conhecimento que iremos construir assentará, numa primeira fase, sobre a construção de conhecimento da D. Silvina sobre si mesma e sobre o mundo social que ela objectiva a partir da posição que ocupa no espaço de produção, no espaço doméstico e da comunidade local. Sabendo que toda história de vida sintetisa conjuntos de relações estruturadas para garantir a reprodução da vida biológica, da força de um trabalho social dividido e divisório de grupos sociais e da cultura, procuraremos apreender o que resulta da selecção, articulação e atribuição de sentido a alguns acontecimentos, contextos e experiências da sua vida em detrimento de outros.

Tentaremos depois ir um pouco mais além daquilo que nos é dado pelo seu discurso directo, na procura de compreender a interpretação que a D. Silvina faz da sua vida,

constituindo-se como hermeneuta da sua própria história. Dado que a nossa base de leitura da realidade elegeu socialização como fenómeno social estruturado e estruturante das relações geracionais e de género, bem como das relações de classe e de pertença comunitária, optamos por atender as posições de identidade social atribuídas e investidas por esta mulher na apresentação de si mesma. Interpretamos estas duas formas de identificação social como sinal de presença de relações sociais mais amplas, como indícios da delimitação estrutural de possibilidades de pensamento e de acção que definem a auto-compreensão do sujeito segundo funções socialmente reconhecidas e/ou segundo a perspectiva de devir, interiorizada na socialização primária e/ou por uma aculturação voluntária segundo padrões exteriores aos contextos de vida imediatos.

É na discrepância entre a identidade social que é sucessivamente reconstruída pela apropriação de disposições secundárias exigidas pelo desempenho de papéis sancionados pelos contextos imediatos e a identidade construída e sancionada subjectivamente na reflexão da D.Silvina sobre si mesma e sobre o mundo, mediada por múltiplos universos simbólicos a que vai tendo acesso, que esperamos descortinar a sua subjectividade. Esta subjectividade que parece recusar-se a interiorizar disposições correspondentes à sua posição social como subordinada e/ou excluída em diferentes espaços estruturais e que parece transparecer na recorrência a determinados temas que parecem falar sobre as *coisas que a D. Silvina tem enterradas dentro dela e que, embora ela não conheça conhece melhor do que ninguém* (Bourdieu;1997).

Os quadros que iremos apresentar de seguida pretendem, sobretudo, facilitar o acompanhamento da nossa decifração da estrutura que configura a produção de significado para os acontecimentos e experiências vividas em circunstâncias socialmente determinadas ou investidas nas margens dos espaços de reprodução social. O conteúdo dos mesmos será retomado na revisitação analítica e crítica dos temas emergentes e recorrentes na construção da história de vida.

4.1 Os factos que constituem a trajectória de vida

O quadro que abaixo apresenta os acontecimentos que a nossa narradora convoca para conferir historicidade à sua própria trajectória de vida, como processo de reprodução do grupo familiar ⁵² e da força de trabalho experienciado na relação com oportunidades ou constrangimentos, entre a luta pela sobrevivência e a luta pela afirmação da existência pessoal e social.

<i>Oportunidades</i>		<i>Constrangimentos</i>	
1942	Fica com a mãe que se emprega como "aguadeira" na estrada mãe emprega-se na casa de um professor	Nascimento	Fome e conjuntura da II Guerra A mãe trabalha longe de casa
1947	Fica com a mãe que se emprega como "aguadeira" na estrada Mãe emprega-se na casa de um professor		Saída da terra com a mãe Os irmãos vão servir agricultores
	Esteve oito dias na escola		Mãe deixa a casa de professor
1950	Observa a escola pela janela		É posta a cuidar de duas crianças; foge
1951			Vai servir para casa de agricultores; foge
	Fica 8 dias para casa da professora que "ensina"		
1956	aprende " ler" folheto para participar na procissão		
1957	hospitalização de um mês e meio encontro com primo médico;		
	aprende a " ler" revistas observa partos e ajuda		Cirurgia à sinusite
	aprende a " ler" revistas observa partos e ajuda		Volta a servir agricultores
1958	acumula trabalho remunerado. Participa na organização de actividades sociais locais e em grupos de raparigas		
1960	faz-se sócia do clube	Gravidez involuntária	
	Imigra e é incorporada à família do companheiro. Casa		Torna-se ajuda da sogra e do marido na cerâmica
1962	Trabalha nas marinhas de arroz	Nasce a 1ª filha	a filha sofre acidente quando acompanha a mãe ao campo

⁵² que inclui nascimentos, mortes, situações críticas de doença e saídas e reentrada dos filhos no agregado familiar.

1964	torna-se operária reabilitação em Lisboa	Nasce a 2ª filha Sofre acidente de trabalho grave	entrega as filhas a cada uma das avós
1966	vai ao cinema-teatro-passeia-costura	Nasce o 3º filho	regressa à mesma cerâmica ainda com baixa, a coberto do seguro
1967	Volta a ser jornaleira agrícola Recorre ao tribunal de trabalho	3º filho começa a ter convulsões	Tenta outras fábricas Não se adapta
1968	recebe dinheiro do seguro	Nasce o 4º filho	
1969	compra terreno para a casa		
1971	vai buscar filha à serra faz promessa em Fátima	Nasce 5º filho com saúde frágil	Desfaz-se de bens para pagar promessa
1973	marido emigra mas regressa	2ª filha é atropelada	
1974		Filha vai servir casa de uma costureira	
1975	emprega-se numa cerâmica	1ª filha volta a casa	Filha queixa-se de esforço e intimidação
1976	Promessa em Fátima 1ª filha faz 4ª classe Lisboa	2ª filha sai como companhia da tia	A 1ª filha "ajuda" na fábrica 2ª ajuda a tia na costura
1978	investe nas obras da casa beneficia da baixa de parto 3º filho completa 6ª classe	Morre 4º filho Casamento da 1ª filha Nasce 6ª filha	
1979	2ª filha acaba 4ª classe em Lisboa	2ª filha volta a casa fica grávida e casa	Filha sente-se intimidada pelo tio e a mãe quer que ela regresses a casa
1983		Nasce a 7ª filha	
1984	Internamento da 7ª filha		
1985	5º filho sai da escola c/ 4ª classe	3º filho emigra com o genro p/ Suíça	
1988	1ª filha emigra		A neta a fica uma ama e com a bisavó
1989		Mãe entra no agregado	2ª filha foge do marido por maus tratos
1990		acolhe os quatro netos	Entretanto emigra e deixa os filhos
1991		Dois netos saem para centro de acolhimento	6ª filha abandona a escola no 5º ano
1993	regressa a casa: investe agricultura		Abandona a fábrica
1994	tenta comércio ambulante		7ª filha sai da escola com a 4ª classe
1995		6ª filha casa e emigra para a França	
1996		6ª filha divoreia-se e emigra p/ Luxemburgo	
1997	6ª filha divorcia-se e volta a Portugal com outro companheiro		
1998		netos voltam do internato	
1999		5º filho casa	
2000	Sonha c/ reforma 7ª filha fica com os pais	A mãe morre Netas vão juntar-se com a mãe no Luxemburgo 7ª filha casa	
2001	tenta rendimento mínimo	7ª filha sai de casa	Filha foge por maus tratos do marido
2002	Recebe pensão de invalidez	6ª filha regressa a casa com companheiro com um filho e está grávida	

2003		7ª filha regressa a casa com novo companheiro e está grávida	
------	--	--	--

O que podemos constatar é que os acontecimentos que a D. Silvina assinala se referem a condições tão básicas quanto o viver com a mãe e com os irmãos enquanto a mãe trabalha, brincar com outras crianças, conviver e aprender com pessoas da comunidade e, não sendo possível, acompanhar a mãe no trabalho na estrada ou na casa do professor.

A sua relação com a educação formal parece restringir-se à posse do material escolar que lhe dá o professor e a mãe das crianças de quem ela cuida e que deixa entregues a si mesmas enquanto vai observar através da janela da escola o que lá se ensina. Ora, é precisamente o que lá se ensina que ela volta a procurar quando foge para casa da professora ou quando a sua participação comunitária requer a competência de leitura.

Aprende a ler no hospital nas duas vezes que é internada e considera que estas foram as oportunidades de não viver na escuridão por não entender o que se passa no mundo.

A expectativa de um futuro melhor que viveu no primeiro internamento, foi perseguida pela D. Silvina pela acumulação do trabalho agrícola, com remuneração, o que lhe permitiu adquirir alguma coisa parecendo que iria iniciar uma nova etapa de recuperação do que havia deixado para trás, na serra. Esta posse do mínimo, deu-lhe o poder de participar em actividades sociais locais, de ser reconhecida como elemento de um grupo e de se associar livremente a outros jovens.

Esta trajectória de melhoria de condições de existência é interrompida quando, involuntariamente, ela engravida e é incorporada noutra família pobre onde também exerce a função de ajuda, a troco de condições básicas de sobrevivência física. A D. Silvina passa, então, a ver no trabalho das marinhas de arroz a possibilidade de escapar à dependência e à fome numa vida em que já é acompanhada por uma primeira filha.

Volta à serra, tenta o comércio ambulante de tremoços, mas a falta de dinheiro para as trocas comerciais faz com que regresse ao trabalho dependente, quando nasce a segunda filha.

É o acidente na fábrica que a promove à condição de operária com direitos de protecção social e a escapar assim às suas circunstâncias de pobreza e dependência do trabalho não remunerado e por conta de outrem. É a necessidade de reabilitação física que lhe permite conhecer Lisboa e ter acesso aos consumos culturais que ela assume como recursos de afirmação da sua nova condição, como membro de uma cidade e de uma época.

Tem o terceiro filho e este adocece. Não se adapta ao trabalho a que o patrão a obriga, recorre ao tribunal de trabalho e, com o dinheiro que recebe do seguro, investe na construção de casa própria, com o próprio trabalho. Nasce o quarto filho e ela vai buscar a filha que estava com a avó materna na serra. Nasce o quinto filho com saúde frágil que a leva a fazer promessas e a desfazer-se do que tinha para as pagar.

A segunda filha é atropelada no regresso da escola. A filha mais velha quer servir mas regressa com queixas do esforço e sofrimento que a mãe conheceu. O mesmo aconteceu com a segunda filha. Ambas vêm trabalhar como ajudas da mãe na fábrica onde a esta já tem um vínculo estável.

Mantém-se o processo de construção da casa e, no mesmo ano, morre o quarto filho, nasce a sexta filha, casa a primeira e a segunda engravida involuntariamente. A sétima filha nasce cinco anos mais tarde e, quando chega a idade de ir para a escola, passa a cuidar das sobrinhas pequenas e de dois sobrinhos que são deixados pela irmã que foge de casa.

Com 51 anos a D.Silvina deixa a fábrica e “investe” na agricultura, ainda tenta o comércio ambulante peixe e fruta, que abandona pela falta de disponibilidade de dinheiro dos consumidores locais. Neste período vê os seus filhos e filhas emigrarem, regressarem, casarem, divorciarem-se e terem filhos para cuidar entre a casa e a fábrica, enquanto ela cultiva alimentos e cria alguns animais para sustento da casa, sonha com a reforma e satisfaz-se com a pensão de invalidez, como forma de compensação pelo desgaste do seu corpo que dói.

Esta trajectória pode “ilustrar” o destino objectivo de muitas outras mulheres que, na mesma Freguesia, lutam por conciliar o trabalho na fábrica com a criação de animais e o

cultivo de alimentos essenciais à sobrevivência, com o trabalho doméstico e com os filhos, como se este esforço fosse inerente à sua “natureza”.

O que torna singular a vida da D. Silvina é o modo como ela se apropria destas experiências de sobrevivência à adversidade para ressignificá-la como existência com sentido emancipatório. O que pode ser lido como fatalidade, ela transforma simbolicamente como afirmação dos seus recursos, como motivo de reconhecimento e capitalização de poder social numa comunidade localizada na periferia de duas freguesias transformadas principalmente a partir dos anos 70. A sua luta trava-se no interior de uma Sociedade em transformação e no contexto de uma comunidade local em que o capital económico acumulado por alguns grupos sociais é imediatamente visível, não só na construção de novas habitações e de novas empresas, que exteriorizam sinais de riqueza como também na reconversão constante deste capital em poder social e em poder simbólico. A D. Silvina vive no mesmo espaço geográfico em que vivem os notáveis que assumem a liderança da política local e que se fazem representar no espaço da Cidadania, no espaço da Comunidade e nas relações estruturadas pelo Mercado.

A vida da D. Silvina e da sua família desenvolve-se numa sociedade e num tempo em que os rituais de consagração do poder, dos motivos e da iniciativa dos empresários, acompanharam, em grande escala, a transformação de agricultores em operários.

Entre os notáveis estão os seus patrões das cerâmicas, o que torna a sua autoridade ainda mais presente e inquestionável, porque deles dependem as decisões colectivas e a mobilização dos recursos públicos. Quando lê o jornal local, são estes os actores sociais que falam e disfarçam o quanto os seus interesses penetram e são representados na gestão de entidades colectivas de interesse público, tais como os Bombeiros, a Misericórdia, o Clube de Futebol, as Associações Culturais e, mais recentemente, as Instituições Particulares de Solidariedade Social. A ocupação simultânea e articulada destes lugares de investimento de poder social e simbólico, pelos mesmos grupos, cria todas as condições para a dominação social e cultural e abre uma via de acesso privilegiado às redes sociais de apoio formal e informal à população.

A história de vida da nossa narradora tem, como contexto sócio-económico e político-cultural, um meio em que a ocultação dos sinais de pobreza se tornou necessária para impedir que a acumulação da riqueza fosse descoberta como realidade construída sobre a política de baixos salários e sobre o trabalho precário que subordina grupos familiares inteiros ao ritmo e às necessidades flutuantes da empresa.

É assim que os grupos dependentes do trabalho vão sendo expropriados do significado da sua própria acção e são excluídos da convivência e participação nos lugares de elaboração cultural e de decisão social. Os interesses da categoria social em que a D. Silvina é integrada pelo trabalho, não podem concorrer ou sequer serem apresentados a par dos interesses dos grupos dominantes. Um exemplo desta exclusão é o facto de alguns centros sociais para a infância terem sido criados com forte participação dos pais trabalhadores e/ou marginalizados pelo espaço da produção e, no entanto, estes grupos não só não estão representados nas direcções, como os seus filhos perderam a prioridade de acesso aos mesmos.

Mesmo a festa religiosa que, por vezes, constitui um espaço de resistência à subordinação, é apropriada localmente por estes mesmos grupos. As famílias ou sujeitos que tenham uma representação negativa não são bem acolhidos no seu estado de necessidade. O horizonte de determinação social da população mais pobre está efectivamente circunscrito ao horizonte que os notáveis definem para ela, que serve os seus interesses particulares de acumulação de poder simbólico.

A vida da D. Silvina está assim simultaneamente integrada e excluída no interior das redes sociais que se estendem entre as redes sociais formais e informais da comunidade, o espaço da empresa e o espaço doméstico, onde a autoridade é mutuamente investida e reconhecida entre grupos dominantes. As suas possibilidades de tomada de consciência enquanto ser-para-si, enquanto cidadã de um Estado Nacional, de uma Comunidade humana que consagra do princípio da igualdade como fundamento da democracia, são fortemente constringidas.

No quadro que anexamos, confrontamos os acontecimentos que constituem a vida da D. Silvina, com o quadro dos acontecimentos históricos que ocorreram desde o seu nascimento, contando poder estabelecer relações entre estes mesmos discursos. O que pudemos constatar neste confronto foi, sobretudo, a discrepância entre os discursos emancipatórios públicos e colectivos e o que pode ser dito a partir do vivido como busca de libertação, pelos sujeitos que vivem condições de exploração da sua energia vital e de opressão no interior das sociedades que produzem estes mesmos discursos.

Convém, no entanto, ressaltar que os ditos mas também o não dito do discurso dos sujeitos que vivem em condições de opressão, podem revelar a dificuldade de inserimos na história os que até agora foram excluídos dela. Basta reconhecer o quanto o direito de usar o “nós” ou o “eles” está interdito aos que são reconhecidos como participantes no “reino dos contemporâneos” é construído por aqueles que assim se definem por amadurecerem, envelhecerem ou subsistirem juntos, construindo o mundo dos predecessores e dos sucessores (Shultz, citado por Passerini :1996:213). É deste mundo de contemporâneos, construído pela grande narrativa da Modernidade, mas também pelas pequenas narrativas que são produzidas pelos discursos políticos e culturas locais, que a D.Silvina resiste a ser excluída

É deste ponto de vista que podemos compreender a história de vida da D. Silvina como uma entre inúmeras histórias dos que fazem parte dos grupos que, principalmente a partir de meados dos anos 70, foram exorcizados da consciência colectiva, porque mantinham os sinais da pobreza que era preciso ocultar, porque manifestavam as contradições da dinâmica de desenvolvimento económico local.

As condições em que ela vive a sua vida são comuns, não só aos imigrantes das zonas interiores que vieram à procura da terra prometida, mas também à vida de algumas famílias de agricultores sem propriedade ou de operários não qualificados, desde o momento em que deixaram de ser produtivos, e/ou que entraram numa fase de “reprodução de “novos seres humanos” (Iturra,1994) sem contar com a protecção do Estado Providência, ou sequer da Sociedade Providência.

A vida de que ela nos fala é objectivada pelos que na mesma Freguesia vivem fora das circunstâncias de opressão, dependência e marginalidade estruturais que a retêm naquela pequena comunidade de residência, como luta pela sobrevivência de um entre muitos outros “estranhos” do meio. Foi nesta zona, duplamente periférica e estigmatizada, que a D. Silvina construiu a sua pequena habitação, onde nasceram e crescerem seis dos seus sete filhos, entre 1962 e 1983 e para onde voltam a cada ano as duas filhas e o filho que emigraram para Suíça e Luxemburgo.

Importa agora de compreender como a sua subjectividade foi sendo construída como parte das condições que tornam possível a apropriação desta trajectória de sobrevivência numa existência investida como emancipatória.

4.2 A subjectividade que se forja no conflito de identidades e identificações

Neste segundo quadro apresentamos o recorte temporal que estrutura o significado de um enredo tecido pela referencia ao desempenho simultâneo de papéis sociais e pela expressão da subjectividade relativamente indeterminada por esta forma de auto-compreensão de si, enquanto actora social.

Recorte tempo	Acontecimentos e temas	Identidades atribuídas	Posições de identidade investidas
0-5 anos	<p>Conflito, doença, prisão e internamento do pai Tratamento diferenciado do pai na prisão e protecção dos familiares da mãe</p> <p>Trabalho da mãe como agricultora, comerciante e participante em redes de solidariedade primárias</p> <p>Esforço da mãe no sustento da família Empobrecimento da mãe</p>	<p>Filha de pequenos lavradores</p> <p>Par de outras crianças da família e da vizinhança</p> <p>Filha de mãe sozinha no meio rural e pobre</p>	<p>Herdeira potencial do saber "letrado" que foi instrumental a luta pela justiça social Filha de "boas famílias" (família com bens económicos)</p> <p>Criança que participa de práticas tradicionais locais e relações intergeracionais</p> <p>Vítima da fome gerada pela conjuntura da guerra</p>
5-7/8 anos	a oferta de material escolar pelo professor	Filha da empregada doméstica e agrícola na casa do professor	Criança-educanda-aluna

	o esforço físico na ajuda a mãe a falta de alojamento	Filha da "aguadeira" na construção de uma estrada	Criança com capacidades para enfrentar riscos e ajudar a mãe
8-9 anos	abandono por necessidade a fome o estigma, a marginalização e a dependência social o exagero do esforço a pobreza como justificação do trabalho infantil a fuga como solução	Empregada de casal estigmatizado como vigilante de duas crianças pequeninas	Criança frágil e em risco carente de protecção e cuidado Filha pequena de uma mãe presente
9-15 anos	a exploração da força física desproporcional à idade circunstâncias de pobreza e trabalho infantil a fuga como saída de situações de mau tratos a leitura como instrumento de participação social	Empregada agrícola e companhia de uma mulher dependente Membro da comunidade local	Criança vítima da exploração de trabalho infantil Criança desprotegida face a maus tratos Par de outras crianças que participam na paróquia
15 anos	pertença a família do médico a falta de diploma da parteira curiosidade e aprendizagem a proximidade e confiança de pessoas com saber diferenciado	Utente do serviço hospitalar "Ajuda" em tarefas diferenciadas baseadas em conhecimentos periciais	Jovem interessada em actividades de leitura Agente voluntário na prestação de cuidados de saúde Colaboradora e confidente da Freira
15-18 anos	A atitude de cuidado e de protecção da patroa A aprendizagem de saberes domésticos especiais A compra da ovelha como investimento patrimonial A inclusão no grupo e no clube como conquista e mérito pessoal A contribuição material na vida do clube As notícias como abertura ao mundo fora do círculo das relações locais	Empregada agrícola residente e Não-remunerada Empregada agrícola em horário pós laboral remunerada Jovem da Comunidade Ouvinte da rádio	"Filha" da patroa Proprietária de gado Animadora de relações no grupo de jovens Sócia especial do clube Jovem com visão do mundo informada pelo exterior da comunidade
19- 23	Ser "enganada"	Mãe solteira; jovem "leviana"	Jovem ingénua e respeitável

	<p>Esforço físico e fome em condições de fragilidade (gravidez)</p> <p>Pobreza, privação e fome Falta de autonomia por abuso de poder</p> <p>Exploração e maus tratos Acidente</p>	<p>Companheira accidental do filho Recurso na reprodução da economia familiar</p> <p>Migrante do interior Jornaleira agrícola nas marinhas de arroz e parceira de trabalho masculino Ajuda" o marido e da sogra na cerâmica</p>	<p>Trabalhadora excepcional</p> <p>Mulher resistente e corajosa</p>
23 -24	<p>Oportunidade de aprender a ler e a costurar</p> <p>Colaboração em acções de beneficência no Hospital</p> <p>Consumos culturais</p>	<p>Utente de serviços de saúde e reabilitação -Águeda e Lisboa visitada pelo marido</p> <p>Leitora, telespectadora Ouvinte da rádio Frequentadora do cinema</p>	<p>Mulher com atributos intelectuais, domésticos e sociais próprios de classes mais favorecidas</p>
24-29	<p>Exploração da força de trabalho e maus tratos</p> <p>Pobreza e exigência de esforço em condições especiais de fragilidade (sequelas do acidente)</p> <p>Riscos inerentes à tarefa</p> <p>Convivência com agricultores</p>	<p>Vítima de acidente de trabalho com direito a indemnização</p> <p>Trabalhadora indiferenciada</p> <p>Mãe: prestadora de cuidados e Educadora</p> <p>Facilitadora do trabalho do parto (como processo natural)</p> <p>Jornaleira agrícola</p>	<p>Cidadã como direitos</p> <p>Mulher capaz de esforço e responsável pela sobrevivência da família</p> <p>Parteira que manipula saberes "periciais"</p> <p>Camponesa - participante de uma cultura tradicional e de redes de "interajuda</p>
29-55	<p>Esforço e Competência</p> <p>Tempos livres trocados por trabalho remunerado</p> <p>Cuidados e Doença dos filhos</p>	<p>Operária fabril</p> <p>Mãe providente e competente</p> <p>Em situações de risco de vida</p> <p>Contactos com hospitais</p>	<p>Mulher competente para assegurar a satisfação de necessidades de cuidados diferenciados de saúde</p>
55 (?)	<p>Limites de esforço físico</p> <p>Prazer na actividade do campo</p> <p>Disponibilidade e competência para ajudar na resolução de problemas que requeiram bom senso e sabedoria</p>	<p>Ex-operária</p> <p>Agricultora nos tempos livres</p> <p>Mãe e avó (chefe da família)</p> <p>Colabora da Instituição de Acolhimento</p> <p>Telespectadora</p> <p>Leitora da actualidade</p>	<p>Voluntária social</p> <p>Apreciadora do ambiente</p> <p>"Cidadã" do mundo</p>
60 anos	<p>A boa vontade do médico e do assistente social</p>	<p>Beneficiária pensão de invalidez</p>	<p>Cidadã com direitos sociais</p>

	Afirmção do desejo de manter a sua "quintita"		Pequena proprietária rural com casa própria
--	---	--	---

Pensamos que o conteúdo deste quadro permite-nos inferir que as categorias que organizam o pensamento e a acção da D. Silvina nos remetem tanto para a sua origem familiar quanto para o seu enraizamento na cultura rural, ampliados a outros universos sociais e culturais mais remotos a que ela acede principalmente através dos media. A distância entre as identidades que lhe são atribuídas e aquelas que ela investe como lugar ou posição, parece deixar transparecer a sua inconformidade com as perspectivas de devir que corresponderiam tanto às suas condições sociais actuais quanto às que viveu desde a sua infância. Pensamos que esta resistência pode, em parte, justificar o seu empenho na apropriação de recursos simbólicos que lhe permite projectar a sua experiência quotidiana em mundos sociais pouco acessíveis às suas condições actuais.

A subjectividade da D. Silvina expressa, assim, tensões e contradições de relações sociais mais amplas, que estruturam e imputam significados ao seu discurso como voz dos grupos dominantes. Talvez tenha sido esta a potencialidade heurística das histórias de vida explorada por Ferrarotti e talvez seja também esta a manifestação do todo estruturado de categorias mentais que Foucault (1987) refere como sujeito transindividual e que considera que é obra colectiva.

Ao investir em posições de identidade mais favoráveis do que aquelas que a identificam, a nossa narradora dá expressão não só às contradições de quem tem que viver múltiplas identificações relativas a papéis sociais concorrentes mas também às contradições dos mundos sociais mais amplos, em que ela se procura reposicionar mais favoravelmente, como sujeito. É deste ponto de vista que podemos problematizar a ideologia como forma de conhecimento social que pode ocultar as proximidades e distâncias sociais que tanto regulam o acesso dos sujeitos à estrutura de oportunidades que vai sendo criada quanto o impacto dos constrangimentos sociais.

Fora deste plano de análise macro social corremos o risco de interpretar como características ou contradições internas da D. Silvina o que é expressão de relações de dominação económica patriarcal que ela, como a grande maioria da sociedade, reproduz porque não consegue objectivar e criticar no estado de imersão em campos sociais.

Fora da consideração pela força das relações de poder e de dominação, incorríamos também o risco de representar a vida da D. Silvina como ilustração de uma alegada "cultura de pobreza". Preferimos entender as diferenças como produto da desigualdade de condições materiais de apropriação de bens simbólicos consagrados pelos grupos dominantes e também como resultado do trabalho de filtragem que os grupos dominados têm que fazer dos sistemas de significados dominantes que visam preservar distâncias nas relações geracionais de género e de classe.

É esta luta contra a desigualdade social que se reproduz e que é reificada como diferença cultural, que podemos encontrar no modo como a D. Silvina trabalha alguns temas recorrentes na sua narrativa de vida.

4.2.1 Um corpo fragilizado pelo esforço e pelas circunstâncias de pobreza

Como nos devemos lembrar, a D. Silvina inaugura a sua história de vida referindo-se ao momento em que acompanha a mãe no trabalho de construção da rodovia que liga Canelas a Águeda, deixando assim o lugar em que era pequena proprietária agrícola. Da sua perspectiva, a mãe trocou o trabalho na estrada pelo emprego na casa de um professor até encontrar um novo companheiro com quem ela vai morar e que a rejeita⁵³. Nestas circunstâncias, a mãe é obrigada a pô-la a servir, a cuidar de duas crianças, uma com um e outra com dois anos de idade. Então, *começa o pior da sua vida*, como ela refere.

É possível que a D. Silvina refira estes incidentes como determinantes das suas condições de vida, para justificar o abandono pela mãe quando ela ainda era pequenina e a havia acompanhado e ajudado, quando se inseriram no mundo do trabalho duro na estrada.

⁵³ Esta versão é diferente da que nos foi dada pela mãe, segundo quem ela saiu da casa do professor para o trabalho na estrada porque o professor "queria a sua filha"

É por se imaginar como filha, como descendente de uma mãe e de um pai pertencentes a famílias que ocupavam uma posição social favorecida (mais do que ela ocupa actualmente) e que já possuíam um capital cultural que ia para além do partilhado com a comunidade local, que ela se constrói como criança. Trata-se, no entanto, de uma criança que é vítima de circunstâncias da guerra e da doença do pai e que é obrigada a abandonar os bens de que seria herdeira para sobreviver à adversidade.

Esta parece ser uma das formas pelas quais a D. Silvina nos desafia a compreender a não-conformidade das suas disposições às condições de pobreza e de subordinação que definem a sua posição actual.

As representações que constrói sobre a sua infância, a partir do momento em que sai de perto da sua mãe, são a de um corpo fragilizado pela fome e/ou por outras condições especiais, mas que está constantemente submetido a exigências de um esforço superior ao que seria esperado de outras pessoas.

Esta experiência representada como abuso de esforço, de exploração e de maus tratos de um corpo debilitado pela fome e por condições excepcionais, está presente ao longo de todo relato autobiográfico. Está presente quando a D. Silvina fala da sua infância, como filha que acompanha a mãe no trabalho e dorme em baixo da ponte, quando é mordida por um insecto venenoso e sai com a mãe à procura de ser curada pela filha do professor e depois pelo médico e está também presente quando cuida das crianças, suporta o seu peso e vive exposta a intempéries ou quando trabalha na casa dos agricultores. Surge também quando ela se refere ao controle a que o seu corpo e o de todos os homens e mulheres eram submetidos na fábrica, visando a exploração máxima da força do seu trabalho. Mas ela própria se impõe tal exploração quando permanece na fábrica até ao momento do parto ou até a exaustão e à doença que a fazem abandonar o trabalho sem se despedir e sem garantir os seus direitos.

O abuso de esforço e a fome estão também presentes quando ela fala da sua primeira gravidez em que carregava telhas e só tinha cebola para comer e caracteriza a descrição do seu regresso à serra, com a filha pequenina e a referência às idas ao hospital a pé, em que

tinha que carregar a sua filha "à cabeça", para lhe assegurar a reabilitação depois do atropelamento. Quando se refere aos filhos este corpo forçado dá lugar ao corpo insuficientemente cuidado ou doente de crianças pequeninas que estão presentes ao seu lado, no campo e na fábrica, ou que são deixadas entregues a si mesmas ou umas às outras, enquanto ela lhes vai buscar o sustento e a possibilidade de terem uma casa sua.

Por esta causa consome toda a energia do seu corpo no cultivo da terra arrendada ou dos lavradores que lhe dão um trabalho que se prolonga em horas extraordinárias retribuídas com restos de comida. Por esta causa, trabalha na fábrica e lá fica limpando as máquinas quando todos se vão embora e vai lá aos fins de semana limpar o escritório e, por isso, prescinde também do seu direito a férias.

A D. Silvina parece suportar todo este esforço fazendo-se acompanhar no campo ou na fábrica pelos filhos e filhas que assim vai integrando, desde muito cedo, no mundo adulto da produção e da exploração que se prolonga entre a casa, o campo e a fábrica. Nesta trajectória, eles passam obrigatoriamente pela escola, combinando a sobrevivência do corpo com a obrigação de aprender a ler o mundo para além dos limites do espaço e do tempo imediatos.

4.2.2. A arbitrariedade que silencia e subordina o pensamento à acção

Em todo o seu discurso, a nossa narradora acentua o sentimento de expropriação de poder de resistir ao esforço e à exploração do seu corpo por uma autoridade que é relativamente arbitrária e depende da posição económica de quem a exerce e a que só se pode escapar, fugindo, sem questionar a sua legitimidade.

É por isso que ela obedece ao casal que faz biscates na construção civil e que a solicita para cuidar dos filhos pequeninos. É o medo do abandono, da fome e do castigo que a faz *carregar os meninos pelas costas abaixo quando ela é que precisava ser cuidada porque também era fraquinha e tinha fome*. Por isso se submete igualmente a exigências de esforço que ultrapassam as suas capacidades na casa dos patrões agricultores. Ele é um madeireiro,

que casou por interesse nos bens da mulher, que era viúva . Ele nunca está em casa, mas estava presente para a castigar quando ela partiu um cântaro que não conseguiu pousar porque era demasiado pesado e quando atingiu a patroa com uma pedrita, que não era dirigida a ela.

Dado que "*a vida continuava na mesma*" ela não podia contar com a protecção da mãe face a este poder arbitrário e tem que subordinar a ele ou fugir. O sentimento de estar exposta ao poder de quem depende para sobreviver, justifica que ela tenha que criar um cenário de trovoadas e fazer notar que o casal era rejeitado dos lugares onde se refugiava e procurava abrigo, para enquadrar a atitude de acolhimento da mãe quando ela fugiu do primeiro casal que a empregou.

Na segunda fuga, esta protecção da mãe contra o risco de ser castigada e explorada, já não funciona. A D. Silvina foge mas, desta vez, procurar abrigo na casa da professora e aí permanece por oito dias, por sentir que não tem defesa ou justificação para não se subordinar à autoridade e à punição dos patrões que, da sua perspectiva, seria "naturalmente" moderada se ela fosse reconhecida como filha deles.

A nossa narradora justifica a dureza com que era tratada, o castigo físico e a falta de perdão para os seus limites de capacidade, dizendo que eles eram assim *porque não tinham filhos*. Ela faz esta observação mas não se apercebe nem critica a atitude da mãe que, embora a tenha libertado da inserção numa família estigmatizada pelo meio, não a liberta do *trabalho escravo, que nem sequer era pago*, que a impedia de ir a escola e que a condenava a viver apenas pelos meios essenciais à sua sobrevivência física - a comida, a roupa, o calçado e o alojamento. Por outro lado, como veremos adiante, a relação com estes patrões é ressignificada de modo a naturalizar o poder e a autoridade que exercem sobre ela, vendo a patroa como mãe.

A arbitrariedade também parece subordinar o seu pensamento quando ela refere, para justificar o facto de ser aceite no Clube local onde colaborava, que era vista "*tal qual como uma pessoa rica, apesar de ser uma criada*". A D. Silvina considera que ocupa uma posição privilegiada devido à sua humildade, sem problematizar o facto de ter ficado grávida involuntariamente num desses bailes, em que ela não se poderia fazer acompanhar

por um pai, irmãos ou pela mãe, como acontecia com as outras raparigas. Limita-se a sentir-se “enganada” e nem sequer fala do assunto à patroa, até o dia em que se foi encontrar em Águeda, com a irmã do rapaz e foi impedida de voltar.

Passou, assim, a morar na casa da família dele onde, aliás, era esperada pela mãe dele. A família do rapaz é muito pobre e é desvalorizada localmente, mas quando a patroa a procurou e pediu que ela voltasse porque gostava muito dela, ela pôde recusar-se a ir e, com o apoio do companheiro, disse que “*bastava de servidão*”. Dias depois, no entanto, ela já era “ajuda” dele e da mãe na cerâmica onde trabalhavam e ela dormia em cima de um curral, tal como quando cuidava das crianças pequeninas.

Este reposicionamento social abrupto, em condições semelhantes às da sua infância, como companheira de um homem que não é capaz de sustentar a família ou sequer a si mesmo, devolve-a à luta corpo a corpo para sobreviver à fome, alimentar os filhos e marido e assegurar abrigo e agasalho.

A D. Silvina parece ter retomado automaticamente as disposições incorporadas no tempo em que acompanhou a mãe e passa a definir os seus papéis segundo os princípios de visão e de divisão do mundo, a que se refere como categoria que vai buscar ao universo simbólico do meio em que nasceu e cresceu. É o mundo da vida camponesa e o modelo tradicional de família, que foi sustentado pela narrativa da sua mãe, que se mantêm como a sua figura de referencia enquanto companheira de um destino roubado pelas circunstâncias de empobrecimento e de pobreza conjuntural. Ela não questiona a autoridade do marido, limita-se a exercer a autonomia relativa que é dada pelo seu trabalho e investe em possíveis melhorias da sua posição no exterior ao espaço doméstico. Limita-se a referir que ele não trabalha e a manifestar a sua indignação pelo facto de ela não contribuir para o sustento da família e para a casa. A esta sua tomada de consciência não corresponde, no entanto, qualquer tomada de posição. Em vários momentos da sua narrativa parece não só consentir como até legitimar esta ordem das coisas, em conformidade com o padrão que é adoptado pelas outras mulheres da comunidade e, importa dizer, que vê também representado abundantemente nos media – nas revistas, nos programas radiofónicos, nos filmes e nas novelas.

Pelo que podemos ouvir na sua narrativa, a sua consciência da injustiça da situação e a eventual consciência da arbitrariedade das relações de género, não se efectiva como prerrogativa de direito de decisão sobre a retribuição financeira do seu trabalho. O marido dispõe do dinheiro que ela recebe do seguro, gasta-o no jogo com os amigos, com quem bebe, continuando a ser alimentado por ela. Como ela mesma refere, a comida a ele e aos filhos não pode faltar, mesmo que ela passe fome depois de trabalhar todo dia para seu sustento. Quando a nossa narradora descreve a posição e as disposições do marido na sua relação com a Comunidade, ela vê nele o vencedor dos campeonatos do jogo da malha e aspira poder fazer uma sala onde a família possa expor os seus trofeus, como se se tratasse de um capital simbólico que pertence a todo grupo familiar.

A autorização silenciosa que a D.Silvina dá às relações de dominação é também evidente quando aos dezanove anos ela volta à condição de “ajudante” num trabalho que é pago ao marido e à sogra, numa cerâmica de barro vermelho. Ela acumula este trabalho com a função de jornaleira agrícola nas marinhas de arroz, o que era actividade até então reservada aos homens e melhor remunerada. No final do trabalho, fica na casa dos patrões, para receber restos de comida em troco de ajudar a patroa a dar de comer ao gado. Alimenta assim o seu marido e as duas filhas pequeninas, até que o acidente na fábrica os dispersou entre as casas das duas avós durante quase dois anos.

Naquele momento crítico, como veremos adiante, a D. Silvina parece ter reconstruído mais uma vez o seu horizonte de devir e a concepção de si mesma, com recursos do mundo interiorizado pela socialização primária da sua nova condição de empregada assalariada na indústria com direitos sociais e de universos sociais e culturais que ela havia conhecido no primeiro internamento hospitalar, através das memórias do pai narradas pela mãe e dos media.

Importa referir que a conquista de direitos sociais ocorreu numa situação acidental e num contexto em que se procurava uma solução para a entidade patronal, que se viu obrigada a pagar despesas a uma trabalhadora não vinculada pelo contracto de trabalho. Talvez por isso, as regalias sociais nunca puderam ser usufruídas como tempo de dispensa do trabalhar, que ela teve que reassumir, ainda ao abrigo da baixa pelo seguro, no seu

regresso de Lisboa. O estatuto de doente que mantinha as suas prerrogativas sociais perde a sua validade e ela volta à servidão na fábrica onde teve o acidente, mas acaba por ir procura trabalho fora da sua relação com a entidade patronal que a obriga e recorre ao tribunal de trabalho. Pouco tempo mais tarde recebeu algum dinheiro do seguro (indemnização?) pelo acidente laboral. Durante o tempo que se seguiu a D. Silvina empreendeu no que parece ser um dos elementos fundamentais do seu projecto de emancipação.

4.2.3 A acção social significada por um outro horizonte de determinação

Com algum do dinheiro recebido da companhia de seguros (?) investe em meios empresarias, ou seja, compra uma bicicleta motorizada para o marido poder trabalhar, já que não se adaptava à fábrica ou à situação de emigrante, tentada algumas vezes. Mas, sobretudo, investe na compra de uma casa, que depois troca por um terreno para construção de um espaço com melhores condições de habitabilidade.

Quanto à escolha da casa ou do terreno, obedece estritamente à sua possibilidade de o pagar em prestações directas ao vendedor e inicia sozinha a construção da pequena habitação familiar. A D. Silvina sustenta durante alguns anos o esforço financeiro necessário à construção da casa, com trabalho em horas extraordinárias. Trabalha também directamente nos acabamentos, em horário pós-laboral, fins-de-semana e férias. A casa é entretanto concluída com algum dinheiro dado pela mãe quando esta vem residir consigo.

A desresponsabilização do marido neste projecto pode ser inferida não só da referência que ela faz ao facto de ele não lhe ter deixado “*um tostão sequer para ela comprar um avental*”, mas também do episódio em que lhe falta o dinheiro para pagar uma prestação (porque ela havia trocado o dinheiro para comprar uma peça de enxoval à filha) e em que ele se nega a pagar a prestação, apesar de ela saber que ele tinha dinheiro para isso. Um episódio que dá conta de como ela efectivamente se vai construindo como “chefe de família” confiável pela comunidade, é o do vendedor do terreno que recebe uma proposta melhor de um outro comprador. Segundo nos conta a D. Silvina, ele terá tentado alegar a

falta de capacidade financeira e de palavra do marido, mas o compromisso de honra foi cumprido porque confiaram na sua palavra, porque ela “*tinha uma cara como a dele*”.

Para sustentar o esforço de compra do terreno a D.Silvina volta a trabalhar aos dias fora, como jornaleira agrícola. Pensamos que esta situação foi experienciada também a partir da sua experiência e do mundo social interiorizado através da socialização primária. Enquanto esteve na serra, com a sua mãe, ela pôde efectivamente participar nas trocas de trabalho, nas solidariedades primárias que aí se estabeleciam. Talvez esta seja a “matriz” afectiva e cultural que faz com que ela se sinta convidada e reconhecida pelo seu esforço e pela sua participação e que se refira à relação com os patrões como gosto pela convivialidade.

No entanto, a insuficiência dos rendimentos de trabalho do agregado familiar, no qual o marido participa de forma inconsistente e precária, obriga-a a um esforço constante de encontrar estratégias que podem ser reconhecidas como investimento em propriedade. Compra uma motorizada e um atrelado para o marido vender sardinha e fruta. Pensamos que ela mesma tentou exercer esta actividade enquanto esteve ao abrigo do seguro. No entanto, como a população compradora também não tinha dinheiro para pagar, teve que desistir da actividade. Recorde-se que esta é a mesma situação de quando ela voltou a serra e tenta a venda ambulante de tremoços, em 1963. É também a mesma situação que enfrentaram a avó que vendia milho e a mãe que vendia queijos em tempos de pós-guerra.

A agricultura de subsistência acompanha toda a sua trajectória e é através desta que ela consegue assumir a responsabilidade pela sua família, que consegue sobreviver em períodos de grandes dificuldades.

Quando volta a trabalhar na indústria já é integrada como operária e, algum tempo depois, já beneficia da baixa de parto (que lhe permite dar um avanço a construção da casa). Ela foi chamada a casa e sentiu-se convidada pelos patrões. Mais uma vez se sente reconhecida pelas suas capacidades de esforço quase ilimitado que a fazem acumular a jornada de trabalho diário com a limpeza das máquinas, quando todos se vão embora e com a limpeza do escritório aos fins de semana.

É já nesta posição como operária com plenos direitos laborais que a nossa narradora ressignifica mais uma vez a sua condição que projecta para além da posição objectiva que

ocupa, fazendo sobressair as suas competências de ensino, de cuidado e de aconselhamento dos outros operários mais novos, negros, recém imigrados ou “mais pobres”.

Mantém-se nessa fábrica durante mais de vinte anos e aí vai integrando cada um dos seus filhos e filhas, a partir dos doze(?) anos, como aprendizes e quando completavam a 4ª classe como “trabalhadores” ilegais. Só um dos filhos completa o 6º ano. Enquanto trabalhadores, também os filhos e filhas cumprem jornadas de trabalho iguais às dos adultos, com retribuições muito inferiores, sem qualquer protecção ou direitos sociais.

Com o agravamento das sequelas do acidente laboral e com o avanço da idade ela deixa de poder suportar o esforço crescente que lhe é exigido na empresa onde trabalha mais de vinte anos. Consciente da falta que faria à empresa, diz que “*não teve coragem*” para assumir o seu despedimento diante dos patrões, tendo ficado prisioneira do sonho com a reforma a que julga não ter direito.

4.3 A rupturas e continuidades procuradas nas entrelinhas do texto

Teríamos acreditado na D. Silvina quando ela nos diz que o seu sonho era a reforma como operária se ela não atravessasse todo o seu discurso com algumas linhas que parecem alimentar a sua expectativa constantemente adiadas mas sempre reconstruídas num futuro não determinado pelas suas circunstâncias de pobreza e subordinação.

Ao reler, fazer perguntas e “auscultar” o sentido da sua narrativa, pudemos constatar o quanto a sua história de vida é construída pela ressignificação das suas experiências e contextos de vida fora do universo circunscrito pela sua posição social actual, alimentando-se tanto do sentimento de pertença a uma cultura rural, da ideia de que seria herdeira do destino de pequena proprietária rural que a mãe teve que abandonar e da ideia de um “legado” de um pai, cujos horizontes sociais e culturais iam para além do espaço e da cultura locais. De um pai que a sua mãe constrói como inteligente, experiente, criativo nas suas iniciativas económicas e não-subordinado a autoridade arbitrária dos grupos dominantes.

O que a narrativa da D. Silvina nos dá a entender é que estes laços com o seu passado foram algumas das potencialidades de transformação do que lhe era dado como destino de classe, aos quinze anos e aos vinte e três anos, quando esteve no hospital e o seu corpo deixou por alguns dias de ser instrumento de produção e de reprodução, subordinado a uma autoridade arbitrária..

É interessante notar o modo como a D. Silvina passa a experienciar e a representar a sua relação com a patroa quando, com quinze anos, volta à casa depois do internamento hospitalar. Embora o seu trabalho continue a ser pesado e excessivo, relativamente às capacidades esperadas das raparigas com a mesma idade, ela faz uma outra leitura deste contexto, passando a referir-se à patroa como alguém que lhe prepara o pequeno almoço, ensina a fazer bolos e doces e ainda a ajuda, na lida do campo e do gado, quando acaba de arrumar a casa.

A nova autoridade que passou a obrigá-la ao esforço e à obediência aos patrões é ressignificada e passa a ser a de quem cuida dela e compra o rádio, com que ela se pode manter em contacto com o mundo exterior, que já a habitava mesmo antes dela o habitar. É neste outro mundo lá fora, que ela encontrou protecção contra a adversidade, para além dos limites da relação com a sua mãe, descobriu a autoridade autorizada do conhecimento, exercida em nome de um bem comum e de direito de cidadania num mundo aberto ao imprevisto e ao futuro.

4.3.1 A descoberta do nome próprio e de um corpo sujeito e objecto de cuidado

Pelo modo como a D. Silvina se refere a este tempo no hospital, ela parece ter descoberto aí, no cuidado de si pelos outros, a menina que tinha sido cuidada pelos irmãos enquanto a mãe ia buscar alimento até voltar e lhe dar permissão para ir brincar. Experimentou a protecção da família distante que havia interferido quando a doença do pai o tornou uma ameaça para a sua segurança, da mãe e dos irmãos.

Da nossa perspectiva, este reconhecimento do direito próprio de satisfação de necessidades, garantido no espaço público e autorizado por um poder (se saber) que ela

reconhecia como legítimo, foi determinante para que a própria D. Silvina se consentisse habitar o “reino da liberdade” de que lhe falavam, sem falar, quando faziam presente a luta que o seu pai havia travado com os grupos dominantes que arbitrariamente se queriam apropriar dos melhores baldios e que ele enfrentou com o texto escrito, o código civil.

Segundo nos dá a entender a narrativa da D. Silvina, foi no hospital que ela encontrou como par, uma colega da enfermeira, que tinha a sua idade e que lia revistas e em que ela se liberta do estado de obrigação permanente e do risco de punição. Foi com esta colega que ela começou a aprender a ler, a descodificar as palavras que “diziam” o que ela queria saber, pelo que mobilizou todos os recursos que já possuía, designadamente o ter frequentado 8 dias a escola, as observações das aulas, os serões com a professora e a descodificação de sinais do folheto da procissão. Entre estes recursos, encontra-se a memória do material escolar oferecido pelo professor e que ela teve que lá deixar e a lousa rachada, dada pela primeira patroa. A lembrança deste objectos é apresentada como marcos de uma trajectória em que sentiu-se privada do direito de aprender como o faziam as outras crianças.

No hospital a D. Silvina experienciou a liberdade de habitar o interior de micro-sociedade que estava subordinada a uma autoridade não arbitrária que reconheceu através da observação de práticas normalizadas e da hierarquia das responsabilidades que ordenavam as relações que aí se estabeleciam. O que ela parece ter apreendido é que a autoridade da freira estava no saber fazer curativos e que a autoridade da parteira estava na sua perícia e responsabilidade em fazer os partos. Não se tratava da autoridade legitimada por um diploma, que como refere, *hoje existe para tudo, porque na altura não era preciso*. Não se trata do poder oficial, mas sim da autoridade do saber pericial.

No hospital mobilizou também outros dos seus grandes recursos que era a disponibilidade para o trabalho subordinado à orientação dos que exercem a autoridade. Esta disponibilidade talvez justifique que ela tenha sido aceite como ajuda útil no hospital, sem inspirar qualquer reserva por parte do pessoal que provavelmente, viu nela uma pessoa experimentada, capaz de trabalho, de esforço e disciplina pelo que talvez tenha mesmo podido ajudar informalmente os partos, a relação com moribundos e a vestir mortos.

O que ela aprende no hospital é apropriado como novos recursos de sobrevivência que lhe permitem imaginar outros horizontes de possibilidade que são reconhecidos pelo pessoal do hospital que aceita a sua ajuda, pela freira que conversa e confia nela e também pelo parente médico que, segundo ela, gostaria que ela ficasse no hospital a trabalhar. A sua condição de analfabeta surge então como obstáculo a sua escolha vocacional - queria ser parteira.

De volta à casa dos agricultores, é este horizonte de possibilidades que parece dar significado à luta pela sobrevivência que ela trava em condições semelhantes às anteriores, mas que são ressignificadas radicalmente. A D. Silvina parece ter deixado de aceitar o que lhe era dado como destino social e a sua luta contra a adversidade deixa de travar-se apenas com o corpo, pelo esforço e desgaste físico.

Ela pede aos patrões um rádio onde possa ouvir as notícias para saber o que se passa, mas fala de um mundo outro que não o “mundo estagnado, o mundo parado” em que se sente a viver com outras raparigas que mesmo, estando a estudar, não estão interessadas em conhecer, porque estão conformadas com o destino das mães que não sabiam ler também.

É interessante notar como ela justifica o seu regresso à casa dos patrões como opção de uma jovem que queria diversão e liberdade, tal como as outras raparigas da sua idade, considerando que ficar no hospital seria ficar fechada. Por outro lado, começa a referir-se à patroa como “mãe” que lhe prepara o pequeno almoço, que ensina a fazer bolos e doces e ainda a ajuda na lida do campo e do gado, quando acaba de arrumar a casa.

Nesta altura a D. Silvina encontra tempo, depois de fazer todas as suas tarefas, para acumular um trabalho remunerado. Começa a acarretar madeira, ladeira acima, com esforço e suor, mas recebe em troco algum dinheiro como seu e com ele “investe” na compra de propriedade. A propriedade é só uma ovelha, ao que ela se refere com a expressão “*eu queria começar a vida assim, ter o meu gado*”.

Passa então, estrategicamente, a pastorear a sua ovelha, ao mesmo tempo que pastoreava as dos patrões, até dar a ovelha a criar à mãe, que fica contente com esta experiência. O homem com quem a mãe vive rouba-lhe, no entanto, esta oportunidade de voltar a sentir-se proprietária e começa a maltratar a mãe. Diante da sua subordinação e

mau trato, a D. Silvina toma a incitava de levá-la de volta à serra. Toma todas as medidas necessárias (como por exemplo matar e repartir a meias o porco que o casal tinha) e liberta a mãe do homem que as separou quando ela era pequenina. Estaria ela a lutar por retomar o ponto em que a sua trajectória comum foi desviada ?

Não podemos precisar se é nesta altura que a D. Silvina consegue iludir os patrões num domingo em que sai para o trabalho mas levando a roupa com que vai à igreja. Aí, com a cumplicidade da professora catequista, (que a conhecia e lamentava que ela não pudesse aprender a ler) consegue ser crismada. O que ela valoriza deste acontecimento, que envolveu um “*outro padre ...que era um bispo* “, é o facto de ter podido alterar o seu nome pessoal. Passa então a chamar-se Maria Silvina e a juntar-se aos domingos com as outras jovens do lugar.

Ela conta como estas jovens e ela própria quase foram iludidas pelo padre “arremessado de algum céu” que as queria aliciar com a libertação do trabalho escravo e da falta de reconhecimento em que viviam, levando-as para a vida religiosa. A ilusão ou engano estão para a D.Silvina, não na possibilidade de ser dispensada de trabalhar de sol a sol, mas sim no uso da liberdade pelas religiosas. Imagina-se fechada e com a morte precipitada quando envelhecesse, sem que ninguém cá de fora a pudesse socorrer deste destino, definido por uma instituição fechada ao exterior.

A partir desta altura começa a usar os seus recursos financeiros para participar na vida social local. Como pode gerir o seu tempo livre e contribuir financeiramente, o que não seria comum a muitas das meninas da Freguesia, a D.Silvina é reconhecida como participante activa e torna-se uma das primeiras sócias do Clube onde se sente reconhecida “*tal qual como uma pessoa rica*”, apesar de “*ser uma criada*’.

É aos vinte e três anos que a D. Silvina volta ao Hospital de Águeda e aí permanece “um ano e dez dias” indo depois para a reabilitação em Lisboa durante outros oito(?) meses. Pensamos que ela terá revitalizado também neste período mais prolongado, os seus recursos simbólicos e experienciais. Mais uma vez liberta da obrigação permanente de servidão e do reino da necessidade, aproveitou para desenvolver os seus recursos de leitura, aprendeu a costurar para os mais pobres e aproveitou todas as circunstâncias, criadas pelo

seu alojamento em Lisboa, para conhecer o mundo de que falava a sua mãe, porque lá tinha estado o seu pai.

Como atrás referimos este pode ter sido o momento em que a D. Silvina passou a dar um outro sentido existencial à sua luta, quase corpo a corpo pela sobrevivência.

4.3.2 A origem rural como fonte de significados

A D Silvina começa a sua narrativa com a declaração de que nasceu num lugar da serra do Caramulo. Este é o seu meio de origem, onde vive até aos cinco anos.

Embora na primeira entrevista ela não faça referência a este período da sua vida, com o desenvolvimento das entrevistas recorre a memórias de experiências ou de relatos sobre esta fase da sua vida, para dar ênfase às relações de convivialidade, à fruição do contacto directo com a natureza e à sabedoria “das antigas” da Comunidade, como fonte de conhecimento valioso apesar de não-letrado.

Quando se refere à sua primeira infância, descreve a comunidade onde nasceu como espaço social em que as crianças acompanham as mulheres ao trabalho no campo ou ficam ao cuidado umas das outras em casa, à espera de permissão para ir brincar com outras crianças.

A actividade agrícola é representada como parte da vida doméstica e envolve relações de interajuda entre parentes e vizinhos. As relações sociais que se estabelecem entre as pessoas do campo são lembradas por referencia a situações em que se canta em conjunto e onde as crianças participam. As relações de sociabilidade que se estabelecem fora do tempo de trabalho são referidas à prática religiosa e a duas mulheres que se notabilizavam no meio pela sua sabedoria sobre o início do mundo e sobre as rezas, que era guardada/produzida pela memória, porque elas eram analfabetas. Estas mulheres são descritas pela nossa narradora, com a referência aos trajes “antigos” que usavam e pela sua disponibilidade para contar as histórias que continham o seu conhecimento sobre as coisas da vida.

Há um segundo momento em que a relação da nossa narradora com o campo é construída como subordinação a uma rotina de obrigação de esforço desproporcional à sua

capacidade física. A colheita de erva com geada, o ter a charrua nas mãos e lavrar a terra, o não saber como pousar o cântaro ou o subir aos montes a acarretar a madeira, são expressões deste esforço físico que é conotado com a exploração do seu trabalho não remunerado na casa onde serve como companhia a uma mulher cuja obesidade exige que seja empurrada ladeira acima quando se aproxima alguma intempérie.

Nos seus relatos relativos a estas duas fases da sua vida, a natureza é representada como lugar de ocupação e prazer mas também como agravante da adversidade e do risco implicado em situações dramáticas. Assim, a tempestade, a chuva ou a escuridão, surgem como pano de fundo nos relatos de incidentes de fuga, de procura de alimento, de nascimentos e/ou de outras situações caracterizadas pela sobrecarga de esforço e/ou de dor física.

Num terceiro momento, o espaço rural é representado novamente como lugar de convivialidade das jovens que vão buscar pasto em conjunto e que se reúnem, independentemente da origem ou da condição social de cada uma, aos domingos, no largo da igreja, onde esperam os namorados enquanto conversam e fazem renda. É o lugar onde o padre ilude as raparigas com as facilidades da vida religiosa que as libertaria do trabalho escravo e não reconhecido que faziam no contexto da suas famílias e, em dois casos, da condição de criadas, no caso da D., Silvina, criada de agricultores. Esta ilusão é facilitada pelo facto das mães estarem sempre ocupadas no campo e não conversarem, num meio que é então representado como lugar de isolamento, de estagnação e de ignorância, face à actualidade que pode ser trazida para o quotidiano, através da radio. Neste lugar, cria-se a associação de jovens para fazer bailes a que as raparigas vão acompanhadas pelos pais ou pelos irmãos para garantir respeito e onde se viu “enganada” por um rapaz que a engravidou e a levou a emigrar para outra aldeia, aos dezanove anos de idade.

Num quarto momento, a sua experiência de familiaridade com a terra é relembrada como recurso que a capacita a enfrentar a imersão na lama nas marinhas de arroz, trabalho que, como era exercido por homens, era melhor remunerado. E capacita-a também a carregar pasto de cima da carroça, o que as outras mulheres não sabem fazer.

Nesta outra aldeia, o trabalho agrícola surge como oferta de emprego, na medida em que homens e mulheres que trabalhavam na agricultura vão sendo chamados a sustentar o esforço de industrialização intensiva, num período em que começa a faltar mão de obra devido à emigração para outros países europeus que estão a investir na reconstrução e em que, em Portugal, os jovens vão sendo recrutados para a guerra na África. O trabalho agrícola começa a ser representado por ela como capital cultural, ou seja, como posse de um saber-fazer que é passível de ser remunerado.

Com a passagem à condição de operária fabril, já com remuneração certa e direitos sociais reconhecidos, o trabalho agrícola é ressignificado como estratégia de poupança. A D. Silvina (sobre) aproveita então o horário pós-laboral, os fins de semana, os períodos de férias e os períodos de baixa por parto ou por doença, para criar animais e para semear e colher tudo o que possa satisfazer, pelo menos em parte, as necessidades de alimentação do marido e dos filhos pequenos. Cria, assim, uma margem de liberdade para investir em projectos tais como a compra do terreno, a construção da casa e o empreendimento (frustrado) na relação comercial.

Nesta mesma época, outras mulheres da comunidade começam também a abandonar o seu estatuto de “ajudas familiares” e assumir-se como “chefes da exploração”, na medida em que os homens iam sendo “reconvertidos” em operários, soldados ou empresários na indústria. O trabalho na terra parece, então, ter deixado de ser referido como esforço, mas sim como iniciativa, como experiência de prazer e passou a ser conotado como “regresso às origens”. O cuidado com as terras arrendadas e a criação de gado passa a ser referido como momento da rotina doméstica, mais do que como esforço de uma jornada de trabalho complementar ao trabalho na fábrica.

Interessante é que esta nova forma de relacionamento com a natureza começa a ser enunciada como fruição e, segundo critérios de apreciação estética, como “gosto pelo campo”, como paisagem que “é bela”. É por referência ao campo e pelas coisas da natureza que ela define a sua afinidade com o filho que morreu e caracteriza figuras da história de Portugal. Serve-se também dela para descrever a sua experiência na visita a Luxemburgo, com passagem pela Bélgica e França. As suas descrições valorizam

essencialmente o ajardinamento dos cemitérios e das ruas, a presença de pássaros de toda a espécie, mas também a organização do espaço urbano como prevenção da poluição do ar.

O relato da sua trajetória põe mais uma vez em evidência esta vinculação da sua experiência à terra e ao trabalho agrícola quando, no diálogo com o assistente social que lhe apresenta a invalidez como alternativa ao rendimento mínimo e à reforma como operária, ela pergunta se pode continuar a fazer a sua “*quintita*”. Ainda sem ter recebido resposta parece ter argumentado: “*É porque gosto de ter o meu gado e de ter tudo, porque fui criada no campo*”

O que seria interessante apreender era se a D. Silvina, que viveu basicamente como assalariada da indústria na periferia de uma zona industrializada, preserva e reclama o reconhecimento da sua estreita ligação com a natureza como lugar de trabalho e de fruição, fa-lo para se reconstruir subjectivamente como alguém que é portadora de uma cultura passível de ser reconhecida pela sua originalidade, ou se a raiz a que ela quer retornar não é à posição social de pequena(?) proprietária agrícola, que teve que ser abandonada pela sua mãe.

4.3.3 . A companhia da mãe no desvio de um destino partilhado

A primeira imagem de vida familiar que a D. Silvina nos dá é a do quotidiano de uma mãe sozinha e empobrecida pela circunstâncias de doença mental do pai.

A doença do pai é vista como resultado do esforço obstinado pela leitura do livro da lei e da expropriação da arma que tornava possível a sua actividade como caçador na comunidade. Este pai é imaginado como alguém cujos horizontes e experiência não estavam circunscritos ao espaço local, que era culto e que passava grande parte do tempo em Lisboa, onde era cauteleiro. Mais do que mais alfabetizado, ela representa-o como alguém que é capaz de ler, interpretar e argumentar a partir do texto da lei, contra as razões com que os grupos dominantes tentam intervir na distribuição de uns baldios, apropriando-se daqueles que serviriam a produção agrícola. Deste conflito terá resultado o embargo desta distribuição dos baldios, do que teve que suportar as consequências.

A mãe é também apresentada como alguém que se solidariza com outras mulheres que estão com medo e em situação de perigo. Tal solidariedade concretiza-se no ensino de um caminho alternativo até ao lugar onde vão comprar alimento no mercado paralelo e onde há assaltos. Representa também a sua mãe como descendente de família (rica) que vive numa das maiores freguesias do concelho de Águeda (onde se concentram famílias influentes na política local) e que não foi alfabetizada pelas mesmas razões que não o foram as outras raparigas do seu meio e época. Esta sua família terá tido uma papel importante na sua protecção e dos irmãos enquanto crianças ameaçadas pelo pai doente e terá participado para a solução que passou pela prisão e internamento psiquiátrico deste.

A imagem que nos é dada da vida familiar posterior a este “acidente” de trajectória, é a de uma família monoparental com três filhos (uma mais velha terá ido para casa de agricultores ricos aos sete anos) que vive na casa cedida pela avó e em que a mãe vai trabalhar de manhã para o campos, deixando o pão (melhor do que o que é trocado pelas senhas, na loja) e dois queijos para alimento dos filhos, no período de fome gerada pela conjuntura da II Guerra Mundial. A nossa narradora faz contrastar a imagem desta mãe com a da sua avó que, no período da I Guerra Mundial, teria deixado a sua mãe e tios passarem fome, enquanto ela vendia o milho que produzia.

É esta mãe zelosa que se faz acompanhar pela filha mais nova ou a deixa entregue ao cuidado de um dos irmãos mais velhos, enquanto o mais velho pastoreia as ovelhas e que é esperada, ao fim da tarde, quando de regresso do campo e autoriza as crianças a irem brincar com outras, na vizinhança.

Esta representação da mãe resiliente à pobreza criada pela conjuntura económica europeia e pelo facto do pai ter destruído todos os bens antes de ser internado, desta mãe provedora e protectora, contrasta com a representação da mãe que acaba por pôr os dois filhos como onze e doze anos a servir na casa de lavradores e que vem com a filha de cinco anos para a estrada, em busca de trabalho. Uma mãe que trabalha lado a lado com a filha pequenina até chegar à freguesia onde se emprega como criada na casa de um professor que é também proprietário agrícola. Embora nesta casa a filha seja tratada como criança que recebe livros e lápis para aprender, a mãe entrega-a a servir, para tomar conta de duas

crianças pequenas, a um casal com má reputação na comunidade. E fá-lo quando começa a viver com um novo companheiro, que a rejeita.

A esta representação da mãe que a abandona pelo companheiro, ela opõe a da mãe que a acolhe quando ela foge com medo da trovoada, quando dormia no pinhal com o casal e as meninas de quem cuidava. Acolhe-a mas dá-a a servir de novo porque “*a vida continuava na mesma*”. Mas não a acolhe de novo quando ela foge da casa do madeireiro sempre ausente, que lhe bate por ela partir um cântaro, por se ter desequilibrado devido ao excesso de peso. Na casa destes patrões, que eram maus “*porque não tinham filhos*” ela reencontrou a experiência de ter sido cuidada pela mulher dependente a quem tinha que acompanhar e substituir no trabalho do campo. Ela “*era boa*” porque fazia o café da manhã para tomarem juntas, ajudava-a quando podia no trabalho no campo e ensinou-a a fazer bolos.

A mãe agora ressurgue como dependente da ajuda da filha que, com treze anos de idade, lhe oferece a ovelha, comprada com o dinheiro ganho a acarretar lenha depois do seu trabalho normal. Como o companheiro da mãe a explora e maltrata fisicamente, é a filha que decide levá-la à serra e volta a sentir-se responsável por voltar a levá-la lá, já com “*toda a sua louça*” quando ela retorna à companhia dele.

A mãe só volta à cena da sua vida, quando aos dezoito anos, a filha quer casar, porque engravidou acidentalmente num baile e a mãe reassume a sua autoridade para negar-lhe autorização, por se tratar de um rapaz pobre que não lhe merece confiança.

È deste marido que ela foge para a casa da mãe, levando a filha pequenina. Foge agora da fome porque ele não trabalha, mas também a mãe já não trabalha a terra e ela tem que voltar para a companhia do marido, de quem passa a ser “ajuda” no trabalho da fábrica. Trabalha também como jornaleira agrícola numa casa de onde traz restos de comida para alimentar as filhas e o marido.

A mãe surge em socorro da filha, quando ela tem o acidente e cuida-lhe da filha entre os dois e os nove anos, até que decide ir para casa de um dos filhos em Lisboa e deixa a menina entregue a uma vizinha que tem dois filhos deficientes, atitude que é considerada como negligência pela filha que a vai buscar à serra.

Finalmente, a mãe é representada como idosa que regressa a casa da filha e que é acolhida por ela, até a sua morte aos noventa e dois anos de idade. Antes, faz a filha herdeira de alguns bens que esta emprega na compra do terreno e na construção da casa, na qual passa a viver com a filha

Achamos interessante referir que foi a D. Silvina quem indicou a sua mãe como “*uma mulher em condições*”, para ser entrevistada para este trabalho de investigação. Estamos certas que a indicou por reconhecer nela os mesmos atributos pessoais e sociais positivos que, da sua perspectiva, teriam justificado que tivéssemos pedido a ela própria que nos contasse a sua história de vida.

Consideramos que esta mãe é uma das figuras de identificação mais importantes para a D. Silvina, pelo modo como a relação com ela foi sendo reconstruída relativamente a cada momento da sua trajectória de vida. O que não deixa de ser interessante se considerarmos a sua separação objectiva, quando a D. Silvina tinha apenas sete anos de idade e em que, como ela mesma refere, “*a nossa vida começou, a sair uns para cada lado*”.

4.3.4. O legado da expectativa do “lá” e do lido do pai lembrado

Embora a D. Silvina refira a sua “sede” pelos saberes letrados, ao tempo em que fecha em casa as crianças de quem cuida e vai observar a aula através da janela da escola, somos levados a crer que a sua sede de ler para entender o mundo não se pode explicar superficialmente. O facto deste saber não ser instrumental à sua participação nos seus contextos de vida imediatos leva-nos a por a hipótese deste investimento estar relacionado com a imagem do pai, que a mãe legou à D. Silvina. A sua narrativa de vida inclui a referência ao livro da 4ª classe do pai e ao código civil, que “*ele tanto leu que ficou doido*” e leu porque ele continha a força da razão que conteve a arbitrariedade dos grupos dominantes

A procura deste saber leva a D. Silvina a fugir, já não para a casa da mãe, mas para a casa da professora, leva-a a pedir a outra criança que a ajude a decorar um texto para participar na procissão com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, de passagem pela freguesia. É este saber que quando ela se torna zeladora da igreja, lhe permite “*ir buscar coisas*” ao texto da Bíblia, escrito em latim, para esclarecer o que as antigas, que eram analfabetas, lhe contavam sobre o fim do mundo. Eram *analfabetas sim mas tinham boa memória*, como ressalva a D. Silvina.

É este saber que ela reconhece como um bem que ela quer aprender com a colega no hospital e aperfeiçoar aquando da reabilitação do acidente, quando esteve em Lisboa ou quando se junta às mulheres que sabem “costurar para os pobres” e compra a Bíblia e lê. Lê também os livros da escola dos filhos e os que vai buscar à biblioteca itinerante da Gulbenkian.

As circunstâncias de exploração, precaridade e isolamento social no quotidiano entre a fábrica, a casa e o cultivo das terras, não impedem a D. Silvina de ler o jornal local quando vai ao café, para se manter informada sobre o mundo de que também falam os noticiários da rádio e da televisão.

A referência ao pai imaginado parece explicar também o seu interesse pelos documentários e filmes sobre acontecimentos históricos e pelas notícias do mundo e a sensibilidade aos problemas humanitários que alimentam a sua vocação para a acção social voluntária. Não é comum, nos meios em que vive a D. Silvina, referir a Internet e outras inovações tecnológicas para manifestar o seu apreço pelas máquinas que reduzem o esforço que ela fazia na fábrica ou pelos meios de comunicação social como abertura para o mundo.

No entanto e apesar de não querer que os seus filhos “*fiquem como ela, no escuro*” a D. Silvina não estimula os seus filhos e filhas a permanecerem na escola, mas antes leva-os a excursões e a conhecer o Papa, que eles vêem na televisão. Leva-os a conhecer Lisboa e os principais locais de turismo religioso. Discute com eles os vídeos que vêem em conjunto ao fim do dia de trabalho e gosta de rir e de chorar quando assiste as novelas com as filhas

e as netas e vê nelas um fundo de verdade. Talvez por isso pode acolher as duas filhas que regressaram a casa com outros companheiros depois de se terem libertado das alianças que ela mesma lhes impunha precocemente, para evitar que elas corressem o risco de estigmatização e de toxicodependência em que haviam caído parentes e vizinhos, na procura de uma saída para a pobreza e exclusão.

O que a D. Silvina parece valorizar como seus recursos de libertação da posição em que se encontra, não é apenas o esforço físico e a coragem, mas também a memória guardada nos livros, que lhe permite situar-se numa história que parece recusá-la como heroína da sua luta contra a adversidade, contra a escuridão da ignorância e contra o regime de apartação social. Por isso se relaciona também com os heróis consagrados pela História de Portugal como referências identitárias.

Da grande e das pequenas histórias que leu nos livros dos filhos, que ouviu contar ao professor na escola e que vê representadas nos lugares de turismo, ela apropria-se da narrativa de um País, cuja nobreza é testemunhada pela história de reis e de rainhas. Do Rei que exerceu e fez reconhecer a Justiça Forte, de quem pode vingar violentamente, a morte da Rainha. Esta, uma Mulher inocente que já era casada, ainda que em segredo, com o rei de cujos filhos cuidava, chorando ao lado deles por causa da doença da sua mãe. A Nobreza de um Rei que é Lavrador e que ama a terra e a cultura dos campos como alternativa à guerra, mas que não se apercebe da Santidade da sua Mulher. Esta, também Rainha, não só contempla a beleza da natureza, mas tem gestos de humildade perante o povo e a sua Criada, que também gosta dos campos e que acompanha a Senhora que faz milagres através de gestos de misericórdia para com os pobres.

Pensámos que seria importante explorar possíveis implicações sociais da vida da D. Silvina enquanto lugar de produção e de reprodução cultural que se alimenta de uma aprendizagem solitária, que se socorre de todos os recursos simbólicos para construir um horizonte de determinação alternativo ao que é definido pela sua posição actual.

Quinto momento

**Os comentários finais como desafios de
novos começos para um diálogo iniciado**

Introdução ao quinto momento

Este é o momento em que procuraremos construir um ponto de chegada, sempre provisório, deste percurso de produção de conhecimento social que tomou como ponto de partida a experiência de vida de uma Mulher que, entre tantas outras mulheres e homens, nossos contemporâneos e coabitantes no mesmo mundo social vivido, enfrenta limites ao seu desejo, transformado em luta pela emancipação.

Lidamos com a tarefa delicada de construir documentos, evidências e inferências sobre as palavras com que pode rememorar, enunciar acontecimentos e experiências, ordená-los e significá-los, construindo unidades de sentido. No curso deste trabalho surgiram as imagens e algumas chaves de entendimento de como o sentido de uma vida, vivida em circunstâncias de opressão, dependência e marginalidade desumanizantes, pode ser reconstruída como trajetória e narrativa em que, sujeitos transformados pela sociedade da acumulação capitalista em seres-para-outros, podem resgatar o sentido da sua existência como autores e protagonistas, enquanto seres-para-si, como projecto e “inacabamento”.

Constituída como autora e protagonista de uma história individual, a D. Silvina mobilizou todos os seus recursos para se fazer reconhecida como contemporânea aos que podem narrar e escrever a história colectiva. Foi neste seu investimento que pudemos apreender, a partir de dentro, o confronto quotidiano com limites de acção, de pensamento e de interacção que são impostos pela posição social, ou antes, pelas posições sociais que lhe são dadas a ocupar no interior de diferentes espaços estruturais e que ela se nega a interiorizar e conformar em termos de disposições subjectivas. Esta resistência, parece ter sido criada pelo “legado” intergeracional e pelo investimento na sua origem como filha de pequenos proprietários agrícolas, filhos de “boas famílias”, que foi interiorizado pela socialização primária, por uma mãe que constrói a memória de um pai cujos horizontes se projectavam para além do espaço local e que era inteligente, criativo e cuja acção se apoiava no arbítrio do texto escrito.

É esta sua posição como legatária ou herdeira de bens acumulados no interior de uma

“linhagem” imaginada, que ela vê contradita pela sua condição na infância e pela sua condição actual como subordinada no espaço doméstico e da produção, excluída no interior do espaço da comunidade mais ampla e incluída no interior de uma comunidade restrita. A tentativa de superação desta contradição pareceu-nos evidente quando fizemos a distinção entre identidades atribuídas e reconhecidas (pela posição social) e posições de identidade investidas subjectivamente e no discurso.

É neste movimento de projecção de si mesma e da sua acção noutras posições de identidade social, que ela parece procurar resgatar um sentido mais genuíno e enraizado de si mesma, por referência a outros universos sociais que não aqueles em que ela é objectivamente explorada. O que pudemos constatar é que esta mulher procura escapar à determinação estrutural, através da apropriação de bens simbólicos a partir da periferia do espaço mundo e do mercado, onde circulam bens culturais veiculados pelos média. Ao fazê-lo, corre riscos de alienação porque está sozinha diante do espaço mundo onde circulam e se desenvolvem os discursos da cultura universalista. E se ela investe solitariamente nesta busca é porque vive “apartada” do espaço da cidadania onde estes bens foram prometidos pela Modernidade e são transmitidos como “legados “ universais de uma humanidade cuja consciência se foi construindo por discursos de verdade elaborados e difundidos como narrativas, como textos escritos pelos que puderam ser reconhecidos oficialmente como “representantes” das religiões, da história, da ciência, da política, da arte, da filosofia.

O que pudemos constatar, a partir da posição periférica (mas não subalterna, ou totalmente colonizada) é que o acesso a este mundo foi sendo democratizado não só pelo espaços da cidadania, mas também pelo mercado de que depende a subsistência dos meios de comunicação social de massa. O impacto deste mundo que (felizmente, diga-se) se foi tornando familiar dos que são remetidos para a periferia, dos grupos sociais que são discretamente apartados (ou instrumentalizados como número, em momentos e segundo interesses particulares) do espaço da cidadania exige, no entanto, dos que habitam esses lugares, a “arte” de criar “artifícios” que lhes permitam sair do estado de reclusão no “reino

da necessidade” que é explicado e naturalizado por narrativas tradicionais orais e pessoais.

Estes indivíduos e grupos não podem escapar à relação com a cultura dominante, constituída por saberes letrados e eruditos que foi sendo instrumentalizada na organização da vida social actual, a ponto de se tornar absolutamente necessária à sobrevivência e à possibilidade de existência individual e colectiva. Espera-se que os grupos subordinados, tal como dos grupos dominantes, tanto os opressores como os oprimidos, os sujeitos que ocupam o centro, como os que são situados na periferia da ordem social, material e simbolicamente estabelecida, dominem esta cultura como código oficial de tradução, de recodificação de todas as experiências particulares e locais, subalternizando assim as narrativas orais e pessoais.

O problema é que são estas as narrativas que guardam a memória e a experiência que nos podem dar uma mais justa medida do sofrimento humano gerado pela opressão vivida no silenciamento da exploração.

Lembramos aqui, de passagem, Sousa Santos (1995;2000) que afirma que a “dominação hegemónica reside primordialmente na ocultação do sofrimento humano ou, sempre que isto não é possível, na sua naturalização como fatalidade ou necessidade, ou a sua trivialização como espectáculo mediático”. Refere o autor que “é precisamente através da ocultação, da naturalização e da trivialização do sofrimento que a dominação oculta e naturaliza a opressão”. Mais acrescenta, citando Nandy, que “a nossa sensibilidade ética limitada não é uma prova de hipocrisia humana; é, sobretudo, um produto do conhecimento limitado que temos da situação humana” (Sousa Santos; 2000: 351).

È considerando que estes limites de conhecimento sobre a situação humana correspondem a limites e a potencialidades da educação que procuraremos dar conta de alguns pontos de chegada neste trabalho e criar novos pontos de partida para a compreensão da realidade social, nas suas duas formas de existência, objectiva e subjectiva.

Partimos do pressuposto de que é sobre esta realidade, materializada nas estruturas materiais, incorporada nas estruturas mentais e cujos bens são desigualitariamente redistribuídos, que nos fala a trajectória desta mulher e é a voz desta realidade que

podemos escutar na sua narrativa e nos depoimentos autobiográficos da sua mãe, quatro filhas e três netas, que aqui iremos escutar a seguir.

No entanto, a escuta desta história de vida, não nos deixa ficar comodamente instaladas na constatação da realidade e obriga a problematizar tanto os limites quanto as implicações sociais do que temos considerado como valor instrumental da educação, num processo histórico de estruturação e de construção social da realidade tal como existe na sua forma actual. Deixamos de poder aceitar tácita ou pacificamente que o que a educação pode e faz é formar indivíduos (intercambiáveis) para reproduzir e inovar (dentro de limites fixados por um centro) uma ordem social que segmenta e hierarquiza indivíduos e grupos humanos, segundo papéis funcionais ao sistema vigente, como se a auto-regulação fosse a meta da vida humana individual e colectiva. Esta funcionalização da vida, que corresponde à sua reconcepção e instrumentalização como força de trabalho, tem criado condições de existência profundamente desiguais e diferentes do que a nossa época já é capaz de reconhecer como necessário a realização de potencialidades humanas.

A discrepância e a contradição entre o que podíamos observar e enunciar como verdade sobre a realidade desta vida e o que esta mulher nos deu a observar através do seu ponto de observação e discurso sobre a sua própria vida no interior do mundo que coabitamos como contemporâneas, desafiou-nos para potencialidades da educação, enquanto luta simbólica por uma nova estruturação e construção social da realidade social.

Foi a ela que coube iniciar o movimento de ruptura com as narrativas que oficializam visões e legitimam divisões do mundo social e humano a que recorriamos para compreender a esta realidade. O seu movimento de aproximação ao mundo dominante que nos habita, tornou possível apreender com mais acuidade a distância da posição que ocupávamos no espaço da produção material e simbólica, do grau e do tipo de poder social de que dispúnhamos para participar na definição da sua situação, da sua identidade, do seu horizonte de determinação social enquanto actora e enquanto sujeito de experiência, de discurso e de produção cultural.

Foi o movimento que esta mulher fez, para se apropriar de significados e modelos de

pensamento e acção, que não são funcionais aos mundos sociais que ela habita e que a habitam, que nos deu indícios de um outro valor instrumental da educação que não o seu contributo para o desempenho eficiente dos papéis que lhe estavam atribuídos e pelos quais ela se identificava e era identificada socialmente ou tão pouco pela sua eficácia positiva ou negativa na criação de condições da mobilidade social que é credenciada pelos saberes oficiais. O seu movimento mostrou que a educação requer ser reconhecida e investida pessoal e colectivamente como espaço de apropriação e transformação de significados que dá sentido à acção social conformada ou rebelde, segundo horizontes de determinação herdados mas também segundo horizontes de determinação que podem ser solitária ou solidariamente construídos em buscas partilhadas entre seres humanos e grupos, sujeitos individuais e colectivos que se descubram como seres-para-si e como projecto inacabado. Esta é a perspectiva que nos é dada por Paulo Freire e que se tornou possível pôr em diálogo com a de sociólogos críticos.

Socorremo-nos mais uma vez de Sousa Santos como ajuda para reflectirmos sobre o que pode constituir uma dimensão crucial a reconhecer como valor instrumental da educação, dos que foram excluídos ou dos que não chegam a entrar na comunidade de cidadãos integrados pela vinculação vertical ao Estado enquanto participante oficializado e sujeito de direitos instituídos pelo contracto de trabalho e integração na estrutura sócio-económica.

Ao pensar a reprodução e as possibilidades latentes de transformação social na base de outros pressupostos epistemológicos e teóricos, Sousa Santos propõe que o que caracteriza as sociedades não é tanto a estrutura de determinação mas sim o horizonte de determinação, porque nenhum espaço estrutural estabelece em separado mais limites ou limites mais importantes do que qualquer outro (: 285). Considera o autor que, no interior das fronteiras externas da limitação estrutural, estabelecidas por formas diferentes de conhecimento, de legalidade e de poder social, nas sociedades capitalistas existe um oceano de contingência pelo que o que estabelece limites pode também abrir novos caminhos, porque a inevitável produção de diferentes formas de desigualdade não garante a

reprodução funcional definitiva de relações pré-ordenadas no espaço doméstico, da produção, da comunidade, do mercado, do mundo e da cidadania.

Dado que “em concreto a prática social é sempre uma constelação de algumas ou de todas as formas de acção”(286) as relações sociais que se organizam em qualquer daqueles seis espaços estruturais são relativamente desestabilizadas por diferenças de género, etnia, geração, classe social, estatuto de cidadania, acesso ao consumo e pertença comunitária. Estas diferenças e a sua combinação num dado contexto podem suplementar ou subverter, facilitar ou obstruir a organização em torno de uma ou mais formas de acção, dinâmicas de desenvolvimento, discursos de verdade, formas de regulação em que se exerce a forma de poder correspondente a este ou estes espaços.

O que esta vida nos deu a problematizar é o papel que a Educação exerce na produção de ressonâncias para as contradições vividas entre os diferentes campos sociais que estruturam a acção social e a produção de sentido existencial para a vida vivida. Não se trata apenas de reconhecer aqui que num ou noutro momento esta mulher utiliza, como recursos, conhecimentos que foram produzidos em ruptura com o senso comum. Ela fá-lo quando refere os seus actos de assepsia e esterilização dos instrumentos que utiliza nos partos ou nos curativos a que procede, usando os conhecimentos que aprendeu no hospital e, por certo, também pelos media e no contacto com ambientes que frequentou com os seus filhos doentes ou acidentados. Mas não podemos, de forma alguma, reconhecer nestes actos o domínio de um saber pericial ou erudito, que é acreditado em outros campos sociais e que possa justificar a sua posição favorável na sua comunidade restrita como parteira ou conselheira em situações de acidentes ou de doença. Aliás, basta lermos atentamente a descrição destas práticas que são traduzidas na linguagem e narrativas que guardam os saberes médicos populares, cuja eficácia está no poder simbólico dos actos e não na acção em si mesma.

Somos levados a crer que o lugar, a identidade como parteira e conselheira que a nossa narradora conseguiu no interior de redes sociais restritas na periferia da comunidade, decorre da sua prestação no interior de redes de solidariedade primária onde ela e as outras

mulheres se reconhecem como corpos subordinados a relações de produção e de reprodução a que não se podem escapar sem pôr em risco a sobrevivência da família, naquilo que tem de mais material e imediato. Neste contexto, o poder, o direito e o conhecimento que legitimam esta prática e que garantem a sua eficácia e o seu reconhecimento são produzidos pela relação entre espaços estruturais da produção e o espaço doméstico em que se combinam a subordinação, as relações de exploração, as relações patriarcais e também o poder simbólico reconhecido em práticas incorporadas no meio de origem e de pertença comunitária.

Situando-se neste outro lugar, nesta comunidade tão real quanto imaginada, que era habitada pelas “antigas”, analfabetas mas sábias, a D. Silvina vai buscar a “autoridade”, o poder simbólico reconhecido entre as mulheres a que “tira os filhos”, num acto de risco que a solidariza e torna cúmplice, na relação contra os direitos instituídos no espaço de cidadania, contra a legalidade que as obrigaria a usufruir da baixa de parto, contra o conhecimento que as obrigaria a assepsia do hospital, contra o poder que limitaria a sua acção ao cuidado de si mesmas e do recém nascido. Este acto requer, no entanto, ser entendido não como ignorância mas como expressão da sua vulnerabilidade no espaço da produção e da cidadania e como estratégia de sobrevivência e eventual melhoria das condições de vida familiar..

Admitimos que a educação pode ser reconhecida na vida da D. Silvina como base da sua “política” da vida enquanto subjectividade e actora social que se auto-situa, que se move e reconstrói entre diferentes campos sociais, numa comunidade submetida a uma estruturação forte no domínio da produção económica, mas esquecida e desinvestida como espaço de cidadania, tal como é conveniente às regras estabelecidas pelo mercado.

A solidão a que foi remetida neste processo educativo deve, no entanto, ser problematizada à luz da época e analisada em termos das suas implicações sociais. É isso o que tentaremos fazer.

5.1 A expectativa solitária do “lá” e do lido como legado intergeracional

Embora a D.Silvina refira a sua “sede” pelos saberes letrados, ao tempo em que fecha em casa as crianças de quem cuida e vai observar a aula através da janela da escola, somos levadas a crer que a sua sede de ler para entender o mundo não se pode explicar superficialmente. O facto deste saber não ser instrumental à sua participação nos seus contextos de vida imediatos leva-nos a colocar a hipótese deste investimento estar relacionado com a imagem do pai, que a mãe legou à D. Silvina.

A sua narrativa de vida inclui a referência ao livro da 4^a classe do pai e ao código civil, que “*ele tanto leu que ficou doido*”. E leu porque o texto escrito continha a força da razão que travou a arbitrariedade dos grupos dominantes.

Não sabemos se foi este lugar que ela atribuiu ao livro como *locus* de razão reguladora da justiça que a levou a comprar a Bíblia quando esteve no hospital pela segunda vez, aos 23 anos, mas sabemos que era lá que ela ia “buscar coisas” sobre a origem do mundo, que as “antigas” lhe tinham contado enquanto era pequenina, nos momentos em que se ocupava da limpeza da igreja que serviu como “mordoma”.

Não podemos afirmar também que esta ligação simbólica com o pai, mantida pela narrativa que a mãe construiu sobre ele, terá sido o que a levou a procurar saber nos livros dos seus filhos, comprados quando eles foram para a escola, quem e como eram os reis de Portugal, como fundadores da Nação a que se sente pertencer. Nem tão pouco podemos assegurar que é também este o motivo que justifica que ela vá aos cemitérios da França e do Luxemburgo para procurar saber, pela leitura das lápides das campas, quem são as reais vítimas das guerras ou que lugar ocupam os imigrados entre os mortos das cidades construídas com o seu trabalho, longe das suas terras, onde não podem morrer. O que podemos é inferir sobre esta possibilidade quando constatamos que a segunda vez em que ela foge por maus tratos, da casa em que serve desde os 9 anos, já não procura a mãe, mas vai para a casa da professora, que lhe ensina a ler a noite, porque reconhece o seu desejo de aprender; quando imaginamos uma menina com doze ou treze anos pedir com insistência a outra criança que a ajude a decorar um texto que lhe permite participar na procissão com

a imagem de Nossa Senhora de Fátima, de passagem pela freguesia; quando a imaginamos, como rapariguinha que está no hospital a ser operada a sinusite e que pede a uma outra rapariga da mesma idade que a ensine a ler revistas; quando imaginamos também uma mulher jovem que deixa as suas duas filhas pequeninas depois de um acidente grave, que mutilou o seu corpo, a querer aperfeiçoar a sua competência de leitura, para o que compra uma Bíblia e pede ao marido que espera que ela sozinha garanta o sustento da família, que ele vá a biblioteca da Gulbenkian buscar romances para ler.

Pensamos que a capacidade de “descodificar e juntar letras” como ela descreve, que lhe dá acesso a ler os textos escritos nos livros e na televisão também, nos faz questionar o que poderá levar uma mulher submetida às circunstâncias de exploração, precariedade e isolamento social no quotidiano entre a fábrica, a casa e o cultivo das terras, desejar tanto ler o jornal quando vai ao café, para se manter informada sobre o mundo de que também falam os noticiários da rádio e da televisão.

Pensamos que as razões e motivos que fazem com que a D. Silvina se interesse pelos documentários e pelos filmes sobre acontecimentos históricos e também a sua sensibilidade aos problemas humanitários e pela acção social voluntária, não podem ser encontrados exclusivamente nos mundos sociais que habita neste momento. Não é comum no bairro ou na fábrica, nem mesmo na escola dos filhos, na comunicação com as filhas emigradas ou nos espaços de saúde, encontrar modelos que estimulassem a D. Silvina a referir-se à Internet e a outras inovações tecnológicas nos termos em que ela o faz. O valor que atribui a estas máquinas é a sua capacidade de diminuir o esforço que ela fazia na fábrica ou de diminuir o isolamento em que ela se encontrava antes de existirem os meios de comunicação social que abrem a sua vida para o mundo.

Ler o mundo conforme ela imagina que este mundo está escrito nos livros, parece ser uma “causa” que ela assumiu no meio da sua luta pela sobrevivência. Através da análise desta narrativa de vida pudemos apreender um outro ponto de vista sobre a educação como bem social que pode ser apropriado na construção de futuros possíveis, pelos que são obrigados, pelas contingências, a desgastar o seu corpo em silencio, enquanto seres-para-

outro.

Os elementos que recolhemos levam-nos a admitir que, se esta mulher não tivesse podido descobrir, em algum momento da sua trajetória, que a realidade que ela vive, objectiva e interpreta como arbitrariedade é passível de ser lida e julgada à luz de textos legítimos, talvez ela não tivesse resistido tanto à naturalização da sua condição de inferioridade socialmente construída. Parece-nos que foi o seu investimento em recursos simbólicos (que ela não domina suficientemente) que terá criado um espaço de protecção contra o impacto imediato da desqualificação social a que ela foi submetida desde muito nova, como criança, como filha de uma mãe que não pôde manter uma família-padrão e como portadora da cultura e de um modo de vida contra o qual se organizava o mundo social que se estruturava ao seu redor.

A análise levou-nos a admitir que o facto de ela poder imaginar que “as coisas do mundo” podem ter outra leitura fora do espaço e tempo da imediatez do seu estado de subordinação e silenciamento, pode ter criado as condições necessárias para ela se distanciar o suficiente da experiência vivida no seu meio social de origem, para identificar e se reapropriar da sua cultura de pertença, com recursos dados pela cultura dominante.

O seu acesso a concepções modernas, como as de infância e de criança, de juventude e de ruralidade e de investimento na posse de propriedade e de cultura, parecem ter sido recursos importantes para ela poder resgatar memórias do vivido com a sua mãe, irmãos e outras crianças e adultos da aldeia em que viveu até aos cinco anos.

O mundo interiorizado através da socialização primária, exercida essencialmente pela sua mãe (que a remetia para a figura do pai) pôde manter-se, assim, como fonte de recursos de significação da sua existência. Nesta actualização de experiências anteriores foi, no entanto, preservada a leitura que as idosas da sua aldeia faziam sobre o início e sobre o fim do mundo; é no interior deste mundo não revisitado que ela retira os “recursos” ideativos que a autorizam a exercer alguns saberes sobre o alívio da dor, a conservação do corpo, sobre o nascimento e a morte, perante os quais não se sente intimidada.

Parece-nos que a aprendizagem de papéis sociais práticos que ela teve que fazer até à

sua juventude, como servente (porque seu trabalho não era retribuído) em tarefas agrícolas de rotina, pouco deve ter participado para o enriquecimento dos princípios de visão e de divisão social já interiorizados na socialização primária.

O que parece ter desestabilizado esta base primária da sua representação sobre a vida que vivia e o mundo que objectivava nas relações com outros, foi o conflito de identidades que ela terá vivido quando se confrontou, no hospital, com o parente e com outra adolescente que podia ler. Parece que o seu próprio lugar, no interior de um mundo dividido por posições e competências diferencialmente valorizadas, foi visto através do olhar e do diálogo com os outros; esta nova experiência de relação não subordinada, pode ter desencadeado um movimento crítico.

Da nossa perspectiva, a curiosidade pelo mundo representado nas e pelas revistas, não teria sido suficiente para desencadear este movimento de reflexão sobre si mesma enquanto alteridade, que lhe deu uma consciência não instrumentalizada de si mesma. Pensamos que foi a relação com a outra rapariga, igual e diferente dela, que criou condições de ressignificação do desejo de aprender a ler que ela tinha incorporado como herança não actualizável de um pai que sabia descodificar o texto que continha a ordem de um mundo mais amplo que ele havia conhecido.

Este despertar para o mundo dos textos escritos, vivido por quem tanto valorizava a memória oral das antigas, pode ter motivado a sua aproximação da freira no hospital, cujas palavras e saberes não faziam parte do seu universo de referência, mas que mantinham alguma relação com o saber das antigas, que ela gostava de ouvir em pequena. A mais valia dos seus saberes face aos das antigas é que eles estavam escritos e neles se podia ir “buscar coisas”, esclarecimentos sobre a visão do mundo que as antigas lhe haviam dado a saber. Por outro lado, a relação com a parteira, com a prática pericial que ela desenvolvia, parece ter feito com que ela reflectisse sobre a valorização diferencial dos saberes acreditados pelos diplomas escolares.

A experiência de si mesma como outra, portadora de uma cultura e identidade pessoal, vivida na relação com outros que a reconheceram no hospital, pelas suas ligações familiares

e pelo seu estatuto igualitário enquanto sujeito com direitos iguais, parece ter mobilizado esta mulher para um processo educativo que infelizmente teve que desenvolver no diálogo solitário, diríamos que quase clandestino, consigo mesma.

Pudemos constatar o valor que ela acrescenta aos processos de socialização secundária por que teve que passar, na sua dificuldade de fazer-se reconhecida como igual, como sujeito que fala, no desempenho de outros papéis sociais diferenciados como responsável pelos filhos em situações de fragilidade e de perigo, como consumidora da mercearia e como “parte” legítima no negócio do terreno e do processo de construção da sua casa, como turista e como crente.

O que ela parece conseguir elaborar com os recursos simbólicos fornecidos pelas culturas dominantes, é a sua posição diante dos acontecimentos que a situa no interior dos universos sociais e culturais em que é inferiorizada ou excluída. A D. Silvina parece querer romper ou rectificar as concepções do mundo, os juízos de realidade e os juízos de valor herdados ou que a definem pela sua posição de classe actual. O seu investimento na apropriação de outros sentidos para o mundo, construídos em outro lugar que não o que ela ocupa, parece constituir o modo que ela consegue para se evadir para um mundo que ela conhece pelas palavras do livro, da rádio e pelas imagens da televisão.

Forma, na relação com este mundo, distante, mas feito próximo dela através dos meios de comunicação social, a sua opinião sobre assuntos pouco habituais no seu meio imediato. No entanto, o que podemos constatar é que o que ela retira desta relação mediatizada com o mundo está em estreita relação com o seu vivido. Quando fala dos grandes acontecimentos mediáticos, ela remete-nos especialmente para as imagens dos corpos maltratados pela guerra, pela fome, para o desamparo das crianças, para a discriminação de género e para os gestos de generosidade que ela própria viveu em primeira mão e em diversas fases da sua vida. Quando critica a ineficácia da diplomacia, parece revisitar com outro ponto de vista e com outros conceitos, as situações em que quem tem o poder de governar esconde os seus interesses para se servir da vida dos outros para alimentar as suas próprias lutas. Quando fala das notícias sobre as campanhas humanitárias, ela parece poder valorizar, com outros

critérios, a sua capacidade de resistir ao sofrimento, de satisfazer necessidades humanas fundamentais e de responder ao sofrimento dos outros.

Esta distância criada pelos recursos - formas de simbolização, modelos de pensamento e de acção - que ela importa e incorpora de outras visões do mundo, permitem-lhe objectivar a sua vida, mesmo que não o faça conscientemente. A oportunidade renovável de visitar de forma analítica, mais ou menos crítica e de recontextualizar simbolicamente a sua trajectória biográfica, permite-lhe situar-se como actora e participante na história e na sociedade e reconstruir-se como sujeito cuja existência tem sentido em si mesma.

É curioso notar como a D. Silvina consegue reapropriar-se da relação com a natureza, com a terra e o trabalho nela, que conhece desde muito cedo, através da sua prática e esforço de luta pela sobrevivência, com critérios sociais e estéticos estranhos ao meio em que vive. Ela redefine, como problema ecológico, um campo de cultura erudita, que aparentemente não pertence a partir da socialização primária, a contiguidade do espaço de habitação, da fábrica e do campo; ela aprecia os jardins em termos de embelezamento da paisagem urbana; ela qualifica o campo como belo, expressando uma relação de fruição da natureza.

Não nos parece que as aprendizagens que faz sobre o mundo ou que o seu nível de conhecimentos de leitura possam justificar a sua autonomia em contextos mais amplos que ela teve que enfrentar para sobreviver, nem nos parece que estes recursos sócio-simbólicos, possam sequer transformar-se em capital económico, através de qualquer processo de mobilidade social, nem fora nem dentro da comunidade empobrecida que vive a D. Silvina.

O que nos parece é que a auto-percepção da D. Silvina de que possui alguns recursos para decodificar os textos escritos que falam do mundo que ela procura conhecer por outros meios de contacto e de comunicação, contribuiu para aumentar a sua autoconfiança para explorar estes mundos, como lugar que ela pode habitar também.

Parece que o valor que a D. Silvina atribui à aprendizagem da leitura e à educação em geral, deve ser estimado pela valorização que ela faz do mundo representado pelo texto escrito e pela cultura erudita em geral. Ela parece investir nesta forma de capital social, não

como moeda de troca ou como meio de acumulação, mas como acesso a um lugar em que nem tudo é arbitrário e onde se pode buscar poder para resistir a esta arbitrariedade.

Efectivamente, ler não faz parte dos requisitos exigidos no desempenho da sua função profissional, familiar ou comunitária. O valor instrumental dos saberes que ela procura não pode ser estimado pelo seu potencial de acreditação de qualquer processo de mobilidade social credenciada ou de rentabilização funcional da sua força de trabalho.

O valor e a validade da educação, enquanto movimento de apropriação de saberes letrados e eruditos, requer ser estimada também como forma de poder que abre possibilidades para a construção de horizontes de determinação social fora das relações estruturadas pelo princípio do mercado e da comunidade, das relações de produção, de domesticidade e de diferenciação desigualitária.

O que não quer dizer que não reconheçamos o quanto o estatuto social da D. Silvina é favorecido na sua comunidade restrita, pelo facto de ela saber recodificar, dentro de limites dos seus âmbitos de experiência e de convivência social, alguns saberes médicos populares de transmissão oral, usando termos referentes aos saberes médicos científicos institucionalizados e acreditados através da escrita.

O aumento da sua capacidade de recodificar experiências pessoais e /ou de saberes populares e quotidianos, segundo o código linguístico oficial ou consagrado como erudito ampliou, sem dúvida, a sua possibilidade de ler e habitar mundos sociais que ela conhece à distância e fundamentalmente através dos media.

No entanto, temos que reconhecer as limitações e os riscos que esta educação, investida individualmente como apropriação de mediações simbólicas, para leitura do mundo, fora do contexto das relações de sociabilidade, da relação imediata com os outros, com o mundo e consigo mesma, também comporta.

5.1.1 Mas olhe!

Achamos importante reflectir sobre o que a D. Silvina parece não conseguir melhorar na

sua relação com o mundo que vai construindo para se situar no mundo mais amplo que é atravessado por relações de dominação social, económica e cultural.

Da análise que fizemos das contradições do seu discurso sobre os seus pares, pudemos constatar que os recursos simbólicos que ela importa dos universos simbólicos construídos pelos grupos dominantes não lhe permitem desenvolver ou sequer problematizar a sua lealdade com o grupo/classe em que se encontra incluída e pelo qual passou a ser identificada no mundo da produção e da comunidade.

Os recursos simbólicos de que ela dispõe e que conseguiu construir para se identificar, como igual, aos seu pares também subordinados, explorados e excluídos, pelas relações de produção e de domesticidade, são-lhe dados pelo universo simbólico interiorizado exclusivamente através da sua socialização primária, o que acarreta muitas contradições.

Ela concebe a sua força de trabalho e a força de trabalho dos outros, como recurso natural a explorar, mais do que como “mercadoria” ou “moeda de troca” nas relações de produção capitalista. O seu pensamento parece consentir as relações de exploração do seu corpo e da sua energia vital, segundo os ritmos e as exigências ditados pelos ritmos e exigências do espaço de produção. No campo, esta é a regra, na medida em que o ritmo da vida camponesa é ditado pelo ritmo e exigência de desenvolvimento das próprias culturas, independentemente das condições humanas para o fazer. Há uma relação directa com o produto do trabalho e a exploração torna-se visível apenas quando há uma coacção directa sobre o esforço dos trabalhadores, embora haja todo um conjunto de rituais de celebração da convivência entre uns e outros, nos momentos da alimentação ou das colheitas. Os patrões são vistos como trabalhadores, como convivas ou como benfeitores mas, sobretudo, como seres humanos concretos que podem ser objecto de amor e de ódio.

Esta experiência e visão do mundo do trabalho não é actualizada pela D. Silvina quando ela se confronta com as relações de exploração no contexto da empresa em que os patrões não exercem coacção directa ou se apropriam materialmente do produto concreto do seu trabalho. Os recursos simbólicos que esta mulher possui ou que importa dos mundos sociais dominados pelos grupos que gerem os espaços de produção e reprodução cultural, não lhe

terão fornecido meios para formular qualquer juízo crítico sobre a sua condição comum de explorada e como membro de uma classe social subalterna ou para objectivar os patrões como donos do seu esforço de trabalho e dos seus pares.

A este respeito, é interessante ver como a D. Silvina sente pena de dizer aos patrões que não pode continuar a assegurar todo trabalho que ela fazia na fábrica, porque eles eram como pais e porque tem consciência do quanto o seu esforço respondia a exigências emanadas pelo próprio processo de produção que eles não poderão resolver de imediato. Esta relação com os empregadores e com o trabalho organizado pela empresa, torna evidente a homologia que ela estabelece entre a fábrica e o campo, as máquinas e o corpo, as relações de concorrência económica e as redes de solidariedade primária, que obrigam à corresponsabilidade entre trabalhadores e empregadores.

Assim e face aos seus pares na fábrica e aos seus vizinhos, que não se esforçam o suficiente para corresponder ao ritmo destas exigências, ela só consegue elaborar dois juízos de valor alternativos - ou condena a “preguiça” de quem não quer trabalhar ou compadece-se dos que não têm condições físicas para o fazer. Destes últimos, ela não cuida como iguais, como companheiros mas sim como dependentes, para não afrontar a lógica dos interesses económicos que serve aos empregadores. Por outro lado, protege-se de qualquer identificação com a sua situação de improdutividade, que ela lê como uma forma de miséria.

A nossa narradora critica colegas e vizinhos, por serem preguiçosos e improdutivos, responsabilizando-os pelas condições de precaridade em que vivem, em vez de interpretar a sua atitude de resistência à exploração ilimitada do seu esforço, pelo ritmo da fábrica. Ela parece não conseguir, mais do que rejeitar, a formulação do problema nos termos que lhe permitiria reconhecer nos privilégios dos seus patrões, a expropriação ou a relação de compra, de retribuição injusta da força de trabalho que ela significa como recurso da natureza.

Em contrapartida e, contraditoriamente, estas categorias de pensamento que ela interiorizou no meio rural e através da sua socialização primária, faz com que ela leve a

comida para um colega que está longe da família e para outro que está doente; autoriza-a a aconselhar um outro que fuma (droga ?) sem ter em conta a cor da pele; ela responsabiliza-se por ajudar os jovens a ingressarem no ritmo do trabalho na fábrica.

A estratégia de auto-educação que a D.Silvina desenvolve mantém-na dramaticamente prisioneira da ideologia dos grupos dominantes, que a faz avaliar como mérito o que é desigualdade de oportunidades. Às suas circunstâncias de pobreza, soma-se a solidão de quem só pode contar consigo mesma para fazer frente ao mundo social de que é excluída. Este isolamento pode, em parte, ser responsável pela distância a que ela se manteve das relações definidas pelo princípio do Estado que constituiu o Estado Providência e da Sociedade Providência de que se socorreram outras famílias da sua comunidade.

O seu contacto com o universo, que legitima a concessão de benefícios sociais como direitos de cidadania, estabeleceu-se acidentalmente quando o seu estatuto de operária foi alcançado pela necessidade da empresa, que a utilizava como mão de obra não legalizada, de transferir a responsabilidade das despesas com a reabilitação para a seguradora.

A noção de direitos de cidadania e a figura do Estado são quase ausentes entre as categorias de pensamento e de discurso da D. Silvina sobre a sua própria vida, sobre a sua experiência e condição social. Ela não se sente no direito de gozar as suas férias e a baixa de parto, porque trabalhar permite-lhe acumular algum dinheiro para construir a casa.

Ela não vê o hospital ou o centro de saúde como serviços públicos universais que prestam cuidados de saúde primária a todos, enquanto cidadãos do mesmo Estado. O hospital é a porta que lhe foi aberta pela apresentação de um atestado de pobreza, quando tinha 15 anos e pela companhia de seguros, aos 23 anos. O centro de saúde é a repartição onde ela vai buscar a baixa por doença, a autorização para faltar ao trabalho, mas só até que o patrão peça ao médico (porque ele é seu amigo) que suspenda esta autorização porque a falta do seu trabalho é disfuncional ao processo produtivo. Ela sabe, porque descobriu em primeira mão, que nestes lugares pode encontrar pessoas sabedoras, mas sabe também que aí pode encontrar pessoas com má vontade para atender a sua aflição, quando procura socorrer os seus filhos em situações de urgência, devido a acidente ou doença.

Apesar de reconhecermos todo o benefício que a apropriação de significados exteriores ao seu mundo imediato lhe permite ressignificar o que ela experienciou, corpo a corpo, como esforço e exploração, à medida em que lhe permite situar-se fora e acima desta realidade, não deixa, todavia, de ser problemático o facto de esta relação ser reconfigurada em termos que não lhe permitem objectivar criticamente as relações sociais de dominação que ela vive nos lugares e cenários da sua vida quotidiana.

Pensamos, no entanto, que é neste processo de busca e de construção de sentido para o que ela vê e procura transformar em conhecimento do mundo mais amplo em que se ressitua como sujeito, que lhe permite projectar-se num outro lugar em que se protege da força das estruturas de determinação social. Ao escapar, através de actos de simbolização da sua experiência de ser discriminada e excluída dos espaços sociais ocupados pelos naturais do meio em que vive, ela põe em evidência alguns dos maiores riscos e limites emancipatórios da educação, vivida na solidão e na relação com os media.

Para poder situar-se no espaço mundo, a D. Silvina precisou de apropriar-se de imagens e informações que circulam dos meios de comunicação social. Ela viu documentários, filmes históricos e outros programas televisivos que lhe ofereceram modelos de representação da realidade histórica e macro-social, mas identificou-se também com falsos heróis, com mitos de acção estratégica e, sobretudo, com o indivíduo isolado construído pelo neo-liberalismo.

É a partir desta representação de indivíduo auto-determinado e eficiente que ela reconstrói a sua história como parte da história colectiva de que quer fazer parte. Na sua história de vida e reconstrução de si mesma, podemos encontrar fragmentos de realidade destes mundos e a dominância de um modelo de humanidade e de uma versão do mundo que serve os interesses dos grupos dominantes.

Pudemos identificar, principalmente na primeira entrevista, o predomínio das mesmas categorias com que os grupos dominantes teriam definido (pela negativa) a sua situação. A nossa narradora constrói-se como um átomo, como um “indivíduo voluntarioso”, cuja vida e acção social assentam sobre escolhas independentes, que dispensam reciprocidades,

pertencas e solidariedades. O seu discurso sobressai a ideia de mérito, que legitima hierarquias e que produz o consentimento para privilégios dos que ocupam posições favoráveis. A consciência da discrepância entre o seu (grande) esforço quotidiano e a retribuição (mínima) que ela e os seus pares e vizinhos auferem, quer na esfera pública quer na esfera privada, parece estar completamente obscurecida nesta representação de si mesma.

Talvez possamos atribuir a leitura que a D. Silvina constrói sobre o mundo a partir de categorias dos grupos dominantes que circulam através dos media, a valorização desigual que ela faz dos saberes experienciais que ela utiliza, reproduz e com que recria em toda a actividade de reprodução e transformação do seu meio de vida, a visão do mundo a que ela tem acesso através dos seus (poucos) contactos com literatura, mais ou menos erudita e com os media. O seu discurso parece querer atestar a sua “ilustração”, como factor de distinção relativamente à sua família e aos vizinhos. No entanto, estas contradições requerem ser vistas como desafios à nossa própria capacidade de enfrentar, como problema, o fechamento do nosso sistema de representações sobre a realidade social, abrindo-o aos significados que os oprimidos constróem, enquanto contemporâneos e participantes da cultura dominante.

O lugar de acção que tanto dignifica a D. Silvina como parteira e como mulher virtuosa da sua Comunidade restrita, deve ser analisado como alerta para o isolamento social das pessoas que habitam mundos construídos na periferia cujo rosto, que se mostra e que se esconde, é a pobreza. De facto, a sua acção é ilegal e de alto risco, mas ela não a concebe assim. Experimenta-o como prática natural e de solidariedade com outras mulheres que têm as mesmas razões que ela para ter os filhos em casa - a falta de apoio social para os outros filhos, o risco de desemprego, a necessidade de ganhar dinheiro para a sobrevivência quotidiana, a exigência de cuidar do gado que não pode ficar à sorte, nem tão pouco o marido pode ficar sem cuidado.

A D. Silvina fá-lo com boa consciência e ressignifica os partos que faz (incluindo os seus) como campo de acção pericial, passível de ser socialmente reconhecido “lá fora” pelo

“nós” a que se sente pertencer. Por isso, no exercício do seu saber, mistura elementos das duas culturas - da cultura oral, em que as mulheres ensinam outras mulheres, o “saber médico do povo” (Berta Nunes;1999); e os saberes modernos, desenvolvidos em ambientes assépticos, sancionados pelo conhecimento científico, especializado como tecnologia.

Pensamos que uma das potencialidades emancipatórias da educação da D. Silvina está contida no facto de ela não ter interiorizado as representações sociais que qualificam como ignorância e desinformação o que é o resultado da apropriação (arriscada) de múltiplas leituras do mundo e de práticas sociais desigualmente reconhecidas. Imaginamos que a história desta mulher é comum à história de um grande número de outras mulheres, homens e crianças mas a singularidade da sua história parece-nos estar naquilo que esta mulher faz, continuada, mas tão solitariamente, da sua vida, como existência.

Não podemos, no entanto, deixar de reconhecer que esta não é uma situação tão particular e singular quanto a que desejávamos identificar como propriedade dos contextos de vida de pobreza. Este é, de facto, o mundo que coabitamos e que a posição de fronteira da D. Silvina nos permitiu descortinar e descobrir como problema que está omissa no entendimento actual e dominante sobre a Educação.

O que nos importa é saber o que poderia ter sido diferente na vida da D.Silvina se a sociedade que lemos com os recursos simbólicos com que contamos, neste momento da nossa própria história individual e colectiva, fosse diferente e as decisões políticas tivessem sido outras. Este desafio é lançado por Sousa Santos como antídoto das teorias que preconizam o fim da história e que impedem que vejamos o futuro como repetição do presente.

Seria importante reflectir se a educação, tal como a investimos hoje, teria dado recursos melhores do que os que permitiram a esta família sobreviver a crises tão importantes quanto aquelas a que teve que enfrentar, geradas pelo aumento contínuo do agregado familiar, pela fragilidade da saúde das crianças, que implicou internamentos e a prestação de cuidados especiais, pela construção da casa e pela precaridade da remuneração do trabalho.

Segundo o conhecimento de que dispomos e que reproduzimos na formação dos profissionais de desenvolvimento humano, qualquer destes factores poderia explicar a atitude de desistência e de conformidade de expectativas da D. Silvina às circunstâncias de adversidade em que viveu. Embora nos surpreenda a habilidade, a coragem e a generosidade do esforço com que esta mulher criou as condições necessárias para inserir dois filhos, quatro filhas e de três netos no mundo do trabalho, que lhes poderia dar acesso a protecção social mínima e a direitos de cidadania, importa perguntar a que distância desta vida estava o Estado e outros sujeitos colectivos, que prometeram, a todos nós, os benefícios da ciência e a protecção do direito ?

O que faltou para colocar esta e tantas outras vidas comuns na esfera de acção social e de arbitragem social do Estado Educador e do Estado Providência ?.

No mapa que apresentamos a seguir, listamos acontecimentos históricos de natureza sócio-económica e política que ocorreram na época de vida da D. Silvina, sua mãe, suas quatro filhas e três netas. Trata-se de acontecimentos cuja projecção pelo discurso oficial nos levou a criar uma representação da vida social baseada na racionalidade, como antídoto da arbitrariedade. Passámos a esperar que instâncias legitimadas de poder legislassem de acordo com os princípios definidos nos documentos que iam sendo criados e definissem e implementassem políticas correspondentes. Ao tornarmo-nos espectadoras mais ou menos passivas da acção política do Estado, codificada pela linguagem do Direito e justificada por razões construídas pela Ciência, tranquilizamo-nos com a administração racionalizada da acção dos sujeitos, organizados para a negociação e consecução dos interesses consagrados como prioridades pelos representantes eleitos da sociedade. Subestimámos a dinâmica da economia material e simbólica, estruturalmente desigualitária, que silenciava e ocultava o ponto de vista, às necessidades e aos interesses dos grupos subalternizados.

Pensamos que a apresentação de elementos mais fortes dos discursos sobre a história da vida da sociedade humana e sobre a história de vida destas mulheres nascidas ao longo do século XX, pode ilustrar a distância que separa os mundos sociais imaginados pelos seus autores.

Ano	Escala Transnacional e da União Europeia	Escala Nacional	Trajectórias e simultaneidades
1906			A D Eva nasce gêmea de uma rapaz, da sua perspectiva é por ser rapariga que foi rejeitada e dada a criar por uma ama, que a alimentou com maçãs assadas, porque ela rejeitada ser amamentada por outras mulheres que se solidarizaram com a ama.
1907		Vigora a Monarquia Constitucional instituída depois da Revolução Liberal 1820	
1908			
1909	Admissão das mulheres nas Univ. alemãs		
1910		Implantação da República - parlamentarismo	
1911		Afirmação de Direitos e Liberdades fundamentais	
1912		Separação Igreja-Estado; Criada lei do Divórcio	
1913		Lei igual p/homens e mulheres: casamento e filiação	
1914		mulheres não devem obediência aos maridos;	
1915			Ela é dada a servir, na casa de parentes distantes, que são "ricos" e a sua tarefa é cuidar das crianças da casa, além de se ocupar de tarefas domésticas. Os pais da D.Eva produzem milho e vendem No mercado clandestinos, em período de fome.
1916	Início da 1ª Grande Guerra Mundial	Adultério c/ consequências p/homens e mulheres;	
		Fundação da Associação para Prognata feminista	
1917		"Cruzada de mulheres portuguesas"- c/o suporte a intervenção na I Guerra Mundial"	D E é forçada pela mãe a voltar p/ trabalho agrícola
1918			
1919	Fim da 1ª Guerra Mundial		
1920			D E mandada para Alentejo; trabalho sazonal por dois períodos de 8 meses
1921			vai para Alentejo mais 6 meses contra vontade foge de casa e fica a servir ;tem saberes "domésticos"
1922			é forçada a voltar a retorno a agricultura familiar
1923	<i>Europa Reage à experiência de morte maciça</i>		
1924		1º Congresso Feminista	
1925		regresso das ordens religiosas	Obrigada casa c/ peq.proprietário c/ braço amputado
1926			
1927	Declaração Genebra sobre Direitos das Crianças		
1928		Ditadura Militar, legislação da censura	
1929		Dissolução das Instituições Democráticas II Congresso Feminista 1926-1928 -participação selectiva nos actos	
	Depressão económica		
		eleitorais : votam apenas mulheres casadas	
1930		habilitadasc/ grau superior e E Sec. Promulgação do Acto Colonial;	Nasce 1º filha que começa a servir com 8 anos

1931		Policia Intern M.Interior; Sufragio Mulheres U e E Sec	acaba por casar na casa do agricultor em que trabalha
1932		Salazar chefia Governo; nova Constituição política	Nasce 2º filho vai servir casa agrícola com 13 anos
1933		igualdade cidadãos perante a lei, excepto mulheres	
1934	rearmamento Alemanha	Instituição do Estado Novo	Nasce 3º filho vai servir casa agrícola com 11 anos
1935		Reeleição de Carmona; 1ª mulher eleita p/ Parlamento	
1936	Guerra civil e Ditadura na Espanha 1ª mulher é eleita para o Parlamento	criada Legião Portuguesa c/o org voluntária patriótica	
	Nomeação de Franco	exigencia declaração anti comunista a func públicos	
	bombardamento de Guernica		
1937		Atentado a Salazar	
1938		Legião Port cria secção Mitra p/ veic valores E Novo	
1939	2ª guerra mundial	Portugal afirma neutralidade;	
	Pacto Hitler Mussolini	Tratado amizade Portugal - Espanha	
	Fim da Guerra da Espanha	Assinatura Concordata Santa Sé - fim divórcio civil	
1940	Alemanha invade França		
1941	Declaração de Guerra dos EUA a Alemanha Japão ataca EUA; Italia, invasão Grecia e URSS	100.000 pobres inscr na AsFreg Lisboa (14% pop)	
1942	Japão ocupa Timor depois da Austrália		Nasce a D Silvina, 4ª filha
	Aliados desNorteÁfrica;contraofensiva URSS		O Pai está em conflito com notáveis do local por não aceitar e bloquear a distribuição injusta de baldios
1943	Aliados alcançam vitórias desembarque Normandia, Libertação	Cedência da base dos Açores aos Aliados	Perturba-se e quando lhe tiram a licença de caça parece adoecer mentalmente; acaba preso e internado
1944	Paris	Agitação social e política e eleições para Deputados	A mãe foge c/ filhos p/casa familiares na Arrancada
1945	Rendição da Alemanha Hirochima – rendição do Japão e da Alemanha Criação ONU;Assinatura Carta Nações Unidas	Manifestações devido a fim da guerra Form MUD e MUD juvenil pers. subscritores listas	providenciam a intervenção judicial e internamento O pai é preso e internado; perde contacto c/família família; internamento só possível aos" sem família"?
1946	Começo do Estado Providência Julgamento de Nuremberga	Alterada lei eleitoral - difer. requisitos p/H e Mulheres Lev Mealhada - insucesso no derrube do regime	Mãe vai trabalhar nas minas com as crianças
1947	Proposta Plano Marshal	Salazar deixa pasta dos negócios estrangeiros Surge Projecto Governamental de Industrialização	Mãe deixa crianças entregues umas as outras para
		Valorizada a relação educação e produtividade	trabalhar numa pensão no Caramulo dá os filhos a servir; sai da terra D S tem 5 anos
1948	Declaração dos Direitos Humanos Instituição da actual OCDE Conv p/prev e punição do crime de genocídio NU	Agitação política e social; Dissolução do MUD Início da construção Cidade Universitária; Lisboa	Mãe vai servir casa do Professor; sai porque diz que o professor "queria a menina"
1949	Agravamento da Guerra fria Criação do Conselho da Europa	Eleições para Presidente da República Portugal entra na NATO	Mãe sai p/ trabalhar na estrada;
			PVDE designada PIDE passa a viver c/ companheiro que rejeita a D S
			cuida de duas crianças de casal

	Conv contra tráfico pessoas e exploração de outrem IV Conf Genebra -prot especial mulheres e crianças	Instituição da Fundação Gulbenkian	excluído(por incesto?)
1950	em situação de conflito armado	Mudança formação social - ascensão de classe da população pequeno burguesa independentecons estatuto elite operária p/n esbarrar ethos dirigente	depois de duas expulsões de locais em que se alojavam
	14ª Conv Europeia DH e Liberdades Fundamentais Tribunal Europeu p/ DH e liberdades fundamentais PI Shuman-modernização, exportação e igualização das condições dos operários da ind carvão e aço	Instituição da Fundação Gulbenkian Morte de Carmona;novas eleições presidenciais	D.S foge para a casa de professora está oito dias e é posta a servir na casa de agricultores; cuida da patroa C/ problemas de locomoção e faz trabalho dom/agricola
1952		Conselho da NATO reúne em Lisboa	
1953		Colónias desig " Ultramar"; Lei org; 1º PI fomento	irmãos deixam servidão e vão p/ Lisboa A D.S faz trabalho extra e compra ovelha para criar DS leva mãe à terra por maustratos;ela volta e regressa D.S é internada como pobre para ser operada a sinusite volta a servir; foge duas vezes por maustratos regressa a casa dos patrões por falta de alternativas
1954	Divisão do Vietnam em dois	Agitação camponesa Alentejo; morte de Catarina Eufémia	
1955	Admissão Portugal na ONU	Intensificação de políticas de obras públicas	
1956	Mov Nacionalistas Africanos	investimentos estrangeiros	
1957	Tratado de Roma -CEE e EURatom - política De Gaulle sobe ao poder (EU inova currículos)	eleições para Assembléia Nacional Eleições para a Presidência (Humberto Delgado) Aumento repressão. Demissão de Marcelo Caetano	
1958			
1959	Decl Direitos da Criança Revolução Cubana	criação de Juntas acção Patriótica Humberto Delgado refugio emb.Brasil; evasão A Cunhal Agitação de Católicos Progressistas	criam salão freguesia participa na organização de bailes e festas; cotribui para quermesse e faz amizades namora e deixa um rapaz canhoto; por superstição
1960	Movimento HIPPIE EUA Criação Fundo Social Europeu		
1961	1ºastronauta URSS Insurreição em Angola	Greves operárias; desvio Santa Maria; Golpes	conhece marido no baile.Engravida;fica na casa sogros (é retida aí?) nasce 1ª filha- trabalha nas minas de arroz Fome; tem que voltar à serra; vanda tremoços
1962	inicio Concilio Vaticano II bloqueio naval de Cuba	relações amistosas com EUA e GB boas relações com Alemanha e França (emigração)	Ida ara o Alentejo ; Fome e regresso trabalha como ajuda da sogra e do marido na fábrica
1963	Assassinato de Kenedy Encíclica Pacem in Terris	aumento da repressão Começo da guerra na Guiné Começo da guerra em Moçambique	
1964	Começo guerra Vietnam Convs as contra toda formas discriminação no ensino Criação Amnistia internacional - Oserver divulga a prisão de 2est. port.pq gritaram Viva a Liberdade		Nasce a 2º filha D.S. acidente na fábrica; criam vínculo laboral p/ seguro As filhas ficam entregues às avós materna e paterna Fica oito meses em reabilitação (Águeda e Lisboa)
1965	fim do Concilio Vaticano II 1º astronauta russo	Assassinato de Humberto Delgado Encerramento e Destruição Soc Port de Escritores	conhece Lisboa; aprende a ler; e passa a ter acesso a determinados consumos culturais
1966		Agravamento Guerra Colonial	Regressa a Aguada e compra casa,c/ \$ do seguro

		subida salários e falta de operários com a emigração	Nasce o 3º filho D.S
1967	Suharto- poder na Indonésia	Visita Paulo VI a Fátima equilíbrio balança pagamentos:emigrantes e turistas Deportação de Mário Soares para S Tomé	D.S tenta voltar a mesma cerâmica 3º filhocrises epilepsia; crianças vão c/mãe p/fábrica
1968	Maio de 68 em Paris Assassinato de Luter King Medellin-II Comf episcopal	Salazar adoece: Marcelo Caetano nom. 1º Ministro aum.salários-faltaoperários; Greves Lisnave, Ford;GM Regresso Bispo do Porto, Mario Soares e outros	nasce 4º filho; 1º filha vai p/escola; dá almoço a deficiente por sopa Filha ajuda a avó no pastoreio, por conta da tia 2ºfilha sofre fome e negligência c/ avós paternos
1969	Astronautas EUA Lua Cimeira de Haia-acabam.,aprof,alarg. CEE contra analfabetismo BR Diminui a repressão	Eleições p/deputados-aparece "ala liberal morte Salazar; Congresso de Aveiro ,	2ª filha vai para a escola
1970	Eleição de Allende Adopção pela Ce da Carta Social	agitação, greves, repressão revisão Constitucional, sabotagens, manif estud. ruas	D S recebe dinheiro do seguro nasce o 5º filho
1971	Européia Papa recebe nacionalistas das Colónias Portuguesas pobreza c/o problema agravado pela crise/PLCP	Decl estado subversão c/ suspensão Direitos Const. luta armada contra fascismo e colonialismo	Fome/ mãe vai buscar 1ª filha/trab p/ primas por batatas 1ª filha -difícil adaptação na nova escola; "serrana" 2ª filha atropelada volta da escola/irmã sente-se responsável
1972	Assassinato de Kennedy	Vigília na Capela do Rato	marido tenta sem sucesso emigração Suíça Emprego na Fábrica c/ Direitos/1ª filha vai servir 1ª filha vai servir: eccola*trabalho domestico *costura
1973	Começa Guerra no Vietname Fim do Concílio Vaticano II choque petrolífero ; recessão	saída da ala liberal da Assembléia Primeiras reuniões Movimento da forças armadas Denúncia dos massacres Wiryamu	extensão do W doméstico 2ª filha ajuda a mãe em obras na casa+ escola
1974	Criação Conselho Europeu Começo de estagnação economia-mundo; id Mod Liberal como geo-cultura do S Mundo Agrav. cond ec desemp e rupturas monetárias	Revolução-25 Abril Reconhecimento da independência das Colónia Africanas Abertura Magistratura e todas postos publicos às Mulheres	volta a casa Escola+fábrica com a mãe 2º filha vai p/ casa de tios em Lisboa; escola+ajuda
1975	criação do FEDER -F de or agr. E Fsocial Lomé:ConvCE/46		regressa com doença do irmão/
1976	Est.Africa,Caraibas,Pacífico	Constituição Portuguesa Estado c/o primeiro responsável pela protecção social através de desenvolvimento integrado a nível local campo da saúde,habitação,emprego e trabalho, animação socio-cultural,educação e fomento económico) "todos têm direito à protecção da saúde e o dever de a proteger e promover (artº 64)- Estado assume a defender e promover" (artº 64)- Estado assume as despesas totais c/cobertura saúde a toda população	o 4º filho adoece a morre causa ã esclarecida
1977			Casamento da 1ª filha com grande festa
1978			Nascimento da 6º filha Tem direito a baixa de parto
1979	Puebla - III Conferência Episcopal entrada em vigor do Sist. monetário Europeu 1ªeleição por sufrágio do Parlamento Europeu		3º filho começa a trabalhar (c/6º ano 2º filha sofre maustratos e tem a sua 3ª filha; 2º filha gravidez involuntária casamento sem festa ; fica a morar em anexos da mãe nasce o 1º neto e a 1ª neta (um de cada filha)
1980			nasce o 3º filho (2ª da 2ª filha); a neta fica c/

1981	alargamento da CE a sul; entrada da Grécia		a bisavó
1982	crise das dívidas nacionais Ractificação da declaração do Direito da Criança a brincar proclamada pelo IPA (Ass Int Dir Cri brincar) 1º rel CE sobre PPLCP - ref a causas estruturais		1ª filha trabalha p/ casa própria; 2ª filha na fabrica c/D S 5ª filha entra para a escola nasce a 7ª filha
1983	criação política europeia do ambiente Acto Único, grande mercado único	Visita do Papa a Portugal	filha adoece; internamentos frequentes
1984	estrategia Européia "Saúde p/todos no ano 2000"	Tratado de adesão a União Européia	4º filho emprega-se c/ 4ª classe/genro imigra Suíça (contra 10,9% s primário e 27,8% s terciário)
1985	Conv contra tortura, penas, trat crueis, deshum;degard t - ractif pela AR nº 11/88 ONU define regras mín p/ a adm justiça p/ menores Conferência mundial Nairobi *** PrCom acção medio prazo p/ lg oport em Educação Rec sobre ensino e aprendizagem dos DH escolas ResCons ME Eur igualdade de genero em educação Conv Shengen(coop pol, pol, asilo int; abol fronteiras) Conf Ottawa; Promoção saúde / participação		avó e as tias c/ 9 anos cuida da filha e dos sobrinhos intensificam-se os maustratos à 2ª filha e aos 3 netos
1986	Acto único - política europeia p/ ambiente	Entrada de Portugal na UE Lei de Bases S. Educativo	neta da 1ª filha vai para escola, mãe prepara imigração 2ª filha tem outra menina, o pai não acusa de adultério
1987	II Programa Europeu anti-pobreza (87-89)	Portugal é um dos países mais pobres da EU; 20/25% da população- dos quais 53,3% é pensionista e 35% faz parte da população activa com emprego	Ractificação da Conv p/prev e punição do crime de genocídio ONU Ela foge com a bebé ; D S.fica com tres crianças
1988	Carta Européia Direitos sociais fundamentais		1ª filha emigrou para Suíça entretanto 6ª filha ingressa na escola
1989	Convenção dos Direitos da Criança Carta Comunitaria dos Direitos sociais		trabalho doméstico e cuidado com sobrinhas 2º filha imigra para Espanha e depois para Luxemburgo os netos mais velhos vão para internato a filha mais nova vai p/ ATL ; sobrinhas para creche
1990	Assinatura Convenção Direitos da Criança Queda Muro de Berlim-Unificação Alemã II Programa Europeu anti-pobreza (90-94) Plano Dellors-as monetário e económico	Implantação de 4 Projectos Locais de Luta contra Pobreza	escola+cuidado sobrinhas+trabalho doméstico neta vai juntar-se com os pais à Suíça; namoro 5ª filha 3º filho imigra para a Suíça
1991	início internet Celebrações do Ano Internacional da Família(91/93) UE III Programa Comunitário de Acção para a igualdade	Celebrações do Ano internacional da Família Criação da APEM - Associação p/ Estudos de Mulheres	5ª filha sai escola-fábrica (5º ano)/mais nova sai ATL compromisso filha mais nova c/namorado abandonado

	de oportunidades entre Mulheres e Homens(1991-1995) Guerra Golfo- rebaixamento de padrão na vida dos pobres Guerra da Bósnia CE Edimburgo decisão de financiamento do CE			
1992	Tratado Maastrich: Cidadania Conf Mundial Rio Jan- Ambiente e Desenvolvimento			casamento da 6ª filha (voluntário) D S abandona a Fábrica/ 7º filha abandona a escola
1993	Conf Mundial de Viena*sobre Direitos Humanos* PI de acção mundial p/Ed Dir Hum e Democracia	entrada de verbas p/ acções estruturais pela UE		Emprega-se numa pensão e estuda à noite
1994	Congresso Internacional p/DH e p/ Dem-Montreal Rel UNICEF atribui negligencia c/ cr nas Soc ricas Conf Mundial do Cairo*sobre pop e desenvolvimento Ue dos 12 aos 15 - entrada oficial Aus,Fin,Suecia)			Tentativa comércio ambulante Divórcio da 6ª filha; ida para Luxemburgo;regressa c/ companheiro; Portugal; As netas vão p/Luxemburgo
1995	Conferência Mundial de Pequim CE aprova Rec p/ igualdade de sexos na educação Estados partes adoptam em artº 43 Conv Direitos Criança Declaração de princípios sobre a intolerância Conf Geral UNESCO - Dec e quadro de acção integrado de Ed p/paz e DH e p/ a democracia ConsETurim e Dublin -"pacto de estabilidade"			Morre a Mãe da D S.; 7º filha deixa casa p/maustratos
1996	tratado de Amsterdão EU			
1997	Conferência Ljubljana-ganhos saúde; UE IVPrograma Comunitário de Acção para a igualdade Conselho Europeu extraordinário emprego			
1998	16 milhões des s/ habitação e protecção social Dec p/respos dos indiv,grupos, orgãos da sociedade de prom e proteger DH e Lib fund universalmente reconhecidos 5ªAs.M OMS-adopção Com mundial/Saude p/Todos	4ª Revisão da Constituição Portuguesa - lei Const nº1/97 Plano Global para a Igualdade de Oportunidades		regresso da 6ª filha com filho e companheiro; dificuldade de emprego; casa a 7º filha contrariada
1999	Dec e prog sobre Ed p/cidadania democrática fundada nos Direitos e respons dos cidadãos - Conselho da Europa Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia Declaração do Milénio -As Ger Nações Unidas	ao fim p50		morre a Mãe da D S.; 7º filha deixa casa p/maustratos
2000				Divorcia-se ; a 6ª filha tem mais um filho a Filha mais nova casa de novo e está grávida
2001				
2002	Entrada em circulação moeda única	Ractificação Carta Social Européia (adopta pelo CE 1961)		

Quando opomos esta lista de progressos da razão da Modernidade com as suas

estruturas e meios de legitimação política da intervenção na vida dos grupos sociais, à vida destas mulheres, que fazem parte de quatro gerações que viveram no século XX, na Europa e num meio reestruturado pelas transformações económicas mais amplas, podemos constatar a distância das representações sobre o mundo entre os que vivem no centro e na periferia dos espaços de tomada de posição e decisões políticas na esfera pública.

Distantes do espaço das definições de princípios e da luta pela universalização de direitos humanos, a história de que alguns grupos se podem apropriar narrativamente parece manter-se impermeável aos discursos que instituem os mínimos sociais para humanizar da vida colectiva que foi sendo deixada de pensar como vida comunitária.

Direitos humanos, Direitos das Mulheres e Direitos das Crianças são apenas alguns dos conteúdos dos discursos que esperávamos encontrar como fundamentos das decisões que estruturam a vida não só da D. Silvina ou da sua mãe, mas fundamentalmente das suas filhas, nascidas entre os anos 60 e 80 e das suas netas nascidas na segunda metade da década de 80.

5.2 A Educação investida como Política entre Políticas sociais e a vida das crianças

Quando atentamos para os acontecimentos que constituem a narrativa do século XX, há que reconhecer não apenas os ganhos de conhecimentos novos sobre a condição e desenvolvimento humanos, mas também a tendência democratizante de todo um conjunto de políticas que visaram melhorar as oportunidades de uma vida com mínimos garantidos de saúde, protecção e participação social.

Ao admirar estes “progressos” imaginamos que a D. Silvina poderia ter sido uma criança física, social e psicologicamente protegida, sendo cuidada e estimulada a entender e participar no mundo físico, social e cultural de que é herdeira e contemporânea. Podemos imaginá-la como parte de uma família, social e politicamente protegida, informada e investida de meios e de poder social suficiente para se responsabilizar, em parceria com outros agentes sociais, na sua inclusão em dinâmicas e contextos sociais públicos e

privados, particulares e universais, progressivamente ampliados. Podemos imaginá-la como criança, provida nas suas necessidades, protegida contra riscos e participante como cidadã que, enquanto criança brincava dentro e fora da escola, onde era tratada como pessoa em desenvolvimento.

À luz dos conhecimentos científicos, dos recursos tecnológicos e dos materiais já existentes quando nasceu, poderíamos imaginar que as suas memórias dos conhecimentos, dos símbolos e rituais das duas gerações que a antecederam, estariam a ser revisitados, analisados criticamente e eventualmente sendo transformados, no confronto com outros modelos e pressupostos teóricos e epistemológicos. Estaria a apropriar-se de códigos linguísticos específicos ao desempenho de papéis sociais necessários para sustentar o progresso material e científico, de cujos resultados ela esperaria beneficiar, por direito.

Neste contexto, poderíamos imaginá-la a fazer algumas escolhas profissionais e afectivo-relacionais dentro e fora do seu meio de origem e de inserção, tendo consciência mais ou menos crítica da ordem e da relativa arbitrariedade da distribuição de poder no interior das organizações sociais e do que ilegitimamente hierarquiza as posições sociais de trabalhadores, de trabalhadoras e destes entre si. Podemos imaginá-la a desejar superar heranças culturais relativamente à sua vida afectivo-relacional e sexual e, com mais liberdade, estaria a procurar superar a divisão dos mundos e a assimetria das relações de género e de companheirismo, assumindo o conflito com as suas próprias disposições subjectivas na luta desigual na criação de futuros mais favoráveis.

Se tivesse optado por ter filhos, poderíamos imaginá-la a cuidar deles de acordo com os preceitos básicos definidos pela medicina e pela psicologia e a educá-los sob a inspiração de alguns pedagogos contemporâneos, valorizando a acção da criança e um bom doseamento entre liberdade e determinação das suas experiências. Os seus filhos e filhas poderiam ir ou não ao Jardim de Infância mas, seguramente, iriam à escola para retomar o investimento na mobilidade social intergeracional, prometida pela Modernidade. Não poderia ainda contar com a protecção do Estado Providência adiado, mas poderia estar resistindo à ordem anti-democrática só superada quando tinha 32 anos.

Deveríamos poder imaginá-la a usufruir de tempos de lazer, criados com a regulação do tempo de jornada laboral e a participar, dentro de limites estabelecidos pela simultaneidade de papéis sociais, em actividades culturais sociais e em grupos e redes formais e informais. Estaria segura de ser reconhecida por afinidades e diferenças, por interesses partilhados, reconhecidos, disputados ou negociados, constituindo a sua identidade social na relação com próximos e distantes.

Quando olhamos para as estruturas e mediações sociais e culturais já estabelecidas oficialmente na sua época e no espaço geográfico-administrativo em que se podia mover, temos que considerar que tudo isto seria não só possível, como insuficiente para que ela se considerasse incluída socialmente. O mercado poderia estar a ditar, com maior ou menor consentimento tácito, o outro mundo de necessidades de consumo e reconhecimento social a responder.

Tudo isso podemos imaginar porque a nossa narratária é “herdeira” de alguma propriedade e reconhecimento social legado aos seus pais. Ambos eram parte da sociedade portuguesa, num momento em que a implantação da República afirmou como princípios constituintes da vida social a igualdade, a liberdade e a fraternidade. Esses princípios poderiam ter “desactivado” os mecanismos ideológicos e político-sociais que “amarravam” a sua perspectiva de devir à sua posição social de origem. Viveram, assim, num período em que, tal como refere Luíza Cortesão, havia “uma atitude generosa e romântica, talvez mesmo utópica” subjacente às grandes decisões e em que se apostava “na dignificação do homem e na sua promoção moral e sociais através da educação” (1981:14).

Os seus pais são contemporâneos do movimento das ideias que tornaram visível a necessidade e a possibilidade prática de combater o analfabetismo, de difundir a cultura popular e de impulsionar a educação. Eles poderiam ter frequentado a escola pública desde 1911, depois da reforma do ensino primário. Os seus filhos, nascidos a partir de 1919, poderiam já ter frequentado gratuitamente o ensino pré-primário oficial, o ensino primário geral e superior com duração de oito anos, grau que lhes daria acesso ao 2º ciclo Liceal e às Escolas Normais.

A frequência escolar durante cinco anos, não era uma escolha mas uma obrigação e os seus professores poderiam ter sido já formados pelas Escolas Normais então criadas em Lisboa, Porto e Coimbra (cf Cortesão; 1981).

Os pais da D. Silvina viveram já num tempo em que se afirmava que era “necessário que a escola fosse ao atelier, à oficina, à fábrica e ao campo” e em que havia universidades livres e universidades populares que criavam bibliotecas ao ar livre nos jardins públicos, ofereciam cursos e conferências, desenvolviam iniciativas de alfabetização, concertos populares, organização de museus e em que, em muitas aldeias, se estabeleceu o hábito de fazer a leitura pública do jornal” (Cortesão; 1981 : 17)

O quadro que apresentamos abaixo lista alguns dos acontecimentos documentados por Luíza Cortesão e por outros autores, que nos ajudam a reconhecer a distância que separa a “trajectória de vida” do sistema social e educativo português, sucessivamente reorientado conforme as opções ideológicas que organizaram a vida social colectiva em diferentes época e as suas implicações (ou a ausência delas) nos acontecimentos que a D. Silvina, a mãe, quatro filhas e netas, seleccionaram para reconstruir a sua trajetória de vida, no interior de um Estado que promove a Educação como direito e a sanciona como obrigação das famílias.

Ano	Políticas educativas	Trajectórias e simultaneidades
1906 (1836 - principio da Escolaridade obrigatória)		nascimento da Evangelina
1907		
1908		
1909		
1910		
1911		
1912		
1913		
1914		
1916		Evangelina vai servir crianças
1917		
1918		
1919		Mãe vai buscá-la para trabalho agrícola
1920		
1921		é mandada para Alentejo; trabalho sazonal

1922		vai para Alentejo ;trabalho Sazonal
1923		fuga ; serviço doméstico Oia
1924		retorno a agr. familiar forçada
1925		
1926	Cessa Coeducação (pop escolares com + de 1 prof)	casa obrigada; def c/ propriedade
1927	Cessa ensino preparatório complementar	
1928		
1929	redução objectivo Escola Obrig- "ler, escrever, contar"	
1930	redução Escolaridade Obrig p/3 anos; extinção escolas móveis	
1931	criação de postos de ensino	1º filha
1932	Extinção ensino primário complementar	
1933	<i>Difusão frases patrióticas livros de texto e locais públicos</i>	
1934		2ª filho
1935	retrato Chefe do Estado e Presidente Conselho nas Salas de aula	
1936	Min Instrução Pública passa a Ministério da Educação Nacional Criação da "Mocidade Portuguesa" c/ obrigatoriedade inscrição crucifixo; livro único leitura; livro único c/ toda materia - EPrimária criação dos Centros de Medicina Pedagógica nos Liceus	
1937	cria-se "Obra das Mães" p/ criar secção feminina Moc Portuguesa admite-se extinção do Ensino infantil oficial	
1938		Nasce 3º filho
1939		
1940	18% docentes EP regentes escolares; encerram-se 134 escolas	
1941		
1942	reabertura e redução do plano de curso Escolas do Magistério; regulam. EM p// "integrar alunos na atmosfera ideológica vigente"	Nasce a D Silvina
1943		
1944		marido - conflito com políticos locais
1945	Aumento de Escolas de Magistério (6)	por causa da dist dos baldios fuga para Arrancada c/crianças
1946		prisão e internamento do marido
1947	Demissão de Prof Universitários; Crise Académica	trabalho nas minas
	Alteração estrutura ES. Latim e Alemão saem do curso geral	
1948	Início da construção Cidade Universitária. Em Lisboa	

	Reestruturação do Ensino técnico	vai servir casa do Professor
1949		saída da casa-queria a minha filha
		vive c/ companheiro que rejeita Silvina
1950		Sivina serve casal excluído(incesto)
1951		
1952	alteração de alguns aspectos Estatuto ensino Liceal	
1953	abertura Faculdade de economia Porto	
1954		irmãos deixam servidão e vão p/ Lisboa
1955	regime único para 4ª classe do E Primário	D S leva a mãe de volta à terra devido a
1956	regulamentação"vida circum-escolar" provoca agitação estudantil	maustratos pelo companheiro; a mãe volta
1957	EP obrigatório 4 anos para rapazes e 3 para raparigas	daí há tempo e tem que ser levada a terra
1958	aumento alunos, Escolas Magistério e vencimento dos Prof	
1959	Leite Pinto - defende alargamento escolaridade ; preparação do Ciclo Preparatório	
1960	escolaridade obrigatória de 4 anos p/ rapazes e raparigas	
1961	abertura Faculdade de Letras do Porto saída do Misnistro Leite Pinto	
1962	greve académica; prisão centenas estudantes; demissão prof. demissão de Marcelo Caetano como Reitor	nasce 1ª filha- trabalho nas minas de arroz
1963		Fome; tem que voltar à serra; vanda tremoços
		Ida ara o Alentejo ; Fome e regresso
		Trab minas de arroz/ Pós laboral por comida
1964	esc.obrigatória p/ 6 anos criação da 2ª fase EP 5º e 6º classe complementar	Nasce a 2ª filha
		trabalha como ajuda na fábrica
		D.S. teve acidente e entrega as duas filhas
1965	1º estágio formação de prof Pedagogia Freinet MEM	às avós; fica oito meses em reabilitação
		conhece Lisboa; consumos culturais
1966		pai falece H Psiq; Vai buscar 2ª filha aos avós;
		1ª Flha recebe avó : Nasce o 3º filho D.S
1967	criação Ciclo Preparatório do Ensino Secundário aprovação programas do ciclo complementar do Eprimário	D.S traumatizada não se readapta à cerâmica
1968	começo Ciclo Preparatório e criação Ciclo Preparatório TV intensificam-se a apreensão de livros nas livrarias experiência pedagógica nas escola técnicas	3º filhocrises epilepsia; crianças vão c/mãe p/fábrica
		nasce 4ª filho;
		1º filha vai p/escola; dá almoço a deficiente por sopa
1969	Greve Universitária Incorporação forçada de estudantes (PIDE designada por DGS)	filha ajuda a avó no pastoreio, por conta da tia
		2ºfilha sofre fome e negligência c/ avós paternos
1970	Veiga Simão- democratização do ensino e meritocracia Grandes debates a nível da Academia	2ª filha vai para a escola
		D S recebe dinheiro do seguro
1971	concessão subsídios transporte a alunos do EP instituída gratuidade escolas públicas Ciclo Preparatório e telescola	nasce o 5º filho

	com disposições legais p/effectivar direito escolaridade obrigatória estabelecido: a partir de 73/74 haverá coeducação no E Prim e	
1972	Prep.	Fome/ mãe vai buscar 1ª filha/trab p/ primas por batatas
1973	criação das Universidades novas e Institutos Politécnicos	1ª filha -difícil adaptação na nova escola; "serrana"
	discussão da Reforma Veiga Simão na Assembléia	2ª filha atropelada volta da escola/irmã sente-se responsável
	estudantes saídos da crise de 1969 são mobilizados e vão p/ África	marido tenta sem sucesso emigração Suíça
1974	Ens. pré-prim oficial; Ensino Unificado;7º,8º,9º ano; E Secundárias alterações: organização, programas, livros, metodologias, avaliação	Emprego na Fábrica c/ Direitos/1ª filha vai servir
		1ª filha vai servir: escola*trabalho domestico *costura extensão do W doméstico
1975		2ª filha ajuda a mãe em obras na casa+ escola
1976		2ª filha vai p/ casa de tios em Lisboa; escola+ajuda
1977		regressa com doença do irmão/
1978		o 4º filho adoece a morte causa ã esclarecida
		Nascimento da 6ª filha
		Tem direito a baixa de parto
1979		3º filho começa a trabalhar (c/6º ano)
		2ª filha gravidez involuntária
		casamento sem festa ; fica a morar em anexos da mãe
1981	<i>Deslocação centro de decisão p/ IEFP; Ass e Confed. Industrial</i>	nasce o 3º filho (2ª da 2ª filha); a neta fica c/ a bisavó
1982	<i>ideologia da modernização no SE Stoer Correia Cad CS 93</i>	1ª filha trabalha p/ casa própria; 2ª filha na fabrica c/D S
1983	<i>mistificações da M tec e des autonomo do lnd oculta desig</i>	5ª filha entra para a escola
		nasce a 7ª filha
1984	estabelecimento de relações explícitas S produtivo e S Educativo	filha adoece; internamentos frequentes
1985		4º filho emprega-se c/ 4ª classe/genro imigra Suíça
		2ª filha sofre maustratos e tem a sua 3ª filha;
		avó e as tias c/ 9 anos cuida da filha e dos sobrinhos
1986	escolaridade obrigatória 9 anos	intensificam-se os maustratos à 2ª filha e aos 3 netos
		neta da 1ª filha vai para escola, mãe prepara imigração
1987		2ª filha tem outra menina, o pai não acusa de adultério
1988		1ª filha emigrou para Suíça entretanto
1989		6ª filha ingressa na escola
		trabalho doméstico e cuidado com sobrinhas
1990		2ª fha imigra para Espanha e depois para Luxemburgo
		os netos mais velhos vão para internato
		a filha mais nova vai p/ ATL ; sobrinhas para creche
		escola+cuidado sobrinhas+trabalho doméstico
		neta vai juntar-se com os pais à Suíça; namoro 5ª filha
1991		3º filho imigra para a Suíça
		5ª filha sai escola-fábrica (5º ano)/mais nova sai ATL
1992		compromisso filha mais nova c/namorado abandonado
1993		D S abandona a Fábrica/ 7ª filha abandona a escola
1994		Emprega-se numa pensão e estuda à noite

1995	tentativa comércio ambulante Divórcio da 6ª filha; ida para Luxemburgo; regressa
1996	c/ companheiro; Portugal; As netas vão p/Luxemburgo
1997	
1998	regresso da 6ª filha com filho e companheiro;
1999	dificuldade de emprego; casa a 7ª filha contrariada
2000	revisão curricular morre a Mãe da D S.; 7ª filha deixa casa p/maustratos
2001	Divorcia-se ; a 6ª filha tem mais um filho
2002	a Filha mais nova casa de novo e está grávida

Como referimos no segundo momento deste trabalho, quando a narrativa histórica nos dá conta das mudanças dominantes numa determinada época, pode ocultar as diferenças do impacto destas mesmas mudanças nos diferentes grupos sociais. A história das famílias e, conseqüentemente, da vida das crianças dos grupos sociais subalternos, é disto um exemplo.

Já vimos como o período que correspondeu à nuclearização das famílias burguesas contrasta com a concentração das famílias pobres nas cidades e conseqüente coabitação entre gerações. Assim, o que levava a que a criança tivesse sido investida como sujeito de cuidados e de educação à parte do mundo dos adultos, num grupo social, levou também a que outras crianças, talvez em maior número, vissem o reconhecimento das suas necessidades e especificidade desta fase da sua vida adiada, pelo processo de industrialização. Da mesma forma que, enquanto as medidas de protecção à criança e às famílias burguesas correspondiam a um ganho de consentimento para as novas práticas, que corresponderam à melhoria das suas condições de vida e, designadamente, da habitação, estas mesmas medidas foram impostas coercivamente às famílias que viam as suas condições de vida estrangidas pelas exigências da transformação dos processos de produção e organização do trabalho.

Este processo de diferenciação das condições de vida e de formas de regulação estatal da vida das famílias, das mulheres e das crianças, não foi totalmente superada

historicamente. Os maiores esforços no sentido de diminuir as desigualdades de oportunidades de vida entre as crianças, têm sido feitos no campo da educação, com o alargamento progressivo do âmbito da escolaridade em termos de extensão a toda a população e em termos de duração e adiamento da entrada no mercado de trabalho e no mundo adulto.

A criação da escola de massas foi, neste sentido e sem dúvida, um dos maiores ganhos de uma sociedade que pretendia construir-se como Cidade.

Os grupos sociais em pior posição social puderam ver os seus filhos como cidadãos e cidadãs, com direitos iguais, reconhecidos à entrada da escola pública. Os jovens e principalmente as raparigas, puderam também ver relativizada a autoridade, o poder quase absoluto que os pais exerciam sobre as suas visões do mundo e decisões sobre o futuro, com a sua entrada na escola pública, estruturalmente democratizante. No entanto, basta constatar o quanto as crianças destes grupos têm sido remetidas para sistemas educativos paralelos, para receber ensino especial ou ingressar no ensino profissional, ao abrigo de rótulos e de práticas que as inferiorizam perante os seus pares de outras classes sociais.

Como atrás referimos, os sociólogos que assumem a reprodução das desigualdades como contradição dos sistemas educativos (e não como função dos mesmos), têm procurado analisar como se opera a transformação da desigualdade de condições materiais e sociais de existência em diferenças de oportunidades de sucesso e mobilidade ascendente. As respostas encontradas começaram por desocultar as relações de correspondência entre o sistema económico, entre a esfera da produção e o sistema educativo, mas foram-se desenvolvendo no sentido de encontrar os mecanismos pelos quais estas relações sociais, operadas em grande escala e como estratégia de classes dominantes, eram reproduzidas pela organização das escolas e no interior de micro sistemas sociais, designadamente nas relações entre adultos e entre estes e as crianças estruturadas na sala de aula, na família e, mais recentemente, nas relações entre pares.

Estes processos de reprodução social e cultural nos grupos de crianças e na relação entre as crianças, enquanto categoria social e a sociedade mais ampla, têm vindo a ser

analisados entre nós, por Manuela Ferreira, que estuda a relação entre pares e por Manuel Sarmiento, que tem aprofundado a questão do trabalho infantil, do estatuto da criança e das políticas sociais dirigidas à infância. Consideramos que o entendimento da posição e experiência dos sujeitos educadores-educandos requer ser explorada tendo em conta estes diferentes pontos de vista sobre a problemática da educação, designadamente da educação pública enquanto acção política que forma conjuntos de relações sociais inéditas que são legitimadas exactamente em nome da promoção da igualdade de oportunidades de vidas, cujos sentido se constróem na tensão entre estruturas de determinação e horizontes de determinação coincidentes ou contraditórios.

O que nos propomos fazer neste momento é reflectir sobre as implicações humanas deste processo de reprodução social e cultural, consentido pelo Estado, pelas famílias e pelos educadores, com prejuízo efectivo dos grupos que mais sofrem a opressão das estruturas sociais e económicas e que estão mais expostos aos velhos e novos riscos de dominação e exclusão social.

Pensamos que a escuta do depoimento biográfico da mãe da D. Silvina, das suas quatro filhas e três netas, pode dar-nos uma percepção mais aguda e realista do sofrimento que seria dispensado se os actores sociais, agissem mais critica e, como diria Paulo freire, mais amorosamente, no interior das estruturas sócio-económicas e no uso de estruturas sócio-simbólicas que sustentam a realidade social que somos desafiadas a reimaginar em outros termos. Urgência que é denunciada pelo retraimento do Estado Providência (Hespanha; 2000) e pela emergência do Estado que, no campo da educação, se passa a preocupar com a diferença de estilos de vida, secundarizando o seu compromisso com a desigualdade das oportunidades de vida (Stoer; 2001) daqueles que obriga enquanto alunas/alunos cidadãos a aderir a ordem cognitiva e moral da escola.

5.2.1. Seguindo indícios da relação educativa entre Meninas-Mulheres-Mães-de-Meninas

Como referimos no segundo momento, para compreender os limites e potencialidades da educação na vida que temos vindo a abordar, tivemos que nos socorrer do conceito de socialização para problematizar a educação não-escolar. Na verdade, quando focalizamos a nossa atenção na experiência pessoal da D.Silvina enquanto criança, a representação que temos é a de uma menina forte que enfrenta as contingências de pobreza, geradas pela doença do pai e pela conjuntura do pós-guerra, lado a lado com a mãe. Acompanha-a no trabalho da estrada, trabalha a par com ela e vai para a casa do professor até ser mandada e levada a servir aos 8 anos (?), tratando de outras duas crianças que são deixadas ao seu cuidado, enquanto os pais vão trabalhar na construção civil.

No entanto, podemos também apreender na fala da D.Silvina uma outra criança que ela parece querer resgatar, como memória da sua infância, à medida em que se vai reconstruindo como sujeito de discurso. Deparamo-nos, assim, com a filha pequenina de uma camponesa que, tal como todas as outras crianças da sua família e comunidade, passa tempos sozinha e na companhia de outras crianças, no interior do mundo adulto. É desta posição que, como refere Iturra, ela como as outras crianças observa as práticas sociais dos que a antecedem no processo de reprodução material e biológica da vida em comunidade.

É a partir do que observa das relações práticas entre adultos, da da interiorização da genealogia, dos mitos e de ritos de iniciação, que ela retira as disposições com que entende e é levada a participar no mundo adulto. Enquanto criança, preocupa-a ter a segurança do amor dos adultos, de que pode beneficiar quando está doente e de cujo olhar se defende a partir do interior dos mundos sociais constituídos nas relações entre crianças.

Para além desta menina, temos a criança explorada pelo trabalho, que suporta o esforço físico e os efeitos da cegueira dos adultos para a sua imaturidade e o seu direito a ser cuidada, tanto quanto as crianças de quem tem que cuidar, vigiar, transportar e abandonar para ir espreitar pela janela da escola, onde outras crianças aprendem a ler e a escrever.

Esta outra criança que olha através da janela é a menina que queria aprender a ler para conhecer o mundo conhecido pelo seu pai que *“lia, lia tanto que o cérebro dele virou”*. Esta menina-aluna-que-não-pôde-ser, da escola da freguesia, da professora na casa de quem esteve por oito dias, é tão real e presente no vivido da D. Silvina que não a podemos subestimar. Esta é a menina que desejava, mais do que as outras crianças, aprender a ler e que era aceite no grupo de pares nas situações de brincadeira que reuniam as crianças, independentemente de irem ou não à escola. Esta é a menina-jovem que participa nos grupos de raparigas e é também a menina-feita-mulher que é enganada no baile e que, por isso, casa e trabalha para criar os sete filhos que teve, entre os quais quatro são meninas, como ela foi.

Pensamos que é importante explorar possíveis implicações sociais desta experiência da infância vivida e imaginada no ciclo de reprodução social e cultural, nomeadamente porque, apesar da menina-mulher-mãe-de outras-mulheres, não querer que as suas filhas e filhos *“fiquem como ela, no escuro”*, não os estimula a permanecerem ou a investirem na escola. Preocupa-se, sem dúvida, com a educação deles e delas e quer ampliar a sua visão do mundo, a mesma visão que ela procurou ampliar através da leitura.

Na sua preocupação enquanto educadora, leva-os a excursões e a conhecer o Papa, que eles vêem na televisão. Leva-os à capital e a conhecer os principais locais de turismo religioso. Discute os vídeos (entre os quais valoriza os temas religiosos) que vê em conjunto com as filhas e netas ao fim do dia de trabalho e gosta de rir e de chorar com elas o drama das novelas, nos quais vê um fundo de verdade. Lê com elas os livros da História de Portugal e aí descobre e por certo ajuda a descobrir o Rei que exerceu e fez reconhecer a Justiça Forte, que vingou violentamente, a morte da Rainha, a Mulher inocente e casada em segredo com o rei de cujos filhos cuidava, chorando ao lado deles, pela doença e morte da mãe. Descobre nos livros e ajuda a descobrir que a Nação a que pertencem teve um Rei Lavrador, que amava a terra e a cultura dos campos, que não queria a guerra mas do qual a sua mulher tinha que ocultar os seus gestos de misericórdia. Esta, a mulher que contempla a beleza da natureza, tem gestos de humildade perante o povo e a sua Criada, que também

gosta dos campos e que acompanha a Senhora que transforma em rosas o pão que ia dar aos pobres.

Pensámos que neste pequeno comentário pudemos dar conta do que apreendemos como o legado cultural que passa entre gerações e, neste caso, entre gerações de mulheres, recompondo com elementos da actualidade o que é transmitido como valores e incorporado como disposições subjectivas, o que é vivido nas práticas sociais correspondentes a condições materiais e sociais de existência reais.

Aqui, tanto poderíamos argumentar a força da determinação social quanto a possibilidade de indeterminação social que passa pela apropriação de significados colectivos partilhados. Entramos na esfera da cultura em que a consideração pelas relações (desigualitárias) de poder são muitas vezes omitidas ou naturalizadas.

Segundo o modelo de interpretação de Bourdieu, os significados incorporados no habitus, são sempre os do meio social de origem, embora o “automatismo” do habitus, a sua actualização, requeira a presença do habitat (que tende a ser reproduzido pelo sujeito). A imersão do sujeito num outro campo social em que a posição que ocupa seja alterada, habitus incorporado, na socialização primária é mantido em vigilância, para ceder lugar a disposições secundárias, que correspondam às novas condições sociais em presença.

Adiante apresentaremos um quadro que nos permite comparar o ritmo dos acontecimentos que demarcam etapas nas trajectórias de vida de oito mulheres ligadas à D.Silvina por relações intergeracionais, o que indicia efeitos da socialização primária.

Antes de o fazer, queremos introduzir a referência à vida destas mulheres, algumas delas muito jovens ainda, pela citação das respostas de cada uma ao nosso pedido de que nos contassem a sua história de vida e também do que entendemos como a manifestação da identidade que estariam dispostas a manter na interacção connosco. Estamos também aqui conscientes dos constrangimentos que estão presentes, pelos seus efeitos, nas falas de cada uma. Pensamos que o maior constrangimento não é a assimetria da interacção social, mas o facto de elas saberem que estávamos a entrevistar a sua mãe sobre a história de vida de que elas eram parte. A relação de confiança que antecedia a investigação pode ter atenuado

mais uma vez o peso das sanções ao seu discurso auto-biográfico.

Nas palavras introdutórias das suas narrativas de vida, podemos inferir o argumento dramático que tem o seu lugar de “ancoragem” na infância e nelas podemos encontrar indícios de disposições subjectivas associadas ao papel de que se sentem investidas ou do seu investimento em outras posições de identidade reconhecíveis socialmente.

O esquema das ligações intergeracionais entre elas será completado com a informação mínima necessária para as localizarmos no seu contexto actual, ou seja, da posição e do momento a partir do qual elas nos falam das suas vidas.

Só depois surgirá o quadro comparativo dos acontecimentos que estruturam as suas trajectórias de vida e que nos desafia a identificar, com muita, muita prudência, um ritmo e uma orientação de vida com muitas afinidades, apesar da época e do ambiente social e cultural em que cada uma foi sendo submetidas a processos de socialização secundária.

Adoptamos o modelo de desenvolvimento adulto de Levinson (1986 in Helen Bee;73) que sinaliza as transições entre estruturas que constituem um ciclo típico de vida familiar. Fizemo-lo para ter mais um parâmetro crítico da proximidade e distância de padrões de vida que dependem de condições materiais e sociais de existência.

Esta foi a forma que encontrámos para explorar possíveis implicações sociais da vida da D. Silvina enquanto lugar de produção e de reprodução social e cultural que, como vimos, se susteve através de uma apropriação solitária, dos recursos simbólicos a que teve acesso directo ou mediatizado, para reconstruir um horizonte de determinação que não parece ter sido definido pela sua posição actual.

5.3 Introduzindo outras vozes no espaço de diálogo criado

“A minha história foi mesmo para uma mulher!

A minha mãe teve outro filho mas a mim não quis! Botou-me para a rua, não me deu de mamar nem nada! Ela disse para uma mulherzinha: “ó Maria pega lá isto! E ela respondeu: “deixa ver, deixa ver!” Esta ama então me teve e dizia “olha,olha que a mãe não quis!” (Eva; 1906 -2000)

“De quando era pequenina não me recordo de nada mas foi uma infância mesmo bonita!

Estive grande parte do tempo com a minha avó, na casa dela. Éramos as duas, vivíamos uma para a outra. Fui para lá quando a minha mãe teve um acidente. Eu devia ter mais de dois anos, porque a minha irmã tinha meses. Ela foi para casa da mãe do meu pai e para casa da mãe da minha mãe. Eu estive sempre com a minha avó e ela nunca me deixou faltar nada. Foi uma infância muito linda. Fui criada bem” (Ana; 1962 - ...)

*“A minha vida lembro-me ... desde que parti uma perna na fábrica da cortiça
... eu tinha 7 anos e vinha a vir da escola!”*

“Fui para casa da minha avó era bebé porque a minha mãe não me pôde criar. Foi a minha tia que me criou até quase os dois anos. Ela trabalhava no tijolo e tinha duas filhas mas cuidava de mim. A minha prima era mais velha do que a minha irmã três anos, tinha 5 anos, mas a vida era assim! Não se ganhava para dar a uma ama e nós tínhamos que ficar sozinhos. Até que ela começou a implicar, porque eu às vezes ficava sozinha e fazia as minhas asneiras porque as crianças não gostam de ficar sozinhas!... Eu desde pequena que sofri sempre. Eu sou uma mulher muito amargurada. Basta que a minha mãe criava os filhos e eu fui criada noutro lado!” (Camélia; 1964 - ...)

“Não sei o que é que hei-de dizer. Lembro-me de muitas coisas, mas de pequena não me lembro de nada!”

“Diziam que eu era a Gabriela (da telenovela), que era parecida com ela, porque andava sempre descalça e porque era baixinha, redondinha. Eu gostava de ficar no meu cantinho, com as minhas coisinhas ... com umas bonequitas que a minha mãe me dava.. Ela não tinha muitas possibilidades para me dar muitas coisas. Não fui muito de jogar a essas coisas, mas gostava muito de jogar à bola. Metia-me com os rapazes e a gente jogava muito à bola, na rua de cima jogava muito à bola, na rua de cima ... Mas eu sempre fui uma criança muito certinha e muito sossegada” (Otília; 1978 - ...)

“ Não sei por onde é que vou começar...começo pela escola

“ Eu comecei a ir para a escola com 5 anos e meio, mas comecei logo a dizer que não gostava! Eu não tinha muitas colegas; elas tinham muitos problemas, fumavam e me queriam pôr esse vício, mas eu nunca quis fumar. Então estudei até ao 4º ano e

sai da escola, estive um ano em casa e aos 12 anos fui trabalhar num café. Estive lá quase dois anos, mas não me sentia bem porque os meus patrões eram muito maus. Eu pedi para arranjar outro emprego na fábrica onde eu conhecia mais pessoal. Sai de um e meti-me logo noutra porque eu precisava. Eu não gosto muito de estar em casa porque parece que o tempo não passa! ... Quando nós começámos com melhor vida eu já não brincava com as bonecas! Já não valia a pena. Na altura em que eu precisava não tinha e agora que posso ter não vale a pena! “ (Marlene; 1983 - ...)

“Eu lembro-me de quando tinha 4 anos, em Aguada de Baixo Eu fui para a casa da ama quando a minha mãe foi para a Suíça”

“ Quando o meu pai foi para a Suíça eu tinha 5 anos e eu fiz 8 anos sem a minha mãe cá Eu fui para a casa da ama quando a minha mãe foi para a Suíça. A casa tinha mais condições do que a casa da minha avó e minha mãe me quis lá deixar. A minha mãe ficou mais tranquila por eu estar lá, porque ela fazia sempre o comer e a roupa estava mais limpa Era a minha mãe que tratava de mim, mas depois ela foi embora. Quando ela cá estava obrigava-me a estudar e eu fazia os trabalhos da escola. Quando ela foi embora chegava a casa e como a minha tia não estava sempre ao pé de mim para me ajudar ou não me obrigava a fazer os trabalhos e eu, brincava com o meu primo e deixava de estudar. Eu fui um bocado... Não repeti de classe, mas... Cheguei à 4ª e não tão bom como da 1ª à 3ª como quando cá estava a minha mãe. Primeiro a professora tratava-me igual aos outros mas quando a minha mãe foi embora a escola foi outra coisa, ela sabia que a minha mãe tinha ido para o estrangeiro e batia um bocado; eu apanhava mais “ (Cristiana;1980 - ...)

“Em pequenina lembro de estar em casa com a minha mãe, ela estava a fazer o comer e eu estava lá na cozinha para trás e para a frente. Naquele tempo ninguém olhava por nós!

“Em pequenina lembro de estar em casa com a minha mãe, ela estava a fazer o comer e eu estava lá na cozinha para trás e para a frente. Naquele tempo ninguém olhava por nós, porque a minha avó e a minha mãe não se entendiam bem; quem olhava por mim e pelos meus irmãos, era o meu irmão mais velhito, de resto mais ninguém. Só quando a minha mãe veio para o Luxemburgo e nos deixou lá pequeninos, é que a minha avó começou a cuidar de nós. Quando eu nasci, os meus irmãos tinham 3 e 4 anos, eles sofreram muito também! ... Lembro de um conflito que ficou mesmo aqui dentro e não sei Eu estava lá com um ursito castanho, um ursito pequenino com que eu andava sempre para onde ia... Eu estive dois anitos numa creche. Eu gostei porque lá olhavam por nós Eu era muito reguila em pequenina. Na escola eu estava sempre com aquela teimosia e eu nunca parava no mesmo sítio. Eu berrava com os professores, mas eles não faziam mal nenhum. Não parava quieta na sala, estava sempre a brincar, só pensava na brincadeira. Era tão reguila que não ligava à

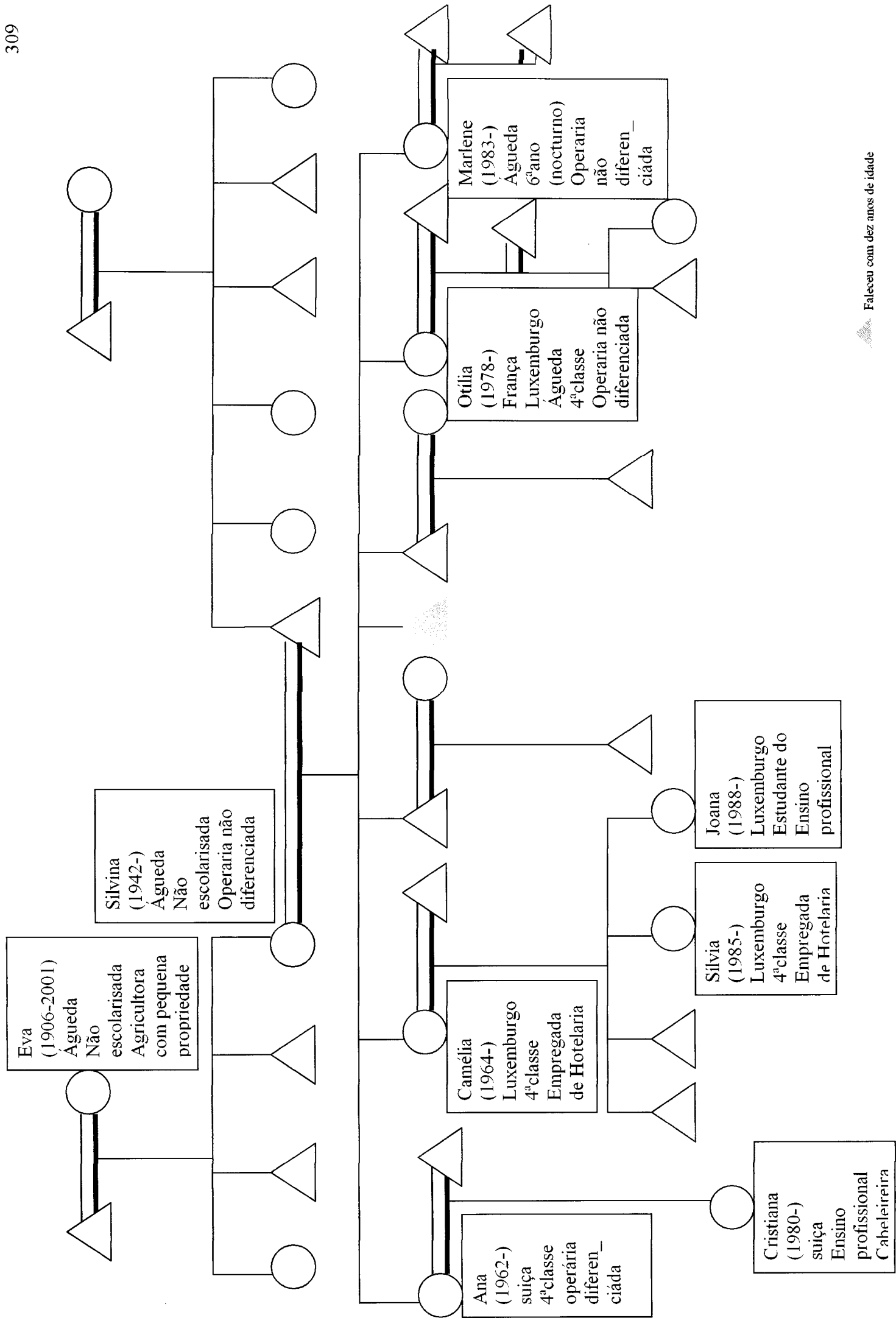
professora, ou então preferia estar com as colegas, não sei! (Silvia; 1985 - ...)

“ Não me lembro de quando era pequenina...Nada! Nasci no hospital e quando a minha mãe veio para casa, para ao pé do meu pai, ele disse que eu não era a filha dele e bateu à minha mãe.!”

“Nasci no hospital de Águeda. A minha mãe depois veio para casa. Veio para ao pé do meu pai e ele disse que eu não era a filha dele e, depois, bateu à minha mãe. Ela fazia o comer e isso tudo, mas o pai deitava pela janela fora e batia muito aos meus irmãos. A minha mãe, foi e levou-me para Espanha. Fui para casa de uma senhora e a senhora criou-me, a mim e a ela! ... Eu agora vou lembrar-me para ver se eu se: quando eu era mais pequenina ia para a creche e íamos brincar...era brincar, brincávamos todos na mesa e batíamos com as colheres no prato. O pessoal fazia riscos nas folhas e a professora andava muito preocupada. Ela estava na sala e nós brincávamos. Nós brincávamos! Já não me lembro de nada. Eu era pequenininha... Quando era pequenina era muito brincalhona. Eu não ia com a minha mãe passear, eu queria ir com a minha avó mas ela berrava porque eu queria ir para ao pé do rio” (Joana; 1988 - ...)

Como podemos constatar, cada uma das nossas interlocutoras define um ponto de partida crítico que poderia servir de tema estruturante para a sua história de vida, caso este processo pudesse ser desenvolvido como o foi com a D. Silvina. Nos seus discursos de abertura da relação, parecem transparecer disposições diferentes em relação ao passado e ao presente e que é explicitada pelo relato de acontecimentos, pela referência a condições vividas ou actuais ou a disposições internas, mais ou menos consolidadas. O sentimento de si mesmas de que nos dão apenas indícios que teríamos que aprofundar, parece estar associado, em alguns casos, à ideia de que há um destino a cumprir (como fatalidade) enquanto para outras a ideia de destino parece estar ausente ou situar-se em outro lado que não na sua experiência imediata ou contextos e relações de proximidade.

Para darmos mais um pequenino passo na busca de apreender alguma relação destas experiências subjectivas com a realidade social que define os limites e o horizonte de possibilidades destas experiências, achamos importante situar estas mulheres no contexto da relações intergeracionais e no contexto das condições sociais existentes em cada época.



Alguns referentes de contributos e constrangimentos à qualidade de vida das populações

Campo da saúde	Campo da Protecção social	Campo do trabalho e do emprego
1906 (1901-criação do Regulamento Geral de Saúde por	1890-1910 - Legisl repressiva e intencional coerciva e massiva de mendigos e velhos.	Até 1910 - eram presas uma média 362 pessoas por ano*; estima-se que neste contingente muitos eram desempregados que migraram para uma situação de emprego sazonal na capital
1907 Ricardo Jorge - p/vigilância da saúde e ensino da	1902 Criada Comissão Patronato Lisboa por/com ent particularaes e de beneficência	
1908 med. sanitária - DGSaúde e Instituto Central Higiene :	1905 Criação do asilo Maria Pia e Casa de trabalho ("regenerar" os ociosos pelo hábito do trabalho pelo trabalho ininterrupto, mesmo nas situações de desemprego, demprego ocasional e sazonal)	
1909 cuidados médicos população privados e Misericórdias		Decr. 20 de Julho- 1ª desig "desempregados" c/o categoria social (1986-1ª refer lingística - Rel e Orç Congr Municipal de Benef Público)
1910		
1911	Crição tutoria da infância-corr e protec de Abandonados e delinquentes	
1912	Criação de uma lei que alarga o conceito de vadio	
1913	Vigora uma concepção mutualista de protecção social baseada em corporações; Estado com funções de vigilância	
1914		
1915		As mulheres adquirem o direito de trabalhar em serviço cicil publico
1916		
1917		
1918		Decreto autoriza mulheres a exercerem direito(advocacia?)
1919	Deportação de "vadios"- incluia anarquistas, sindicalistas e bombistas (pedintes inaptos p/asilos e aptos p/ colonias agrícolas)	
1920		
1921		
1922		
1923		
1924		
1925		
1926		
1927		
1928	Inaug. Sopa dos Pobres ; Existem 21 Misericórdias	
1929	Inaug Casa do Pobre e Albergue de Mendicidade da PSP Porto	
1930		
1931	Decreto que proibe a mendicidade ; internamento mendigos Fundação da Obra de Previdência e Formação das cCriadas	
1932	Cr Serv p/ Menores ;Tutoria da Infancia, recolha e obs até julgamento vão p/ Reformatórios e Colonias Correccionais*	
1933	Inaug Albergue Mendicidade da PSP - detenção de pedintes - objectivo regeneração e reeducação nos ideias do Estado Novo 6000 pessoas na sopa dos pobres; 10.000 crianças descalças em Lisboa cr Lei de As. a Mendicidade	

		asilo aos inválidos e trabalho e ed aos outros
1934		entre 1933-1951 na Mitra entram cerca de 705 crianças por ano
1935		Cr Col Agrícola Pisão (trab e castigos c/o parte "prog de correcção pedintes "aptos")
1936		o nº de pedintes presos que era 194 em Março passou /636 em Abril)
		1 ano depois 86,7 seriam libertados por provar que não se tratava de situação ocasional, decorrente de desemprego
1937	Def. Estatuto das Misericórdias - como prestadora de cuidados saúde à pop / Estado- c/função supletiva	Regime de supletividade Estatal dos esquemas de protecção social *- O Estado só reconhece dever a administração e regulamentação
1938		
1939		
1940		Instit.Albergue Mendicidade PSP: meiode repressão e beneficência
1941		Há Albergues de mendicidade da PSP em 9 capitais de Distrito
1942		
1943		
1944	Miser-Est As. Social-or.p/act.prev.: assist.Fam, Matern; Infan.	
1945	Reforma dos Serviços de Sanidade e Assistência regionalização hospitalar c/ autonomia tecn. e cient.	
1946	Lei da Assistência Psiquiátrica Lei da Assistência Hospitalar	
1947	Lei da luta contra mendicidade e a lepra	
1948	Lei da Luta contra as doenças contagiosas	
1949	Lei da Luta contra tuberculose	
1950		de 1950 a 70-vocação parapsiquiátrica da Mitra p/ "atendimento a "anormais,viciosos,mentirosos, rebeldes,marginais"- discurso apreendido e difundido que radicava não sobre as causas mas na responsabilidade com o mito do bom português-bom chefe de família, honesto e trabalhador
1951		
1952		
1953		
1954		
1955	Criação Institutos Maternal; IAss.Fam; I Menores;ltuberc; linval	
1956	Delegações/ subdel de saúde e Hospitais tds Concelhos	Introdução de serviço social na Mitra
1957		

1958	Criação do Ministério da Saúde e Assistência ao abrigo do seguro obrigatório da Previdência - caracter independente		
1959			
1960			
1961	criação da Direcção Geral dos Hospitais		
1962			
1963	Novo Estatuto da Saúde e Assistência: prioridade a activ preventiva e articulação S Público e Hospitais	Prostituição é tornada ilegal. As mulheres (e seus procuradores) são sujeitos a sentenças de prisão	
1964			
1965			
1966			
1967			
1968	criação Estatuto Hospitalar-unif. funções e def. de carreiras		
	criação de Com.p/const Hospitalares: H Sta Maria e HSJoão		
1969		Debate anos 70 sobre regime supletividade da Assistência social	
		id. lacunas e insufic na provisão social e desenv. no dominio social	
1970		1ª mulher investida como Subsecretária do Estado para o bem estar	
1971	criação Lei orgânica M Saúde e da Assistência :prev primaria prog de vigil de saúde materna, infantil, escolar e de adultos	Criado grupo trabalho sobre a inserção da Mulher na vida social	
	criação Centros de Saúde e rede artic c/SMS-Cx Previdencia	integração do princípio p/ trabalho igual salário igual na legislação	
1972			
1973			
1974	primado universalidade - " O Estado assume as desp. totais c/cobertura saúde a toda população"	Orientação socializante - p/política social pública	
	oficialização da rede hospitalar	Estado como 1º responsável pela política social ; de mínimos; cobertura compromisso com a política de riscos e de grupos; vinculação protecção-direitos (abono de família, pensão social, aumento das pensão mínimas)	instituição do salário mínimo; congelamento de salários 2,5x superior ao salário mínimo; instituição do 13º mês; promulgação da lei da greve)
1975	"todos têm direito à protecção da saúde e o dever de a proteger e promover (artº 64)- Estado assume		
1976	despesas totais c/cobertura saúde a toda população	Implantação de Sistema de Segurança social Unificado e participado	
1977		vinculação prestações a direitos ;or p/ desigualdades e prob sociais	
1978	FMI-c/o"motor externo da inovação"/vinc crit acumulação	orientação neo-liberal; vinculada a critérios de acumulação	
	Institucionalização de bases Serviço Nacional Saúde	"Ancoragem a Europa" normalização quadro das Instit. Democráticas	

1979	Criação Esquema mínimo de protecção social orientação p/ universalidade; oco desigualdades e probemas sociais	Mitra-conversão em Centro p/idosos e de triagem e assit. esp p/PALOP's Criação Esquema Mínimo de Protecção social : pacote medidas foco nas desigualdades e problemas sociais	
1980	Integração saúde materna,infantil e escolar Curso S. Publica (questão insucesso escolar abordada c/textos s/ rep social)	Melhoria vencimento c/o condição de recurso, redução condições precarização garantias de direitos e categorias de destinatários	Emprego nos anos 80-inovação tecnológica e revolução informática meios de suporte ao mercantilismo, perda de peso da activ industrial; terciarização ; oportunidade versus precarização e exclusão
1981	Impl. Proj. Integ. Serviços DGS-SMedSociais/criação ARS's		Novo modelo laboral -individualização das relações sociais,
1982	criação Carreira de Clinica Geral-Médicos de Família		insegurança,precarização e risco dos diferentes mundos de vida social (Beck 92 in Glob excludente)
1983	aparecimento dos Medicos de Família : reorientação da saúde escolar de cuidados médicos p/insucesso escolar	Ambiente restritivo papel do Estado; maior protecção da Sociedade civil e espaços privados com oferta mercadorizada	Modalidades do capital -fragmentação; descentralização do processo produtivo, deslocalização das empresas (imprevisibilidade) subcontractação,
1984	preocupação c/ gravidez precoce / Projecto Educação sexual nas escolas/ reacção Federação da Associações de Pais	apoio a iniciativa privada na criação de equipamentos sociais duplicação das dotações financeiras para a Seg social	flexibilização de horários,desemprego e emprego precário desregulação da relação salarial (fordista) - heterogeneidade,
1985		processo fac p reduzido grau interiorde direitos rec de activ em sector ã estatal e dividir compromissos provedores c/ outros agentes criação Ministério segurança social e emprego	desestandardização das formas tradicionais de trabalho. Novas TIC oportunidade para alguns segmentos da pop e efeitos perversos de terciarização e exclusão de outros
1986			
1987	PIPSE Saúde - verbas p/ dentista e supli alimentar escolas 76-86-hesitação entre 2 pr societais diferenciados		
1988	(corte no pagamento das horas extraordinárias)		
1989			
1990	Publicação da Lei de Bases de Saúde - Estado assegura a generalidade de cuidados,prom e garantia do acesso a todos os cidadãos, a defesa da s.pública e presta serviços ou garante a s/fiscalização. As tend gratuita e assente nos CSP	Criação da Direcção Geral de Acção Social Programa Nacional de Luta contra a Pobreza	
1991			
1992		* reafirmação do principio da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres na educação para a vida política, económica e social	
1993	evolução no uso de contraceptivos (93/97) Fregional (leg emprego)fsocial(luta ct pobreza) Designação União Européia		
1994	Publicação do Estatuto Nacional de Saúde, art CS e hospitais Europa apelidada de sociedade 1/3;2/3; Eu dos ricos e dos probres;		
1995	criação das Unidades de Saúde Licença Maternidade passa de 98 a 120 dias	Plano Nacional para a acção social	

	Licença Paternidade de 0 a 5 dias úteis		
1996		Rendimento Mínimo Garantido	
1997	criação casa de abrigo p/vítimas de violência doméstica (9p/35 entre 95 e 2001)	reforço das directrizes sobre políticas de ig de op entre H e M (com avaliação e acmp das sit de emprego, form prof e w remunerado e não remunerado; incentivo a políticas activas de	Plano Nacional para a igualdade de oportunidades -p35
	evolução no uso de contraceptivos (93/97)		"nem a igualdade constitucional e legislativa estabelecida, nem a presença e estatuto das mulheres no mercado de trabalho tem sido suficientes para uma efectiva ig de op entre H e M; no mercado de trabalho revela uma forte segregação sectorial e Plano Nacional de Emprego
1998	doc"Saúde em Portugal-uma estr P/ o virar do sec 1998-2002"	emprego em profissões marcadas por dis de genero	promoção de emmprego e apoio ao sector cooperativo
1999	est de regime dos Sistemas locais de saúde - parceiras entre prestadores de serviços de saúde -pub e privados, S Social		
2000	as não gov e autárquicas p/ des projectos comuns		
2001	Convenção da ONU p/eliminação de todas as		
2002	formas de discriminação contra as mulheres		Plano Nacional de Emprego-integração do objectivo de ig de oportunidades Combate a discriminação entre H e M Conciliação da vida familiar e profissional

Acontecimentos que assinalam transições de vida e mudanças nos papéis sociais

Idade	Eva (1906)	Silvina (1942)	Ana (1962)	Camélia (1964)
0 anos	dada a criar por uma ama "tinha névoa nos olhos" alimentava-se c/maçãs assadas	nasce em Paranho; "pai já doente"	nasce no domicílio	nasce no domicílio; mãe tem acidente fica c/ avós e tios paternos / FOME
3 anos			acidente mãe / vai serra casa da avó acompanha avó na agricultura/ tia	mãe vai buscar ; sofreu privação acomp. mãe fábrica-campo nasce irmão avós como ref/ fica sózinha / FOME nasce irmão/fábrica com a mãe ida para a escola
6 anos		descida serra c/ mãe/casa professor???	vai para a escola em Paranho	nasce irmão " tempos difíceis"/ FOME atropelada na vinda escola
10anos	vai servir/ cuidar de crianças	trabalho na estrada cuidado de 2 crianças/fuga	dá de comer a jovem deficiente ajuda na agricultura e pastoreio	
12anos	mãe vai buscar/agricultura	criada casa de lavradores/fuga (obs. aulas pela janela da escola)		ajuda mãe na pavimentação da casa vai para Lisboa; fazer companhia aos tios
14anos	mandada p/Alentejo (2 x) Fome fuga/ fica a servir Oiã	jorna / madeira conta própria/ovelhas N Senhora/ volta a Portugal internamento Hospital/ primo médico aprendizagem leitura, partos socia clube local / namoro c/pret.mãe?	Escola e "ajuda" na fábrica sai c/4ª classe; ajuda mãe; começa namoro compra enxoval e vestido de noiva casamento com festa; doença e morte irmão	Trab.dom. ; escola ; tio com problemas Mãe vai buscar; irmã casa; irmão morre ajuda fábr.; 1º namoro; gravidez invol.
18anos	Mãe trá-la de volta/agricultura	baile / conhece o marido gravidez involuntária ;	trabalha na construção de casa própria tem a 1ª filha; casa já habitável trabalha limpeza escritório à noite	continua trabalhar fábrica com a mãe nasce 2º filho vai trabalhar com marido na cerâmica

casamento

1ª filha ajuda lavoura e cerâmica
Alentejo ida e volta da Serra/FOME

cuidado da filha e da irmã; avó em casa
continua trabalhar na construção da casa

queixa-se o marido "não quer trabalhar"

22anos

2ª filha - acidente / Hospital
leitura/cinema/ passeios/ praia
jornaleira/madeira (t livres)

marido imigra para Suíça

nasce a 3ª filha

nascimento 3º filho
volta fábrica; doença Filho

nasce a 1ª filha
Idade *Eva (1906)*

Silvina (1942)

Ana (1962)

emprego em empresa de limpeza
emprego montagem de computadores
reagrupamento familiar/ filha imigra
continua construção da casa

trabalha restaurante /FOME
volta a Portugal;regressa Lux. Café

nasce o 2º filho

dinheiro seguro/ compra do terreno/casa
nascimento 5º filho

sai emprego por falta de pag/ aluga estúdio
volta a trabalhar no Café
começa namoro

30anos

nasce o 3º filho
filha vai servir?

acidente 2ª filha
marido emigra e volta Suíça
emprega-se na fábrica

ida das filhas; dif de conciliar papéis
tem problemas c/mais velha; manda p/Port.
abandona uma relação e tem prob c/ mãe

nascimento 6ª filha/1ª
baixa parto

ligação c/ companheiro actual
ida do filho / não se adaptou

nasce a 4ª filha- a D
Silvina
loteria, agr/v.milho,
caça/criação

filha acaba o curso (cabeleireira)tira carta e
tem projectos de ficar na Suíça c/namorado

reconciliação com a mãe
mudança p/ Café restaurante/salário

fome e maustratos; alcoolismo marido
nasce a 4ª filha; é agredida; foge de casa

Camélia (1964)

caso dos baldios; retiram arma	3º filho acaba 6º ano e começa trabalhar
marido perturbação mental	luto pela avó (substituta materna)
ida Arrancada c/ crianças marido-internado	
40anos Barcelos	
filhos ajudam agricultura	
Trabalha nas minas e Pensão	nasce 7ª filha /5º filho com em Fátima
filhos vão servir/agricultura	prob saúde 7ª filha internamentos
vai servir casa de Professor	
trabalha na estrada	5º filho sai da escola c/ 4ª classe
outro companheiro	
separação-se da filha/servir	deixa de amamentar 7ª filha
45anos	acolhe a mãe em casa acolhe os netos da filha em fuga
filhos vão Lisboa	2 vão para internato; fica c/ 2 meninas
Idade	
Eva (1906)	Silvina (1942)
	7ª filha sai da escola c/ 4ª classe
	6ª filha casa e imigra para França
	tenta comércio ambulante e terras
	deixa a fábrica; sem

60anos fica viúva (herdeira?)
 vem para casa da neta

67anos

70anos neta emigra; vai p/casa D

74anos Silvina

82anos faz companhia à bisneta
 vai para casa da D

84anos Silvina

94anos faleceu

direitos
a mãe morre
7ª filha casa; foge por
maustratos
6ª filha regressa com novo comp e filho
7ª filha regressa tem novo comp e filho

Acontecimentos que assinalam transições de vida e mudanças nos papéis sociais

br

Idade	Otilia (1978)	Marlene (1983)	Cristiana (1980)	Silvia (1985)	Joana (1988)
0 anos	nasce domicílio /mãe no emprego mãe em luto com morte do irmão fica Caixote c/irmãos	nasce no domicílio cuidada pela irmã mais velha convívio com prima 5 e sobrinhos	nasce no Hospital fica em casa c/ mãe, avó e tia	nasce no Hospital fica c/ tias (7 e 3 anos) e avó	nasce no Hospital vai p/quarto / vai p/Espanha
3 anos	brincar na rua	sobrinha vai para ama cuidado das sobrinhas	pai imigra	nasce irmã/conflitos pais mãe foge/bebé/ fica c/ tias	fica c/ avó/mãe emigra vai para creche
6 anos	entra na escola	vai para a escola vai p/ATL com sobrinhas	entra para a escola	vai para creche	entra na escola
10 anos	repete 1ª classe; nasce a irmã ajuda cuidar da irmã e primos irmã foge; fica com sobrinhos	resp. sobrinhas ; trab domestico saída ATL/ falta tempo p/deveres aceita aliança/ compromisso	mãe imigra/fica c/ ama e bisavó queixa descuido e falta de apoio reunião c/ os pais/ Suíça	entra na escola é irrequieta, "só quer brincar"	faz 1ª e 2ª classe vai p/ Luxemburgo-faz 3ª faz 4ª classe?? volta Portugal repete 3ª classe
12 anos	vai para telescola (?) sai escola 5º ano; "ajuda" fábrica "todas podem pq eu não?" rompe namoro; contra vontade mãe	sai da escola com 4º classe emprego restaurante/estuda noite muda de emprego p/fábrica projecto de casamento namoro escondido	vai para escola Suíça	vai p/ Luxemburgo-faz 3ª probl. inserção e c/mãe saída escola trabalho a dias	repete 4ª classe volta c/mãe /Escola Verde??
14 anos	namoros escondidos/conf. c/mãe namoro vai a tropa; outro namoro casa e emigra p/ França; esforço no trabalho	casa contra vontade maustratos, sai de casa, divorcio	começa namoro	vem para Port c/ companheiro	
18 anos	maustrato /isolamento da família pedido divórcio; vai p/Luxemburgo regresso a Portugal c/	tira c.condução/persp emprego	acaba curso cabeleireira		

er

companheiro

emprega-se na fábrica de costura

22anos nasceu 1º filho

23anos volta casa mãe / emprego p/casal

5.3.1 A procura de similaridades

Como pudemos constatar, a infância de todas estas Mulheres e Jovens é sinalizada por incidentes ou por condições especiais de vulnerabilidade. Assim, a D. Eva refere que foi abandonada pela mãe, apesar de ter sido acolhida pela ama que a alimentou com maçãs. A D. Silvina refere a doença do pai, a separação dos irmãos e a saída da aldeia para o trabalho na estrada com a mãe.

As duas filhas da D. Silvina, nascidas no início dos anos 60, foram separadas da mãe devido ao acidente e internamento prolongado. Foram entregues às duas avós, que viviam em condições bem distintas. Enquanto a Ana, se sentiu cuidada e acompanhada pela avó materna que trabalhava no campo, tinha amigas e participava em acontecimentos sociais da aldeia, a Camélia refere o estado de negligência em que a mãe a foi encontrar. Quanto à Otília, refere que ficava sozinha no caixote enquanto a mãe ia trabalhar e da Marlene sabemos que esteve internada diversas vezes devido a um problema ginecológico. A Sílvia filha da Camélia, tem os seus primeiros anos de vida marcados pelos conflitos violentos e pela separação da mãe, enquanto a Joana refere que o pai negava a sua paternidade. A queixa da filha da Ana, a Cristiana, refere-se à separação da mãe e à negligência da ama que não cuidava da sua alimentação, fazendo-a recorrer à avó. A adversidade, o risco a fome e as separações são temas comuns nas suas narrativas.

Outro dado comum às três primeiras gerações, é o facto de todas referirem o seu esforço na reprodução da vida familiar em pequeninas. Só as duas filhas mais novas, nascidas entre 78 e 83, não foram servir outras famílias e cuidar de outras crianças, ainda enquanto crianças.

Notamos que a filha mais nova da D. Silvina, quando se refere à creche, está a falar sobre as primas que está encarregada de ir buscar na saída da escola. Quanto às netas, já fazem referência a este espaço social como lugar criado para as crianças.

Quanto à experiência da escola, só as duas últimas gerações a ela tiveram acesso, mas o que está assinalado neste mapas diz apenas respeito a entradas e a saídas. Adiante

tentaremos dar conta de como as relações sociais foram vividas por estas crianças no interior da escola.

A relação da D. Silvina com as netas concretizou-se na ajuda nos trabalhos escolares. A D. Silvina refere como faziam apostas sobre a sua capacidade de leitura e escrita. No entanto, a apetência pela leitura que algumas das suas filhas parecem manifestar, não foi exercida através da ajuda directa nestas tarefas de que ela não tinha domínio relevante, mas sim na sua atitude face aos textos escritos. É enquanto sujeito que ela se empenha em ler os livros dos filhos e em ir à biblioteca itinerante buscar romances. A sua sede de aprender, para “*não ficar na escuridão*” do desconhecimento que parecia reconhecer do mundo e dos tempos em que vivia, foi sendo saciada de muitas formas, apesar do peso e a dispersão das suas actividades de rotina e simultaneidade de campos sociais em que intervinha com grande responsabilidade. Por certo, que foi contando às outras crianças o quanto a sua infância também consitiu na procura de aprender.

No entanto e apesar do valor que a leitura tem na vida da D. Silvina, as suas filhas e netas não beneficiaram de uma escolaridade tão prolongada como seria devido e obrigado pela legislação vigente. Esta contradição entre a existência de motivos e disposições para aprendizagens promovidas pela escola e a falta de investimento na escolaridade dos filhos e filhas, merece ser reflectida à luz de outros factores sociais e culturais.

Começamos por considerar que a representação que a D. Silvina guarda da escola é a de uma criança que observou, através da janela, outras crianças a ler e que se sente atraída pelo conhecimento que ela imagina contido em todos os livros escolares. Mas esta criança teve poucas experiências de ter sido par, de ter sido uma entre outras crianças que brincavam neste contexto que ela relaciona com o trabalho de aprendizagem. .

A vida escolar dos filhos talvez não seja investida por ela, embora reconheça a obrigação de mandar os filhos à escola e não ignore a importância dos diplomas e ainda porque valoriza as aprendizagens escolares. O que a D. Silvina pôde observar de fora, na escola das suas filhas e filhos é um mundo que dispensa o esforço e a disciplina que ela própria teve que investir para aprender todas as coisas e, de modo especial, as coisas que ela supõe que a escola ensina. Ela não reconhece na organização da vida e do trabalho da

escola o mundo em que aprendeu trabalhosamente e, por isso, aquele parece ser um ambiente de irresponsabilidade e uma fonte de vícios e de risco para a sexualidade das suas filhas.

A atitude da Marlene perante a escola reflecte bem a interiorização desta visão que a sua mãe tem da escola actual. Ela não quis ir para a escola preparatória porque viu no relacionamento entre rapazes e raparigas o que a mãe qualificava como excesso de liberdade e como *aprendizagem de infelicidade pelas mulheres*. No entanto, tanto a D. Silvina estimula as filhas a prosseguirem estudos à noite, depois do trabalho, quanto elas próprias manifestam este desejo e procuram frequentar o ensino para adultos. Não sabemos se este recurso ao ensino de adultos não reflecte também a representação do ambiente de aprendizagem como lugar de trabalho .

A sede de conhecimento da filha mais nova da D. Silvina, que não impediu que ela abandonasse a escola quando completou a 4ª classe e preferiu ficar em casa, aos 10 anos, leva-a a pedir autorização aos patrões que serve como empregada num restaurante, para frequentar o ensino nocturno. Embora ela refira que isto é importante para poder tirar a carta de condução, esta não parece ser a sua motivação principal, para despende tempo a estudar no final de uma longa jornada de trabalho.

A D. Silvina é, por outro lado, incapaz de rever na relação que observa entre crianças na escola, qualquer reminiscência da sua experiência como criança camponesa. De resto, ela não usufruiu do estatuto de criança para quem são criados espaços lúdico e educativos. Tendo sido (auto) educada entre adultos e no papel de trabalhadora (infantil) ela orgulha-se da educação que deu aos filhos no trabalho.

Um outro ponto de vista pode ser defendido quando observamos o movimento de entradas e saídas das crianças desta família na escola. De facto, cada criança substitui os braços de outra no mundo da produção. E esta necessidade de trabalhar pela sobrevivência familiar, pode ser um dos factores que precipita a procura de autonomia pelo casamento precoce.

Deste ponto de vista, seria necessário rever o impacto selectivo de outras políticas sociais que poderiam ter protegido as crianças desta e de tantas outras famílias, a

ingressarem tão precocemente , não só no mundo do trabalho, mas também no ciclo de reprodução familiar.

Foi assim que a excepção da Ana, que foi bem criada pela avó, que lhe dava leite, cuidado, companhia para viver uma infância protegida, pôde criar a Cristiana, a menina-mulher cujo projecto parece mais aberto e orientado por um sentido de autonomia .

“ Casar? Logo se vê, se a mãe vier embora, as antes quero ainda ganhar mais algum dinheiro”

5.3.2 O reencontro com as singularidades, a complexidade e as contradições

Pensamos que a resposta a esta questão merecia um outro investimento, igualmente implicado e intensivo, na escuta mais profunda das palavras e dos silêncios de cada uma destas outras oito mulheres e a sua compreensão contextualizada. Teríamos que nos deter na análise das relações imediatas que constituem os seus contextos de vida actuais e passados e no entendimento das conjunturas sociais e das políticas que podem ter favorecido, ou não, tomadas de decisão e escolhas tendencialmente emancipatórias.

Na verdade, não podemos inferir, sem uma grande margem de risco, sobre o significado da educação para mulheres que em diferentes idades “transitaram” não só em termos do seu ciclo vital, mas também em termos de inserção social, em países que dominam outras línguas e em que o seu reposicionamento como classe subalterna foi feito ao abrigo de um Estado Providência, desenvolvido em países centrais.

Analisar o processo educativo das filhas mais novas da D. Silvina, requeriria da nossa parte, compreender todo processo de reestruturação do sistema educativo desencadeado pela Reforma que implicou mudanças mais ou menos profundas na estrutura e nos conteúdos curriculares, bem como na organização dos espaços de decisão formal e dos poderes informais que passaram a ser mobilizados no interior das escolas e com impacto na experiência mais ou menos democratizada e da relação entre professoras e professores, alunas e alunos, comunidade escolar, pais e comunidade envolvente. Seria necessário avaliar mudanças nos processos de avaliação e em todo um conjunto de problemas que vêm sendo analisados por autores como Costa, J.A; Mendes, A: (2001; 2002) por Lima, L.

(2001) ; Leite, C (2000) e muitos outros investigadores que investem, a partir de posições teóricas e de metodologias diversas, no acompanhamento das transformações estruturais do sistema educativo a nível da organização e/ou das suas implicações e coerência com os princípios democráticos que definem a natureza da Escola Pública.

Por outro lado, analisar o processo educativo das netas da D. Silvina implicaria compreender criticamente os processos de transição e de selecção por que passam as crianças portuguesas que ingressam no sistema educativo da Suíça e do Luxemburgo, como foi analisado por Arrotéia, J; Martins,A e Pardal;L (1998). Ora, tal empreendimento requeriria, como recomendam os autores, uma análise da complexidade destes sistemas, do currículo e da questão da relação entre a língua materna e a língua oficial deste países. Implicaria analisar os recursos e estratégias que estes países investem ou não, para promoverem a igualdade de oportunidades entre crianças naturais e emigradas. Implicaria ainda compreender o investimento que estes pais fazem na escolaridade dos seus filhos e como a escola e os educadores intervêm neste campo de acção pedagógica.

Estas foram, de facto, as gerações Estado o investiu como educandas, devido à intencionalidade de resolver assimetrias internas relativamente aos outros países da União Europeia.

Esta recontextualização das políticas educativas resultou, de facto, na democratização e massificação do ensino em Portugal, o que teve implicações mais ou menos discretas e mais ou menos positivas na vida de diferentes grupos sociais. A esta relação entre Estado, Sistema Educativo e os seus contextos de inserção transnacional já nos referimos no segundo momento, por referência aos estudos de Stoer,S; Magalhães,A, Cortesão,L e Correia,J (2000; 2001).

O que podemos aqui tentar, correndo risco de simplificar a compreensão e leitura crítica que procuramos desenvolver a partir da história de vida da D.Silvina, é fazer sobressair afinidades de percursos que podem ter tido a sua origem no processo de socialização primária que estruturou um *habitus* que é confrontado com outros *habitus* e em diferentes *habitats*, que exigem dos sujeitos um grande esforço de recontextualização e eventual ressignificação dos “acumulados” ao longo da sua trajectória biográfica e na

experiência a diferentes processos de socialização secundária - como alunas, como pares e participantes de culturas de infância e de juventude, presentes na escola e fora dela, como cidadãs e também como consumidoras da indústria cultural. Acreditamos que as suas subjectividades sejam desenvolvidas também no conflito entre identidades atribuídas, relativas a papéis sociais e posições de identidade investidas, por estas mulheres ocuparem posições de integração subordinada. Estas posições justificam a desvalorização da sua cultura, do seu ponto de vista e exigem esforços continuados para lidar com a assimetria social, sem interiorizar estas condições objectivas como disposições subjectivas e sentido existencial de si mesmas.

É com esta atitude de prudência que podemos fazer notar que o projecto da D. Silvina e da sua filha Ana, são aqueles que mais se aproximam da abertura a outros possíveis, desde que salvaguardada a possibilidade de realizar alguns desejos e projectos que não podem ser explicados pela interiorização de uma posição social objectiva. Por outras palavras, trata-se de projectos que parecem construídos por referência a um horizonte de determinação, de que faz parte a relação com as suas raízes e com sonhos herdados. Isto faz com que a D. Silvina sonhe com direitos sociais, mas que só aceita a reforma de que precisa se puder continuar com a sua quintita; e que faz com que a Ana imagine que terá que voltar para Portugal onde tem a sua casa, mas projecta ocupar-se do cuidado de pessoas “como se fosse enfermeira”.

Quanto à Camélia, dois anos mais nova que a Ana, limita-se a aspirar por maior segurança económica para resgatar o tempo que não esteve com os filhos. Quer “*reunir-se e ajudar os filhos*”, que teve que deixar para fugir aos maus tratos do homem, que permanece como doente na sua casa, o que se torna um obstáculo à realização do seu projecto do regresso a Portugal.

Quanto à Otilia, que frequentou a escola durante mais tempo que as irmãs e que de lá saiu por exigências de sobrevivência da família e não por opção, sonha com a possibilidade de “*estudar quando o filho crescer*” mas fantasia, na medida em que não se baseia na avaliação das suas condições objectivas concretas, a possibilidade de “*ser Educadora*”. Por outro lado, ela deseja que o segundo companheiro, escolhido por ela depois do

divórcio que ela própria requereu e a que deu andamento, percorrendo todos os tramites legais, possa vir a tirar a carta de condução e ter carro para passearem. Embora este projecto revele uma ligação muito mais forte com as representações de felicidade ligadas ao amor romântico e ao ideal de realização pessoal feminina que circula através dos media e são agressivamente insinuados nos espaços de consumo, ela também parece estar mais capacitada do que as suas irmãs para passar da decisão à acção, sem ter que negociar tanto com os “saberes de receita” das mulheres que constituem a família.

O mesmo não se passa, por exemplo, com a sua irmã mais nova. Esta, a Marlene, já nascida nos anos 80, foi quem menos tempo esteve na escola e que esteve, por isso, menos exposta a processos de desestabilização e de actualização em outros termos, das práticas sociais incorporadas através da socialização primária. A Marlene diz que não se sentia bem na escola e apesar de ter sucesso na aprendizagem, vai para casa aos 10 anos, com a 4ª classe; assume o compromisso que a sua mãe e irmãs dizem que ela assumiu desde os 8 anos de casar com o ex-namorado da irmã que foi abandonado por ela e que reside com a família.

O que achamos muito interessante é que esta sua demissão da escola, do papel de aluna e de colega, do seu espaço de brincar e de ser protegida como criança, não corresponde a falta de desejo de aprender, na medida em que, logo que se emprega num restaurante e em condições de máxima exploração do seu tempo e energia, ela tudo faz apressadamente para poder ir ao ensino noturno. Quer aprender a todo custo, mesmo tendo consciência de que aquele saber não pode ser acreditado oficialmente devido à sua idade.

Depois de cumprir o destino que a família lhe determinou e já como mulher casada e, por isso, relativamente autónoma face à autoridade dos pais, foge ao primeiro sinal de maus tratos que lhe infringe companheiro, recusando a situação de subordinação. A Marlene sai de casa e volta com o novo companheiro que escolheu. Ela é muito jovem ainda, está grávida, mas sente-se a realizar o seu sonho que era “*poder viver com quem gosta*” e “*continuar a estudar*”. Gostaria também de ser cabeleireira, o que é um projecto realista, na medida em que a sobrinha, mais velha que ela e formada na Suíça nesta actividade, põe a hipótese de regressar a Portugal.

Relativamente às netas da D.Silvina, filhas da Camélia, mais submetida a constrangimentos na infância, uma delas não se pronuncia sobre o futuro, porque não o consegue definir. Saiu da escola e trabalha na hotelaria. Sentia que o seu comportamento era inadequado na escola, porque só queria brincar e fazer asneiras. Ela incentiva a irmã mais nova, apenas três anos, a manter-se na escola. A Joana tinha, quando a entrevistamos, a idade com que a sua mãe foi servir e frequentar a escola em Lisboa, na casa dos tios. Apesar de aí ter trabalhado, assumindo responsabilidades por tarefas domésticos de rotina e ter sido ajuda da tia na costura, ela não conotou esta actividade como trabalho infantil. Parece ser este o legado da Joana que diz que só quer bricadeira, apesar de assumir trabalho doméstico na casa da avó e de, no Luxemburgo, repartir o seu tempo entre a ida à escola profissional, onde só parece interessar-se pelos grupos de pares e a vida doméstica de um homem, ex -namorado da mãe, que ela parece investir como padrasto, apesar da mãe ter outro companheiro. O seu sonho é, quando crescer, ser cabeleireira, casar e ter uma casa, mas acrescenta que poderia também ser freira para poder cuidar dos doentes. Na sua entrevista refere-se também à beleza do campo, enquanto paisagem.

5.4 Entre mecanismos de estruturação e movimentos de busca

De momento, parece-nos impossível fechar um diálogo que foi iniciado por uma voz que nos deu a conhecer o vivido a partir de dentro, colocando-nos diante da interioridade, da exterioridade e da transversalidade das relações que a tecem e nos tecem como ponto, como linha e como existência.

Foi num estado de tensão constante que fomos procurando orientar o trabalho de investigação, abordando a realidade da vida destas mulheres com a prudência de quem se sente a lidar com algo que poderia ser danificado ao mínimo toque. Toque do olhar e das palavras com que construímos o conhecimento sobre a totalidade de que nos sabemos parte e participantes.

Sentimos, neste momento, que deveríamos ter-nos socorrido de muitos outros conhecimentos para "iluminar" o campo tão delicado que nos arriscámos a abordar, porque

o que é dado a apreender na história de vida é o mundo sobre o qual se constituíram tantos campos de conhecimento, lentes e ângulos de observação, quantos os discursos e modelos de interpretação do que fomos capazes de reconhecer como realidade.

Procurámos manter a tensão necessária para não nos perdermos dos instrumentos que acreditámos que nos poderiam dar acesso à estrutura e ao significado da realidade que "sofremos" como experiência de opressão, desqualificação e exclusão, ao procurar apreender, tanto quanto nos foi possível, o ponto de vista mas também a concepção e o sentimento de si mesma, de quem está entre os que têm sido expropriados da sua força, do seu tempo e palavra, ou seja, da sua possibilidade de existir e fazer-se reconhecer na sua condição de parte e participante da humanidade que somos.

Esta tensão mantém-se agora, no momento de abandonar esta relação de cuidado com o que foi visto, mas também com o que foi omitido ou ocultado, pelo que foi dito e pelo que não foi dito, porque não pode ser escutado, nas palavras e silêncios de vidas dadas a conhecer, ao reconhecer-se e ao reconstruir-se como existência com sentido em si mesmas.

Como terminar um diálogo neste ponto desta trajectória ?

- Não sabemos!

Será este o custo da implicação da subjectividade, na produção de conhecimento social ?

Também não sabemos, mas conforta-nos pensar, com Paulo Freire, que a subjectividade tem um papel histórico relevante, porque o futuro, tal como é "visto" por nós, sujeitos, como utopia concreta, tem que ser feito, tem que ser produzido, não arbitrariamente, mas sim com os materiais, com o concreto disponível e como projecto e sonho.

Bibliografia

Bibliografia

- A -

- Adorno, Theodor (1971). *Educação e Emancipação*. S. Paulo: Paz e Terra.
- Almeida, J. F.; Capucha, L.; Costa, A. F.; Machado, L.; (1994) *Exclusão social. Factores e tipos de pobreza em Portugal*. Oeiras: Editora Celta.
- Apple, Michael (1997). *Os professores e o currículo: abordagens sociológicas*. Educa; Lisboa.
- Apple, Michael (1999). *Ideologia e currículo*. Porto: Porto Editora.
- Araújo, Helena (1990). *Pioneiras na Educação – as professoras primárias na viragem do século – 1870-1993*. Lisboa: IIE.
- Araújo, Helena (1990). Procurando as Lutas escondidas através das Histórias de vida. *Cadernos de Consulta Psicológica*, nº6, pp. 83-92.
- Araújo, Helena. (1995). As professoras primárias e as suas histórias de vida: das origens aos primeiros anos de vida profissional. *Educação Sociedade e Culturas*, nº3, pp. 7-36.
- Araújo, Helena (2000). Política para a igualdade entre os sexos na educação em Portugal. *Exaequo*, nº 2/3, pp141-152.
- Araújo, Helena (2003). Há já lugar para algum mapeamento nos estudos sobre género e Educação em Portugal – uma tentativa exploratória. *Investigar em Educação*, vol. 1, nº1, pp101-145.
- Araújo, Helena e Magalhães, M. (1999) Des-fiar as vidas: Perspectivas biográficas, mulheres e cidadania. *Cadernos Coeducação*. CIDM.
- Ardoino, J. (1992). *L'Implication*. Lyon/Paris: Vois Livres.
- Ariés; Philippe (s.d.). *A Criança e a Família no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio D'Água

- Arnesen, Anne-Lise (2000). Relações sociais de sexo, igualdade e pedagogia na Educação. *Exaequo*, nº 2/3, pp.125-140.
- Arroteia, Jorge; Doudin, Pierre-André (1998). *Trajectórias Sociais e Culturais de Jovens Portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*. Aveiro: Editorial da Universidade de Aveiro.
- Asher, Margareth (1991). Sociology for one world. Unity and Diversity. *International Sociology* ; vol. 6, nº 2, pp. 131-147.

- B -

- Badinter, Elisabeth (2000). *O Amor Incerto. História do Amor Maternal (do séc. XVII ao séc. XX)*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Barbier, René (1985). *A pesquisa-acção na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Benavente, Ana; Costa, A.; Machado, L.; Neves, M. (1987). *Do outro lado da Escola*. Mafra: Editorial Teorema.
- Benjamim, Walter (1992). *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Berger, Peter e Luckman, Thomas (1990). *A construção social da realidade (8ª edição)*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bertaux, D. (1981). From Life Stories approach to transformation on sociological practice. In *Biography and Society: life story approach on Social sciences*; Beverly Hills, Cal. : Sage.pp. 29 - 45
- Bertaux, D. (1980). L'Approach biographique: sa validité methodologique et ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, pp. 197-225.
- Bertaux, Daniel (1988). Fonctions Diverses de Récit de Vie dans les Processus de recherche. *Revue des Sciences Humaines et Sociales*, nº 18, pp. 18-21.
- Bertaux, D. (1997). *Les Récits de Vie*. Paris: Nathan Université.

- Bertaux, D. & Kohli, M. (1984). The Life Story Approach: A Continental View. *Annual Review of Sociology*, vol. 10, pp. 216 - 237.
- Bourdieu, Pierre (1997). A Ilusão Biográfica. In *Razões práticas sobre a teoria da acção*. Oeiras: Edições Celta.
- Bourdieu, Pierre (1997). *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta.
- Bourdieu, Pierre (1998). *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- Bourdieu, Pierre et al. (1998). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bourdieu, Pierre (1998). *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta.
- Bourdieu, Pierre (1998). O capital social – notas provisórias e Os três estados do capital cultural. In Nogueira, M. e Catani (org.). *Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Borchorst, Anette (2000). Relações sociais de sexo e bem-estar social na Europa Ocidental. *Exaequo*, nº 2/3, pp 165-174.
- Bourdieu, Pierre (2001). *Contrafogos 2 – por um movimento social europeu*. Oeiras: Celta.
- Bouffleur, José Pedro (1998). *Pedagogia da Acção Comunicativa – uma leitura de Habermas*. Injuí; R.Grande do Sul : Editora UNIJUÍ.
- Brandão, Carlos (2000). *O que é a educação?* S. Paulo: Brasiliense.
- Brettell, Caroline (1975). *Já chorei muitas lágrimas – crónica de uma mulher portuguesa migrada em França – História de vida de Maria da Glória dos Santos, recolhida e comentada por Brettel*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa
- Buarque, Cristóvão (1985). *O que é apartação social*. S Paulo: Edições Brasiliense.
- Burrell, G. e Morgan, G. (1989). *Sociological Paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life*. London: Gower Publishing Company Limited.

- Calvino, Italo (1998). A Palavra escrita e a não-escrita. In *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.
- Callewaert, Staff (1998). *Culture theory: Essay on mind, self and emotion in Philosophy of education, Frankfurter critical theory and the sociology of Pierre Bourdieu*. Copenhaga: Department of Education, Philosophy and Rethoric.
- Carr, Wilfred (1996). *Una teoría para la educación – hacia una investigación educativa crítica*. Madrid: Ediciones Morata.
- Carr, Wilfred e Kemmis, S. (1988). *Teoria crítica de la enseñanza*. Barcelona: Ed. Martinez Roca.
- Cavaco, Carmo (2002). *Aprender fora da Escola – percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.
- Ceccon, C. et al. (1991). *A Vida na Escola e a escola da vida*. Petrópolis: Editora Vozes e Idac.
- Chanfrault-Duchet, M. (1988). Le système interactionnel du récit de vie. In *Société, Revue des Sciences Humaines e Sociales*, nº 18, pp. 26-31.
- Charlot, Bernard (1997). *Da relação com o saber – elementos para uma teoria*. S. Paulo: Atrmed Editora.
- CITE - Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (2000). Colóquio Internacional "Igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no trabalho e no emprego e formação profissional"
- Corcuff, Philippe (1997). *As novas sociologias – a realidade social em construção*. Sintra: Dist. Editora Vral.
- Cortesão, Luíza (1994). Quotidianos marginais desvendados pelas crianças. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 1, pp.63-87
- Cortesão, Luíza e Stoer, Stephen (1995). Critical Inter/multicultural and the process de transnacionalisation a view from the semiphery *Journal of Educational Policy*, nº4. Vol 10, pp. 373 - 384; London ; Taylor Francis

- Cortesão, Luíza (1998). *Práticas Educativas face à diversidade e a Investigação-acção*. Relatório das Provas de agregação. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Cortesão, Luíza (2000). *Escola Sociedade - que relação?* Porto: Edições Afrontamento.
- Cortesão, Luíza (2001). Cartografando a Transnacionalização do campo educativo: o caso português. In B. Sousa Santos. *Globalização, fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento.
- Cortesão, Luíza (2001). Gulliver entre Gigantes: na tensão entre estrutura e agência significados para a educação. Stoer, S; Cortesão; L; Correia; J.A (orgs) *Transnacionalização da Educação – da crise da educação à educação da Crise*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cortesão, Luíza et al. (2003). Mergulhando no Arco Íris sócio-cultural. In Vários. *Investigar em Educação*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp.19-57.
- Cortesão, Luíza; Magalhães, A.; Stoer, S. (2000). Mapeando decisões no campo da educação no âmbito da realização das políticas educativas. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 14, pp. 45-58.
- Costa, António Bruto (1997). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Edições Gradiva.
- Couceiro, Maria do Loreto (1996). *Porquê e para quê do uso das Histórias de Vida*. Policopiado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Cruz, Raul (1982). *Industrialização em meio rural: o caso de Águeda*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

– D –

- Delory-Momberger, C. (2000). *Les histoires de vie – de l'invention de soi au projet de formation*. Paris: Edition Antropos.

- Dale, Roger (1982). Aprender a ser... o quê? Modelando a Educação nas "Sociedades em Desenvolvimento. *Análise Psicológica*, nº 4(ii), pp. 425-435.
- Dale, Roger (1988). A Educação e o Estado capitalista: contribuições e contradições. *Educação e Realidade*, nº 13 (1): pp.17-37.
- Devereux, Georges (1980). *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion.
- Dominicé, Pierre (1988). *O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais*. In A. Nóvoa e Finger (org.). *Método (auto) biográfico e a formação- Antologia*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Domingos, Ana Maria et al. (1986). *A Teoria de Bernstein em Sociologia da Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dubar, Claude (1997). *Socialização - construção de identidades pessoais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Durkheim, Emile (2001). *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70.

- F -

- Fernandes, H. (1995). *Francisco Caboz: de angélico ao trânsfuga, uma autobiografia*. Dissertação de Mestrado. Porto: FPCE da Universidade do Porto.
- Fernandes, L. (1995). *Nadas e Criadas na Sé: em busca de um lugar para si próprias*. Dissertação de Mestrado. Porto: FPCE da Universidade do Porto.
- Ferrarotti, Franco (1980). Les Biographies comme instrument analytique et interprétatif. Paris: *Cahier Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, pp. 227-248.
- Ferrarotti, Franco (1980). Sobre a autonomia do Método Biográfico. In A. Nóvoa e Finger (org.). *Método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: DRHS/Ministério da Saúde.

- Ferrarotti, Franco (1983). *Historie et histories de vie la méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Libraire des Méridiens.
- Ferrarotti, Franco (1985). *Sociologia*. Lisboa: Editora Teorema.
- Ferreira, Manuela (2000). *Salvar os corpos, forjar a razão – contribuição para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal 1880-1940*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ferreira, M. (2002). Crescer e aparecer ou... para uma sociologia da infância. *Educação Sociedade e Culturas*, nº 17, pp 3-12.
- Ferreira, M. (2002). O que as estatísticas contam quando as crianças são contadas ou as crianças nas estatísticas oficiais e a infância como construção social (Portugal 1875-1925). *Educação Sociedade e Culturas*, nº 18, pp.33-65.
- Finger, Mathias (1986). As implicações sócio-epistemológicas do Método Biográfico. In A. Nóvoa e Finger (org.). *O Método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: DRHS/Ministério da Saúde.
- Finkelstein, B. (1992). Incorporando as crianças à história da educação. *Teoria e Educação*, nº 6, pp.182-209.
- Flandrin, Jean-Louis (1992). *Famílias-parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Fonseca, A. ; Perdigão, A. (1999). *Guia dos Direitos da Criança – 2ª edição*; Lisboa: IAC.
- Fontaine, P. (1996). *A Construção Europeia de 1945 aos nossos dias*. Lisboa: Edições Gradiva.
- Forquin, Jean-Claude (1990). Évolutions récentes dans l'École, la Culture et les Inégalités en France. Conferência proferida na PUC do Rio de Janeiro; texto policopiado.
- Forquin, Jean-Claude (1993). *Currículo e Cultura*. Porto Alegre: Edições Artes Médicas.
- Fortuna, Carlos (1991). Nem Cila nem Caribis: somos todos translocais. *Revista Crítica*, nº 32, pp. 267 - 284.

- Foucault, Michel (1973). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, Michel (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (1987). *A Palavra e as Coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Freire, Paulo (1970). *Pedagogia do Oprimido*. S Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1972). *El mensaje de Paulo Freire – teoria y práctica de la liberacion*. Textos seleccionados por INOPED. Madrid: Marsiega.
- Freire, Paulo (1975). *Acção Cultural para a Libertação*. Lisboa: Moraes Editora.
- Freire, Paulo (1991). *A Importância do Ato de Ler*. S Paulo: Cortez Editora.
- Freire, Paulo (1993). *Pedagogia da Esperança*. S. Paulo: Ed.Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia*. S.Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, Paulo (s/d). Conscientización y caminos estructurales; IDAC (texto policopiado), Genebra, pp.151 –167.
- Freire, P. e Silva, E. (1999). Da leitura do mundo à leitura da palavra. In V. Barzotto (1999) (org). *Estado de Leitura*. Campinas, S. Paulo: Mercado de Letras.
- Frietzal, Christer (1987). O Conceito de autonomia relativa na Teoria educativa. *British Journal of Sociology of Education*, vol. 8, nº 1, pp. 23 - 35

- G -

- Gadotti, Moacir (1996). Paulo Freire, uma bibliografia. In T. Galvão. *A Educação como Processo de Libertação*. Pelotas: Educat
- Gentili, Pablo e Alencar, Chico (2001). *Educar na Esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis: Vozes.
- Geraldi, João Wanderley (1999). Paulo Freire: Narrador e pensador. In V. Barzotto (org.) *Estado de Leitura*. Campinas, S. Paulo: Mercado de Letras.
- Geraldi, João Wanderley (2003). *Paulo Freire e Mikahil Bakhtin – o encontro que não houve*. Campinas, S. Paulo: IEL/UNICAMP. (Texto policopiado; cedido pelo

Instituto Paulo Freire de Portugal. Universidade do Porto).

- Giddens, Anthony (1993). *Novas regras do método sociológico*. Lisboa: Gradiva.
- Giddens, Anthony (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta.
- Giddens, Anthony (1995). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta.
- Giddens, Anthony (2000). *Dualidade da Estrutura. Agência e estrutura*. Oeiras: Celta
- Giroux, Henry (1986). *Teoria Crítica e Resistência em Educação – Para além das teorias de reprodução*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Giroux, Henry (1988). *Los profesores como intelectuales – hacia una pedagogia crítica del aprendizaje*. Barcelona; Paidós/MEC.
- Giroux, Henry (1992). *Escola Crítica e política cultural*. S. Paulo: Cortez Editora.
- Giroux, Henry (1995). *A Disneyzação da cultura infantil*. In Tadeu, Tomás *Territórios contestados – o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Editora Vozes pp.49 - 81.
- Gohn, Maria da Glória (1999). *Educação não-formal e Cultura Política*. S. Paulo: Cortez Editora.
- Grácio, Sérgio (1982). *Escolarização e modos de integração na formação social portuguesa (1950-1978)*. *Análise Psicológica* 4; pp. 473-498.
- Grele, Ronald (1998). *Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral*. In Ferreira, M; Amado (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Ginzburg, Carlo (1990). *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In Autores. *Mitos, Emblemas e Sinais*. S. Paulo: Companhia das Letras/Editora Schwarcz Ltda.

– H –

- Haecht, Anne (1992). *A Escola à prova da sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Haguette, Teresa (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, Stuart (2000). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

- Hespanha, Pedro (1987). Posse da terra e reprodução da força de trabalho – o caso do Baixo Mondego. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, pp. 145-157.
- Hespanha, Pedro (1993). *Vers une Société-providence simultanément pré et post-moderne*. Oficina CES, nº 38. Coimbra.
- Hespanha, Pedro (1995). *Os Direitos Humanos e a Cidadania Social nas Sociedades Contemporâneas*. Comunicação apresentada no Encontro Tendências do Desenvolvimento e Direitos Humanos, na preparação do seminário Europeu sobre Direitos Humanos e Acção Social, organizado pela Associação de Profissionais de Serviço Social; Coimbra (policopiado).
- Hespanha, Pedro (1996). *Globalização, crise social e conflitualidade*. Oficina CES, nº 79. Coimbra.
- Hespanha, Pedro (1997). *Novas Perspectivas sobre os Direitos Sociais*. *Intervenção Social*, nº 15/16, pp 121-129.
- Hespanha, Pedro (1997). *The Portuguese Late Modernization and the complexities of social integration through work*. Oficina CES.
- Hespanha, Pedro et al. (1999). Comentário ao texto de Ramesh Mishra “Para além dos Estados-Nação”. *Caderno Cidadania e Políticas Sociais*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Hespanha, Pedro (1999). *Democracia e Cidadania para o século XXI* in A Acção social em debate; MSTs; DGAS; CRSS
- Hespanha, Pedro (1999). Em torno do papel providencial da sociedade civil portuguesa. *Cadernos de Políticas Sociais*, nº 1, pp. 15-42.
- Hespanha, Pedro (1999). Novas desigualdades, novas solidariedades e reforma do estado. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 54, pp. 69-78.
- Hespanha, Pedro et al. (2000). *Entre o Estado e o Mercado – as fragilidades das instituições de protecção social em Portugal*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Hespanha, Pedro et al. (2001). *Risco Social e incerteza – pode o Estado recuar mais?* Porto: Edições Afrontamento.

Hespanha, Pedro et al. (2001). *Mal-estar e risco social num mundo globalizado: novos problemas, novos desafios para a teoria social . Globalização: Fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento.

– I –

Iturra, R. e Reis, F. (1989). *A Aprendizagem além da Escola – O jogo infantil numa aldeia portuguesa*. Guarda: Associação de Jogos Tradicionais da Guarda.

Iturra, Raul (1990). *Fugirás à Escola para Trabalhar na Terra*. Lisboa: Editora Esher.

Iturra, Raul (1991). *A Religião como teoria da reprodução social*. Lisboa: Editora Esher.

Iturra, Raul (1994). O Processo Educativo: Ensino ou Aprendizagem? *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 1, pp. 28-49.

Iturra, Raul (1995). Tu ensinas-me fantasia, eu procuro realidade. *Educação Sociedade e Culturas*, nº 4, pp. 91-103

Iturra, Raul (1997). A oralidade e a escrita na construção do social. *Educação Sociedade e Culturas*, nº 8, pp. 7 -20.

– K –

Kemmis, S. (1988). *El Curriculum: mas alla de la reproduccion*. Madrid: Ediciones Morata.

– L –

Levi, Giovanni (1996). Usos da Biografia. In Ferreira ,M ; Amado; J. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

- Leyens, J. (1982). *Procura de estabilidade e de invariância nos psicólogos. Aplicações e implicações das teorias implícitas da personalidade*. In J. Jesuíno (org.). *Mudança social e psicologia social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LeGrand, Louis (1988). Histoire de vie de groupe. *Sociétés, Revue des Sciences Humaines et Sociales*, nº 18, pp. 3 – 4
- Lewis, Oscar (1961). *Antropologia de la pobreza*. México: Fondo de la cultura Económica.
- Lewis, Oscar (1965). *Os Filhos de Sanchez*. Lisboa: Moraes Editores.
- Lima, L. (2000). *Organização Escolar e Democracia Radical : Paulo Freire e a Governação da Escola Pública*. São Paulo: Cortez.

– M –

- Macedo, Eunice et al. (2001). *Revisitando Paulo: sentidos na educação*. Porto: Edições ASA
- Machado, Rosa Helena (2003). *Vozes e Silêncios dos Meninos de Rua*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Magalhães, António (1998). *O paradigma de cientificidade emergente e as histórias de vida*. Texto policopiado; Porto: FPCE da Universidade do Porto.
- Magalhães, António (2001). O Síndrome de Cassandra : reflexividade, a construção de identidades pessoais e a escola In Stoer, Stephen, Cortesão, Luíza e Correia, José Alberto (orgs.) *Transnacionalização da educação: da crise da educação à educação da crise*. Porto: Edições Afrontamento.
- Magalhães, Maria José, Fernandes, Maria Laura e Oliveira, O. (1991). *História de vida de uma operária da indústria corticeira – construção de identidades através de diferentes processos educativos*. Lisboa: CIDM.
- Martins, António (1999). *Formação e Emprego numa Sociedade em Mutação*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Mc Carthy, Cameron (1988). Rethinking Liberal and Radical perspectives on Racial Inequality in Schooling: Making the case for Non-synchrony. *Harvard Educational Review*, vol. 58, nº 3, pp.
- Mc Carthy, Cameron (1994) *Multicultural discourses and curriculum reform: a critical perspective in Educational Theory* (:81-98)
- ME *Educação para os Direitos Humanos – Guia anotado de recursos*. Lisboa: Editores CCPES, DEB, DES, IIE.
- ME-DEB (2000). *A Educação Pré-escolar e os cuidados para a Infância em Portugal*. Lisboa: ME.
- MTS (1999). *A acção social em debate*. Lisboa: Direcção Geral de Acção Social, Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.
- Mishra, Ramesh (1996). *O Estado Providência na Sociedade Capitalista*. Oeiras: Editora Celta.
- Mohanty, S. P. (1989). Us and Them: on the philosophical bases of political criticism. *Yale Journal of Criticism*, 2, 2, pp. 1-31.
- Morrow, Raymond & Brown, D. (1994). *Critical Theory and Methodology*. Califórnia: Sage.
- Morrow, R. e Torres, C. (1997). *Teoria social e educação – uma crítica das teorias de reprodução social e cultural*. Porto: Afrontamento.

– N –

- Nóvoa, António e Finger, Mathias (org.) (1988). *Método autobiográfico e a formação*. Lisboa: DGRH/Ministério da Saúde.
- Nunes, Berta (1997) *O Saber Médico do Povo*; Lisboa; Fim de Século Edições.
- Nunes, Maria Helena (1998). “*Processos de realocização do Estado de bem-estar nos anos 90* – texto apresentado no seminário de pesquisa CES, Universidade de Coimbra (policopiado).

Nunes, João Arriscado (1995). *Reportórios, configurações e fronteiras: sobre cultura, identidade e globalização*. Oficina do CES, Universidade de Coimbra.

– P –

Passerini, Luísa (1996). *A lacuna do presente* In Ferreira, M ; Amado, J (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Paulston, Rolland (1992). *Comparative education as an intellectual field: mapping the theoretical landscape* (for VIII World Congress of Comparative Education Societies, Charles University, Prague, Czechoslovakia).

Peneff, Jean (1988). Le mythe dans l'histoire de vie. *Sociétés – Revue des Sciences Humaines et Sociales*, nº 18, pp. 8-17.

Perrenoud, Phillipe (1988). A propos de socialisation et sens commun. In *Analyse des modes de socialisation – confrontations et perspectives*. (Actas da Mesa Redonda de Lyon, CNRS, Cahiers de recherche, Lyon).

Philipp, Rita (1996). *Sociologia Crítica: perspectivas actuais*. Madrid: Editorial Síntesis.

Pinto, F. Cabral (1996). *A Formação Humana no Projecto da Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Pinto, J. Madureira (1988). *Estruturas sociais e as práticas ideológico-simbólicas nos campos*. Porto: Afrontamento.

Pinto, José Madureira (1991). Considerações sobre a produção social de identidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, pp. 217-230.

Pinto, Teresa (2000). Igualdade na educação – situação portuguesa no Contexto europeu. *Exaequo*, nº 2/3, pp. 153-163.

Pinto, Conceição A. (1995). *Sociologia da Escola*. Lisboa: McGraw-Hill.

- Plummer, Ken (2001). *Documents of life. An invitation to a critical humanism*. London: Sage Publications.
- Poirier, Jean, Clapier Valadon, S. e Raybaut, P. (1995). *Histórias de Vida – teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Popkewitz, Thomas (2000). Reforma, conhecimento pedagógico e administração social da individualidade: a educação escolar como efeito do poder. In Inbernon, F (org.). *A Educação no século XXI; os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- Portugal, Gabriela (1992). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano em Brofenbrenner*. Aveiro: CIDINE.
- Portugal, Silvia (2000). Globalização e violência doméstica. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, nº 57/58 pp. 231 - 258
- Portugal, S. (2000). A Igualdade nas políticas de Família; Um estudo de caso sobre o Ano Internacional da Família. *Exaequo*, nº 2/3, pp. 175-190.
- Preuss, M. (1992). *Algumas questões relativas ao uso de Histórias de Vida*. Caderno, nº 5. Rio de Janeiro: PUC/Departamento de Educação.
- Pucci, B. (org.) (1995). *Teoria Crítica e Educação – a questão da formação cultural da Escola de Frankfurt*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Q -

- Queirós, J. Manuel (1995). *L'ècole et ses sociologies*. Paris: Nathan Université.

- R -

- Reis, José (1987). Os espaços de industrialização: notas sobre a regulação macro-económica e o nível local. *Revista Crítica*, nº 22, pp. 13 - 31
- Reis, José (1989). *A difusão industrial e as condições do desenvolvimento local: reflexões a partir do sistema produtivo de Águeda*. Coimbra: Oficina do CES.

- Reis, José (1992). *Os espaços de indústria – regulação económica e o desenvolvimento local em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Reis, José (1995). *Que há de novo nos movimentos locais de industrialização em Portugal?* Coimbra: Oficina CES.
- Reis, José (1996). *Os sistemas produtivos locais em Portugal: uma transição difícil*. Coimbra: Oficina CES.
- Reis, José, Tolda J., Coelho, L. e Marinheiro, C. (1996). *Potencialidades e Factores de dinamização dos Concelhos de Águeda e Estarreja*. Lisboa: Observatório de Emprego e Formação Profissional.
- Rèmy, J., Voy, Liliane (1992). *A Cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. (1995). Histórias de vida e pesquisa sociológica. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, nº 44, pp. 125 - 141
- Rodrigues, Fernanda (1999). *A Acção social: entre atalhos e caminhos para uma política social de assistência*. Lisboa: MTS/DGAS pp. 35 - 44
- Rodrigues, Fernanda (2001). Assistência social: uma política reticente em tempo de globalização. In Pedro Hespanha. *Risco social e Incerteza – Pode o Estado recuar mais?* Porto: Edições Afrontamento, pp. 263 - 297
- Romão, José Eustáquio (2003). *A Civilização do Oprimido*. (policopiado; texto cedido pelo IPFP, apresentação no Encontro na Universidade Lusófona, Lisboa).
- Rouso, Henry (1998). A memória não é mais o que era. In Ferreira ,M ; Amado (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.

– S –

- Santos, Aparecida (2000). *Desigualdade e dualidade escolar. Conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, Boaventura Sousa (1987). *Um discurso sobre a Ciência*. Porto: Afrontamento.

- Santos, Boaventura Sousa (1988). Uma Cartografia Simbólica das Representações Sociais: prolegómenos a uma Concepção Pós-moderna do Direito. *Revista Crítica das Ciências Sociais* n° 24, pp.139-172.
- Santos, Boaventura Sousa (1989). *O Estado e os modos de produção de poder social*. Coimbra: Oficina CES, n° 7.
- Santos, Boaventura Sousa (1989). Ciência e senso comum. In *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Afrontamento.
- Santos, Boaventura Sousa (1989). *Os Direitos Humanos na pós-modernidade*. Coimbra: Oficina CES n° 10.
- Santos, Boaventura Sousa (1989). Da ideia de Universidade à Universidade de idéias. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, n° 27/28, pp. 11-59.
- Santos, Boaventura Sousa (1990). *O Estado e a Sociedade na semiperiferia do Sistema Mundial: o caso Português. O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)*. Porto: Afrontamento.
- Santos, Boaventura Sousa (1991). *A transição paradigmática: da regulação à emancipação*. Coimbra: Oficina CES, n° 25.
- Santos, Boaventura Sousa (1991). *Subjectividade, Cidadania e Emancipação; Revista Crítica das Ciências Sociais*, n° 27/28, pp. 135 - 194.
- Santos, Boaventura Sousa (1992). *O Estado, as relações salariais, o bem-estar social na semiperiferia: o caso português*. Coimbra: Oficina CES.
- Santos, Boaventura Sousa, Reis, J. e Hespanha, P. (1992). *O Estado e a Sociedade Civil: a criação de actores sociais num período de reconstituição do Estado*. Coimbra: CES.
- Santos, Boaventura Sousa (1993). Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 38, pp. 11-39.
- Santos, Boaventura Sousa (1994). *Pela Mão de Alice*. Porto: Afrontamento.
- Santos, Boaventura Sousa (1995). *Toward a new common sense - after the law*. London: Routledge.

- Santos, Boaventura Sousa (1995). *A Construção Multicultural da igualdade e da diferença*. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro; policopiado.
- Santos, Boaventura Sousa (1995). Sociedade Providência ou Autoritarismo Social? *Revista Crítica das Ciências Sociais*, nº 42, pp. I-VII.
- Santos, Boaventura Sousa (1996). Para uma pedagogia do conflito. In Luis Eron Silva et al. (org). *Novos Mapas Culturais: Novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina.
- Santos, Boaventura Sousa (1996). A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, nº 45, pp. 5-34.
- Santos, Boaventura Sousa (1997). Por uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 48, pp.11-33.
- Santos, Boaventura Sousa (1999). *Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento.
- Santos, Boaventura Sousa (1999). Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In Oliveira, F; Paoli, M. *Os sentidos da democracia-políticas do dissenso e hegemonia global*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Santos, Boaventura Sousa (dir.) (2001). *Globalização, Fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento.
- Santos, J. (2000). As Novas questões sociais. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, nº 57/58.
- Sarmento, Manuel (2000). *A Infância e o trabalho: a (re)construção social dos ofícios das crianças*. Forum Sociológico, nº 3/4. Lisboa: IEDS, Universidade Nova.
- Sarmento, Manuel (2002). Infância, exclusão social e Educação como Utopia realizável. *Educação Sociedade e Culturas*, nº 17, pp. 13-32.
- Sarmento, Manuel e Pinto, Manuel (1997). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

- Sarmiento, M. Teresa (1999). *Percursos identitários de Educadores de Infância em contextos diferenciados – cinco histórias de vida*. Dissertação de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Sarraceno, C. (1992). *Sociologia da Família*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Segalen, Martine (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Ed. Terramar.
- Shapiro, S. (1992). O fim da esperança radical? O pós-modernismo e o desafio à pedagogia crítica. In T. Tadeu (org.). *Teoria Educacional Crítica em tempos pós-modernos*. Cidade Editora.
- Shorter, Edward (1975). *A formação da Família Moderna*. Lisboa: Terramar.
- Shweder, Richard (s/d). *Antropology's Romantic rebellion against the Enlightenment or there's more to thinking than reason and evidence*. Texto polcopiado; Porto: FPCE, Universidade do Porto.
- Silva, Manuela (1990). *A Pobreza Infantil em Portugal*. Lisboa: Comité Português para a Unicef.
- Silva, Manuela (1999). *A igualdade de género: Caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva*. Lisboa: CIDM.
- Silva, Manuela et al. (1989). *A pobreza Urbana em Portugal*. Lisboa: Caritas.
- Silva, Ezequiel e Freire, Paulo (1999). Da leitura do mundo à leitura da palavra. In V. Barzotto (org.). *Estado de Leitura*. Campinas: Mercado de Letras.
- Soares, Magda (s/d). *A patologização da Pobreza*. (policopiado).
- Soares, Natália (2001). *Outras Infâncias*. Braga: CEC, Universidade do Minho.
- Sousa, João Francisco (2001) *A Actualidade do Pensamento de Paulo Freire*. Recife: Edições Bagaço.
- Spiro, Melford (1984). *Some reflections and Cultural determinism and relativism with special reference to emotion and reason. Culture Theory: Essay on Mind, Self and Emotion*. Cambridge: University Press.
- Spiro, Melford (1998). Algumas reflexões sobre o determinismo e o relativismo culturais com especial referência à emoção e à razão. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 9, pp. 197-230.

- Sposati, Aldaíza, e Rodrigues, Fernanda (1995). Sociedade-Providência, uma estratégia social consentida. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 42, pp. 77-104.
- Sposati, Aldaíza (2001). Movimentos Utópicos da Contemporaneidade: Diálogo com Boaventura de Sousa Santos. *Educação Sociedade e Cultura*, nº 16, pp 5-43.
- Stoer, Stephen (1982). *Estado e Desenvolvimento em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stoer, Stephen e Araújo, Helena (1991). *Educação e Democracia num País semiperiférico (no contexto Europeu)*. Porto: Afrontamento.
- Stoer, Stephen (1994). Construindo a escola democrática através do campo da "recontextualização pedagógica". *Revista Educação e Culturas*, nº 1, pp. 7-27.
- Stoer, Stephen (1994). O Estado e as Políticas Educativas - uma proposta de mandato renovado para a Escola Democrática. *Revista Crítica de Ciências Sociais*; nº 41, pp. 3- 33
- Stoer, Stephen, Magalhães, António (1998). *Orgulhosamente Filhos de Rosseau*. Porto: Profedições, Lda.
- Stoer, S ; Magalhães (1998). Políticas educativas e novas formas de governação numa época de transnacionalização. In SPCE. *A Transnacionalização do campo da Educação em Portugal*. Aveiro: Congresso da SPCE.
- Stoer, Stephen e Araújo, Helena (2000). *Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi) periferia Europeia*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Stoer, Stephen, Magalhães, António (2001). *A' Escola e a Excelência Académica*. Porto: Profedições, Lda.
- Soer, Stephen, Cortesão, Luíza (1999). *Levantando a Pedra, Da Pedagogia Intermulticultural às políticas educativas numa época de transnacionalização*. Porto: Afrontamento.
- Stoer, Stephen, Cortesão, Luíza e Correia, José Alberto (orgs.) (2001). Desocultando o voo das andorinhas: educação multicultural crítica como movimento social. In *Transnacionalização da educação: da crise da educação à educação da crise*. Porto: Edições Afrontamento.

- Stoer, Stephen, Correia, J. Alberto e Stoleroff (1993). A ideologia da modernização no sistema educativo em Portugal. *Caderno das Ciências Sociais*, nº 12-13, pp. 25-51.
- Stoer, Stephen (org.) (1986). *Educação, Ciências Sociais e Realidade*. Porto: Afrontamento.
- Stoer, Stephen (1986). *Educação e mudança social em Portugal – 1970-1980 – uma década de transição*. Porto: Afrontamento.

- T -

- Teodoro, António (2001). *Educar, promover, emancipar – os contributos de Paulo Freire e de Rui Grácio para uma pedagogia emancipatória*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Therborn, Goran (2001). Dimensões da Globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In P. Gentili. *Globalização excludente – desigualdade, exclusão e democratização na nova ordem mundial*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Torres, Carlos Alberto (1996). *Critical theory and political sociology of education: arguments*. In Thomas Popkewitz (ed.). *Critical theory in educational discourse*, vol. 1. Durnan: Botterworths.
- Torres, Carlos Alberto (1997). *Sociologia Política da Educação*. S. Paulo: Cortez Editora.
- Toscano, Maria de Fátima (1993). Dimensões sociocêntricas dos estudos sociais em torno dos “grupos pobres”. In Associação Portuguesa de Sociologia. *Estruturas sociais e desenvolvimento*. Lisboa: Fragmentos, Vol II.
- Touraine, Alain (1990). *Uma Visão Crítica da Modernidade*. Madrid: Congresso Internacional de Sociologia (texto policopiado).

- W -

- Wall, Karin (1998). Políticas de Família na UE. Trabalho, família, gerações.
- Wallerstein, Immanuel (1990). Culture as the ideological background of the world system. *Culture and Society*, vol7, pp. 31-55.
- Wallerstein, Immanuel (1999). A Reestruturação capitalista e o sistema mundo. In Gentili (org.). *Globalização excludente – desigualdade, exclusão, democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis: Vozes.
- Webber, Max (1997). *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Lisboa: Edições 70.
- Wieviorka, Michel (1994). *Racismo e Modernidade*. Lisboa: Bertrand Editora.

– V –

- Vieira, Ricardo (1999). *Histórias de Vida e Identidades – professores e interculturalidade*. Porto: Afrontamento.
- Voldman, Danièle (1998). A Invenção do Depoimento Oral. In In Ferreira ,M ; Amado (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Relatório de Projectos de investigação sobre o Concelho de Águeda

- Transformações rurais na Europa: projecto de investigação sobre estruturas agrícolas e a pluriactividade; (1987) Departamento do Ambiente da Universidade de Aveiro e Faculdade de Economia de Coimbra
- Seminário de Sociologia Rural e Urbana por Ana Raquel Matos e Rita Correia (1996) Agricultura portuguesa: crónica de uma morte anunciada : A pluriactividade agrícola em duas Freguesias rurais industrializadas Aguada de Cima e Barrô” .

- Hespanha , P et al . O papel da Sociedade civil na protecção social - Centro de Estudos sociais da Faculdade de economia Universidade de Coimbra

Outros

Câmara Municipal de Lisboa/Gabinete de Estudos Olissiponenses (1999). *Excluídos – memórias de (sobre) vivências 1836-1933*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Entrevista com a Prof Doutora Fernanda Navarro

*Rosa Lúcia Almeida
Leite Castro Madeira*

***Sobreviver e Existir
limites e potencialidades da
Educação
(Anexos)***

**Rosa Lúcia Almeida
Leite Castro Madeira**

**Sobreviver e Existir
Limites e Potencialidades da
Educação**

Anexos

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutora em Ciências da Educação

Orientada pela Prof. Doutora Luíza Cortesão

Índice de anexos

Anexo 1:

História de vida anotada da D. Silvina

Anexo 2:

Relatos autobiográficos da D. Eva

Anexo 3:

Relato autobiográfico da Ana

Anexo 4:

Relato autobiográfico da Camélia

Anexo 5:

Relato autobiográfico da Otília

Anexo 6:

Relato autobiográfico da Marlène

Anexo 7:

Relato autobiográfico da Cristiana

Anexo 8:

Relato autobiográfico da Sílvia

Anexo 9:

Relato autobiográfico da Joana

Anexos

Anexo 1

**História de vida anotada da D. Silvina
(1942-)**

Entrevistas realizadas entre os anos de 1997e 2002 em Águeda

História de Vida

Eu nasci em Paranhos em 1942. A minha mãe vivia com dificuldade porque eu não tinha pai. Ele ficou tolo e foi para o hospital. Ela foi trabalhar, servir. Os meus irmãos foram servir

O meu pai tinha sido cauteleiro em Lisboa e vinha só de mês a mês. Ele lia muito. Tinha muita inteligência! Ele tinha muitos livros. Eu ainda me lembro do livro da 4^a dele. Ainda me lembro, ele tinha lá dentro dessa saca. Era um livro que parecia quase uma bíblia. Tinha muitas letras e poucas imagens. Era um livro lindo! Ele também tinha o código da lei que ele lia, lia, lia.! Ele lia tanto que o cérebro virou !

O que aconteceu foi que em Paranhos havia uns baldios para dividir. Os ricos queriam que os pobres ficassem com os cabeços, nas pedras e os que ricos ficassem com os baldios onde havia água. O meu pai não deixou dividir, porque achava que tinha que ser tudo igual senão não se dividia! Ele foi a Oliveira de Frades e conseguiu embargar aquilo por causa da lei, por causa desse livro que ele leu e aquilo não ficou nem para os pobres nem para os ricos, ficou para o Estado. Como ele foi embargar os baldios, fizeram queixa dele e tiraram-lhe a licença de arma. Então ele começou a pensar naquilo e ficou doido. Um dia pegou numas coisas e foi por aqueles montes, a pé. Jogou os documentos todos fora. Jogou a licença de armas, jogou tudo fora. A minha mãe ainda foi ver se encontrava esse livro da Lei, que valia muito dinheiro, mas não o encontrou. Lá lho tinham roubado.

Quando o meu pai ficou doente a minha mãe tinha que correr à frente dele porque ele tinha, uma pistola. Ele tinha aquela ideia de que aquela mulher não era dele; que a dele estava no Cabeço e que tinha sido o Salazar que a tinha levado. Ele falava muito no Salazar. Dizia que ele a tinha levado e botou lá uma muito alta. Meteu-se-lhe aquilo na cabeça; ele é que tinha ideia daquilo, Salazar não lhe tinha feito mal nenhum. Ele fazia a minha mãe rezar, a ela e aos meus irmãos, por alma da sinagoga e por alma da capucha ... Eles tinham que rezar senão ele fazia mal, partia tudo.

Ele era um homem forte. Ele tinha uma arma, um revólver e agarrava nos meus irmãos, metia-os debaixo do braço e levava-os. Quando uns familiares da minha mãe souberam disso, trouxeram-na para Arancada com os filhos. Ele eram ricos, tanto que até saiu de lá o Dr.(...); a mãe dele ainda era da família da minha falecida avó materna

O meu pai cada vez ficava pior e um dia apareceu lá, com a roupa toda rota e suja, a dizer "Estou cheio de bichos...". Eles tiraram-lhe a roupa, deram-lhe banho e vestiram-lhe outra roupa. Foram então buscar um garoto (o filho) para ele ver, mas ele não conhecia nada. Metiam na cabeça da minha mãe que aquilo estava escrito e ela levou lá um casal por oito dias e tinha que lhes pagar na pensão. No fim é que veio um senhor aqui a Águeda e é que disse que não era bruxaria e que ele estava doido.

Naquele tempo não havia médicos como agora. O médico devia ser outro, pelo menos essa coisa da memória!

Então tiveram que o levar para Oliveira de Frades e como não havia Hospital meteram-no na cadeia, mas numa casa civilizada, quer dizer, num quarto civilizado, para ele estar. Ele não estava preso. Ele não tinha feito mal nenhum e era de família boa. Daí é que um doutor viu, chamou a minha mãe, viu como ele era e botaram-no então na casa João de Deus em Barcelos.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- vê os constrangimentos de posição social como acidentes na trajectória familiar

- projecta a experiência do pai para além do espaço e cultura locais

- apropria-se da cultura letrada como capital cultural familiar

- conota a leitura com o desgaste psicológico

- sugere a existência de uma consciencia crítica da ordem social e a capacidade para uma acção coerente com valores e informada pelo conhecimento

- entende a loucura como ruptura com a ordem social oficial, arbitrária e opressiva

- estima o valor do livro da Lei como bem económico

- a alienação do pai é referida à figura de Salazar, enquanto "intruso" na vida privada;

- salvaguarda a inocência de Salazar

- a loucura do pai é também referida à crenças religiosas obscuras.

- evoca a linhagem e o status social de um elemento da família como mais valia social e como recurso de protecção social

- refere a perspectiva da mãe para diferenciar o seu ponto de vista mais informado pelo conhecimento actual

- explicita o seu conhecimento de que se trata de um problema de saúde mental

- ressalva que o pai esteve na cadeia na condição de doente

- realça mais uma vez o estatuto social de origem

O meu pai morreu em 1966, mas nunca fez contacto com a família porque estava mesmo tolinho. Quando ele foi internado devia ter um ou dois aninhos, o meu irmão mais velho devia ter aí doze anitos... o outro onze.

A minha mãe ainda esteve muito tempo na minha terra, porque era preciso pagar a décima e ela ficou com muita dívida. O meu pai deu-lhe cabo de tudo. A minha mãe ela ficou sem nadinha em casa dela! Aquilo era tempo de guerra vivíamos mal. Em 1940 houve a guerra em França e eu nasci em 42. Ainda havia fome, um bocadinho de pão, tinha que dar para todo o dia, mas isto foi só um mês ou dois porque a minha mãe cultivava, porque senão era pior mas lembro-me de ver pessoas que viviam pior; eu pequenita, mas já me cortava o coração.

As pessoas iam daqui de baixo por aquelas serras acima, para comprar milho, com cem escudos, que naquele tempo era muito dinheiro! iam a pé compravam e vendiam. Era tipo uma congrua. Era quase como se fossemos lá fora buscar tudo pelo calado, porque havia outras pessoas que assaltavam. Um dia a minha mãe ia para regar o milho de noite e iam duas senhoras que pensaram que a minha mãe ia com a enxada para as assaltar ao caminho. Elas disseram: - "Minha senhora, não nos tire o milho que já andamos há 3 dias fora de casa". Foi a minha mãe que lhe ensinou um outro caminho para elas não irem por ali e serem roubadas. Não eram os pobres que iam roubar, eram os ricos, para vender. Eles roubavam o milho aos pobres que iam buscá-lo, cheios de fome.

A minha mãe era uma mulher boa. Ela não falava muito bem da minha avó, porque era uma vida de sacrifício, ela vendia milho e não dava pão aos filhos. A minha mãe andava a vender queijo mas deixava-nos sempre dois para a gente comer.

Naquele tempo era tudo racionado. Não havia pão. Não havia açúcar, não havia azeite mas a minha mãe vinha a S. João do Monte buscar pão com senhas!

Ela arranjava sempre o açúcar para nos dar o café de manhã! Enquanto não vinha o milho novo a gente passava mais mal e quando o milho vinha a gente já tinha olhado muitas vezes para as mãos dos outros a comer pão. Eu conhecia uma comadre da minha mãe que o filho dela também era pequenito, mas eles eram ricos e eu era pobre. Nós também tínhamos mãe, mas ela era mais pobre, porque o meu pai ficou tolo e estragou tudo o que ela tinha.

Nós tínhamos a nossa casinha e a minha mãe tinha ovelhas. Ela ia trabalhar e a gente tomava conta das ovelhas. Ela saía à noite e vinha a pé lá de cima, sempre por aqueles montes abaixo, para ganhar para nós. Mais tarde a foi para "Queirã" para o minério e levava o meu irmão para tomar conta de mim, ao colo, porque eu era a mais pequenita. O outro, que também ainda era pequenininho ficava a tomar conta das ovelhitas e da casa. Mas pronto éramos assim felizes!

Em Paranho, nós juntávamo-nos lá no monte onde havia uma pedra grande e cantávamos à noite. A nossa vida naquela altura era brincar. A nossa mãe ia para o mato de manhã e eu ficava lá em casa. A meio da tarde quando ela vinha para baixo, deixava-me ir com as raparigas que eram mais ou menos da minha idade. Nós éramos pequenitas, cantávamos umas com as outras.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- atribui a adversidade das condições de infância à circunstâncias acidentais e à conjuntura criada pela guerra

- aligeira aqui dimensão dramática da fome, para reposicionar-se perante outros em pior situação.

- acrescenta informação sobre o ambiente social da época

- toma posição perante a diferença de classes assumindo a defesa dos grupos desfavorecidos

- diferencia as condições de vida asseguradas pela mãe por contraste com a atitude da avó perante os filhos.

- justifica a situação de inferioridade social e das condições sociais adversas por factores independentes da consciencia e competência social

- evoca memórias da infância transmitidas pela mãe para reconstruir a sua experiência de infância como criança que brinca e que é cuidada no interior do grupo familiar

- valoriza a relação entre pares, experiência de convivialidade típica do meio rural

A gente também conversava com as antigas, uma delas era costureira e usava aquela saia de arrastar, à moda antiga. Eu gostava de as ouvir falar e ia então para lá sentar-me ao sol só para ouvir aquelas coisas.

Havia duas velhotas que me ensinaram as orações; elas sabiam muito daquelas orações antigas muito lindas que explicavam como se tinha formado o mundo e que havia de haver o fim do mundo porque havia muitos problemas.

Lá em cima havia missa, elas iam e aprendiam as orações. Iam às missas mas não sabiam ler, eram analfabetas, mas tinham uma memória boa. Naquele tempo eu não me lembro que alguém lesse. Era tudo como a minha mãe, não sabiam ler.

Eu era pequeninita, mas gostava de ouvir aquilo e ficou-me tudo na memória. É isso que eu tenho na memória e que digo aos meus filhos. Quando vim cá para baixo contava a outra rapariga e às minhas filhas. Mesmo na fábrica quando eu andava a tirar os mosaicos andava sempre a contar às minhas colegas.

Lá na serra nós cantávamos e conversávamos, as raparigas umas com as outras. Eu gostava de andar naqueles montes e de ouvir os passarinhos e os animais. Sempre tive aquela ideia e mesmo agora, se eu tivesse umas terras eu gostava de ir para os montes ver a natureza e ver as coisas. Adoro isso! Acho aquilo lindo!

Até que a nossa vida começou, a sair uns para cada lado. Os meus irmãos que já eram maiorzitos vieram servir. Um ficou a servir em Belazaima e o outro foi para a Redonda servir também. Eles andavam no campo, com o gado e a trabalhar nas terras, com as vacas. Já vinham habituados a isso. Quando já eram maiores pensaram em ir para Lisboa para ver se arranjavam futuro ou coisa melhor.

A minha mãe veio cá para baixo e aos cinco anos de idade vim para a estrada mais ela. Ela andava a acarretar água a ganhar 5 tostões por semana e eu também. Eu era pequenita mas lá andava. De noite não havia lugar para a gente dormir e ficávamos debaixo da ponte. Andamos nesta estrada muito tempo.

Eu não fui para a escola; cresci até aos sete anos, até que a minha mãe veio servir para casa do professor. Só que ela zangou-se com o professor e começou a andar ao dia fora. Eu andava com ela e outras vezes ficava em casa.

Depois a minha mãe alugou uma casinha e estávamos a renda. As vizinhas eram mais ricas que a minha mãe, tinham as casas delas, mas juntavam-se ao pé de mim. Eu lembro-me que ela andava a trabalhar e eu andava a brincar nestas alturas. Eu brincava com as rapariguitas. Faziam-se bonecas de trapos e quando era época do milho era uma espiga. Lembro-me! A espiga tinha aquela barba; penteávamos e punhíamos um pano e fazíamos daquilo uma boneca.

Só que naquela altura de dificuldade, não havia de comer e nem sítio para estar! Então a minha mãe pôs-me a servir e nunca mais voltei para ao pé da minha mãe, foi sempre trabalhar até quando ela voltou!

Fui tomar conta das crianças mas eu precisava é que tomassem conta de mim. Eu fui servir na casa de uns infelizes. Fui aos sete anos e estive lá até aos nove. Eu fui criar duas crianças pequeninas, eram duas meninas, uma tinha um aninho e a outra dois anitos, eu tinha sete. Eu andava com as meninas ao colo mas não podia com elas, então pendurava-as pelas pernas e trazia-as penduradas pelas costas abaixo. Eu era fraquinha e tinha fome também

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- dá uma conotação "folclórica" ao vestuário e à situação

- introduz a dimensão mística da religiosidade popular

- associa a igreja à escrita relativiza o analfabetismo da mãe pela valorização da memória como base da produção cultural

- dá visibilidade à actualização da tradição oral espaço estrutural da produção

- atribui valor estético à relação com o ambiente natural experienciado como lugar de trabalho

- acentua a ideia do servir e a associa a ideia de procura de um futuro alternativo.

- realça o seu esforço físico e produtividade enquanto criança que trabalha ao lado da mãe

- associa o facto de trabalhar ao não ter ido para a escola, situação que persiste mesmo quando a mãe trabalha para o professor e depois a dias

- valoriza a autonomia de residência e o facto de não ser discriminada pelas outras crianças do meio

- valoriza o brincar como afinidade na relação entre pares

- justifica a separação definitiva da dependência da mãe com as circunstâncias de pobreza em que viviam

- reclama o reconhecimento do seu estatuto de criança

Um dia expulsaram-nos do lugar porque eles não eram dignos: o pai, era também o avô das meninas, porque fazia filhos à própria filha.. Outra dia nos botaram do lugar para fora e fomos viver para o meio de uns carvalhos. Também nos tiraram daí para fora e fomos daí viver para uma casinha da Eira.

Quando nos expulsaram fomos viver nos pinhais; foi aí que numa noite de trovoadas eu tive medo. Eu ainda era pequenita mas fugi ! Voltei para a minha mãe e ela já não me deixou voltar. Ainda estive uns oito dias em casa, mas a vida continuava na mesma e eu não podia lá estar.

Fui então servir para casa de um lavrador. Vem daí eu ter gosto pelos animais e por essas coisas todas.

Eu fazia de tudo e trabalhava muito. Quando me arranjaram para lá, disseram que era só para tomar conta de uns coelhinhos e andar mais a minha patroa. Quando cheguei lá tinha duas vacas, porcos, ovelhas. Eu tinha que andar com as ovelhas, nem que estivesse a chover. Começaram-me a ensinar a apanhar erva, que tinha muita neve e puseram-me a lavar.

Um dia a minha patroa bateu-me muito por eu ter partido o cântaro e eu fugi para casa da professora. Eu só lá estive 8 dias porque a minha patroa foi ter com a minha mãe e ela voltou-me a levar para os mesmos patrões .

Aquilo era um tempo triste, era um tempo pobre. Um dia, quando eu tinha 9 ou 10 anos, fui à carqueija de manhã, sozinha e mordeu-me um bicho na mão, um lacrau ! Eu sentia aquela dor e fui ter com a minha mãe a para ir ao Caramulo com ela.

Eu era pequenita mas fui mais a minha mãe por aqueles montes acima, a pé. Chegamos já era noite, quase escuro a casa de uma rapariga que era filha do professor; ela tinha andado a estudar e fazia tratamentos e aqueles curativozitos. Ela tinha na chaminé uma queixada de porco, partiu-a com um machado e botou-me daquele unto na mão. Mas aquilo ficava cada vez pior. Quando o professor viu a mão disse: "ó mulher, você vá já imediatamente para o médico com a sua filha, senão cai-lhe já aqui o braço padre." Como a minha mãe tinha andado empregada na vindima do Dr (...) ela disse: "vamos lá porque eu conheço esse médico."

Vimos então a caminhar outro dia. Quando lá chegamos ele andava numas terras, a dirigir o pessoal. Quando viu a mão disse "venha cá ao fim de três dias para ser lancetada. Eu já não dormia há 8 dias e ao outro dia a minha mãe foi comigo a outro médico. Este lancetou-me e deu-me uma injeção e mandou-me lá estar também ao outro dia.

Andei três dias sempre a caminhar; cheguei ali ao meio do caminho, ao pé do lagar onde faziam o vinho, a aguardente. A minha mãe tinha levado petinga, sardinha pequenina, salgada, para comer pelo caminho, mas eu não comi nada porque levava muita dor e a minha mãe também não porque me via assim. Então deixou-lhes a sardinha e eles deram-nos queijo! Naquele tempo já não havia sardinha, como se comia na serra!

À noite lá fui, então, outra vez a pé. Foram dois dias para um lado e para o outro. Eu andava cansadinha! Mas tive que ir trabalhar na mesma! Tinha que trabalhar. Tinha que trabalhar na mesma!

- relaciona o esforço exigido com a própria debilidade física para cuidar de outras crianças
- a experiência da adversidade é associada ao desalojamento

- refere que era pequenina para realçar a atitude de coragem
- valoriza e justifica a atitude da mãe que protege e emprega

- "romantiza" a sua nova posição de serviçal agrícola

- começa a deixar de justificar a adversidade das condições de vida como "acidentes" de trajetória,
- começa a conotar o esforço físico com a exploração de força de trabalho.

- associa a tristeza à pobreza de recursos sociais da época
- a referência ao sofrimento físico surge no cenário de trabalho solitário

- faz sobressair o esforço necessário à sobrevivência enquanto criança e na companhia da mãe

- revela a disposição para o recurso prioritário a saberes tradicionais e/ou a relações de interconhecimento

- põe em evidência a relativização da urgência da ajuda face aos interesses particulares dos grupos favorecidos

- enuncia a diferença de hábitos e bens alimentares da serra como mais valia em trocas sociais e económicas.

- realça a insensibilidade ao sofrimento no contexto das relações de produção

O meu patrão era madeireiro, mas nunca estava em casa. A minha patroa era já velhota, era mais velha do que ele 25 anos. Ela tinha sido casada com um senhor do Brasil que era tio dela. Dele tinha havido um filho, só que o menino morreu passado dois dias de ser baptizado. Quando o marido morreu e o meu patrão foi atrás dos bens, mas ele ainda morreu primeiro do que ela!

Eu era sozinha e tinha que trabalhar nas terras e com 13 anos já lavrava com a charrua nas mãos, porque antes não havia máquinas. Eu trabalhava muito porque os meus patrões tinham duas vacas, sete ovelhas e duas cabras e tinha porcos.

A minha patroa era muito boa. Eu via como ela fazia, via como amassava os bolos e aprendi a fazer bolos da Páscoa, aprendi a fazer empadas, amassar o pão e fazer pão de trigo. De manhã ela fazia o comer e o café da manhã. Eu levantava-me mais cedo, bebíamos o café e ia para as terras ou então para a madeira. Ela fazia o trabalho de casa e ia me ajudar. Ela era como minha mãe, porque eu fui para lá com 9 anos e saí de lá com 20.

Naquele tempo havia grandes trovoadas e fenómenos que já não há, agora! Um dia eu andava com o gado e via toda a gente a correr. Ficou tudo escuro, tudo noite e eu fui para cima de um pinheiro e estava toda contente porque o vento era tanto que me trazia num balancé. As ovelhas, estavam ali ao pé de mim e se eu não saísse elas também não iam. A sorte foi que passou um senhor e disse: "ó Silvina, foge que vem aí o fim do mundo!" Aquilo de repente se encheu tudo de pedras (granizo) que eram tão grandes como ovos. Ora quando andávamos nas terras formavam-se estas trovoadas e como a minha patroa era muito gorda eu ia ladeira a cima com um carroço à cabeça e ainda a empurrá-la para ela ir mais depressa.

Eu todos os dias de manhã ia para a carqueija, buscar um molho. A tarde eu tinha que andar com o gado e a minha patroa ia à frente. Um dia foi para tocar o gado eu joguei uma pedra e caiu na minha patroa, sem querer! À noite o meu patrão me bateu com umas cordas dobradas!

Eu muitas vezes vinha a pé para Águeda e voltava para lá outra vez! Como eu ia sozinha tinha medo de passar por carreiros porque diziam que havia lá homens a caçar pessoas. Um dia eu levava 600 couves, num cesto, à cabeça, e aquilo era muito peso para mim e vim pela estrada que ainda não era alcatroada e me perdi. Fui a andar, até de noite e quando lá cheguei como eles tinham estado à espera das couves e eu não cheguei a tempo, levei uma sova! Eles não perdoavam, eles batiam-me muito! Eles não perdoavam!

Eu fugi para casa da minha mãe, mas ela voltou a pôr-me lá, na mesma noite. Os patrões não eram muito bons porque não tinham filhos. Eles não perdoavam nada. Não tinham pena nenhuma!

Eu estava a servir só pelo pão e pelo comer, não ganhava nada. Eu estive sete ou oito anos sem receber dinheiro nenhum. Nem um tostão! Só recebia comida e alguma roupa. Nós éramos escravos, trabalhávamos muito!. A gente levantava-se às 5 horas e só se deitava a meia noite. Quando me casei estava a ganhar 100\$00 por mês. Não tinha enxoval nenhum, não tinha nada.

Como eu queria ter uns tostõezitos, pedi aos meus patrões para ir ganhar algum por fora, a "acarretar" racha à cabeça pela ladeira acima. Eu fazia o meu trabalho muito à pressa e depois trazia sempre mais do que os outros que era para ganhar mais 25 tostões. Eu andei um ano a ganhar para uma ovelha que eu comprei. Andei outro ano para ganhar para uma cabra. Eu gostava de ter gado, gostava de começar assim a minha vida!

- dá conta do modo de conjugalidade mediado por interesses económicos

- acentua a discrepância entre a idade, nível de conhecimento, esforço e capacidade laboral

- valoriza a experiência de domesticidade e aprendizagem de saberes tradicionais

- a natureza é representada como fonte de risco

- acentua a percepção de risco criadas pelo desconhecimento das crianças

- o cenário da intempérie acentua a percepção da obrigação de esforço físico

- denuncia a arbitrariedade do poder de definição da situação (de conflito) e de punição

- dá conta do poder patriarcal e da violência consentida no interior do espaço doméstico

- vê a pena e o perdão como únicas alternativas ao castigo violento, de que só os filhos estariam libertos

- a atitude da mãe não é justificada nesta situação

- expressa indignação pela não retribuição financeira do trabalho

- refere como consequência da exploração a impossibilidade de fazer enxoval

- refere o recurso a um 2º emprego (remunerado) como possibilidade de escapar à condição de servidão

Indícios da construção de sentido experiencial e social

Comprei uma ovelha e dei-a para a minha mãe criar e a minha mãe estava toda contente, mas o homem que a tinha vendeu-me a ovelha. Mais tarde voltei a comprar mais uma cabra e cabritos. Foi tudo embora!

Um dia fui lá e berrei com ele, só que ele começou a bater na minha mãe. Ela levava muita porrada e ele gostava muito de fazer aquilo. Eu gostava muito da minha mãe e ainda gosto! Então convidei uma rapariga, arranjamos-lhe um carregão e meti a minha mãe à minha frente virada à minha terra. Passado mais algum tempo soube que ela estava lá outra vez; voltei ter a levá-la, só que desta vez levei-lhe a louça toda e ela lá ficou na terra, até eu ser grande e me casar.

Eu não fui a escola. Os meus irmãos também não chegaram a andar lá. Eu lembro-me de andar com muitas raparigas da minha idade, que não andavam na escola; principalmente na minha terra. Eram só aquelas pessoas mais ricas, em que os estudos já vinham dos pais, que os pais já tinham estudos que iam a escola. As pessoas mais pobres não iam. Havia muitas mulheres que não tinham escola e as filhas diziam: A minha mãe também não sabe ler!

Das colegas que tinham escola, nenhuma delas servia, elas viviam bem porque estavam com os pais e tinham escola. Havia lá duas raparigas que andavam na escola para fazer a 4^a classe mas era só para quem podia porque quem não pudesse fazia a terceira, havia mesmo exame de passagem escolar. Elas já andavam na escola, mas não tinham, assim, aquela coisa!

Eu tinha sempre vontade de ler, às vezes estava ao pé delas e dizia para me ensinarem e eu aprendia. Eu via as coisas, via as colegas a ler e tinha pena de não saber. Então comecei a pensar “tenho que juntar estas letras”. Eu tinha vontade de ler porque parece que me sentia numa escuridão!

Quando a minha mãe estava em casa do professor, estive uns 8 dias na escola. Ele comprou-me um lápis, um caderno e uma lousa com um ponteiro e deu-me o livro da primeira. Entretanto a minha mãe zangou-se com ele, foi para uma casa à renda e não quis levar nada do que ele tinha dado. Deixou-me lá o livro e tudo, não me quis levar nada do que ele me tinha dado. Eu fiquei sem nada, depois é que eu não aprendia nada.

Depois quando fui para a casa da mulher que tinha as meninas eu ia a casa da Professora a D (...) Ela via que eu tinha tanta vontade e me ensinava. A noite ela dizia: “vamos aqui dar uma lição” Eu ficava toda contente! Mas eu só estive a trabalhar em casa dela 8 dias. Esta professora era um bocadinho rude, mas ensinava bem, ensinava tudo até à 4^a classe.

Eu gostava dela porque ela dizia sempre: “olha que tu se fosses uma pessoa em condições, eras uma pessoa inteligente”. Ela tinha pena de mim e chegou a dizer à minha mãe que tinha pena de eu não andar na escola. Mas eu não podia. Tinha que trabalhar. O trabalho era de graça e as mães não pensam nessa altura. Eu não estava a ganhar nada! Mas as mães não pensam!

Eu ainda fui a escola uns 8 dias. Naquele tempo não era obrigatório e eu não estava matriculada mas a professora me aceitava porque sabia que eu tinha vontade. Eu só ia a escola quando podia, Quando a minha patroa ia mais o marido para as obras e eu ficava com as crianças, eu as deixava a brincar porque já eram grandinhas e ia para olhar as aulas pela janela. A casa ficava atrás da igreja e era só subir as escadas. Eu via o que as meninas tinham nos livros e fazia na terra aquela letra igual.

Naquele tempo elas escreviam em lousas. A mãe das menina ainda deu-me uma lousa já estava meia rachada. Eu fiquei toda contente.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- dá conta de que foi prejudicada pelas relações de dominação patriarcal a que a sua mãe estava submetida

- evidencia o seu próprio empenho em “libertar a mãe da condição em que vivia, executando autoridade sobre ela

- revela o carácter elitista da escola e a combinação de factores no constrangimento do acesso e mobilidade escolar segundo a posição social, género e pertença e/ou inserção em meio rural

- põe em evidência a vantagem da inserção familiar no acesso à escola

- sobrevaloriza eventuais diferenças de motivação para realçar a injustiça no acesso à escola

- associa analfabetismo à ideia de escuridão

- refere a perda de material de escrita e de leitura e escrita como expropriação da possibilidade de aprender

- vê na disponibilidade da professora um acto de correspondência generosa ao seu desejo de aprender

- justifica a dureza da relação, com a eficiência pedagógica

- atribui à professora um juízo sobre as suas capacidades intelectuais que remete para condições estruturais

- critica a falta de consciência da mãe, da falta de contrapartida financeira que justificasse não ir a escola

- imagina a aprendizagem da escrita como imitação de formas gráficas

- valoriza o material escolar como bem raro e como possibilidade de aprender

Em 1956 quando a Nossa Senhora andou a dar

a volta por Portugal, ainda me lembro eu até chorei porque houve um padre que distribuiu um livro pequenininho que tinha o terço e aquelas coisas de cantar. Eu não sabia ler, mas eu também queria ter aquilo; eu até chorei e lá andei, andei até que aprendi os versos que estavam no livro para a gente cantar. Aprendi com uma rapariguita que sabia e cantava os versos. Eu ia com o gado, de manhã até à noite, mas quando a Nossa Senhora veio eu já sabia o que estava no livro, já cantava as orações e sabia ler as coisas. Aquilo parece que foi um milagre, porque era na semana seguinte!

Eu não aprendi com professores foi com colegas. Eu com quinze anos fui para o hospital com uma sinusite. Arranjaram-me um atestado de pobre e eu fui para lá por conta dos patrões. Estive quinze dias, mas como achei-me pior e deixei-me estar mais um mês.

Estava lá uma rapariga que lia, sabia ler! Ela era mais velha do que eu. Ela às vezes punha-se a ler revistas e eu também gostava de ver, mas não tinha nenhuma e não sabia ler nada, nadinha. Eu pedia para ela me ensinar a ler. Eu já tinha assim uma luzinha. Via a rapariga e juntava-me a ela a ler e às vezes, punha-me a ver as palavras para as unir umas às outras. Foi no Hospital que alguma coisinha aprendi: Eu gostava de estudar, gostava de escrever. Ficava-me tudo na cabeça. Eu tinha um parente médico no Hospital, que era segundo primo da minha mãe. Naquela altura eu não sabia ler. Se eu soubesse ler me empregavam no hospital, porque naquele tempo não era preciso diploma. Eu tinha 16 anos e queria bõrga, não queria estar fechada. Eu já lia alguma coisa, mas no princípio a gente nem tinha relógio, não sabia horas, não sabia nada. Depois em adulta é que eu comecei a aprender.

Eu ouvia o Professor falar sobre a história de Portugal, porque naquela altura já se dava lições sobre os reis que havia. Ele dizia que o D. Pedro era o rei justiceiro. Eu vi no livro que ele disse para um criado dele que veio de fazer justiça. Naquele tempo a justiça era mesmo forte¹ Ele mandou coroar e beijar a Rainha depois de morta. E havia também D. Dinis, o Rei que queria plantar, queria campo, queria terras, queria pinhais e nunca se quis importar com a guerra, Ele importava-se com os montes e semear e gostava de agricultura..Ele era o marido da Dona Rainha Santa Isabel, uma senhora que era santa e ninguém sabia². Ela era uma senhora que lutava pela pobreza. Não queria guerra, queria amor, queria paz e queria tudo. Ela ajudava aos pobres da maneira que podia, fora do marido. Li que ela tinha amaldiçoado o pinhal quando andavam a semear os pinhais em Leiria, naqueles montes em que os pinheiros são todos tortos Eu li isso³ e talvez seja verdade, deve até ter sido mesmo verdade, porque em S Pedro de Moel e há o pinhal da serpente e à frente está a estátua da Rainha Santa Isabel e de D. Dinis - o Lavrador. Eu levei lá os meus filhos! Agora vou mostrando aos mais novos porque eles vão-se esquecendo.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- parece ter sido a posse do livrinho a razão da frustração e do desejo de aprender a ler

- atribui a memorização dos textos a acção de uma colega e a um milagre

- vê no internamento o momento de oportunidade de aprender

- concebe o acto de leitura como observação, associação de palavras e memorização

- reconhece a leitura como recurso no acesso a uma função social diferenciada

- atribui a idéia de que a aprendizagem implicaria estar fechada a ignorância e a disposições da adolescencia

- refere o professor como fonte de conhecimento de alguns factos e mitos da história de Portugal

- evidencia atributos (históricos ou lendários) de algumas figuras de referencia dos quais se apropria na construção de si mesma

¹ Refere a obstinação de D Pedro em vingar D Inês, que “não tinha feito mal nenhum, porque a mulher dele tinha uma grande doença e morreu e que “estava a tomar conta dos filhos de D Pedro e com ele “tinha casado em segredo”.

² Refere os milagres da laranja e das rosas, como exemplos de bondade e condescendência com pessoas simples.

³ Refere que “a Rainha andava sempre a passear porque ela também gostava de montes e de flores”..

Quando eu era rapariga a gente vivia nos campos. Era um vida linda! Juntávamo-nos àquele bando de raparigas e íamos para os campos trabalhar, para as madeiras. Todos os dias, juntávamo-nos para ir apanhar carqueija para o gado, íamos para os pinhais, trazíamos um molho. A gente também juntava-se no fim do trabalho e ao Domingo à tarde num largo e andávamos por ali. Cada uma tinha uma bicicleta porque naquele tempo andávamos de bicicleta ou a pé.

Ao Domingo a gente reunia-se ao pé da capela, umas a fazer malha, outras a fazer renda até virem os rapazes. Todas nós tínhamos namorados, mas não era como agora.. Nós íamos para os bailes e divertíamos-nos umas com as outras. Se havia 5 ou 6 raparigas e ia um irmão de uma, os pais já não iam. Havia sempre uma pessoa que tomava conta da gente e à noite íamos para casa. Ali não se viam aos beijos e aos abraços, era tudo no respeito. Ninguém fumava, nem ninguém sabia o que era droga. Não era como agora nas discoteca e bailes ...

Nós íamos a festas que a gente fazia aos Domingos ou íamos a bailes a noite. No tempo dos Reis e das Janeiras juntávamo-nos e corríamos aquelas terras todas! Éramos umas 10 a 11 mulheres e os rapazes iam todos. Homens casados e tudo! O Carnaval também era uma coisa muito linda. Nós brincávamos.

No lugar só havia eu e uma outra rapariga a servir; ela estava na casa de uma professora. Aquelas moças eram filhas daqueles homens, daquelas famílias que lá estavam, mas eu convivía com aquela gente toda. Lembro-me que elas eram mais ricas do que eu. Elas tinham a vida delas e eu estava a servir, mas não iam para lado nenhum que eu não fosse. Como eu era sempre muito humilde e me dava com aquela malta toda, puseram-me sócia do salão. Eu fui a 1^a rapariga a ser sócia do clube de Belazaima do Chão, do 1^o clube de baile! Eu era tão correcta, amiga de falar e de dizer as mínhas graçolas que elas deram-me um cartão de sócia e convidaram-me! Havia outras que não eram criadas de servir e não lhe deram o cartão. Conforme eu podia juntava dinheiro para ajudar no Clube. Na inauguração levei um bolo para angariação de fundos. Era tal e qual como se eu fosse uma pessoa rica!

Quando estive em Belazaima eu ia à missa porque eu gostava. Os meus patrões não deixavam, mas eu as vezes fugia e ia. Eu ouvia o que o padre dizia a todos e sei quase tudo, porque me fica tudo na memória! Eu não fiz a comunhão principal, mas fui crismada. Uma vez o bispo veio crismar as pessoas. Como era Domingo eu, pus uma roupita melhor numa saca e saí para as terras como se fosse apanhar erva. Cheguei às terras, mudei-me e fui à missa. Eu pedi a uma senhora que também é professora e fui crismada. O bispo que lá estava, fez-nos uma cruz na testa com óleo e eu até pus o nome de Maria Silvina lá no livro, antes eu era só Silvina. Depois lá vim toda contente para a terra, sempre a correr. A minha patroa, perguntou porque eu tinha demorado e eu disse que tinha apanhado outro carregio. Eu tinha que apresentar aquele trabalho feito.

Um dia o padre meteu-nos uma raça de umas ideias na cabeça. Esse padre foi talvez arremessado de algum céu! Nós éramos umas 5 ou 6 raparigas que andávamos com ideias de irmos para freiras! Nós íamos à missa e o padre dizia que aquilo era bom e que não se trabalhava. Naquele tempo nós éramos escravas a servir, das 5 da manhã à meia-noite e não tínhamos carinho dos patrões. Havia uma rapariga que foi e não disse nada aos pais e passado uns dias eles estavam a chorar. Só passados quatro ou cinco anos é que souberam dela. Isto foi uma ideia ruim porque ela ainda está lá. Ela agora deve ser mais livre, mas antigamente as freiras não eram livres. Agora a gente as vê nos hospitais, mas naquele tempo não se viam.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- valoriza a experiência de convivialidade, no contexto do trabalho agrícola
- transforma a recordação em informação sobre as condições e hábitos da época
- aborda superficialmente a relação entre jovens dos dois sexos, para sugerir que a liberdade actual, tem efeitos “negativos” (fumo, a droga, a intimidade sexual vista como desrespeito)
- qualifica como brincadeira a participação em actividades tradicionais
- põe em evidência a desigualdade de posição social relativa a colegas para afirmar a sua popularidade no grupo
- considera a sua inclusão no Clube como distinção social
- justifica o que considera ser um privilégio com atributos tais como a humildade, correcção e comunicação
- refere a participação económica como esforço que justifica o seu reconhecimento como igual (como “rica”)
- demonstra não conhecer a especificidade da posição do Bispo na hierarquia
- valoriza o Crisma pela possibilidade de mudar de nome próprio
- refere o Padre como alguém que as iludia, sobre a vida religiosa como forma de libertação do trabalho escravo e da falta de reconhecimento a que eram sujeitas
- avalia a liberdade das freiras pela sua visibilidade no hospital

Indícios da construção de sentido experiencial e social

Nós naquela altura nós tínhamos 15 anos e não pensávamos, mas começámos a pensar naquele desgosto que a mãe tinha tido e nenhuma foi. Foi a nossa sorte! Nós íamos numa ilusão, porque as nossas mães não nos explicavam nada. Elas andavam no trabalho, vinham à noite, comiam e deitavam-se.

Aquilo era um mundo parado! Não havia televisão, não havia electricidade, não havia nada. Aquilo era só terras, montes e falarmos umas para as outras, mas o mundo era parado. Não se sabia nada. Não se sabia uma notícia. As outras moças não puxavam muito não, mas a mim sim! Puxava-me para andar as correr e passear nos montes. Tinha muita pena, realmente, de não ter aproveitado estudar. Tinha muita memória e gostava de ter estudado e fazer coisas. Isso de ler para um lado e para o outro.

Em Belazaima, nós não tínhamos televisão porque não havia electricidade, mas mandei comprar um rádio aos meus patrões e ouvia aquelas coisas. Havia aqueles poemas na rádio e noticiários. O rádio dava notícias, dava muitas coisas que se passavam pelo mundo. Eu comecei a aprender quando comecei a ver a televisão. A primeira televisão ainda me lembra de a ir ver a uma montra em Águeda.

Naquele tempo nós tínhamos medo, porque falavam que Salazar prendia as pessoas, que as matava e tirava as unhas. Eu acho que se a pessoa fosse humilde e se não se metesse ele não fazia mal, só o fazia a quem era turbulento. Ele não fazia, mandava fazer! Havia uma colega,, cunhada de um irmão que eu tenho em Lisboa que se casou com um rapaz que tinha sido preso, porque estava num café e disse mal do Governo. Os gajos da Pide prenderam-no. A rapariga já estava com o casamento tratado e casou-se mesmo na cadeia. Ele veio às grades da cadeia por uma janela e o padre estava do lado de fora e casou-os. Tinham-lhe arrancado as unhas! Ela levava um bolo e não o deixaram comer o bolo. Ela veio para casa chorar. Quando rebentou o 25 de Abril ele veio para casa e teve sorte.

No dia que deu a revolução eu vi muita coisa na televisão; vi as pessoas a sair da cadeia.

No tempo do Salazar a gente passou miséria e houve aqueles racistas, fascistas e aqueles da Pide, mas acho que ele meteu respeito em muitas coisas: não havia droga, nem se falava disso. Não havia tanta ladroagem, não se matava, como agora que matam pais e filhos. Nesse tempo não havia isso!

- atribui o risco de serem iludidas ao facto das mães estarem absorvidas pela rotina do trabalho e não terem disponibilidade para comunicar

- associa ruralidade, a isolamento do mundo, a estagnação, ignorância sobre a actualidade

- procura distinguir-se das outras raparigas pelo evidenciar a sua motivação para a acção e a aprendizagem

- associa televisão e abertura ao mundo

- vê Salazar tanto como ameaça e privação de liberdade quanto como figura de controle contra a desordem (aqui simbolizada pelo tabagismo e pelo consumo de drogas)

Indícios da construção de sentido experiencial e social

Eu namorei um rapaz antes do meu marido. Ele era um rapaz de boa gente, era de boa família, trabalhador, não se embebedava nem nada. Eu até podia ter tido sorte, só que o rapaz era canhoto⁴ e as minhas colegas, diziam que ele era torto. Agora a gente tem outra mentalidade, mas naquela altura eu mandei o rapaz embora e na semana seguinte conheci o meu homem. Conheci-o numa festa, num baile, tinha eu 18 anos. Eu não era para ir ao baile naquele dia. Fui enganada, ele lá ia ter comigo e lá fiquei de bebé.

Estive meio ano ao pé do meu marido até me casar. Eu estava em Belazaima a servir, mas já lá não fui mais! Ele já não me quis lá levar. Um dia fui mais a minha cunhada a Agueda e já não voltei para casa. Ele disse “anda ficar a casa da minha mãe” e eu fui. A minha sogra já estava à minha espera e tratou-me sempre bem; tratou-me sempre por você e acarinhou-me. A noite estava a chover e eu queria-me ir embora à noite, mas ele já tinha combinado e eu fiquei. Eles já tinham feito aquele truque. Nessa noite fiquei com a minha cunhada casada, depois é que comecei a morar com ele. Naquele tempo não era como agora, que vão logo no 1º dia a casa dos pais, eu tinha vergonha. Dormi por cima de um curral de ovelhas, porque a casa era pequenina. Era um bando de filhos, o meu sogro era muito doente e a minha sogra vivia do trabalho. Eu fui, para o Vale do Mouro ajudá-la.

Deixei-me estar, porque eu queria casar pela igreja. A minha mãe primeiro não dava ordem para eu me casar e eu também não tinha ordem do meu pai porque ele estava na casa João de Deus, em Barcelos. Quando decidi casar, já estava tudo preparado com o padre na igreja e eu ainda não tinha ordem. Até que um senhor disse: diga que está de bebé e vai ver que respondem logo de caminho; é que naquele tempo havia os hospitais com muitas irmãs e elas não queriam ninguém juntos. Fomos ao correio mandar um telegrama e ao outro dia já lá estava o Hospital a dizer que eu podia casar porque o meu pai estava sem poder dar ordem. Quem deu a ordem foi o Presidente do Hospital.

Quando cheguei fui para uma fábrica velha escolher telha até ter bebé: eu não tinha direito à caixa e tive que sair da fábrica. Eu já não podia mais porque andava com a criança na barriga e o meu comer era só café e cebola. Assim que eu casei e tive a minha filha, a minha mãe veio para ao pé de mim, mas como o meu marido não trabalhava ela voltou para a serra, para casa dos meus irmãos. Eles disseram para eu ir também.

Eu fui para a serra e levei a minha filha comigo numa bicicleta. Quando lá cheguei não tinha nada de comer porque a minha mãe não fazia as terras. Andei a vender tremoço mas só me davam milho e eu queria era comer. Como tinha uma galinhita, eu ia buscar pão para comer com os ovos que ela punha. Então voltei, mas como trazia mais uma saqueta com roupa meti a minha filha dentro de um saco, como quem mete um leitão, e trouxe-a atrás da bicicleta, numa canastra.

Cá em baixo sempre me desenrascava ao dia fora indo para as terras, trabalhar para os lavradores. Trabalhava a arrancar batatas, a roçar mato ou cavar vinhas. Eu tinha vários patrões mas trabalhava 3 dias por semana numa casa casa muito rica. Eu trabalhava uns quatro ou cinco dias a cavar vinha “à eito” e com calor. Nós ganhávamos 100 escudos.

- faz a auto-crítica do seu preconceito social e justifica a sua atitude com a pressão para a conformidade no grupo e com a mentalidade da época

- sugere que teve a intuição de que seria “enganada” pelo namorado.

- sugere que a família do marido foi cúmplice na sua retenção em Agueda

- refere que foi bem acolhida e que se envolveu de imediato na vida económica do agregado familiar com que passou a cohabitar mesmo antes da união de facto

- valoriza o casamento religioso e lida estrategicamente com as suas convenções, quando evoca a gravidez para acelerar o processo de autorização

- associa a fome ao facto do marido não trabalhar

- associa a fome ao facto da mãe não fazer as terras e de não haver dinheiro disponível para as trocas comerciais em que investiu na serra

- parece ter voltado não pelo casamento em si, mas para procurar trabalho que não havia no seu meio de origem

⁴ Mas há castigo porque eu tive os meus filhos todos direitinhos e havia de vir uma canhota! Eu tive que lhe dar quase um dia inteiro o peito esquerdo e ela ficou canhota! Os velhotes diziam e era e é capaz de ser

Enquanto eu cavava a vinha a minha filha ficava numa canastra e por ali andava. Um dia vou levantar a canastra e tinha lá uma cobra. A minha filha mamava do meu peito e eu muito aflita deixei cair a canastra e fugi com ela. Depois de a ter longe vim atrás com enxada e matei o bicho. Eu ainda tinha mais uma semana para cavar vinha aí! Se ela ficasse com o cheiro da menina podia matá-la.

Passado algum tempo fui viver para o Alentejo com o meu marido porque havia lá trabalho; era só ele é que estava empregado na quinta. Levavam a minha filha de manhã, para casa de uma senhora que gostava muito dela e ela tinha-a até à noite; quando eu lá ia dar-lhe a mama, a senhora dava-me de comer. Aqui os vizinhos é que me davam comida mas lá não havia fiado. Nós vivíamos na casa da quinta e estivemos ali 3 meses, até que ele chateou-se com o capataz que mandava nele e mandaram-no embora. Tivemos que estar três dias debaixo de um aqueduto na estrada, à espera que viesse o outro patrão para pagar. Eu lá ia dando o pãozito à minha filha e nós comíamos amoras grandes de umas árvores.

Lá voltamos e eu fui lavar para as marinhas de arroz! Aquilo era só lama até à barriga! Na época andava com homens, porque mais mulher nenhuma queria aquele trabalho. Eu levantava a minha saia, atava-a com um alfinete por baixo, a fazer tipo um calção e andava com uma batita por fora mas ficava com as pernas todas negras, barriga e tudo, por causa do bicho daquela lama, as sanguessuga, Aí pagavam-me melhor. Eu ganhava 5 escudos a lavar. Era "a seco", mas eu gostava daquilo...daquilo que era obrigada a fazer!

Se eu andasse a seco eu nunca vinha embora de caminho. À noite em vez de eu ir para casa; vinha cheia de trabalho mas não me ia embora de caminho, ficava em casa dos meus patrões. Eu deixava-me estar e fazia empalhadas às vacas, fazia-lhes a cama, arranjava a lavagem aos porcos para o outro dia, que era para eles me darem de comer. Os patrões davam aquele resto de sopa. A dona que me tinha lá dava-me uma panelinha de sopa, dava-me aqueles bocadinhos de carne ou bocadinhos de pão. Eu chegava a minha casa misturava um bocadinho de água e já dava para eu comer, para o meu marido comer e para as duas filhas que eu já tinha nessa altura. Eu criei assim os filhos. Eu às vezes os levava para o trabalho, outras vezes deixava-os em casa fechados. Eu não queria que andassem a chorar atrás dos patrões, porque depois eles chateavam-se e a gente não queria perder o trabalho. Era outro tempo.

Até que eu arranjei para ir para uma fábrica. O meu homem nessa altura andava a desenformar e a mãe dele andava lá. Eu trabalhava para ajudar a minha sogra e o meu marido. O meu marido andava a desenformar o tijolo. A gente moía a casca e andava a acartá-la com um carro a pôr ao montes, para os homens coserem o tijolo. Ela e eu andávamos a acartar casca e ela dava-me algum dinheiro.

Naquele tempo nós não estávamos empregados, estávamos a pôr casca por nossa conta. Eles pagavam à minha sogra, davam-lhe o dinheiro, mas como nós lá comíamos todos em casa, ficava tudo em família. Vivíamos todos numa casita que eles lá tinham na fábrica e ficava lá tudo. Estive assim dois anos. Lá não metiam as pessoas na caixa, nem nada! Eu não estava empregada mas depois do acidente apanhei caixa de caminho; eles foram obrigados a "botar-me" na caixa. Nesta altura a minha sogra também não tinha caixa, só a apanhou quando veio para aqui, para outra fábrica. Nessa altura havia muitas outras mulheres.

A gente ganhava pouco, mas também não gastava muito.

- avalia o risco o risco evocando saber popular considerando que o perigo da situação estava no cheiro do leite materno

- trabalhava ao abrigo do contracto de trabalho do marido?

- a fome parece continuar a ser o tem principal

-reconhece que gosta do que tem que fazer; toma como gosto o que reconhece ser uma necessidade

- refere também a vantagem da remuneração (seria a mesma do que a dos homens?)

-refere esta segunda jornada de trabalho agrícola diário como se fosse trabalho doméstico e portanto não-remunerável, enquanto ajuda "gratificada" "com restos de comida

-o marido parece ser apenas mais uma das bocas que ela alimenta com a dupla jornada de trabalho – remunerado e não remunerado

- o cuidado das crianças é totalmente constrangido pelas condições e pela sua posição de dependencia do trabalho

- dá conta do agravamento da exploração dos operários que vivem nos bairros fabris e que obriga directa ou indirectamente toda família a trabalhar, por conta de um contracto de trabalho e alguma gratificação baixa por tarefas não contractualizadas

Eu trabalhava de dia e de noite ia carregar carros, camionetas. Chegava a andar lá até às duas, três horas da manhã. Nós agarrávamos em carros com duas rodas e íamos para dentro do forno tirar tijolo cozido e pô-lo cá fora nas pilhas. Era cada carrada que Deus me livre! Não havia distinção se eram homens ou se eram mulheres, as mulheres faziam as mesmas coisas que os homens.

Também íamos para a feira; era o tijolo a sair verde; nós espetávamos um pau por aqueles buracos e os colocávamos nas paletes. O tijolo vinha por um elevador acima e a gente tinha que andar. Naquele tempo não era como agora que tem atrelado, tem a máquina. Nós andávamos a tirar o tijolo a mão e carregávamos à cabeça com uma tábu. Nós levávamos 5 tijolos à cabeça! A gente andava debaixo de lume, levávamos uns chinelos hoje e amanhã estavam todos queimados. O senhor (..) era o meu patrão e a gente tinha que trabalhar porque se não ele andava por trás de nós e dava-nos com os sapatos no calcanhar dos pés! A gente tinha que andar sempre a correr, porque ele não podia ver um empregado parado.

Os patrões agora são humildes, a gente fala e tudo mas naquele tempo não se podia fazer nada disso. Naquele tempo era tempo de escravidão Este patrão ainda está vivo. Ele ainda está um homem todo ... e mora ali em Agueda. Quando eu aleijei-me ele ainda me foi ver uma vez ao hospital. Levou-me um quilo de bananas e deu-me 500\$00. Naquele tempo deu-me mais dinheiro quando me foi visitar ao hospital do que me dava por semana ou que me dava por mês pelo trabalho.

Um dia eu andava a moer a casca, porque como havia uma festa na terra era preciso moer mais. Naquela altura tinham estado a pôr óleo nas correntes do moinho e como eu andava com botas de cano, eu escorreguei e caí com o pé dentro do moinho. O moinho era, assim, em roda e desfez-me o pé todo; eu tirei logo o pé fora, e não desmaiei senão ficava desfeita. Sai e comecei a gritar; vim cá para fora à espera que viesse a ambulância, mas chegou também uma camioneta de barro e eu disse "vou mesmo nessa camioneta". Laçaram-me a perna com o lenço de uma mulher e fui na camioneta para o hospital. Eu estava com a perna toda desfeita, mas eu era arrojada. Eu não desmaiei porque fui sempre uma mulher de coragem!

A minha Ana andava a brincar e a mais pequenina, como só tinha meio ano ficava na canatrazinha, ao pé de mim. Deixei ficar as duas meninas: uma com a minha mãe lá em cima na serra e a pequenininha ficou com a minha sogra, porque ainda lá foi uma semana mamar no meu peito. Uma afilhada minha levava-a ao hospital. Quem tomava conta dela era até o Dr.. que lhe dava as papas de graça, porque sabia que o meu homem que não era homem para ajudar...

Estive um ano e dez dias no Hospital em Agueda e 8 meses seguidos numa clínica em Lisboa. Fui pela companhia de seguros. Foi uma sorte ter ido para Lisboa porque naquele tempo o hospital daqui era muito atrasado. Se fosse agora não, mas naquele tempo era muito atrasado. Eu estava por conta da companhia de seguros, a fazer o tratamento à perna. Primeiro eu estive numa casa só para doentes, para mancos; era uma pensão que ficava no 3º andar. Eu fui lá para cima com as muletas pelas escadas mas depois não saía lá de cima, mas também não podia estar lá em cima porque me metia aflição. Eu tinha partido a perna uma data de vezes no hospital e apanhei aquele trauma; eu tinha medo, Até que lá da companhia resolveram o problema.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- dá ênfase a duração e intensidade do esforço físico, fazendo referência a não discriminação de exigência relativamente aos homens e mulheres

- dá ênfase à qualidade do esforço; o sofrimento causado pelo calor

- qualifica como escravidão a relação de exploração em que a força de trabalho não é obtida apenas pelo salário mas também pela vigilância e punição física e coerção psicológica praticada directamente pelo patrão

- evidencia a contradição da atitude do patrão que é mais "generoso" na visita do Hospital, do que justo nas relações laborais

- qualifica como arrojo pessoal e coragem a sua opção pela camionete da fábrica (à ambulância) como meio de deslocação para o hospital

- deixa transparecer as condições de vida (e de risco) das crianças

- manifesta "gratidão" pelo médico que, na sua perspectiva substitui a função do pai na garantia de alimentação para a criança

- podemos subentender que o acidente foi grave, não só pelo acto de ter sofrido fracturas no próprio hospital, quemnto pela duração e meios envolvidos no processo de reabilitação

Indícios da construção de sentido experiencial e social

Havia uma senhora que trabalhava no Porto, que tinha só um quartinho e uma cozinha e pagavam-lhe para eu lá estar. Eu dormia mais a filha e ela ganhava aquele dinheiro. Eles mandavam-me para a praia de Santo Amaro de Oeiras. Lá ligavam-me o pé onde eu tinha ferido e o resto da perna estava ao sol. Mandavam-me um lanche e eu ia no eléctrico e voltava por 10 tostões. Eu andava com muletas e fazia-me bem caminhar; cheguei a ir até Oeiras, lá para baixo e corria aquilo tudo, porque só tinha tratamento de manhã, às 10 horas.

Neste tempo eu acabei por ler mais. Aprendi a ler mais e até comprei a Bíblia para ler. Eu mal sabia ler, mas ia vendo e aprendendo porque havia raparigas que levavam romances.

A primeira vez que eu vi filmes foi em Lisboa porque faziam-me caminhar e eu ia ao Largo Martim Moniz. Ai havia um lugar em que passavam filmes a tarde e a noite continuavam com o mesmo. Uma vez o meu marido foi lá e estava a dar o Sansão e Dalila; ele perguntou se podiam entrar mulheres e disseram que sim, mas que as mulheres gostavam mais de ir para o salão com almofadas. A gente pagava 5\$00 e eu estava ali uma tarde inteira a ver os filmes. Aquele não era um salão de luxo, mas viam-se lá filmes bons; chamavam-lhe o salão piolho, porque eram bancos, cadeiras. Foi aí é que eu comecei a ver e a ler coisas. Passavam aquelas letras no fim e eu pensava "o que é que eles estarão a dizer?" Pois, eram filmes estrangeiros! Eu tentava ler, mas aquilo não dava Agora, graças a Deus, já leio os filmes e vejo tudo.

Foi lá em Lisboa que eu arranjei o meu outro filho porque o meu marido ia lá ter; ele tinha a viagem paga e tinha o comer de uma pensão que a companhia de seguros dava para ir visitar

Eu quando vim de lá não me empreguei, por muito tempo porque ao fim de seis anos eu ainda andava no seguro. Eu comecei a andar ao dia fora e ainda ia à fábrica da telha fazer uns dias. Eu não era empregada, ia só ajudar, mas eu tinha vertigens, porque não fiquei bem da sinusite e um dia caiu-me um tijolo e aleijei-me. Eu estava na mesma fábrica mas sai de lá porque o barulho do motor a trabalhar, metia-me aflição; aquela fábrica metia-me medo. Como o patrão era dono de outra fábrica e eu ainda estava debaixo do seguro, ele arranjou para eu ir para lá, mas eu saí também porque eu tinha que ir à Anadia buscar os 100\$00 que ganhava e aquilo não dava para nada!

Naquele tempo ganhava-se pouco e eu ainda estava tão manca! Então fui ao tribunal do trabalho, juntei o dinheiro todo e recebi 6 contos do seguro. Com este dinheiro comprei uma bicicleta ao meu marido o terreno e fiz a casita! O terreno custou 3 contos de reis. Depois a minha mãe trouxe mais 6 contos lá de cima e comprei mais 3 contos de terreno até à estrada. Tirei a licença para fazer um barracão e vieram para me multar. Depois vendi-a porque eu semeava e roubavam-me. Vendí-a por 20 contos e comprei esta com 9 contos.

A casa só estava em parede, eu comprei areia, convidei um homem e mandei-a compor melhor. Mandei cimentar o chão e depois eu sozinha, numa noite, "botei" o mosaico. Depois vivi nesta casa e trabalhei muito para comprar este terreno aqui para baixo, que foram 150 contos. Eu trabalhei tanto, tanto. Quando eu tive a a minha filha continuei a trabalhar e ao fim de três meses de a ter recebi, a minha baixa. Com este dinheirito botei telha nova, levantei mais e alarguei mais a minha casa lá em baixo; ela estava coberta com telhas, mas chovia muito e eu tinha-a com um plástico.

- refere cada um dos recursos investidos na sua recuperação como benefício de que tirou o proveito possível.

- vê o internamento em Lisboa como oportunidade de melhorar seus recursos culturais

- refere os romances e a Bíblia como leitura

- faz sobressair a independência entre a qualidade do filme e as condições materiais do cinema

- assume a leitura como competência indispensável à compreensão da acção, falada em língua estrangeira

- põe a descoberto o não cumprimento das leis de trabalho

- associa o seu mal estar físico à sinusite e não à debilitação do seu estado de saúde com as sucessivas cirurgias,

- usa o conceito de trauma (psicológico) para explicar a sua inadaptação ao trabalho, quando ainda estava afinal em processo de reabilitação

- a distância do local onde o seu trabalho paga entra a linha de fogo na estimativa dos ganhos com o emprego

- mais uma vez a transgressão da lei por razões de sobrevivência

- em evidência o facto de ter trabalhado durante a baixa de partocoma estratégia de sobrevivência;

Indícios da construção de sentido experiencial e social

Eu entrei com 100 contos mas para o pagar o terreno eu comprei e matei um porquito e durante um mês não comemos mais nada a não ser a carne do porco e as batatitas que tinha em casa para não gastar nenhum dinheiro. Eu tinha o meu dinheiro arrumado, mas houve um mês em que eu fui buscar 2 contos para pagàqueles homens que andam pelas casas a vender enxovais e como dinheiro estava destrocado eu gastei. Eu então pedi ao meu homem porque sabia que ele tinha, mas não queria dar e não deu. Tive que dar o abono que eu tinha recebido e fiquei a dever 50 contos até vir o resto do papel que ele nos fez da venda. Eu estava aflita porque disseram a minha filha que lhe tinham oferecido mais dinheiro pelo terreno: O dono do terreno contou que lhe disseram "O Barrigana alguma vez lhe paga o terreno?", mas que ele respondeu "Mas eu não fiz negócio com o Barrigana, foi com a mulher que tem uma cara igual à minha. É tão séria como eu."

Antes de me empregar na fábrica Voltei então a trabalhar nas vinhas. Eu ia com os patrões para a agricultura. Eles convidavam-me e eu gostava.

Eu fazia muita hora para ganhar mais 5 tostões. Eu tinha que ir àquela hora dar de comer às crianças e ir-me embora, mas ganhava 240\$00 por semana. Eu tinha que manter os meus 4 filhos e o meu marido. Eu gastava na loja, e o meu marido ia-me lá pagar ao fim-de-semana. A gente, com 200\$00 comia-se mais ou menos e então começou uma vidazita melhor.

Depois fui para a fábrica de mosaicos. Os patrões mandaram-me lá ir e deu-me logo trabalho e no outro dia lá estava. Como eu sou assim tão forte, tão gorda, pensei que ele às vezes não me queria lá, mas quiz. Eu andava na fábrica; no fim de toda gente trabalhar, ainda tinha que ir limpar as máquinas.

Eu tive a minha filha, dava-lhe de mamar e voltava a correr. Ao domingo ia limpar o escritório e polir mosaico. Trabalhei sempre as minha férias e tudo. Eu nunca vinha para casa. Nunca tive férias! Nem ao domingo. Continuei a trabalhar na fábrica, até não poder mais.

O meu trabalho era andar com os mosaicos; era o trabalho mais forte que lá estava, mas nasciam-me furúnculos na barriga por eu andar com o plástico a acarretar mosaico. Tive que ser queimada uma data de vezes e já não podia andar das pernas. Uma vez estive um mês em casa, mas ia fazer limpeza à fábrica e ao escritório na mesma. Eu ia para o médico, mas se os meus patrões precisavam de mim, telefonavam para o médico e ele dava-me alta para eu ir trabalhar.

Quando eu já não podia mais, saí. Eu saí com 51 anos, porque eu não podia andar mais! Um dia mandei lá a chave do escritório e disse que não ia mais!

Eu não fui me despedir porque tinha pena dos meus patrões e não tinha coragem para me despedir deles. Eu sempre fiz muita coisa e me dei com patrões; eles eram quase como meus pais, mas eu também fazia todas as obrigações; ela tinha que ser feita todo o dia. Os meus patrões pediam para fazer uma hora e eu fazia! Eu fazia uma máquina a noite. Nos 24 anos que lá trabalhei nunca estive um segundo de castigo, nem uma repreensão nem nada! Eles sabiam que eu nunca tive um minuto. Os patrões deram o mosaico todo para a minha casa porque eles sabiam que eu não roubava. Eles foram impecáveis e eu também era impecável para eles. Eu trabalhava

- refere cada um dos recursos investidos na sua recuperação como benefício de que tirou o proveito possível.

- vê o internamento em Lisboa como oportunidade de melhorar seus recursos culturais

- refere os romances e a Bíblia como leitura

- faz sobressair a independência entre a qualidade do filme e as condições materiais do cinema

- assume a leitura como competência indispensável à compreensão da acção, falada em língua estrangeira

- põe a descoberto o não cumprimento das leis de trabalho

- associa o seu mal estar físico à sinusite e não à debilitação do seu estado de saúde com as sucessivas cirurgias,

- usa o conceito de trauma (psicológico) para explicar a sua inadaptação ao trabalho, quando ainda estava afinal em processo de reabilitação

- a distância do local onde o seu trabalho paga entra a linha de fogo na estimativa dos ganhos com o emprego

- mais uma vez a transgressão da lei por razões de sobrevivência

- em evidência o facto de ter trabalhado durante a baixa de partocoma estratégia de sobrevivência;

Eu saí da fábrica mas nunca parei!

Comprei uma carretazita para andar à sardinha mais o rapaz que cá está em casa. Eu vendia sardinha e fruta, mas havia muito fiado e nós não tínhamos dinheiro porque ainda estava a pagar 40 contos por mês, no banco. Mais tarde o rapaz que está cá em casa dedicou-se mais o meu marido na camioneta como sócio e eu fiquei em casa, mas nunca parei.

Arrendei terra e faço terra, muitas terras aí. Comprei, ainda no ano passado, 4 sacos de batatas para semear. Houve um pouco de azar, mas ainda tenho tido para comer. Eu é que sacho, eu é que ando com a máquina a "botar" sulfato.

Eu agora já estou, a realizar um sonho que eu sabia que se devia ter realizado há mais tempo....

Foi o médico e o Dr. F que me abriram os olhos. Ele me disse "A senhora na Segunda-feira vai ter comigo a Águeda, que eu vou -lhe arranjar o ordenado mínimo. Eu já podia ter ido há mais tempo, mas eu não gosto muito de ir ao médico. Eu tinha uma consulta marcada e fui ao médico e qual foi o meu espanto: ele nunca tinha feito exames à perna, à coluna, à bacia e às costas, ao joelho e ao meu pé que está aleijado e desta vez pediu os exames e assinou-me a carta de invalidez. Eu, depois, levei as chapas todas,

Depois o senhor Dr (..) disse que afinal eu não ia arranjar o ordenado mínimo, mas sim a invalidez". Mas eu perguntei :Senhor Doutor, eu posso fazer a minha quintita, aqui? - ele era uma pessoa tão atenciosa, é muito boa pessoa. Ele gostou muito da quintazinha que eu tenho aqui daquele lado e até era para levar uns tomates, mas estavam verdes! - ele respondeu : "Pode, a senhora pode! "

..É que eu gosto de ter, assim, as coisas. Gosto de ter o meu gado e gosto de ter tudo. Fui criada no campo!

Agora... levanto-me às 7 horas e se a minha filha não acordar de madrugada para chamar o marido que vai trabalhar das 4 horas até ao meio dia, eu lá vou chamá-lo àquela hora, tenho aquele cuidado. Feervo o leite, o café e faço as sandes para ele levar. Eu ligo o rádio de manhã para ver como anda o mundo . Quando eu estava em Belazaima, nós não tínhamos televisão porque não havia electricidade, mas eu mandei os meus patrões comprar um rádio aos meus patrões e ouvia aqueles poemas e noticiários. Eu oiço o Zé Candeias, na Rádio Renascença, aquela que é católica. As pessoas telefonam para lá e falam com os familiares que estão no Brasil, no Canadá ou nas Américas. Uma vez escrevi para um programa e ganhei um livro com essas coisas da vida. Ao Sábado e ao Domingo eu também gosto de ouvir porque lêem-se cartas e as pessoas mandam muitos poemas.

Depois dou ao gado e arrumo e casa e vou para a terra, vou cavar até à noite. Então venho fazer o jantar e depois de ter o jantar feito, arrumo a cozinha e vejo televisão. Quando ouço falar em alguma coisa, não me deito para ver ... estou ali, acendo uma fogueira e não durmo; nem que seja depois das 2 horas. A televisão é uma grande coisa ! Fico a saber muitas coisas sobre a guerra. Apesar de não ser uma mulher vivo o meu dia a dia e preocupo-me com toda a gente.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- dá conta do seu investimento e desistência da actividade comercial, por precaridade de meios financeiros da população que é servida

- assume-se como responsável pela produção agrícola de subsistência

- investe um direito social não exercido e que ela reconhece a outros, como sonho

-expressa admiração pela atitude do médico perante as condições físicas que a incapacitam para o trabalho

-manifesta uma atitude de gratidão para o profissional que lhe dá informa sobre direitos

- reafirma o seu desejo de ter gado como propriedade e o justifica pelas sua raiz rural, apesar da sua adulez ter sido vivida basicamente como assalariada da indústria

- valoriza a sua actividade doméstica no respeitante à sua função de reprodução, como força de trabalho

- o trabalho no campo é referido como "lida" da terra apesar da diversidade de tarefas que comporta

- a televisão parece ser investida como "abertura" para um mundo" mais amplo, a entender e onde ela imagina poder participar activamente.

Quando a princesa Diana morreu eu estive toda a noite a ver na televisão, não me deitei. Na semana passada estive toda a noite a ver o holocausto. Há pessoas que dizem que só gostam de ver um filme ou coisa assim, eu gosto de ver filmes, mas também gosto de ver aquilo e digo à minha mãe que é bom a gente ver! Eu estou sempre a par daquilo.

Aqui há tempos eu vi na televisão a “Bomba de Hiroxima”; não sei se essa guerra foi antes de 1942 ou se foi depois. As pessoas estavam na rua e até se urinaram com aquele medo, com aquela aflição! Tudo ardeu, tudo se queimou. Uma pessoa ficou debaixo da terra, e quando ficou de bebé viu-se que a criança não era normal. Em Angola, ainda no outro dia, mataram cinquenta e tal pessoas que eram turistas! No outro dia vi uma criança cheia de fome, sem pecado nenhum, sem culpa. Vejo pessoas que devem morrer sequinhas. Não deixo de dizer que em outras terras que a gente vê, há fome por causa dos governos não se darem uns com os outros

Ainda ontem vi no telejornal, um bebé pequenininho que cortaram um braço com uma catana; vi um homem estava com as mãos na cabeça a chorar e aqueles soldados rebeldes virarem-se para ele e mataram-no com um tiro; também havia outro deitado no chão a quem estavam a bater com os pés na cabeça! Parece até que têm gosto de matar. Eu vejo por aqui, que devia havia de haver mais controlo, e não havia de haver tanta guerra. Às vezes é o povo que faz a confusão porque andam nas ruas a armar aqueles barulhos. Eles não deviam estar na rua porque os soldados já estão revoltados, o Governo já está revoltado então naquelas manifestações, dão porrada e matam.

Eu não gostava de estar nas manifestações mas gostava de ajudar aquelas crianças, socorre-las e ajudá-las. Se eu fosse uma pessoa que vivesse perto de Angola eu ia curar aqueles aleijados, ia tratar daquelas crianças, porque tinha vontade e porque vejo que há muita falta de auxílio, há muita miséria. Eu curava-os, não me importava se fosse branco, se fosse negro. Eu gostava de ir para os hospitais acolher aquelas pessoas que estão doentes e feridas e dar apoio, tanto na África como em outras terras onde há guerra. Eu já tenho visto pessoas a visitar isso, pessoas brancas como nós que vão lá visitar e dar apoio àqueles hospitais. Ainda no outro dia havia uns hospitais que os médicos fugiram todos e só estavam as pessoas civis a tratá-los sem anestesia nem nada. Eu tinha coragem de fazer aquelas coisas. Eu gostava de estar lá a tomar conta dos velhos e crianças e com a minha sabedoria de antigamente, começava-lhe a contar as minhas coisas. As crianças eu começava a pô-las a fazer desenhos desde pequeninas, e contava o que é que havia, como é que se formou o mundo.

Há um programa na televisão – o “Às dez”- onde dão coisas para os pobres e a Júlia Pinheiro também está a fazer um programa das 11 à 1 hora, para os reformados. Ela tem lá a lista das pessoas reformadas e corre aquilo tudo: para o Porto, para Cinfães, para a Régua, para Lisboa, para todo o lado. Ela pergunta à pessoa que idade tem e porque é que está reformada, se é doença, invalidez ou velhice. Ela gosta de saber o que é a nossa comida portuguesa, o que é que a gente come nas aldeias. Faz perguntas sobre o tempo e qual é a comida que se usa naquela casa. Quando lhe falam na sardinha com pimento ela fica toda contente. Depois há uma roleta e tem que se dizer o nome de um artista ou de uma novela, para ver se a gente, realmente vê a SIC.. Eu acho este programa lindo porque a gente vai saber o que se passa nas outras terras e as pessoas ficam todas contentes por receber aquele dinheirito. Às vezes digo “havia de me calhar também a mim”.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- parece querer expressar a actualidade/conteporaneidade das suas preocupações sociais

- refere o acontecimento ao ano do seu nascimento

- a situação da criança foi escolhida para fazer menção ao conteúdo do documentário

- valoriza o estatuto de turista
- refere crianças como vítimas da fome e da violência armada

- associa gosto pela prática de violência e rebeldia

- o controlo é adiantado como prevenção da guerra

- atribui à manifestação do povo a causa da desordem embora atribua aos soldados e ao Estado a revolta que os torna violentos

- demarca-se do interesse dos manifestantes para situar-se ao lado das vítimas das manifestações, a que associa circunstâncias de pobreza e de discriminação racial

- demarca-se da posição de discriminada ao posicionar-se como alguém que visita, que é branca e que vai dar apoio

- define-se como alguém com saber e coragem para socorrer e cuidar apesar da falta de recursos básicos

- refere-se explicitamente à sua sabedoria de antigamente como recurso, mas ressalva que poria as crianças a desenhar e a aprender

- reconhece a valorização que é dada à gastronomia, nacional e do meio rural a que se sente pertencer

- refere-se à modalidades de segurança social

- refere prática de controle de audiências, pela TV

Ontem a tarde estive a ver um bocado do Você Decide. A gente vai decidir, pelo telefone, se está bem ou se não está bem. Havia um pai que tinha dois rapazes e uma rapariga. Os rapazes mudaram as namoradas para lá para casa e ia com elas para o quarto, quando a filha rapariga quer fazer a mesma coisa que os irmãos o pai proibiu-a; ele estava contra a filha. e ela contra o pai e acabou por fugir, juntar-se com ele e a fazer a vida toda em comum. Se fosse eu, ou não dava aquela organização a filho nenhum, ou então, tinha que fazer a mesma coisa com ela. Eu acho que as mães e os pais aguentam mais com os filhos, porque é diferente; se um filho meu fosse visto com uma rapariga, o pai dela é que tem vergonha e a mãe também. Um rapaz vai para um lado e para o outro de noite e anda à vontade mas a rapariga fica mais perdida. Lá em casa os meus irmãos, foram para Lisboa e andavam de um lado para o outro, mas se eu quisesse ir a um lado qualquer a minha mãe dizia que não podia ir; ela os deixava andar mais à vontade.

Eu gosto de saber tudo dos noticiários e não ligo muito à bola, mas gosto que Portugal ganhe lá fora; quando são os portugueses a jogar com os estrangeiros; gosto que eles ganhem; Eu acho que futebol é bom, mas as vezes há barulhos porque o árbitro parece que está a acudir pelo outro lado e castiga.

Eu também não gosto de barulho, mas uma vez vieram uns aqui jogar e eu ouvi eles estarem a dizer que iam bater nos nossos jogadores. Os jogadores estavam cansadinhos, coitadinhos! Ora bem, foi por tanta sorte, deu-se uma porrada! Eles iam para bater com paus e eu batia com o capacete neles. Ainda hoje um senhor diz: "ah mulher! Você salvou-nos a vida a tantos."

Eu gosto de todos os desportos; aprecio elas a fazerem aquela dança no gelo. Eu aprecio patinagem artística.

Eu gosto de ver novelas. Eu vi a Terra Nostra, até ao fim. Eram uns italianos que vieram trabalhar para o Brasil, no café, porque não havia trabalho na Itália. Era tudo trabalho, luta. Depois foram à falência e passaram a viver mais mal, como nós, aqui, na nossa província. Antes via o Esplendor. A rapariga sofria porque tinha um irmão que era mau e roubou, mas ela pensou que ele tinha morto um homem e fugido. Ela foi trabalhar para casa de um viúvo e lutou muito, por causa deste irmão. Havia um que andava a atraí-lo e dizia que ela era amante, chegou a esse ponto!. Agora andamos a ver Uga, Uga, que também é brasileira. Os índios mataram os pais a um outro, e agora o avô que é muito rico quer saber desse neto e todos a querem a fortuna do velho. Há também agora uma novela onde há uma escola e há um professor drogado que dá aquelas aulas sobre droga: uma que é pelo nariz, outra que é fumada e na novela se vê que eles andam assim, com os olhos vermelhos e cheios de sono.

Com as novelas aprende-se alguma coisa, não é só divertimento. Aprende-se a vida porque há tantos secretismos. A gente sabe que aquilo é o ganha pão deles, mas há muita coisa que na vida é assim, umas vezes se vive com dificuldades, outras vezes não. Eu também gosto de ver aquilo porque se a gente só vai e vem das terras e não se vê nada.

Eu também gosto de ver filmes, mas acho que não é bom para os jovens, porque mostram como se fazem os assaltos e ensinam muita gente essa coisa da droga. Eu antigamente só gostava de ver filmes de terror; gosto muito daquele suspense, daquelas coisas a transformar-se. A gente sabe que é imaginação, mas eu gosto de ver.

- toma posição ética contra a discriminação de género

- justifica a discriminação do ponto de vista do senso comum, ou seja, do ponto de vista da cultura tradicional que produz o "consenso" que regula as relações sociais na comunidade

- recorre a memória da sua experiência de ter sido discriminada pela mãe

- afirma os noticiários como interesse pela actualidade e oposição ao desinteresse pelo futebol, enquanto consumo de massas

- salvaguarda sua pertença nacional, quando se trata de uma competição internacional

- justifica os conflitos no futebol pelas atitudes do árbitro

- define posição como "nós" local para justificar a implicação directa (e heróica") no conflito contra os "outros" , que vê reconhecida por alguém da comunidade

- primeiro descreve a actividade e depois a categoriza

- dá conta da sua atitude como espectadora, pela persistência na audiência dos programas, pela compreensão dos conteúdos sociais e da sua relação com a "vida real"

- emite juízo de valor positivo sobre a função de esclarecimento de problemas sociais mantidos em segredo

-importa-se em realçar que sabe que se trata de uma actividade que envolve interesses particulares dos actores

- reconhece o papel fantasioso dos media como diversão

- valoriza e denuncia riscos das potencialidades educativas dos media

Indícios da construção de sentido experiencial e social

Se às vezes vou ao café e levar os óculos, eu leio o jornal. Eu acho importante ler porque se a gente não vê, está num mundo escondido. É como quando não se lê em português, quando não se percebe a língua e lê-se as letras. Eu às vezes penso que se não soubesse ler estava mesmo escuro, não podia explicar nada. Eu gosto de ver porque a gente vive no nosso Portugal.

Eu vejo a televisão, mas também gosto de ler. Eu já li muita coisa! Agora a gente vê estas novelas na televisão, mas naquele tempo havia revistas que eu lia; a gente estava sempre à espera de ver o fim da revista. Também li romances. Li o romance da Rosa do Adro, li o Amor de Perdição, li Romeu e Julieta. Há dias a minha filha troxe o Romeu e Julieta, numa cassete. Mas já não era nada como o livro que eu li. Li também muitos livros de história e às vezes as contava ao meus filhos. Li também o livro dos descobrimentos e a história de Portugal!

Havia uma biblioteca que vinha à freguesia às terças-feiras. Eu tinha até um cartão, ainda o tenho. A gente levava os livros que escolhia e depois voltava a trazer. Quando eu estava aqui ia buscá-los e quando estava no hospital eu mandava levar pelo meu homem. Eu andei um ano ou mais a ir a biblioteca. Eu gostava de ter aqueles livros, se ainda houvesse ia lá buscar livros para ler, mas agora não se encontra a biblioteca e nem aqueles romances.

Há pessoas que vão à igreja para ler a Bíblia, mas eu gosto de ir lá à Bíblia buscar umas coisas melhores porque sou muito curiosa. Sou! Antigamente, fui mordoma um ano na igreja e gostava de ler. Eu limpava a capela e gostava de ver se sabia ir lá buscar coisas, só que naquele tempo era latim e para mim não dava! Eu tenho lido muita coisa na Bíblia. Eu já tenho uma há uns 37 ou 38 anos; eu comprei-a no hospital, quando lá estive, tinha 22 anos e já estava casada mas acabei acabei por ler mais. Eu mal sabia ler, mas ia aprendendo porque havia raparigas que levavam romances e já sabiam muitas coisas e eu acabei de aplicar o resto.

Nós cá em casa somos todos religiosos. Os meus filhos foram todos baptizados, casaram todos pela igreja, comungaram. Toda essa religião, não têm nada de outras religiões! Porque conheço esta e gosto. Não é que não acredite em tudo que fale em Deus!

A minha cunhada é muito católica, teve muita religião. Ela todos os meses pede a uns para dar na igreja aos pobres! Ela mais uma malta, arranjaram 2 mil contos para os pobres e para a casa dos velhinhos..Ela andou em Israel, Jerusalém, esteve na Itália, esteve em Roma, porque há um padre na Sobreda que arranja umas excursões para irem para lá. "Ah! Que pena não haver lá na nossa província!". Cá chamam-lhe província.

Ela esteve a mostrar fotografias e diz que a gente chega lá e ninguém reza! Eles não querem que ninguém reze, querem só a religião deles.". Ela foi lá quase há vinte anos, e diz que primeiro aquilo era muito lindo mas agora tem outras casas a estragar aquilo. Ela diz que lá fora há muita fome, muita miséria! Aqueles soldados, aqueles judeus, batem nas crianças que estão a pedir. Eles, vão no barco e se atiram ao rio para buscar um dolar que os turistas embrulhavam numa camisola. Eu não tinha coragem para isso, ai meu Deus!"

O tipo da minha vida é como a sua, ajudar os pobres. Se eu tenho vontade de dar, eu dou. O que eu puder dou. No dia de todos os santos entrei no cemitério e estavam lá a pedir para o cancro e eu nem aceito as flores! Eu dou o dinheiro sem a flor; aquela flor vai dar para outro. Eu dou sempre para essa coisa do cancro e para essas coisas.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- revela que a sua actividade como leitora também ocorre no espaço publico da comunidade
- associa a iliteracia à invisibilidade e isolamento, pela falta de domínio da língua em que se comunica e à ideia de escuro, ignorancia, situando-se no interior da Comunidade nacional
- parece sugerir um juízo comparativo entre cultura de massas e cultura letrada e "erudita"; a primeira representada pela televisão e revistas e a segunda pelos romances e livros da história de Portugal
- reconhece a biblioteca como recurso "vulgar" no quotidiano que ela lamenta ter deixado de existir
- critica a relação com os textos eruditos, neste caso representado pela Bíblia
- caracteriza a sua atitude face aos textos como curiosidade e investigação que se confronta com a barreira da linguagem (latim)
- realça a antiguidade da sua convivência com a Bíblia como cultura letrada que aprende a descodificar e só depois conota a Bíblia com os rituais e credos religiosos
- manifesta algum cepticismo face a outras religiões com que não está familiarizada
- refere-se a cunhada como modelo de "católica" que participa na comunidade e que conhece o ambiente, as práticas e as contradições sociais do lugar onde a religião radica historicamente
- define a sua posição de auto-determinação face à prática de dar
- expressa critérios e formas de participação como "doadora" e, m campanhas de solidariedade

No outro dia telefonei também dei para esta coisa da Sida; eles mandam telefonar e dizem que o dinheiro que a gente dá é para a ajuda. Eu dou aos bombeiros também. Agora pelo Natal, fui ao Intermarché aviar-me e estava lá um cesto com coisas para os pobres... devia ser para os pobres ou lá para fora, não sei. Eu botei lá um quilo de massa, um quilo de arroz, um quilo de açúcar, uma garrafa de óleo e uma garrafa de azeite, lá no cesto também. Deixei aquilo ali. Estava lá muita roupa, até roupa boa.. Estava lá uma saca de senhores que compraram, roupas boas!

A dividir um bocadinho por cada coisa, talvez não houvesse tanta fome. Há crianças que sofrem, há velhinhos. Agora ainda têm o Estado que bota a mão e há estas casas para os velhinhos, mas quando não havia, eles vinham por aí e eu dei sempre esmola mas havia muita gente que não.

Eu podia ir pelo caminho ali para a fábrica, se encontrasse um pobrezinho eu vinha e dava a esmola. Nunca neguei a esmola, nem ao padre...Uma vez um senhor sem filhos andava lá na fábrica a juntar mosaico. Ele fazia lá uma fogueira e eu levava-lhe uma febrinha porque ele não comia. Passado pouco tempo do meu filho morrer os meus filhos viram um rapaz cheio de fome num circo que estava ali em Aguada e apareceram-me aí com ele! Perguntei "Quem é o rapaz?" Responderam "Ó mãe, ele estava ali cheio de fome, você encha-lhe a barriga." Enchi-lhe a barriga e ele já não saía daqui! Dormia no quarto com os meus filhos e ficou aqui um mês em minha casa. Mas era educado, não roubava. O meu filho era como eu. Eles são boas pessoas, gostam de fazer bem. Foram educados assim.

Quando eu tinha o meu filho no hospital eu tinha muito leite! Fui ter com uma cigana que estava com filhos a chorar e disse: "Olhe os meninos estão a chorar, têm fome. Olhe, eu sou branca, não sou cigana, mas tenho o meu menino no hospital e os meus peitos tão cheios. Você deixava-me..." Ela vai assim: "minha senhora! Então não dá porquê? O menino mamou, mamou e arrotou! E eu não tive medo de ele ser cigano. Mas quando eu dizia que enchi a barriga a um ciganinho as pessoas diziam "você deixou mamar?" Eu dizia: "deixei, não apanhei nada no peito. Eu não tive nada! O menino estava cheio de fome porque é que não lhe havia de dar?" É para matar a fome a todos.

O filho da muda também mamou no meu peito. O leite não foi tão sagrado como o do meu filho porque eu dei-lho igual, mas ele deu para mal. Diz-se que às vezes é do leite, mas olhe: tenho os meus filhinhos que nunca roubaram nada. Nunca se embebedaram, nem nunca fumaram. Eduquei-os na minha coisa de pobre, mas eduquei-os sempre.

Quando o meu neto vem de Aveiro traz sempre um ou dois netos adoptados. Eu já cá tive mais de vinte meninos, a passar férias de Natal, de Carnaval, da Páscoa A Dra (...) que manda lá disse: "a gente queria ter um bocadito de folga, por isso se houvesse umas senhoras que levassem umas crianças para casa, eram menos crianças, tinham menos trabalho e aliviavam. Então agora vem para cá a malta toda, sem ser os meus netos. Eu sou muito querida lá! Uma vez receberam-me como se fosse rainha! Como se fosse a mãe daquelas crianças! No dia da mãe era para eu ir ao Colégio mas não fui porque não gosto de ir assim sem nada Quando fui levei-lhe um raminho de flores artificiais, num cristal muito grande. Ela ficou toda contente e me apresentou aquelas pessoas todas, assim: "está aqui a avó, a mãe que criou e educou as crianças que vão lá para casa e que ela acarinha... a gente sabe que ela que vive da terra, do trabalho, não é?"

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- objectiva "os pobres" e os "lá fora" como utentes da campanha
- demarca-se deste grupos como doadora, pelo revelar da medida da sua generosidade
- valoriza a qualidade dos bens doados/recolhidos
- refere a "divisão" racional dos bens como solução para problemas sociais
- refere-se à acção do Estado-Providência e as Instituições de Solidariedade como atenuantes da miséria a que ela socorre, outros não
- o padre surge entre os que pedem esmola
- manifesta o carácter incondicional da ajuda que é justificada pela fome
- realça a relação de proximidade como qualidade do acolhimento e expressão de generosidade
- atribui a atitude de acolhimento não só a bondade mas também à educação que ela deu
- realça o carácter extraordinário de não discriminar os ciganos quando se trata da fome
- revela o preconceito contra os ciganos (contágio do mal)
- revela a idéias de que leite materno é sagrado, condiciona o futuro
- associa a idéia de acolhimento de crianças e jovens à sua adopção como filhos ou netos
- atribui valor social público à prática de acolhimento de crianças nas férias
- evidencia a atitude de reconhecimento e de gratidão pessoal e pública dos profissionais à sua colaboração
- colaboração que assenta no produto do seu suor

Depois eram aqueles meninos andaram a dar-me de comer. Um dava-me o guardanapo, um dava-me o talher, outro dava-me o prato, outro servia-me o comer. Fiquei tão contente! Lá todos me chamam avó. Um miudito que tinha estado aqui, foi ter comigo e disse “ó avó!” A senhora doutora disse “tens aqui a avó!” Ele chorava porque faltava-lhe a mãe, o carinho da mãe e dizia “Mas eu queria a minha mãe.” Eu comecei-me a abraçar a ele. “Não chores mais.” Depois ele veio. Era esse pretinho que tem estado aqui; de qualquer uma cor vem para aqui!

Uma vez tive aqui uma menina que se chamava a Maria Má, uma esgaziada, que esteve aqui no bairro e que teve um bando de filhos. O garoto dela é meio deficiente e começou a dizer que se queria ir embora. Eu “ai, menino! Não vais embora sem eu ir telefonar lá para onde tu estás.” Eu não tinha cá o carro e telefonei para lá. Responderam-me “A senhora é capaz de não o virar, porque a gente aqui não o vira.” Olha, levamo-lo ao café e ele voltou-se a colocar e para lá foi.

Antes eu trabalhava numa fábrica onde não gostavam de pretos. O patrão não os queria e não gostava deles. Eram como os outros que diziam “eu não ando com pretos”. O patrão dizia: “Silvina, tem aqui mais um para um você ensinar”. E eu ensinava. Andava lá um ao pé de mim que eu sentia-me mal com o fumar dele. Um dia pedi-lhe. “Olha, tu estás ao pé de uma moça, ela amanhã tem filhos. Tu vais deixar isso ...Amanhã já não fumas disto”. Fui e comprei-lhe um maço de tabaco e ele deixou de fumar; depois disse “Você foi mais que minha mãe!” Porque eu ensinava.

Eu também trabalhava, com crianças com 15, 14 anos que vinham de lá de cima da serra e o patrão chegava ao pé de mim e dizia “Silvina, você amanhã vem à «x» horas, ponha esta malta a trabalhar.” Responsabilizava-me de tudo.

Eu também gosto de dar a esmola! O que eu puder dar eu dou. A gente não deve fechar as portas a ninguém que nos peça de comer. A gente tendo, tem que auxiliar os pobres.. Eu também sou muito pobre, mas a mim nunca me deram nada. Só agora é que o padre da Borrália me tem dado, mas eu também dava para lá. O padre daqui da minha freguesia nunca me deu nada, mas eu fico toda satisfeitazinha, fico toda contente, se tiver a reforma.

Eu preocupo-me muito com os velhinhos, com crianças. Tenho muita pena de animais e de tudo! É como a senhora, com o marido que tem... mas é uma coisa tão diferente de nós, de mim e de outras... A gente tem que saber que há uma e outra coisa diferente! A senhora tem estudos, a senhora tem tudo. Uma pessoa não tem!

Eu sinto-me pobre, mas uma pessoa é não tão pobre quanto alguma pessoa que não tem mesmo nada. Também acho que se é pobre por falta de não quererem empregar as coisas, talvez... Há pessoas que podiam ter alguma coisa assim como eu, porque me casei sem nada... que podiam ter alguma coisa, mas talvez não se importem!

Eu fui andando e aprendendo. Eu gostava de viver num outro mundo! Se eu tivesse possibilidade eu lutava para conhecer outras coisas, outros países e outras terras só para ver o que é que se lá formava e como era aquilo. Eu gostava muito de viajar, de ver campos! Gostava mais de ver viagens do que de ler, porque ler não lia, mas nas viagens... se eu fosse a um lado qualquer, ficava com aquelas ideias todas!

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- valoriza a situação de ser servida como acto de reconhecimento social e como expressão de afiliação

- mais uma vez a cor da pele é enunciada como expressão de incondicionalidade na “ajuda”

- parece sugerir um paralelo entre a sua competência social (reconhecida) e a dos profissionais

- a discriminação é agora referida ao contexto de trabalho e relação entre pares

- a cor da pele é associada ao tabagismo (droga) conotado negativamente por ela e a atitude de rejeição é substituída pela atitude paternalista de quem passa a ser reconhecida como mãe

- a “maternidade” é conotada com a educação

- valoriza a responsabilidade de ensinar que lhe é outorgada pelo patrão

- assume a precaridade das suas condições materiais de existência, qualifica-a de pobreza, mas logo redefine a sua posição de reciprocidade face ao padre que lhe dá alguma coisa

- o status familiar e os estudos são significados como valores que justificam a discriminação e as vantagens de posição

- relativiza a sua situação de pobreza e critica a passividade dos pobre como iguais e diferentes de si mesma

- situa-se no espaço mundo, como lugar de descoberta/aprendizagem

Quando fui a França, fui ver um cemitério dos que morreram na guerra em que só havia cruzeiros; do lado da Alemanha a cruz era preta e do outro lado a cruz era branca. A minha ideia, talvez tonta, era ver se havia lá alguns presidentes ou daqueles que mandavam, mas não, eram só os pobres soldados que lá estavam. Nas notícias destas guerras que a gente vê lá por fora, não se ouve dizer que foi morto um tenente ou um presidente. Não! Quem foi morto foi o desgraçado que andava cheio de fome, são os soldados e os pobres e quem ganha nas guerras são os maiores, são os presidentes; é por causa de dois ou três presidentes não se darem que se faz a guerra e que se morre!

A França é linda mas no tempo da neve deve ser triste. É bonito para nós talvez, mas quem lá está não gosta muito. Até nas pontes havia luzes e pelos postes abaixo da electricidade, havia vasos cravados nos postes, tudo cheio de flores a cair nas pontes em todas as janelas. Nós aqui é raro ver esses jardins! Eu vi outro cemitério que era lindo, as campas têm flores que a nossa gente deita nas varandas e fazem aquilo aos carreirinhos. Lá há jardins de flores e plantas mesmo, de toda a qualidade. Eu gostei muito daqueles parques. É tão lindo, tão lindo, é uma beleza. Lá há jardins de flores e plantas mesmo, de toda a qualidade. Há pássaros de toda a qualidade, havia muitos corvos e mochos, à borda da estrada e não fazem mal nenhum. Eu andava só a ver os pássaros porque eu gostava daquelas terras.

Quando fui a Luxemburgo não conhecia nada. Enquanto o senhor que me levou ia a um lado e outro eu fui ver cemitérios, imagens, monumentos e aqueles grandes estabelecimentos. Fui ao cemitério e corri quase tudo para ver se havia nomes de portugueses que tivessem lá morrido. Mas não! Vim para casa e disse ao senhor que no cemitério não tinha nenhuma letra em português. Ele então disse: O cemitério dos portugueses é do outro lado. É separado. Eu tinha pena de ver lá morrer gente da nossa terra porque deve ser grande a pena de não vir à terra morrer.

Luxemburgo é um país lindo, só que eu nunca lá vi o sol. Estava sempre o tempo nublado. Lá as fábricas são muito longe e não há esta poluição como há aqui em Portugal. Há grandes fábricas e grande indústria, mas é retirado lá para o lado da Bélgica e não vem nenhum fumo para a cidade. Andavam pessoas a limpar tudo; qualquer papelinho que houvesse na estrada. Aqueles passeios é tudo limpinho, lindo e cheio daquelas flores lindas. A cidade tem grandes bancos, escolas e grandes jardins e aquelas livrarias. As ruas são lindas, não só pelas casas mas por aqueles campos, Eu puxo muito para ir para os campos, para aqueles pastos, aqueles animais.

Eu estive na Bélgica, na Alemanha e em Luxemburgo, na mesma altura, mas não trouxe fotografias. Na saída de Espanha, eu vi uma montanha linda que tem uma cruz e uma santa lá no alto. Eu até já disse que um dia que eu lá passe, vou trazer fotografias daqueles arcos, daquelas pedras tão lindas. Eu gosto muito dos países todos.

Uma vez fui a Espanha, numa excursão. Enquanto as outras mulheres foram para as lojas comprar não sei o quê. Eu fui a uma igreja que havia lá em cima; eu queria ver o que ela tinha e gostava de assistir a uma missa espanhola para ver se era igual à nossa. Fui lá e vi um padre velhinho e vi que faziam o tal peditório como cá. Aquelas igrejas, eram quase iguais às nossas! Eu cheguei lá, assisti à missa e comunguei. O padre perguntou a idade da minha filha e tambémlhe deu a hóstia, Ela nunca tinha comungado cá mas lá comungou.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- tema do relato desta visita é a desigualdade social e as suas consequências

- a fome surge mais uma vez como sofrimento infligido pela desigualdade

- mostra consciencia do poder exercido pelo "retirar proveito" da acção de subordinados

- descrever os lugares visitados segundo um critério estético e pela valorização dos jardins como trabalho sobre a natureza que ela demonstra conhecer

- estabelece uma equivalência entre bens de consumo turístico: monumentos, imagens e estabelecimentos

- o cemitério surge mais uma vez como lugar sobre o qual ela reflecte o tema da discriminação neste caso de pertença nacional

- valoriza a organização do território como prática que previne efeitos da poluição ambiental

- a sua apreciação do espaço urbano é refida ao que é - dado ou produzido sobre - a natureza

- acrescenta a menção aos arcos, pedras e fotografias como elementos do seu conhecimento dos países

- distingue a sua atitude "cultura" da atitude de "consumo" das outras mulheres quando viajam

- visita a igreja para comparar práticas e participa nos rituais, com a consciencia de que não está a cumprir os preceitos

Eu era analfabeta, mas me desenrasquei e desenrasquei aquela malta toda! Alguém queria tabaco e eu desenrasquei aquilo. Quando entrei no quarto de banho ouvi que eles estavam a dizer asneiredo, quase como o português!

Quando eu ia nas excursões iam muitas pessoas daqui. Eu uma vez cheguei para elas na praia, na Nazaré. Nós tiramos um feriado e andamos por lá 4 dias. A gente comprou sardinha para assar, mas eu não queria sardinha e o meu filho disse “ó mãe, se a gente comesse numa pensãozita?”. Era verão e aqueles restaurantes estavam cheios. Eu entrei, com o meu filho a chuchar no dedo e vi uma mesa. Eu entrei sentei o meu filho e eles lá me viram e pensaram que eu era alguma cigana. O empregado disse: “desculpe minha senhora, mas aqui não tem entrada.” Eu disse: “porque razão? Desejo um almoço para mim e para o meu filho.” Ele disse aqui as coisas são caras.” Respondi : Aqui é um restaurante para toda a gente entrar, portanto, o senhor não sabe se eu sou civilizada se não!” “Quero comer para mim e para o meu menino.” Depois já não me faltavam com nada. No fim ainda mandei vir a conta e ele trás a conta num pratinho. Eu paguei e ainda lhe dei 20\$00 de gorjeta. Eles ficaram a olhar para mim! U senhor que lá estava disse :”desculpe lá, de onde é que a senhora é? A senhora falou mesmo bem para ele, ahi!”

As minhas colegas estavam a rir-se à porta, mas eu cheguei para eles e para elas. Os meus filhos queriam comer, comiam. Eu aparecia em qualquer lado e desenrascava-me sempre! Não tinha vergonha e sempre disse aos meus filhos que vergonha é roubar

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- relativiza a sua condição de analfabeta, pela valorização da sua competência social para situar-se nos contextos, em que procura similaridades
- manifesta a sua consciencia da “visibilidade” da sua diferença (inconformidade social) pelo grupo social em que está incluída
- evidencia capacidades de enfrentamento de práticas de discriminação em espaços públicas em que as são mediadas pelo dinheiro
- matar a fome continua ser a justificação para o seu “arrojo” diante das convenções sociais e da rejeição que só seria eficaz se ela se sentisse envergonhada

Mas olhe, que gosto de pintar e gosto de pinturas! Um dia esse rapaz que aí está, estava-lhe a doer um dente e ele estava com a mão assim e eu pinteí,, desenhei-o As vezes penso“ se eu tivesse material eu era capaz de fazer estas coisas” Também tenho gosto na letra.

Sei amparar crianças e chamam-me.

Quando estive no Hospital a ser operada a sinusite, aprendi a fazer partos. Naquele tempo não era como agora. Havia irmãs que não eram enfermeiras e havia só uma mulher que era parteira. Ela não era diplomada porque naquele tempo não era preciso curso nenhum. Eu comecei a tirar crianças a par com ela e elas deixavam-me fazer partos. Eu via como ela fazia e fazia tal e qual; eu já tirava uma criança qualquer. Eu sei dar as voltas tal e qual como um médico, só não sei abrir a barriga, mas se a mãe estivesse a morrer também a abria! Eu aprendi como eles coziavam quando aparecia uma pessoa com um golpe grande.

No Hospital eu tanto tirava às crianças como vestia os mortos. Naquele tempo não era quarto como agora, era tudo amplo e quando era lá pela meia-noite, pelas 11 horas, lá estava aquela alma aflita para morrer. Não sei porquê, mas realmente eles só morriam de noite. As outras tinham medo dos velhotes morrerem de noite mas eu não tinha nenhum medo e foi assim que me fui habituando.

Naquela altura queriam-me pôr no Hospital, porque já nessa altura eu tirava uma criança! Havia um parente da minha mãe que era médico, que queria que eu lá ficasse, porque fazia bem os partos. Mas a vida era difícil e eu vim-me embora. Mas aprendi a ser parteira! Era só isso que eu gostava de ver e gostava de fazer. Eu aprendi no hospital.

Eu tirei crianças a outras mulheres porque elas não iam para os hospitais, pelo menos aqui no nosso canto Também tive os meus sete filhos sózinha e são todos lindos e muito perfeitos. Eu tive três meninos⁵; eu os amparei, em minha casa, da primeira à última e trabalhava sempre até à véspera quando não era até à hora! Amparei-os e continuei a trabalhar ao dia fora, fui sempre assim, mulher forte!

Eu fiz todos os partos da minha cunhada; tirei-lhe os sete filhos. Houve um que eu vi-me mal, porque o homem tinha-lhe batido muito. Assim que eu a tirei para fora baptizei-a logo com um bocadinho de água. Depois de a ter baptizado, ela ainda abriu os olhinhos e a boca e morreu. Eu disse ao padre e ele fez-lhe o funeral na mesma. Todos sabiam que o pai era muito mau, muito bêbado e não houve problemas. Havia uma mulher que chamavam-lhe a Rosária, que teve uns 4 ou 5 filhos e também fui eu que lhos tirei todos! Houve uma vez, em que eu já estava a dar ar à criança ainda ela estava na mãe. Tirei-a, mas as minhas pernas abanavam todas! Da Clarinda só não lho tirei o último, que ela teve com outro homem, de resto tirei as crianças todas. Ela naquele tempo vivia mal e estava deitada em cima de uma tábua e de um lençol. Estava eu a fazer força para tirar a criança e a tábua partiu! Cai eu, caiu ela, eu e a criança, já com o pescocinho cá fora. Aquilo tinha muita palha moída e eu já nem via a criança. Eu estava aflitinha a tirá-la mas lá puxei e tive que acudir primeiro à criança. Aquilo foi um episódio, depois de estar tudo bem ria muito, porque eu via a menina toda suja!

Tirei também os da Teresa todos, quatro ou cinco, tirei-lhe até ao último. Deste eram quase 7 horas quando vieram chamar; pois eu tirei-lhe o menino e ainda fui trabalhar para a fábrica porque naquela altura recebíamos 6 contos, um prémio dos patrões; se nunca faltássemos.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- procura situar-se no campo dos consumos culturais distintivos dos grupos dominantes

- procura ser reconhecida pelo sua perícia e confiabilidade na Comunidade

- analisa suas possibilidades de inserção em função das competências práticas que lhe foram reconhecidas

- valoriza sua capacidade de apropriação de saberes periciais

- assume a “coragem” como mais valia da sua participação na vida quotidiana de relação com a vida e com a morte

- investe o médico, seu parente, como avaliador da sua competência prática, na facilitação dos partos

- justifica o seu desepenho como parteira com o facto das mulheres do seu bairro não recorrerem ao Hospital

- o facto de ter tido os filhos sózinha é visto como prova de resistência, de quem não pode sair do ciclo da produção por causa dos partos (situação que reconhecia nas mulheres que assistiu)

- dá conta das situações de risco que teve que enfrentar

- realça o facto do padre reconhecer o baptismo de urgência

- dá conta de uma medida de controle discreto das mulheres cuja assiduidade dependia do cuidado das crianças, doentes e idosos

Fui também ali a uma outra mulher que já tinha ido duas vezes ao Hospital. Ele chegou eram 11 horas a minha casa e eu estive toda a noite ao pé dela; às 7 horas estava com a criança cá fora. Ela era branca, ele era preto e o bebé era branquinho, mas depois ficou mulato. Tirei também uma criança à falecida Cipriana.. Ela ia a correr, ali pelo pinhal adiante eu botei-lhe as mãos e alarguei-lhe a saia porque o bebé estava a ficar apertado.

Quando foi do parto da minha filha, eu fui ao hospital para ela ter o filho; eu não lhos tiro, não que eu não saiba, mas não gosto de tirar-lhas porque ela queixa-se de um lado e do outro. No Hospital não queriam tirar a criança porque ainda não estava em tempo. Elas estavam a ver a novela mas eu disse que não saía dali enquanto não a levassem para a sala de partos. Botaram-lhe a mão, para ver como ela estava e foi só eu cá chegar ao fundo e ela já tinha a menina tirada, cá fora

Um dia foram chamar-me à casa dos meus patrões, à fábrica. O patrão perguntou "Então, ela também sabe tirar? Chamou-me lá e disse "oh Silvina, você também sabe? Você é mulher para tudo, sabe tudo."... Eram perto de 11 horas e à 1 hora já lá estava a trabalhar. Ele perguntou-me "Então, você já veio?" E eu respondi "já lá deixei duas mulheres". Ele olhou assim para mim e disse "sim senhora, até admira".

Uma outra vez eu também estava na fábrica quando me foram chamar para eu ir vestir o pai da Teresa que tinha morrido. Eu também fui vestir uma outra mulher que morreu no hospital e que era dali. Já há vinte e tal anos, quando foi a morte de um cunhado meu eu e a minha mãe fomos ao hospital e no fim da autópsia lavei-o, vesti-o e botei-o para o caixão. Eu não tenho medo, tenho coragem de fazer tudo.

Eu também amparava bezerras e cordeirinhos e curo animais em casa. Eu tinha uns patos que foram mordidos e saíram-lhes as tripas. Os que arreventaram eu já não pude curar porque já não tinham salvação mas os outros, meti as tripas para dentro e dei-lhe ponto por fora; os patos ainda andam aí! Quando as galinhas partem as pernas eu componho-lhe os ossos, estico a perna, boto uma ligadura, uma canazinha, ligo e no fim de 8 a 15 dias já estão bem!

Um dia o meu filho cortou-se numa perna. Eu agarrei num carrinho de linha e dei-lhe oito pontos: era cada nó um ponto e corta-se. Eu desinfectava com álcool, com água oxigenada e folhas de eucalipto. A agulha desinfectei-a no lume e passei-a por álcool. Lavei aquilo bem limpinho e pronto. Agora rio-me com a minha filha porque ela levou 7 pontos num joelho e botou pus e eu curei o meu outro filho com pontos que eu dei e não infectou nada, nadinha! Eu sei fazer isso!

Eu tive sempre aquela influência de saber e ver tudo o que se fazia. No Hospital havia uma irmã que falava muito para mim, vinha ter comigo e contava a vida dela porque gostava muito de mim. Ela muitas vezes explicava-me as coisas e eu pedia para quando houvesse curativos para eu ir fazer mais ela. Como eu caminhava e não tinha problemas nenhuns ela dizia "Silvina, vamos fazer aqui um curativo". Eu via como elas faziam: cada golpinho era um ponto, não era como agora, com agrafos. Foi lá que eu comecei a aprender.

Eu nunca tive parteira! Eu não tenho os meus filhos em pé. Ponho um cobertor dobrado no chão, ponho-me de cócoras e ia vendo sempre como é que vinha a criança. Quando ela vinha no nascedouro, assim que lhe pusesse as mãos, ia puxando. Puxando, com jeitinho. Quando vinha para fora eu punha-lhe a mão nas costas para sair com jeitinho. Eu já tinha tudo preparado: o carrinho de linha, a tesoura e tudo! Então cortava, atava e tinha um lenço da mão dobrado em quatro partes para ligar a barriga. A cabecinha compunha-a com a mão e atava-lhe outro lenço da mão para ficar com a cabeça redonda!

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- parece ter retido ou relatado esta experiência pelo conhecimento adquirido nesta ou noutra ocasião sobre a mudança da cor da pele

- procura dar conta de que tinha noção do risco eminente do trabalho de parto

- justifica o facto da filha ter ido para o Hospital ter os bebés, pela proximidade de relação com ela, mas salvaguarda a sua perícia, nomeadamente pelo alerta que fez à parteira de serviço

- apresenta a fábrica, como cenário de atitudes de reconhecimento da sua perícia, por contraste à desqualificação que é submetida

- alarga o campo de aplicação dos saberes médicos (não tradicionais) aprendidos no hospital ao cuidado de animais, mas note-se que usa quer a água oxigenada e álcool, quanto o fogo e as folhas de eucalipto como desinfectantes

- compara a sua eficácia dosseus saberes terapêuticos (tradicionais) com a dos profissionais

- esclarece sobre a fonte destes conhecimentos, dando ênfase à sua iniciativa e atitude como aprendiz e à confiança que merece como depositária de um saber especializado, exercido no espaço institucionalizado

- dá conta de como cumpre os preceitos de cuidado no parto, que aprendeu no hospital, mas note-se o cuidado de "dar forma" a cabeça dos bebés, enquanto sinal de perícia (tradicional)

Quando eu vim para cá andava grávida de tres meses. A minha patroa não sabia que eu andava de bebé embora eu só lhe pedisse batatas com a pele". Aqui eu andava ao dia fora e ainda estive numa fábrica de telha, até ter a bebé. O meu comer era só café e cebola e eu já não podia mais! Como eu não tinha direito à caixa, quando tive bebé tive que sair.

O parto da minha filha foi o primeiro que eu fiz. Sozinha. Fui mais o meu marido ao café e estava a chover. Eu disse: "estou-me a sentir mal e vim embora. A noite vim cá fora, porque naquele tempo não tínhamos quarto de banho e quando fui para dentro tive a minha filha. O meu marido estava a dormir e não sentiu nada, só quando ouviu chorar a criança é que se levantou e veio a correr chamar a mãe que estava noutra casa. Quando ela chegou já eu tinha a criança atada, já estava atadinha. Eu já tinha tudo preparado, a criança lavada e tudo! O parto foi a luz de candeia e no fim de eu ter tudo arrumado quando olhei para a luz da candeia desmaiei. Eu comecei a sangrar e ele foi outra vez a correr a chamar a mãe mas eu disse-lhe: "não vás chamar ninguém, tira-me a travesseira, levanta-me a cama para cima e ata-me o dedo polegar com uma linha." Eu aprendi isto com a parteira no hospital. Ele assim fez e eu fiquei bem. Ao outro dia tinha que fazer o comer e já andava levantada.

Quando tive a minha segunda filha o meu marido andava no tijolo, no Vale de Mouro a trabalhar. Eu disse: "telefona à minha mãe para ela vir tomar conta da outra rapariguita que eu já tinha e a telefona à tua mãe também, porque eu vou ter criança, de hoje ou de amanhã não passa". Eu sentia dores e encontrei a cabeça da bebé. A minha sogra não estava e vem a minha cunhada. Aquilo foi também de noite e as casas já estavam todas às escuras, com a candeiazita. Ele demorou um bocadinho a falar em casa da minha sogra e quando veio eu já estava com a garota na cama deitada e preparada. Ele bota a correr para chamar a minha cunhada, e tombou a minha sogra que vinha atrás, porque era de noite! Foi, então, o segundo parto que eu fiz..

Fiz o terceiro filho que já nasceu aqui nesta casa. Ele era muito gordo porque eu tinha vindo do hospital com aquele sangue forte e com os remédios então ele era muito forte! Chegou e custava-me tanto! Eu estava sozinha, ai! Mas lá consegui, com jeitinho. A primeira coisa que eu vou ver é se é rapaz se é menina. Vi que era um rapazão. Era o primeiro menino que eu tinha. Fiquei toda contente! (riu) Agarrei, tirei o menino, preparei. Naquele tempo eram uns farrapos que a gente guardava de uns lençóis, umas combinações que antigamente havia. Eram as fraldas dele! Acabei o menino e fui-me a limpar. Houve então uma coisa que eu passei muito engraçada e que talvez alguma mãe não tivesse coragem. Eu fui ao correio buscar uma encomenda, porque era quase Natal. Mas comecei a olhar para o chão e eu cai. A senhora dos correios veio trazer-me a casa.

Chegada a este tive outro rapaz e criei-o também, mas ele morreu-me aos 10 anos. Ele nasceu no dia 25 de Abril e chovia muito! No dia seguinte dele nascer eu não tinha quem me lavasse a roupa então fui lavá-la para o meio do pinhal. Veio a minha mãe com a minha filha mais velha, passou por mim e nem me viu, nem me conheceu! Eu tinha parido há dois dias e estava a chover. Era muita chuva. Uma bezerra que ouviu-me falar e berrava, então eu peguei numa bacia e ainda fui a uma terra buscar um carroço de erva para dar de comer à bezerra.

Este meu filho adoeceu, não lhe pude dar a vida. Morreu. A morte dele foi uma surpresa para mim. Ele morreu no dia 2 de Abril, a minha filha casou-se em Agosto e de seguida nasceu outra filha. Eu tinha o resto dos meus filhos em casa, eram todos pequenos, tinham uma diferença de dois anos uns dos outros.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- a fome continua a ser uma memória consistente
- parece enunciar o parto da filha como início do percurso como parteira
- realça o conhecimento que mobilizou, referindo-o ao hospital, apesar do tipo de procedimentos
- reforça a ideia de que é resistente
- esta referencia parece remeter mais para o papel de parteira do que de parturiente
- as dificuldades parecem ser enfatizadas com a referencia ao escuro
- presume que o internamento melhorou o seu estado físico
- valoriza o facto de ser um rapaz
- omite a descrição do parto deste filho que ela vem a sugerir que era santo
- a chuva parece realçar a adversidade da situação,
- parece fazer denotar o cumprimento incondicional das suas obrigações- faz notar a simultaneidade dos factos

Quando andava para ter esta filha, eu já andava com dores desde manhã, mas aguentava bem. Dava-me uma dor e eu encostava-me à máquina. As mais velhas estavam lá comigo na fábrica e eu disse "vou-me embora ... vocês limpem o rego porque eu já não sou capaz. Quando cheguei a casa pedi à minha filha mais velha para lavar-me as costas e já não comi nada, já não ceei nada. A minha dor já era grande e depois veio mais forte.

Quando eu estava a tomar banho lá me escapava uma asneira de vez em quando, porque eu andava tão cansada, não tinha quem me ajudasse. A minha filha disse "oh mãe, olhe lá, dizem que as mulheres que quando estão a ter bebé, se morrerem, vão para o céu, mas como você já está a dizer asneiras, decerto nem vai."

Eu tive-a de noite. Tive-a sozinha. Entretanto chegou o meu marido bêbado, muito bêbado, mais uns colegas a fazer barulho e eu a ter a miúda. A minha mãe disse "eh, cale-se! mas eu disse "oh mãe, deixe estar senão ele ainda vem para aí berrar e depois ainda é pior.

Veio, então, a minha filha. Amparei - a, lavei-a, preparei-a. Quando no fim, depois, não me acabava de limpar, levantei-me, dobrei uma coberta, pus-me um pé, pus a coberta... apertei a barriga contra a parede e acabei de me limpar. Tomei banho e pus-me na cama. Depois tive esse tempo de baixa com ela.

A última nasceu em casa também. Ela mamou até aos cinco anos. Nessa altura ainda tinham crianças na maternidade em Águeda e quando lá levei a minha filha disseram: "vejam lá bem, vêm para aqui rapariguinhas novas que não têm leite, nem por um dia e esta mulher já tem esta idade .mas o leite já não deve prestar. Tiraram análise ao leite e viram que eu tinha um leite forte.

Quando eram pequeninos eles eram doentes. Eu até tive que dar uns brincos à Nossa Senhora da Saúde por causa de um deles. No tempo dos meus filhos é que veio o remédio, para as bichas; aquilo parecia óleo ou azeite. Eles não podiam comer nem dormir enquanto não fizessem as necessidades e a gente tinha que ir para os pinhais com eles. Também me lembro, antigamente, de vir uma vez um senhor a escola de Belazaima, eu estava lá e fui lá ver o que era. Eles davam umas bolinhas pretas para as bichas...Deviam ser médicos ou pessoas que andavam em experiências. Lá ensinaram-me muitos remédios, muitos chás!

A minha A tem uma cicatriz na cara, porque um dia eu estava em cima do carro de bois a fazer uma carrada de palha ... (ninguém sabia fazer mas eu sabia porque tinha sido empregada de um lavrador) ...quando a vaca fugiu e eu cai abaixo. Eu andava grávida da minha segunda filha e quando ela nasceu ainda trazia um braço pisado, negrinho. O gadanho que eu trazia a fazer a carrada espetou-se, assim, de lado, se me apanhava a barriga! Foi Deus Nosso Senhor! A minha filha veio a gatinhar para debaixo da vaca que lhe um pontapé e partiu-lhe o maxilar. Eu ouvia a minha filha a gritar e ela estava cheia de sangue. Eu pensei que a roda lhe tivesse passado por cima, mas não, porque ela tombou para trás com a pancada. Agarrei nela, e fui sempre a correr virada ao médico. Ele deu-lhe pontos por dentro e lá arranjou a menina. Eu vim cá para fora e a senhora dele trazer-me um chá. Andei lá muito tempo.

Esta filha tinha 2 anos quando eu tive o meu acidente. A minha mãe tomou conta dela até aos 9 anos mas eu fui lá buscá-la porque a minha mãe foi para Lisboa passar um mês, na casa dos meus irmãos e a menina ficou em casa de uma vizinha. Essa senhora até vivia bem, mas tinha um filho com um problema, tanto a rapariga como o rapaz eram, assim, meios atrasados. A minha mãe não sabia bem os ambientes em Lisboa e não sabia bem o que a nora ia dizer.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- dá conta das condições em que as mulheres tinham os filhos

- dá conta da não separação dos mundos dos adultos e das crianças

- indica que ainda persistia a ideia de que o parto implicava o risco de morte da mãe

- parece sugerir que o alcoolismo era uma situação habitual e problemática

- inclui na descrição do parto a referência à baixa

-omite a descrição do parto desta filha, parece valorizar mais a apreciação que os profissionais de saúde fazem da qualidade do seu leite

- dá conta do nível do agravamento das dificuldades económicas nas situações de doença

- conota esta acção de informação como actividade científica ao mesmo tempo que faz referência a aprendizagem de saberes tradicionais (chás)

- dá conta do nível de risco implicado na sua actividade, exercida num espaço que incluía as crianças pequenas

- dá conta do impacto da falta de transporte disponível numa situação de urgência

- valoriza o cuidado que a mulher do médico teve com o seu próprio estado

- sugere que trazer a filha para casa, foi um acto de protecção para riscos não previstos pela sua mãe

Não sei o que a minha mãe fez à minha filha porque eu queria levá-la à recta, mas ela, coitadinha, não tinha sido criada ali e quando eu dei-lhe um lambada e ela dizia: _ Ó minha mãe, venha-me cá buscar que esta mulher quer-me matar

A minha segunda filha também teve um acidente a vir da escola. Partiu uma perna a atravessar a estrada nacional. Ela foi sempre um bocadito assim ... e eu passei os meus martírios com ela. Eu trouxe-a aqui para casa e levava-a ao hospital a pé para tirar chapas e fazer o tratamento. Às vezes levava-a à cabeça numa canastra.

O rapaz que veio depois aos 7 meses ficou muito doente, deu-lhe um ataque, coitadinho... Ele acabou de mamar, dei-te-o e quando olhei para ele ele estava assim; naquela altura deu-lhe um coisa na cabeça, porque ele ficou com a cabeça que tem agora, a cabeça medrou com o ataque. O ataque foi na véspera de Natal e não havia carros como agora! O meu menino ... morria-me! Então, fui ter com o padre e ele foi me levar ao hospital. Um senhor a quem eu fui pedir primeiro que me levasse, foi lá logo de caminho atrás de nós. Havia aquelas senhoras que ajudavam e quando eu cheguei do Hospital havia lá muito comer, tinha bacalhau, e tudo, mas não tinha alegria porque não tinha lá o meu filho! Ele ficou no hospital. Quando o doutor disse: "olhe, você amanhã traga um cobertor e venha com outra pessoa" eu pensei logo de caminho que o meu filho estava morto. Ele era o primeiro rapaz! No dia seguinte quando cheguei lá enganei-me no quarto e comecei a gritar, mas afinal ele lá estava num quartinho de velhotes com um aquecedor. Estava muito bem tratadinho. Eu dava-lhe a mama, mas ele não engolia, porque o problema dele tinha sido da garganta para cima. Estive cinco dias com ele no hospital e vinha de noite a pé, porque não havia dinheiro para a camioneta e quanto mais tempo eu lá estivesse melhor era para mim.

Um dia voltou-lhe a dar o mesmo ataque, já ele era grandinho. O doutor disse-me que só atendia das 6 as 7 da noite e não me quis atender. Eu disse-lhe: "se o meu filho morrer até o Hospital eu venho aqui com uma forquilha e mato o senhor doutor, mas ele não me atendeu. Vim então para o meio da estrada fazer alta aos carros e como viram que estava aflitinha um senhor me levou no carro. Ele devia ser médico porque chegou ao hospital, correu tudo lá dentro. Depois levou-me ao consultório do doutor das crianças e disse: "vê lá se salvas a criança porque agora vou eu tratar do outro." Eu não sei o que se passou porque depois o outro médico disse para o meu marido: "quando cá vier a sua mulher eu quero ter uma conversa com ela." E o meu homem disse: "então, o senhor doutor deixa-me o filho a morrer nos braços?! Eu nunca lá voltei aquele médico com medo de ele me dar algum remédio, alguma injeção; nem doente eu lá ia.

Os médicos me disseram que ele nem chegava a caminhar. Mas ele melhorou e tinha muita inteligência. Ele abria o livro, via o que era e já não voltava mais a pegar no livro. Ele com 11 anos tinha o 2º ano feito. Ele aprendia muito bem. Eu fui sempre... pronto, mãe pobre, mas queria condições para os meus filhos.

O meu outro filho (4º) era muito doente e salvei-o por uma hora em Coimbra. Eu prometi levá-lo à comunhão a Fátima, ele tinha 8 anos e até aos 12 anos ia lá sempre com ele e trazia-o do alto da cruz até cá baixo à capelinha e ainda subia as escadas! No último ano ele já era um homem e eu ainda o trouxe às costas lá de cima da cruz, mas ele já vinha a arrastar no chão. Eu estava grávida de 6 meses da minha filha e já nem me podia mexer, a minha barriga já grandinha, mas eu cumpri! Um senhor até veio ter comigo dizer que Nossa Senhora não queria assim tanta penitência!

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- naturaliza e justifica pedagogicamente o castigo, quando explica a reacção ao da filha com o facto de ela não ter sido criada "ali"

- dá conta da falta de protecção das crianças contra riscos

- realça o nível de esforço físico acarretado pelas deslocações a pé com uma criança que requer tratamentos regulares

- dá conta da vulnerabilidade e do grau de incidência de problemas graves de saúde nestes grupos

- realça a precaridade dos recursos e da dependência das redes de solidariedade locais, que incluem o pároco

- dá ênfase à insegurança acarretada pela falta de informação

- valoriza o facto da criança estar a ser aquecida e bem cuidada no hospital

- expressa a tensão e a indignação vivida face a recusa de atendimento

- expressa a ideia de que alguém em melhor posição pode interferir na situação de injustiça e o medo de retaliação quando se protesta

- dá conta da desadequação da informação ou de baixas expectativas, enfrentadas pela mãe como sobrevalorização dos recursos das crianças

- parece atribuir a cura do filho ao milagre que ela tinha que cumprir a todo custo

- valorizou a intervenção externa relativamente ao seu sacrifício

Ele comungou quando estava lá o Papa. Eu estava mesmo na escada porque eu fui na véspera! Quando eu soube que ele vinha disse “vai ser uma altura boa que ele vai comungar no dia em que vai lá o Santo Padre” Neste dia foi feriado e eu tinha aquela coisa de ir mostrar aos meus filhos aquele padre, que ainda agora eles vêm na televisão.

O meu filho que morreu ficou doente mas eu nunca soube dizer bem o que era, não sei dizer a doença. O médico, não me disse nunca o que era. Eu ia lá e perguntava: “ó senhor Doutor, ele tem uma tosezita, isto passa?” Ele dizia: “passa! Isto passa.” Nunca me disse nada e só no dia em que ele morreu é que o ele entrou pela porta estava muita gente ele disse: “eu já sabia que esta criança morria.” A mim ele nunca tinha dito, mas disse ali às pessoas que já sabia que a criança que morria! Quando fui tirar sangue às análises marcaram-nas para daí a um mês. As análises naquele tempo demoravam muito tempo; a gente marcava, tirava e demorava meses a vir. Ele tirou e só depois de um mês é que fui buscá-las. Mais tarde marcou outra consulta, outras análises e essas já vieram com a coisa de ele morrer. Eu via na seringa o sangue dele, que parecia que tinha, assim, um farelozinho; umas coisinhos de açúcar, branco. O médico receitou-lhe então um xarope e 6 injecções. Ele ainda levou 3 injecções e tomou o xarope, mas o xarope não era a favor da doença dele. Eu dei-lhe a 3^a colher mas ele vomitava muito! Ele dizia: “ó mãe, eu não quero mais.” Então eu não lhe dei mais nenhuma. As Injecções ainda levou 3, ficou com uma por tomar. De Fevereiro até Abril andou doente, mas andou sempre com tratamento aqui do Dr (...). Eu ia lá sempre com ele. Ele esteve melhorzinho, foi até jogar à bola aqui mais os garotos, mas lá tinha o mal e voltou a ficar doente. Se tivesse ido mais cedo, talvez ... Se marcassem as análises mais cedo, ou que o tivessem visto no hospital, mas ...andaram assim com ele muito tempo, de Fevereiro até Abril Um dia começou então a sentir-se mal e levei-o ao hospital, mas não o quiseram lá. Disseram “Ai isso não tem nada, não tem nada. É má disposição que a criança tem.” e mandaram-no embora. O menino estava cada vez pior, cada vez pior que passado uma hora voltei lá outra vez com ele e já lá ficou. Ficou lá de noite. Às 9 horas telefonaram para um senhor que era para eu lá ir porque o menino estava mal que era para eu o trazer para casa. Eu disse ele estava vivo! “Então, não há outros médicos? Se o senhor quiser mandar para outro lado pode mandar... qual é o hospital melhor?” Se Coimbra é melhor eu quero o menino em Coimbra.

Foram levá-lo a Coimbra mas ele, coitadinho, ia a levar oxigénio. O meu filho falou sempre até morrer! Eu nesse dia fazia anos, foi no dia 2 de Abril. Estava na ambulância e ele disse: “ó mãe, olha que você hoje faz anos. Tem que estar ao pé dos meus irmãos.”. Havia a festa das Almas e naquela semana ele tinha lá andado a ver os carroséis! Quando chegou a Coimbra e levaram-no para a Universidade, mas não o quiseram porque ele não tinha idade. Não o quiseram lá e foram lá para Celas para a pediatria. Ele esteve lá, mas ficaram todos admirados como é que ele chegou lá e morreu! Eu perguntei o que é que os médicos tinham feito àquela criança, para chegar ali uma criança e morrer logo. Com 10 anos. Ele era forte. Depois queriam-no mandar para a Universidade, depois de morto. Os bombeiros da ambulância disseram: “não, se fosse ao senhor não o deixava ir. Então, não o aceitaram lá...” O meu homem com a mesma ambulância agarrou e trouxe-o para cá como se estivessemos a vir para casa com ele. Ele morreu eram 10 horas em Coimbra e ao outro dia e ao outro dia foi enterrado... às seis e meia da tarde, mas ele nunca ficou frio, nem nunca ficou teso. Ele foi para debaixo da terra molezinho. Estava tudo normal como nós

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- valoriza o cumprimento da promessa com o facto de “contactar” directamente com o Papa e dos seus filhos conhecerem directamente uma figura mediática

- dá-se conta da incongruência da atitude do médico mas não a questiona directamente

- especula sobre as causas da morte com resíduos de informação médica

- justifica as circunstâncias da morte com o tempo de demora dos serviços

- justifica-se por não ter cumprido a prescrição pela reacção aos medicamentos

- dá conta das suas (possíveis) esperanças diante das melhoras do filho

- realça o seu empenho no tratamento e socorro do filho, diante das recusas e resistências dos serviços em escutar a gravidade da situação e pedidos de socorro

- parece querer justificar o facto de não ter podido acompanhar o filho a Coimbra no dia da festa religiosa local, em que as famílias se reúnem e tem convidados em casa

- manifesta que a morte foi inesperada

- enfatiza a excepcionalidade de condições da morte do filho

Veio cá o delegado de saúde e veio cá o Doutor A e o Dr M veio, chamado duas vezes. Eles auscultavam-no, espetaram-lhe uma injeção com uma seringa, não sei lá o que vieram fazer. Levantavam-no e tiraram-no fora do caixão para ver. Quando faltava para hora para ele ir para o cemitério ele estava fora do caixão. Mas estava na mesma! Os médicos diziam que não sabiam o que haviam de fazer porque ele estava morto. Os três diziam a mesma coisa. A mim lembrava-me... "caramba, eles estão lá com os aparelhos todos e tudo e o meu filho ainda está molezinho e não arrefeceu? O Dr M estava a porta e disse "só me arranjam encenças, só me arranjam problemas. Eu já sabia que esta criança morria.". Ele já tinha passado lá em casa, mas é chamado porque era o médico da criança e tinha que vir, não é?

Lá enterrei o menino. Ah! Não o enterrei em cova pequenina, pu-lo numa cova grande; eu comprei a campa, o terreno e depois mandei botar-lhe tijolo em volta. Ele foi-se a enterrar no dia 2 de Abril e no dia 10 de Outubro o foram desenterrar, por causa de lhe fazer a campa. Foram uns rapazes pobrezitos que por aí andavam que tiraram o caixão para fora e com a picareta eles esgaçaram, abriram uma tábuia e tiraram-no para fora. Eu tive o meu filho todo o dia ao meu colo numa colcha, que eu tinha levado para por pôr por cima do caixão. Ele não tinha uma ponta de cheiro. Não cheirava nadinha, nadinha! O sapato dele até parece que estava engraxado, eram uns sapatinhos castanhos. Eu tinha comprado a roupa nova e ele a tinha toda limpinha. Nem tinha uma ferida sequer no corpo. Todo lisinho na mesma! Eu passava-lhe as mãos pela cabeça, ele tinha o cabelo curtinho e nem um cabelo saía fora!

Olhe, que o cemitério encheu cheio de gente e até o pai do Dr disse que nunca tinha visto assim uma coisa. Foram lá pessoas ver porque ele estava mole na mesma! A gente mexia-lhe as mãos e ele caía assim com as mãozinhas porque estava molezinho. Não tinha nenhum cheiro, não tinha nenhuma diferença. Nenhuma! Ele foi enterrado outra vez.. Ele não era meu, foi para lá! Agora não sei mais nada como é que ele está, não sei. Eu acho que aquilo, talvez... não sei! Seria de muito remédio que ele tomasse, da doença ou um fenómeno qualquer?

O padre que o enterrou foi o de Barrô; diz que tinha enterrado velhos, crianças pequenininhas, mas que nunca tinha enterrado um santo e que ia enterrar um!...Levaram o menino para a igreja, fizeram-lhe um funeral cantado, não foi nada como costume. Ele era um santo aquela criança. os meus filhos foram muito bons, mas aquele era demais. Às vezes o meu filho fazia qualquer coisa e ele: "não faças arrelhar a nossa mãe." Todos gostavam dele. Ele era muito bom, muito educadinho. As professoras quando ele morreu, choraram e vieram cá as três. Sei que a professora gostava muito dele, que ele obedecia a tudo. Mas para ser santo... Mais tarde é que me lembra o que ele dizia quando ainda não estava doente.

Ele dizia que morria, o meu filho. O miúdo dizia que morria. Uma vez ele disse assim: "ó mãe, para que é que eu preciso de ir para a escola! Eu não preciso da escola, eu vou morrer." Eu respondia: "não morres nada." Um dia ele ia na camioneta que vai para Barrô e disse assim: "ó mãe, há algum santo chamado Artur?" E eu disse: "não." Ele disse "Então, vou ser eu." Eu disse: "mas isso, é preciso a gente morrer para ser santo." "Mas é que eu vou morrer." O miúdo assim para mim! Já garotito! Foi fazer 10 anos debaixo da terra.

Ainda tenho ali plantas que ele trazia do jardim, lá de cima.. Eu e a minha filha temos plantas da raiz que vão dando sempre. Ele já morreu faz 20 anos e eu ainda tenho a flor dele. Foi ele quem as trouxe do jardim lá de cima do hospital. Estávamos ali até à hora da consulta e ele gostava muito da terra, como eu!

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- deixa transparecer a ideia de que o médico que o tratou estaria desconfortável com o incidente por não ter tomado bem conta do caso

- valoriza as condições materiais de que procurou investir no ritual do enterro e na perenização da memória do menino

- realça a excepcionalidade da situação, sugerindo que se trata de um caso de santidade que não pode ser reconhecida por falta de meios

- a "aura" mística de que ela reveste a situação parece disfarçada com uma hipótese de explicação mais próxima do modelo médico

- convoca a professora como testemunhas das "virtudes" excepcionais do filho

- atribui ao menino dons sobrenaturais

- a relação com o campo é evocada como afinidade com o filho

Ele morreu e tive a outra filha que ainda hoje ela tem um dedo mais mal arranjado do que os outros porque quando era pequenina esmurrou o dedozito; ela deve ter chorado muito neste dia porque meteu a cabeça do dedo no buraco de uma caixa grande que eu mandei fazer para ela lá estar para eu ir trabalhar ao fim de três meses de a ter. Ela lá ficava sozinha de manhã à noite. Eu vinha dar-lhe mama e deitava-a lá dentro do caixote. Era só aquele bocadinho, ela nem enchia bem a barriga! Era só meia hora que nós tínhamos. Quando os meus filhos vinham da escola tiravam-na e levavam-na à fábrica para mamar. Voltavam-na a trazer e a pôr dentro da caixa. Ao meio-dia dava-lhe um banho porque ela estava toda suja. Como ela nasceu em Março, passou frio coitadinha; ela só estava bem ao lume! O caixote era alto para ela nunca sair e era pesado por baixo para não se virar. Eu deixava-a à bordinha do lume. Eu ao meio dia tinha de lhe dar banho porque ela estava toda sujinha e às vezes mal comia e ia-me embora outra vez, para a fábrica porque não tinha tempo. Ela ficava a chorar, mas eu só vinha depois das 8 horas ou 9 horas da noite. Eu ficava tão triste porque ela ficava a chorar. Ela teve muito sacrifício.

A menina mais nova tinha mais doença e ia para o hospital. Um dia levava-a para o hospital e estava lá oito dias e depois vinha para casa, porque ela tinha qualquer problema. Ela começou a ter o período com um anito, um ano e meio e eles queriam-na operar em Coimbra. Ela já tinha tomado banho e tudo para ficar lá mas disse: "olhe, eu primeiro tenho que falar com o meu marido para ver se ele dá ordem ou não para ela ficar". A minha mãe disse: "olha lá, haverá outro médico?" Então vim de lá num carro de praça e fui para outro Doutor, que mandou vir umas injeções e aquilo passou. Um dia eu andava na fábrica e foi lá a minha filha ter com ela e já estava outra vez a correr. Fui outra vez ao Doutor; levaram-me lá de motorizada e ele mandou-me levantar as injeções e no fim de passar aquilo eu que voltasse a dar. Até hoje, ela nunca mais teve mais nada. Andei com ela no hospital dos dois anos até aos cinco anos para tirar a bronquite. Ela via-se aflitinha e eu tinha que andar com ela a dar-lhe ar. Quando disseram que aquilo tinha que ser tratado até aos 7 anos, eu fiz de tudo. Fui ali a uma mulher e dei-lhe um chá. O médico mandou-a ir para a praia e eu levava-a para a praia.

Quando ela era pequenina só queria ir com a minha filha mais velha! Eu dava 2 contos de réis, porque não queria ficar de mal com os filhos, porque ela também não vivia bem. Eu levava-a de manhã a casa dela e ao meio-dia ia buscá-la porque ela morava ali perto de mim.

Eu criei-os todos. Criei os meus filhos desde pequeninos, porque não havia creche. Eu andava com eles ao pé de mim, pelo menos até ao 4º filho, depois eu já estava na fábrica e uns irmãos criavam os outros. Umhas vezes levava-os comigo, outras vezes fechava-os. Eu deixava-lhes o comer ou ao meio dia, levava-lhes o comer e dava-lho. Ao mais pequenino eu dava-lhe banho, lavava-o; botava-lhe o pó e ia-me embora. Eles mamavam e eu deixava-os em casa; eu os ouvia chorar e os meus patrões diziam "ah, vai lá!", mas a gente está sempre com aquela coisa dos patrões olharem e estarem com aquela tristeza.

Eu criei assim os filhos! Eu podia não comer, mas dava-lhes o comerzinho. O melhor prato era para os meus filhos e para o meu marido. Se eu comesse comia, se não comesse agarrava numa cebola e num bocado de pão e comia-o e lá passava uma refeição.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- no relato deste incidente procura dar conta do esforço que era necessário para atender as crianças pequenas na condição de trabalhadora fabril

- dá conta de que tinha consciência das necessidades de cuidados específicos das crianças (higiene, calor, alimento, protecção contra perigos ...)

- realça a adversidade enfrentada pelas crianças que ficavam sozinhas e do efeito sobre a disposição das mães no trabalho

- dá conta dos problemas de saúde da filha e do seu empenho em tomar a melhor decisão para ela

- refere que procurou alternativas perante a solução da cirurgia

- alega estrategicamente a autoridade do pai para adiar a decisão da cirurgia

- a dependência de meios de transporte surge como parte do problema a resolver em caso de doença

- parece fazer equivaler, no caso da bronquite, os cuidados médicos hospitalares e o tratamento aconselhado pela mulher

- esclarece que pagava a filha pelo cuidado da irmã para não prejudicá-la, perante os irmãos

- dá conta da situação de cuidado de crianças por crianças como solução de atendimento na falta de apoios sociais

- posiciona-se do ponto de vista do sentimento (prejuízo) dos patrões

- ressalva o seu zelo como mãe que não comia para dar aos filhos (e ao marido!)

Eu eduquei-os. Os meus filhos cresceram ali na escola: Os meus filhos todos passaram pela escola e pelo trabalho. Eles tiveram uma educação boa. A gente conversava. Estudos a gente não lhe podia dar nenhuns, porque não se podia, mas queríamos, ao menos que apanhassem a 4^a classe nessa altura. Naquele tempo fazia-se a 4^a classe e iam para a fábrica trabalhar e só estudavam mesmo as pessoas que tinham muito. Primeiro não havia nem o 2^o ano, o 5^o, ou 6^o ano, mas aqui não se fazia o 2^o, só talvez alguns ricos

Eu queria que os meus filhos soubessem, que aprendessem a ler e levei-os para a escola, coitadinhos. A escola faz muita falta porque eu noto que uma pessoa não sabendo ler é triste. Mandeí tudo, meti-os lá todos e todos fizeram a 4^a classe. Só um é que fez o 2^o ano! Agora vêm ajudas, mas naquele tempo não havia nada. Eu tinha quatro filhos na escola e era sozinha a ganhar para eles. Eu não tinha dinheiro para livros, não tinha dinheiro para nada..O meu homem nunca comprou uns sapatos, um livro, um caderno, nunca lhes comprou nada! Eu é que tinha ganhar dinheiro para os trazer na escola, para comprar a roupita e os livritos. Fui eu a educá-los sozinha, a comprar sempre. Eu lá arranjava roupita melhor para eles não andarem a parecer mal. Eles só tinham aquela roupinha melhor, mais um par de roupa para levar ao médico e as roupas mais sujas e mais velhas eram para andar por aí. Cheguei a ter alturas em que eles chegavam da escola, tiravam a roupa para eu lavar e toca a enxugá-la ao lume, para no outro dia levarem-na vestida. Agora dão muita roupa, mas naquele tempo não davam nada, mas havia uma mulher que vinha ali da Malaposta que vendia roupa usada à feira, e eu comprava daquela mais barata. Eram 6 crianças. Era difícil. Era uma responsabilidade grande.

Um dia, para a minha mãe, convidou-nos para ir a festa do Espírito Santo à minha terra. Eu queria que eles levassem uma roupita melhor. Vendi os meus arcos, os meus brincos de ouro, para comprar um vestidos para as miúdas. Eu comprei o pano e fiz em casa. Sabia fazer e fiz à mão e assim já foram todos preparadinhos, todos jeitosos. Fiz uma camisa para os garotos e fiz as coisas à mão.

Eu andava a trabalhar e eles iam ter comigo e vinham para casa brincar. Eles se ajudavam nos trabalhos de casa. Eu só dizia. "Trabalho da escola, vocês já fizeram? Os que não fizeram vão fazer." Eles nunca bulharam, nunca se bateram...

Havia uma professora que ensinou quase todos os meus filhos. Eles aprendiam bem e elas gostavam deles. Eles nunca fizeram barulho ou tiveram problemas com a professora. Eu nunca discuti com uma professora. Quando me chamavam lá eu dizia: "se eles precisarem a senhora dê-lhe! Dê-lhe educação, durante o tempo que eles estão aqui. No que se passa em minha casa eu dou-lhe, aqui é preciso dar-lha! Eu sabia que lá tinham que lhe dar a educação. E assim eles nunca foram vagabundos

Quando o meu filho morreu andava na quarta classe e um dia veio cá a senhora que tomava conta deles e disse que ele não ia à escola já há uns dias. Eu mandava-lhe um pãozito e ele o comia e não ia à escola. A Professora era correcta mas batia mesmo muito e acho que houve qualquer coisa que meteu medo ao miúdo porque ele escondia-se no pinhal, comia e vinha ao meio-dia. Quando me avisaram fui atrás dele, ao longe e quando ele sentou-se bati-lhe com o vergasta Fiquei tão arrependida! Nesta altura eu disse "Então a professora anda a fazer queixa que tu não vais passar a 4^a classe?" Ele respondeu: "Para o que eu quero já sei ler. Eu vou morrer." Isto foi em Janeiro, só em Fevereiro é que ele começou a ficar doente e eu comecei a ir com ele para o hospital. Aquilo era coisa que ele já adivinhava.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- manifesta conhecimento do alargamento da escolaridade obrigatória
- justifica o não cumprimento deste preceito por dificuldades económicas, que afectava outras esferas da vida familiar

- associa a ida para a escola à necessidade de aquisição e conservação diária, do calçado e vestuário, segundo mínimos estabelecidos na escola

- dá conta de venda de bens e a mobilização de conhecimentos para apresentar as crianças e corresponder ao padrão requerido socialmente para a participação na festa religiosa

- justifica o bom relacionamento com as professoras com o facto de autorizar o castigo dos filhos
- vê o castigo como prática educativa legítima e preventiva do desvio

- com este incidente parece querer dar conta do grau de investimento que fazia na escolaridade dos filhos e da sua cooperação com as professoras na "educação" dos filhos

- sugere que o menino tinha premonições

Todos os meus filhos gostavam da escola, mas eles foram diferentes.

A minha filha mais velha andou lá em cima na escola, depois veio para Aguada e foi para a escola de Sangalhos, quando esteve lá a cuidar de uma menina. A outra foi fazer a 4^a classe a Lisboa porque o meu irmão não tinha filhos e queria que ela herdasse os bens. Ele levou-a para lá com 10 anos mas depois não quis lá estar. Aos 14 veio para o casamento da irmã e não quis voltar mais e eu também não podia obrigar. Chegou-se aos 14 anos e ela tinha a a 4^a classe porque tinha entrado com 8 anos já feitos, então foi para a fábrica onde eu estava. Eles andaram lá todas menos os rapazes... Ela ficou de bebé com 15 anos e casou aos 16.

O meu primeiro rapaz só fez a quarta classe porque ele era muito doente e não ia à escola. Ele não chegou a andar no Ciclo porque já tinha 14 anos e começou a trabalhar como servente nas obras. Depois, se meteu numa fábrica a ganhar 5 contos. O outro gostava de tudo, só não pode estudar mais porque eu não tinha como e o meu marido não ajudava. Ele tinha tal memória, que nunca via os livros, ou só olhava uma vez e pronto! Ele tinha muita inteligência. Era muito inteligente. Ele com 11 anos já tinha o 2^o feito e com 12 anos estava na fábrica a trabalhar a ganhar 6 contos de réis por mês. Antes não havia onde tirassem o ciclo, só depois é que abriram em Oliveira do Bairro e mais tarde aqui em Aguada de Cima. Ele já lá estava inscrito, mas arranjaram para ele vir para ali para ao pé da igreja, na escola.

As mais novas, uma andou também no Ciclo mas não tirou o 2^o ano. Ela Chumbou e não quis fazer mais; foi trabalhar com 13 anos ou 12 anos, para a fábrica fazer paletes para ao pé de mim. A vida era difícil como digo... Foi para lá e lá ficou empregada até se casar, com 17 anos. A outra estudou até fazer a 4^a classe e depois não quis voltar mais para a escola. Disseram que no Ciclo uns rapazes tinham levado umas garotas para um pinhal, as prenderam lá e lhes fizeram mal; meteu-se-lhe aquilo na cabeça e não foi. Disse que não ia, não ia e eu também não a obriguei.

Ela saiu da escola com 11 anos e aprendia bem. Ela ficou em casa ao pé de mim, não ia trabalhar, só depois é que foi para o café por lhe pedirem para ela lá ir fazer lá umas horitas. Depois começou a trabalhar no restaurante e agora anda no ciclo a tirar o 6^o ano à noite. Trabalha de dia e anda de noite. Ela dizia um dia eu vou tirá-lo nem que haja em Águeda.”; eu dizia “Olha, eu não te obrigo a ir, mas era uma coisa boa”. J a minha neta que aí está, no outro dia já veio cá mais uma senhora para a ela ir fazer umas horas. Mas também se não fosse assim, ela não ia agora meter 30 contitos no banco, assim faz umas horinhas e estuda de noite. Se ela estudasse de dia não podia andar, mas ela fez agora a 3^a e a 4^a e vai para a 5^a e a 6^a, já está matriculada. Eles não gostam tanto como eu. Talvez saíssem mais ao pai que fez a 3^a classe já em grande!

Agora é uma desgraça nas escolas; são só crianças com droga. É com esses menores, agora é pior, há crianças roubam isto e aquilo. Eu acho que isto é por causa do desenvolvimento, a pessoa faz mais mal; ainda agora assaltaram a atriz e roubaram-lhe o carro. Eu via-a falar na televisão

Eu criei-os pobre, mas eduquei-os bem. Nós levávamos uma vida assim. Eles comiam em casa, estudavam e eu levava-os a passear. Ia para todo o lado com eles. Eles gostavam de ir aos bailes e como os irmãos eram quase do mesmo tamanho, brincavam e juntavam-se com outros colegas, mas nunca fizeram barulho, nem nunca se meteram em nada! Nunca houve problemas com eles.

Indícios da construção de sentido existencial e social

- a referencia à vida escolar das duas filhas mais velhas mistura-se com informações sobre mudanças de casa e a sua ocupação entre adultos

- o casamento é apresentado como fim de um tempo iniciado entre 12 e 14 anos, com a entrada no mundo da produção, e que num dos casos se consuma na festa do casamento e noutro com a maternidade

- refere a escola como passagem e como preceito social que não foi cumprido devido à doença que não impediu o ingresso precoce no mundo do trabalho

- dá conta de que a ida para a escola da localidade não foi uma opção mas uma contingência criada pela falta de transportes para o Ciclo

- associa o abandono escolar da primeira às dificuldades da vida e a da segunda ao medo de abuso e de violência imaginada no espaço escolar

- a educação recorrente é encarada como solução vantajosa para as meninas que se empregam antes de completar a escolaridade obrigatória

- o recurso ao ensino noturno é naturalizado como preferência herdada do pai, que estudou a noite

- a escola é vista como espaço de crescimento dos filhos, mas também como lugar de risco de toxicod dependência e de insegurança de bens materiais, noticiado pela TV

- a família é investida como a unidade de integração social (protecção) no espaço exterior

Eles nunca se interessaram de juntar-se como os sucateiros; eles são da idade dos meus filhos, só que eu não os deixava anda mas eles também não puxavam! Eu comecei a criá-los naquela inimizade e eles não se juntavam com esses marginais que andavam como andam por aí. Esta criançada não quer trabalho. Não querem trabalhar. Antigamente trabalhava-se muito, agora não. O que se sabe é que são drogas aqui, drogas ali gente vê essas coisas e cada vez é pior. Há uns anos atrás, há 30 anos atrás, não se falava em drogas, não se falava dessa doença, da SIDA, Talvez existisse a SIDA e morrer-se sem se saber, mas na droga não se falava. Deus nos livre desse mal.

Os meus filhos quando queriam alguma coisa vinham ter comigo, não havia segredo. Cada um lá comprou uma bicicleta, uma motorizada, depois compraram o carro. Eles depois compraram uma televisão e compraram um vídeo. Eles iam buscar filmes e eu acompanhava-os ali ao pé deles a explicar a uns e a outros. Naquele tempo víamos muitos filmes de Moisés, vimos a Bíblia sagrada na televisão. Eles iam buscar porque sabiam que eu gostava daquilo e eles também. A gente estava ali, se preciso for, uma noite inteira: eu a explicar e eles a explicar a mim.

Lá onde estão agora os meus filhos não devem ler, porque vão às 5 horas da manhã para o trabalho que é longe. Lá não devem ler, só se forem cartas que escrevam uns para os outros, mas eles telefonam, quer dizer, comunicam assim uns com os outros. Eles não se desprezam uns aos outros porque este ou aquele é mais pobre. Os meus filhos nunca andaram a discutir uns com os outros, sempre se deram bem e lá fazem os convívios deles e passeiam ao Domingo. Eles respeitam os irmãos e sempre foram respeitados. Não vejo crianças ou pessoas aí tal e qual como foram os meus filhos

As minhas filhas uma deu-se bem a outra como ele era de muito vinho batia-lhe muito e ela foi embora daqui, já viu o que era uma pessoa sempre ali a apanhar? Um ano e assim ainda vá, agora um ano, dois, três, uma vida? Ela ainda esteve aí um ano sem ir para lado nenhum, mas depois foi para Espanha, levou a pequenina com ela e deixou-me os outros. Depois acho que esteve lá dois, três meses, veio e foi para o Luxemburgo, então deixou-me os filhos todos, eram todos pequenininhos. Eu tinha que pagar a uma ama para ter a mais nova e pagava-lhe 7 contos por mês, ainda lhe dava para lá farinhas e leite e tudo para a ter lá. Os outros netos já eram grandinhos. Já andavam dois na escola. Quem sofreu? Foram os meus netos, não foi a mãe, que se foi embora.. Foram eles que sofreram. Eu dei apoio ao homem dela, ao pai das crianças porque era um pobre diabo.

Os meus filhos sempre que vão ao café toda a gente gosta deles. Há gente aí de que se fala sempre fulano foi para tal parte, fulano drogou-se, fulano bateu, deles não! Os rapazes casaram com duas irmãs, filhas de uma grande lavradora. Eles como estiveram muito tempo na França, têm um prédio muito bom na Catraia. Eles vieram ao café saber como era a família deles e toda a gente deu informações boas, disseram que os filhos não tinham culpa do pai muitas vezes não trabalhar. Disseram que eles eram boas pessoas e que o pai não roubava; que era gente humilde, pobre, mas boas pessoas. Eles namoraram-se e a riqueza não conta, o que conta é a lealdade e sermos uns para os outros. Porque os ricos casam-se e destroem tudo e ficam os pais pobres.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- explicita a fronteira que os separa das outras crianças e jovens da comunidade

- associa a droga ao ócio

- assume o acompanhamento das necessidades (financeiras) dos filhos como prevenção da delinquência

- a ajuda financeira parece orientada para a compra de meios de acesso ao exterior

- o acompanhamento dos filhos nos tempos de lazer é também visto como tempo de aprendizagem

- associa boa educação a comunicação-domesticidade;

- usa o vídeo como suporte para transmitir conhecimento do texto Bíblico, aos filhos

- a escrita é reconhecida estritamente como meio de comunicação intrafamiliar, no contexto de emigração

- parece naturalizar a violência causada pelo alcoolismo desde que esta "não seja para toda a vida"

- dá conta de como reassumiu a responsabilidade de cuidado de crianças pequenas com a fuga da filha

- a droga, os conflitos e o tabaco parecem ser reconhecidos como "os problemas" de que os seus filhos forma protegidos e conseguiram escapar

- desvaloriza os benefícios materiais do casamento, para valorizar os laços de interdependência familiar que supõe existentes entre os desfavorecidos e ausentes nas classes favorecidas

Quando o meu filho que era mais doente chegou aos 14 anos meteram-na nas máquinas e ele apanhou logo a caixa. Quando se casou já estava a ganhar 60 contos.

A minha (4^a) filha conheceu o primeiro marido aos 11 anos e quando ela chegou aos 17 anos ele veio ter com ela, casou pela igreja e levou-a.. Ela foi para França com o marido mas o deixou lá ficar. Ele trabalhava nas obras e ela nunca chegou a trabalhar lá. Eles separaram-se e ela está com outro companheiro, que conheceu no Luxemburgo quando foi visitar a irmã e lá esteve a trabalhar.

O rapaz que agora fala que vai casar com a minha mais nova gostava dela e sofreu porque a conhecia de pequenita e para o consolar a mais nova dizia-lhe - "não te atrapalhes, se ela não casar contigo eu caso contigo. Eu gosto de ti." Eu ouvi isto, tinha ela seis anos! Agora eles estão a namorar. Estão comprometidos à espera que ela tenha idade para se casar. Ele tem mais 14 anos do que ela, mas ela gosta dele de garotita, com 6 anos.

Ele é da Régua e tinha 8 anos quando a mãe dele morreu. Ele veio para baixo com 20 anos e está em minha casa há 8 anos. Ele primeiro dormia ali no sótão da casa da minha filha que está na Suíça, mas depois arranjou aqui um quarto e o tem mobilado, por conta dele. Ele não fuma, não joga, não se droga, não é bêbado. A gente vê que é de boas famílias; não tem mãe, mas é de uma família boa e séria e tem o bocado dele, lá em cima. Ele tem uma camioneta e às vezes leva o meu marido para a sucata. Agora anda todo contente porque já tem dinheiro junto com a minha filha e vão se casar. Todos os meus filhos foram assim, começaram cedo. Às vezes a gente até se ria.

Quando o meu homem casou ele não trabalhava e estava mais por casa, só mais tarde é que ele foi para a fábrica e começou a ter mais amigos. Depois de eu ter o acidente ele ficou a trabalhar na Cerâmica, por meio ano e aí ainda apanhou algum abono, que eu tive que passar para o meu nome quando ele deixou de trabalhar; eles as vezes ia outras vezes não ia à fábrica e saiu de lá. Veio para outra Cerâmica e então é que lá andou um ano; depois saiu e começou a andar na sucata mais aqueles, ali do fundo, que são drogados. Ele não ganhava quase nada, o outro é que ganhava tudo; o meu marido só andava a ajudar e recebia o que ele lhe queria dar.

Em 1973 ele foi para a Suíça, quando nasceu o primeiro rapaz. Ele inscreveu-se nas emigrações e apareceu uma "contrata" para ele ir. Aquilo era numas montanhas e ele veio embora de caminho porque era preciso trabalhar com as vacas, com canos e nas ervas. Ele não gostava muito de campo e veio embora depois de 8 dias ou 15 dias de lá estar. Ele foi para a Espanha, mas estava lá cinco ou seis dias, um mês ou dois e vinha-se embora. Eu dava-lhe dinheiro para ele ir mas quando acabava o dinheiro ele voltava. Ele também foi para a França e para a Suíça, mas nunca ficou a trabalhar. O contrato era para ir para o campo, e quando ele chegava lá tinha que trabalhar e vinha-se embora.

Comprei-lhe então uma motorizada e um atrelado para ele ir vender sardinha. Dei-lhe o dinheiro para o negócio mas ele acabou por empenhar a motorizada. Eu fui desempenhá-la por 9 contos, mas ele voltou a empenhá-la e eu voltei a desempenhar por 13 contos, até que ele empenhou-a outra vez e eu já não fui buscá-la mais. Ainda comprei-lhe outra motorizada, mas ele até o atrelado vendeu. O rapaz que aqui está começou a dedicar-se mais ao meu marido, como sócio na sucata. O rapaz tinha a camioneta e o meu homem era bom para o negócio da sucata.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- a aquisição de direitos sociais surge como patamar para uma vida bem encaminhada desde cedo

- refere a autoconsciência das filhas à escolha dos parceiros e ao casamento

- situa a escolha de "marido" pela filha aos 11 anos;

- situa a escolha da filha mais nova aos 6 anos

- desvaloriza a diferença de idades e enfatiza os antecedentes emocionais e de integração do rapaz no espaço familiar

- avalia como condições favoráveis ao casamento da filha, a ausência de vícios (tabaco, jogo, álcool) e a origem e posse de alguns bens familiares .

- refere a trajetória de inserção do marido pela sua inadaptação a contextos de trabalho no campo e na indústria

- dá visibilidade ao facto de ter "apanhado" algum abono

- manifesta animosidade com os vizinhos que os exploram (Os drogados)

- dá conta do seu próprio empenho em enquadrá-lo no mundo da produção, através da actividade informal de comércio, menos constrangida por horários, regras etc

Agora tem muitos conhecimentos porque anda na sucata e fez grandes amigos. Ele vive com aqueles patrões de fábrica, que são senhores superiores muito maiores do que ele a fazer negócio. Ele também joga nuns torneios do jogo da malha que fazem em Boialvo e não o batem assim à primeira, não! Ele tem muita taça, muita medalha dos anos todos; são medalhas de bronze. A taça de cada ano é uma malha e ele tem tudo marcado ali na sala. Eu até queria arranjar a minha sala, para ele lá as ter, mas não tem dado. Como não dá de uma maneira arranja-se de outra porque a gente tem que se desenrascar sempre, a vida tem que ser assim!

Quando ele era criança a mãe do meu marido trazia-o a ele e as irmãs a pedir porque a vida também era ruim para eles. Ainda me lembra de vir para cá e um irmão mais pequenino do meu marido ir pedir aos restaurantes. Ele andava só com uma camisita vestida e o meu homem também. Ele era pequenito, tinha 8 anos quando a cerâmica abriu e então ele veio para aqui trabalhar. Ele andava a acartar tijolo à cabeça e era o único que dava dinheiro lá para a casa dos pais. Ele ainda cá trabalhou 5 ou 6 anos. Ele ainda era solteiro, quando fez a 3^a classe de noite porque em pequeno teve que sair da escola. Depois foi para o Alentejo com o pai dele ganhar. Eles iam para as vinhas; cavar vinho, deitar o sulfato e ceifar arroz e trigo. Iam para lá com os pais e andaram lá uma data de anos. Ele de pequenito fez a comunhão, mas acho que foi no hospital que ele a fez. Ele esteve lá, quando tinha 10 anos por causa de uma perna que ficou mais curta que a outra. Ele esteve um ano com um peso na perna a puxá-la, mas ainda manca. Ele foi para a tropa, mas como tinha aquela perna deficiente só lá esteve 3 meses e veio-se embora. Naquela altura iam para Angola. Quando casamos tinha ele 22 anos e eu 20.

Para os meus filhos ele foi bom pai. Ele nunca esteve ao pé de mim e eu estava sempre sozinha,, mas ele gostava das crianças, pegava nelas ao colo e dava-lhes carinho. Na minha casa não havia porrada nos meus filhos! Nunca lhes bateu. A minha filha mais nova já vai fazer 15 anos e ele nunca lhe bateu, nunca lhe tocou. Quando a minha neta cá estava levava-a para a praia mais ele e quando ela foi para a Suíça ele chorava com pena dela.

Ele não é como aqueles que a gente vê a dar pontapés, a puxar as orelhas, como o meu genro fazia aqui aos meus netos, que lhes batia com rachas na cabeça. O meu homem não batia nos meus filhos e dizia: "vocês para um lado qualquer, vocês vejam lá se portam como gente". Ele dizia para eles não se meterem em problemas. Os filhos também o obedeceram sempre. Não era preciso bater, era preciso respeito e bastava só dizer e eles compreendiam. Ele gostava dos filhos e dos netos.

Ele é boa pessoa; se ele tiver um bocado de pão, ele divide. Se tiver uma maçã, ele divide pelos filhos e pela minha mãe. Ele vai ali às ameixas, apanha e "tome lá.. Se vier um pobre a minha casa que o meu homem veja, ele dá-lhe de comer e beber. Qualquer pessoa que venha a minha casa visitar-me, ele recebe-a tal e qual como eu. É um coração muito bom! Se ele tiver comer e entrar uma pessoa ele divide com a pessoa. Não é daquelas pessoas que não dá. Não, ele dá! É liberal e nessas coisas ele é como eu. Ele também gosta dos animais como eu! Tenho aí tudo cheio de animais e ele gosta deles; faz carinho aos cães e tudo. Ele não se dá ao trabalho das terras e assim, mas gosta de ver.

Quando eu estava no hospital ele lá ia todos os dias ver-me. Havia visita à tarde e de manhã e ele ia lá todos os dias mais os meus filhos. Quando eu ia para umas excursões ele não ia porque gosta mais da bola, mas nunca dizia: "não vás." Se alguma vez ia, ele fazia sociedade com os amigos.

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- valoriza a proximidade social do marido com patrões das fábricas, fora do estatuto de subordinado, como operário
- investe a experiência de participantes em jogos tradicionais na comunidade, como fonte de poder simbólico a que gostaria de poder dar mais visibilidade no interior da família

- parece quere justificar ou compreender a inadaptação profissional do marido pelos seus antecedentes de precaridade e mendicidade

- associa o abandono escolar com o trabalho infantil, como esforço e como contributo regular para a família (desde os 8 anos)

- valoriza o internamento, como tempo em que ele fez a primeira comunhão

- a deficiência física é referida como factor que o livrou da guerra na Africa

- relativiza a sua solidão com o facto de reconhecer nele um pai que atende necessidades afectivas dos filhos e netos

- valoriza a sua capacidade de educar sem violência

- assume a generosidade para além da esfera familiar é uma afinidade que os liga

- realça que o gosto pelos animais é outra afinidade

- valoriza a atenção dispensada quando esteve internada e o facto de ele ter levado os filhos a vê-la

- valoriza a liberdade de que parece beneficiar para sair do meio e a atitude de quem gosta mais do futebol mas que se enquadra nas situações sociais

Estou casada todos estes anos. Já é meia vida e nós dávamo-nos bem. Ele era calmo. Durante uns 15 ou 20 anos a gente mal levantava a voz, não havia uma palavra mais alta que outra! A gente não se tratava mal, nadinha. Vivíamos em casa à renda, mas éramos felizes. Os problemas era eu que resolvia, ele não! Eu vinha de trabalho e lá arranjava a vender sardinha, a vender tremoços, quando tinha filhos pequeninos e lá ganhava 7\$00 ou 5\$00 a mais. Eu trabalhava e trazia para casa. Eu não tinha ajuda nenhuma, a ajuda era toda das minhas mãos e dos meus braços e de dois em dois anos eu tinha mais um filho.

Ele joga com os amigos e bebe a pinguita, quando junta-se com eles, mas é boa pessoa e todos gostam dele; mesmo lá fora, respeitam-no. Quando ele está com a pinga senta-se ali no lugar da minha mãe e diz "vou para a cama." Eu ali fico a ver um bocado de televisão e não há problema. Só num dia é que houve porque nós falamos à mesa enquanto comemos e ele não gostava. As vezes ele vem com uns canecos e a gente chateia-se um bocado, mas a vida continua sempre na mesma. Eu já estou casada há 39 anos.

Eu trabalhava, trabalhava mas acho que a mulher não deve ser escrava como antigamente.!? Antes havia a lei que a mulher era escrava do próprio marido e ainda continua a ser porque o marido vem, come e deita-se e a mulher tem que estar sempre naquele trabalho! Já viu a gente chegar e o marido pisar-nos toda hoje e amanhã também. Imagine eu a levar porrada há 39 anos! Se a gente merecer ainda vá, porque às vezes há mulheres e homens que merecem. Agora, trabalhar como a gente trabalha, tanto, tanto... Eu trabalhei tanto para criar os meus filhos para depois levar porrada assim tantos anos?! Não. A mulher luta mais do que o homem! Mas já não tem que estar a levar porrada hoje e assim. Não!

A mulher é como o homem, foi gerada das mesmas coisas e não é para estar a sofrer, nem o homem. Há homens ruins e mulheres também. Às vezes uma mulher estraga um lar mas um homem também. Não podemos dizer que é tudo para eles e nada para ela. Há de tudo. Eles agora também dizem à gente "Alto, não é assim! Se a casa é tua também é nossa!

Naquele tempo não havia separações. Aguentavam-se um ao outro. Uma vez era porrada, outras vezes fome, outras vezes... mas nunca se ouviu falar de uma separação. Eu acho justo que se o casamento não deu, para que é que se andam a zangar? Vai cada um para seu lado. Se tiverem que governar a vida...

Mas eu, por mim, não queria mais homem nenhum se deixasse o meu. Chegava bem! Deixou-se aquele porque não deu, também não vai dar com outro. Eles são todos muito bons no princípio, mas depois... E depois os filhos também não devem gostar disso. O outro podia dizer que gostava de mim, mas os meus filhos não eram dele. Amanhã ou além havia uma repreensão para aquela criança e sabia-se lá se ele lhes dava um açoite? Eu sou muito apegada aos meus filhos e se eles lhe batia e se dizia "eles não são meus filhos". Isso não! Não queria mais nenhum homem pelos meus filhos e pelos meus netos. Eu tenho visto tantas separações e depois aquelas crianças vêm a sofrer. Os únicos que vêm a sofrer são as crianças! Eu já tive a imagem na minha casa. Quem sofreu? Foram os meus netos. Eles é que sofreram com essa separação. É preciso guardar respeito aos filhos e aos netos.

Havia um cunhado meu, que acabaram por matar a tiro; ele dava tanta porrada na minha cunhada que até a trazia pelo chão. O meu homem ia lá e uma vez deu-lhe duas lambadas porque achava que não era assim que se fazia a uma mulher. O meu homem não gosta de barulhos, nem de escravidão. Não!

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- põe em evidência o ideal de família cristã (silêncio e simplicidade) mas sem omitir o facto de que o conflito era evitado porque ela resolvia os problemas de subsistência, enquanto ia tendo os filhos

- dá conta de que o hábito de bebida e do jogo poderia ser uma fonte de conflito se ela não o aceitasse e se ele se mantivesse na sala

- dá ideia de que houve algum incidente crítico, devido à desobediência do preceito de não se falar a mesa, estabelecido pelo marido

- parece querer relativizar a violência de possíveis incidentes intrafamiliares, evocando a duração do casamento

-desagrava a violência quando esta não é regular mas admite a vitimização e a culpa tanto dos homens e das mulheres

- manifesta indignação contra a combinação de maus tratos com exploração (escravatura)

- o exemplo que dá de mudança e diminuição da desigualdade refere-se aos homens que passam a reivindicar direitos no interior do espaço doméstico

- afirma aceitar a separação, mas propõe que as crianças ficam em risco quando há ligações posteriores

- problematiza igualmente o exercício de autoridade fora da paternidade quanto a desresponsabilização pelas crianças

- qualifica a intervenção do marido no incidente de violência familiar, como expressão de cavalheirismo e intolerância a escravidão

Mas eu fui sempre sozinha. Eu tinha que

manter os meus 4 filhos e o meu marido, fiz a casa, comprei o terreno e fui sempre a chefe de casa porque ele metia-se a jogar a lerpa, perdia e ficava sem nada. Do dinheiro que eu recebi do seguro e que sobrou do terreno, ele levou-o, meteu-se a jogar e nem um avental comprei, não tive nem mais um tostão. Ele nunca deu um tostão para eu fazer a casa.

Eu gastava na loja e ele lá ia pagar ao fim-de-semana; um dia mandei a minha filha buscar uma broa e não mandaram porque eu devia um conto de reis. Pensei "ai, meu Deus!, como é que eu hei - de ganhar para os meus filhos e ainda mais um conto de reis?" Mas comecei a descontar um tanto e lá paguei, mas disse para o meu homem "nunca mais voltas a ir a loja porque eu nunca mais te dou um tostão para lá ires". Uma outra vez comprei um porqueto para matar e um dia quando cheguei ao curral já não o tinha. Eu andava à procurá-lo e a minha sogra disse que ele o tinha vendido. Eu dei de comer ao meu filho e fui chorar para a quinta trabalhar porque aquilo era o meu governo. Ainda há pouco tempo eu comprei 4 sacos de batatas e ele não me deu um tostão, nem nunca agarrou numa máquina e disse "hoje vou deitar sulfato".! Eu quando casei comprei uma malga, dois pratos, dois garfos, duas colheres, um cobertor e dois lençóis, porque naquele tempo não se fazia enxoval nenhum, e foi com isso que eu vivi e lá fui crescendo, andando e trabalhando!

Eu tenho medo que os sucateiros vão lá virados a baixo e me roubem as coisas, porque antes eles até entravam dentro do curral para me roubar os porcos, mas agora quando eles pensam que eu estou lá em baixo a dormir eu salto-lhe aqui. Então eu às vezes agarro num enxergão e fico aqui na cozinha com as minhas netas. Elas ficam todas contentes porque ficamos a ver televisão até ela fechar por ela mesma. O que acontece é que num desses dias eu estava aqui deitada na cozinha e senti um vento, tipo uma nuvem que chegou a mim e eu a dormir. Eu não estou a dormir, estou a ouvir o que me dizem, mas tenho os olhos fechados e não sou capaz de falar. Eu fico calada e vou buscar muitas coisas. Eu sinto-me tão levezinha, tão levezinha que parece que eu estou a sair do meu corpo para fora. Pode ser uma visão, mas eu fico assim e quando venho a mim o meu coração está... Pim, Pim, Pim a bater de cansada. Fico estafada!

Desta vez eu fui ter onde eu nunca fui antes, ao cemitério de Fátima, na Cova da Iria. Eu entrei pela porta do cemitério e fui virada à sepultura da Francisca e do Jacinto; aquilo tinha uma janelinha atrás e eu vi-a doente na cama e depois a morrer, no sofrimento dela. Ela estava no caixão e levava uma meia branca e uma chinela do rancho; levava uma saia rodada até os pés, que em cima tinha uma coisinha de elástico com uma rendinha. Ela tinha uma blusa branca com uma pintinha, uns folhos com elástico e rendinha; a gola também tinha uma renda, uns piquinhos e vinha para baixo onde abotoavam os botões. Eu vi assim a imagem dela e do irmão. Eu antes via estas imagens nos livros, mas de noite eu nunca tinha visto nem nunca tinha entrado no cemitério de Fátima. Depois voltei a mim, muito cansada e acordei. Parece que estou a chamar pelas pessoas; eu tenho medo de morrer nessa altura. Ainda levantei-me e vim cá fora para ver se me voltava a dar outra vez. Mas aquilo passou-se"

No outro dia eu contei à minha filha e ela diz - Ó mãe, você hoje não vai voar? Mas ela não quer que eu voe, porque elas batem-me e chamam-me. Eu já falei com uma senhora, que andava com aqueles problemas meus e ela disse para eu ir a alguém que saiba o que há. Mas eu nunca quis crer nisso!

Indícios da construção de sentido experiencial e social

- regressa ao tema da solidão e do esforço por garantir a sobrevivência dos filhos mas também do marido

- o marido é representado não só com alguém que não se responsabiliza por arranjar meios se subsistência quotidiana como também dispõe livremente do dinheiro que entra para o orçamento familiar

- é também representado como alguém que pode por em risco o governo da casa, no sentido de assegurara a alimentação diária

- expressa o seu sentimento de expropriação, atenuado com a imagem de procura através do trabalho

- dá conta do seu papel como vililante e segurança da casa, contra roubos de bens alimentares, pelos vizinhos que são toxicodependentes

- descreve uma experiência de liberdade temporária da sua condição física, em estado de semiconsciência

- realça pormenores visuais que podem ser verificados por outros nas imagens oficiais dos Pastorinhos de Fátima, que ela diz ter conhecido nos livros escolares

- o cenário do encontro com o sofrimento e morte das crianças, dos Pastorinhos, é o cemitério que ela diz não conhecer e que supõe que é como o viu na sua experiência - realça o estado de cansaço com que sai desta experiência que se repete e que ela teme a leve à morte

- manifesta ceticismo perante explicações sobre o que ela objectiva linguisticamente como "isso"

Anexo 2

**Relato autobiográfico da D. Eva
(1906 - 2001)**

Duas entrevistas realizadas no ano de 1997 em Águeda

Relato Autobiográfico da D. Eva (1906 –2001)

Ela não me quis e botou-me para a rua... Ela então teve-me

A minha mãe teve outro e a mim, mas não me quis e botou-me para a rua! Ela não me deu de mamar nem nada!

Então uma mulher agarrou em mim e levou-me para Covelo. Chegou lá e disse para uma mulherzinha : “ó Maria pega lá isto! Olha que a mãe não quis.” Ela respondeu: “deixa ver, deixa ver!” Ela então me teve .

O problema foi mamar! Vinha uma mulher para me dar a mama e vinha outra e eu chorava! Até que a ama disse: “não venham cá dar mama nenhuma à minha menina que ela vai indo, eu dou-lhe maçãs assadas e ela vai passando...”

Depois a minha mãe tirou-me de casa da ama e ela ficou a chorar, a chorar... a minha santa ama, coitadinha!

Estive lá em casa da ama dez anos, até que a minha mãe me foi lá buscar e levou-me p'ra Arrancada!

Na Arrancada eu estava bem, andavam lá os meninos, era numa casa rica, muito rica.

Estive não sei quantos anos, até que a minha mãe mandou-me buscar por um meio irmão do lado do meu pai.

Em Paranho eu vivia com a minha mãe o meu pai e os outros irmãos, éramos quatro.

Quando um irmão morreu eu fiquei mais castigada. A minha mãe fechava-nos a mim e aos meus irmãos! O meu irmão ainda levou muita porrada por causa do pão! Ele ia às broas, tirava e virava-as para baixo na caixa. Eu não! Não ia lá porque tinha medo.

Eu ia para a terra e tinha que sacudir a erva. Uma vezes geava, geava. Caía gelo e eu andava lá, ia para a erva. Carregava a erva que ceifava, em molhos muitos grandes já feitos. Muitos grandes! Mas levei muita porradinha. O meu pai ainda estava lá mas tinha medo dela e lá ia eu.

Depois fui para Alentejo e andei, andei...

Eu devia ter os meus 15 anos quando fui para o Alentejo. Fui lá roçar mato por oito meses...

Era só azeite e papas e farinha de papas o que eu comia. Ao cabo de uns meses, a minha mãe foi esperar a malta...que vinha a jantar. Ela pediu o dinheiro ao manajeiro que o trazia o dinheiro, porque a gente tinha medo de o levar no comboio. A minha mãe lá ficou com ele e nem um tostão me deu.

Quando foi pelo S. Pedro, veio outra vez o Manajeiro e levou-me junto com outras mulheres. P'ra eu ir a minha mãe foi me acompanhar à entrada da estação, mas não mandou nada...nem comida nenhuma nem nada. Lá andei eu a comer papas... pois que era papas! Ao fim dos oito meses lá foi ela esperar. Mais uma vez o manajeiro trazia o dinheiro com ele. Ela disse para o homenzinho: “dá cá, dá cá o dinheiro. Ele foi e lá lhe deu e eu nunca mais o vi.

Lá venho para casa. Ela tinha terras, vacas, porcos e tudo

Era carregar água, ceifar erva, cheinha de geada. Na minha terra, neve é uma coisa e geada é outra! E sempre a ceifar ..para ela! E mandava-nos cedo para a erva, para ceifar a erva, íamos sacudir a erva assim com a foice, cheinha de gelo. Uma ocasião eu trazia um carroço e vinha a vergar e ela disse: “Ó moça, só trazes isto moça!?” Era moça, vejam bem! Num outro dia fui ao molho e deixei ficar a foice, quando cheguei a casa ela bateu-me tanto. Ainda há um homem na minha terra que a viu ela mandar com uma tranca. Por causa disso ainda hoje não posso estar sentada!

Então disse espera lá que eu vou-me sumir! Então fugi e fugi; fui tão longe, tão longe..

Primeiro fui para casa de uma vizinha até à meia-noite e pedi: “A senhora chame-me à meia-noite que eu quero abalar”. Lá fui eu até Oiã que é ainda para lá de Águeda... Quando cheguei bati à uma porta e veio uma criada . Eu disse “Eu venho fugida dos meus pais.... e vinha ver se a senhora me dava trabalho. Ela foi lá dentro dizer ao patrão que disse “Dá-lhe aí um caldo, coitada, está se calhar aí morta com fome. E estava! Ao outro dia sem comer mais nada... Ela lá me deu o caldo, lá bebi.

Depois comecei a lavar a louça; agarrei lá no resto que estava na banca. Como já tinha estado na casa e tal, sabia o que era manear a loiça. Diz assim a criada “A senhora vem de Paranho?” Eu respondi “Eu já estive na Arrancada, tinha dez anos. Então ela largou-me e foi à sala dizer para o patrão ficar comigo. E lá fiquei, lá fiquei Eu não sabia que era p’ra ficar... mas estava lá tão bem!

Entretanto, a criada pôs lá um rapaz à vindima, que era da minha terra. Como eu disse que não gostava dele, que ele era um bandido e que tinha fugido, ele foi dizer a minha mãe que eu estava lá.

A minha mãe foi então me buscar . Isto foi logo ao cabo de um ano e eu já tinha o dinheirinho!

Os meus patrões, pediram tanto para eu ficar; eles até lhe deram uns patos gansos, para ela ficar contente e me lá deixar ficar. Ela lá me deixou ficar e trouxe o dinheiro, mas quando chegou à minha terra, mandou uma carta a dizer que eu viesse de terra em terra, se não, que me ia buscar, depressa. Então o meu patrão disse: “ó minha menina tenho de te mandar embora . A tua mãe foi tão fraca, que agora manda dizer para tu ires embora! Eu comecei a chorar! Lá vim eu a caminhar, por aí a cima a pé, até Paranho, que fica perto do Caramulo.

Ela tinha trazido já o dinheiro que o meu patrão lhe deu, mas ele deu-me mais 50 mil reis. Naquele tempo já era muito dinheiro... e eu trazia-o num lenço, embrulhado assim... Quando cheguei ela perguntou “Tu ainda aí trazes alguma coisita que ele te deu? Emprresta-mos cá!” Até hoje.. Ela era pior que uma cínica.

Quando estava na minha mãe ela fazia-me levar queijos à Arrancada.

E eu ia vender queijos a pé a Arrancada porque tinha lá umas primas. Eu ia de Paranho para a Arrancada a pé, com uma canastra de queijos! Eu nem me quero lembrar como ia carregadinha! Eu ia por uma costeira abaixo, com uma canastra... pela “Ponte do Alfusqueiro”. Eu passava ali sozinha, de noite! Olhe, os martírios que eu passei!

Como eu ainda era garota, pois, ainda não tinha a idade, andava por conta da minha mãe. Quando eu chegava a casa a minha mãe fazia-me fazer as continhas todas. Ela mandava-me ali contar o dinheiro todo, todo, tim-tim, por tim-tim. Tanto que um dia um veado me fugiu com os queijos; eu pousei a canastra e fui atrás dele tão longe como daqui nem sei !

Uma vez encontrei uma mulher no caminho que me pediu para vender uns dois ou três queijos. Eu pousei a canastra vendi e ela disse “Amanhã venha para cima e pergunte pela mulher “Pulquéria”. No outro dia, quando perguntei por ela a uma mulher que tinha lá uma padaria, ela respondeu” “Pulquéria é uma ovelha! Ó rapariga...!”

Eu disse “Agora a minha mãe... chego a casa e mata-me. Tenho que lhe apresentar o dinheiro”

Essa mulher da loja era muito boa e perguntou a outra: “Olha lá, a mulher do alferes, compraria os queijos a esta rapariga ? Depois foi lá mais outra mulher e perguntou “Então, tu não deves um queijo a esta mulher?” Quando a vi eu confeci e disse : “Você comprou-mos ontem, lá no Sobreiro e tenho que apresentar, senão a minha mãe mata-me.” A mulher da loja disse : “ tens que dar dinheiro à rapariga, senão a mãe mata-a.” Ela lá foi e deu-me o dinheiro.

Era um vintém e eu tinha que apresentar o dinheiro, senão a minha mãe matava-me com uma carrada de porrada! Olhe que isto era triste. A minha mãe não podia ter sido mais má. Mandou-me... nasceste, agora anda!

O Casamento – procura de autonomia

Eu tinha vinte e tal anos quando casei. A minha mãe obrigou-me a casar com o meu homem porque ele ganhava muito dinheiro naquela altura. Tinha dinheiro! Ele era de lá de Paranhos, mas faltava-lhe um braço...foi (um acidente) com a espingarda, só que ele era muito esperto, muito fino ...

Ela obrigou-me mas como eu andava descorçoada, o que eu queria era arranjar alguém ! O que eu queria era arrumar-me! Andava cheinha de porrada. Então lá me casei e tudo o mais.

Fui para a companhia do meu homem e estava a viver mais ou menos. Eu estava na casa dele. Ele tinha a mãe, mas ela estava com uma irmã. O pai já tinha morrido. Ele era mais velho não sei quantos anos, mas era bom para mim. Tão bom que era para mim!

Eu já tinha os filhos todos e já devia ter aí os seus 30 anos, quando entoleceu.

O meu homem endoideceu quando lhe tiraram a licença de arma. Subiu-lhe aquilo à cabeça. Ele andava a caçar e como era muito esperto alcançou os baldios. Como foi tudo para ele e para outros nada, fizeram um abaixo assinado e tiraram-lhe a licença de arma. Ele daí começou , andou, andou até que ficou tolo.

Ele não trabalhava, ele tinha terras e só andava a caçar, até que arranjou um aparelho e sachava a parte do milho nas terras. Antes e depois de casar ele foi cauteleiro em Lisboa. Ele ia e eu ficava em minha casa. Ele passava lá aí um mês ou dois ou três e depois vinha. Mas vinha! Ainda lá está uma máquina onde ele cozinhava a petróleo e cobertores e tudo que ele lá levou. Depois começou a não ir, não ir... Eu ficava com os filhos, com as terras e tudo.

Quando entoleceu dizia “A minha mulher não é esta! Bota para cá a minha mulher...A minha mulher era uma santa!” Depois queria matar-me e eu fugia, fugia, fugia! Eu fugia muito. Um dia veio à rua roubou-me a poda, queimou-a, sei lá! Malgas e tudo, pratos... e eu fiquei sem nadinha, nadinha. Eu cozinhava com um caco dos pinheiros, que havia para a resina e que eu que tirava lá do monte. Fiquei só com o que tinha vestido. Ele levou-me tudo, tudo, não sei para onde! Cobertas, cobertores... Levou-me tudo, tudo, tudo.

Ele aos filhos não tratava mal, mas eu tinha que andar com eles ao colo a fugir. Ele queria levá-los para o forno porque achava que os mafarricos vinham e que os levavam. Eu fiquei a sofrer ali ... nem há ninguém que sofresse tanto como eu. Sabe Deus como é que eu me agarrei... sem ter nem um garfo, nem uma colher! Como eu cheguei a ponto de ter a minha casa. Nem roupa para me vestir, que o meu homem levou-me tudo. Como é que eu vivi, com os filhos! Fui correr mundo. Eu corri muito!

Uma vez estava o matador a matar o porco e ele tirou a cabeça do porco, deitou-a ao ombro e abalou pelo povo todo dizendo “A minha mulher... Agora tirei a cabeça ao matador!” Veio então um homem tirou-lhe a cabeça e trouxe-a lá para casa, mas já fiquei com aquele desgosto. Depois deram parte dele à junta, e levaram-no para Oliveira. Meteram-no lá na cadeia até ele ir para o hospital. Ainda vivi dois anos com ele assim , antes de ele ir viver lá para fora Antes de ele ir lá para a cadeia! Para o asilo em Barcelos. Nunca fui vê-lo lá, mas ia quando ele estava em Oliveira. Eu estava proibida pelo médico de ir a Barcelos vê-lo porque inscreveram-no lá como pobre, que não tinha mulher. Puseram-no como não tinha filhos nenhuns, nem nada, para o hospital não vir cá buscar o que eu tinha, quando ele morresse. Ele lá morreu. Morreu lá sem nada. Nem fui lá. Eu estava proibida!

Depois andava com os filhos, a criá-los

Eu estava em Belazaima do Chão. Estava lá a servir em casa na casa de um professor e estava lá bem. Viviam ele e duas filhas já grandes. Eu cuidava do gado e lavava a louça e roupa. Eu era fraca, mas gostavam muito de mim.

Eu lavava a roupa das meninas de lá...(que eram mulheres como a senhora). Eu ia para o rio lavar roupa e eles até lá iam levar o comer! Levavam-me para o rio e iam lá levar o comer, comer bom.

Eu era nova e eles viam que eu preparava a roupa. Eu lavava, enxugava e preparava a roupa. E o casaco do professor também... Ele caiu do cavalo em tempo e ficou... Eu agarrava no casaco como se fosse uma pessoa.

Olhe, nem lhe digo nada! Eu trabalhava lá. Gostavam muito de mim! Eles pagavam-me!

O professor gostava muito de mim, mas depois o velho queria a minha filha. Como eu estava a servir noutra povo e não tinha nada na minha casa, andei eu com a minha filha na estrada.

Eu saí por causa dele me mandar caçar coelhos como os cães. Ele berrava com os cães e como era eu que lhes “botava” de comer tinha muita pena deles. Então ele dizia: “hei-de mandar você caçar os coelhos por conta dos cães!” Ele disse aquilo de mim e parece que andava com o diabo. Foi uma desfeita grande!

Então agarrei e abalei. Abalei. Fui para a estrada com esta minha filha... Andei na estrada e era aguadeira... Viviam numa casinha à renda e trabalhava por conta dos vizinhos...

Muitas dessas coisas já não me lembra, mas eu sei...que passei um martírio muito grande! Ai, mas os tombos que eu levei! Ai, os tombos minha senhora.

Fome, fome foi na guerra de 1940, que houve lá fora. No povo diziam: “há guerra, há guerra!”

Quando o meu marido ainda não estava tolo e como não o deixavam ir caçar, o meu homem comprou um burro. Nós então andávamos a comprar milho e íamos vendê-lo a Agueda. Eu ia no freio, a segurar na corda e o meu homem ia atrás e quando chegamos cá na freguesia, ele viu o raio de uma burra e começou a “rinchar” e a botar as patas para o ar. Olhe, foram os sacos para o chão... perdeu-se o milho todo. O que vale era perto de uma loja e eu lá fui buscar uns sacos e apanhamos o milho. Lá vim eu para Agueda para o vender mais ele.

Eu vinha todos os sábados mais ele. Andava ele fino, não andava tolo, porque tolo, Deus me livre!

Um dia já estávamos em casa e andavam umas mulheres a pedir para arranjar bichas, daquelas sangue sugas que chupavam o sangue. Ele foi e comprou bichas, a uma tia que também as tinha. Ele pô-las lá num canto e eu tinha que tratar delas todos os dias! Dar-lhe água que era o comer delas. Não comiam mais nada, era só água.

Vinham lá pedir para as alugar. Elas lá alugavam e pagavam. Quando vinham para casa e eu tinha que as lavar muito lavadinhas por causa daquele sangue negro que elas tiravam das pisaduras. Depois tinha que botar água todos os dias! Mas eu era nova!

Ele era esperto e poupado! Era poupado e muito esperto!

Ele uma vez comprou também uns furões. Quando a furoa pariu e ele foi acolá para o lado do rio para lá vendê-las a 50 mil reis cada uma. Naquele tempo era muito dinheiro! Ele lá os vendeu, lá tinha as coisas... sabe lá!

Os furões quando a gente ia abrir a porta já se deitavam, assim, pela porta arriba da caixa por causa de a gente lhe dar de comer. Coitadinhos eram tão lindos, tinha tanta pena deles! Eu gostava muito deles!

A minha vida depois foi a tomar conta... foi tomar conta...

Quando vim para baixo o que havia era pobreza!

Eu estava cá e a minha filha... Ela vivia apertada, ela não tinha batatas nem nada. Ela vivia mal, coitada!

Então eu ia ao rebusco a tirar batatas, a cavar, aonde os outros já tinham tirado! Não era roubar! Aqui cavava-se a terra, mas deixavam alguma batata! Eu punha-me lá assentada à espera... Eu não queria ir lá para a terra com medo de vir o dono. Era tola, eu! A minha filha não tinha medo, mas eu tinha. Para arrancar um cesto de batatas andávamos lá um dia inteiro.

Uma vez, até, vinha lá mais ela e encontrei uma nabíça tão gorda que até parece que ainda a estou a ver. Eu digo assim: "ó Silvina, vou levar esta nabíça para a gente comer." "Ó mãe leve, mas e se vem o dono?" Lá levei a nabíça para casa e foi a coisa que eu roubei no mundo! (riu)

A minha filha, coitadinha, vivia muito apertada. Morava cá pouca gente! Até nem morava aqui ninguém. Neste bairro não morava aqui ninguém. Não! Coitadinha, estava ela aí! Sabe Deus como é que ela viveu.

Eu obriguei-me a vir para cá para ao pé da minha filha. Estava cá sempre às temporadas, outras ia para cima. Mas eu tinha muita pena dela, porque ela vivia apertada.

Naquele tempo, havia muita gente que dizia que Salazar era mau, que era assim e assado.

Eu calava-me! Eu calava-me! Eu ia cá falar para quê? Não falava nada. Salazar assim, assado e eu nada. Cá para mim, na minha ideia que eu não sei uma letra. Eles lá falavam, mas eu não. Eu, ai Jesus! Nunca falei. Contavam coisas mas eu não queria nada saber. Lá em Paranhos não contavam. Mas aqui já se falava.

Eu tinha filhos em Lisboa e estava lá quando foi uma revolução que lá houve.

Depois em Cacilhas estava lá muita gente, ia lá a guarda ao pé da gente. "Vê lá o que é que fazes, senão levo-te presa." E eu caladinha, não disse nada. Já estava calada, não dava palavra nenhuma. Estava tudo a falar e eu... Já foi nessa altura! Estavam lá armados em cavalos, Deus me livre! Eu não tive medo porque não estava a falar. Pus-me caladinha e o guarda até se pôs a olhar direito para mim e eu disse: "ó catano!" E ele ainda disse: "não tenha medo que eu não lhe faço mal." Disso lembro-me eu! "Não tenha medo, minha senhora, que eu não lhe faço mal nenhum." Deus me livre! Veja lá bem na altura que foi!

Antes eu votava, mas era a favor! Era por conta de Salazar. Eu votava, eu era a favor. Já estou muito tresloucada.

Ler e escrever faz falta! Ai se faz falta!

Em Oiã quando estava a servir, ainda me queriam lá ensinar, mas a minha mãe foi-me lá buscar e não aprendi nada. Gostavam lá muito de mim. Disseram: "se tu cá estiveres a gente ensina-te a ler." E eu morta para isso, mas quê, vim-me embora.

Gosto de ver televisão. Quando foi a televisão pela primeira vez eu estava lá em cima.

Gosto de ver muita coisa. Ainda agora estiveram... os tramboleiros, aqueles que vêm lá de fora e que estiveram cá agora. Não eram bonecos, eram homens.

Os brasileiros, isso é que eu gosto de ver. Estive a vê-los há bocado. Gosto de ver! Gosto muito de os ver, gosto.

Há coisas que gosto mais que outras, já se sabe. Gosto de ver a novela também. Gosto de ver essas coisas que ainda agora lá estavam... e também gostava muito de ver a bola, às vezes. Agora é que já não tenho paciência para estar tanto tempo. Às vezes estava aqui mais o meu genro a ver a bola.

Eu tenho cá poucas amigas. A gente aqui vive, a meu dizer sozinha. Ela sai...

Há uma mulher que aí em baixo, que às vezes ia à lenha com ela, mas a gente aqui é só nós, nós e nós mesmo.

Os domingos passo aqui com a minha filha e com as minhas netas.

Também ia a excursões mais elas. Ai isso ia, às excursões eu gostava! Ainda tenho aí um retrato algures na praia da Nazaré; eu vinha assim a caminhar, a caminhar com nespras que eu comprei. Depois eu fui passear com ela e na altura comprei nespras e lá vinha eu com elas na mão para tirar o retrato e assim, mais os pequenos e assim. Andava toda contente ao pé dela.

Gostava de ver porque eu era muito amiga da minha filha.

Não havia ninguém que me tirasse de caminhar para a igreja, em solteira e já casada.

Eu pagava a minha côngrua. Vinha lá sempre o padre a minha casa. Agora eu estou cá em baixo, senão abria sempre a porta ao padre e pagava-lhe a côngrua!

Eu às festas ia pouco. Era só lá que havia lá uma festa mais. O que eu ia era sempre mais a minha rapariga, mais esta, era para fora... passear e assim...

A festa das almas vim cá duas vezes. Foram duas vezes. Estava aqui ao pé dela, ia lá pouco.

Fui lá uma vez, depois fui embora e "oh, não torno lá mais!" A gente não conhecia ninguém e às vezes até se via porrada. Toca para casa! Mas vinha passar aqui. As almas vinha passar ao pé da minha filha. Vinha.

Esta minha filha era a que ia mais vezes lá a cima, às vezes ia para fora e nunca me deixou! É por isso que eu estou mais aqui do que lá em cima. Eu vinha para cá mais por causa dela.

Nunca estive doente, nem no Hospital. A minha rapariga aqui é que já, eu nunca estive graças a Deus.

Toda a vida, digo aqui bem alto, adora mais esta que as outras. Foi criada muito ao pé de mim de pequenina e eu, é claro, gostava dela!

Fui a Fátima há muitos anos!

A primeira vez ainda estava tudo em pinhais! Fui com gente da minha terra. Ainda estavam lá umas coisas em "tojeiro" e tudo. Iamos numa excursão. Eu gostava de ir nas coisas religiosas, gosto. Venha lá o rei que eu sou e era!

Casei-me pela igreja e dava a minha congrua ao padre, sempre! E abria sempre a porta ao padre. Tanto que quando ele ia a minha casa começava-se a rir para mim de eu lhe mostrar sempre boa vontade para ele.

Agora tudo é muito diferente, tudo! Acho tudo muito melhor!

Quando eu era rapariga... Deus me livre; era muito diferente.. Agora é tudo mais bonito, as casas, o ambiente e tudo. É de outra maneira. No meu tempo, às vezes eu até tinha nojo de ir a algumas casas. Eu era pobre, a minha casa era velhinha mas era limpinha. Algumas casas eu até tinha nojo de lá comer se lá me dessem uma malga de caldo. Na minha casa nós comíamos o caldinho, mas a louça era lavadinha! Agora já é melhor. Agora já é melhor! Até... já fui a Lisboa, tenho lá os filhos. E agora é de outra maneira. A convivência também é melhor agora. É, é!

A droga acho... que essas pessoas são más. São más. Não gosto delas. Cá droga, Deus me livre!

Eu não quero cá drogas. Até nem posso ouvir falar em droga.

Na SIDA tenho ouvido falar, tenho. Isso é ruim, isso é ruim!

Noutro tempo se ouvia falar na tuberculose, mas era só quem passasse muito mal.

*Fome. Graças a Deus, na minha casa nunca houve, fome
Agora vou falar.*

Já estive a cozinhar num hotel!

*Eu fui para o Caramulo já casada, deixei até os meus filhos. Fui para lá para uma
pensão, mas era grande!*

*Eu era criada da copa. Criada da copa era a da louça, de lavar. Eu ia para a cozinha,
lavava a louça toda, limpava tudo e o meu patrão queria... Ia varrer a sala de visitas, a sala
de jantar. Eu ainda deitava cá baixo aos porcos. Vinha cá baixo com um carro de mão trazer
a lavagem aos porcos...Mas era nas horas vagas. A patroa dizia que eu lavava a louça tão
bem: "ai, senhora Evangelina tenha cuidado que é muita louça." E eu fui para ganhar 40 e
deram-me 60.*

*Eu estava lá bem e ainda lá estive um mês e meio até que recebi uma notícia que tinha um
filho doente, por uma mulher que foi à feira do Campo. Eles só me disseram de noite.*

*Ai Jesus, parece que nem me quero lembrar! Botei-me logo a caminhar! Fui para Paranhos
a pé, de noite. Cheguei a romper o dia a minha casa. Estavam lá os meus filhos em casa, bato
à porta e diz o mais velho: "quem é que lá está?" "Sou eu filho." E estava lá o outro doente.
Foi um ataque de lombrigas que lhe deu, mas eu sabia lá. Ele estava doente.*

*Eu vim cá baixo à farmácia a S. João. Havia lá um farmacêutico que deu um remédio
para tomar às colheres e o miúdo começou a melhorar.*

Eu os tinha deixado entregues a uma vizinha.

*Eles já tinham idade e já cozinham o caldo e ela fazia a broa. Eu assim fui obrigada!
Não tinha dinheiro. Para roubar não roubava. Eu andava a servir; andava a trabalhar para
ganhar para eles. Mas nessa altura eu disse. "agora nem que eu morra aqui com fome, não
posso sair daqui de ao pé dos meus filhos."*

*Recebi tantas propostas para voltar para lá! Eu era criada de lavar a louça, mas eu sabia
lavar a louça, não é para me gabar. Depois o meu patrão gostava de mim, eu fazia limpeza...
ainda ia botar lavagem aos porcos. Trabalhava e ganhava. Fui justa por quarenta*

Anexo 3

**Relato autobiográfico da Ana
(1962-)**

Duas entrevistas realizadas nos anos de 1999 e 2001 em Águeda

Relato Autobiográfico da Ana (Nasceu em 1962)

De quando era pequenina não me recordo de nada. Foi uma vida... Foi uma infância mesmo bonita.

Fui para junto da minha avó quando a minha mãe teve um acidente na perna.

Eu devia ter dois anos porque a minha irmã Camélia tinha meses. Ela foi para casa da minha avó que é a mãe do meu pai. Eu fui para casa da minha avó que é a mãe da minha mãe. Eu estive sempre com a minha avó. Estive grande parte do tempo com a minha avó em casa dela. Éramos as duas, vivíamos uma para a outra.. Quando vim para ao pé da minha mãe eu devia ter aí uns 11 anos.

Na casa da minha avó nunca me faltou o pãozinho.

Ela nunca me deixou faltar nada. Naquele tempo já tinha a manteiga veja lá! Tinha sempre uma batatinha frita, tinha sempre um ovozinho. Está bem que naquele tempo não é como agora. Se ela matava um porco ou algo assim ela tinha que vender a carne, a chouriça porque é assim mesmo. Mas ela tinha sempre a sardinha. Então eu sentava-me com ela à noite, tomava o cafézinho e comia a sardinha assada no borrallho, com pão e assim íamos para a cama. Nós não tínhamos rádio.

A única coisa que me recordo é que ela não tinha vacas e leite, mas ia a uns familiares e trazia sempre um quarto de leite para mim. Sempre! Fui sempre muito habituadinha com o leite, com as sopinhas de leite. Eu tinha fome à tarde e ela dava-me sempre pãozinho com manteiga, quando eu chegava da escola.

Quer dizer fui criada ... bem!

Quando não tinha escola e quando era mesmo pequenina eu ia com a minha avó para as terras¹

Ela deixava-me, quando estavam aqueles dias de verão e eu ouvia onde ela batia com a enxada nas pedras. Eu gostava tanto de ouvir aquele barulhinho do metal e a pedra. Eu sabia que tinha uma pessoa que estava do meu lado.

A minha avó trabalhava muito nas terras. Ela não recebia dinheiro de ninguém mas, coitadita, trabalhava muito! Naquele tempo ela tinha muitas terras arrendadas e as cultivava e vendia milho, feijão, galinhinhas, coelhos e coisas desse género. Ainda me recordo que ela tinha uma caixota muito grande cheinha de milho! Pediam-lhe uma raza de milho; ela enchia aquela medida, depois passava com um pauzito e vendia aqueles sacos de milho².

Quando ela tinha as terras dela por arranjar ela tinha umas ajudavam-na; as amigas iam ajudá-la. Hoje ela ia com as amigas ajudar e amanhã elas vinham .. Era, assim, uma troca que

¹ Recordo-me de uma vez que ela deixou-me a dormir, ela levava a capucha e depois debaixo das videiras ela arranjava sempre um sítio para eu dormir. Mas eu levantei-me e fui dar um passeio. De vez em quando brincava na água, porque lá tem sempre aqueles regos de água para regar o milho. Quando foi ver se eu estava e não me encontrou! Andou à procura em todo o lado, quando eu acabei de brincar e vim ter com ela, coitada. Ela já chorava. Tinha ido chamar umas pessoas para me ir encontrar. ...

É porque quando somos pequeninos podemos brincar na água e nunca mais! Eu fiquei um bocadito triste porque ela chorava, pensava que me tinham roubado. Sabe aquela aflição?

² Naquele tempo as pessoas tinham moínhos e moíam o milho com que faziam a farinha para o pão. As pessoas iam compravam milho, galinha ou ovos, tudo directamente. Aqui já é diferente, pelo menos, as pessoas já compram porque têm padeiros e tudo, mas lá não havia nada disso. Agora já está melhor.

faziam. Se a minha avó tinha um pouquinho de tempo livre ia ajudar a minha tia.³ Quando ela tinha muitas ovelhas, nós íamos as duas para o monte com elas.

A minha avó, coitadita, levava de casa sempre um bocadinho de pão para mim, porque sabia que eu estava habituadinha. Eu às vezes dava também para as minhas primas, porque a minha tia às vezes nem nos dava nem comida nem nada. Ela até vivia bem, mas foi uma pessoa para quem nunca me deu nada : nem pão, nem de comer, nem nada! A minha avó trabalhou tanto e ela nunca foi capaz de lhe dar, nem um bocadinho de carne. Nada! E a minha avó sacrificava-se também para a ajudar.

A vida do campo é aquilo e é assim.

Eu andei na Escola em Paranhos de Arca. Eu andava na escola e fui feliz lá! Sentia-me bem porque à noite vinha para casa da minha avó, trazíamos as ovelhas.

Lá o dia começava às 9. Ao meio dia não vinha a casa porque naquele tempo lá tinha canCristiana, era o Estado que pagava. ⁴ Eu não queria a comida da escola porque era óleo de fígado de bacalhau. Aquilo era horrroso! Tínhamos que o tomar todos os dias. Tínhamos que nos "botar" em fila e a senhora da cantina dava-nos uma colher da sopa.

Então eu fugia para casa da vizinha, que dava com o pátio da escola; com o recreio. Eu ia para ao pé dela. Ela tinha um filho que era deficiente e que já, naquela altura, devia ter aí uns 30 anos. Eu lembro-me dele. Ele só comia se eu lhe desse de comer. Eu dava-lhe a sopa numa malguinha. Ela tinha sempre aquelas coisas de mãe: ia para as terras, mas ao meio-dia fazia a sopa com a carnezita. Então eu comia a sopa com ele.

Na Escola o relacionamento com as outras crianças era bom. Nós brincávamos...

Nós tínhamos tudo! Tínhamos um tanque, de que ainda me recordo e que estava sempre a cair a água; tínhamos uma mesa no recreio, debaixo de uma árvore. Sentavam-nos aí e brincávamos aquelas brincadeirazinhas da escola. Fazíamos à cabra cega, ao lencinho e à macaca..

Nós não tirávamos mais a capucha. Ali tanto o rapaz, o menino estava com a capucha como a menina. Como a mentalidade era toda igual, nós falávamos todos a mesma coisa porque lá carrega-se mais... não havia diferença, era igual. Havia um rapaz que os pais dele já tinham um café. Naquele tempo ter um café já era uma coisa muito boa. Ele era como era eu.. Ele tinha uma boa casa já naquele tempo, mas nós brincávamos. Eu penso que lá em cima é diferente daqui, em baixo. Lá o pobre é igual ao rico. Éramos como irmãos.

A escola foi boa para mim. As professoras eram mesmo muito boas

Lá a escola era outra coisa. Eu aprendi, tanto que passei para a segunda classe. A Escola era perto de casa; de manhã chamávamos uns pelos outros e saíamos todos em conjunto. À tardinha vínhamos também todos. Nós ao todo devíamos ser aí uns 12 alunos na turma. Quando eu entrei éramos seis.

Na escola só havia 2 salas. Faziam a 1ª e a 2ª numa sala e a 3ª e a 4ª noutra sala. A minha era muito pequenina, não era muito grande, mas as professoras eram mesmo muito boas. Eu recordo-me que quando eu deixei a escola, a professora ainda mandava rebuçados pela minha avó para mim; ela comprava os rebuçadinhos pequeninos de meio tostão e mandava para mim. "Diga-lhe que eu lhe mando um beijinho para ela."

As professoras tinham outro modo de ensinar. O livro era o mesmo, era o que nós usávamos da primeira até à quarta classe. Eu ainda me lembro que tinha uma imagenzita que

³ (a entrevistada começou a chorar) **A gente aqui também chora.**

⁴ Aí já era bom. Uma pessoa enquanto é pobre e pode comer na cantina ao meio-dia, tem outra alimentação que muitas vezes em casa não se pode ter.

era uma senhora com uma vassoura a enxotar galinhas. A minha avó dizia que aquela era ela. “Isto sou eu a enxotar galinhas, estás a ver?”

Quando tínhamos trabalhos não os trazíamos para casa, porque nós estávamos desde as nove até às 3. Tínhamos então meia hora para fazermos os trabalhos na escola. Só quando estivesse feito é que nós podíamos sair. Cada um fazia o seu trabalhinho lá.

Eu ali eu tinha carinho, tinha amigos, tinha tudo. Quando vim aqui para baixo... foi uma angústia. Acabou tudo para mim. Perdi tudo e sentia-me um pouquinho mal⁵. Aquela terra não era como aqui. Era totalmente diferente, era outro modo de pensar... Tanto que aqui as pessoas não vão à missa; nós lá tínhamos a nossa coisinha de ir à missa; tínhamos a catequese e outras coisas.

Naquele tempo ir a missa e a catequese era obrigatório mas nós estávamos ali à espera do domingo como quem esperava por um dia de festa como é hoje. Para nós era o domingo de festa. Eu recordo-me ainda de certos cânticos que nós cantávamos na igreja, a missa toda. A minha avó ia com as suas amigas porque vivíamos ali no povo e elas juntavam-se todas... Ainda hoje a minha avó é muito querida com as amigas, ainda hoje ela é muito querida. Eu ainda tenho recordações dessas pessoas. Elas eram muito queridas, eram mesmo muito meiguinhas.

À noite fazíamos serões. Lá costumava-se rezar o terço. Quando havia milho para tirar...era festa. Íamos a casa de todos e era lindo! Havia muita harmonia entre uns e outros. Tínhamos muito contacto, era aquela coisa, assim, “hoje podes vir até minha casa”. Aí as pessoas iam porque não havia televisão, não havia um rádio, não havia assim essas coisas de hoje. As pessoas tentavam comunicar com amizade umas com as outras. Era diferente.

As amigas e nós as crianças íamos todas. Era uma festa para nós ir à missa. Era uma coisa muito especial, porque era diferente dos outros dias da semana, uma coisa linda! As criancinhas ficavam à frente e os mais idosos ficavam para trás. Era lindo, mesmo! Eu não fiz lá a primeira comunhão lá mas andei na catequese.

Eu agora não posso dizer eu vou à missa, mas ainda me recordo daquelas coisinhas que o padre dizia na missa. Porque nós tínhamos aquela...

Até que um dia a minha mãe foi buscar-me, não sei porque.

Ela precisou de mim ou qualquer coisa. Eu devia ter 11 anos. Aquilo para mim foi um choque grande porque eu tive que encarar a vida de outro modo. Custou um pouquinho a ambientar porque eu encontrei a casa cheia. Nós éramos só as duas, eu e a minha avó e as coisas eram um bocadinho mais reservadas. Eu lá também tinha os meus amigos de brincar, mas a convivência era só de nós duas.

Primeiro eu vinha aqui só dois dias e depois ia para cima. Não tinha muito contacto com os meus irmãos, vinha só visitá-los. Quando cheguei aqui foi um pouquinho difícil. Para mim era como um trauma, ter que me separar da minha avó, porque ela depois não pôde deixar tudo para vir para mim.

A minha avó a educou e foi cuidando de mim. Levava-me para a terra e era muito limpinha. Todos os dias me dava um banhito porque eu recordo-me, ela dava-me banhito na bacia. Na casa da minha mãe havia muitas necessidades.

Quando era pequenita eu não dizia a minha mãe, eu dizia aquela mulher!

É difícil quando uma pessoa está desde pequenina com outra e a ama como se fosse a verdadeira mãe! Eu agora amo a minha mãe como uma verdadeira mãe, mas quando era pequenita não!

⁵ Eu também já não estou a contar tudo como deve ser, é conforme me vem à cabeça!

Eu recordo-me que o meu pai, uma vez, comprou um carrinho para nós todos e ofereceu um a cada um. Os meus irmãos estragaram tudo e eu guardei o meu carrito porque achei que era uma prenda tão bonita e fui guardá-la. O meu irmão partiu o dele e queria o meu. A minha mãe foi buscá-lo e deu-lho e eu comecei a chorar. Então, chegou o meu pai, que foi sempre assim uma pessoa mais... e disse: "Não! Agora vais buscar o carrito e dás-lho a ela porque se os outros se estragaram a culpa deles!"

A minha mãe não gostou muito e bateu-me. Quando a minha mãe me bateu eu desatei a correr por todas as partes dizendo: "Ó minha mãezinha, que esta mulher quer me matar." Eu nunca tinha visto a minha mãe assim e para mim a minha mãezinha era a minha avó. A minha mãe era aquela mulher. Foi a primeira chapada que a minha mãe me deu. Eu não estava habituada e aquilo foi chato para mim.

As condições da minha avó e da minha mãe eram diferentes.

Nós já éramos cinco filhos e quando uma pessoa tem uma vida difícil de encarar...

A minha mãe, coitada, quis sempre dar o melhor que podia, só que eu estava habituada a outra vida. Eu fui habituada de outro modo. Todos os dias a chegar ali, tirar e comer. Quando eu cheguei aqui já não tinha isso. Eu cheguei aqui e se queria pão não tinha! Se queríamos comer não tínhamos, era um bocadinho mais difícil. Quando aqui cheguei já não tinha leite. Tanto que a minha mãe disse que um dia eu "auguei", que senti falta do leite. Senti falta daquela alimentação que eu tive. Cheguei aqui o clima já não era o mesmo, já não tinha a minha avó e não tinha aquela alimentação. Tinha muitos irmãos. Foi tudo duro para mim!

Havia fome!

A minha mãe se sacrificava e o meu pai também. Eu recordo-me muitas vezes que o meu pai ia vender sardinha. Aquilo era por períodos pequenitos; era um mês ou dois e depois acabavam as sardinhas. Retornava outra vez a fome.

Nós tínhamos um senhor que vendia sardinha em Aguada de Baixo - o tio Garcias e que nos matou muita vez a fome! Ele vinha à noite e trazia o peixe fiado. Peixe nós tínhamos porque não tínhamos que pagar directamente. Mas depois faltavam outras coisas.

Nesta altura os meus tios viviam melhor do que nós e eu então dizia para as minhas primas: "se vocês me derem um balde de batatas eu limpo-vos a casa toda. Eu faço tudo por vocês e vocês dão-me batatas!" Elas davam-me uma coisa e eu dava-lhes outra. Elas davam-me muitas batatas naqueles baldes grandes e eu já estava garantida com comida para o meio-dia e comida para a noite. Pelo menos a gente tinha batatas para comer.!" Eu limpava-lhes a casa, elas davam-me as batatas e eu já podia fazer comida para nós.

Nesta outra escola havia professoras que não foram assim tão boas.

Eu tinha uma capucha como a minha avó e não largava aquilo! Eu estava habituada com a capucha. Eu tive a minha infância toda com a capucha. Tive a capucha de domingo e tinha a capuchinha da semana.

Quando ia para a Escola, eu punha a capucha e uns tamancozinhos e a professora chamava-me a menina da capuchinha. A professora chamava-me a menina da capuchinha, mas era com carinho porque ela boa para mim. Ela lá via que eu vivia quase como um trauma, que era nervosa e queria se abrir, para ver se eu me começava a integrar mais. Mas os outros, aquelas crianças, faziam pouco de mim. Eu sentia-me mal porque todos faziam pouco de mim, chamavam-me a menina da capucha! Eu sentia-me mal e eles punham-me de parte. Eu estava sempre de parte e não havia aquela coisa para falar, arranjar amigos ou qualquer coisa, porque as crianças faziam pouco de mim se eu dizia qualquer coisa.

Eu falava à moda da serra, que não é o modo de aqui. Nós temos outro dialecto e eu falava o de lá. Depois eles começavam a chamar-me serrana isto, serrana aquilo e eu ia para o meu cantinho para que ninguém me dissesse nada. Ali estava no meu cantinho.

Até que uma professora tentou me ajudar a superar o trauma de deixar uma vida e vir integrar-me noutra. Ela tentava fazer de mim ... ela tentava ajudar-me. Ela ensinava ... Ela falava muitas coisinhas, fazia-me fazer desenhos da escola e perguntava como era a escola, como é que eu estava sentada, se havia rapazes ou raparigas na escola; perguntava se a professora gostava de mim e como era a minha avó.

Quando a minha avó vinha da serra aqui visitar-me, vinha num dia e queria ir no outro. Eu recorde-me de uma altura em que ela queria ir embora mais cedo e eu não queria deixá-la ir. Chovia tanto e eu comecei a gritar: "Não vás. Leva-me contigo, eu também quero ir. Não me deixes aqui." Diz a minha mãe que eu fiquei negra, cai no chão e tive um ataque de nervos naquele momento porque eu queria ir e não queria ficar. Ela tinha sido uma mãe para mim. Ainda hoje me dói.

Nessa altura também chegou uma senhora que vivia em Sangalhos

Essa senhora um dia veio aí porque precisava de uma rapariga para fazer companhia à filha. Ela fazia malhas e roupas em malhas. Ela estava ali a dizer: "É só para fazer companhia à minha filha, para dormir porque nós saímos"; disse também que tinha televisão.

Então eu disse à minha mãe: "Mãe, deixa-me ir, eu quero ir. Eu não quero estar aqui, eu quero ir." Ela não queria que eu fosse mas disse: "Filha, tu aqui estás bem connosco. Sabes que eu já fui quando era pequenita. Fui para uma casa servir e foi difícil para mim." "Eu passei muita fome quando andava a servir."

Mas a intenção é que nos leva a muitas coisas. Eu insisti porque a senhora dizia que não era para servir, mas para fazer companhia. Eu queria ir, ela deixou mas disse: "Tu vais, mas se houver qualquer coisa tu vens que depois eu vou lá ver."

Quando lá cheguei não foi como a senhora disse ...tive que trabalhar duro

Eu tinha que ir para a escola de Sangalhos, porque ainda não tinha acabado a escola obrigatória. Lembro-me que andei lá na 3ª classe e que a filha dela tinha a minha idade. Ela tinha animais e eu antes de ir para a escola tinha que ir à erva para os animais. Logo de manhã! Ainda estava tanta geada. Eu tinha que me levantar cedo, apanhar a erva e deixar tudo arranjadinho. Se eu não ia ela gritava, ela zangava-se. Dizia "Vou contar aos teus pais que tu não trabalhas e tu vês!" Então eu ia.

Depois vinha lavar a louça, limpar cozinha, limpar a casa. À noite depois de comer, eu ia cortar e fazer os novelos da lã; às vezes tinha que estar até à meia-noite que era para ao outro dia a senhora trabalhar.

Outra coisa que me escapa era a lide.

Eu andava na escola na parte da manhã e à tarde eu fazia essas coisas. Eu era mesmo ignorante quando era pequenina! Era criança ignorante porque não sabia mesmo nada, porque ninguém nos diz nada. Com 12 anos e não sabia coisa nenhuma! Eu só fui menstruada com 14 anos e já estava na casa da minha mãe.

Um dia eu andava na limpeza na casa dessa senhora e vi qualquer que me chamou a atenção. Eu vi uma roupa suja e fiquei preocupada com aquilo. Como aquilo eram coisas que a gente não perguntava, arrumei arrumadinho, mas fiquei com aquilo na cabeça. Era um segredo que não podia dizer nada.! Fiz de conta que eu nunca vi.

Era um trabalho muito sério, mas pelo menos a comidinha estava sempre

Eu comia a par deles na mesa. Comer, comíamos todos juntos.

Eu não estava a ganhar dinheiro. Era só a comida. Estava ali, fazia as coisas mas dinheiro ela não me dava. Eu ainda me recorde que nem... nem 10\$00 ela me deu!

Estive um ano em Sangalhos. Andei ali porque eu na escola não era boa.

Quando fui para a escola de Sangalhos eu deixei já a minha capucha,

Eu não fui mais como eu gostava mas sempre fui aquela pessoa marcada com o falar de lá de quem está lá em cima na serra, e que é totalmente diferente do daqui. Eu tive muitos problemas porque eu assim como falava assim escrevia. Agora já sei falar, mas primeiro era como se fala lá.

Em Sangalhos tínhamos um professor que nos tratava a todos por igual; para ele não havia quem era aquela e quem era o outro. Era tudo por igual. Foi bom, aí foi bom. Eu passei para a terceira e quando voltei para casa da minha mãe voltei a passar de classe e continuei na 4ª classe.

Nesta escola eu já tinha amigas

Eu ia sempre com a filha da senhora para a escola. Ia com ela de manhã e vinha ao meio-dia. Nós dormíamos as duas juntas e eu comecei a achar nela uma amiga. Como eu entrei com ela na escola, não fui posta de lado. Ela tinha bicicletas e ia com os outros alunos de bicicleta. Eu não ia porque tinha as minhas coisitas para fazer.

Eu não achava mal, para mim era igual, porque fui habituada a trabalhar com a minha avó! Quando vim já tinha uns anitos. Em pequena via que a minha avó sempre a trabalhar e eu até tinha uma enxadazinha pequenina. Eu andava a trabalhar com ela quando queria, porque quando eu não queria deixava. Ela não me dizia: “tens que fazer.”

O trabalho não era uma coisa que eu não gostasse. O que eu não gostei em Sangalhos foi o modo que a senhora me tratou quando eu encontrei a cobra da água; para mim era uma coisa horrrosa de que ainda hoje tenho medo. Mesmo que ele seja pequenino! Eu tenho medo.

Um dia, antes de ir para a escola, eu andava numa vala a apanhar erva para dar às cabras e encontrei uma cobra. Mesmo agora eu morro de medo, tenho horror! Eu deixei tudo e fui a gritar para ela: “Eu não posso ir buscar mais erva nenhuma porque está lá uma cobra e eu tenho medo.”

Ela foi comigo e obrigou-me! Eu vi a cobra e ela podia vir outra vez. Eu estava a apanhar a erva e chorava porque estava descalça e tudo. Isto passou-se e num domingo a minha mãe e a minha avó foram me encontrar e eu contei o que se passou e que elas me fazia todos os dias ir apanhar erva na vala, de propósito, para eu perder o medo. A minha mãe disse: “pronto filha, vens embora para casa porque eu não quero que tu vás passar os mesmos martírios que passei eu quando era nova.”

Quando voltei para casa a minha mãe tinha encontrado trabalho.

A nossa vida mudou quando a minha mãe foi trabalhar, a casinha era cheia, já havia de comer. A minha mãe trazia para a semana. Não tinha assim muito dinheiro, mas já não faltou mais o açúcar, o pão, a comida. Já não faltou mais na nossa casa. Aí foi mais fácil.

Eu me recordo que eu ia lavar a roupa dos meus irmãos nos moinhos.

Um dia vinha numa subida muito grande, com uma bacia muito grande, cheia de roupa; vinha tão carregadinha que uma senhora que vinha de carro parou. Lembro que ela disse: “Uma bacia tão carregada e tu tão pequenina”. Ela até berrou com a minha mãe e disse: “Então, a senhora deixa a sua filha vir para ao pé de mim?...”

Nessa altura a minha mãe não deixou, porque eu já tinha estado em Sangalhos. Ela respondeu: “a minha filha anda a trabalhar na fábrica, mas eu sei que chega à noite e ela vem para casa.” Mas eu mesma não queria ser criada de mais ninguém. Filho meu, não quero que vá servir como eu fui em pequenita!

⁶ Ela chama-se a senhora Daniete. Mais tarde ela deixou Sangalhos e veio aqui morar para “Aguadela” onde tinha família, porque lá ela estava numa casa à renda. Agora ela fez uma casa nova. Eu ainda andei a ajudar um pouquinho. **Elas são boas para mim.**

Eu devia ter entre os 11 e os 13 anos - porque isto foi antes de eu ir trabalhar para a fábrica - quando o meu irmão, andava a brincar com os amigos e cortou-se numa perna e eu curei-o. Eu disse-lhe: "tens que ir ao médico senão podes morrer." Ele disse "A mãe não tem dinheiro e depois bate-me." Então eu fui buscar água oxigenada e o curei. Vim buscar uma agulha e botei linha preta que era o que havia e cosi! Botei água oxigenada na agulha, na linha, para não apanhar infecção e cosi tudo. O meu maior sonho era ser enfermeira. Há pessoas que têm estudos, mas não têm a coragem, eu era daquelas que não tinha estudos, mas gostava de fazer aquilo! Se eu visse uma animal ferido eu ia buscar linha e botava-me logo a coser para ver se o animal conseguia sobreviver. Este era o meu sonho, mas não deu.

Eu saí da minha patroa e passado pouco tempo fui trabalhar na fábrica⁷. Eu tinha treze anos. Na fábrica fizeram uma bancada muito pequenina para eu fazer a tinta. Eu fazia uma tintazita, mexia e ali estava. Eu ainda não tinha a idade que eles na altura vieram aqueles que não querem que as crianças trabalhem. Os patrões mandaram-me sair por uma porta. "Sai que depois a gente chama-te outra vez." E assim foi. Eu tinha 13 anos e era obrigatório termos 14.

Eu de manhã ia para a escola e à tarde ia ajudar na fábrica.

Eu repeti na terceira, que foi a mais difícil, porque lá em cima da serra eu tinha uma professora; vim para aqui, as coisas não eram iguais e tive outra. Daqui tive que ir para Sangalhos, e tive que vir, outra vez, para aqui. Quando voltei para a escola eu tive um professor que me levou à quarta. Na quarta não repeti, passei. Depois acabei a escola. Fiz a 4ª classe e então aí continuei a trabalhar lá.

Se eu fosse inteligente quando a professora dizia as coisas eu prestava atenção!

Talvez fosse o cansaço de trabalhar, porque eu tinha que dormir! A escola para mim era a última coisa, porque quantas vezes a minha mãe me dizia: "hoje não vais à escola porque tens que ir ao médico com um irmão ou fazer qualquer coisa. Para mim isto era festa porque eu não gostava de ir à escola, mas nunca fugi, eu ia sempre.

Nós, quando andávamos na escola, andávamos sabe Deus como!

Nós sabíamos que ela não podia fazer isso porque havia um director que se nós fizessemos queixa... Só que nós éramos sempre considerados as crianças mais ruins da escola, que não tínhamos disciplina. Entre as professoras éramos sempre os mais discriminados. Nós íamos para o fundo porque não andávamos bem calçados, porque não tínhamos boa roupa. Entre nós havia sempre duas carteiras vagas, para nós não nos misturarmos uns com os outros. Nós víamos sempre aquela coisa!

Quando fui para este professor já notava que era sentada como uma pessoa boa. Já não era tratada diferente.

Na 4ª classe tive um professor que chamava-se Carlos e era de Oliveira do Bairro. Ainda devo ter a fotografia onde estou eu e este professor! Este professor era bom, mas não era com todos. Não era bom para as minhas primas daqui, que andaram comigo na escola. Andavam lá os filhos dos ricos e naquela escola nós éramos obrigados a ter a bata branca. Talvez ele visse que eu era uma pessoa mais... e tentou ajudar. Ele era um professor jovem, que sabia dar as oportunidades.

Naquele tempo os professores vinham de fora fazer o exame. não eram os mesmos da escola. Ele me disse: "tu tens que conseguir, porque este exame que vais fazer vai-te ser muito preciso; um dia podes arranjar um trabalhinho melhor do que se não tiveres nenhum diploma, pelo menos a escola obrigatória..."

Era mesmo muito bom. Ele nunca me bateu. Havia professores que batiam muito se nós não sabíamos fazer as contas.

Houve uma professora que batia-me. Eu recordo que ela com a cana, batia, tanto que eu vinha com as pernas todas pisadas para casa! Recordo-me que com ela os filhos ricos, aqueles meninos, tinham que estar sempre à nossa frente, enquanto que nós os meninos pobres estávamos no fundo. Ela nunca nos chamava para vir ao quadro ou qualquer coisa. Mas eu também não queria ir ao quadro porque eu sabia que não sabia! Aqueles meninos é que estavam preparados para ir ao quadro. Quando eu ia ao quadro eu já sabia que ia toda pisada para casa.

Eu era pequenina, garota. ... e éramos muitos, havia muita criança pobre nesse tempo!

Quando eu andava na Escola aconteceu uma coisa que me marcou muito : a morte do meu irmão.⁸ Houve também houve o acidente com a minha irmã. Foi tudo um choque, na altura que eu vim da serra, lá de cima, cá para baixo. A vida começou a ficar negra para mim, mesmo. Foi um grande choque. Foi terrível.

Eu tinha 11 anos e ia para escola com ela. Ela era mais pequenina e eu tinha que a trazer. Vinha eu, ela e outra prima minha que tinha a mesma idade que eu.

Nós tínhamos que passar na estrada nacional nº 1 e ela em vez de parar na estrada atravessou. Vinha um carro de baixo e apanhou-a. Foi mesmo à nossa frente. Eu vi !

Ela ficou como morta e eu com medo de vir outro carro e a matar, puxei-a. Tirei o casaco, liguei à perna e trouxe-a para a beira da estrada. Então aí eu comecei a gritar muito, que chamassem a ambulância. Ainda hoje sinto aquele choque entre o carro e a pessoa.

Depois ela esteve em estado de coma e quando veio para casa eu não pude cuidar dela muito porque fui trabalhar para Sangalhos.. Quando eu voltei ela estava boa e depois foi ela para Lisboa para casa de uns tios .

Conheci o meu marido na escola. Ele andava numa sala e eu na outra.

À tardinha vínhamos todos, porque andavam lá mais crianças e as minhas primas.

Eu fui trabalhar na fábrica quando acabei a escola, tinha catorze anos. Ele também foi trabalhar ali para uma cerâmica. Íamos e vínhamos sempre os dois os dois. Fomos, assim, amigos desde pequenos. Tanto que os vizinhos, às vezes, diziam: “estes dois ainda hão-de casar.”

Ele é mais velho do que eu dois anos. Ele tinha já 16 porque só fez até à 3ª classe porque também tinha que ir para a escola de manhã e trabalhar à tarde ou, se ia para a escola à tarde tinha que trabalhar de manhã. Ele andava a varrer ali a fábrica... do Passadouro, uma fábrica de tijolo. A mãe dele andava a trabalhar e ele também lá andava a varrer com uma vassourazita e uma pá.

Nós éramos vizinhos e à noite quando acabávamos de trabalhar, então aí...Quando eu vim aqui para Aguada de Baixo para fazer os últimos dois anos ele também andava na escola, só que não era na mesma turma. Ele coitadinho, fez até à terceira.

Casei com 16 anos e sentia-me como uma princesa porque eu tinha um marido que eu amava e a minha mãe me fez um casamento! Talvez fosse eu a filha a quem ela fez o casamento mais lindo! Quem fez o vestido foi a Maria Helena. Paguei 12 contos pelo vestido, o que naquele tempo já era muito.

Eu e o meu marido ajudávamo-nos um ao outro.

⁸ O meu falecido irmão me dizia “Quando te casares eu quero que leves um véu muito grande que é para eu te segurar no véu.” Eu quando casei fiz aquilo que ele quis. Ele tinha ligação entre todos.

Fomos ali para aquele bairrozito pagar 2 contos de renda por mês, mas passado um ano comprámos um bocadinho de terreno que nos custou 50 contos. Depois começámos a construir a nossa casa. Devagarinho, devagarinho.

Quem trabalhava era eu mais o marido da minha irmã Camélia; foi ele quem nos fez a casa. Ele vinha do trabalho, fora de horas e nos ajudava. Construímos durante um ano e deitamos a placa! Tínhamos pessoas muito amigas e outras que eram amigas do meu pai que vinham nos ajudar à noite e ao sábado. Tivemos sempre muito apoio. Nós éramos só os dois a ganhar e não tínhamos muito dinheiro para pagar as vigas, o cimento a cada mês. Às vezes, por causa de pagar as coisitas, tínhamos que passar um bocadinho mais de dificuldade. Então em vez de comer um bocado de carne ou comermos um bolinho, não; como éramos só nós os dois, era mais rigoroso e tínhamos o comer à mesa.

Quando nasceu a minha filha, como já tínhamos a casita o meu marido não quis que eu continuasse. O meu marido disse: “enquanto a nossa filha for pequenita eu não quero que tu trabalhes. Quero que estejas com a nossa filha e lhe dês tudo o que for preciso.”

O meu marido trabalhava no Vale do Grou e à noite, fora de hora íamos fazer limpeza a uma máquina que trabalhava durante o dia. Ele fazia lá duas horas e eu outras duas horas. Eu fazia também limpeza no escritório onde ele trabalhava e ele estava comigo. Íamos sempre juntinhos.

Depois passado 5 anos o meu marido emigrou, em 1985, para a Suíça.

Aí foi outra vez outra grande tristeza para mim, meu Deus. Estava sempre cheia de tristeza. Porque eu fui uma pessoa, que tive muito “cambiamiento” na minha vida e quando eu estava a achar uma pessoa com quem eu tinha o meu amor e tudo... aquela pessoa, também tive que me separar dela em 85. O meu marido apanhou os papéis e para a Suíça não se pode levar a mulher. Ele arranjou os papéis e teve que ir ele. Para mim foi um choque, ter que deixar o meu marido e ele ir e eu ficar...

Depois eu fui tive que deixar a minha filha...

Foi outra tristeza. Tive que deixar a minha filha na senhora Cipriana.

A minha Cristiana aí tinha 8 anitos e tive que a deixar aí 2 anos, por causa de acabar a escola.

No primeiro ano fui trabalhar no cemitério porque lá era difícil arranjar trabalho. Nós temos que fazer horas ou fazer qualquer coisa. O meu marido trabalhava nos jardins e nas escadas e o patrão dele tinha trabalho num cemitério, lá fui, mas o cemitério lá não é como os nossos. Aquilo parece um jardim. Eu tinha que mudar flores, cortar a erva com uma máquina.

Depois comecei numa casa de limpezas, numa empresa de limpezas, mas eu queria trabalhar numa fábrica. Queria ter um ordenado certo e arranjei onde estou agora. Eu agora estou a trabalhar na electrónica. Passados 2 anos a minha filha fez a 4ª classe e foi ter connosco. A minha vida começou outra vez a andar bem, graças a Deus e continuamos a construir aqui a casa...

A escola lá é boa; é outro modo de ser. Eu não posso falar muito porque nós, os pais, só temos ligação com a escola quando vem qualquer coisa com reclamação, de que a aluna não foi boa, mas eu nunca fui chamada.

Depois a minha filha continuou a fazer a escola portuguesa até ao 9º ano. Tem o 5º ano da escola portuguesa.

A escola aqui era diferente

Aqui eu tinha contacto com a professora dela, Tanto que uma professora queria ficar com a minha filha aqui, mas ela não quis. Disse: “eu não fico com a professora todo o dia e não sei que mais. Ter que a aturar na escola e depois ainda ter que viver na casa dela. Não, eu não quero.” Não que ela não gostasse da escola, porque ela ainda hoje gosta.

Foi ela quem me disse que preferia ficar com a Cipriana.

A minha avó à noite vinha dormir para casa da Cipriana, para não deixar a minha filha sozinha. Ela vivia comigo desde que me casei e nasceu a minha filha. Ela deixou as terras e fez as divisões. Ela largou tudo e a minha filha esteve com a minha avó desde que nasceu.

A Cipriana era uma senhora mesmo boa e limpa.

A professora dizia sempre que a Cristiana ia sempre limpinha, que levava o pãozinho. Ela era de lá de cima da serra e eu comecei a ver que era uma pessoa muito limpa e que a minha filha tinha melhores possibilidades de ficar lá do que em casa dos meus pais. Para ficar em casa dos pais eu preferia não emigrar, preferia ficar. Lá havia muitos problemas. E eu para a minha filha queria qualquer coisa...

Em Sangalhos a senhora já tinha televisão só que não via porque tinha um rádio.

Ela fazia casacos, camisolas, todo o tipo de malha e quando estava trabalha ouvia o rádio. Eu lembro-me que estava a dar um romance que se chamava "Simplesmente Maria". Não me esqueço desse romance. Quando a minha mãe comprou televisão, eu tinha 14 anos.

Eu fui sempre uma pessoa que não tinha aquele à vontade com a minha mãe

A minha mãe estimulava só que, de mãe que era ela para filha, havia sempre aquele tabu. Aquela reservazinha! Nós não éramos muito abertas como eu sou agora para a minha filha. Eu sou o inverso. Tudo o que puder dizer eu falo, tanto que a minha filha para mim é "tu isto, tu aquilo". É mais...

Na fábrica nós trabalhamos em grupo.

É uma fábrica de electrónica e nós estamos todas a trabalhar nas mesas a montar motores que depois são colocados dentro de um computador. Nós temos bom contacto umas com as outras.

Às vezes sinto-me triste e digo: "não sei mesmo o que tenho da vida."

Mas eu tenho uma casa, lá também tenho um apartamento, graças a Deus. também estou a pagar por um apartamento, pago 1600 francos. É bom, tenho conforto. Tenho tudo. A minha filha anda a tirar o cursozinho que também é bom. O meu marido também trabalha. Eu gosto muito do meu trabalho, gosto mesmo muito do meu trabalho. Estou bem! Graças a Deus eu até estou bem de vida, mas não sei. Às vezes eu digo para elas: "tenho tudo, mas dentro de mim eu sei que falta qualquer coisa." Não sei se foi assim de eu ter tido uma infância descontrolada. Há qualquer coisa. Não me sinto satisfeita.

Eu gostava que a minha filha tivesse melhor.

Gostava que tivesse o curso acabadinho e tivesse sucesso. Arranjasse uma coisa de sucesso como trabalho dela, que se casasse e fosse feliz também. É só o que eu peço. Um bom pai... Para já lhe dei uma educação boa, tanto que ela tem 18 anos e em casa tudo o que eu lhe posso fazer, eu faço.

Eu sou contra a discriminação, não gosto.

Eu trabalho e ainda tenho certas coisas a fazer fora do meu trabalho, limpezas de escritórios e tudo. No escritório eu limpo o pó e o meu marido passa o aspirador. Se for preciso ele faz a comida enquanto eu estou a passar a ferro.

Ter emigrado abriu-nos muito os olhos. Vimos as coisas com outros olhos.

Acho que vai ser bom voltar, mas por outro lado vai ser difícil.

Quando voltar eu arranjo um trabalho. Preciso trabalhar por mais uns anitos porque ainda sou jovem e o meu marido também.

Vou tratar da minha terra porque eu gosto muito de animais porque fui habituada com a minha avó e sei fazer tudo no campo. Vou ter animais porque gosto muito.

Antes de ir para a Suíça eu já tinha os meus porquinhos, os meus pintos.

Eu ia para lá e falava com eles, aprendi com a minha avó, com a minha mãe. A minha mãe é uma pessoa que gosta muito da natureza. Porque para nós quem ama a natureza ama tudo. Uma pessoa se não amar a natureza não consegue amar as pessoas.

Temos uma árvore, se amarmos aquela árvore o nosso coração está aberto para amarmos seja lá o que for: para uma criança abandonada ou para dar uma ajudazinha a um pobre. Se uma pessoa só vê para a frente está errada e não tem ninguém porque só olha para aquele, ou diz eu tenho que fazer aquilo. A pessoa é infeliz.

Para educar os filhos é importante ter um contacto com os filhos, aquele contactozinho. A criança pode estar dentro da barriga e a mãe pode falar com ela. Mesmo que não a sinta, mas a falar com ela.

Compreender o marido também é uma coisa linda, mas deixar que o marido diga: "aqui quem manda sou eu" está errado!

Tem que ser os dois a dizer e fazer em conjunto. Se a criança nasce temos que a educar em conjunto.

Se uma mulher não sabe estar calada hoje e o marido lhe bate, da outra vez vai ser mais forte ainda. Chega a um certo ponto que aquela mulher não pode dizer nada porque tem medo! Então na primeira guerra tem que se dialogar, falar.

Ter uma amiga com quem possa falar é importante

Se eu tivesse um problema gostava de falar com uma amiga, nem que aquela amiga não me pudesse ajudar, mas pudesse compreender.

"Sabes, tens que fazer assim..."

Obrigá-los... não é obrigá-los, mas a terem limpeza.

"Antes de comer tens que lavar as mãos." De pequeninos, porque se não forem habituados de pequeninos, depois de grandes eles já não fazem ou se fazem, fazem tudo aldrabado e acabou. Uma mãe tem que começar é como que tem uma flor e tem gosto naquela flor.; todos os dias tem que a regar. Um filho é igual. Nasce e amanhã já se tem que mudar a fraldinha; vem o primeiro dentinho e depois começa a dar os primeiros passos.

Uma pessoa tem que ser mãe e ter ajuda do pai. É sempre bom porque a mãe também tem que trabalhar. E deve haver ao menos uma educadora que possa dar um carinho a estas crianças; há muitas que não sabem dar carinho. Estão ali só a ganhar o dinheiro e não sabem falar com a criança.

Uma criança não precisa estar só dentro de uma escola ou de um infantário.

Precisa estar em contacto com outras crianças e com a natureza. Ir a um jardim com animais. A criança tem que ser aberta por dentro. Elas de pequenas começam a ter aquela qualidade de comunicar com outras crianças, brincar com outras crianças.

Um filho que chega a casa e vai ligar o computador e a televisão, aquela criança é só é aquilo para ela. Só vive para aquilo.

"Olha aquela é filha de um juiz enquanto tu és filha de uma operária." Não!

Não se pode dizer "aquele é negro, não podes brincar com ele porque és branco." Não! Está totalmente errado, uma criança tem que começar desde pequena a contactar com aquela criancinha de cor porque ela vai amar aquela criancinha de cor como ama o seu... um branco. Se a minha filha for criada num ambiente mais aberto ela tanto quer a uma criança de cor como outra, é igual. Mas há crianças que não.

No meu ponto de vista está mal. Se fosse eu a educadora não. Tinha que educar aquela criancinha desde os primeiros meses a lidar com cor...

Para criar amor e paz e não haja racismo. Mesmo o cigano, eu considero o cigano como pessoa. Somos todos seres humanos o nosso sangue é todo igual, só o grupo de sangue é que é diferente o resto é igual. Portanto, nós temos que ter amor por tudo. Amor!

Como eu sou de uma família pobre...

Na escola devia haver tratamento igual. Tanto direito para uma como para outra criança. Mas a realidade é outra coisa. Devia haver contacto com todas as crianças e não haver discriminação: "tu és filho de rico e vais para a universidade e tu és filho de pobre vais trabalhar para uma fábrica."

Ainda há muitas criancinhas pobres e devia ser obrigatório em todas as escolas de Portugal dar uma alimentaçãozinha a criança. Na escola fui obrigada a ter a comida ao meio dia e isto ajuda muito. Há muitas crianças que vão sem comer para a escola. Pelo menos um pão e um copo de leite quentinho. Não devia ser leite achocolatado; ntempo da minha filha havia desse leite e eu acho isso um horror! As crianças todas gostam de chocolate, até eu que sou adulta! Mas faz melhor um copo de leite natural e um pão com manteiga. Já nem falo em queijo, vamos ao obrigatório. Devia ser não só para aqui, mas todo o Portugal porque se há aquele que não precisa, há aquele que precisa. Se tiverem que entrar de manhã, aquele pequeno almoço vai melhor.

Há muitos pobres que são mais inteligentes do que certos ricos que andam lá, têm anos e não conseguem ser doutores e outros que não podem porque não podem pagar. O Estado devia ajudar e procurar saber!

Por exemplo, a criança é pobre ou rica ou o que for, mas se tem aquelas notas na escola, deviam ir analisar se aquela pessoa podia ir avante e se a família pode.

Se vissem que a criança tinha possibilidades deviam pagar-lhe os estudos. Não é pagar hotéis, mas é o distrito ter uma casa ou um quarto disponível onde pudesse acolher este estudante. O Estado podia ajudar. Aquela criança já era mais protegida, já tinha um a família, tinha tudo

A Droga

Começa, às vezes, por uma brincadeira entre amigos, depois começa a aprofundar mais. Com certas pessoas é assim. Aqui em Portugal não sei porque não estamos aqui o ano todo, quando a gente vem é só três semanas, no máximo 4. Não dá para contactar, mas sou emigrante na Suíça e vi lá certas coisas que doem mesmo.

Lá é um país que agora está melhor, mas você ia dar um passeio e via uma pessoa a injectar-se. Às vezes ela não tinha de comer, coitadinhos e há certas pessoas que dizem: "se fosse eu punha-os todos a trabalhar!" Mas não é justo.

Não viam que são pessoas doentes. Sendo eles doentes deviam ter casas onde pudessem fazer aquilo, porque chega a certo ponto que não podem viver sem aquilo. Na Suíça há pessoas que quando já não podem o Estado ajuda. Dá seringas e acho que dá uma dose ou qualquer coisa por... Se tiverem uma casa onde possam tomar um banho.

A melhor coisa que podemos fazer quando temos filhos é tentar dar o melhor... esclarecimento. Eu falo à minha filha desses sítios onde eles, com os próprios olhos, possam ver a infelicidade dos outros. Quando havia uma reportagem sobre qualquer sida e tudo... na televisão e isso eu dizia: "Cristiana, anda ver isto. É preciso ter muito cuidado. Essa doença depois da droga, olha o que vem trazer."

Lá na Suíça os jovens estão mais bem informados do que estão aqui.

Se nós temos um doente seropositivo... há reportagens para as crianças que andam na escola. O melhor que podemos fazer é ir no jardim onde eles estão e começar a ver como é que estão a viver, em que condições vivem. Eu tentei levar sempre a minha filha, a melhor coisa que nós podemos fazer é ver.

Na Suíça já há casas degradadas que o Estado está a renovar para essas pessoas. Pelo menos têm uma refeição por dia, têm onde dormir e têm protecção de saúde. Tornar-se mais protector do que se andarem a drogar por um canto, porque eles podem deixar uma seringa

contagiada e uma pessoas vai a passear e pronto. Enquanto estão naquele canto não, é reservado para eles. As pessoas podiam ajudar os seropositivos, que estão doentes. Há pessoas que dizem: "aquele tem a sida, não lhe posso dar de comer. "Está totalmente errado!

Eu estou no estrangeiro e tenho que regressar, mas se encontrasse um hospital onde essas crianças estivessem eu gostava de trabalhar aí, porque essas pessoas precisam de carinho, de uma palavra amiga, não que digam: "tu és um drogado ou aquilo, és um seropositivo." Se eles não conseguem dar banho precisam de uma pessoa que lhe dê banho, mesmo que o corpo... Não é dar-lhe um bocadinho de pão ou assim que eles vão fazer...

Pelo que eu vejo na televisão aqui em Portugal ainda está um pouquinho...

Há dias deu uma reportagem de uma criança que é seropositiva, na escola, aquilo chocou-me muito. Aquilo é uma coisa que me surpreende. Aquela criança seropositiva tem tanto direito como tem a minha de ir à escola. Não é a brincar com os colegas ou estar na escola que isso se vai contaminar.

Aí há pouca comunicação entre as pessoas, entre todos.

A televisão abre os olhos a muita gente, mas também é preciso que nós percebamos um pouco da televisão. Não é a gente vá ver televisão e se interesse só por novelas. Aí está totalmente errado... Aqui em Portugal há uma coisa que não está boa. Há muita novela brasileira! Está bem que haja novela brasileira, mas é um exagero! Mas não, liga-se a televisão e é novela de manhã, ao meio-dia ...

Podia haver mais coisas sobre a realidade, sobre o que se passa, o dia a dia., para certas mães aprenderem a lidar com os filhos; as educadoras que viessem falar à televisão. A melhor coisa que está na televisão são essas crónicas sobre as criancinhas abandonadas que estão a precisar de hospitais e tudo. O telejornal para mim também é uma coisa muito boa, ainda é a coisa que pode a ver porque nós vimos tudo o que se passa em toda a parte do mundo.

Como eu fui criada, assim, num ambiente em que há amo não havia aquela

Como uma hipótese a \mathcal{R} , tem... sabe lidar com coisas que nós não sabemos... Eu sei lidar com outros amores ou com outras coisas. A \mathcal{R} é estudada, sabe dizer as coisas. Se eu se sei dizer qualquer coisa é com o meu coração ou com coisas que eu aprendo na televisão, É totalmente diferente! A escola lhe ensinou o que me ensinou a mim, só que a \mathcal{R} aprende... tem outra educação, mas os seus pais também já têm outra educação que não tive eu, portanto... Lê muito, estuda muito. É capaz de agarrar numa crónica, num livro e ler. Faz muito bem ler. As vezes o nosso modo de ser também tem muito...

Uma coisa que está muito mal na Suíça é que não há livros portugueses.

Isso é mesmo mal. Eu adoro ler. As coisas que eu gostava mesmo era a história de Portugal. Na escola era a coisa que eu gostava mesmo. Adorava! Eu ainda hoje se entrar numa casa, pode ter só um prato, mas se aquele parto for velho, velho quase a cair eu dou mais interesse àquele parto do que a uma peça de ouro.

Se um dia o meu marido me oferecesse seis ou sete milhões de contos para mim era igual! Para que é que eu queria aquilo?

Era mais feliz se ele me oferecesse o verdadeiro amor dele do que aquilo tudo.

Eu gostava que os meus irmãos pudessem estar tão bem como eu, mas às vezes parece-me, também, que eles não têm força de vontade. Eles puxam pouquinho.

Eu gostava de ser avó, mas se a minha ficar na Suíça...

Eu agora já posso fazer a minha vida. Está lá a minha filha.

Eu não pude dar carinho à minha avó quando ela mais precisou, mas quando eu vier... Todo o mundo repara nisso, mesmo que se seja muito pobrezinho, ninguém repara neles. Há qualquer coisa... Eles gosta muito de falar, de poderem...

Eu quero vir, mas vou sentir falta dela e de tudo e da minha casa de lá também

Quando eu saio de lá começo a chorar porque deixo a casa de lá, porque agora tenho um apartamento. Quando eu venho para aqui tenho sempre aquela esperança que um dia vou regressar.

Quando a Cristiana casar eu acho que vou ficar outra vez naquela coisa que... da separação.

A minha filha para mim também é tudo. Tenho o meu marido, mas tenho aquela coisa de sofrer. Não quero pensar nisso. Prefiro... Se ficasse na Suíça resolvia o problema.

O que me prende aqui é casa. Eu aqui tenho tudo, enquanto lá nós vivemos num mundo fechado.

As pessoas nasceram fechadas, então, elas nunca se conseguem abrir. Aqui temos os amigos e tudo e lá não. Isso é muito importante.

Lá não temos liberdade porque estamos muito habituados a um modo de viver. Aqui nós vamos aqui e ali e há aquela expressão de liberdade. Uma pessoa pode falar. É isso. Estou contente por estar aqui neste momento. Eu já faço dois dias de viagem para cá e dois dias para lá, eu deixo-me estar sempre no meu cantinho

Penso que a minha irmã tinha um marido que não soube fazer a mulher. Ela gostava muito de ver televisão. Ela era muito trabalhadeira, dizia sempre que estava na hora de fazer isto e fazer aquilo. Houve muito desentendimento entre um e o outro. Entre nós houve também sempre aquela barreira entre irmãs. Ela saiu daqui e tem outra maneira de ser e tudo o mais.

Ela deve ficar em Luxemburgo se lá tiver uma vida linda e se ela se sente feliz lá...

A minha outra irmã é uma mulher do dia-a-dia; ela é diferente tem um filho e tem que lhe dar o peito. Eu própria tenho orgulho de ser mulher, de ser mãe. Ela tem que ter consciência dela própria para poder.. ser mulher hoje em dia... tem que saber ser mulher.

Anexo 4

**Relato autobiográfico da Camélia
(1964-)**

Seis entrevistas realizadas entre os anos de 1999 e 2001 em Águeda e no
Luxemburgo

Relato Autobiográfico da Camélia (Nascida em 1964)

*A minha vida lembro-me, por exemplo... desde que eu parti uma perna
.... na fábrica da cortiça.... tinha 7 anos e vinha a vir da escola ...*

A minha mãe não me pôde criar mandou-me para a minha avó e eu fui..

Ela teve um acidente onde trabalhava, na coisa de moer casco. Ela ficou com o pé entalado no moinho da casca e foi para o hospital. Esteve 2 anos fora.

A minha avó morava aqui em baixo e eu morava com ela , com o meu avô, com os meus tios e com o meu pai também. Os meus tios trabalhavam nas terras e numa fábrica de tijolo; trabalhavam todos menos o meu pai que nunca quis trabalho.. O meu avô trabalhava com as ovelhas: andava com elas. A minha avó andava a tomar conta de ovelhas, tratava da vida da casa. A minha tia trabalhava no tijolo e tinha duas filhas.

Eu tinha um ano e pouco e a minha prima Laurinda ficava a cuidar de mim. Ela era mais velha do que a minha irmã 3 anos¹. Naquele tempo não se ganhava para dar a uma ama e nós tínhamos que ficar sozinhos. Como eu às vezes ficava sozinha e fazia as minha asneiras - porque as crianças não gostam de ficar sozinhas - e a minha tia começou a implicar, até que tive que ir para casa da minha mãe até ir para Lisboa.

Acho que eu passava o tempo na canastra e as vezes passava muita fome porque naquele tempo era miséria. Eu chorava e a minha avó não me dava nada, mas o meu pai tinha três irmãos e eles às vezes levavam lá um bocadinho de pão com um bocadinho de carne e pegavam-me ao colo e tudo.

Eu muitas vezes passeava com a minha avó até as ovelhas. Eu gostava de lá andar com ela, ela falava para mim, Lembro que a minha avó era magra. Começava a contar anedotas e coisas de bruxas. Dizia que as bruxas vinham cá papar crianças e traziam um raminho. Essas coisas assim, coisas dela. Contava histórias à gente, vidas que se tinham passado com ela na pobreza. Outras vezes ela contava que também sofria muito com os pais que lhe batiam. Às vezes a gente sentava-se a ouvi-la. Quem é que não gosta de ouvir umas histórias. Ainda agora gosto de ouvir.

Acho que esta minha avó² nunca gostou de mim porque depois deixou de me ligar. Eu estava ali como se fosse filha dela mas ela gostou mais das minhas primas; dava-lhes tudo até ouro e a mim nunca me deu nada.. Eu até lhe perguntei porque , se eu fui criada com ela. Ela morreu era nova, tinha 50 e poucos anos; morreu com um líquido que ela tinha que tirar por um cano..

Lembro também do meu falecido avô. Primeiro aquilo era tudo campos e ele andava com uma bengalazinha. Ele andava a passear sempre comigo agarrado à minha mão; andava comigo de mão dada. Eu andava com as ovelhas e com o meu avô e ele lá me dava um rebuçadinho. Eu gostava muito dele e ele gostava muito de mim. Ele ligava-me mais. Ele morreu era eu pequenina, tinha uns 8 ou 9 anos. Uma vez lhe deu um ataque do coração e ele ficou logo; morreu sem dores nenhuma³. Ele já tinha 70 e tal anos.. Depois deixei de lá ir.

¹ Tinha nesta idade 5 anos

² A outra minha avó, primeiro, também não gostava de mim. Não me gramava! A outra avó - Ela gostava muito da minha irmã, mas de mim não. Eu falava para a minha avó e tudo e ela virava costas. Só de há um tempo para cá, há mais ou menos 3 anos, é que começou a gostar de mim. Quando cá vinha passar férias eu a via, mas com essa avó não tive muito contacto. E desse meu avô não me lembro. Acho que ele morreu de acidente, não sei.

³ Em outra entrevista contradiz-se dizendo "o meu avô morreu a chamar por mim".

Ao fim de 2 anos mandaram a minha mãe para casa. Ficou sarada foi buscar a gente.

Ela disse que quando veio eu tive que ir ao médico porque não andava, nem nada. Ele deu-me medicamentos e a minha mãe começou a puxar por mim. Ela tinha a perna cheia de gesso e eu era pequenina.

A minha mãe diz que eu não caminhava e que estava sempre numa canastra toda suja, cheia de bichos porque fazia lá as minhas necessidades! Eu nunca caminhava e que sempre sentada ali ficava entrevada, eu nem me mexia! A minha mãe lá me puxou para eu caminhar, aos poucochinhos e habituou-me a chamar e a dizer pão. Quem me educou então foram os meus pais!

Eu lembro que primeiro não queria a minha mãe Eu gostava muito da minha avó porque para mim era como se fosse uma mãe. Eu pensava que ela era a minha mãe porque foi ela quem me criou de pequenina. Aos 5 anos comecei a querer ir a casa da minha avó.

Quando vim para a casa da minha mãe ela só tinha a minha irmã; só depois é a minha mãe que começou a ter os filhos: teve o meu irmão mais velho, teve o outro ... teve a minha irmã e depois outra. Primeiro eu não tinha irmãos, mas a minha mãe fez o Mário e nós começámos a cuidar deles.

Eu e a Ana sempre nos demos bem e sempre fomos amigas. Nós estivemos separadas em pequeninas e ainda me lembro de dizerem esta é a mana; eu ficava a olhar para ela muito séria, mas daí começámos a brincar. Nós apanhávamos aquelas pedrinhas pequeninas e ficávamos as duas a fazer casinhas, a fazer que eram as ovelhas, que eram as casa, as terrinhas. Quando a minha irmã começou a ir para a primeira classe eu ficava sozinha em casa. Era a gente pequenina.

Mais tarde brincávamos com os irmãos mais novos e com crianças ao pé da casa da minha mãe, lá no bairro. Brincávamos por lá às casinhas e aos burrinhos, com pedrinhas. Naquele tempo não havia brinquedos, mas a gente brincava. Brincávamos todos juntos. Nós entendíamos uns aos outros⁴ e eles às vezes brincavam às casinhas e tudo A vida era a assim!

Nós passámos muita fome⁵.

Houve um tempo que era a minha mãe sozinha a trabalhar e o dinheiro não chegava para comer. Naquele tempo ganhava-se poucochinho; ganhar para uma casa era difícil. A gente queria comer e não tinha. Muitas vezes tínhamos que ir buscar batatas à terra para comer. Houve uma pessoa para quem eu ia lavar a roupa que nos matou muito a fome! A gente ia para lá trabalhar e ela dava-nos aquela carne gorda, aparas para pôr num bocado de pão e assim.

Quando a minha mãe veio do hospital ainda esteve um tempo desempregada ; o médico disse que não estava boa para ir trabalhar. A minha mãe não podia e o meu pai queria passear e não ajudava. Para aquilo que ela podia, ela trabalhou muito.

⁴ Em pequenitos a gente nunca se zangou, nunca discutimos, nem nada. Fomos uns irmãos que fomos sempre unidos. Éramos sempre amigos. Só de grandes é que há, às vezes, umas discussões. Às vezes a gente zanga-se por coisas de nada. Mas nós tivemos um irmão que morreu quando eu estava em Lisboa..

⁵ A minha mãe de vez em quando fazia festa. A minha mãe, coitadinha, o que pudesse arranjar arranjava. Lá matava uma galinha, um coelhito e lá fazia para a gente. Ficava toda satisfeita! **Na Páscoa** tínhamos sempre uns doces. A minha mãe comprava amêndoas e aqueles doces da Páscoa. Ela às vezes fazia. Era assim. **No Natal** - lembro-me que havia aquele... **muito pão**. O meu pai trazia-os e era para dividir ali. Nós púnhamos lá o sapatinho e pensávamos que vinha o pai Natal e que metia lá o pão. A minha mãe dava-nos sempre uns rebuçaditos. Pronto ela ficava toda contente e nós também. A gente, como era normal, *víamos aquelas criancinhas com melhores coisas*. Eu gostava de ter o que eles tinham também, mas não podia. Na vizinhança umas ganhavam, outras não!

Enquanto a minha mãe trabalhou numa fábrica de tijolo nós tínhamos que ir para lá ajudá-la a “acartar” tijolo para carregar carros. Nós às vezes até trabalhávamos mais do que o horário normal mas às vezes brincávamos.

Havia muita gente que levava os filhos lá para o trabalho e os filhos trabalhavam também. Os bebês ficavam nas canastras e os outros ajudavam a ganhar. Quem cuidava dos três irmãos mais novos era eu e a minha irmã mais velha. A gente cuidava mas também, coitadinhas, nós queríamos era brincar! A nossa vida não era para brincar, a nossa vida era mais para trabalhar. Em nossa casa trabalhávamos muito. Nós não gozávamos!

A minha mãe também tinha animais e nós íamos para os campos apanhar erva.

A minha mãe sempre teve terras alugadas e sempre gostou de animais. Éramos pequenas quando a gente começou a andar nos campos. Ela levava-nos dentro de uma canastra e nós estávamos ali. Conforme fomos crescendo fomos ajudando. Nós íamos com ela e assim a nossa vida foi sempre a trabalhar.

Depois ela começou nova a trabalhar na fábrica de mosaico e nós tínhamos que ajudar em casa para ela poder andar lá. Eu era pequena quando íamos lavar roupa para os rios.

Ela teve os meus irmãos e a gente tinha que ajudar. Depois ela ia para o trabalho e a gente ficava a cuidar deles. Naquele tempo não havia amas e a minha mãe era sozinha e para ganhar para os filhos todos...

A minha mãe teve que vender umas ovelhas quando comprou esta casa. A minha irmã teria uns 10 anos e eu uns 8 anos. A casa era com o chão de terra, eram só as paredes. A minha mãe andava lá fartinha de trabalhar e quando a gente vinha ela queria que a gente ajudasse a pôr o mosaico no chão.. Ela dizia assim: “chega ali aquele coisinho que eu dou-te um rebuçado .. quando estiver tudo acartado eu dou-vos rebuçados”. , mas não dava nada, porque ela não tinha; como nós não víamos os rebuçados, chorávamos. A gente era novita!

Quando a minha irmã mais nova nasceu a minha mãe andou a trabalhar até à última, depois deu-lhe uma dor e ela veio para casa. Nós vimo-la a nascer! A minha mãe mandou-nos preparar a água, as mantas e tudo. F foi para o quarto e ficou lá com as dores. Ela teve ali a criança sozinha e pôs-lhe a água e tudo! Eu e as minhas duas irmãs estávamos lá em casa, o meu pai não. Ele era assim.

A minha mãe se fartou de trabalhar na fábrica e tinha que ir ainda trabalhar para as terras sozinha.. Ela sofreu muito. Sofreu muito, a gente via. Ela guardava muitas coisas para ela. Só quando nós começávamos a crescer mais, a ser mais mulheres, quando tínhamos nove anos, nove anos e pouco é que ela começou a abrir-se mais com a gente.

A Escola

Eu só tive uma professora e ia para a escola levar porrada, porque não sabia certas coisas. Eu fui sempre burra nos mapas e ainda hoje sou! Eu lia agora uma lição, caía na cabeça e não era preciso voltar a pôr o livro à minha frente. Eu sabia tudo de cor, mas os ditados e os mapas não! A minha professora ficava admirada. Mas eu gostava muito, muito de matemática. Ainda hoje a minha filha não sabe fazer aquelas contas de dividir e sou eu que mostro! Ela diz "A gente na escola não faz isso."

Eu com 7 anos, parti a perna a vir da escola, por isso é que atrasei muito.

Eu fiz a 4ª classe com 14 anos. Eu fui para o hospital em Águeda quase por um ano.

Eu vinha da escola na minha mão e vem um carro bêbado e apanha-me. Ainda aleijou um bocado a uma colega, mas eu é que fiquei mesmo à frente do carro. Eu parti a perna, as costelas e a cabeça atrás. Ainda lembro do carro que me atropelou e de estar no hospital. Lá havia médicos e enfermeiras e eu cada vez via caras mais diferentes; havia lá muitas crianças. Lembro de andar lá aos saltos!

A minha mãe ia lá ver-me e foi-me lá buscar. Nós vimos de camioneta até Aguada de Baixo, ao pé da escola. Foi então que a minha mãe viu que, com a perna assim, não me podia trazer de qualquer maneira. Cheguei a casa e a minha mãe pôs-me o pé no chão, mas quem é que dizia que eu queria estar parada!? Até agora entorto um bocado a perna a caminhar. Fiquei com aquele jeito de caminhar com a perna um bocado de lado. Eu tive que aprender a andar porque arrastava a perna e foi a minha tia quem me ensinou.

Quando passou a coisa da perna, toda a gente trabalhava, então eu deixei mais isso da escola

Nunca me puxou ir para a escola. Puxava-me mais para trabalhar. Desde os 8 anos que trabalhei em casa

A minha mãe, coitada, deixava o comer já meio feito e a gente tinha que fazer o comer. A gente era pequenina, mas tinha que fazer o comer porque ela andava a trabalhar. Uma vez saímos em vez de fazer o comer e a minha mãe chegou a casa e deu-nos uma surra! Ela também deixava a roupa para lavar. Lá ia gente lá para o rêgo; tínhamos que lavar aqueles cobertores da cama e tudo. Fomos crescendo, a nossa vida foi crescendo e era sempre a mesma coisa. A minha mãe tinha gado, nós íamos apanhar erva e íamos para as terras. Era sempre a trabalhar.

Os meus irmãos não ajudavam porque eram homens. Eles ainda eram pequenos os meus irmãos. Quando começaram a crescer eles iam com a minha mãe para as terras e a gente ia limpar a casa e lavar as roupas. Eu mais a minha irmã íamos para o rio lavar a roupa. Agora já há tanques lá, mas primeiro era no rio.

Eu faltava muita vez à escola porque andava sempre num lado e no outro, mas eu ia sempre para a escola contente.

Eu quando ia para a escola era sinal que aqui em casa não ia fazer nada. Se eu não fosse à escola fartava-me de trabalhar. É que eu vinha da escola e tinha que trabalhar e aquele tempinho que estava na escola não trabalhava.

Eu tinha 12 anos quando fui para Lisboa, tratar de uns tios.

O meu tio trabalhava numa fábrica de barcos e a minha tia fazia costura para fora, ela faz roupas de bebês, cortinados e tudo. Como eles não tinham filhos, a minha tia estava sozinha e precisava de companhia. Antes de ir já convivía com eles porque quando nos vinham visitar, eles ficavam na nossa casa. Quando eu tinha quase 12 anos eles pediram à minha mãe que me deixasse ir e ela deixou. Eu também fui para lá para ver se tinha uma vida

melhor. Eu quis sair daqui porque a gente andava fartinha de trabalho aqui, nas terras e tudo, e era sempre uma miséria. Eu pensava que ia bem. Os meus tios não tem filhos e têm tanto⁶!

Estive lá 3 anos até que a minha irmã casou e a minha mãe precisou de mim para vir acabar a casa. Ela telefonava à minha tia dizia que não tinha ninguém para tratar das coisas. Como ela estava sozinha e tinha os meus irmãos eu disse à minha tia que era melhor eu vir embora Tinha eu 14 anos.

Mas eu também fartei-me de estar lá, porque lá também passava fome. Eu só comia um bocadinho de sopa, um pratinho. O meu tio estava sempre a apanhar as migalhas do chão e quando eu deixava cair alguma ele já me estava a bater. Eu disse então: "para levar porrada levo dos meus pais". Quando telefonei para a minha mãe me ir lá buscar e porque eu não queria estar lá ela perguntou porquê e eu expliquei. A disse então "Não! para bater estou cá eu!"

Eu estava ali como uma prisioneira Eu vinha da escola e era como se fizesse continência ao meu tio. Se eu queria conversar com a minha colega tinha que vir a correr para ele não me ver. Eu não saía de casa. Ele vinha do trabalho e a hora de dormir começava a discutir comigo. Eu não podia mexer na televisão nem nada.

A minha tia sempre me adorou⁷ e sabe muito bem porque eu vim-me embora... Eu estava lá como se fosse filha dela. A ela custou quando eu me vim embora porque ela gostava muito de se ver comigo. O meu tio era muito mau para ela; ela contava que ele lhe batia, que sofria muito e eles andavam sempre a discutir.⁸

Eu comecei a estudar lá em Lisboa.⁹

Lá eu estava habituada a ir para a escola e tinha bons amigos. Eu tinha tempo para fazer os deveres de casa e os meus tios explicavam-me. Os meus tios eram ricos! Eles ensinavam.

Quando cheguei lá eu mal sabia a escrever o meu nome. Estudei lá 3 anos e gostava mais da escola lá.

As professoras eram mais meigas Ensinavam mais coisas às alunas. Eu sempre lhes disse "não me metam nos mapas, porque eu não entendo nada, é a única coisa que eu não aprendo". E elas compreenderam e quando me punham nos mapas, já sabiam que eu não ia lá. Foi lá que eu tirei o meu diploma da 4ª classe.

Lá eu só ia para a escola e para casa. Em casa eu fazia limpeza; era normal fazer limpeza à casa, mas nunca trabalhei em nenhum lado. A minha tia trabalhava na costura., às vezes eu ia entregar-lhe os trabalhos da costura e limpava-lhe a casa. A comida era ela que fazia. Eu vinha da escola e ajudava: às vezes ajudava na costura ou a cortar as linhas.

Aprendi matemática e a ler. Eu gostava muito de matemática. Ainda hoje gosto.

Não sei se a vida seria melhor ou pior se eu não tivesse ido a escola mas alguma coisa a gente aprendeu na escola que foi útil. Lembro de ir a excursões e de levarmos um caderno para apontarmos as flores, dizer como é que nasciam as plantas; depois chegávamos a casa e tínhamos que escrever.

⁶ Tem três casas alugadas, terrenos, pinhais e um casarão.

⁷ A minha tia não gostava que eu viesse embora, ela adora-me! Ainda ontem telefonei-lhe a desejar-lhe bom Natal. Ela é uma doida por mim. Ela queria que eu fosse lá agora, mas no Inverno não dá. Vou lá pelo Verão.

⁸ Uma vez vim da escola e ele agarrou numa laranja e atirou-lha contra a cara; pisou-lhe logo a cara da toda. Ele era reformado e andava sempre com a vassoura às costas, dizia que era para matar os ratos; vinha cá para fora e andava de trás para a frente.

⁹ Eu já não me lembro de tanta coisa! Já não me lembro de muita coisa.

Na escola havia livros com desenhos e tinha livros para ler e coisas de soletrar. Eu lia histórias, lia livros da escola. Eu antes lia as coisas da escola e tudo. Hoje não tenho paciência para escrever. Uma pessoa vai de trabalhar e vai com a cabeça cheia, não dá. Vai para casa e ainda tem que fazer a nossa vida e tudo

A minha mãe punha sempre as filhas a trabalhar e dizia "casamento, apartamento". A minha irmã também só fez a 4ª classe. Os rapazes foram mais respeitados, mais acarinhados; as raparigas foram mais sacrificadas. A gente não tinha vagar para estar a estudar. Era lavar roupas, ajudar os meus pais e ainda íamos para as terras. Sempre tivemos que trabalhar. Mas eu também não fui pessoa que liquei muito à escola. Acho que se a pessoa tem um modo para aprender vá, mas se não tiver memória!? Eu não sei se tenho memória! Só tirei a 4ª classe. Se tivesse memória não estava a trabalhar no serviço em que eu estou.

Quando vim para cá comecei a trabalhar Tinha 14 anos.

Eu trabalhava com a minha mãe na fábrica de mosaicos, até começar a trabalhar na fábrica de tijolo. Eu primeiro trabalhava para o mosaico ao pé da minha mãe. Eu recebia 15 contos e os dava à minha mãe. Eu estava a receber pouco, eles nunca mais me aumentavam. Estive assim 2 anos, depois fui para o tijolo mais o meu ex-marido; estava lá a tirar tijolo mais ele.

Passado algum um tempo comecei a namorar.

Naquela altura eu gostava de um rapaz com quem a minha mãe não me deixava namorar¹⁰. A minha mãe não queria, porque queria que eu namorasse com o homem com quem me casei. Ela gostava do meu marido e batia-me para eu ficar com ele, mas eu tinha outro rapaz.

Ele era mais velho do que eu 8 anos e era muito meiguinho. Eu conheci-o através das minhas primas. A gente andava a trabalhar e as minhas primas chamaram-no e mo apresentaram. Depois começámos a falar. A gente combinava de se encontrar e encontrávamos muito em casa delas; pouco a pouco começámos a gostar um do outro.

Uma vez a minha mãe foi atrás de mim e viu-me a falar com ele. Ele disse que gostava muito de mim, que não me fazia mal à sua filha, que não me tocava, só se um dia se cassasse comigo, e seria no dia do casamento. A minha mãe disse-lhe que não e bateu-me com um graveto dos pinheiros à frente dele e disse que não queria mais falar com ele.

Eu já tinha corpo de mulher mas ele nunca me tocou, nunca me deu um beijo. Não é preciso a gente beijar-se para gostar de um homem. Eu gostava de me casar com aquele rapaz. Ele está na Suíça e hoje eu podia estar bem, podia estar uma mulher carregada de dinheiro. Mas ele agora tem a vida dele, é casado e tem que olhar pelas meninas. Eu tenho a minha vida também. Nunca o esqueci; eu posso gostar deste e daquele, mas o primeiro amor nunca se esquece.

Juntei-me aos 15 anos e fiquei grávida. Tive o meu filho aos 16 anos, no dia que me casei, em 1980.

¹⁰ Acho que a minha mãe nunca gostou de mim, agora é que está a começar... Eu sofri muito com ela. Mas isto é aqui entre nós. Eu não quero que a minha mãe saiba; eu não quero... ela é minha mãe. A minha mãe não deixou namorar porque queria fazer os casamentos às filhas. Ela fez o casamento à uma irmã e tentou fazer o casamento à outra, que está na Suíça, mas ela enfrentou... A minha irmã era mais viva e casou com o homem que gostava. A minha mãe queria que ela casasse com um homem rico que ia lá levar cimento à fábrica.. Ainda lembro da minha mãe querer atirar com uma cadeira à minha irmã, mas ela foi sempre mais dura do que eu e a enfrentou. Hoje está bem. Eu sou uma pessoa que não gosto de barulhos. Sou muito calma. Sou diferente dos meus irmãos, não consigo ver ninguém a discutir nem nada. Sou assim, boa demais.

Conheci o meu ex-marido em casa dos meus pais tinha catorze anos.¹¹

Ele veio do Douro para a fábrica de tijolo onde a minha mãe trabalhava. O meu pai ia tratar de coisas lá na fábrica e soube que ele sabia de obras. O meu ex-marido disse ao meu pai que percebia de tudo, electricidade, gás, cimentar, pôr gesso.

Entretanto a minha mãe mandou o meu pai arranjar a nossa casa, que era muito velha. O meu pai aí contratou-o. Ele saía da fábrica e vinha para cá trabalhar, arranjar a casa; ele vivia na fábrica mas o meu pai arranjou-lhe um quarto. Ele então veio morar aqui em casa e nunca mais me largou.

Eu conheci-o antes, na casa dos meus tios. Nós andávamos a ceifar aquela erva grande para o gado e fomos carregar uma carroça de bois. Ele foi também e começámos a ter confiança, mas era como amigos! Um dia ele pediu-me para ir lá ajudá-lo a carregar uma carrada de erva num Domingo. Ele pagou-me alguma coisa, de graça não era!

Lembro-me ainda que ele estava encostado num poço e começou a falar para mim; eu comecei a falar também. Eu tinha 14 anos e disse eu gosto de ti como amizade, mais nada. Para ter alguma coisa contigo eu não gosto. Foi quando ele começou a fazer queixas à minha mãe e ela começou a puxar-me para ele. Ele andava sempre a meter coisas na cabeça da minha mãe¹². Ele ficava a olhar para mim e a minha mãe começou a dizer para ele casar comigo. Ele começou a agarrar-se a mim, mas eu estava sempre a discutir com ele. Quando uma pessoa não gosta, não gosta!

Um dia perguntei a minha mãe para que ela me puxava para ele. Ela disse que eu tinha que namorar e arreliou-me muito. Eu dizia que não o queria e ela dizia que tinha que ser.

Juntei-me porque estava saturada de andar sempre a discutir. Eu era nova e não tinha pensar.

Uma vez ele deixou a minha mãe ir para a cama. Eu levantei-me e fui ter com ele ao quarto, mas ele nem me tocou nem nada! Eu fui lá para dizer que eu não queria nada com ele e para me deixar em paz. Eu não podia dizer nada à frente da minha mãe, porque ela começava a discutir. A minha mãe não me viu na cama e foi ter comigo ao quarto dele. Eu até estava encostada a uma parede a explicar-lhe as coisas, mas ela começou a por - me uma má fama. Ele negou que me tinha tocado e disse que eu tinha sido sincera em que não gostava dele. Quando cheguei a minha mãe ofereceu-me a pílula e ele atirou a pílula pela janela fora. Ela foi então dizer que eu já estava grávida de 3 meses. Um dia ele perguntou se eu estava na cama com ele contra a vontade; eu disse que sim, que estava a fazer a vontade aos meus pais.

Eu já estava tão cheia de falarem tanta coisa que fui morar com ele.

¹¹ A minha mãe não quer que eu conte a minha vida. Ela não quer e eu não quero, também, causar...mas a Rosinha promete que daqui não sai nada. Acho que a minha mãe nunca gostou de mim; obrigou-me a casar e eu não gostava dele. Ela também não gosta dele mas como ele foi lá compor a casa e fazia obras muitas vezes, ela precisava dele, por isso é que me pôs assim. Eu acho que a minha mãe, sofreu muito, porque a minha avó em certo tempo também queria obrigá-la a casar com um homem que ela não gostava, mas ela casou com o homem que gostava. Casou com o meu pai por vontade dela. Ele era maneta e a minha mãe não gostava dele. Acho que a minha mãe levou porrada da minha avó, ficou amargurada com aquilo e que faz a mesma coisa às filhas. A minha avó lhe fez, ela faz na mesma às filhas.

¹² A minha mãe começou a arranjar-lhe um quarto. Uma vez eu fui ao quarto e a minha mãe viu. Eu fui lá falar com ele para dizer que não gostava dele e que ia casar com, e3le contra vontade..A minha mãe viu-me a sair e pensou que eu me tinha posto debaixo dele. Ao outro dia de manhã discuti comigo e bateu-me. Eu disse: "Eu não fiz nada. Eu estou como você me deitou ao mundo. Eu não tive nada com ele". Mas a minha mãe insistiu "tens que casar, tens que ajudar". Ele jurou por tudo que nunca me tinha tocado. Mas a minha mãe disse que eu era esta e aquela. Acho que ela precisava dele para compor as coisas em casa me pôs assim.

Casei e tive o meu primeiro filho com 16 anos. Eu não tive festa de casamento.

Eu tinha os convidadas, mas como estava de bebé do meu filho mais velho; passado dois anos tive outro e depois tive a minha filha foi passado 3 anos; a mais nova veio passado outros 3 anos. Depois de casada ele não me levava para lado nenhum; nunca fui a um baile, nem ao café; à festa das Almas da Areosa fui lá uma ou duas vezes. Sofri muito.

Eu mudei da casa dos meus pais para uma casa a parte, ao lado. Eu pensei vamos morar aqui, temos que ajeitar as crianças e comprar uma casa, porque nessa altura, a gente ganhava bem; a gente chegava a tirar 80 e 90 contos por mês, conseguíamos fazer horas e tirar 120, 130. O pior era que ele me estoirava tudo!

Eu também passei muita fome. É verdade, passei muita fome. Cheguei a pedir comer às irmãzinhas. Elas davam-me comer, ao menos, para os meus filhos.

Ele com a bebedeira, ia ali para o Emigrante e torrava ali o dinheiro todo. O cheque que a gente recebia era todo, quase, para ali. Ele comia lá, comprava bons pastéis e bom comer para ele e eu ficava sem comer; não me dava nada. Tive que arranjar fiado numa padaria mas eu não conseguia, ele gastava-me o dinheiro todo.

Lá em casa eu trabalhei sozinha. Eu trabalhava para os meus filhos..

O meu marido embebedava-se e tinha dívidas por todo o lado. Ele nunca foi amigo de trabalhar, faltava muita vez, nunca ia trabalhar ou saía às 3 horas. Eu ia para o trabalho e as vezes o meu marido não ia.

Eu saía de casa às 3 horas da manhã. Era muito cedo Eu deixava-lhe as fraldas e tudo. Às vezes deixava-os a dormir e a ama ia lá buscá-los a minha casa. Eles almoçavam com a ama.

Eu vinha à casa às 8 da manhã e voltava para o trabalho; vinha outra vez ao meio-dia, uma hora. Quando eu vinha do trabalho às 6 horas eu tinha que limpar a casa e fazer de comer e cuidar deles. Eu tinha a minha vida de casa; tinha gado para criar; tinha porcos, coelhos, galinhas. Os meus filhos andavam sempre comigo e tinha uma vizinha a quem eu pagava para ficar com eles. Como em pequena eu fiquei sozinha não gostava que os meus filhos ficassem sozinhos. Gostava que os meus filhos ficassem entregues a uma pessoa. A minha mãe sempre gostou dos meus filhos e eles iam lá muita vez.

Eu juntei-me com ele...tive o meu filho, mas ele estava-me sempre a bater.

Ele bebia muito, mas eu não sabia. Ele batia-me e dava maus tratos. Eu chegava a casa fazia o meu comer e era só trabalho para fazer. Ele chegava a casa e batia-me sem mais nem menos. Era assim. Dava-me uma surra no quarto. Uma vizinha foi lá muita vez acudir-me Ainda hoje não compreendi porque razão é que me batia; eu nunca fiz nada.

Ainda me lembro da primeira vez. Foi um dia que eu vim fazer o comer a casa e eles andavam os dois a trabalhar a tirar os tijolos dos fornos, na fábrica. Eu vinha fazer o comer e ele bateu-me. Eu perguntei-lhe a razão mas ele não me explicou. Ele tratava-me muito mal. Tratava-me de puta e de tudo. Tratou-me muito mal.

Ele escondia-me a pílula e não me deixava tomar. Batia-me muito para deixar de tomar a pílula. Ele queria que eu tivesse sempre filhos, mas batia-me mesmo com os bebés. Eu estava grávida de 3 meses do meu filho e ele me pôs os pés em cima da barriga. Se não fosse a minha mãe ele matava-me ali. Eu já deitava sangue pela boca, pelo nariz e tudo. Os meus pais sabiam mas diziam que ele era meu marido e que eu tinha que o aguentar. Eu lhes dizia que não aguentava.

Num dia do Ano Novo ele uma deu-me uma surra que me pôs no hospital. Eu já tinha aqui um golpe na cabeça e tudo a deitar sangue e ele pegava no cabelo e andava comigo a arrastar no chão. Quando eu cheguei do hospital disse à minha mãe que não ia mais para

minha casa. Disse-lhe que não o queria mais, que já tinha o meu corpo todo negro e não aguentava mais andar assim. Ela estava a cozer pão e bateu-me com a roda do forno. Eu disse que ele já me tinha batido e que eu tinha razões para o deixar. Ela nessa altura, disse que ele tinha razão e tanto que não me aceitou e pôs-me 3 meses fora de casa. Quando chegaram os meus irmãos e a minha mãe ainda pediram que eu fosse lá para casa, mas eu não podia porque a minha mãe tinha lá o meu ex-marido. Eu pedi a minha mãe para escolher a mim ou a ele e a minha mãe escolheu. Ela pôs lá o meu marido em casa e pôs a filha fora e disse que eu que para casa dela não voltava mais¹³.

Os meus filhos eram todos pequeninos

Nesta altura a minha pequenina tinha um mês e pouco. Eu levei-a comigo e os outros ficaram a viver em casa da minha mãe, mas eu todos os dias estava com eles. Quando o deixei o meu filho mais velho quando tinha 9 anos. O outro tinha diferença de 2 anos e entre ele e a Sílvia a diferença de 3 anos e desta para a Joana outros 3. Eu gosto dos meus filhos todos, mas chorei e tive que sair com a minha filha pequenina para casa da minha tia.

Eu não tinha para onde ir e a minha tia alugou-me lá um quarto. Eu dava-lhe 12 contos para o comer, 6 para o quarto. O quarto era velho e chovia lá dentro e nem tinha luz, nem nada; era uma vela. Só tinha, assim, a minha cama e... chovia; chovia como chovia cá fora. Eu comia em casa da minha tia, mas também passava fome.

Eu via a minha mãe passar lá e falava para a minha mãe. Mais tarde ela veio ter comigo e pediu-me desculpas. Lá viu que estava errada.

Eu tinha direito a baixa de parto mas eu precisava de trabalhar.

Tinha os meus filhos em casa da minha mãe mas eram meus e eu tinha que ganhar. Fiquei no mesmo trabalho. Como o meu marido trabalhava lá eu tive que sair de lá porque ele tratava-me muito mal. Eu estava a trabalhar e ele passava todo o dia a discutir comigo e a chamar-me nomes e a dizer que eu que andava... Custou muito porque eu sempre que estive com ele o respeitei. Quando eu disse ao patrão que queria sair; ele disse que antes queria que saísse o meu marido do que eu, mas eu disse que não e saí.

Fui então para uma fábrica de fazer louça. Era uma casa e tinha a fábrica por baixo. Eu deixava a bebé numa ama, uma senhora que faz a excursões, perto do café. Eu pagava-lhe 4 mil e levava a refeição dela, as fraldas e a roupa. Esta senhora ainda me dava muita roupa para a miúdata. Havia pessoas que tinham pena de mim e davam, assim, roupa.

Depois uma pessoa me arranjou trabalho ali para as bandas da Espanha

Esta pessoa até me emprestou o dinheiro para o bilhete.

Eu fui para guardar ovelhas, lá para uma senhora. Eu tinha lá um quarto. A minha filha tinha perto de dois anos quando eu fui e ainda usava fraldas. Como a senhora onde eu estava não tinha filhos, ela ficava com a minha filha na casa dela e alimentava. Quando eu lhe disse que arranjava uma ama ela disse queria ficar com ela. Ela gostava muito da minha filha, dava-lhe roupas, comprou-lhe umas argolas, comprava-lhe tudo, até as próprias fraldas.

Passado três meses quando pedi para vir ver os meus filhos, porque tinha saudades deles, ela pediu para eu deixar ficar a menina, só que eu não a deixei. Vim, deixei lá as minhas roupas e tudo, mas nunca mais lá apareci. Vim ter com os meus filhos e ainda trouxe um dinheirozito. Nessa altura a minha mãe aceitou-me em casa.

Houve uma mulher que disse á minha mãe que eu andava a trabalhar lá numa casa de "boates".

¹³ Ela jurou que enquanto fosse viva, se eu morresse, não queria que eu fosse para a cova do meu irmão

Esta mulher ficava-me com o dinheiro e com algum ouro que eu mandei. Ela não dava nada à minha mãe. A minha mãe começou aqui a discutir comigo e a dizer que os viam mal no Emigrante. Eu disse que era mentira e que um dia quando eu estiver mais calma vamos a Espanha e vou lá mostrar-lhe onde é que eu trabalhava para ela não me andar a dizer que eu trabalhava.. Se a pessoa me levasse para esse trabalho eu não ia. Eu estava numa casa séria de uma senhora que eu até a vou lá levar um dia porque ela gostava de conhecer a senhora. Era da mesma idade que a minha mãe.

Passado uma semana de vir tive um telefonema para vir para Luxemburgo.

Telefonou-me uma colega minha, que morava aqui neste bairro. Ela vinha-se embora de Luxemburgo e perguntou se eu não queria ir para o lugar dela. Ela trabalhava num restaurante italiano. Eu fui para lá e lá fiquei.

Nesta altura a minha mãe já não trazer a minha filha pequenina para cima. Ela ficou com todos os meus filhos. Eu disse à minha mãe que se ela preferisse eu a podia pôr numa ama. Eu tinha vergonha de lhe vir pedir à porta. Eu fui sozinha.

Em Luxemburgo sofri muito. Na primeira semana tinha comer ao meio-dia, à noite não comia.

Quando cheguei lá ao restaurante eu queria comer e não tinha o meu dinheiro... era português!... O patrão não nos dava dinheiro, não dava comer, porque à quarta-feira fechavam o restaurante! As outras comiam e eu não comia. Nós só tínhamos a refeição se a gente andasse a trabalhar. À noite nada! Eu trabalhava das 7 às 4 e à noite já não tinha que comer. Passava a noite sem comer e ia para a carreira sem comer.

Estive o primeiro mês sem receber, e passei lá muita fome. Muita fome e muita lágrima. Eu dizia à patroa que vinha embora mas ela não me deixava vir, pousava-me a mala. Eu fiz 4 vezes as malas para me vir embora. Depois eu lembrava-me: então, meu Deus, se eu vim para aqui, agora vou para lá... As pessoas iam começar a falar. "Afinal arranjou trabalho e não se aguentou." Então aguentei-me lá; tive que passar. Quando recebi no primeiro mês o ordenado e vim logo virada. Eram 25 mil francos e com ele comprei o bilhete; vim visitar a minha mãe e ver os meus filhos. Era Natal. Até que aguentei.

Já tive muitos empregos ...cinco empregos¹⁴.

Lá em Luxemburgo nós arranjamos emprego pelos anúncios portugueses. Eles metem os anúncios no jornal ou no rádio e a gente vai ver. Tira o número de telefone e, depois, a seguir, telefonamos. Agora já me desenrasco, mas certas coisas ainda não sei bem falar, mas lá me desenrascava.

Comecei por fazer "Clenagem" (... aqui é limpeza!) num restaurante

Eu fazia limpeza à cozinha e às duas salas, depois passava a ferro e de vez em quando também ia trabalhar para o bar, ali no balcão, a servir. Quando fui passar férias e voltei elas meteram-me na cozinha a lavar loiça e a servir. A cozinha é uma coisa que é muito esforçada, é uma escravidão! Quando andava na limpeza o horário era das 7 às 4 da tarde. Quando comecei na cozinha eu trabalhava das 9 da manhã até às 2. A partir daí, entrava às 6 e acabava às 3 e meia da manhã. O salário era igual. Trabalhei mais uma ano na cozinha mas o patrão não me pagava o suficiente.

Na parte de trás do restaurante havia um quarto para cada empregada. Eu tive uma amiga que também era empregada lá, que já voltou para Portugal. Nós éramos seis, todas portuguesas. De 40mil descontávamos 25 mil pelo quarto. Havia lá uma rapariga portuguesa que estava na cozinha a fazer saladas italianas, francesas. Essa já era mais...

¹⁴ Estive 2 anos no "Carnes Silva"; Estive 6 meses no outro; no "Kaile" estive 2 anos também e no "Retiro" outros dois anos. Agora já estou aqui há 6 meses.

Estive neste restaurante 2 anos. Saí porque a patroa ficou-me a dever um mês de trabalho. Não me pagavam um tostão e o mês de férias. Pensei então não valia a pena trabalhar aí, porque dois meses ia custar ainda mais a pagar.

Depois umas pessoas amigas do café que me falaram deste lugar

Aí eu fazia mesmo mais a cozinha. Os patrões não pagavam e por isso é que eu saí. Ficaram-me a dever um mês de trabalho e um mês de férias.

Vim aqui a “Escht” e encontrei essa senhora que trabalha nesse café Como esta senhora era da minha terra eu vim para aqui. Eu fazia desde a limpeza, passar, lavar. Eu começava das 6 da manhã e acabava às 2 da noite. Eu ficava aqui mais a minha patroa; dormia com ela e descontava meio quarto 20. Eu disse à senhora que não queria mais trabalhar no café porque era difícil estar a ouvir os bêbados! Eu andava farta de aturar bêbados há muitos anos.

Daí eu fui para o Retiro, onde eu não fazia cozinha; só fazia limpeza e balcão. Era uma semana de manhã e uma semana à noite, das 6 da manhã às 3. À noite era das quatro à uma e meia e duas.

Como aí também não pagavam voltei para o Café.

Fui a Portugal três vezes em 9 anos: uma vez, depois de ir para Espanha, quando eu vim para aqui e depois quando fui para o café, há 7 anos.

Agora arranjei de ir para o restaurante

É um bocado fechado. É um bocado duro porque estava lá a lavar louça, tantas pessoas... Eu estou lá sozinha a lavar e vai lá sempre para muito tarde. O meu horário é das 9 às 5, mas às vezes não dou vazão e tenho que ficar lá até às 6, 7 horas. Tenho louça, tenho a cozinha toda. Aqueles fogões todos que sou eu que lavo, é o chão, é o exaustor, é tudo. O exaustor eu limpo à Sexta-feira.

Passado 3 anos comecei a juntar, arranjei um estúdio e levei as minhas filhas para ao pé de mim.

Eu arranjei um estúdio aqui em “Echt”; comecei a ter casa

A minha filha mais velha já tinha 11 anos, começou a crescer e a andar de cabeça no ar.

Eu tive que a meter na escola verde onde elas andam. Aqui fazem a 4ª classe e vão para colégios assim.

Ela andava com as amigas para um lado e para outro e começou a fumar às escondidas.

As amigas eram lá do colégio e já andavam na má vida, eram rapariguitas novas e já fumavam. A minha filha estava a fumar. Eu detesto ver uma mulher a fumar; se a um homem fica mal, que fará a uma mulher? Foi uma coisa que eu sempre detestei, desde pequenina! Eu não posso dizer que nunca fumei, mas acho que atrás do cigarro vem a droga. Começa a puxar a fumar isto e aquilo. E não gostava de ver a minha filha assim. Se eu fumasse¹⁵ não tinha nada a dizer, mas não fumo e não gosto de as ver a fumar, porque a gente quer o bem das filhas.

Uma vez entrei dentro do quarto e cheirava-me ao fumo. Fiz uma limpeza no quarto porque elas não faziam a limpeza que eu gostava de fazer. Arredei a cama e tinha lá um maço de tabaco. Dei uma surra grande à minha filha, mas não valeu nada. Eu dei-lhe lá umas poucas, mas estava saturada.

Ela não fazia nada em casa e aparecia sempre tarde.

Quando as minhas filhas estavam cá eu ia até um bailezinho ou a uma discoteca, com umas colegas amigas em condições, para elas não estarem presas, mas à meia-noite estava em

¹⁵ O cigarro estraga muito a saúde. Às vezes as minhas colegas me perguntavam como eu não gostava de fumar porque já estava a tantos anos a trabalhar num café.

casa. Eu não queria lá estar muito tempo. Havia lá um bailezito português que era mesmo ao pé da minha casa e eu as vezes eu deixava-a lá ir um bocadito sozinha, porque estava cansada. Ela então combinava com as colegas e ia para muito longe para outro baile. Eram duas, três, quatro e ela sem aparecer.

Comecei então a discutir com ela e dizia que a metia num orfanato interno. Ela não se importava, passava dois dias a obedecer e tornava a fazer o mesmo. Eu andava a trabalhar de noite e de dia e ela não estava em casa; chegava a casa de trabalhar no café e era às 2 e 3 horas da manhã e ela não estava em casa. Eu levantava-me todos os dias às 6 horas e ela sem aparecer. Ela as vezes ia para a escola de manhã e ficava até ao outro dia de manhã sem aparecer. Eu ficava na cama a chorar à espera e não sabia por onde ela andava.

Um dia eu estava a trabalhar e vi-a passar com um rapaz. Ela dizia que era um amigo, mas eu via-a abraçada a ele.

Se ela se me aparecia com um bebé, quem era o pai?

Ela com 12 anos já era mulherzinha; o perigo é que ela já tinha vindo o período e eu estava com medo que ela aparecesse grávida em casa. Uma desgraça toda a gente tem.

Eu sempre a avisei: Se tu ficas com um filho na barriga como é? Sem pai tinha a mãe que estar a criar.

Eu disse-lhe isso e ela nunca ligou; hoje, dá-me razão!

Eu não queria chamar a polícia. Tinha vergonha...dizer que tinha, assim, uma filha.

Tinha vergonha mas um dia fui ter com a polícia e fiz queixa dela, eu própria. A polícia falou com ela mas ela não obedecia à polícia. Eu tinha que me levantar às 6 horas e ela a deitar-se de manhã. Ela não fazia nada. Às vezes estava a comer e estava a dormir, a cabeça caía em cima do prato do comer. Eu disse que não admitia.

Mais tarde tornei a fazer queixa para ver se me arranjavam alguma coisa para pôr a minha filha em condições. A polícia dizia que sim, mas nunca mais lhe arranjavam. Um dia chamaram-na lá e eu disse que ela tinha que escolher entre ir para um orfanato ou ir para Portugal. Ela escolheu Portugal. Foi quando ela veio para aqui. Telefonei à minha mãe...e disse que ela estava aqui e estava a portar-se mal.. Eu via minha filha, assim, atravessada e vim como ela cá para baixo. Eu chorei muito, mas foi melhor assim. Ela ainda esteve lá quase 3 anos comigo.

As minhas filhas tinham tudo no quarto: televisão, música, aparelhagem, vídeo, não faltava nada, mas... eram as colegas. Eu cheguei a um certo que não aguentava a minha cabeça. Eu nem sabia o que andava a fazer!

Eu chegava do meu trabalho, vinha para casa, queria dormir e lá ouvia o telefone. Até fui obrigada a cortar o número de telefone da minha casa. Eu gastava muito dinheiro. Eu ia dormir e elas já estavam a telefonar

Ela chateava-me a cabeça para sair. Dizia-me muitas vezes na cara que eu não era mãe dela, porque a mãe dela que era a avó que eu não a criei. Eu passei, assim, estes sacrifícios...

Hoje elas reconhecem que quem as estragou foi a escola.

Se ela fosse para a escola e viesse logo direitinha para casa. Teve um dia que a mais nova¹⁶ também não foi à escola. Eu não lhe bati, mas disse que aquela devia ser a primeira e a última vez, porque nas cartas vinham todas as faltas.

A Escola ainda é um bocadinho longe, ela vai e vem de auto-bus, de camioneta; tem um bilhete que eles deram e vai com as colegas¹⁷. Quando a mais velha lá estava elas não vinham

¹⁶ Ela tem boas notas, mas o luxemburguês ela não entende mesmo nada. E mesmo no francês está mais ou menos. Ela só foi no mês de Agosto e ficou lá

na camionete, ficavam por lá e andava com as amigas. Eu punha o comer na mesa à espera delas e elas não apreciavam.

Um dos meus rapazes também esteve comigo em Luxemburgo

Quando sai de casa ele tinha uns 9 anos e o outro tinha 7 anos. Quando ainda estavam comigo eles passaram muita miséria e fome, não tenho vergonha de dizer. Eu não conseguia ganhar para 4 filhos.

Eles ficaram aqui em casa da minha mãe, mas ela andou a falar com uma senhora para os por no Colégio e passado pouco tempo os dois rapazes foram para o colégio. Eu vinha sempre ter com eles.

O mais velho quando tinha 18 anos foi lá ter

Eu tenho um apartamento e ele foi lá passar uma férias. Ele não esteve lá 4 meses porque eu disse que ele tinha que trabalhar porque lá não aceitam uma pessoa estar em casa. Não é como aqui. Ele primeiro disse que sim, mas nunca arranjava trabalho. Eu ainda o declarei na "Caixa da Maladia" e ele foi chamado para tirar a "Carte de identité".

Eu arranjei um trabalho na comuna a tirar as "pubelas", as coisas do lixo e ele ia ganhar 180 francos. Trabalhava das 4 da manhã às 2 da tarde e ele não queria. Entretanto arranjei-lhe um trabalho para as obras, e ele também não quis. Até que eu lhe disse "Tu vens para aqui para trabalhar, pões o teu dinheirinho no banco, porque não te quero dinheiro nenhum. Eu pago-te a carta cá e depois compras um carrinho e eu ajudo-te a pagar o carro. O que é que ele queria mais de mim,?"

Ele começou a discutir por causa do trabalho, saiu da minha casa, abandonou-me e foi para casa do velhote só que ele também não o podia lá ter porque ele tinha que estar declarado e não lhe era nada. Até que me pediu dinheiro para ir para baixo; eu dei-lhe os dez mil francos e ele voltou para Portugal. Agora vim aqui passar o Natal e ele deixou de me falar, nem fala ao telefone comigo nem nada, deu-me este desgosto. Ele veio aqui a casa com o meu irmão, eu ia para abraçá-lo e ele fugiu-me.

A minha mãe nunca gostou de mim, pela vida fora. Eu fico revoltada.

Ela foi mais coisa pelas minhas irmãs do que por mim. Basta que criava os filhos e eu fui criada noutra lado; fui criada em casa de uns tios. Pouco tempo estive com a minha mãe! Ela ajudou em tudo os meus irmãos. Fez o casamento a todas as minhas irmãs e a mim não; ela diz que foi por causa de eu andar de bebé, mas não havia mal nenhum porque o bebé era do meu marido, não era de nenhum homem de fora! Ela diz que eu sou uma mulher fácil e eu estou revoltada¹⁸.

A minha mãe ainda tem aquela coisa de atrasado, acho que ela queria que a nossa vida fosse igual à dela. Ela no fundo vê como a minha avó lhe fazia e faz o mesmo agora. Ela é assim... pensa que vai fazer bem, que nós vamos para bem. Não sei muito da vida dela, mas por aquilo que ela contou, a minha avó não queria que ela casasse com o meu pai e que mesmo depois de casada, já grávida da minha irmã ela levou porrada da minha avó. Ainda assim a minha mãe cismou fugiu com o meu pai e casou! Ela não se lembra do que passou para ficar com a pessoa que gostava e que se a gente não gosta de uma pessoa não vale a pena obrigar.

A gente casou com uma pessoa não gostava porque a minha mãe tem aquela mania. Ela quer que a gente fizesse uma vida boa; queria que a gente não sofresse, indo com uns e com

¹⁷ Eu vou apanhar o combóio das 8 menos 10 e ela tem que sair cedo. Eu levanto-me cedo para fazer as coisas dela e ela vai comigo até à camioneta. Depois é que apanho o combóio. Ela vai vem outra vez de camioneta e às 4, 4 e pouco está em casa.

¹⁸ Nem na hora da morte eu me vou esquecer ela dizer que não me queria na casa dela e que quando eu morresse não me queria na campa do meu irmão.

outros. Eu acho que ela queria que as filhas estivessem bem, mas um casamento feito nunca faz bem. Casar sem amor nenhum, não quero o mal para as minhas filhas.

Não é mal uma mãe dar um conselho, mas eu já disse que ela nunca se meta na vida das minhas filhas. Elas que façam como entender, porque eu sei a vida que tive. Se elas estão bem ou mal o problema é delas. Eu estou farta de dar conselhos ao meu filho mas ele não quer ouvir, então que faça como entender. Ele vai calhar igual ao pai, já estou a ver assim na voz ... Ele é mais vagabundo, fuma e bebe; nunca o vi bêbado mas o pai quando era novo também devia ser assim. Se assim for a mulher que casar com ele nunca vai ser feliz.

A minha mãe é daquelas pessoas moles

Ela sempre falou para a minha avó e para outras pessoas que lhe fizeram mal.. Ela sofreu com o meu pai e já passou muitos sacrifícios, só que nunca o deixou.

A minha mãe se inquietava com o meu pai porque ele nunca trabalhou.

Ela sempre trabalhou sozinha e construiu esta casa. Mas ela tinha outra casa ali atrás com um pinhal grande das minhas tias avós, que o meu pai vendeu. Ela comprou-lhe um atrelado com uma motorizada, já usada, para vender peixe e ele vendeu; comprou uma bicicleta e ele vendeu-a e uma vez até chegou a vender-lhe uns porcos! Mas ela ainda diz hoje que gosta do meu pai e também sofreu muito por ele beber. Ele às vezes vem para aqui com a bebedeira e começa a ralar com ela¹⁹. As vezes ele parecia que não tinha família. Era um homem da móina; era um homem bem casado e ia para as mulheres. Mas o meu pai também não quer zanga, o pior é a bebedeira. Mas ele é boa pessoa e nunca bateu na minha mãe²⁰ nem a nós. Ele embebede-se, pode discutir e tudo, mas isso foi coisa que nunca fez.

Era a minha mãe que mandava lá em casa; ela comandava tudo. O meu pai não mandava nada! Eles discutiam as coisas deles e a gente não se metia. A gente não tinha nada que se meter, a vida era deles! Ele nunca gostou de bater nos filhos e sempre nos deu carinho; sempre me deu aquele amor que eu precisava²¹. Nós éramos umas desgraçadas a trabalhar e a minha mãe às vezes lá se chateava e arreava-nos, o meu pai também nem gostava de ver a minha mãe bater nos filhos. Tanto, que uma vez a minha mãe estava a discutir com a minha irmã mais velha e o meu pai deu-lhe uma lambada! Ela estava a ver bater nos inocentes e ele não gostou.

O meu ex-marido hoje está como se vê. Ele está muito doente.

Eu não gosto dele mas no fundo tenho pena porque ele é pai dos meus filhos! Sinto que os meus filhos gostam muito do pai e eu não queria que ele ficasse assim! Eu queria que ele fosse um homem saudável, trabalhador e que ganhasse para a vida dele! Ele agora está sem trabalhar. Está a receber da assistência social mas já é caso para morrer.

Ele não deixa o álcool, bebe muito. Ele tem cirrose e o médico disse à minha mãe que se ele durar meio ano ou um ano já é muito!

A minha mãe quer-me arranjar casamento outra vez

Há um senhor que emprestou dinheiro para ela comprar o terreno e ela quer que eu fique com ele. Ele foi levar umas coisas lá a casa da minha mãe e ela esteve lá a falar de mim. Fez muito mal. Então ela veio aqui ao Luxemburgo e antes quis vê-lo do que quis a própria filha. Ela disse que não entro dentro de casa se for com outro homem, mas há - de ver que eu não sou feliz com ele.

¹⁹. Mas ele é boa pessoa. Eu adoro o meu pai! Um dia que não possa trabalhar, se ele não tiver ninguém eu cuido dele. **Eu não quero o meu pai, nem a minha mãe num lar**

²⁰ Só uma vez a minha mãe chateou-se com a minha irmã, era pequenita e o meu pai agarrou e mandou uma lambada.

²¹ Ele vem ao telefone quando está em casa e falamos bem. Já pelo Natal eu telefonei e o meu pai telefonou, falamos.

Eu conheci-o lá no café, em contacto com gente que está fora da terra. Ele começou a gostar de mim mas eu só lhe tenho amizade; vou lá a casa dele e comemos. Eu disse logo que não gostava dele e que ele era como se fosse minha família. Ele é como se fosse meu avô, já tem 67 anos e tem um feitio que ninguém se dá com ele. Ele gosta muito da miúda, dá-lhe muita coisa e vai lá casa. A minha mãe gosta dele. Ele uma vez me trouxe a casa e eu disse à minha mãe que ele me ajudava. Ele emprestou-me dinheiro para o estúdio e quando a minha mãe precisou de dinheiro para o terreno também emprestou. Há dois anos eu estava iludida e chegamos a andar aqui à procura do café. Ele só quer uma mulher para companhia porque está sozinho e eu até deixava o outro e vinha para ao pé dele, mas ele desiludiu-me e eu não quis mais nada. O que eu queria era o bem dos meus filhos.

Uma vez eu estive com as minhas filhas em casa dele e ele fechou-me a porta por causa delas, então eu disse “não!” Desculpe, mas isso para mim não dá. Estar presa como uma prisioneira, não! Eu não admitia! A partir daí o larguei e fui para minha casa e arranjei o apartamento. Quando ele me proibia de sair era quando eu mais saía! Uma vez fiz lá uma guerra e disse que se ele me fechasse e ia chamar a polícia.

Quando eu venho aqui com ele as pessoas pensam que eu estou junta com ele! Mas não estou. Somos amigos.

Ele entretanto foi dizer à minha mãe que eu estava a trabalhar numa boate, que tinha feito um aborto²² e que eu tinha dado um filho. Disse mal de mim e mentiu por ciúmes. Houve uma temporada que eu não fui a casa dele e ele disse à minha pequenita que eu tinha feito um aborto e o pior é que a minha mãe acredita em tudo. Não sei se ela tem confiança nele ou se é por causa de ele emprestar dinheiro.

A minha mãe veio então a Luxemburgo mas não me quis ver. Nem que eu fosse muito reles, diminuir a filha é muito triste! Eu gosto da minha mãe porque é mãe, mas eu só caso se for com o homem que eu gosto.

Eu tenho um senhor de 42 anos e eu gosto dele. Ele pode ter o carácter dele, mas para mim é muito bom.

Estou junta com ele, vai fazer 5 anos. Encontramo-nos num café. Eu estava a trabalhar e ele nunca lá deixava de ir e eu não estava, assim, muito interessada, mas ele convidou-me para ir à discoteca e daí começámos. Ele começou a lá ir a minha casa, ainda lá estavam as minhas filhas; começou a cozinhar para as miúdas; eu estava a trabalhar lá e ele levava lá o comer e a amizade foi assim. Ele gosta muito da minha pequenita e do Rui. Só o meu Miguel é que está chateado, não gosta dele porque ele mandou-o trabalhar. Ele está em Lisboa em férias e eu estou aqui, mas não quero que ele venha a casa da minha mãe.

Eu tinha pessoas muito amigas em Portugal.

Quando eu estava lá era sempre a trabalhar, mas juntávamo-nos no trabalho a cantar. Umhas vezes alguém levava um pastel ou fruta. Eu dava-me bem com as vizinhas, a gente falava e era bom conviver com as pessoas. Havia uma senhora que ainda habita aqui e que cumprimentou-me quando eu vim. Estive com elas, cumprimentei-as e fui visitá-las. Cumprimentei a muda e a senhora com quem estive a minha sobrinha.

Mas já não gosto tanto de Portugal. Gosto mais do ambiente de Luxemburgo. Tenho lá boas amigas. Lá são outras amizades. Foi bom eu ter saído de Portugal. Luxemburgo é melhor no trabalho porque o dinheiro dá mais do que lá em baixo. Não há tanta miséria, a gente aqui come melhor e vivemos melhor.

Aqui a minha vida é uma vida presa.

²² O que se passou foi que ele foi com a outra rapariga fazer o aborto de três meses e eu fui mais ele. Fui ajudar a outra rapariga que não queria ir sozinha. Ele a saber que eu fui mais ela e até lhe emprestou dinheiro, vai-me pôr a mim em barulhos.

Trabalho uma semana de manhã, outra semana à noite, é assim..

Gostava de ir passear até ao Luxemburgo e tudo, mas a minha vida não dá. Eu aqui dou pouca confiança, como você vê eu avio e não dou muita confiança. Eu aqui nunca tive aquela coisa de sair com ninguém porque gostava mais de sair sozinha, dar uma volta e estava assim um bocado e depois vinha para casa. Nem às mulheres porque o que elas querem é saber...Esta fulana é assim e aquela fulana fez assim Criticam como é que andam vestidas. Elas não falam da vida dela. Eu não gosto disso. As mulheres são traiçoeiras, só querem o bem delas e aqui não gostam de ajudar nada a ninguém. Vivem a falar da vida das outras, a querer mal às outras e elas fazem para aqui cada barulho

Não conheço o cinema.

Ouçõ rádio em minha casa, televisão; eu tenho um rádio com TV.

Gosto de músicas românticas. (riu) Leandro e Leonardo, são muitas músicas!

Gosto de dançar! As minhas duas filhas também! Uma é mais para discoteca. Agora a outra dança muito bem

Na televisão vejo a novela da noite, os "Lobos", é uma novela portuguesa. Vejo o Telegjornal. Vejo a vida lá em baixo, a miséria. Agora política e presidentes... Eu não gosto de política. Não vejo nada a mudar.

É fácil a gente ter revistas, jornais portugueses e romances aqui, mas a nossa vida, à noite é mais em casa. Eu gosto de ler a Maria, tem vários assuntos, fala de novelas e filmes, fala daquilo que dá e dos artistas da televisão.

Eu não tenho tempo para ler, a minha vida é trabalhar; tenho para fazer o trabalho de casa e o trabalho no restaurante . Quando chego a casa e tenho coisas para fazer, tenho comer e quando tomo banho, vou para a cama, dá-me logo o sono. (riu)

Acho que Portugal está mais desenvolvido. Acho é que as pessoas continuam a viver na miséria.

Eu agora já não vou lá há tanto ano, mas acho que está melhor do que antes. Antes eu achava tudo igual: as estradas uma miséria, tudo cheio de covas e acho que estava tudo igual. Agora a minha mãe diz que está tudo diferente, mas a minha vida está melhor do que a das minhas primas. Elas casaram e não têm dinheiro para viver, nem nada.

Aqui a vida dos casais é outra coisa : trabalham e lutam e se ajudam. Juntam dinheiro. Têm outra vida que não têm lá em baixo. Lá em baixo a vida está muito cara. A gente lá em baixo trabalha e é só para pagar a renda da casa e para comer. Aqui ainda se vai juntando alguma coisa. Às vezes há guerras nos casais lá em baixo, mas depois eles vêm para aqui e têm outra vida. Entendem-se e ajudam-se um ao outro.

Aqui as crianças são mais ouvidas do que lá em baixo. Lá em baixo há aqueles meninos descalços, a passar fome; aqui há pessoas que dão roupas e ajudam e o Estado é mais gentil para as crianças; é melhor porque ajuda mais.

Outra coisa são os médicos ; uma pessoa é logo atendida por bons médicos. Em Portugal a gente quer um bom médico e tem que pagar bem para ser consultada; aqui não, a gente precisa e é logo consultada.

Fui uma mulher sofredora . Eu queria melhor para os meus filhos...

Quando os meus filhos eram pequenitos, eu lhes comprava um bolito no dia do aniversário; no Natal eles tiveram sempre prendas; nem que fosse uma coisinha pequenina tinha que ser Hoje quem me dera que eles estivessem todos aos pé de mim. Eu achava melhor que estivessem aqui , porque é outra vida que não é lá em baixo. Eu tanto gosto dos rapazes como das raparigas. Eles são todos meus filhos, são todos iguais. Queria educá-los com tudo e ajudar naquilo que eu pudesse. Maus tratos não lhes dava!

Um dia quando quiserem casar... é normal que como mãe tenha que dar conselhos, mas não vou dizer: "não é com essa ..é com aquela! Eu sofri eu não vou pôr os meus filhos a sofrer.

Se as minhas filhas estivessem aqui eu tomava conta delas. Acho que a escola é importante

Hoje uma pessoa que não tem escola não pode ser alguém e elas um dia podiam tirar um bom curso. Sempre lhes disse para estudarem para poderem ter um bom futuro, aquilo que a mãe não teve. Eu quero o bem delas.

A minha filha mais velha não quis estudar; a minha mãe disse que agora ela está a trabalhar. Se ela estivesse aqui eu fazia dela uma mulher. Ela andava a estudar porque as pessoas são obrigadas até aos 16 anos. Não sei que futuro é que ela queria se continuasse a estudar, mas depois o próprio Estado arranjava-lhe um trabalho, mas ela não quis!

Eu não me importava que as minhas filhas quando pensassem em ser mulheres se casassem.

Eu gostava que elas tivessem um marido em condições para poder viver. Um homem trabalhador, nem que fosse pobre! Que fosse trabalhador e que lhes dessem bons tratos. Gostava que elas já tivessem mais idade, aí a partir dos 20 anos e que gostassem deles. Elas têm mesmo que saber se gostam ou não, se não, não vale a pena casar.

Elas devem trabalhar e juntar algum dinheirito, por causa da vida delas. É preciso pensarem muito bem. No que eu puder eu ajudo. Eu tenho tido muito trabalho, não lhes posso estar a dar tudo. Eles tem que ajudar.

O meu pensamento era abrir aqui um restaurante ou uma coisa que desse para a minha vida

Os meus filhos também já estiveram aqui mas não gostam disto.

O mais velho esteve aqui 4 meses, veio passar férias quando tinha 18 anos. Eu tinha emprego, mas ele aqui não queria trabalhar. Depois foi lá baixo buscar as coisas e ficou cá; disse que não gostava disto e foi embora.

.... Mas preciso fazer alguma coisa por eles!

Quero ver se para o ano compro uma casinha para estar com eles, pelo menos para quando a gente vem passar férias. Quando tiver casa a minha mãe vai lá. É outra coisa!

Eu gostava de ter um apartamento e uma lojzinha para ganhar para mim aqui em Portugal. Os miúdos estão-me sempre a pedir para eu para cá. Eles não foram criados comigo, de pequenitos; foram criados com os meus pais. Agora dizem-me que já são grandes, que vêem pouco a mãe e que gostavam que a mãe estivesse aqui. Eu lhes disse que estava lá mais um tempito a arranjar mais algum dinheirito. Mais uns 2 ou 3 anos.

Eu queria abrir aqui um comércio para entregar aos meus filhos, mas o mais velho é ganhar e esturrar, depois o outro disse que não saber lidar com papéis. Uma licença é muita responsabilidade. Mas eu vou comprar uma casita porque os miúdos já são grandes.

Daqui há 5 anos queria estar em Portugal, a trabalhar naquilo que é meu, num café-restaurante. Só para a minha terra eu não quero ir! Daí eu quero estar longe. O que é que eu lá ia fazer - Guerra com o Victor?

Eu começo a odiar as pessoas e aquilo que eu passei. Vejo o meu marido e ainda é pior.

Acho que aquilo vai-me entrar pela cabeça e eu não quero!

Os meus filhos vão morar comigo!

Eu vou para lá para estar com os meus filhos. Eu não quero que os meus filhos tenham outro patrão. Vão trabalhar para mim. O problema é o meu companheiro. Eu quero vir, os meus filhos querem que eu venha, mas o meu companheiro quer lá estar. porque já lá está de pequenito. Ele disse que se eles quisessem que fossem para lá morar, mas eles não gostam de lá estar.

*Um futuro imaginado para daqui há dez anos
Fui aumentada, arranjei um trabalho e deixei o café, porque os patrões ficaram-me a
dever muito dinheiro. Deixei os cafés e fui para um restaurante. Agora estou contente!*

Anexo 5

**Relato autobiográfico da Otilia
(1978-)**

Entrevista realizada no ano de 1999 em Águeda

Relato autobiográfico da Otilia (Nasceu em 1978)

*Não sei o que é que hei-de dizer. Lembro-me de muitas coisas.
De pequena não me lembro de nada.*

Quando eu era pequenina diziam que eu era a Gabriela, porque eu andava sempre descalça e porque era baixinha, redondinha.

Nasci na casa onde eu vivi, no mesmo quarto onde eu estou.

Naquela altura nós ainda só tínhamos a parte de baixo da casa: o quarto da minha mãe, o quarto onde eu nasci, a sala e a cozinha. Éramos seis irmãos, o meu pai e a minha mãe a morar lá.

Era tudo muito velhinho, o chão era só terra e não tinha nem sequer mosaico, nem nada. Também era preciso pôr uns plásticos porque a chuva ia lá para dentro. A minha mãe comprou aquela casa com o dinheiro da venda de um terreno e de uma outra casa que ela tinha. Aquilo era um quintal do meu tio, mas como vivíamos com muita dificuldade, tínhamos que nos contentar.

Eu nunca andei em infantário.

Andei sempre lá por casa. Era a minha irmã mais velha que tomava conta de mim. Como eu era muito sossegada, quando era bebé eu ficava com os meus irmãos.

Eu ficava dentro de um caixote e eles iam-me levar à fábrica para a minha mãe me dar o peito.

A minha mãe não tinha possibilidades mas ainda me comprou um carrinho destes, de andar com as crianças e eles levavam-me lá. Contam que a fábrica tinha uma ladeirita a descer e que os meus irmãos deixavam ir o carro sozinho, então lá vinha eu e espetava o nariz no chão! Eram crianças! Como eram crianças, era assim que calhava.

Às vezes eu ficava lá na fábrica dentro de um caixote, tardes inteiras. Eu fazia lá as minhas necessidades e ela dava-me um pão e eu comia.; às vezes o pão caía no chão sujo e eu voltava a comer. A minha mãe conta que numa altura chegou lá e eu tinha o dedo grande todo magoado, porque o caixote tinha lá um buraquito, eu meti lá o dedo e depois não o consegui tirar. Olhe, aquilo foi inchando, inchando e ela diz que eu tinha o dedo enorme; acho que ele até ficou meio torto.

Eu sempre fui uma criança muito certinha e muito sossegada.

Eu gostava de ficar no meu cantinho, com as minhas coisinhas, com umas bonequitas que a minha mãe me dava. Ela não tinha muitas possibilidades para me dar muitas coisas.

Eu nunca fui de ter grandes amizades e de me envolver muito com os vizinhos. Falava e tudo, mas não era convívio demais. Nunca gostei muito de conviver com muita gente, era muito envergonhada, na altura. Nunca fui muito de brincadeiras e penso que a minha irmã mais velha é como eu. Nós não saíamos, estávamos sempre enfiadas em casa. Era trabalho, casa e casa, trabalho. Não tínhamos grandes amigos.

Eu metia-me com os rapazes e a gente jogava muito à bola, na rua de cima.

Eu não fui muito destas brincadeiras, mas gostava muito de jogar à bola.

Os meus irmãos eram mais velhos do que os meus vizinhos; tudo que era rapaz, ia para lá para a minha casa! Eu jogava mais rápido com eles do que com os meus primos. Eu também gostava de jogar às escondidas, ao toca e foge, à macaquinha, a saltar à corda. A gente jogava a tanta coisa.

Agora há brincadeiras diferentes e já ninguém liga muito a essas coisas de antigamente. As pessoas vão deixando para trás e não ligam a mais nada, não querem saber. Mas às vezes ainda gosto dessas coisas muito lindas.

Quando fui para a escola, na primeira classe, lembra-me que não sabia falar, nem escrever, nem ler.

O meu irmão já lá andava. Ele estava a sair mas ainda consegui tirar uma fotografia com ele lá na escola. Eu tinha o cabelo grande, todo encarapinhado e o meu irmão lá estava, todo sardento. As crianças quando entram não sabem muito. Agora já sabem ...algumas, outras não... Antigamente tinham que nos ensinar porque nós não sabíamos¹.

Eu também não tinha muitas amizades na escola.

Nunca tive jeito para fazer amizades e eu sempre achei que as outras se achavam mais do que eu. Elas tinham mais possibilidades do que eu; iam mais bonitinhas, com roupas melhores e não ligavam, assim, muito. Elas não me ligavam muito por eu ser pobre e elas serem filhinhas mais coisas. Como elas não me falavam e também não gostava de me meter! Sentava-me, às vezes, lá nas escadas a ver as outras crianças a jogar à bola. Eu comia o meu lanche e bebia o meu leite e estava lá. Eles estavam na parte de baixo a brincar e eu estava ali no meu cantinho. Desde o princípio fui habituada a ter poucas amizades, fui sempre muito reservada. Não gostava muito de conviver com as outras.

Podia haver noutras turmas crianças assim mais pobres e a gente se desse melhor, mas não havia muitas.

Eu só tinha duas amigas na escola que iam e vinham comigo da escola; com elas eu sempre me dei muito bem. Uma era a sucateira, a outra era uma vizinha que estava numa das casas dos sucateiros. Ela era uma rapariguinha como eu e dávamo-nos muito bem. Quando ela foi para uma outra casa à renda, nunca mais a vi.

Eu não tinha primas da minha idade na escola e as que tinha viviam um pouco melhor do que eu porque o pai delas² tinha as casas lá nas redondezas.

Na escola eu gostava de matemática.

Não gostava de português e de meio físico nem se fala, mas gostava de matemática, não sei porquê. Não é que eu fosse, assim, boa, boa, boa ou que tivesse ótimas notas, mas acho que foi rara a vez que eu tive negativa a matemática. Eu gostava, e até nem sou, assim, muito...

Eu gostava também de ler português e fazer as cópias, mas detestava ditados. Não havia um ditado que eu não fizesse um erro. Mas gostava de copiar e de fazer as fichas.. Eu gostava de ler outros livros que não os da escola, mas não havia muito tempo.

Eu gostava muito de histórias da Branca de Neve, eu adoro contos de fadas! Desde pequenita que eu via as minhas colegas e eu gostava muito. Elas não me emprestavam. As vezes essa minha colega e amiga do bairro conseguia os livros emprestados porque ela tinha mais amigas do que eu. Ela conseguia trazer livros e nós punhamo-nos as duas no recreio a ler, sentadas nas escadas. Eu gostava desses, como os do Pato Donald! (riu) porque não gosto muito de ver aqueles livros que têm só letras, quando é tudo só escrito³. Eu gosto de

¹ Quando vou visitar as minhas professoras elas dizem que quando eu entrei para a escola em vez de dizer borracha, dizia bolacha. Eu não dizia bem os "erres" e muitas coisas assim

² Este meu tio ainda juntou muita coisa e fez muitas casas mas agora não tem nada, por cabeça da minha tia; venderam tudo, mas os irmãos do meu pai nunca ligaram muito para ele, a não ser um ou dois. A minha tia desprezou-o muito

³ Antes de ter o meu filho eu gostava de ler uns livritos que eram romances, policiais. Esses livritos não tem grandes imagens e acabam rápido, e se eu me meter a ler um livro desses eu tenho que o ler todo. Quando estava no estrangeiro eu andava sempre com o livro e quando fazia viagens de comboio eu

entender aquilo que estou a ler e quando a gente lê e vê as figuras a gente fixa na cabeça. Se estiver só a ler a gente chega-se ao fim e não se percebeu metade das coisas.

As professoras não gostavam que não fizéssemos muito barulho nas salas

Quando elas estavam a falar e a gente começava a falar uns com os outros, elas enervavam-se. Nós vezes nós abusávamos um bocadinho e elas exaltavam-se : berravam e discutiam, assim, muito . Muitas vezes a gente copiava e elas detestavam essas coisas. Às vezes metiam-nos contra a parede ou a escrever muitas vezes a mesma palavra ou... sei lá. Às vezes davam-me réguas.

Eu apanhei pouco na escola, mas uma vez apanhei, acho que foi por causa do barulho. Uma vez elas chegaram e nós estávamos a os papéis pelo ar. Fomos umas três ou quatro que apanhámos umas réguada, mas acho que foi a primeira e a última vez. Eu sempre tive sorte, mesmo em criança nunca fui muito de apanhar - nem dos meus pais, nem das professoras...nunca me bateram muito⁴ . A minha mãe só me bateu agora em grande, com 11 ou 12 anos⁵.

Todas as professoras eram muito boas. As professoras eram boas para mim.

Eu tive duas professoras. Elas brincavam e ensinaram da melhor maneira que podiam. Elas ensinavam e fartavam-se de ensinar. Tanto uma como a outra professora foram muito boas para mim. Elas explicavam bem, brincavam muito comigo e via-se mesmo nelas que tinham gosto de ensinar. Elas batiam sempre na mesma tecla tanto que eu só chumbei na 1ª classe. Eu tinha era uma letra a modos que feia, mas elas ensinaram-me; mandaram-me utilizar aqueles livritos que tinham aquelas linfinhas e eu fazia, mas não me lembro, assim, de muitas coisas da escola. Elas davam toda aquela atenção que eu precisava e talvez até pouco mais do que às outras!

Elas gostavam mesmo que eu aprendesse, tanto que no último ano eu passei, assim, por rés-vés, da 4ª para o 5º ano. A professora era capaz de não me ter passado, mas ela sabia como a minha vida era e sabia que eu gostava de ir estudar para o ciclo. Ela disse para eu estudar porque depois era melhor, mais tarde e não sei quê e foi ela que me meteu os papéis e tudo para eu ir. Eu cheguei a ir, mas depois não gostei muito da experiência.

Eu saí da escola com 10 anos e pouco, fui para o ciclo e saí por volta dos 12 anos.

Na outra escola andei lá só um ano e chumbei. Eu queria, pelo menos, conseguir fazer o 2º ano, porque acho que há mais hipótese de arranjar trabalho, um trabalho melhor e também porque na altura eu gostava de aprender o francês e essas coisas assim. Eu queria ir mesmo até ao fim. Pedi à minha mãe e fui, mas quando comecei a andar eu vi que não ia conseguir.

gostava de ler, mas trazia um grosso que era para dar a viagem toda, quando eram grandes viagens. É que gente lê aquilo tudo de uma vez e depois? Voltava a ler o mesmo? Eu tenho lá em minha casa os livros mas não me lembro dos nomes nem dos autores.

⁴ O meu pai só me bateu uma vez. Duas vezes! Uma eu tinha 3, 4 anitos. É que eu ficava com os meus irmãos, mas eles queriam era brincadeira. Eram crianças! Quando me davam uma tarefa eu ia para cima da mesa fazer as minhas necessidades. Um dia o meu pai apanhou-me e deu-me duas trouxadas, nunca mais voltei a fazer! A outra vez foi uma altura que ele vinha meio esquinado, mas acho que aquilo até foi sem querer. Ele não queria bater. Ele estava berrar, não sei com quem e eu meti-me à frente e ele mandou-me uma bofetada. Mas não era para mim. O meu pai nunca me bateu por causa dos namoricos.

⁵ Em pequenita eu não me lembro de a minha mãe me ter batido. A partir dos 12 anos em diante sim... Uma altura ela bateu-me a mim e à minha irmã porque fomos ao Baile a Recardães, por altura do dia dos namorados. Houve alguém que me viu a comprar o isqueiro para a minha colega dar ao namorado e foi dizer à minha mãe que eu andava a fumar no baile. Quando cheguei a casa apanhei eu e a minha irmã. A minha mãe nem nos perguntou explicações e Pumba!

A minha irmã saiu de ao pé do homem e deixou os quatro filhos em casa da minha mãe que os guardou; a minha irmã mais nova era pequenita ainda e eram cinco crianças lá em casa. Nós éramos muitos irmãos e eu não andava a fazer bem os meus deveres. As vezes ia ajudar a minha mãe na fábrica e chegava a casa ainda fazia o comer, isto ou aquilo. Eu não tinha muito tempo para essas coisas. Eu fazia de tudo um pouco, distraída, rápido e não tinha as melhores notas. Eu comecei a ter notas muito baixas e muitas negas. Eu não fazia deveres nenhuns, não me dedicava por completo a essas coisas; fui tirando notas baixas, baixas e foi um desastre: chumbei e nunca mais quis ir.

Fiquei muito desiludida, porque não queria chumbar, mas eu não podia ter feito tudo ao mesmo tempo! Ajudar a minha mãe, estudar e fazer as coisas em casa, era muita coisa para uma criança. Eu era muito nova, tinha 12 ou 13 anos. Fiquei muito triste mas conformei-me. Não me conseguiu ficar na ideia ter chumbado. Eu queria passar tudo. Fiquei tão desgostosa que não quis ir mais.

Não vale a pena perder mais tempo!

Então comecei a pensar: _ “Porque é que eu vou perder mais um ano de escola com tantas dificuldades? Eu posso já ir trabalhar ou fazer alguma coisa para ajudar a minha mãe. Eu disse à minha mãe que não ia mais a escola e que ia trabalhar para ao pé dela a fazer umas paletes.

Houve uma fase em que o meu pai não trabalhava muito e foi a minha mãe que nos sustentou e criou praticamente sozinha. O meu irmão trabalhava, mas ganhava pouco. A minha mãe também trabalhava, mas não era um ordenado exemplar. O meu pai também andava a trabalhar na sucata, mas às vezes ia, outras vezes não⁶. Fui para a fábrica começar a trabalhar e ganhava aquele dinheirito para ajudar um pouco.

Desde os 12 ou 13 anos eu estive a fazer a paletes e a ajudar a minha mãe a limpar as máquinas

Eu pedi ao Sr. Alípio⁷ e à minha mãe para ir para a fábrica e fiquei a coser paletes e a meter na empilhadora. Ele deixou-me ir porque gostava muito de mim; porque desde pequenina eu andei lá a fazer paletes.

Eu tinha perdido o meu padrinho há 2 anos, ele morreu tinha eu 9 anos. Eu adorava o meu padrinho⁸. O Sr Alípio me perguntou se eu não queria um padrinho emprestado.

Depois pedi imenso à minha mãe para voltar para a escola.. então comecei a andar a noite!

⁶ Não digo que o meu pai não ajudasse, porque ajudou, mas à maneira dele. Ele ajudava, mas não é que trabalhasse seguido, seguido, seguido. Trabalhava e parava. Quando começou na sucata foi quando começou a andar mesmo mais pegado. Ele andava nas fábricas de tijolo mas nunca foi muito de estar a pedinchar e então, a minha mãe é que nos criou.

⁷ Ele sabia que eu não tinha padrinho. Ele via-me de pequenita e quando chegou a altura da Páscoa perguntou se eu queria que ele fosse meu padrinho emprestado. Eu disse logo “está bem e a gente jogava à reza, lá àqueles jogos da Páscoa. Quando chegava o dia ele dava-me um quilo de amêndoas. Nós andávamos ao eixo, ele se escondia e a gente divertia-se imenso!

⁸ Este meu padrinho tinham-se separado de uma tia, irmã do meu pai. Ele estava na Suíça e só vinha cá passar férias. Quando eu ainda era muito pequena ele esteve a viver lá em minha casa muito tempo; a minha mãe deu-lhe o quarto para ele lá estar e quando ele vinha ia lá a casa e nós brincávamos muito. Ele era um padrinho espectacular⁸!

Quando ele morreu⁸ foram lá a escola dizer à filha e eu estava com ela. Eu fiquei muito, muito triste porque adorava o meu padrinho. Tenho a certeza que a filha dele não gostava tanto dele como eu. Quando foi veio o funeral da Suíça⁸ eu chorei tanto, tanto, tanto que queria-me enterrar junto com ele. Eu adorava-o! A filha dele nem ligou e no fim foi-se embora mais a mãe e nem quis saber. Até disseram à minha mãe para me levar de lá para fora...

Primeiro a minha mãe não queria. Lá para o fim deixou-me, mas tirou-me logo passado um tempo. Eu ficava triste de ver as outras crianças na escola e eu não.

Ela não queria que eu andasse lá por causa dos rapazes. Pensava que eu ia para lá para ir ter com os rapazes. Ela dizia que a gente ia para lá e perdia a cabeça. Eu trabalhava durante todo o dia na fábrica e à noite eu pedia à minha mãe para ir aprender. Ela deixou-me ir algumas vezes mas não gostava.. Eu ainda lembro de jogarmos ao Carnaval e de irmos passar férias. Que fixe! Lembro-me de irmos a Fátima e das senhoras que estavam lá comigo. Lembro dos tapetes de arraiolos⁹ e aquilo que a gente fazia. Eu gostei muito desses tempos, porque eu gostava de aprender a fazer tapetes, fazer aqueles bordados.

O que aprendi foi útil para mim e quero continuar

É certo que já não se arranja um bom emprego sem a 4ª classe e é sempre bom a gente se instruir. Aprendemos mais coisas, a gente sabe ler e escrever e é sempre bom saber essas coisas.

Em Luxemburgo se eu ia a um “supermaché” e me dessem um livro francês eu lia. Quando vem uma carta para o Victor, é sempre em francês escrito e sou sempre eu que leio porque ele, demora muito tempo a ler. Eu é que leio e explico. Eu leio o francês e sei falar muito bem, graças a Deus.

Eu costumo ler histórias para o meu filho; leio histórias ao meu menino, não tenho tido tempo nenhum. Trabalho das 7 da manhã às 7 da noite; quando chego tenho que lhe dar banho e de comer já fica muito tarde. Depois tenho que dar-lhe o biberão e adormecê-lo. Ainda tenho que comer e tomar banho também e então é ir para a cama. Já não dá tempo de ler.

Quando o meu filho estiver maiorzinho eu quero ter o 2º ano. Ele agora ainda é muito pequenino, e é a minha mãe que fica com o bebé, mas ele vai para o infantário. Quando ele tiver 2 ou 3 anitos, que já não dê muito trabalho e puder ficar mais o pai, eu vou estudar à noite. Se me der bem a tirar o 2º ano, pronto e gostar eu quero fazer mais, continuo até ao 9º, 10º. Quero continuar! Continuo até me cansar da escola. O que eu conseguir! Não sei se foi por eu começar e não ter acabado de estudar ou que é que foi, mas quero continuar.

Eu era novita tinha 12 anos, uma criança.

Quando eu tinha 12 anos havia um rapaz que morava na nossa casa. A mãe dele tinha falecido e ele pediu ao pai para vir para baixo arranjar trabalho aqui nesta zona, porque diziam que as pessoas ganhavam bem. Ele morava na Régua e veio para casa do irmão. Ele esteve lá um tempão, mas não se davam, porque o irmão dizia ele era autoritário, que já queria mandar lá em casa e mandou-o embora. Ele pediu então à minha mãe se podia ir lá para um quarto desses às rendas.

Quando ele veio para baixo a minha mãe não gostava dele. Dizia que ele nem sabia caminhar.

Depois não sei o que aconteceu, que a minha mãe começou a gostar dele duma tal maneira que parecia impressionante! Parecia que ele era um filho para ela, um Deus! Ela berrava com todos e com tudo por causa dele! Começou a gostar e era capaz de fazer tudo por ele, mais do que para os próprios filhos. Isso que não me encaixava na cabeça. É que o Lino é da mesma idade que o meu irmão que faleceu... Não sei se foi um pouco isso, a minha mãe diz sempre que o tem como um filho.

Quando ele foi para a nossa casa, começou a atinar comigo.

Como todas as raparigas lá no bairro queriam namorar com ele, por ele ser loiro e ter olhos azuis, eu também queria. Quando as minhas colegas diziam: “Eu vou fazer com que ele namore comigo” Eu dizia: _ Vocês vão todas se enganar porque ele vai é namorar comigo¹⁰.

⁹ Eu gostava imenso, mas depois não o acabei

¹⁰ Eu sempre fui uma pessoa que tudo o que eu quis, eu tinha que ter. Eu sempre tive muita força de vontade para ter tudo o que quis.

Ele pediu-me namoro eu disse que não aceitava sem perguntar à minha mãe. A minha mãe estava lá na terra a trabalhar e eu fui falar com ela . Ela deu-me umas recomendações¹¹ e tinha-o debaixo de vista. Não lhe passava nada despercebido.

Eu aceitei mas com duas condições¹² ... talvez por não gostar dele. Eu aceitei o namoro mais por causa das minhas colegas. Todas elas queriam namorar com ele e eu quis-me fazer de mais esperta. Elas ficaram todas meias coisas.

Passado um ano, nem chegou um ano eu disse que não queria mais andar com ele. Estava farta de namorar Quando disse à minha mãe ela perguntou porque e eu respondi que não gostava dele.

“Ai, então tu aceitas namorar com o rapaz e agora não queres e mais não sei quê? “

Pedi que eu andasse mais uns tempos para ele conviver com outras, porque ele ainda estava cá há pouco tempo. Era para ele já ter arranjado outras quando eu me zangasse. Eu repeti que não gostava dele e que ia empatar tempo, porque ele já tinha idade e ia gostar mais de mim; que depois ia ser pior, mais difícil!

Eu deixei passar mas fui-lhe sempre dizendo que não gostava dele¹³. Chegou a uma certa altura que eu mesma lhe disse que tinha aceitado namoro contigo para as outras verem que eu tinha conseguido aquilo que elas não tinham. Mas ele tinha cismado comigo e tinha que ser comigo que ele tinha que viver a vida dele.

Eu já estava farta! Iamos a excursões a Fátima e ele atrás de mim, sempre. Eu já não aguentava mais!

Posso divertir-me como as outras raparigas! Porquê estar presa a um se me posso divertir com tantos?

Quando chegou aos 13 anos e uma senhora que trabalha na fábrica disse a minha mãe que eu precisava de me divertir porque eu estava sempre em casa e farta de trabalhar! A minha mãe levou-me então ao baile Fui eu, a minha mãe, ele , a minha irmã Marlene e o meu irmão com os colegas. O meu irmão é que nos disse como é que havíamos de entrar . Ele esteve comigo. Eu ainda não sabia dançar, nem nada, ele é que me ensinou. Andou a dançar comigo, o meu primo e os colegas do meu irmão. Eu não sabia dançar e eles lá me ensinaram.

Eu via as outras raparigas e eu ali com a minha mãe e com ele. Eu fiquei um bocado triste por ver que trabalhava e se calhar as outras tinham melhor vida do que eu e divertiam-se mais. Eu não achei justo! Pensei “se eu trabalho também preciso de me divertir, tal e qual como as outras! Ai eu arranjei duas amigas, lá no baile.

Eu só soube que tinha sido este rapaz a comprar-me a bicicleta quando disse que queria acabar o namoro

A minha mãe disse: Então, já viste, ele até te ofereceu uma bicicleta!

Disse “tens que continuar senão eu meto-te num colégio de freiras” Eu lá fiquei eu com ele na mesma! Tive que o aturar, porque tive medo... Não é que eu seja contra essas coisas, mas eu gostava era de ser livre

¹¹ disse: Mãe, o Lino pediu-me namoro e pediu para eu te vir perguntar se você me deixa ou não namorar com ele. Ela respondeu “Está bem. Namora, mas tem juízo.

¹² cheguei ao pé dele e disse-lhe : “namoro contigo, mas com duas condições. Primeiro eu não quero nunca que tu me dêes um beijo na boca. Nunca te quero beijar na boca e não quero andar de mãos dadas contigo, nem abraçadinhos nem nada dessas coisas. É um de cada lado e nada de beijos na boca. Para mim namorar era estarmos sentados e a falar ou isso. Não era nada dessas coisas de beijinhos e abraçinhos. Eu não atinava com essas coisas porque era muito criança. Eu nunca puxei para essas coisas. Ou talvez por não gostar dele.

¹³ Nunca fui perdida por ti e quero que tu te desenrasques por outro lado e me deixes viver a mim.

Eu continuei com o Lino mas houve uma altura em que fui ao baile e fui dançar com outros rapazes, enquanto eles tinham ido beber qualquer coisa e estavam a dançar rapsódias. Quando a minha mãe quando me viu... Jesus! chamou-me quantos nomes! Eu fiquei muito triste. Chorei muito. Fiquei muito magoada.

Ela disse que eu nunca mais ia ao baile e que ia ficar sem sair de casa até os 18 anos. Dizia que ia falar com uma freira que costuma lá ir à casa para me meter num colégio de raparigas

Eu às vezes tinha vontade de fugir de casa e de desaparecer. Uma altura tentei, mas a minha irmã não deixou. Eu devia ter para aí uns 15 anos.

Comecei a namorar às escondidas sem ele saber, mas a minha mãe não me deixava... Já não dava!

A minha mãe nesse dia não me disse nada e deixou-me dançar com quem eu quis. No outro dia, fomos trabalhar e ela perguntou se eu tinha gostado. A partir daí começámos sempre a ir ao baile à Sexta-feira, mas com a condição que eu dançasse os "Slows" todos com ele porque ele não sabia dançar mais nada. Como eu estava a gostar tanto de ir ao baile aceitei ainda essa da minha mãe, até que conheci lá um rapaz e dancei com ele algumas modas.

Era um rapaz simpático e perguntou-me se o Lino era meu namorado. Eu comecei a mentir, disse que não, mas que a minha mãe queria que eu casasse com ele e obrigava-me a dançar os slows com ele. Ele então desatinou e disse "se não podes namorar com mais ninguém nem nada, eu não vou estar preso". Não é que eu gostasse dele, mas fiquei triste porque eu podia ter outras hipóteses e assim e por culpa da minha mãe eu não tinha que estar presa a um que eu não gostava.

Quando vi aquele rapaz parece que fiquei encantada ... Parece que foi um amor à primeira vista.

Um dia eu e a minha sobrinha estávamos a espera da minha mãe e fomos brincar na areia. Chega lá um sobrinho dele a atirar pedras para o ar. Eu adorei aquele rapaz., tinha 13 a 14 anos. Ele não falou para mim nem nada mas quando eu o vi... até fui mais para a frente e estava a apreciá-lo. Achei-o lindo e comecei a imaginar coisas.

Eu passava para ir ao trabalho e ele passava para ir ao café. Eu passava e não o via, ele só ia para o café a uma hora. Então esperava quase até à uma hora. Ele vinha a vir para baixo e eu passava por ele. Eu gosto do pai do meu filho e tudo, mas é aquela coisa. É a primeira coisa e a gente nunca se esquece.

Quando eu dancei com ele... Ai, tremeu-me tudo!

Nesta altura eu fui ao baile e ele estava lá com o irmão e com os colegas. Eu tinha medo que ele me chamasse para dançar. Já tinha ido a outros bailes e ele nunca me chamava, mas naquele dia, não sei porquê, deu um slow e ele chamou-me. A minha mãe já sabia que eu não gostava dele, mas ela naquele dia fui dançar e dancei a noite toda com ele. Os slows todos!

Ela viu-me muitas vezes depois e já dizia olá . A partir daí é que não queria mesmo mais o Lino. Queria namorar com ele, mas a minha mãe continuou a não me deixar andar com mais ninguém. Ele entretanto foi para a tropa e eu fiquei... Como ele também nunca me tinha ligado muito, nunca curtimos nem nada eu pensei: "Isto foi só uma dança e já passou. Ele já nem se lembra." Assim continuei a andar nos bailes e a dançar com outros rapazes.

Até que envolvi-me com um rapaz de Aguada de Cima.

Conheci-o lá no baile no aniversário de uma prima dele que. Ela fez anos e convidou-me e eu fui mais a minha irmã. Ai já havia uns beijinhos e essas coisas mas foi por pouco tempo. Ele estava disposto a falar com os meus pais para namorar mas por telefone; ele tinha muito medo da minha mãe porque sabia da história com o Lino porque eu já lhe tinha contado.

Eu sempre disse o que se passava a todos os rapazes que eu andei a namorar às escondidas.

Esse rapaz aceitou namorar na mesma para mim às escondidas, mas houve uma altura que a minha mãe descobriu. Ela soube que eu andava com um rapaz, mas não descobriu quem era ele.

Ela me foi vigiar, quando eu fui levar uns filmes de vídeo; a gente viu-se e ele esteve lá um bocadinho e depois vim embora. Na altura que eu estava para chegar, a minha mãe o encontrou. Eu disse que tinha visto uma ambulância e que eu tinha ido ver para onde é que ia. Ela não acreditou. Eu vim embora e ela veio a berrar – “ Não queres o Lino, mas andas aí com outros”. Quando o rapaz estava a passar, passou e disse boa-noite como se nada fosse. Ele depois telefonou a dizer :_ Olha, deixa lá que eu telefono-lhe e falo com ela a pedir namoro.

Eu, por acaso, senti qualquer coisa , parecia que estava lá alguém a vigiar e era a minha mãe. Ela disse vinha ver o que eu andava a fazer. Aquilo magoava-me. Eu fiquei revoltada e perguntei:

Você não sabe a educação que deu aos seus filhos ? Você julga que eu sou quem?

O namoro com o Lino acabou na minha cabeça aos 12 anos , mas realmente só acabou aos 16 anos, porque eu comecei a namorar com o meu marido.

Quando o meu irmão casou, nós fomos ao casamento e depois a gente tem a mania de cortar a gravata do noivo e ir entregar. Quando cheguei ao pé dele, pedi-lhe uma gorjeta boa para o meu irmão ir para a noite de núpcias e ele disse na brincadeira: só se tu te casares comigo. Eu pensei que ele estava a gozar comigo e disse que sim . No fim fomos todos ao baile e andámos a dançar e ele andava a brincar lá e mandou umas bocas a uma rapariga e perguntou se eu era ciumenta. Era tudo brincadeira mas ao outro dia eu fui a casa do meu irmão e ele esperou até a noite que eu viesse para baixo.

Foi sempre naquela de que não ia dar nada e namorávamos às escondidas de todos. A gente se encontrava ou ele ia ter comigo à fábrica e a gente estava lá um bocadinho no paleio.

Mas depois os meus irmãos descobriram e a minha mãe o encontrou a trazer-me do trabalho. Foi um dia em que ela foi comprar fruta. Ele deixava-me antes e ia dar a volta, a fazer de conta que estava a vir. Acho que desta vez ele parou. Eu não ouvi, mas sei que foi uma discussão enorme, porque a minha mãe disse que ele berrou com ela, e até disse que lhe passava com o carro por cima, se ela se metesse no nosso namoro. Eu não sei se ele o disse, porque eu não estava a ouvir. Também não sei o que a minha mãe lhe disse, porque ela era tratava mal todos os rapazes que se aproximassem de mim.

No dia de S. Valentim, dia dos namorados, nós ainda nos zangámos.

A minha mãe não queria que ele me viesse buscar a casa e eu não lhe telefonava nem nada porque ela não deixava. Eu e ele tínhamos discutido um dia ou dois antes por causa dela; como a gente já tinha combinado encontrarmo-nos ao pé da fábrica de blocos eu fui e ele não!

Eu estava chateada com o namoro porque ele não foi ter comigo e foi ter com uma prima minha! Fiquei danada.

Quando cheguei a casa a minha mãe disse “ ele não quer nada contigo”. Peguei num táxi e fui para o baile. Dancei os slows todos com o meu antigo namorado. No fim passei por casa dele e disse à mãe para ele nunca mais me procurar.

No outro dia ele estava batido lá na fábrica e pediu desculpas. Ele mandou-me entrar para o carro, disse que não tinha ido porque estava muito chateado, por a minha mãe andar sempre às turras com ele. Ele não queria acabar o namoro e ia lá todos os dias.

Eu tinha 16 anos quando o namoro ficou assumido; nós continuámos a namorar com a minha mãe a saber.

Ele não fugiu nem nada. O meu irmão casou-se no dia 2 ou no dia 5 de Outubro e no Natal ofereceu-me um anel de noiva.. Eu nem sabia que aquilo era anel de noiva, nem raio que o partisse, julgava que era só um anel.

Ele nesse dia teve um acidente, mas mesmo assim ele foi-me levar o anel de noiva no carro da mãe dele. A mãe até foi com ele, não o deixou conduzir porque ele tinha tido o acidente há pouco tempo e estava muito enervado. Ele esteve lá comigo mas eu disse-lhe a ele para ele não estar a falar com a minha mãe, porque ele já estava chateado com o acidente e ia ficar pior.

Entretanto, o meu antigo namorado saiu da tropa e eu voltei a encontrá-lo outra vez nos bailes. Começámos mais a sair, dávamos beijinhos mas sem pedirmos namoro um ao outro. Às vezes encontrávamo-nos no café. Andei com ele bastante tempo, dos 15 aos 16 anos; a gente encontrava-se. Antes de eu casar ele viu-me e disse “queres fugir comigo ?” Eu respondi “Com o ódio que a minha mãe te tem e eu sendo menor, a minha mãe nunca mais te largava”.

Passado um tempo eu casei e ele foi para a Alemanha.

Foi um namoro muito divertido. Foi tanta a brincadeira que até casamos! Eu tinha 17 anos.

Ele queria que a minha mãe fosse ao casamento mas ela não queria ir. Ela dizia que não, andou sempre a emburrar, mas foi. Ela teve que ir ao registo em Julho dar autorização. Ela não queria que mais tarde eu dissesse que não deu certo por culpa dela. Ela dizia que não ia ao casamento da igreja mas nós lá andámos a chateá-la para ela ir. Ele foi lá pedir para ela ir ao casamento e eles até se deram bem durante algum tempo. Foi um casamento bonito.

Eu e ele fizemos a festa

O último mês que trabalhei a minha mãe não quis que eu desse o dinheiro. Eu fiquei com o último mês e como ele já tinha mais idade e dinheiro, a gente pagou. Na realidade quem pagou foram os convidados porque o dinheiro que os convidados nos deram deu para pagar a comida e tudo. Ainda foram 200 convidados.

Foi um casamento bonito. Tive um vestido muito grande, 4 damas de honor, 3 meninas nas alianças. Foi a minha irmã Ana que está na Suíça que me ofereceu o vestido, porque ela é minha madrinha e foi também a madrinha de casamento.

Casamos no dia 1 de Agosto e fomos no dia 15 de Agosto para França viver porque ele trabalhava lá.

Eu não sabia falar nem nada, andava sempre com ele até que depois comecei a virar-me sozinha pela televisão.

Eu ouvia e perguntava o que é as palavras queriam dizer. Ele dizia-me e, assim, fui aprendendo. Em meio ano eu aprendi a falar e a compreender tudo. Procurei logo trabalho e arranjei. Eu andava a trabalhar em dois cafés a fazer limpezas. Eu lavava panelas de restaurantes e ajudava no que pudesse, fazia camas e limpava os quartos. Fazia umas horas de manhã e depois arranjei outro de tarde. As horas que fazia eu ganhava. As minhas patroas eram óptimas. Tanto uma como a outra. Eu trabalhava 2, 3 horas e elas pagavam-me à hora. (em Luxemburgo ganhava ordenado)

Até Dezembro a gente vivia bem. Dávamo-nos muito bem.. Eu vinha bastas vezes a Portugal quando ela estava casada com ele. Duas, três vezes por ano e quando nos apetecesse. Ele trabalhava nas obras e no Inverno, quando estava a chover ele ou nós vínhamos de carro. Nós íamos sempre a casa da mãe dele.

Depois a mãe dele começou a lá ir e metia o nariz onde não era chamada.

Quando a mãe dele ia daqui de Portugal, ela ia para lá para casa porque a casa era dela. Ela queria tudo à sua maneira. Quando eu vinha a Portugal passar férias pedia para ver os meus pais e a minha família e ela não deixava. Ela dizia que a minha mãe era uma bruxa e que eu ia buscar coisas para meter na comida para matar o filho..

Ele começou a não ir lá e cada vez que eu falava nisso, eu apanhava. Ele batia-me!

Eu às vezes nem percebia porquê, porque é que ele me estava a bater. Só por eu dizer que queria ir ver o meu irmão ou a minha mãe? Ele estava sempre contra e nunca queria. Quando vínhamos a Portugal íamos só para casa da família dele, dos irmãos, mais a mãe dele. Ela é que ia sentada ao lado do filho e eu ia sempre atrás. Eu fazia o que eles mandavam. Era uma criada de todos os serviços, de cama e mesa! Era uma criada que estava ali, pelo menos eu achava-me assim.

Não é que ele fosse mau rapaz, não era. É que ele tinha vivido tantos anos com a mãe que era divorciada e fazia tudo o que ela mandava. Mas eu era muito independente desde sempre e gostava das minhas coisas um pouco à minha maneira. Se eu estava a fazer vida com ele, ele tinha que fazer era vida comigo, não era com a mãe dele! A mãe não saía lá de casa e andávamos sempre a discutir um com o outro. Muita vez eu lhe dizia que ou ele parava ou eu ia-me embora. Divorciava-me dele. Ele nunca acreditava, pensava que eu estava a brincar com ele! Dizia "Tu não tens para onde ir". Eu muitas vezes telefonava para a minha mãe e para a minha irmã que estava na Suíça para ele saber que não era assim.

A princípio eu tive medo de pedir o divórcio, mas ele foi me batendo tantas vezes por eu dizer que queria vir ver a minha família, que chegou ao fim! Estivemos casados 3 anos.

Eu casei-me em Agosto de 93 e divorciei-me em Setembro de 96. Eu tinha 20 anos.

Não tivemos filhos porque não aconteceu. Eu mesma fui fazer exames e só sei que não ficava de bebé e queria.

Eu não sei se engravidei ou não porque havia alturas em que atrasava dois ou três meses. Houve uma vez em que não me vinha o período há 2 meses, nós viemos a Portugal e eu ajudava a mãe dele nas terras; um dia eu estava ajudá-lo a levantar uma coisa para pôr uma gaiola, fiz muita força, começou a doer-me muito a barriga; depois veio o período. Não sei se foi aborto ou se não, mas foi assim e eu fiquei um bocado....

Depois do divórcio

Eu lá não tinha minhas amigas na França, a não ser as minhas patroas e uma empregada de um os cafés onde eu trabalhava. A primeira patroa era muito boa mulher; era velhota, divorciada e boa. Quando eu fui tratar do meu divórcio ela deu-me um quarto para dormir de graça e dava-me de comer. Ainda lá estive uns 2 ou 3 dias e foi a empregada dela que me levou lá ao tribunal e tudo.

Eu primeiro telefonei à minha irmã que estava em Luxemburgo para ver se podia ir para lá. Eu menti ao meu homem, disse-lhe que ia ver se ele arranjava trabalho para nós dois e fui. Em uma semana, consegui arranjar trabalho para mim. Eu trabalhava num café e a minha irmã trabalhava noutra. Ele queria que eu voltasse para casa; que ia lá e me passava com o carro por cima.

Falei então com o meu patrão pedi para ele me pagar e voltei para França. Estive com ele uns dias e pedi o divórcio. Ele levou na brincadeira porque pensava que eu não queria, mas eu lá arranjei um advogado. Ele só acreditou quando eu tive os papéis assinados. Ele assinou a autorização como me deixava ir até eles tratarem dos papéis do divórcio em França.

Eu fui para Luxemburgo, estive lá até Setembro até vir direita a Portugal tratar do divórcio!

Em Luxemburgo eu tinha muitos amigos. Eu gostava muito do café porque tinha muitas amigas. Eram senhoras já de idade e até havia lá uma que me tratava por filha; ela não tinha filhos e gostava muito de mim.

Eu punha-me a pé às 11 horas para ir pegar à uma da tarde e trabalhava até à uma da manhã. Depois ia para a discoteca até às 3, 4 da manhã e divertia-me! Eu como não me tinha divertido antes, divertia-me, ia quase todos os dias á discoteca.

Em França eu tinha estado só a servir e a limpar, foi o trabalho mais fácil, mas foi o que eu tive menos convívio. Em Luxemburgo era a servir, mas eu também estive no balcão a tirar cafés, cervejas e assim. Este trabalho era mais difícil, mas eu gostei imenso. Foi uma experiência ótima. Eu tinha muitas amizades!

Quando eu fui para o Luxemburgo eu conheci o Victoire, o pai do meu filho.

Ele vivia lá na casa do padrasto onde eu estava. Ele nasceu em Luxemburgo e foi lá criado; o pai dele era italiano e a mãe portuguesa. Ele só vinha cá passar férias, esteve lá sempre. Era ele ou o padrasto que me iam buscar ao café quando eu saía. Um dia ele convidou-me para ir beber um copo a um bar. Primeiro ficámos amigos e só depois, lá para Julho ou quê é que ele pediu-me namoro. Nós começámos a namorar e como ele não tinha trabalho fixo porque era nas obras e como eu também estava a ganhar pouco, decidimos vir para Portugal e vivermos juntos.

Como nunca tive o grande amor da minha mãe eu era muito carente

Eu disse para ele “eu vou assinar o divórcio a França e vou para Portugal, se quiseres vens, e não quiseres ficas. Ele veio de avião com os meus sobrinhos e eu vim de comboio para parar em França. Ele não queria que eu viesse para minha casa e como tinha uma casa em Portugal, pequena mas que dava para nós vivermos, foi me buscar á estação para eu ir para casa dele. Começámos a viver juntos e um ano depois ele perguntou se eu queria casar com ele. Eu disse que queria viver com ele, mas não queria casar. Disse que podíamos namorar e vivermos juntos para ver se a gente se dava bem e assim.

Ele é um homem que nunca levantou uma mão para me bater. Nunca me bateu nem nada.

Quando eu berro ele nem sabe onde é que se há-de enfiar¹⁴. Eu não gostava que me repreendessem e enervassem, mas ele sabe me levar, tem um jeito para isso; quando ele vê que eu estou chateada tenta me animar. Ele é bom para mim! Ele é muito bom, embora antigamente não gostasse muito, muito do trabalho. Ele tem uns amigos todos que são muito vagabundos e drogados, mas ele veio arranjar trabalho e está até agora a trabalhar.

Eu vim trabalhar para uma fábrica e ele para outra.

Eu assinei contracto de um ano. Estou a receber o ordenado mínimo e faço descontos.

Eu trabalhei dos 12 aos 16 anos sem ter “caixa”, entretanto casei-me fui para França, onde trabalhei em dois cafés a fazer horas extras. Depois estive meio ano em Luxemburgo a trabalhar num café. Em Portugal trabalhei numa fábrica de costura dois anos e meio e lá fazia descontos, agora estou a trabalhar móveis para escritório.

Estou na pintura, mas tanto estou aí como estou a colocar peças, é conforme. O emprego mais difícil, é este aqui. O do café também não é fácil mas a gente aí convive mais, entrava muita gente, saía muita gente e a gente arranja muitos amigos.

A minha encarregada é muito compreensiva; é super boa. Quando eu estive com o meu filho internado, ele foi duas vezes ao hospital. Eu fui lá pedir horas extra que eu tinha feito e ela deu-me o dinheiro. Eu tinha faltado duas semanas e ela deu-me dinheiro à parte, disse que depois eu lhe passava um cheque e pagava.

Na fábrica da costura a minha patroa também era muito boa. Eu e as minhas colegas gostávamos muito dela. Lá arranjei colegas, inclusive uma que é madrinha do meu filho. Ela comprou-lhe a roupa toda do baptizado tudo, tudo, tudo da mais pequena peça à maior.. Era uma rapariga mesmo boa. Era uma amiga mesmo querida em quem a gente pode confiar. A nossa vida era trabalho casa e casa trabalho, mas quando ela fez anos eu fui lá.

¹⁴ Lá, mal ele vinha, assim, repreender-me por alguma coisa eu pegava logo a vassoura, porque eu não gostava que me enervassem.

Aqui em Portugal há mulheres que são muito imperialistas e que pensam que são mais do que as outras;

Lá em França e no Luxemburgo são menos assim. As mulheres com quem eu convivi eram super simples. Havia muitas mulheres lá que tinham a mesmas coisas que as mulheres daqui e, no entanto, eram diferentes. São mais modestas. Uma pessoa nota a diferença.

As mulheres lá estão mais avançadas que as mulheres portuguesas daqui; estas querem ser muito avançadas, mas nunca chegam a ser tanto como as outras. Mas pensam que são! Se alguma portuguesa vê algum estrangeiro com cabelo mais fora do normal ou com uma roupa fora de moda pensa logo que são uns drogados. Lá não! Lá via-se tanta coisa e não se liga a nadinha, nadinha, nadinha.

Homens portugueses! ..os que estão lá são uma miséria!

Chegou a acontecer de chegarem ao balcão do café e oferecerem 5 mil francos para eu ir mais eles. Eles tratavam muito pior as mulheres do que os luxemburgueses. Lá há um respeito que não tem tamanho. A gente jogava e havia respeito. Os portugueses parece que não querem respeitar nem o próprio país. São muito mal educados com as pessoas e armavam barulho!. Toda a gente sabia quem eram os portugueses porque eles próprios faziam por isso.

As pessoas lá não! São capazes de beber 10, 15 cervejas, tanto homens como mulheres, mas estão no canto delas e quando vão embora, vão e voltam quando voltam. O problema é deles.

Eu conheci lá muitas mulheres, de quem fui super amiga, que chegavam lá às 10 da manhã e bebiam finos e panachês com bagaço de maçã, como se nada fosse. Os luxemburgueses entravam e não ligavam. Quando chegavam mulheres portuguesas viam aquilo e ficavam muito sérias a olhar; elas topavam logo que eram portuguesas.

Em Luxemburgo a maior parte das raparigas são portuguesas e a gente encontrava-se de uns cafés para os outros. Íamos beber um café e se encontrávamos uma portuguesa começávamos uma amizade, mas com algumas eu não me dava bem .

Eu gosto de ver televisão mas desde que comecei a trabalhar já não vejo mais nada.

De vez em quando vejo a telenovela; é quando posso, quando não posso não vejo.

Gosto de ver romances¹⁵; gostei muito de alguns filmes ¹⁶ e gosto de Música romântica¹⁷. Eu também gosto muitos dos brasileiros que cantam música romântica, música das novelas.

Quero ver se consigo ter a minha casinha, comprar o meu carrinho e estudar.

Eu gostava de ter a minha casa¹⁸, primeiro que tudo!

Queria que a minha casa fosse aqui perto; não é que eu goste muito daqui, mas a gente volta a conviver com as coisa. Digo isso e sinto muito falta do Bairro dos Sucateiros de antigamente. Era tão bom, era diferente. As pessoas mudaram muito do que era antes aqui. Antigamente nós convivíamos todos em harmonia. Chegava as férias, a gente juntava-se no S.

¹⁵ “A feiticeira do amor”, “O dança Comigo” e “Os meus 18 anos”, se não me engano

¹⁶ Rocky, “Rambo”, I e II.. Gosto dos filmes com Silvester Stallone, Jean-Claude van Damme e com Tom Cruise.

¹⁷ . Gosto de George Michael, do Michael Jackson, da Janett Jackson. Também gostei muito, antigamente, da Samantha Fox. Adorava ! Conjuntos portugueses gosto dos Delfins. Gosto da Dulce Pontes quando ela canta música tipo ópera. Adoro a família Kelly ! Eu adoro ouvir o Paulo Ricardo, tive que comprar esse CD! Também tenho um CD do George Michael, há um CD que são 2 juntos que é um loiro e um de cabelo escuro que tocavam juntos e agora estiveram algum tempo sem tocar e agora é que voltaram a cantar.

¹⁸ Gostaria de comprar uma casa. A minha sogra quer vender uma que tem lá na terra dela; ela diz que se a vender nos compra uma.

João; agora já ninguém liga a isso! A juventude de agora não quer saber disso, não convivem uns com os outros, andam sempre a zaragata, aos berros, à porrada. Está piorando e muito! Quando cheguei e vi o Bairro dos Sucateiros, assim...pensei no que ele já foi!

Eu também quero tirar a carta o mais rápido possível. Se a minha vida, agora, começar a correr bem, quero ver se consigo, então, a minha casinha, comprar o meu carrinho e estudar. Eu gostava de ser Educadora de Infância.

Adoro crianças. Eu adoro bebés! Adoro lidar com os bebés, estar num infantário a lidar com os bebés. Eu adoro as fraldinhas e dar-lhes banhinho, ai! Sou louca por isso.

Gostava também que o meu homem tirasse a carta de carro porque ele sabe conduzir perfeitamente bem, mas não consegue ler português. Ele demora umas duas horas a ler uma frase, assim, um bocado, um textozinho. Escrever então é um desastre! Ele foi tentar tirar a carta, mas desitiu. Nem que ele a comprasse!

Quero ter outro filho. Gostava de ter um menino e uma menina, mas se não der paciência!

Anexo 6

**Relato autobiográfico da Marlene
(1983-)**

Três entrevistas realizadas entre os anos de 1998 e 2000 em Águeda

Anexo 6A

**Relato autobiográfico da Marlene
(1983-)**

Relato autobiográfico da Marlene (Nasceu a 5 de Agosto de 1983)

Não sei por onde é que vou começar...começo pela escola.

Eu tenho muitas coisas em pequena.

Eu comecei a ir para a escola com 5 anos e meio. Depois disso andei lá... Eu comecei a dizer que não gostava de escolas.

Eu não tinha muitas colegas e não gostava muito da escola porque as minhas colegas tinham muitos problemas e fumavam e também me queriam pôr esse vício e eu não gostava. Eu nunca quis fumar, então, elas "ó Marlene experimenta!" Elas fumavam charros. Então, que havia agora na primária... depois na secundária era pior! Depois estudei até ao 4º ano e saí. Estive um ano em casa, depois aos 12 anos fui trabalhar.

Aos 12 anos fui trabalhar.

O meu primeiro emprego foi ali no café Emigrante. Estive lá quase dois anos.

Depois disso... Eu não me sentia bem porque os meus patrões eram muito maus e eu... pedi para arranjar outro emprego na Impal porque era a fábrica onde eu conhecia mais pessoal. Pedi ao Victor, que está cá em casa, para ver se ele me podia arranjar emprego...foi lá e conseguiu.

Mudei de emprego. Saí num e meti-me logo noutro, porque eu precisava. Eu não gosto muito de estar em casa porque parece que o tempo não passa.

Tinha 13 anos e pouco.

Então, já quando andava no café que comecei a estudar de noite.

Só havia escola de noite, nocturna, para tirar o 2º ano.

Então, eu como não gostava de andar de dia tentei de noite.

Consegui. Agora já acabou o ano, já tenho o 2º ano tirado.

Foi com 13 anos e pouco.

Ia a Aguada de Baixo à escola primária porque havia ciclo lá para o 2º ano. O 2º ano era nas escolas primárias. Agora já acabou o ano e está tudo bem.

Agora ia para tirar o 9º, mas ainda não posso. Como ainda não tenho idade, não posso (tens agora que esperar...) ter 16 anos para poder continuar.

Porque, pronto... tinham creche e já podiam meter com 5 anos e meio e então...

Andei. E como já podia... já podia andar, já lá podia andar disseram: "já se pode inscrever com 5 anos e meio." A minha mãe foi-me inscrever.

Então, eu nessa altura, devia ter uns 6 anos, dei lá também uma entrevista sobre as minhas sobrinhas. Como a minha mãe tomava conta delas e isso e era a ver... foram muitas raparigas a dar entrevista. Era para ver qual era o nosso trabalho, assim, depois das aulas. Como nós éramos novas era para ver qual era o trabalho depois das aulas. Então, eu disse que tomava conta das minhas sobrinhas. Nessa altura a minha sobrinha tinha seis anos e a outra quatro. A Sílvia que é a mais velha e tinha a outra com 2 anitos.

Então eu tomava conta delas. A minha mãe tinha que trabalhar e eu era a mais velha de todas e era a que tinha mais responsabilidade.

Então, eu tomava conta delas e dei essa entrevista. Depois, passado uns tempos voltei a dar outra. Já não me lembro quem era, mas sei que eram uns médicos e isso e

do centro social. Para poder ver como era a nossa vida. Como nós eramos muito novas, mas eles queriam saber um pouco porque já sabiam o que nós eramos, o nosso passado.

Eles já me conheciam quando eu andava na creche desde os 3 ou 4 anos, não me lembro. Nessa altura também andavam as minhas sobrinhas na creche comigo. Quando entrou uma entraram todas. Nós entrámos todas juntas porque...

Aquilo era assim como uma amizade entre todas as crianças que lá havia,

Mas havia lá algumas continuas que não eram muito boas. Berravam muito e isso. Gostei lá muito de uma que era a D. Fátima que ainda agora lá trabalha. Essa era muito boa e havia lá outra que era do ATL que já não me lembro muito dela.

Era a tomar conta das crianças mais velhas, o ATL era um sítio onde entravam só as crianças mais velhas.

Tinham as outras de 3 anos, 4 anos, conforme as idades. Nós iam mudando de sítio para sítio ...ficámos divididas porque a minha mais nova ainda ficou no sítio dos bebés, tinha só dois anos e ainda tinha que ir para lá. A mais velha ficou no sítio onde eram os de 4 anos e eu fiquei no ATL porque era a mais velha. Entrámos todas juntas nessa altura em que eu comecei a andar na escola.

Quase sempre tinha escola de manhã e de tarde. De manhã tinha que estar em casa, mas ia lá perto das 10 horas comer e depois ia para a escola. Saía às 3 e meia e tinha que vir para casa, não voltava para lá. Voltava para buscar as minhas sobrinhas, mas depois vínhamos as três.

Foram tempos mais ou menos. Foram bons e foram maus.

Quase até... entre os 10 e pouco andei na escola ... quando éramos crianças era melhor porque não sabíamos nada da vida e era melhor. Andávamos ali até aos 6, 7 anos. Depois começávamos a sentir os problemas umas das outras, das colegas, contávamos os problemas umas às outras e para nós foram os anos que mais nos custaram. Porque uma colega começou a contar a vida dela, porque sofria com os problemas dos pais e depois isto levava-as a fumar charros e toda a gente sabe que os charros são uma droga!

Nós temos uma hora de recreio...era meia hora, de manhã entre as 10 e as 10 e 30. Nós... aquilo era só arvoredos. A gente ia ali para trás, todas, e elas começavam a fumar. Elas começavam a dizer: "ó Marlene, queres fumar isto?" Mas eu nunca quis e dizia: "isso não resulta nada, nós estamos é a estragar a nossa vida porque..."

Se elas queriam tentar resolver o problemas de casa não era assim que iam conseguir. Ainda estavam era a pôr mais um e então eu nunca quis.

Fumavam cigarros e tudo mais, mas eu nunca quis. Mas foram tempos bons, tirando isso tudo foram tempos bons.

Eu passei e tudo mais, inscrevi-me quando ia para o 5º ano, só que passei lá um dia ao pé da escola e vi, assim, tanta pouca vergonha que eu pensei, "se já passei tantas com as minhas colegas na primária, ali imagino o que é que vou ver! Se na primária fumavam, ali já andavam aos beijos e tudo o mais..." Eu pensei assim, "eu ali não entro. Eu ali não me vou dar." Comecei logo a pensar.

Então, estive um ano e pouco em casa e depois fui logo trabalhar.

Na primária tive uma professora. O nome eu não me lembro. Lembro-me de todas elas porque nós temos fotografias. Chegava a uma certa altura do ano que nós tirávamos fotografias com o grupo e sozinhas que era para... para poder vender, os fotógrafos. Então, eu lembra-me pelas fotografias, mas o nome não me lembro.

No 2º ano tive outra professora, no 3º tive outra e no 4º tive outra.

Eram professoras novas, entravam sempre naquele ano. Mas os meus colegas não gostavam muito.

Eu era muito pegada às pessoas. Eu era sempre muito boazinha.

Não é por ser eu, mas eu era muito boazinha. Eu não era uma pessoa que me conseguisse juntar com pessoas que fossem más ou assim. Eu era uma pessoa muito calma, ainda agora sou muito calma.

Então, eu sempre me dava muito com as minhas professoras. Eu até chegava ao fim do ano e tinha muita pena delas quando tinha que mudar. Quando diziam: "este ano já não sou eu, tem que ser a outra."

Eu ficava muito triste porque a que eu mais gostei foi a da 1º classe e a da 4ª.

Quando saí na 4ª classe eu tentava ver se ela mudava lá para cima, porque era uma professora primária, mas não podia mudar para o ciclo. Eu gostava que ela fosse lá para cima. Se ela fosse eu ia também, mas não podia e eu também não ia. Não interessava.

As colegas... tinha uma chamada Margarete que morava ali ao pé da cerâmica, da Macel. Tinha uma que era a Sandra, essa pertencia aos "piricos". Essa tinha muitos problemas. Tinha uma outra que era minha prima. Era a Natália que está agora na França. Tinha outra que era a Marisa que é aqui minha prima vizinha e ainda tinha uma Carla que era também... Ela agora não sei onde está a morar. Ela acho que saiu daqui desta zona, acho que está ali para os lados de Aveiro.

A minha vizinha aqui não porque ela já lá andava há muitos anos. Ela repetiu muitos anos. Nós entrámos quase todas juntas, menos ela. As outras entrámos todas juntas e saímos todas juntas. Ao mesmo tempo e essa não conseguiu sair. Ela já tinha os 14 anos.

Passei sempre. No que eu tinha muitas dificuldades era em gramática e português. Isso para mim era uma grande confusão, mas agora já não acho muito. O que eu gostava mais era de matemática. Muito eu gostava de matemática!

Porque era muito fácil, não é? Agora já é muito complicado, mas na primária era bom.

Eu lembro-me de ter aí uns 3 ou 4 anos e, então, a minha casa não era nada como é agora. Era mais pequena e tudo o mais.

Então, a minha irmã tinha uma casa muito grande e nós admirávamos aquilo e íamos para lá brincar. A minha sobrinha era mais velha do que eu. Ela tinha uma casa melhor e nós íamos para lá brincar com bonecas. Nós aqui não tínhamos essas possibilidades e, então, eram tempos que... Pouco me lembro disso, mas o que me lembro eram tempos mais ou menos, porque nós brincávamos todas juntas.

Eu antes não sabia lavar a louça e aí aos 6 anos comecei, pronto, como a minha mãe trabalhava eu não queria deixar tudo para ela. Nunca fui deixar que as outras pessoas trabalhassem e eu não. Então, eu dizia queria trabalhar e que não queria estudar, mas tinha que estudar. Pelo menos o quarto ano tinha que tirar, não é? Então, comecei a lavar a louça e não sabia nada daquilo. A minha avó, nessa altura, ainda podia ajudar em alguma coisa. Agora já não, mas naquela altura ainda ajudava. Ela começou-me a ensinar e eu comecei a lavar, comecei a limpar a minha casa nessa alturas.

Quando vinha da escola, há alturas em que era muito malandra, não me apetecia fazer nada! Noutras alturas gostava. Não fazia mais cedo, mas fazia mais tarde. Eu

chegava sempre às 3 e meia, pronto, mesmo que chegasse aqui por volta das 4! Eu saía às 3 e um quarto e chegava aqui por volta das 4 porque tinha que ir buscar as minhas sobrinhas e tudo o mais.

Depois, as minhas sobrinhas também começaram a entrar para a escola. A mais velho começou a entrar para a escola. A mais nova entrou há pouco tempo.

Ainda andei dois anos lá com a minha sobrinha, ela entrou e eu andei lá dois anos com ela. Ela continuou e eu tive que sair. Nessas alturas apanhamos horários... uma e outra tinham o mesmo horário. Por acaso era bom tanto para uma como para outra, porque se uma saísse às 7 eu tinha lá estar à espera dela para ter que a trazer para casa, assim não, saíamos às 3 e um quarto e até era bom, ainda era de dia.

Vínhamos as 3 e... pronto, como elas eram novas eu não podia exigir nada delas. Tinha que fazer eu tudo. Elas brincavam, como eram novas, brincavam enquanto que eu nessa altura, como já tinha 8 anos... eu sempre fui a mais velha de todas, eu sempre tive que fazer mais. Como elas queriam brincar, brincavam. Juntavam-se com as pessoas lá do bairro.

Eu quando não tinha mais nada para fazer, vi-a as minhas sobrinhas a brincar e não conseguia juntar-me a elas. Eu nunca fui uma pessoa que conseguisse chegar à noite e ir brincar com as outras crianças. Eu ficavam, assim, no meu canto, no meu quarto e arranjava qualquer coisa. Eu sempre gostei muito de música e ia ouvir música.

A sobrinha

Ela ainda esteve aqui uns anitos. Os pais foram para a Suíça e ela ainda cá esteve uns anos. Ela estava em casa da Ti' Ana. Vinha de cima porque morava no bairro. Ela esteve lá acho que foram dois anos. Dois anos. Eu devia ter aí uns sete anos na altura. Como queríamos estar sempre uma ao pé da outra, ela pedia-me para eu ir lá dormir a casa dessa senhora que estava a tomar conta dela. Então, eu ia para lá... iam as duas e ela tomava conta das duas. Então, iam para lá... porque em casa dela como sempre estava sozinha... Nós iam para lá e ela, durante o dia, vinha aqui para nossa casa e brincávamos.

Ao que é que vocês brincavam, lembra-te?

Gostava muito de brincar à macaca e a uma coisa... macaquinho chinês. Gostava muito de brincar às escondidas, ao esconde-esconde. Portanto, assim coisas que fossem mais para raparigas, embora isto tudo fosse também para rapazes, não é?

Ela entrou primeiro do que eu e saiu muito antes do que eu porque ela... ela nessa altura já devia ter uma idadezita. Ela tem 18, eu tenho 15. Ela já devia ter mais.... mais idade do que eu, porque ela foi muito rápida na escola.

Eu acho que ela até passou um ano... fez dois porque ela é muito boa! Eu acho que não cheguei a andar com ela na escola, pelo menos não me lembra disso.

Lembro-me de quando ela foi para a Suíça. Ela já foi há muitos anos. Eu era nova. depois nós começámos a ter saudades, não era?

Já não tínhamos as brincadeiras que tínhamos. Já não tínhamos possibilidades.

Os tempos difíceis

Depois a minha mãe já trabalhava e já podia... Os meus irmãos começaram a trabalhar também. A minha irmã Otilia e aí já podíamos ter uma vida mais ou menos. Já estava melhorzito!

(antes) a minha mãe era sozinha a trabalhar mais os meus irmãos que eram os mais velhos e, então, como nós ainda não tínhamos muita possibilidade... não

podíamos ser o que era. Depois começou a trabalhar a minha irmã, já foi mais razoável. Depois a minha irmã casou-se, casaram-se os meus irmãos. Casaram-se todos e aí já ficámos todos.

O meu pai tirou a minha mãe da fábrica, nessa altura, já foi há 3 anos ou 4.

Tirou a minha mãe da fábrica, começou a criar gado e aí foi, mais ou menos, quando eu saí da escola.

Andei mais um anito na escola, saí e passado 1 ano e pouco fui trabalhar. Também aí já se compôs mais ou menos, pronto.

O meu pai trabalhava, a minha mãe estava em casa e já podia fazer mais alguma coisa. Depois começando a criar gado já podíamos criar mais e... a minha mãe matava e comíamos. A minha mãe começou a fazer terras também, já dava para pôr batatas e isso, enquanto que a trabalhar não dava para pôr nada porque não podia tratar da quinta.

Então, nós começámos com melhor vida, mas também já não brincava com as bonecas, não é? Já não valia a pena. Na altura em que eu precisava não tinha e agora que posso ter não vale a pena! Começou tudo melhor!

O Lino

Depois veio o rapaz, para a casa, aqui, do irmão.

Começou a gostar da minha irmã Otília.

Nessa altura a minha irmã namorava com outro rapaz e não gostava dele.

Eu dizia à minha mãe... tinha eu 6 anos nessa altura: "ó mãe, eu gostava de casar com o Lino. Gostava de casar com o Lino."

"Ó rapariga, tu não vês que ele está a namorar com a tua irmã."

A minha irmã fazia-o sofrer muito!

"Ó Lino, não te preocupes. Se a minha irmã não casar contigo caso eu." E eu tinha 6 anos nessa altura. Desde aí ele esteve muitos anos a namorar com a minha irmã.

Eu, agora, só namoro há 5 anos, portanto, ele ainda esteve muitos anos com ela.

Depois ela casou e foi uma desilusão muito grande porque ele gostava muito daquela rapariga.

Ela tinha 12, agora tem 21... casou-se há 4... mas ela nunca gostou dele. Mas ele como era um rapaz que vinha da Régua. Pronto, era um clima mais atrasado que o nosso aqui em baixo! Ele... pronto, quando via assim uma pessoa... assim uma rapariga mais desenvolvida, pronto! Talvez ele se interessasse mais por isso e então, como ela já era uma pessoa... uma mulher feita! Porque nós aqui para baixo acho que nos desenvolvemos mais depressa do que lá para cima, não sei! Não entendo.

Ele apaixonou-se, mas não deu certo. Aos 17 anos ela casou-se e ele, então, foi uma grande desilusão.

Então, passado 2 anos começou a namorar para mim.

Tinha 10 anos nessa altura. No princípio era como se fosse uma brincadeira. Talvez começássemos, assim, com um bocado de vergonha porque ele era mais velho do que eu... eu era mais nova, pronto. Nessa altura começava... "É tão nova."

Toda a gente dizia: "vais casar com um fedelho. Ela ainda é tão nova. Se eu fosse a ti arranjava era outra."

Ele dizia sempre: "Eu tenho que ficar nesta casa. Nesta casa eu tenho que ficar! Não vai com uma vai com outra. Enquanto houver mulheres nesta casa eu não saio daqui."

Então, começámos. No princípio foi mais uma brincadeira, depois começou a ser mais forte do que uma brincadeira. Depois, num dia, numa noite de Natal de há 3 anos atrás, deu-me uma aliança de comprometida e ficámos comprometidos. Agora estamos à espera de nos casar, mas como ainda não posso...estamos à espera... Nós agora vamos para a viagem. Já estamos a mobilar a nossa casa. Comecei a trabalhar nessa altura.

Fui, então, para o emigrante.

Foi o meu primeiro emprego. Estive lá quase 2 anos, mas como eles... pronto, eu era sozinha. Às vezes tinha lá umas colegas a ajudarem-me e eles como viram que eu era capaz de fazer o trabalho todo, depois davam-me a carga toda para mim.

Eu servia ao balcão, servia à sala e depois tinha que deixar aquilo tudo limpo, não era? Para o outro dia estar tudo limpo. Limpava a cozinha, lavava as garrafas, lavava garrações, lavava patins, escavava terra, punha couves e ainda tinha que lavar sacas.

Eu entrava às 7 e meia e saía às 7 e meia da noite e era tudo a correr porque... porque ainda tinha escola à noite.

Como tinha escola à noite eu tinha que fazer tudo a correr.

E ainda me faziam lavar as paredes e os telhados. Quando eu queria sair mais cedo, pronto, como eu tinha escola às 7 e meia já não queria chegar muito atrasada. Eles mandavam-me lavar os telhados a essa hora. Fiquei muitas vezes até às 11 horas da noite e nunca ganhei mais por isso.

Mas quando eu ficava até às 11 nunca podia ir até à escola. Faltava sempre.

Então, eles diziam: "tens que ficar porque temos cá um... uns senhores para comer, eles são muitos. Tens que ficar." A filha era uma pessoa que não conseguia nada daquilo, então, eu era nova, mas eu era... eu era uma garra para aquilo. E então, eu tinha que ficar a servir as pessoas.

Eu tinha que andar a limpar os telhados e apanhava aquelas coisas da humidade... aquilo era uma coisa muito ruim de tirar! Eu tinha que estar ali horas e horas a esfregar aquilo.

Houve um dia que eu tive que... o meu primeiro dia de aulas e eu queria sair às 7 e meia, ter tudo limpinho às sete e meia e fizeram-me lavar o telhado. Eu até chorei nessa noite porque eu queria aparecer. Era o primeiro dia de aulas e eu queria aparecer a horas, mas nunca consegui.

Depois a minha mãe teve que lá ir buscar-me ao café e dizer: "então, ela tem aulas, ela tem que sair mais cedo. Vocês não sabem que o horário dela é até às 7 e meia, 8 horas. Vocês não podem aumentar mais!"

Nessa altura já saí eram 8 e meia, nesse dia.

Pronto, eles aproveitavam-se um pouco de eu ser nova.

Aproveitavam-se um pouco.

Não (tinha descontos) Estava a ganhar...

Primeiro comecei por 15 contos. Depois ganhei 20, depois fui para 25 e 30 e agora, ultimamente, estava com 30 contos,

mas era eu que fazia tudo e tinha... tinha 3, 4 quartos, tinha 2 casas de banho lá em cima. Ainda tinha cave e tinha 2 casas de banho que faziam parte do café, tinha outra que fazia parte da sala, tinha o balcão que pertencia ao café... Tinha que limpar aquilo tudo, e por dentro tínhamos umas coisas que eram em madeira, pronto,

e por baixo. Tínhamos que limpar aquilo! Eu nos princípios não conseguia tirar aquilo.

Eles berravam muito comigo porque eu não conseguia tirar aquilo.

Tinha que limpar aquilo tudo, depois tinha a sala que era onde as pessoas comiam. Tinha que estar sempre tudo limpinha. Tinha lá um armário que tinha que ser limpo todos os dias, tinha as paredes que tinham que ser esfregadas de semana a semana e depois, tinha também a cozinha que era uma coisa muito difícil porque tinha que se lavar a loiça. Eram muitos pratos, panelas, fogões, tinha que se esfregar as chaminés todas!

... Tu te lembras de estarem a trabalhar com as crianças?

Eu ouvi falar que sim, mas nunca... nunca prestei atenção nisso.

Com entrevistas foi só na primária. Foram só duas entrevistas que eu fiz. Era muito difícil, como eu era uma pessoa tão triste eles nunca pensavam... eles nunca gostavam de mim. "É uma pessoa que se sente tão só. Não vamos chamar porque ela não consegue fazer nada."

E eu sabia que conseguia e muitas vezes eu queria um papel e eles não me deram aquele papel, pronto, porque eu gostava de ser uma pessoa e fazer aquele papel ao meu gosto e eles não me queriam dar aquele papel! Queriam dar sempre papéis de homem, de rapazes e eu nunca fui assim! Eu gostava de ser...

Depois fomos fazer uma coisa ali para Águeda, ali para... Eu nunca quis entrar em nada. Também, como não me davam os papéis que eu queria, também não entrava.

O projecto de casamento

Isso começou há pouco tempo. Começou há coisa de meio ano. Pensamos em viajar, depois da viagem... estamos agora a pagar a nossa mobília que estamos a pôr em nossa casa. Depois, estamos a pensar comprar... a nossa casa, quer dizer, a minha irmã, nos princípios, empresta-nos a casa. A Ana que está na Suíça.

Mas nós vamos comprar um... Pensamos num apartamento, mas como eu não gosto muito de apartamentos! Estou a ver se encontro alguma casa disponível. Para ver se encontro uma casa. Se não encontrar vou fazer uma. Não sei se farei aqui ao pé da minha mãe, se farei noutra lado. Estamos a ver. Isso ainda está indeciso.

Talvez daqui por dois anos, mais ou menos. Como agora está tudo... Primeiro queremos ter a nossa casa e a mobília e depois lá para Agosto, daqui a dois anitos!

Ele trabalha ao pé do meu pai. É comerciante (veio para cá) há 9 anos.

O tempo com as irmãs e a distração

Eram tempos bons porque nós todas as sextas feiras íamos para o baile para Aguada de Cima e, então... Nós dançávamos! Eu arranjava sempre lá uma colega. Eu tinha que dançar. Eu dançava muito bem nessa altura. Então, eu arranjava uma colega. Elas dançavam com colegas porque eram mais velhas e eu dançava com aquelas garotitas. Eu gostava muito de música gostava de ir aos bailes e espantava-me aquilo tudo.

Gosto de ir a todo o tipo de coisas, gosto de ir a todo o lado.

Às vezes vamos comer cachorros, vamos comer pizzas a Águeda, a uma pizzaria que lá há e que é pastelaria também. Eu o meu namorado, o meu sobrinho. Pronto, agora só somos nós. Os únicos novos na casa é que saímos. Agora, quando vierem as minhas sobrinhas da Camélia vêm já no Domingo.

Os problemas que lá há, graças a Deus, lá mandaram para cá as duas. Depois já é mais malta nova, já podemos sair mais. Agora, por enquanto, era eu, o meu namorado e o meu sobrinho. O carro é do meu namorado.

Amizades?

Eu dou-me bem com todo o pessoal. Eu tenho um feitio que é de animar todo o pessoal, sejam tristes, sejam alegres eu animo tudo! No emprego não há ninguém que eu não goste. Gosto de toda a gente. (Eu trabalho com um senhor que se chama senhor A)

A mudança de emprego

Trabalhei no emigrante. Pedi ao meu cunhado para me arranjar outro emprego, para ir falar à Inpal que era a fábrica que eu mais conhecia. Então, ele foi e andámos duas ou três semanas sem sabermos a resposta.

A minha patroa em que eu andava a trabalhar soube e começou a dizer: "ó Marlene, se queres sair tens que sair hoje." Eu decidi, mas ela... "Tu sabes que gostamos muito de ti e não sei quê!" Mas aquilo, ela já me tinha dito aquilo tantas vezes e como não melhorava! "Não. Desta vez é definitivamente." Pronto, sai mesmo. Ainda estive uma semana em casa.

Depois foi uma segunda feira, o meu cunhado foi lá perguntar e depois soube a resposta, disseram que sim. Mas ele chegou aqui a casa e disse: "ó Marlene, olha, tiveste má sorte. Disseram que não." Pronto, eu fiquei... Eu até já estava a contar com aquilo, como a minha idade não era apropriada para aquilo eu até já estava a contar. Eu nem fiquei nem naquela que sim, nem naquela que não. Deixei e continuei aquilo que estava a fazer. Depois o meu cunhado disse: "ó Marlene, eu estou a brincar contigo. Já tens emprego, apareces já no dia 5..."

Eu estive desde Dezembro até Janeiro sem trabalhar; no dia 5 de Janeiro entrei para o trabalho. Agora estou a trabalhar lá na Inpal.

Eu conhecia algumas pessoas porque iam comer lá ao café, por isso é que eu tive mais...

Eu estou na zincagem. Zinco todo o tipo de peças, embora com custo porque eu não sabia nada daquilo, não é? Primeiro fui para a montagem lá para baixo, para as bicicletas. Montávamos bicicletas, pronto, tudo o que era bicicletas nós montávamos. Estive lá 2 dias. Depois precisaram de pessoal lá em cima e o meu patrão perguntou-me: "gostas mais de lá estar em baixo ou de cá estar em cima?"

"Não sei, cá em cima eu ainda não experimentei, mas parece que as horas passam mais rápido. Como lá em baixo, como não tínhamos nada para fazer, parece que estava muito parada! Eu não gostava de estar parada, tinha que estar sempre em movimento.

Então, ele... primeiro fui para os balancés. Fui para os balancés e faço todo o tipo de peças que for preciso nos balancés. Agora já sei, mas naquela altura não sabia nada.

Há Sete meses atrás.

Primeiro não sabia nada. Começaram-me a ensinar, agora sei mexer em tudo. O patrão ajudava-me um pouco e o outro senhor que estava a trabalhar comigo que é o chefe da minha secção. Foi ele que me ensinou, ensinou-me, então, a trabalhar com aquilo. A montar, a desmontar, a fazer as peças. Pronto, há peças mais... maiores, mais pequenas, médias. Nós temos que fazer um pouco de tudo. Depois também fui buscar porcas para pôr nos parafusos.

Tive também a cortar chapa, estive a acartar chapa de 180 milímetros que é uma grossura enorme. Para mim era muito. Era um peso enorme, como nunca soube o que era, assim, muito peso! O café também era muito trabalhado, não é? Mas passava-se! Eu ali nunca tinha experimentado. Aquilo era um peso! Então, eu superei um pouco de tudo. Depois fui para a zincagem. Zinco todo o tipo de peças.

A diferença de condições de trabalho

Antes se eu fizesse horas ou não ganhava sempre 30 contos, agora ultimamente porque antes trabalhava por 10, 15 contos. Foi aumentando pouco a pouco. Mas agora neste, primeiro estive com 48. Depois o patrão disse... o primeiro mês. "Se tu fizeres bem o teu trabalho, depois lá se vê!" Aumentaram-me para 50 e agora se eu fizer horas, claro, trago sempre mais. O mês passado tirei 55 contos com seis horas. Era 55 contos.

Entra-se às 8 e sai-se às 5, embora tenhamos uma hora de intervalo do meio dia e meia à uma e meia e temos 10 minutos de manhã. Chega-se às 8 e se nos apetecer ficar até à hora que nos apetecer! Das 11 não se pode passar, mas se quiser ficar até às 8, 9. Eu ficava muitas vezes até às 6, 7 horas.

Nunca pude ficar mais por causa da escola.

Agora ainda não tive nenhum mês, como passei há dois dias da escola ainda não fiz. Ainda tenho tempo.

As amizades

Bem, em especial tenho duas. Assim, mais especiais.

Tenho a Carla que é a filha ali do Armando Comprido e tenho uma de Aguada de Baixo que se chama Líliana. Essas somos as que somos ??? porque saímos às 5 e viemos até casa. Quase todas vêm para este lado e costumamos vir todas juntas, conversamos. Assim, mais "apegadas" somos 3.

A Líliana tem 20 anos A Carla é da minha idade. Então, pronto... como nós somos assim mais novas, mais...

Conversamos um pouco de tudo, especialmente de trabalho porque para nós o trabalho... principalmente os colegas que temos de secção. Em cada lado tem um chefe! Pronto, nós por vezes chateamo-nos com o nosso chefe de secção porque eles exigem muito. Por vezes andamos ali a comentar umas com as outras sobre aquilo.

E outras vezes falamos de música, principalmente de música.

Os namoros também. Todas nós namoramos. Namoros também. Como nós namoramos todas falamos um pouco de tudo.

Preocupações comuns

Preocupação...?!

Elas talvez tenham receio, principalmente a Líliana, como ela vê o namorado rara vez porque ele é de longe e ela é de Aguada de Baixo, ele trabalha até tarde. Só o vê, assim, de vez em quando. Ele vai lá ao pé da porta da fábrica. O medo dela é ele ter outra, talvez seja esse. O da Carla já não é assim tanto. E eu não tenho receio nenhum! Mas principalmente ela. Mas não falamos muito em receios.

Nós falamos mais em casamento, nesses actos assim...

Porque agora a Carla é a mais... Vai fazer os 16 anos mais depressa do que eu e está a pensar casar quando fizer os 16 anos. A Líliana, essa, também está a pensar casar. A gente, pronto, fala mais em casamento. Na festa, qual o vestido que querem levar, pronto. Se querem muitos bordados, se querem muitos diamantes, daquelas

bolinhas de diamantes. Pronto, falamos um pouco de tudo. E se a festa... se querem muita gente, se querem pouca gente, e nós falamos: "não te esqueças de nós!"

E a vida depois de casada?

Bem, não vai mudar muito porque eu já estou habituada. Pronto, como já namoro há muito tempo, para mim já não vai ser um custo.

Já sei que tenho que assumir as coisas todas na casa, enquanto que agora, a minha mãe, também me pode ajudar alguma coisa. Depois tenho que ser eu a assumir tudo.

Não vai mudar muito. O que tinha para mudar já mudou. Pronto, vai mudar qualquer coisa, mas não muito.

E como é que achas que o Lino... vai-te ajudar em casa?

Acho. Se calhar!

Talvez o que eu queira... Eu também exijo muito!

Eu não acho muito complicado. Eu não acho muito complicada. Por vezes eu exijo um bocado de mais.

Pronto, nunca fui de sair. Nunca!

Podé ir onde quiser porque isso não me mete muita importância, mas exijo assim um pouco de mais...

No trabalho também não, não o faço trabalhar muito porque os homens não foram feitos para trabalhar. Para trabalhar um pouco, mas ajudar, assim, na vida doméstica não. Não exijo muito! Eu só sou exigente, assim, quando estou muito chateada.

Nunca levanto a voz. Só se houver assim...

Não digo que nós não temos problemas. Todo o casal tem problemas.

Nós por vezes... quando eu me chateio também levanto mais a voz, mas passado um pouco está tudo calmo. Pronto, começamos a exigir um pouco mais. "Tens que ser isto, tens que ser aquilo." ??????

... Mais apegado, porque... pronto, eu sei que ele é tudo isso, mas naquela altura como entre nós... É um pouco tudo para mim e para ele... Embora ele me dê muita. Eu às vezes é que estou chateada e não a quero.

Vocês vão ter filhos? Quantos?

Eu estou a pensar em dois. Num casalzinho.

Projectos

Ainda não pensei nisso, mas... Não muito complicada!

Eu com 25, ele ... com mais... temos 14 anos de diferença ...estamos mais velhos!

Talvez nessa altura já tenha... nessa altura só queria ter um filho. Se tiver os dois, não sei. Nunca se sabe! Nessa altura, pelos meus cálculos... um filho. Eu agora vou-me casar, mas não é para ter logo um filho rápido! Passado uns tempos.

Talvez já tenha a minha casa, a minha própria casa.

Já tenha tudo mobilado na minha casa, sem ser a da minha irmã que nos vai emprestar. A minha irmã, como quer ser madrinha disse: "não há problemas. Eu dou-te o vestido, pago-te tudo e ainda te empresto a casa para os primeiros dias."

Para os primeiros tempos, um ano ou dois, conforme o que for preciso.

(A minha madrinha... não dá muito valor. Nunca recebi nada pela Páscoa e tem que se dar aos afilhados o merecido. Então, nunca recebi nada)

Vivência com as irmãs

Eu da Ana não me lembro muito, porque ela é muito mais velha do que eu. Tem 32 anos e foi para a Suíça cedo. Não me lembro dela ir para a Suíça.

Agora, da Camélia lembro-me muito. Lembro-me muito da vida da Camélia. Sei que ela casou... Lembro-me mais ou menos de quando os meus sobrinhos eram mais novos. lembro-me que ela ainda estava com o meu cunhado. Por vezes ele embebedava-se e dava-lhe muita porrada. Ela fugia para nossa casa que ainda era lá em baixo.

Via o meu sobrinho que, às vezes, estava a estudar e o pai batia-lhe muito. Eles não aprendiam e ainda ficavam pior, não aprendiam nada!

Pronto, lembro-me que a vida dela era comprar comida ali no café os filhos não comiam nada. Então, eles deixavam um papel escrito para os filhos. "Tu vais buscar duas sandes de rojões, uma de fiambre, pastéis e cerveja." E eles não podiam tocar naquilo porque se tocassem o pai depois arreava-lhe! Então, eles viam aquela comida toda e andavam cheinhos de fome. A minha mãe é que tinha que fazer comer.

A fome dos sobrinhos

Eu chego-me a lembrar que ele levava o comer ao pais, às 10 horas e depois havia uma casa entre a nossa e a cerâmica que punha sempre o pão numa saca. Eu lembro-me que eles passavam, viam o pão e tiravam um para cada um. Era a necessidade! A mulherzinha via e nunca disse nada porque sabia que eles tinham necessidade daquilo. Lembro-me que eles passaram muito, também! Eu lembro-me que eles sofreram muito porque eram mais velhos do que eu, as raparigas eram mais novas. Eles tinham que trazer comida para elas porque elas não sabiam sobreviver sozinhas. Eles como já sabiam mais... O meu sobrinho já devia ter uns 10 anos nessa altura, não me lembro bem. O outro devia ter alguns 8. Como eles já sabiam mais tiravam um pão para cada um e traziam um para cada uma das irmãs.

A minha mãe tinha que lhe dar comer. A mãe e o pai traziam comer feito do café para eles os dois e para eles nada. Eu até me lembro de uma vez que estávamos a acender o fogareiro aqui fora e punhamos lá uma lata com água, umas couves e pronto.

Nós como éramos crianças...eu não tinha fome, mas comíamos aquilo tudo!

Nós vínhamos a casa da minha mãe e íamos buscar massa, e fazíamos ali dentro de uma lata, mas saía boa! Era uma lata dos temperos... Fazíamos ali uma sopa para comermos dentro de uma lata.

Eu também já sabia cozinhar nessa altura.

Eu desde cedo que via a minha mãe cozinhar e gostava de saber tudo o que ela punha nas comidas e depois sabia cozinhar!

A relação entre irmãos

Nós os irmãos nunca nos demos mal. Fomos sempre uns irmãos muito unidos. Nós nunca levantávamos o tom de voz uns para os outros, nós nunca levantávamos a mão uns para os outros. Nem os mais velhos para os mais novos, nem os mais novos para os mais velhos! Há sempre aqueles conselhos de irmãos: "tu porta-te bem! Tu não faças isso!" Pronto, havia aqueles berros de quando fazíamos coisas que eles não gostam. Aquela atitude de irmãos mais velhos!

Eu nunca ouvia os meus irmãos porque como eu era tão calma, nunca fiz muita asneira. Também fazia, mas não era assim muito.

A punição

Eu levei uma vez uma carga de porrada da minha mãe. Não fomos nós! A minha mãe tinha ali uns chocolates em casa da minha irmã e a tal vizinha que tomava conta da minha irmã tinha a chave e tinha uma filha. Então, a minha mãe tinha lá os chocolates e a filha foi lá e comeu os chocolates todos. A minha mãe pensou que fôssemos nós. Pôs-nos todos em carreirinha, menos a minha sobrinha mais nova que tinha uma ano e pouco. Tirou-a e ficámos os 4. Ficámos ali todos seguidos.

“Foste tu?” – o mais velho. “Não. Eu não fui! Eu não conseguia entrar lá dentro.”

(Os chocolates) Eram da minha mãe. Ela tinha recebido pelo Natal e tinha lá tudo guardado. Mas nós, como estávamos inocentes não íamos dizer que tínhamos comido. Ela deu-nos uma carga de porrada tão grande, tão grande!

Eu fiquei toda pisadinha que fui logo para a cama. Os meus sobrinhos foi igual, mas depois ficamos a saber... viemos a dar com as caixas na casa da tal vizinha que tomava conta da minha sobrinha.

Quando as vimos lá, chamamos a minha mãe e ela foi lá ver e viu que eram os chocolates que ela queria. Depois, claro, já tínhamos a porrada ainda ficámos pior! Se estávamos inocentes.

Lembro-me de levar outra carga de porrada da minha mãe. Nesse dia estávamos a comer massa esparguete com sardinha. Era um tempo desgraçado, tínhamos que comer massa esparguete com sardinha!

Então, havia uma melga que andava lá e pousou em cima do ombro da minha mãe. A minha mãe ia para a matar, a minha mãe ia a acertar na melga, mas ela voou e bati-lhe no ombro, uma palmada!

A minha mãe pega no prato da massa e manda-mo na perna. Ainda tenho a cicatriz. Então, eu pus-me a fugir dali para cima. A minha mãe chegou lá: “ó Marlene, anda mais eu para o café. Anda mais nós.” Ainda me levou para o café e aí passou, pronto. Porque a minha mãe viu que eu não tinha culpa.

Eu ia para matar a melga e ela não morreu!

Ela já não era do mesmo tempo que nós, mas também queria educar os filhos de uma maneira para que um dia não saíssem uns vagabundos. Pronto, era exigente! Mas tinha que ser mesmo assim.

Tínhamos liberdade para sair. Os meus irmãos podiam sair, chegar à hora que queriam, mas ao outro dia tinham que ir trabalhar. Chegassem à hora que fosse! Porque eles chegaram a chegar ao domingo às 5 horas e ao outro dia às 5 tinham que ir trabalhar. Eles tinham que ter responsabilidade.

A minha mãe queria-nos educar de uma maneira que um dia não lhe déssemos problemas. Não nos metessemos na droga, no tabaco, nem nada disso.

Como ela já tinha sofrido tanto quando era nova e tudo o mais, eu acho que ela não queria lembrar o passado dela. Ela queria fazer dos filhos alguém! Fazer alguma coisa... uma pessoa que um dia tivesse o próprio dinheiro e pudesse ser uma pessoa poupada. Que trabalhasse e fosse respeitada pelas outras pessoas e conseguiu. E conseguiu! Todos nós, hoje, estamos bem na vida.

Eu sou solteira, mas posso-me considerar uma pessoa bem na vida.

Pronto, no primeiro emprego que tive eu não tive muita sorte, mas no segundo... eu tenho juntado dinheiro, pronto, tenho a minha própria conta. Pronto, posso dizer que somos uma pessoa... estamos todos bem. Os meus irmãos casados estão todos bem.

Acho que somos umas pessoas que ela conseguiu fazer dos filhos aquilo que ninguém aqui, nas redondezas, conseguiu.

Sempre fomos uns irmãos muito unidos.

Embora fossem mais mulheres do que rapazes.

Se fosse preciso alguma coisa tínhamos que pedir.

Chegámos e dizíamos que precisávamos disto, daquilo. Pronto, éramos tão amigos que não precisávamos de levantar a voz um com o outro. Se precisasse de alguma coisa era só pedir. Fomos umas crianças habituadas desde o princípio até ao fim.

Com a Otilia

Pronto... Eramos mais... como eramos mais novas as duas eramos apegadas. Falávamos um pouco de tudo. Ela falava dos namoros que tinha, aqueles namoricos e eu como gostava de saber porque gostava do rapaz que ela tinha, pronto.

Nós tínhamos os nossos segredos e não contávamos a ninguém os nossos segredos. Como dormíamos as duas no mesmo quarto, na mesma cama falávamos... estávamos um pedaço da noite a falar, às vezes até adormecíamos a falar, não é?

Então, pronto, como eramos muito pegadas... iam as duas, ela levava-me para as festas, embora dançassem comigo poucas vezes porque eu era muito garota e elas tinham as colegas dela. Mas era bom!

O tempo em que estivemos as duas juntas, não foi assim muito mal. Eu sabia dos namoricos que ela tinha. Ela era uma pessoa que não gostava daquele rapaz, mas também não andava a enganá-lo.

Foi uma pessoa que sempre lhe disse: "não gosto de ti."

Ela agora está em Cortegaça. Teve um bebé ontem, mas teve que ser cesariana porque não saía. Estava no tempo, mas não nascia. Foi lá o meu irmão vê-la e o meu namorado. Ela já está bem. Hoje não pude ir lá porque tive que ir trabalhar, mas está bem. Todas as minhas irmãs estão bem.

Trabalho dividido aqui em casa?

Pronto, os rapazes... Eles estiveram pouco tempo.

Eu estive pouco tempo com os rapazes. Estive mais com o meu irmão Armando porque o Mário casou-se. Pouco me lembra de andar com Mário. Ele casou-se cedo, depois casou-se a Otilia e depois foi o Armando, portanto, o Armando foi o último de todos a casar.

Os rapazes pouco faziam ou quase nada. Lá ajudavam a minha mãe nas terras. Os rapazes era mais para ajudar a minha mãe nas terras e no que fosse preciso:

As raparigas é que era. Eu nessa altura já tinha mais idade. Devia ter uns 7 ou 8. Então, dividíamos a louça para uma e a cozinha para outra. A sala para uma e o quarto para outra. Dividíamos quase tudo assim. Como eu era mais nova, pronto, a minha irmã dava-me os trabalhos mais leves e ela ficava com os mais pesados.

A gente nessa altura não tínhamos esta casa aqui em cima, não tínhamos só aquilo lá em baixo. Embora, não fosse nada pequeno.

Eu, poucas vezes (trabalhei na terra) e a minha irmã também.

Nós aos sábados tínhamos a limpeza toda de casa para fazermos, depois ao domingo na fazíamos nada, nem os rapazes, nem nada.

Eles saíam e nós, pronto, quando saíamos dávamos uma voltazita. Agora, quando iam para a praia, principalmente para a praia, quando não iam ficávamos em casa.

A praia

Na praia até era divertido. Juntavamo-nos lá todos, os irmãos todos. Depois iam uns colegas do meu irmão e passávamos lá umas duas ou três noites. Aquilo era muito divertido, pronto. Nós passeávamos de noite, gostávamos de ver a areia a brilhar. Não sei se já viu alguma vez?

Aquilo é muito lindo! Nós andávamos a passear até muito tarde para ver aquilo tudo, embora já conhecessemos aquilo muito bem! Eram tempos divertidos.

Eu vou muitas vezes (à praia). Agora em família é há 4 anos atrás, embora a gente vá às vezes e encontramos-nos lá todos. Encontramo-nos lá todos e lá ficamos, agora como iam antes é há 4 anos atrás.

A minha mãe era, talvez, o homem e a mulher da casa, pronto. Fazia um pouco de tudo. A minha mãe era a pessoa que mais se impunha na casa.

O meu pai não gostava de dar muito aqueles conselhos que todos os pais davam aos filhos para serem umas pessoas respeitadas e isso. Nunca bateu nos filhos.

O meu pai era muito sentimental, até hoje ainda é muito sentimental. Não é capaz de bater num filho, não é capaz de bater numa neta, não é capaz de bater em ninguém. É uma pessoa que lá dava os seus berros, era pai! Mas nunca conseguiu encostar uma mão em nenhum de nós.

Zanga do pai

Talvez as nossas atitudes. Talvez fizéssemos alguma coisa errada que ele visse.

Partíssemos alguma coisa ou estragássemos alguma coisa que ele visse que tinha valor, mas era rara a vez.

Da mãe

Talvez também partir coisas.

Ela é uma pessoa muito nervosa. Em primeiro lugar ela é uma pessoa muito nervosa e se lhe provocar um bocadinho os nervos ela tem atitudes... fica muito irritada. Ela é uma pessoa que sofre muito dos nervos.

Se nós fizéssemos uma coisa que não tivesse muito valor, mas para ela tinha aquele valor! Para ela o que sofria mais era isso.

Catequese

Eu também andei na catequese, só que eu não consegui... Eu andei lá dois anos, só que nesse altura era para fazer a comunhão e eu...Saía às três e meia da escola e ia para lá. Tinha às 4 horas catequese. Tinha uma hora de catequese.

Depois... eu andei lá 2 anos e nesse ano que era para fazer a comunhão o padre não a fez, então, eu como precisava de ir trabalhar. Trabalhava no café e tinha trabalhar aos sábados, então não pude conciliar uma coisa com a outra e tive que desistir. Não fiz a comunhão, nem fiz nada. Tive de desistir...porque tinha trabalho e não dava tempo para tudo.

Lá, estudávamos, fazíamos coisas sobre o que estudávamos.

16 de Dezembro de 2000

Eu nasci no dia 5 de 83. Eu sou a última de 7 irmãos e a vida foi um bocadinho difícil

Eu estudei. Tirei o 4º ano. Depois do 4º ano não pude seguir. Tive que sair e passado uns meses fui trabalhar.

Com 11 anos fui trabalhar. Trabalhei 2 anos e pouco nesse sítio. Foi no emigrante.

Depois mudei para a fábrica e estive mais 3 anos a trabalhar e depois... já namorava, casei-me.

Não me lembro muito de brincar porque eu não tinha tempo para isso!

Lembro-me que tomava conta dos meus sobrinhos. Éramos quase todos da mesma idade, mas eu era tia. Tinha responsabilidade. Só à noite é que eu tinha tempo para isso. No dia tinha que estudar.

Lembro-me que ainda tínhamos algumas brincadeiras. Poucas, mas ainda tínhamos, às escondidas. também que às vezes saía com os meus pais e outras vezes...

Só havia uma sobrinha que tinha meses que era a Joana. De resto éramos quase todos da mesma idade. Era a mais nova e tinha que ter mais responsabilidade. Eu do meu sobrinho mais velho... ele ainda é mais velho do que eu. Ele tem 20, vai fazer 21 e eu tenho só 18. Tenho outro com 19, tenho a Sílvia com 15 e tenho a Joana, agora, com 12.

Eu era tia! Tinha que ser.

Os pais trabalhavam, depois também se separaram e a minha mãe não podia e tinha que ser eu. Tinha que lhes dar comer, tinha que lhes dar banho. Quer dizer, aos mais velhos não era preciso porque eles isso faziam.

A minha irmã separou-se do meu cunhado. Depois, também, como estava sozinha não podia tomar conta deles. Esteve pouco tempo em Portugal. Depois emigrou e eu é que tive de tratar deles.

Eu tinha 8 anos.

A vida dela era um bocadinho puxado porque ela levava muita porrada. Os filhos também sofriam porque viam a mãe levar porrada e isso... A vida não foi, assim, muito boa. Por isso é que ela teve que deixar o marido.

Quem morava em casa era A minha avó, os meus irmãos, eram os meus primos. Era o ??? que chegava sempre às tantas. Às vezes até fazia directa até ao outro dia. Então, quando não estavam os meus irmãos era eu a tratar dos meus sobrinhos, mas depois quando os meus irmãos saíam do trabalho eram eles.

O meu pai também tinha o trabalho dele.

Trabalha para a sucata. Também lá estava connosco, às vezes, outras vezes não estava. Eles viviam na casa ao lado e nós na nossa. Sim, ela também trabalhava. Também vinha sempre tarde. Ela mais o marido.

A cozinhar comecei com uns 7, 8 anos anos

Eu dormia com a minha irmã, a Otilia. Levantava-me, ela levanta-se também porque tinha que trabalhar. Eu levantava-me e a Joana tinha aulas das 9 às 6 da tarde e nesse tempo, até às 9 tinha que vestir a minha sobrinha para a levar para a creche, dar-lhe leite e isso. Depois juntava os meus primos todos e íamos embora para a escola e vínhamos só ao meio-dia comer e voltava para a escola e depois quando saía ia à creche e a Joana vinha comigo para cima.

Chegava a casa e limpava a casa, já adiantava o comer para a noite : descascava batatas ou isso) e depois, então, ia estudar e depois lá ia, às vezes, para a brincadeira quando tinha tempo, quando não tinha tempo não ia.

Nunca reprovei, mas também tinha que estudar muito. Então quase sempre tinha muita matemática. Além de ser boa a matemática tinha que estudar muito.

Quase nunca tinha ajuda. Eram todos muito ocupados. Saíam às tantas do trabalho e tinham que fazer o comer e nós tínhamos que ajudar.

Andei com os meus sobrinhos na escola.

As vezes não fazia os deveres de casa. Chegava à escola e dizia à minha professora que não conseguia fazer e para ela me ajudar. Como ela gostava muito de mim porque sabia que eu tinha uma vida um bocado difícil, antes de começar as aulas ajudava-me a mim e depois mandava só os garotos.

Eu ia mais cedo, quando tinha trabalhos para fazer, ela via-me lá mais cedo e já sabia que tinha que me ajudar.

Tive duas professoras.

As minhas professoras foram as duas muito boas, mas a senhora professora Rosália era mais espectacular. Ajudou-me mais. Tinha mais dificuldades. Depois no 3º e no 4º foi uma outra professora. Também era boa, mas já não ajudava muito. Talvez fosse... Nós precisávamos mais era no 3º ou 4º ano que era o mais difícil, mas não me ajudava muito.

Eu tinha o meu sobrinho... os dois mais velhos. Eles estavam... acho que no 2º.

Eu era criança e encarava a escola como uma boa coisa. Eu entrei e achava que aquilo era tudo uma festa, mas não era uma festa. Como eu não tinha muita ajuda também tinha muita dificuldade. Os meus sobrinhos ajudaram-me, mas eles também nunca tiveram muita facilidade porque os pais deles nunca os ajudaram e eles, então, repetiram muitos anos a mesma escola.

Quando eu comecei a passá-los era eu que os ajudava a eles.

Em casa falavam que isso era uma coisa boa para a vida. Que a gente com estudos podia fazer muito. Podíamos ser alguém. Então, a gente quando entra vai mesmo para fazer aquela vida.

E minha mãe achava que eu devia estudar, mas nunca falámos muito nisso.

Ela estava Muito pouco tempo connosco. Chegava à noite e eu já estava deitada. De manhã ela ia mais cedo do que nós. Nunca passámos muito tempo...

Os irmãos Nunca falaram nisso. Nunca falaram nas saudades.

Eu era de uma turma bem comportada. Fui sempre da mesma turma, desde o 1º até ao 4º.

Quatro anos sempre seguidos. Toda a gente se admirava, mas consegui.

Não me ensinaram muito. Ensinavam o mesmo que a todas as crianças.

Se tinha mais vontade aprendia sempre mais qualquer coisa. Era uma pessoa que gostava muito de ler, como ainda hoje gosto. Lia muitos livros! Então, eu dos meus colegas era a que sempre tinha lido mais.

No meu tempo não. Só no tempo dos meus irmãos e que a mãe ia à biblioteca buscar livros, às vezes. Em casa não havia muitos livros, era quase só jornais. Assinávamos a Soberania do Povo.

Eu não lia para lá das lições.

Também não pude estar muito tempo com os meus sobrinhos porque quando entrei para a escola, passado um ano... eles foram para um colégio. Como saíram de ao pé de mim e os outros eram mais novos não... não falava com mais ninguém. Eles lá já tinham mais orientação; entretanto a minha sobrinha entrou e eu também ainda lá andava e, então, já a podia ajudar. A outra mais nova não, já tinha saído.

Sou só eu gosto de ler lá em casa.

Eu só tirei o segundo, mas já de noite. Andei dos 6 aos 10 e depois saí porque...

Eu passei para o ciclo e inscrevi-me e tudo o mais, só que depois veio uma proposta de trabalho e como já tinha muitas coisas...

A minha família tinha muitas dificuldades, eu olhei a isso e desisti do 5º ano. Porque era para o 5º ano que eu ia. Desisti e fui trabalhar. Passado um ano e tal, perto de dois anos é que por acaso. Foi lá uma rapariga ao café, eu estava a trabalhar e ela perguntou se estava alguém interessado e eu falei à minha patroa:

– Olhe, eu gostava de ir estudar.

– Então, se gostas vai estudar.

O teu horário é até às 7, saís às sete e a escola é às 8 e meia, tens tempo.

Pronto, inscrevi-me e a rapariga disse para eu ir e eu fui e tirei. Embora eu não pudesse porque eu só tinha 14 anos. Só podia ir depois dos 16.

Fiz o 5º e o 6º num ano só. Quer dizer, não chegou a um ano. Foi desde Fevereiro até Julho.

O ensino era totalmente diferente, mas também era mais tolerante. Sabiam que a gente trabalhava.

Estudávamos Meio ambiente, matemática e português. Matemática era a que mais gostava.

Comecei a trabalhar com 10 anos mas Eu tinha que sair porque o ordenado não era muito alto... Eu quando fui trabalhar fui ganhar 10 contos e era muito trabalho. Depois quando saí estava a ganhar 30.

Trabalhava de manhã e tinha uma hora ao meio-dia para comermos. Nunca descontei até chegar aos 16 anos.

Depois, então, já estava com 65 contos quando saí.

Acabei por casar. Ele namorava com a minha irmã e eu depois namorei com ele e casei-me. Estive casada até aos 17 anos e agora separei-me. Há um mês por causa de agressão física. E ainda passei uns maus bocados. Eu com 9 anos e pouco tinha uma aliança de comprometida. Tinha que esperar pela idade. Tinha que ter 16 anos.

Eu estava certa do que queria, mas por outro lado também não queria.

Queria para sair de ao pé da minha família. Queria a minha independência, não ter que dar mais satisfações. Queria sair de ao pé da minha família, da minha mãe.

Como já tinha feito algumas asneiras, pelo menos...

Trabalhava, muitas vezes até às 8 da noite e depois chegava a casa e tinha que fazer tudo.

Ele nunca foi de estar muito em casa. Ele deixava-me em casa e nunca aparecia.

Anexo 6B

**Relato autobiográfico da Marlene
(1983-)**

Relato autobiográfico da Marlene (Nasceu em 1983)

Eu sou a última de 7 irmãos e sempre fui uma criança muito doente¹.

Aos dois anos estive internada e a minha mãe ia ao Hospital e dava-me pão. A coisa que eu mais detesto é não comer pão. Lá não se devia comer pão, porque a minha mãe levava o pão escondido e sabia que não podiam dar². Aquilo lá era... Pronto, era rigoroso.

Eu estive lá até aos 5 anos, foi muito tempo.

Em casa, quem cuidava de mim a minha irmã Ana, que está na Suíça.

Ela esteve aqui até eu ter, aí uns 7 anos.

Ela não trabalhava, estava em casa como tinha, também, a filha pequena também tinha que cuidar dela. A minha sobrinha tem 18 anos. Eu ficava em casa dela.

Eu gostava muito de água, estava sempre dentro de água e a água acabava por aquecer e arrefecer e eu lá dentro. Então, isso provocava pneumonias. Depois também sofria muito de bronquite e tinha que estar a apanhar soro.

Eu brincava

Quando estive com a minha sobrinha na casa da minha irmã, nós tínhamos montes de bonecas! Mais tarde eram mais as brincadeiras de esconde-esconde e à macaca, o que eu brincava com as minhas sobrinhas, principalmente com a Sílvia porque somos quase da mesma idade. Brincávamos nós as duas e algumas colegas, porque os meus primos estudavam e eu ficava com as duas raparigas aqui em casa.

Depois estive também um tempito na creche (ATL) em Aguada de Baixo, mas foi pouco tempo.

Eu devia ter para aí uns 8, 9 anos, nesta altura quando a Camélia foi embora.

Foi para Luxemburgo. Elas coitadas, eram crianças e eu também; como era mais nova brincávamos todas e fazíamos passar aquele bocadinho para não lembrar a mãe. Dizia para elas "Vai correr tudo bem."

Este período não foi, assim, lá muito bom, mas passava-se!

A minha irmã quando saiu de ao pé do marido foi viver com outro homem primeiro. As minhas sobrinhas queriam ir para lá, só que o homem que estava com ela era mau,, então, não as queria.

A minha mãe como já tinha tantos netos para cuidar disse que se ao menos pudesse levar os rapazes ou as raparigas, com ela, mas o homem não queria nenhum deles. Então, pronto, foi um bocado difícil porque éramos todos novos e não podíamos trabalhar. Era só a minha mãe e a minha irmã Otília a trabalhar para nos manter a todos. Foi um tempo difícil.

O meu pai, pronto, lá tinha o negócio dele.

Nessa altura andava com um carro do sucateiro mas como a camionete era do outro, isto não dava muito dinheiro. Ele dava-lhe só 5 contos por mês. Foi difícil.

Nós estávamos com as minhas sobrinhas quando vinham da escola.

Nós brincávamos ao esconde-esconde, ou a esconder o lacinho e tínhamos que ir à procura. Mas a brincadeira era conforme: se fossem só raparigas era à macaca, se fosse com rapazes era

¹ Eu tinha pneumonias, bronquite. Ainda hoje eu soffro da bronquite, mas já não é tanto.

² Depois ela dizia assim:

— Marlene, toma, eu trouxe-te pão.

Depois as médicas viam e chegavam lá:

— Marlene, o que é que tu estás a comer?

— Eu? Nada! Não estou a comer nada E estava a comer pão, claro.

esconde-esconde e ao lencinho. Havia mais alguns colegas: o Nuno que está agora, também, na Suíça, os filhos aqui da Tânia, os da São. Éramos quase todos da mesma idade.

Televisão... havia!

Mas via-se mais à noite; só quase à noite, De dia havia só os bonecos. Lembro do... da "Sailer-Moon" que já dava naquela altura e era outro..!

O primeiro dia da escola

Foi um bocado, assim, como eu sou muito envergonhada e sempre fui... Eu era pequenina e não conhecia ninguém; custou muito a habituar àquela gente, como não estava habituada. No recreio eu ficava sempre sozinha e não tinha ninguém porque não conhecia.

Eu ia com as minhas primas e com uma das minhas sobrinhas. A outra ia para a creche. Nós levávamo-la para a creche. Íamos a pé; ela já caminhava, já tinha aí alguns 4 anos, para aí.

Na escola

Os meus colegas eram as minhas primas, estávamos na mesma turma e seguimos até ao 4º ano todas juntas. Era a Sandra, a Natália, a Marisa, era a Margarete e era eu. Éramos aquele grupo que andava sempre unido, pronto. Como tínhamos entrado todas na mesma altura e éramos todas primas, isso ajudava.

Nós ndávamos na mesma sala, menos a minha sobrinha que andava mais atrasada. De resto nós continuámos todas até ao 4º ano. Nós saímos e a minha sobrinha ainda lá ficou.

Eu tive 3 professoras. Elas mudavam, mas houve um ano em que tivemos a mesma... Dois anos que estivemos com a mesma professora. Acho que se chamava Camélia, As outras não sei. Sei desta porque ficou connosco dois anos.

Lembro-me dos trabalhos que nós tínhamos que fazer. Nós... Aquilo era... A professora era boa. Muitas vezes ajudava-nos e até nos testes, nós tínhamos muita dificuldade e ela ajudava-nos a fazer... Eu gostei sempre mais de matemática. Foi sempre a minha preferida. Até hoje, ainda é. Também gostava da gramática; lá também se usava muito e ditados, cópias. Eu dava muitos erros, mas gostava.

Dos livros da escola só me lembro das cores porque dos nomes não me lembra. Eu tinha que fazer todos os dias deveres. Eu chegava a casa e pousava a pasta. Tinha que limpar a casa e depois, então, pegava novamente nos livros e estava aí uma hora a fazer deveres. Depois íamos até à brincadeira.

Na escola os miúdos fumavam e muitas vezes me diziam: Marlene, queres fumar? Mas como nunca me chamou para isso, como era muito nova não queria apanhar vícios e isso, Mas eu também não gostava do funcionamento da escola. Por isso é que quando eu saí não quis ir para o ciclo. Eu pensava _ "Se aqui é isto, imagino lá em cima na outra! Deve ser pior, são todos mais adultos."

Muitas das professoras eram racistas e tratavam melhor os que eram ricos e os pobres tinham dificuldades. Os ricos sempre tiveram mais oportunidades. Lá, o pobre tinha que sobreviver a aprender mesmo a aprender, não é?

As meninas mais ricas nunca falavam e tratavam-nos mal e diziam:_ Ah! São pobres Havia sempre aquela diferença financeira. Elas eram ricas e nós éramos pobres e nunca nos ligavam. Elas tinham um grupo que eram só ricos. Juntavam-se ali e nunca nos chamaram para irmos para ao pé delas.

Uma delas cantava. Cantavam! Uma delas até foi ao Big Show aqui há pouco tempo. Elas cantavam e nós ficávamos ao longe a ver. Como não podíamos, como éramos pobres e não nos podíamos juntar ficávamos lá ao longe a ver.

Lembro, principalmente das festas que faziam.

Do Natal, principalmente. Era a mais linda. Era uma festa em que juntavam tudo, não havia diferenças. Juntávamo-nos todos e todos nós recebíamos um papel com uma canção

escrita para aprendermos e depois fazíamos festas de teatro. Entrávamos numas peças de teatro, que era tipo danças.

Para mim estas eram as mais lindas, mas também gostava do S. Martinho. Fazíamos uma fogueira grande e todos nós levávamos castanhas ou sal, agulhas. Depois punhamo-nos lá todos à volta a comer castanhas. Também não era má.

Nas festas eram quase sempre os outros, eu entrei só num ou dois anos. Eram quase sempre as que tinham mais possibilidades para comprar roupas. Eu só entrei um ou dois anos. Não foi muito, mas gostava de ver.

Se fosse professora eu não punhas as pessoas pobres de lado... Acho que tratava tudo por igual! Era a única coisa que fazia.

Passeios, eu ia todos os anos; uma turma ia para um lado e outra ia para outro. O que eu mais gostei foi quando eu fui a Lisboa ao Jardim Zoológico.

O que zangava as professoras era nós sermos um bocado rebeldes, faze-las andar... Na hora do recreio nós entrávamos na sala e em vez de sentar, começámos a brincar lá dentro. Chegava a professora e não gostava

Ela dizia " Sentem-se já todos, vocês são sempre os mesmos, não mudam! " Dizia. bem alto que era para todos ouvirem, mas passado um bocado já estava tudo bem.

Eu fui muitas vezes castigada na escola.

Houve uma altura em que fomos, assim um grupo de rapaziada e estávamos inocentes; eu estava inocente.

A professora saiu e disse: Eu vou ali tirar fotocópias e não quero ouvir barulho na sala. Uma colega minha chamada Joana começou para lá a gritar e não sei quê. Depois a professora, como era voz de mulher, todas as mulheres que estavam na sala chamou-as ao pé do quadro e com uma régua grande que ela tinha, grossa, deu-nos uma palmada a cada uma. Uma na mão e depois outra no cú. Todos nós inocentes, só uma é que tinha causado.

Eu lhe disse que me vinha embora da escola porque estava inocente e não queria apanhar inocente e também todos os rapazes disseram também que tinha sido a Joana e, então, ela disse: e depois ela até disse: _ Marlene, desculpa lá. Mandou-me vir cá fora porque eu chorei muito. Como estava inocente! Uma pessoa quando está inocente chora. Mandou-me vir cá fora lavar a cara e lavar as mãos e depois passou.

Houve uma outra altura em que fiquei virada para o quadro...

Já não me lembro muito bem, mas acho que foi também por causa de um outro colega meu. Estávamos os dois na brincadeira... Aquilo eram secretárias de duas pessoas, então, nós ficávamos os dois juntos e estávamos na brincadeira, a professora viu e pôs um em cada canto a olhar para o quadro. Nessa altura não me senti mal porque eu estava culpada pelo que tinha feito. Não me senti mal.

As contínuas eram boas.

Eu gostava mais da Lisete do que da Dorés. A Dorés era mais rígida, mas eram boas as duas. Elas tinham um jardim grande e não gostavam que calcássemos as flores..

Então não nos davam o leite de manhã. Nós antes quando entrávamos tínhamos que beber um copo de leite e davam-nos também uma sandes . Tiravam-nos isso.

Para além dos livros da escola eu lia jornais. Eu não tinha tempo para ler tudo porque tinha os livros da escola para tratar mas gostava muito de ler jornais.

Nós recebíamos aqui em casa a Soberania e eu lia. Ainda hoje gosto de todo o tipo de jornais. Leio de tudo um pouco.

Compro mais a "Bravo" e a minha irmã compra muitas da vezes revista a " Maria" e eu leio, mas a minha preferida é a "Bravo", que tem entrevistas com os grupos mais famosos, pronto e diz os filmes que vão dar e que são estreia. Tem casos da vida também; conta-se um bocadinho

da vida de algumas pessoas que escrevem para lá os seus problemas e que têm dúvidas. Tem também o signo, que é uma coisa que eu gosto muito de ler. Todas as revistas que tenham signo eu tenho que ler eu gosto.

Li também a Bíblia, mas como tinha muitos números eu não cheguei a perceber muito bem. Eu era muito nova mas ainda li algumas dessas partes

Vou muitas das noites ao cinema e outras das vezes vou ao baile.

Gosto muito de dançar. Os bailes são quase sempre aqui na zona. Há um conjunto, montes de gente por todo o lado. Nos bailes não conversamos muito. É quase sempre: _ Então, como é que estás? Por onde tens andado? São quase sempre coisas assim...

No trabalho não falamos, tentamos esquecer isso. Já temos muitos problemas no trabalho e tentamos esquecer isso. Às vezes falamos sobre os rapazes que nos atraem e... É por aí. Às vezes, na televisão mas não muitas vezes, só por vezes.

O filme que eu mais gostei até hoje foi o Titanic. É uma história impressiona-me como eles tentam sobreviver. Não gosto muito do fim porque quando chega aquela parte eu tenho que chorar sempre. Já vi o filme 12 vezes e quando chega aquela parte em que o Leonardo de Caprio morre, choro sempre. Não há hipótese! É a parte que mais me toca porque depois de todo o sofrimento que ele tem, morrer!

Tenho vídeo e alugamos filmes de palhaçada, de terror, um bocadinho de romance também. É um pouco de tudo!

Gosto de toda a música triste. Aquela mais de amor. Toda essa música me impressiona, mas também gosto de ouvir músicas ritmadas do Milenium, Paulo Ricardo que são os meus preferidos, mas depois tem o Miguel Ângelo, também gosto muito dele. Tem os Excesso. Gosto muito da Céline Dion e é assim um bocadinho de tudo. Tudo o que tenha música romântica.

As músicas que nós dançamos no baile são mais músicas ritmadas, tipo Daniela Mercury, Netinho, as Taiti ... Todas as músicas que levam para lá e que são ritmadas.

Programas de televisão, gosto de ver o Big Show Sic, Roda dos Milhões e o telejornal da Sic. Vejo mais o das 8 da noite porque ao meio-dia não tenho tempo.

Me impressionou o um caso em que os médico de uma farmácia deu pílulas de emagrecimento a certas mulheres que estão em estado de coma. Isso impressiona-me porque, como eu também tenho este complexo por ser forte, acho que se me dessem a mim eu também ia comprar . Isso me impressiona ver.

Também gosto muito de ver notícias sobre a guerra porque a gente sabe o que se passa. Acho que está a vir o fim do mundo. Realmente eu acho que já está a voltar o fim do mundo. Eu vejo tanta guerra e tanta tristeza, os próprios polícias a baterem nas pessoas. Violação e tudo. Eu acho que é bom ver, mas ao mesmo tempo podiam esconder um bocadinho mais. Acho que nos estrangeiro, não ligam muito às pessoas que estão a viver a guerra. Podiam olhar mais para eles, portanto, pelo menos deixar ir alimentos para poderem comer.

No 4º ano da escola foi um bocadinho difícil, principalmente na área de gramática Eu tinha um bocadinho de dificuldade, mas tentei superar.

Quando sai da escola vim para casa. Estive 3 anos em casa e depois fui trabalhar.

Não fui para o Ciclo porque não gostava do que via. Eu passava lá e via pessoas a beijarem-se, fumavam e isso para mim não tem grande valor. Então, não quis ir.

Aliás no meu caso tem um bocadinho de valor. Namorar é sempre com um, mas também tanta porcaria. Só se viam raparigas a virem de bebé, sem namorado. Isso para mim é um bocado, assim... Então eu pensava "Vou para lá e sou tão nova, estrago a minha vida ? Todas as raparigas pensam isso, penso eu !

Quando sai da escola primária eu já não queria ir.

Disse logo à minha mãe que não queria e ela aceitou. Disse _ Não queres, então, ficas em casa até teres idade e ires para o trabalho.

Quando tinha os 13 anos eu fui por acaso ao café e como eu tenho um corpo como se fosse de uma rapariga de 18, 19 anos, a senhora perguntou se queria ir trabalhar. Eu estava em casa à tarde sem fazer nada e aceitei. Eu tinha 13 anos e estive lá um ano e tal, quase dois.

Trabalhei e depois saí. porque os patrões não eram lá muito simpáticos. Eu era a única empregada e tinha que fazer trabalho por duas ou três. O osso não era bom. Eu tinha sido contratada para o balcão e para a sala e punham-me a limpar quartos e punham-me a limpar tudo. Eu acho que não havia direito de fazerem isso. Eu trabalhava das 7 e meia da manhã às 8 da noite, quando não saía às 11. Ganhava 25 contos e não descontava. Saí com 14 anos e pouco, quase com 15 anos.

Saí e fui para a Empal que é onde estou hoje. Estou lá há um ano e... é três meses.

Faço todo o tipo de trabalho. Montagem, a parte de solda...balancés, montagem... O meu lugar é estar sempre nos balancés, mas quando precisam nas outras coisas e como eu sei mexer em tudo vou para as outras partes. Quando entrei para lá eu no primeiro mês não tinha lugar certo, então, ia estando um bocadinho em cada lado e aprendi. Agora quando é preciso chamam. Aprendi com colegas de trabalho, quase sempre... Lá era dividido por secções. Então, eram quase sempre os chefes, colegas, pronto.

No restaurante estiveram lá algumas empregadas enquanto eu lá estive. Éramos duas, mas pouco tempo. Elas estavam uma semana, duas, um mês no máximo e vinham-se embora e nunca me pude pegar, assim, a nenhuma, mas a que eu mais gostei foi a Susete, uma que lá estive 7 meses. Esteve comigo a trabalhar e foi ela que me ajudou muito naquela altura.

Nós tínhamos meia hora para comer e as nossas conversas era quase sempre a criticar os patrões, porque eles podiam dar mais tempo para comer. Meia hora não é nada para tantas horas de trabalho.

Na fábrica tenho a minha sobrinha. Somos sempre as 3 colegas mais unidas. Começamos às 8 da manhã e saímos ao meio-dia e meia, entramos à uma e meia até às 5. Ficamos a fazer horas, mas isso é porque nós queremos. As horas são pagas... A mim são 250\$00 escudos, não é grande coisa, mas a gente quando precisa!

Ainda não desconto. A minha patroa pediu-me agora o bilhete de identidade; vamos lá ver se é desta vez.

Quando saímos do trabalho vimos até aqui a minha casa sempre a conversar e brincamos um bocado e depois, então, a Sandra tem que ir e nós ficamos aqui.

Brincamos quase sempre com máquinas, com Jogos. O meu sobrinho tem a máquina ligada á televisão e nós jogamos, embora não entendamos muito. Por vezes está a dar o Camilo e vemos.

A Sexta vamos a Águeda ao cinema e quando saio ao Domingo vamos ao Forum a Aveiro. O último filme que foi ver foi o Titanic. Noutra altura fui com o meu irmão a Aveiro e acho que vi um filme de terror. Aquilo chama a atenção porque é um drama muito difícil; é um drama em que mete sangue e impressiona-me, embora me assuste.

Nós trocamos roupas entre nós. Uma leva outra e outra leva outra e sapatos também trocamos.

Eu estou sempre agarrada a livros e elas não.

Da escola mandavam cartas só que eu nunca cheguei a ir. O ano passado, andei de noite e tirei o 2º ano.

Eu trabalhava no café ainda e veio uma senhora daquelas que andam a escolher pessoas para a escola nocturna e a minha ex patroa sabia que eu queria continuar a estudar. Eu não queria ir durante o dia, queria ir à noite.

Fui porque talvez tivesse saudades daquilo e a força de ter o 2º, pelo menos para ter mais possibilidades de trabalho. Hoje em dia os trabalhos são mais com escola, é preciso ter muitos estudos. Se tivermos muitos estudos, temos melhor emprego. Isso chamava-me a tenção. Assim lá me chamaram, eu assiniei papéis e isso tudo e depois passado uns mesitos começou a escola.

Eu era a mais nova de todas, o resto era tudo de vinte e tal anos, trinta. Eu tinha 14 anos naquela altura e dava-me bem com todas. Andava lá também uma prima minha que é casada. Éramos todas iguais, embora algumas tivessem mais dificuldades do que as outras porque já tínhamos saído da escola há mais tempo.

Os professores eram todos espectaculares. Era o professor de inglês, era a professora Anabela e era a professora Sandra. Foi espectacular. Eu acho que se eu pudesse continuar com aqueles professores... Foi pena eles não puderem até ao 9º ano. Eu acho que continuava. Agora estou com o 6º. Tenho o diploma.

Acho que tenho que fazer 16 anos que é para depois ir para o 9º, tirar o 9º de noite. Vou esperar pelos 16 anos e vou tirar o 9º. Acho que a gente tem mais possibilidades de trabalho e é melhor. Já não se passa a vida numa fábrica.

Nós não estudávamos por livros, era com fotocópias. Era uma ficha em ambiente natural e fotocópias de história, inglês. Tenho tudo guardado mas desde que deixei que nunca mais peguei naquilo. Também não tenho grande tempo para aquilo.

Interessava-me o Inglês. A matemática agora para o fim já estava muito confusa, já metiam lá x e não sei quê. Mas como eu nunca tinha estudado inglês, eu acho que aquilo me chamou a atenção.

Acho que a minha mãe... da minha avó não sei, mas da minha mãe, ela viveu em tempos que eram diferentes de agora e tinham que namorar a partir dos 18 ou dos 20 e ainda um de cada lado. Não podiam estar os dois juntos.

Os meus pais o que nos pediam para sermos era pessoas trabalhadoras e honestas. Eu acho que nós somos. Eles puxaram por isso. Nós por vezes brincávamos com colegas que fumavam e isso tudo. Eles não queriam que nós saíssemos com pessoas que se metiam em drogas. Queriam que nós fossemos alguém para um dia não sermos como muitos que há aí, drogados. Infelizmente.

Eles deram-nos uma educação boa para nós sermos alguém um dia. Eles concordavam sempre um com o outro. O que dizia um o outro concordava. Foi quase sempre assim.

Acho que muitos se drogam talvez por problemas entre os pais, problemas que tivessem com os pais, os pais separados. Acho que isso tudo, pronto, puxou um bocadinho para que ficassem tristes e pensaram que aquilo os animasse, mas eu acho que aquilo não anima ninguém. A gente tem que ter força de vontade para superar isso tudo.

Na escola primária eu gostava de um rapaz.

Quando andava no 3º ano, mas infelizmente tinha a minha colega que também gostava desse rapaz. Ela não gostava muito, era mais para o gozo, mas o rapaz gostava muito dela. Então, nunca tive hipótese! Afastei-me.

Depois, mais adiante o rapaz continuava e namorou com ela uns 4 ou 5 anos, por isso eu nunca tive hipótese. Aos 6 anos conheci o que é meu namorado hoje. Ele namorava com a minha irmã. Ela entretanto casou-se com outro quando eu tinha 9 anos.

Ele ficou triste e como eu gostava dele, começámos a namorar os dois e já lá vão 6 anos. Eu tinha 9 anos. Eu acho que era mais brincadeira no princípio. Uma brincadeira que se tornou séria.

A ideia de namorarmos acho que foi da minha mãe, talvez.

A minha mãe começou a dizer: "ainda há muitas mulheres e ele pode ficar aqui".

Começou a dizer para mim: "ele é um rapaz que tu conheces há tantos anos".

Se fosse hoje eu acho que tentava mudar isso tudo um bocadinho. Talvez não tivesse namorado, porque infelizmente eu estou apaixonada por outro. Isso é um grande problema! Há um mês...

Eu hoje mudava isso tudo, porque fui pressionada pela minha mãe, a bem dizer. É uma coisa que eu não estava à espera. Nunca deu e agora muito menos. Temos muitas zangas, muitas zangas! Muitas zangas, muitos problemas.

Muitas das vezes tenho andado para lhe dizer à minha mãe que ela foi a culpada, mas não digo. Acho que tenho que respeitar. Ela fez mal, mas é minha mãe e acho que tenho que respeitar isso.

Com ele tenho muitas brigas, mas a gente vai passando.

Quando ele sai mais o meu cunhado ele vem às tantas. Acho que isso é o principal. Ele queria casar e fomos ao registo civil. Disseram que só posso casar quando fizer 16 anos. Ainda tenho que esperar mais um mês. Nesse mês ele já não apanha cá os meus irmãos porque eles estão na Suíça e são os meus padrinhos. Esta é a minha sorte!

Como já não pode ser, ele quer casar pelo civil, mas não quero. Não quero.

O meu projecto é conseguir levar o namoro que comecei há pouco tempo avante. Só penso nisso. Ainda ontem nos encontramos.

O meu problema foi há dois anos atrás. Até aí eu não me divertia, estava sempre em casa. Queria, talvez sair daqui. Era aquela esperança que toda a gente tem.

Pensava que casando somos livres e não temos que estar em casa, mas acho que isso foi o maior erro, foi pensar isso. Acho que é um erro muito mau. Não aconselho nenhuma das minhas sobrinhas a fazer o mesmo.

Continuo com o meu trabalho, embora um bocado meio no ar. Acho que toda a gente fica assim quando encontra realmente a pessoa que gosta, mas continuo a trabalhar.

O meu maior sonho agora é que a minha família entenda, por isso eu já tentei dizer à minha mãe, mas ela não aceita isso. Ninguém entende.

Agem com brutalidade. Berram. Eles deviam entender isso. Como a minha mãe está do lado dele é sempre muito mais difícil. Eu tenho apoio de algumas das pessoas, as outras estão todas do lado dele e custa-me muito...

Gostava de sair daqui e ficar com ele. E vou!

Vou ficar em Portugal, mas longe daqui. Se sair é para continuar o namoro que já tenho.

Anexo 7

**Relato autobiográfico da Cristiana
(1980 -)**

Uma entrevista realizada em Águeda no ano de 1999

Relato autobiográfico da Cristiana (Nasceu em 1980)

Eu lembro-me de quando tinha 4 anos, em Aguada.

Quando o meu pai foi para a Suíça eu tinha 5 anos

O meu pai foi igual aos irmãos dele. Eles costumavam ir com as mulheres e os filhos ficavam até acabar a escola ou até os pais arranjam algum apartamento.

Fiz 8 anos sem a minha mãe cá

Quando era pequenininha acho que ficava com a minha mãe e com a minha bisavó. A minha bisavó esteve sempre conosco, desde que a minha mãe casou.

A minha mãe enquanto esteve cá não andou a trabalhar; ela estava sempre metida em casa ou ia ao restaurante trabalhar ou limpar. Quando eu comecei a escola ela estava mais em casa.

Quando a minha mãe foi para lá eu fui para a casa da D Cipriana, onde estava o meu primo. A minha falecida (bis)avó Eva ia lá dormir comigo e enquanto eu ia para a escola ela ficava na casa da minha avó.

A minha mãe me quis lá deixar porque a casa tinha mais condições do que a casa da minha avó e a D Cipriana fazia sempre o comer e tinha a roupa mais limpa; na casa da minha avó estavam lá os meus primos todos; eles eram 4 irmãos e uma era pequenininha ainda. A minha mãe ficou mais tranquila assim.

A vida não mudou muito quando eles foram

Eu já conhecia a D Cipriana e o meu primo que estava lá; estava lá também outra menina que os pais também foram emigrantes. O problema é que eu tinha escola até à uma hora e na casa da D Cipriana eles comiam ao meio dia porque as pessoas vinham todas do trabalho àquela hora. Então umas vezes havia comer outras vezes não; quando eu chegava à casa todos já tinham comido e à uma e meia só eram restos de comida. Se não houvesse comida eu vinha a casa da minha avó. Lá comiam sempre ao meio-dia mas a minha avó, de vez em quando, fazia batatas fritas, uma febra ou uma sopa; só que não era todos os dias assim.

Eu ia passar as férias, no Verão e eles vinham cá nas férias do Natal.

Uma vez fui passar as férias de verão a casa de uns vizinhos onde o meu pai estava. Quando os meus pais estavam lá os dois eu fui com uns vizinhos e os meus pais estavam lá à espera. Eles estavam numa casa velha, alta, daquelas que costumam haver na Suíça.. Havia mais pessoas a viver juntas nesta casa. Nós estávamos num telhado e a casa tinha só duas divisões - um quarto e uma cozinha.

A minha mãe ficava em casa e tomava conta de uma menina. Ela andava sempre com dois garotos; menina era portuguesa e eu brincava com ela, mas o menino era Suíço e eu não o percebia.

Das primeiras vezes que lá fui não custou muito vir embora. Só no último ano, quando eles vieram cá na comunhão, eu já andava na 4ª classe, é que me custou porque eu já era mais velha. Custou-me um bocadito, mas depois, no Verão, eu fui para lá de vez.

Eu cheguei à 4ª mas não foi tão bom como da 1ª à 3ª quando cá estava a minha mãe. Não repeti de classe, mas...

Quando a minha mãe tratava de mim ela obrigava-me a estudar e eu fazia os trabalhos da escola. Quando a minha mãe foi embora chegava a casa e como a minha tia não estava sempre ao pé de mim para me ajudar, ou não me obrigava a fazer os trabalhos, eu brincava com o meu primo e deixava de estudar. Mesmo com os cadernos, os livros, era diferente; eu

dizia à minha mãe para mandar vir porque a senhora onde eu estava, apesar de receber o dinheiro não me dava...

Eu tinha uma amiga, que os pais dela também estavam na França e nós andávamos sempre as duas. Eu não gostava de Meio físico; não sabia mesmo nada, mas sempre tive muito interesse por aprender Matemática.

Eu tive só uma professora. Ela era bem má! Eram sempre reguadas.

Quando a minha mãe foi embora a escola foi outra coisa...

Primeiro o tratamento na escola era todo igual : para mim ... para alguns outros (os....) já era menos. A professora não olhava tanto para eles. A nós ela já via sempre os cadernos e estava a falar connosco, como é que era. A eles não lhes corrigia os trabalhos. Quando a minha mãe foi embora eu já apanhava mais; a professora sabia que ela tinha ido para o estrangeiro e batia um bocado. Até que acabei de fazer a 4ª classe e fui também.

Eu gostava de lá andar na escola porque era outra maneira de aprender

O que eu aprendi aqui na 4ª classe na Suíça eu aprendi no 6º ano Lá é mais fácil.

Eu saí daqui na 4ª classe e tive que repetir porque eles não me passaram para o 5º ano por causa da língua e da matéria, mas eu só perdi o meio ano.

Eu andava, um dia por semana, à tarde, 4 horas na escola portuguesa. Eu ao princípio, gostava mais da escola portuguesa, porque sabia falar e percebia a professora e tudo. Nós brincávamos todos juntos como aqui, à macaca, ao esconde-esconde. Na Suíça não havia esses jogos, nós estávamos mais sentados. Passados uns três ou quatro anos, virou-se e eu gostava mais de ir para a Suíça do que para a portuguesa. No fundo gostava de ir às duas escolas.

Eu só tive dificuldades no princípio porque não percebia os outros meninos.

Eu era a única portuguesa e havia 5 italianas, de resto eram alemãs. Nós íamos todos juntos de bicicleta, porque a escola ainda era um bocadito longe. As crianças falavam menos comigo porque não sabiam falar e dar resposta. Passado esse meio ano que eu fui estudar alemão, já brincávamos todos juntos. Não havia diferença de sermos estrangeiros.

No primeiro meio ano só fui aprender o alemão; eu de manhã ia no comboio para uma escola numa outra terra, só para aprender o alemão. À tarde ia com os outros meninos para uma escola normal. Eu aprendi depressa o alemão porque entrei na escola normal onde só havia meninos suíços, alemães.

Os professores eram melhores, não batiam.

Aqui nós temos que aprender tudo em casa e lá fazíamos tudo na escola. Lá havia uma professora par cada matéria e se os professores vissem que estava alguma coisa mal vinham a casa. Eles uma vez foram a casa ver como é que nós estávamos a viver.

Os professores conheciam os alunos e sabiam que os já estavam mais à frente e os que sabiam menos. Se eu não conseguisse fazer tudo num dia podíamos lá ficar fora de aulas. Os professores ficavam lá uma hora ou duas para a gente repetir outra vez tudo o que não percebíamos. Era outra coisa, era diferente.

Eu fiz o 9º ano numa escola portuguesa na Suíça.

Lá ou queremos continuar na escola ou continuar num curso.

Primeiro eu queria fazer o 10º ano... Eu gostava de andar na escola só que eu estava com medo de chegar aqui... Eu queria continuar, mas os meus pais começaram a dizer que lá era melhor e se tivesse um curso podia vir trabalhar.

Eu quis tirar um curso de cabeleireira. Também podia ter escolhido escritório mas não quis porque ia estar sempre muito fechada e eu queria estar com as pessoas.

É era mais difícil, porque tínhamos que escrever bem, com erros.

O curso durou 3 anos e acabei este ano, consegui. Tive 6 de nota; foi bom!

Eu fiz estágio num salão. Eu tinha um chefe que mandava em mim e tinha uma senhora do curso que olhava por nós. Na 4ª feira tinha escola todo o dia ; a aula era sobre o cabelo, o corpo humano. Depois da aula eu ia para o salão arranjar pessoas a quem cortávamos o cabelo, para ter prática. Essa senhora que olhava por nós, dizia se estava bem e tal. Ela era nossa professora, mas também era cabeleireira.

Acabei o curso e arranjei trabalho noutra cabeleireiro.

É mais pequenino do aquele onde eu estava. Estou a trabalhar com uma portuguesa. Somos só 3 a trabalhar.

Quando comecei a tirar o curso, ainda pensei em vir para cá porque tinha aqui colegas e os meus primos . Eles estavam sempre todos juntos. Nós andávamos sempre para aqui e para ali e lá não era, assim.

Mas depois pensei melhor! A minha mãe estava lá, eu tirei a carta de carro. Durante mais uns anitos o que eu quero é lá ficar, depois vamos ver a vida.

Estou a pensar em ficar lá porque conheci um rapaz que é daqui¹ numa festa. Ele estava com colegas deles, portugueses e eu estava com as minhas colegas. Os colegas deles me conheciam e ele pediu a esses colegas para nos apresentarem e pronto. Eles é daqui mas ainda quer ficar lá .

Daqui a dois anos, se os meus pais vierem para cá, quero ver como é!

Eu fico com ele, mas é casar ou não! Eu não quero ficar junta.

Eu falo com ele e ele fala comigo. Ele também quer casar. Ficamos arrumados É melhor casar, fica arrumado. É é também para fazer o gosto aos meus pais.

Lá as pessoas vivem juntas. Casam mais para fazer os gostos aos pais.

Para mim não fazia diferença se eu estivesse junta com ele primeiro, porque os meus colegas estão todos assim, quase. Mas como os meus pais gostavam...

O dinheiro que ganho é para mim.

Não tenho que dar dinheiro aos meus pais; só tenho que pagar as despesas do carro porque fui eu que fiz assim. Tenho aqui um banco em Portugal. Queria juntar um bocado de dinheiro.

¹ De Guimarães

Anexo 8

**Relato autobiográfico da Sílvia
(1985 -)**

Duas entrevistas realizadas no ano de 2002 no Luxemburgo

Relato autobiográfico da Sílvia (Nascida em 1985)

Sou Sílvia Marina da Silva Vieira. Nasci em Maio, no dia 9 de Maio, em Águeda, no hospital de Águeda.

Em pequenina lembro de estar em casa, com a minha mãe a fazer o comer e eu estar lá na cozinha para trás e para a frente. A nossa casa era gira ; tinha um quarto, tinha uma grande sala, tinha uma cozinha grande, também, quarto de banho e tinha à parte uma despensa, ou o que era isso, para pôr a lenha.

Naquele tempo ninguém olhava por nós, porque a minha avó e a minha mãe não se entendiam bem e então não olhavam por nós. Só o meu irmão, que era o mais velhito, é que olhava por mim e pelos meus irmãos, mas de resto mais ninguém. Só quando a minha mãe veio para o Luxemburgo e nos deixou lá pequeninos, é que a minha avó começou a cuidar de nós. Eu tinha para aí uns 6 anitos.

Os meus irmãos tinha 3 e 4 anos quando eu nasci, eles sofreram muito também.

Eles é que nos andavam sempre a guardar; eles iam buscar comer para nós, para mim e para a minha irmã. E eu também era pequenina, tinha 3 anos e a minha irmã andava ao meu colíquio. Eu ficava com os meus irmãos em casa mas muitas vezes a minha mãe também nos levava para o trabalho. Fazia lá uma roda com tijolos, para nós não sairmos daquela roda e ficávamos lá.

Nós não tínhamos muita amizade com os meus primos, não falávamos, assim, muito, mas brincávamos, às vezes, porque éramos crianças. Muitas vezes brincávamos à macaca, outras vezes era a saltar à corda, pequenos jogos. Brincávamos perto de casa, logo a sair da porta. Ficávamos lá no largo a brincar.

Eu estive dois anitos numa creche. Eu gostei porque lá olhavam por nós.

Lembro de fazermos jogos e muitas vezes até havia lá uns livros para nós lermos, televisão para quem quisesse ver; nós às vezes liamos, escrevíamos, outras vezes diziam para nós irmos dar voltas e nós íamos dar voltas, passear.

Só que à tarde tínhamos que dormir! Lembro também de lá ha ver um quarto onde nós dormíamos à tarde e um quarto onde nós comíamos, onde se reuniam todos para comer. Ninguém gosta de dormir, só aqueles pequeninos, mas mesmo assim.. Muitas vezes liam-nos histórias, mas outras vezes, diziam para nos calarmos e batiam-nos, assim, no cú, mas devagar, para nós dormirmos, mas era bom.

Na hora do almoço, às vezes eu estava com a minha irmã, mas era só às vezes, só de vez em quando. Mas era bom, nós passávamos um dia bom.

Eu preferia a creche à escola. Eu estranhei a escola porque estava sempre com aquele medo de que não sabia nada. Eu me perguntava o que é que eu ia para ali fazer se eu não sabia nada.

Eu era muito reguila em pequenina.

Na escola eu estava sempre com aquela teimosia e eu nunca parava no mesmo sítio. Eu berrava com os professores e eles não faziam mal nenhum. Não parava quieta na sala. Estava sempre a brincar, só pensava na brincadeira. Eu pegava em papéis e arrimava uns ao outros.

O meu pai fazia filhos, mas nunca gostou de criar-nos

Ele nunca ajudou a minha mãe, ela é que tinha que trabalhar. Nós passámos muita fome por causa dele. Quando ele começou com a minha mãe ele até era... era bom rapaz, sabia fazer tudo, ajudava muito e tratava bem as pessoas e tudo. Ele estragou a vida foi por se meter no álcool. Desde que ele começou a se meter no álcool começou a dar-lhe porrada, a tratar mal as pessoas, não fazia nada, não queria saber dos filhos.

Lembro de um conflito que ficou mesmo aqui dentro e não sai.

Eu era pequenina. Tinha 4 a 5 anitos no máximo. A minha mãe tinha chegado tarde a casa do trabalho e eu estava numa salita na casa pequena por baixo. Eu estava lá com um ursito castanho, era um ursito pequenino com que eu andava sempre para onde ia.

E ouço muitos gritos e vim cá fora a correr ver o que era, então vi o meu pai com a minha mãe, que naquela altura, tinha os cabelos compridos e pretos. Ele pegou nos cabelos da minha mãe e começou a arrastá-la de casa, da nossa casa, até lá baixo à casa da minha avó, pelos cabelos. Ele levava uma navalha, uma faca e queria matar a minha mãe por ela ter chegado um bocadinho mais tarde do trabalho. Ele começou a chamá-la "puta" e a dizer que ela andava com uns e com outros. Ela estava no trabalho, coitada mas ele começou a tratá-la mal. Ele queria matar a minha mãe e ela estava a chorar.

Eu já não sabia o que havia de fazer e só chorava. Levaram-me para dentro para sala, mas eu vim a correr e abracei-me à minha mãe; eu dizia para o meu pai não me bater nela e o meu pai, nessa altura, mandou-me uma chapada. Ele também já estava com o vinho, com o álcool.

Depois a minha avó que conseguiu separá-los e a minha mãe, ao outro dia, partiu. Foi lá para cima para Espanha e ficou lá com a minha irmã que tinha 4 meses Isso sempre ficou cá dentro, nunca me esquece. Às vezes até parece que estou a ver ainda.

Mas o meu pai é muito bom; quando lá estava passava bons momentos com ele.

Muitas vezes nós estávamos lá em casa, iam todos para a paria, e nós ficávamos lá os dois. Nós os dois a cozinhar às vezes até nos sujávamos um ao outro, na brincadeira. Depois íamos tomar um cafézito, outras vezes púnhamos um edredão no chão, no pátio, por debaixo da esplanada e estávamos lá deitados a descansar. Outras vezes íamos para a praia tomar banho; como ele tinha medo e só se atirava na pontinha e molhava um bocadinho a cabeça; eu empurrava-o.

Agora vejo que a minha mãe está bem com a vida, com um homem que gosta

O meu pai em novo não tinha aquela paciência que este homem tem de estar com a minha mãe. Ele não perguntava o que nós precisávamos mas este importa-se muito. Ele tem aquele jeito, às vezes berra, mas ele depois diz que está tudo bem e ajuda. Se ele vê que nós não temos... qualquer coisa que nós precisamos... Ele berra um bocadinho, mas depois diz que está tudo bem. É a vida de casal, não é.

Eu à semana não, mas ao Sábado saio sempre. Vou-me divertir. Às 3 horas vou com as minhas colegas e as vezes dá-me na telha e vou um bocadinho até a um pub, não é discoteca. Estamos lá um bocadinho e depois vamos até casa de uma ou assim e passa o tempo. A minha mãe e ele estão sempre preocupados então quando eu chego a casa digo "já chegámos" e ele assim... E ele quando nos vê em casa já diz: Já estou mais descansado porque vocês já estão em casa.

A relação com a minha tia Marlene é muito grande.

Eu para ela é como se fosse irmã dela e ela para mim igual.

Nós desde pequenas... nascemos juntas, crescemos juntas e tínhamos contacto sempre uma com a outra. Se uma tinha um problema dizia à outra. Era sempre... Ajudávamo-nos uma à outra. Se uma queria sair de casa a outra dizia... Eu desenrasco-te. Andámos sempre assim.

Ainda fomos uma altura juntas para a escola.

Íamos e vínhamos juntas mas na escola nós não andávamos muito agarradas.

Ela andava com uma primita que havia lá. Eu andava sempre com ela para trás e para a frente e muitas vezes punha-me a olhar para ela para ver se ela se lembrava de mim, mas ela passava por mim e não queria saber. Lá ia ela de trás para a frente. Era bom. Passámos bons momentos. Andávamos assim.

Quando nós andávamos na Escola ela gostava do Lino.

Quando era pequena ela gostava muito dele e implicava por ele andar com outras raparigas e sair. Ela gostava muito dele! Por vezes eu ia atrás dele e falava com ele, e pequena! Ele sempre gostou dela. O problema é que ela depois começou a crescer, começou a pensar...

Ela tinha 9 anos quando começou a gostar dele, mas aos 15 anos veio a juventude! Ele era mais velho do que ela e ela olhava para os outros rapazes e via-os mais novos. Ela queria sair, divertir-se e não podia. Tínhamos colegas e muitas vezes saía sem ela porque ela estava presa.

Ela já estava amigada com ele desde os 13 anos. Foi muito cedo, mas nessa altura ainda gostava dele. Era muito nova e não sabia quase nada. Ela casou por um lado foi porque quis, porque ela gostava dele, só que ficou casada antes do tempo! Casou-se antes do tempo, foi uma burrice.. Mas ela não se queria casar, a mãe é que obrigou, porque por ela, ela não casava. O rapaz fazia todas as vontades, emprestava dinheiro, levava a minha avó para qualquer lado. Ela também o criou desde pequenino.

Ela também sofreu um bom bocado por se ter casado ...

A mãe muitas vezes pegava com ela e ela chateou-se várias vezes com o marido, a dizer que não queria casar com ele, que a mãe é que queria. A mãe uma vez pô-la fora de casa, a dormir cá fora no pátio. O rapaz estava no quarto dela e ela não queria. Eu tinha pena disso e disse-lhe se ela ir dormir para o meu quarto. Desde aí começámos a desabafar uma com a outra e começamos a conversar uma com a outra. Ela chorava muito..

Ela estava a dormir no chão até que o pai chegou ao pé dela, tirou-a do pátio porque ela e levou-a lá para o quarto dele para dormir. A minha avó já dormia fora do meu avó há muito tempo, desde que ele começou a apanhar bebedeiras, a beber muito é que ela se separou mais dele. Antes eles eram muitos felizes, nós às vezes, quando éramos pequeninos até íamos para o quarto deles. Sentávamo-nos lá na cama com um ursito na mão a falar para eles, a brincarmos todos lá. Depois quando eu tinha 11, 12 anitos... eles separaram-se. Um foi para cada lado. Um dormia num lado e ela noutra.

Inserção em Luxemburgo

Trabalho numa cozinha a lavar louça. Faço de tudo um pouco.

É bom. O tempo passa rápido, lá dentro.

Trabalho eu, a minha mãe, a mulher do chefe e três homens, só um é português, os outros são franceses, vieram para aqui trabalhar. Os patrões são franceses.

No restaurante fazem comida francesa e luxemburguesa. Eles tanto servem à Carte, como têm o prato do dia, servem o que você quiser.

As minhas tarefas são tantas! Lavo a louça, ponho na máquina, tiro-a, limpo-a. A louça tem que ser toda enxugadinha com uns panos e depois pomos no sítio. Passamos o chão, todos os dias lavamos o chão com baldes de água. Temos que limpar as paredes da cozinha e da casa de banho. Isso é o mais complicado porque temos que andar para cima e para baixo. É bom nós fazermos de tudo um pouco porque um dia mais tarde já vou fazer aquilo que eu sei.

Eu entro às 11 e meia, saio às 8 e tenho meia hora para comer. Muitas vezes em vez de sair às 8, saio às 9. Muitas vezes em vez de trabalhar de dia vou trabalhar de noite. É conforme. Ao fim do dia uma pessoa fica morta. Eu muitas vezes também vou a pé, para não ir sempre de autobus. Vou a pé para apanhar ar. Porque na cozinha aquilo está sempre fechado. E convém apanhar sempre um bocadinho de ar.

Eu ganho 38 mil francos mas não sei quanto isto é em escudos.

Quando eu vim para cá não sabia falar.

Eles então começaram-me a dizer - mesmo que tu não saibas dizer, fala sempre que nós compreendemos na mesma. Desde aí fui falando sempre, mesmo que não soubesse e agora já me compreendem e eu já compreendo a eles. Mas ao princípio...! Eu já cá estive dois anitos atrás, não sei assim muito, mas sei falar algumas coisitas. Assim desenrasco-me.

Eu à primeira vez fiquei assim "o que é isso?", mas depois a minha mãe esteve-me a explicar e eu sei. Eu para a minha mãe falo português mas se eles precisarem de alguma coisa, batatas ou cebolas ou cenouras, falo em francês. Agora eles dizem-me e eu já sei e eu vou lá ao frigorífico, tiro e faço. Nós fazemos tudo, as batatas... esses alimentos somos nós que fazemos. Até frangos somos nós que fazemos, eles só cozinham. O cozinheiro é português e algumas coisas que ela ainda não perceba bem ele diz.

A minha mãe lava a louça e as panelas. Eu só limpo os pratos e tudo e, muitas vezes, coisas que eu não consigo fazer, ela faz.

Se eu não começar a estudar de noite eu vou estar aqui neste restaurante, mas se eu conseguir tirar aquilo que eu quero - um curso - então eu saio daí e vou trabalhar para uma secretária. Uma pessoa está lá, toma sentido às outras coisas e aprende sempre mais a escrever, aprende a fazer outras coisas. Também gostava de tomar conta de pequeninos Eu adoro crianças.

Quando vim da outra vez eu não me metia com ninguém porque eu não sabia nada quando cheguei aqui. Depois eu e a minha irmã fomos a uns carroceis na zona e os rapazes e raparigas começaram-se a meter connosco. Eles começaram a falar para mim. Eu ainda fui para a escola aqui, eles começaram a falar e eu também, mas depois fui para Portugal, tinha treze anos; comecei a trabalhar, numa fábrica e pronto!

As professoras que eu tive na escola, não me lembro o nome. Sei que uma era de cabelos, assim, loiros, cortados e usava óculos. Outra tinha o cabelo preto e tive um professor, de cabelo preto também.

Eu gostei muito de uma professora. Dávamo-nos bem. Ela falava bem e não berrava nem nada. Ela tinha paciência.

Eu era tão reguila que não ligava à professora, ou então preferia estar com as colegas, não sei!

Eu habituei-me à escola, com a ajuda dos meus colegas. Elas diziam para eu vir com elas e eu ia na boa; lá sentávamo-nos e elas diziam “isto é para hoje”. Eram elas que diziam, porque eu muitas vezes nem ligava à professora.

Eu tinha uma colega chamada Lílíana, outra Patrícia e uma rapariga chamada Carlita. Nós chamávamos Carlita, mas ela chamava-se Carla e tinha cabelos compridos, pretos. Era uma chamada também Cristiana. Eram muitas! Nós andávamos sempre.

Eu muitas vezes ia ao quadro fazer contas ou escrever. Outras vezes estava lá e tínhamos que ler um livro. Os professores diziam-nos páginas e líamos. Outras vezes eram ditados. Coisa que eu não gostava eram os ditados, mas fazia ditado. Outra vez eram contas o que me safava muito era as contas. Eu gosto muito de Matemática. Era o melhor. Tinha sempre bom nas contas.

Agora de resto, nós às vezes até nos púnhamos lá e até nos dava o sono! Elas começavam para lá a falar com livros e nunca mais se calavam e nós lá a aturá-las. (riu) Eu sentavas lá trás e a professora chamava quando eu fazia maroteiras. Eu às vezes até me punha por baixo da mesa. Andava por lá, não sei. Fazia tantas asneiras.

Éramos todas crianças. Era bom.

No recreio nós brincávamos sempre, umas vezes à macaca, outras a saltar à corda, outras vezes às escondidas. Era sempre o nosso jogo. Às vezes falávamos com rapazes, mas... nunca me puxou para isso. As meninas brincavam com as meninas e os rapazes... Eles brincavam à guerra. Eu via lá muita guerra entre rapazes da primária assim, às espadas.

Nós as vezes tínhamos escola de manhã e outras vezes, não.

Eu saía às 10 para comer o pão e entrava às 11. Acho que era às 11. Saía ao meio-dia para ir a casa e entrava à uma ou uma e meia. Entrava para a escola e depois saía às 4 horas da tarde.

Nessa altura ainda ia comer à creche, só as vezes ia comer a casa. Às vezes dava-me vontade de ir a casa, algumas raparigas iam comigo comer lá a casa da minha avó. Outras vezes não, ia eu sozinha a casa e vinha.

A droga é o medo de todos os pais.

A minha mãe também me está sempre a avisar que podem por droga nas coisas.

Anexo 9

**Relato autobiográfico da Joana
(1988 -)**

Três entrevistas realizadas no Luxemburgo (1) , e em Águeda (2) nos anos de
1999e 2000 respectivamente

Relato autobiográfico da Joana

(Nasceu em 1988)

*Não me lembro de quando era pequenina... Nada!
Quando eu era pequenina era muito brincalhona!*

Eu sou Joana e tenho 12 anos

Nasci no hospital de Águeda e quando a minha mãe veio para casa o meu pai disse que eu não era a filha dele e bateu à minha mãe.

A minha mãe fazia o comer e tudo, mas ele o deitava pela janela fora e batia muito aos meus irmãos. Ele batia-nos a todos, então, quando eu tinha 2 aninhos a minha mãe levou-me para Espanha.

Fomos para casa de uma senhora e ela criou-me, a mim e a ela.

Lá a minha mãe andava a pastar ovelhas; naquele tempo era pouco dinheiro. A minha mãe não se deu lá bem e disse a senhora que vinha de férias; ela ficou lá com a minha roupa e tudo¹

Até que fomos passar uns meses ao Luxemburgo e tornámos a vir para Portugal. A minha mãe trabalhou mais 15 dias lá e quando chegamos aqui o meu pai não quis saber mais dela. Então a minha mãe foi outra vez para o Luxemburgo e mandava dinheiro para nós.

Eu fiquei com a minha avó e mais tarde fui para a creche

Na creche era brincar...lá era brincar! Lembro que brincávamos todos na mesa e que batíamos com as colheres no prato. Lembro que o pessoal da creche fazia riscos nas folhas e a professora andava muito preocupada. Ela estava na sala e nós brincávamos.

Na casa da minha avó eu brincava com os meus primos. Eu comia e não parava quieta em casa, ia brincar logo e a minha avó dizia que assim eu não engordava..

Nós antes éramos muitas pessoas cá em casa.

Levantamo-nos todos às 7, elas vestiam-se, lavavam a cara, tomavam o pequeno almoço e iam trabalhar às 8 horas. Uns trabalham numa fábrica para Águeda e outros numa fábrica ali perto. Outros trabalham aqui com o meu avô e a minha avó fica a tratar das terras e dos animais. Eu ajudo a dar o comer aos animais, a ir buscar algumas coisas às terras e assim.

Ao meio dia vem toda a gente almoçar e alguns vêm atrasados. O meu pai e o meu avô bebem mais do que os outros. Os meus tios são mais calmos, só quando estão zangados com alguém é que vão para o café e encharcam-se.²

Enquanto almoçamos eu converso com a minha irmã para ver como é que foi o trabalho dela e como é que está a correr. Depois pergunta como vai a minha escola. Nós não conversamos com os tios. Eles falam à parte umas coisas que nós não compreendemos. As minhas tias e a minha avó conversam sobre limpar a casa e sobre como andam os maridos. A minha tia Otília é a mais feliz porque se dá muito bem com o namorado. Às vezes a minha avó conta como era vida dela em pequenina³

*Quando eu tinha para aí uns 10 anos a minha avó dizia para eu lavar a louça
Eu não queria mas ela berrava e eu lavava a louça, arrumava a cozinha, limpava a casa toda e fazia os quartos. A minha irmã também trabalhava; o trabalho dela era ajudar a minha avó a cozinhar. Ela via como ela cozinhava e agora já sabe como se cozinha. Ela também limpava e fazia as camas. Ela ia para casa da minha tia e arrumava tudo. Ela gostava mais de*

¹ Eu agora vou lembrar-me para ver se eu sei.

² O Lino agora também não bebe por causa da minha tia Marlene. Ele é muito de dona de casa.

³ . É o que ela teve os filhos sozinha e não foi para o hospital, nem nada. Diz que teve os filhos sozinha e que teve que pedir ajuda da minha mãe..

arrumar em casa da minha tia do que em casa da minha avó, porque ela vê que lá não tem pátio para varrer, nem nada; é só limpar o pó e lavar a louça.

Eu tinha para aí uns 10 anos, quando vim de Luxemburgo e nesta altura já lavava a louça, arrumava a cozinha, limpava a casa.

Eu às vezes também ia passear

Tinha eu 6 anos quando fomos num passeio lindo! Fui um piquenique e eu brincava com as minhas colegas; fomos tomar banho e depois andámos de carro. Era lindo, tinha um lago, era uma piscina e nós nadávamos. Tinham coisas para nós comermos e tudo! Fui também uma vez para a Colónia de férias e nós brincávamos. As vezes eu e a minha irmã íamos dar passeios com o meu tio e a minha tia. Íamos dar uma volta até Aveiro, à praia. Nós passeávamos e outras vezes íamos a um baile. Eu era pequenina mas lembro-me que dançava e que via a minha irmã a dançar. A minha avó levou-nos a ver um espectáculo em que a água era azul, era gira!

Eu também estive no grupo comunitário, era do grupo da Bela – que tinha cabelos encaracolados e uma outra que tinha assim cabelos simples. Lá no grupo era só brincar e falar com as senhoras de apoio. Nós tínhamos uma professora de apoio para ensinar os trabalhos de casa e também conversávamos sobre regras do grupo - não escorregar pelo chão adiante, não bater nas janelas, não dizer nomes uns aos outros, nem bater uns aos outros.. Nós brincávamos, jogávamos com as bonecas, às 4 horas lanchávamos e às 5 vínhamos para casa. Uma vez fizeram um concurso; aquilo era só para o juiz ver de quem ele gostava e quem ele gostasse mais levava a pasta.

Quando fui pela primeira vez para a escola eu ia muito contente. Desde que eu tinha para aí uns 2 anitos ou 3 eu dizia que queria ir para a escola, mas a minha avó dizia que ainda não e que eu ia para o infantário.

Quando entrei para a primeira, em Aguada, eu tinha um professor; agora era uma professora. O professor era muito simpático mas às vezes, se nós nos portássemos mal ele dava reguadas. Se estávamos a falar mal ou a falar alto ele começava a bater. Agora nós não temos régua lá na escola. A professora chama-se Rosário. Ela é porreira e é uma boa professora. Ela ensinava muitas coisas.

Só que eu todos os anos mudava de professora. Eu andei sempre cá e lá

Entre para a escola com 6 anos e fiz aqui a 2^a, depois fui para o Luxemburgo e fiz lá a 4^a classe. Quando vim outra vez para Aguada voltei para a 2^a classe. Fui então outra vez para cima e fiz mais uma vez a 4^a classe. Vim para Portugal e fiz a 3^a daqui e agora, quando eu ia passar para a 4^a, a minha mãe mandou-me ir lá para cima. Eu fui lá passar férias e quis lá ficar embora lá eu tenha mais dificuldades.

A minha irmã andava numa sala e eu noutra; eu andava na escola grande e ela andava na pequenina e nós conversávamos no recreio.

Ela dizia que a professora dela era muito má; ela não gostava da professora nem por nada!

Eu adorava a minha professora Ela ensinava, dizia coisas a brincar e nós ríamos todos. Nós engraçávamos com ela; ela era muito engraçada.

A professora falava sempre, ensinava, apresentava os deveres. Na escola aqui, eu aprendia português, eu estudava mais português. O trabalho de casa era estudar e fazer umas fichas. A minha tia, a minha avó, às vezes, o meu pai ou a minha irmã me ajudavam.

Eu gostava mais dos colegas daqui.

Eu aqui tinha quase todos da escola de amigos. Nós aqui era sempre a falar. Nós tínhamos trabalhos de Matemática e assim coisas e conversávamos sobre os jogos que íamos fazer no recreio... o jogo era arrimar os papéis uns aos outros.

A minha escola daqui é melhor do que a de lá porque está muito modificada. Lá está na mesma, aumentaram e pintaram a escola toda, mas no final está tudo na mesma. Mas o melhor da escola daqui são professores e o leite. Lá não há leite, são sumos e eu não gosto porque estou habituada daqui a beber leite e... não sumos. Quando fui para a escola em Luxemburgo não gostei de estar lá e voltei para cá.

Quando fui para a escola em Luxemburgo não gostei de estar lá e vim para cá. Fiz outra vez a primeira e segunda classe. Depois voltei para lá e vim outra vez para baixo. Agora vou de novo para lá.

Da primeira vez que fui a Luxemburgo eu não gostei de lá porque era muito frio, depois comecei-me a habituar e agora gosto. Agora gosto da neve e estou habituada ao frio de lá. Lá também há pessoas simpáticas e outras mais ou menos. Lá a paisagem é mais linda e tem melhor oxigénio para nós respirarmos; aqui há muito lixo, aqui é muito mais... e lá há mais coisas. Há paisagens giras e aqui já tem outro estilo. É diferente. É fábricas a deitar fumo, não há oxigénio em condições, nem nada. Lá as fábricas não deitam muito fumo. É mais verde. Tem muitas ervas, tem uma ar. É uma paisagem gira e essas coisas. Eu gosto de tudo de lá.

Em Luxemburgo eu andava na escola verde.

A Escola verde é muito fixe! É muito diferente da daqui. A escola tem um recreio muito grande e um lindo jardim para nós passearmos, tem piscina, ginástica e um pavilhão para fazer jogos. Tem tudo.

Nós entramos às 8 e saímos às 4.

Quando eu chegamos vamos para a sala e estudamos. No recreio vimos cá fora comer o pão. Depois toca outra vez a campainha das 10 e 5 e vamos outra vez para dentro.

Nós escrevemos e não temos mais nada, mas podemos ir à biblioteca ler um livro e depois vamos comer ao meio dia.

Tornamos a ir às duas horas. Toca a campainha. Comemos leite, o lanche e às 4 saímos.

A tarde, uma vez que fazemos piscina, outra vez fazemos ginástica e há outro dia em que fazemos piscina e ginástica. Aos sábados vamos para o pavilhão de jogos.

Só tenho uma professora, de resto é tudo professores. Temos um professor luxemburguês, um francês e um alemão. Temos também professores da ginástica e da piscina. Se os professores não souberem português... vão a um dicionário de português e vêem o que é e depois explicam no quadro. Tenho professora de matemática e um professor português para ajudar; é um professor de apoio. Ele só vai lá quando é preciso ajuda. A ajuda é por causa do alemão. Há umas palavras que eu não sei!

Eu em Matemática estou fixe. Eu passei a matemática! Passei também a luxemburguês, a francês e na natação e ginástica.

Também aprendemos história e sobre como se fazem os bebés e assim. Na escola os professores nos dão livros em luxemburguês. De resto é tudo fotocópias

Nós não temos Português na nossa escola.

Era para eu ter à noite, mas a minha mãe não me quer lá pôr. O que nós temos é uma sala para português, outra para francês, alemão e assim. Nesta sala há muitos livros, com bonecos, banda desenhada. Quando eu vou a biblioteca leio corpos humanos, os corpos internos.

Todas as minhas colegas são portuguesas; elas andam lá há mais tempo. Nós somos seis meninas e cinco rapazes portuguesas também! O mais novo dos rapazes tem 9 anos e mais velho tem 15; das raparigas eu sou a mais velha e a mais nova tem 9 anos. Nós andamos juntos e de vez em quando um faz anos, leva leite com farinha e ovos...

O que eu não gosto lá é que eu devia ter escola portuguesa e não a tenho.

Eu gostava de ter catequese e não tenho. Aqui eu nunca andei na catequese, mas sei alguma coisa. Em Luxemburgo as colegas já me contaram que a catequese lá é muito difícil. Se eu pudesse voltava para a catequese e fazia que tivesse a escola portuguesa também.

Quando crescer quero ser cabeleireira, em Portugal, no Luxemburgo ou em Lisboa. Preciso fazer o 12º ano. Lisboa também é uma paisagem gira. É mais gira do que Portugal todo. Lisboa e Porto. A minha tia estava a morar lá e eu fui passar férias no Verão! Quando a minha mãe me ia lá buscar, para irmos embora, eu dizia que queria ficar com tia porque ela também é uma tia simpática. É muito boa!

Eu vejo televisão e gosto. Gosto da SIC e do canal um.

Eu agora vejo a novela Ajustes de Contas, vejo o Patinho e vejo... O que eu mais gosto de ver na UM é isso e o Caderno Diário e agora é o Jardim da Celeste. Na SIC gosto Vejo o noticiário todos os dias às 8 horas porque a minha avó vê e eu tenho que ver. O que me chama a atenção são os desastres, as cheias e assim. O resto não interessa para nada. Também gosto de ver SIC 10 horas. É uma coisa para falar; falam com as mulheres da idade dela. Futebol não vejo, porque não gosto; só quando dá o Benfica!

Adoro música de discoteca. A minha irmã tem ali uma cassete e aquilo que mais dá é música de discoteca. Vou a primeira vez a uma discoteca na Sexta-feira. Também gosto de jogar assim, aquelas coisas. Em Luxemburgo vou a casa das minhas colegas jogar computador.

Gosto de ir passear. Onde gosto mais de ir é à praia. Eu gosto de ir até aos ares frescos, aos jardins tanto aqui como no Luxemburgo.

Também gosto muito de estar ao lume. A minha avó não gosta que eu brinque com o lume mas eu adoro!!

ERRATA

Página	linha	Onde se lê	Deve ler-se
II	27	hegeMarlene	hegemónica
119	28	cognitivo-instrumenal	cognitivo-instrumental
126	13	oela	pela
	15	burocratica	burocrática
	15	autonoma	autónoma
	20	politica	política
	20	politicas	políticas
	24	ampo	amplo
	26	evidenes	evidentes
127	13	artificais	artificiais
	16	economica	económica
	17	uteis	úteis
129	10	so	do
	12	genero	género
	27	ãos	aos
	29	experiencia	experiência
130	5	experiencia	experiência
	8	estartificação	estratificação
131	6	primeira primeira	primeira
	7	enfase	ênfase
	8	eficiencia	eficiência
	9	sleccionados	seleccionados
	15	ecolarização	escolarização
	16	contemporâneas	contemporâneas
	22	repartição	repartição
132	2	consiedra	considera
	15	dominates	dominantes
	15	enfase	ênfase
	21	opos	opôs
	23	sociologos	sociólogos
	26	autonomo	autónomo
	26	interiormenete	interiormente
	27	pertinencia	pertinência
	27	circusntância	circunstância
133	4	materia	matéria
	10	fenomenos	fenómenos
	15	fenomeno	fenómeno
	18	sustanciais	substanciais
	21	insessantemente	incessantemente
	24	residencia	residência
	28	proprio	próprio
	29	cotidianas	quotidianas
134	1	pardigma	paradigma
	3	fenomento	fenómeno
	6	existencia	existência
	7	tipica	típica
	11	supoõem	supõe
	11	espontanea	espontânea

	14	importancia	importância
	14	tres	três
	18	existencia	existência
	18	estriamente	estritamente
	19	apreeender	apreender
	20	paa	para
	25	beneficio	benefício
	27	possiveis	possíveis
143	21	hegeMarlene	hegemônica
148	6	intergeraccional	intergeracional
158	26	Pessoal/individual	Pessoal/individual
169	14	consiideramos	consideramos
	16	ectária	etária
182	29	Arancada	Arrancada
183	22	congrua	côngrua
186	11,20	carqueija	carqueja
190	25	carqueija	carqueja
192	9	pensavamos	pensávamos
194	11	casa casa	casa
197	11	lé	lá
198	13	pagàqueles	Pagar àqueles
	28	quiz	quis
200	11	Feervo	Fervo
203	17	troxe	troux
	23	bivblioteca	biblioteca
	29	acabei acabei	acabei
204	14	dolar	dólar
	22	açúca	Açúcar
206	5	esgaziada	esgazeada
207	16	pontese	pontes e
209	22	sózinha	sozinha
210	27	quere	que
211	23	tres	três
213	15	miú dita	miudita
214	24	ele ele	ele
216	7	açucar	açúcar
219	5	dois dois	dois
220	27	miú dito	miudito
225	10	ceramica	cerâmica
	23	Suiça	Suíça
230	22	sintetisa	sintetiza
231	2	fenomeno	fenómeno
	3	genero	gênero
	18	recorrecia	recorrência
300	1	dominates	dominantes
315	4	alimnetou	alimentou